

A dramatic sunset scene with a ship's silhouette and a dinosaur head rising from the water. The sky is a mix of orange, yellow, and dark red, suggesting a sunset or sunrise. The ship's mast and rigging are visible on the left side. On the right side, a large, dark silhouette of a dinosaur's head and neck rises from the water, looking towards the ship. The overall mood is mysterious and ominous.

CLIVE  
CUSSLER

**TERROR NOS**

**MARES**

**CLIVE CUSSLER**

**TERROR NOS MARES**

Uma Aventura de Dirk Pitt®

Tradução: Samuel Dirceu



*Sou enormemente grato a Penn Stohr, Gloria Farley, Richard DeRosset, Tim Firme, aos submarinos dos Estados Unidos e ao Corpo de Bombeiros de minha cidade por sua orientação e assessoramento.*

# Índice

Capa

Rosto

Dedicatória

Índice

intro

ESQUECIDOS

Junho de 1035

Capa

MAR DO CARIBE

2 DE FEVEREIRO 1894

PARTE UM

1

15 DE JULHO DE 2003

SUL DO OCEANO PACÍFICO

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

PARTE DOIS

21

25 DE JULHO DE 2003

NUKU'ALOFA, TONGA

22

23

24

25

26  
27  
28  
29  
30  
31  
32

PARTE TRÊS

33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41

PARTE QUATRO

42

8 DE AGOSTO DE 2003  
WASHINGTON, D.C.

43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52

PARTE CINCO

53

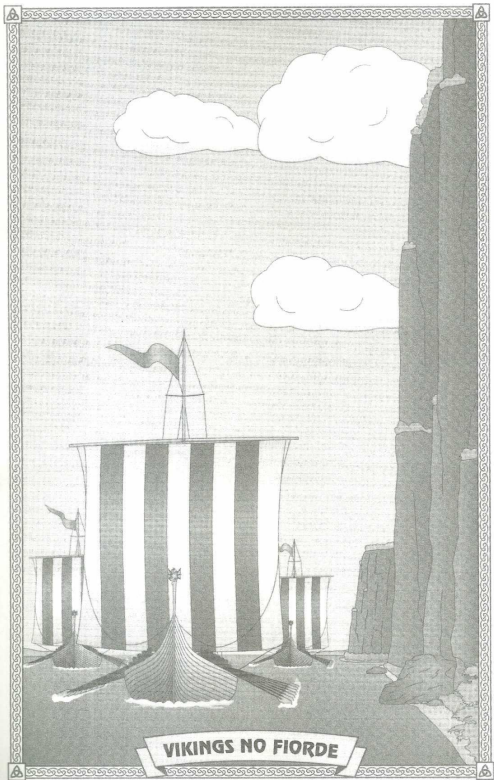
12 DE AGOSTO DE 2003  
AMIENS, FRANÇA

54  
55  
56  
57

PARTE SEIS

58

16 DE AGOSTO DE 2003  
WASHINGTON, D.C.



**VIKINGS NO FIORDE**

## ESQ UECIDOS

Junho de 1035

### **Em algum lugar da América do Norte**

Eles se moviam na manhã nevoenta como aparições, silenciosos e assustadores como navios fantasmas. Majestosos, com adornos graciosamente recurvados, como arcos, na popa e na proa, coroados com dragões meticulosamente esculpidos, com dentes à mostra, num ameaçador rugido, o olhar perfurando o vapor em busca de vítimas. Esculpidos para incitar medo às tripulações inimigas, os dragões também eram tidos como proteção contra os maus espíritos que habitavam os mares.

O pequeno bando de imigrantes tinha chegado a um mar hostil, em barcos de casco negro, compridos e elegantes, que deslizavam sobre as ondas com a facilidade e a estabilidade de uma truta nadando numa pequena e tranqüila corrente. Remos longos, saindo de aberturas no casco, penetravam as águas, impulsionando os navios sobre as ondas. Suas velas, quadradas e com faixas em branco e vermelho, se estendiam vacilantes num ar indiferente. Pequenos barcos construídos de pranchas de madeira, com 6 metros de comprimento e carregando cargas extras, estavam amarrados nas popas e vinham rebocados.

Esses viajantes eram os precursores daqueles que viriam muito mais tarde: homens, mulheres e crianças, carregando seus parcos bens, junto de animais domésticos. De todos os caminhos que os antigos *vikings* tinham tornado conhecidos nos mares, nenhum era mais perigoso do que a grande viagem através do Atlântico Norte. A despeito dos perigos do desconhecido, eles tinham corajosamente velejado entre gelos desgarrados, lutado contra ventos aterrorizantes, enfrentado ondas gigantescas e resistido a tempestades que irrompiam de repente no sudoeste. Muitos sobreviveram, mas o mar cobrou a sua parte.

Dois dos oito barcos que partiram da Noruega se perderam, e nunca mais foram vistos.

Finalmente os colonizadores, fustigados pelas tempestades, chegaram à costa

ocidental da Terra Nova, mas, em vez de aportarem em L'Anse aux Meadows, onde Leif Eriksson tinha primeiro se estabelecido, decidiram ir mais para o sul, na esperança de encontrar um clima mais ameno para a colônia. Depois de costear uma ilha bastante grande, tomaram um curso em direção ao sudoeste, até encontrar um grande braço de terra, que se curvava rumo ao norte, a partir da ilha. Seguindo em redor de duas outras ilhas mais baixas, velejaram por mais dois dias até encontrar uma ampla praia de areia branca, uma grande surpresa para quem tinha vivido toda sua vida em intermináveis praias de pedras rochosas. Contornando a ponta de uma faixa de terra que parecia sem fim, encontraram uma ampla baía. Sem hesitação, a pequena flotilha de navios entrou nas águas calmas e velejou na direção oeste, ajudada pela principiante maré alta. Um espesso nevoeiro caiu sobre a flotilha, formando uma cobertura de gotas de água sobre o mar. Mais tarde, o sol tornou-se uma longínqua bola laranja ao se pôr no invisível horizonte a oeste. Uma conferência foi convocada entre os comandantes dos navios, e decidiu-se deitar âncora até a manhã seguinte, na esperança de que o nevoeiro iria desaparecer.

Quando a primeira claridade surgiu, o nevoeiro tinha sido substituído por uma leve névoa, e pôde-se ver que a baía estreitava-se num fiorde que ia até o mar. Dispondo os remos, os homens remaram corrente adentro, enquanto as mulheres e as crianças olhavam em silêncio os altos paredões de rocha que emergiam na névoa que diminuía, na margem ocidental do rio, erguendo-se, num sinal de mau agouro, acima dos mastros dos navios. O que lhes parecia ser árvores gigantescas povoavam as colinas ondulantes atrás da parte mais alta da margem. Embora não vissem nenhum sinal de vida, suspeitavam de que estavam sendo observados por olhos humanos escondidos entre as árvores. Todas as vezes que tinham ido a terra em busca de água foram importunados pelos *skraelings*, o termo que usavam para todos os nativos que viviam no país que eles queriam colonizar. Os *skraelings* nunca se mostraram amistosos, e em mais de uma ocasião tinham lançado nuvens de flechas contra os navios.

Mantendo sua costumeira beligerância natural sob firme controle, o líder da expedição, Bjarne Sigvatson, não tinha permitido a seus guerreiros que respondessem. Ele sabia muito bem que outros colonizadores da Vinland e da Groenlândia também tinham sido atormentados pelos *skraelings*, uma situação provocada pelos *vikings*, que tinham matado muitos dos inocentes habitantes, apenas pelo prazer bárbaro de matar. Nesta viagem, Sigvatson exigiria que os habitantes nativos fossem tratados de maneira cordial. Ele achava que era vital para a sobrevivência da colônia a troca de bugangas por peles e outras necessidades, sem derramamento de sangue. E, ao contrário de Thornfinn Karselfni e Leif Eriksson, que foram rechaçados pelos *skraelings*, esta expedição era formada por homens que eram noruegueses veteranos, endurecidos por várias batalhas contra seus arqui-inimigos, os saxões. Espadas presas aos ombros, uma das mãos agarrando uma lança e na outra uma enorme machadinha, eles eram os mais valorosos guerreiros do seu tempo.

A maré subia, já atingia a parte alta do rio e ajudava os remadores a vencer a corrente, que era suave. A foz do rio tinha pouco mais de um quilômetro de largura, mas um pouco mais para dentro o rio se alargava para mais de 3 quilômetros. A terra, na margem que caía em declive, no lado oriental, mostrava exuberante vegetação verde.

Sigvatson, que estava de pé, com o braço envolvendo o grande dragão da proa da nau capitania, apontava para uma sombra nos paredões de rocha, altos e atemorizantes, que faziam uma suave curva.



- Remem para a margem esquerda - ele ordenou aos remadores. - Parece que há uma abertura nos penhascos, onde podemos nos abrigar esta noite.

Quando chegaram mais perto, a entrada escura e de aparência ameaçadora de uma caverna cheia de água cresceu de tamanho, até que ficou ampla o suficiente para a passagem de um navio. Sigvatson observou o interior sombrio e viu que a passagem seguia adiante entre as paredes íngremes dos penhascos. Ele ordenou aos outros navios que avançassem vagarosamente, enquanto o mastro de seu navio era abaixado e deitado sobre o convés, a fim de permitir a passagem sob o baixo arco da boca da caverna. A correnteza do fiorde se movia em redemoinho em volta da entrada, mas os acostumados remadores facilmente conduziram o navio para dentro, usando os remos apenas para evitar os lados da entrada.

Enquanto avançavam, as mulheres e as crianças se inclinavam na mureta do convés para olhar, através da água espantosamente límpida, cardumes de peixes nadando sobre o leito rochoso, uns 20 metros abaixo. Foi com um pouco de temor que se viram numa caverna natural de teto bastante alto, ampla o suficiente para acomodar uma flotilha de navios três vezes maior do que a pequena flotilha **viking**. Embora seus ancestrais tivessem abraçado o cristianismo, as tradições pagas ainda se mantinham. Cavernas naturais eram consideradas a morada dos deuses.

As paredes no interior da caverna, formadas pelo resfriamento da rocha fundida cerca de 200 milhões de anos antes, tinham sido esculpidas e aplainadas pelas ondas de um mar milenar batendo contra as camadas de rochas vulcânicas que eram uma extensão das montanhas próximas. Elas se erguiam como arcos, formando um teto arredondado, livre de musgos ou de pedaços pendentes. Surpreendentemente, a caverna não tinha morcegos. E era, na maior parte, seca. O nível da água ia até uma borda com quase 1 metro de altura, que se estendia por um pouco mais de 50 metros.

Sigvatson gritou da entrada da caverna para os outros navios o seguirem. Então os remadores repousaram os remos e deixaram o navio deslizar até que seu casco bateu de leve contra o fundo de uma segunda caverna. Enquanto os outros navios se aproximavam, compridas pranchas de desembarque eram colocadas em posição, e todos corriam para a terra seca, alegres por poderem esticar as pernas pela primeira vez em muitos dias. A tarefa mais importante era servir a primeira refeição quente que comeriam desde que tinham fundeado centenas de quilômetros mais ao norte. As crianças se espalharam pela caverna, em busca de restos de madeira, correndo pelas "prateleiras" que a erosão da água, por milhões de anos, tinha cavado na rocha. Logo as mulheres tinham acendido o fogo e assavam pão, e cozinhavam mingau e peixe ensopado em grandes panelas de ferro. Alguns homens começaram a consertar os danos provocados nos navios pela difícil viagem, enquanto outros pegavam redes e apanhavam cardumes que passeavam pelo fiorde. As mulheres exultavam de alegria por encontrarem um abrigo tão confortável. Os homens, por sua vez, eram marinheiros e amantes da vida ao ar livre, de cabelos descuidados e grandes, que achavam desagradável permanecer em ambientes rochosos confinados.

Depois de comer e pouco antes de se acomodar, para passar a noite, em seus sacos de dormir de couro, dois dos filhos de Sigvatson, um menino de 11 anos e uma menina de 10, vieram correndo até ele, gritando excitadamente. Agarraram sua enorme mão e o arrastaram até a parte mais funda da caverna. Com a ajuda de tochas, conduziram-no por um comprido túnel, que mal dava para os acomodar de pé. Era uma passagem sob a forma de um tubo, de um sistema de

passagens originariamente formado quando a água ainda o cobria.

Depois de subir e contornar uma rocha caída, subiram mais uns 60 metros. Então as crianças pararam e apontaram para uma fenda na parede.

- Pai, veja, veja - gritou a menina. - Há um buraco dando para fora. Pode-se ver as estrelas.

Sigvatson percebeu que o buraco era muito pequeno e estreito para permitir que as crianças passassem por ele, mas era grande o suficiente para permitir ver claramente o céu noturno. No dia seguinte, ele colocou vários homens trabalhando para aplainar o chão do túnel e facilitar o acesso, ampliando a saída. Quando a entrada do túnel permitiu a passagem de um homem totalmente de pé, viram-se numa campina com árvores grandes e de troncos grossos. Nada da terra infértil e sem árvores da Groenlândia. O suprimento de madeira para construção era ilimitado. O solo tinha uma espessa camada de flores silvestres e de capim para alimentar seus animais. Ia ser nesta terra generosa, ao norte do fiorde azul e abundante em peixe, que Sigvatson construiria sua colônia.

Os deuses tinham mostrado o caminho para as crianças, que tinham levado os adultos para o que, todos esperavam, seria seu novo paraíso.

Os **vikings** tinham excitação pela vida. Trabalhavam duro, viviam intensamente e morriam lutando. O mar era seu elemento. Para eles, um homem sem um barco era um homem acorrentado. Embora temidos durante toda a Idade Média por seus instintos bárbaros, eles reformularam a Europa. Esses imigrantes temidos lutaram e se instalaram na Rússia, Espanha e França e se tornaram comerciantes e mercenários renomados por sua habilidade com a espada e a machadinha. Hrolf, o Gange, conquistou a Normandia, e seu descendente, William, conquistou a Inglaterra.

Bjarne Sigvatson era a imagem de um **viking** dourado. O cabelo era louro, e loura era a barba. Ele não era alto, mas de ombros largos, com a força de um touro. Bjarne tinha nascido em 980 na fazenda do pai, na Noruega, e como a maioria dos **vikings** cresceu com um ardente desejo de descobrir o que ficava além do próximo horizonte. Curioso e destemido, participou de expedições que atacaram a Irlanda quando tinha apenas 15 anos. Aos 20, Bjarne já era um marinheiro caelejado de batalhas e pilhagens e já tinha amalhado um tesouro que lhe permitiu formar suas próprias expedições. Casou-se com Freydis, de corpo robusto e muito determinada, e de cabelos dourados e olhos azuis. Formavam um par perfeito. Fundiam-se como o sol e o céu.

Depois de conseguir uma considerável fortuna pilhando cidades e vilas em toda a Bretanha, e ostentando inúmeras cicatrizes de batalhas, Bjarne aposentou-se das pilhagens e estabeleceu-se como mercador, negociando com âmbar, o diamante desses dias. Mas depois de alguns anos começou a ficar inquieto, especialmente depois de ouvir as sagas a respeito das épicas expedições de Erik, o Vermelho, e de Leif Eriksson, seu filho. A atração pelas distantes terras a oeste apoderou-se dele, e decidiu montar sua própria expedição para fundar uma colônia nas terras desconhecidas. Logo organizou uma flotilha de dez navios, para levar 350 pessoas e suas famílias, além de animais e ferramentas. Um único navio foi usado para levar todo o âmbar e os tesouros pilhados por Bjarne, para serem usados na troca com os navios que transportavam mercadorias da Noruega e da Islândia.

A caverna era um lugar ideal para a guarda dos barcos e dos outros bens, além de ser uma fortaleza contra os ataques dos **skraelings**. Os barcos pequenos foram puxados da água por sobre troncos e colocados em berços esculpidos na rocha como prateleiras. Os **vikings** construíam lindos navios que eram a maravilha de seu tempo. Eles não eram apenas máquinas a vela incrivelmente eficientes, mas

também obras-primas de esculturas, magnificamente esculpidas e profusamente decoradas, com desenhos elaborados, no mastro e na popa. Poucos barcos, antes ou depois, tiveram suas linhas de pura elegância.

O navio longo era o barco usado para fazer pilhagens pela Europa. Ele era extremamente rápido e versátil, com aberturas para 50 remos. Mas o *knarr* era o pau-para-toda-obra dos exploradores *vikings*. Com 15 a 20 metros de comprimento, e 5 metros na largura maior do casco, o *knarr* podia carregar 15 toneladas de carga a grandes distâncias. Graças à sua grande vela quadrada velejava em mar aberto, mas tinha também dez remos para cruzar águas rasas perto da costa.

Os deques dianteiro e traseiro eram ligados por um espaçoso deque central que podia carregar carga ou animais. A tripulação e os passageiros sofriam nos espaços abertos, protegidos apenas por couros de boi esticados como precárias coberturas. Não havia alojamentos especiais para líderes como Sigvatson; os *vikings* velejavam como marinheiros comuns, todos iguais, os líderes tomando apenas as principais decisões. O *knarr* estava à vontade nos mares revoltos. Sob ventanias ou ondas gigantescas, ele avançava pelas piores condições de tempo que os deuses pudessem enviar, singrando à frente a 5 ou 7 nós, e cobrindo mais de 250 quilômetros num dia.

Construída de madeira sólida por magistras construtores de barcos *vikings*, capazes de moldar com as mãos e medir com os olhos, e usando apenas machadinhas para trabalhar a madeira, a quilha era cortada de uma única peça de carvalho e montada na forma de "t", o que aumentava a estabilidade em mares revoltos. Em seguida vinham as pranchas de carvalho, cortadas finas e encurvadas até se juntarem na proa e em volta do mastro. Conhecido como casco sobreposto, as pranchas de cima sobrepunham-se às de baixo, depois eram seladas com pêlos torrados de animais. Exceto pelas traves mestras que abraçavam o casco e serviam de apoio para os deques, não havia outra peça de madeira no navio que fosse usada de forma reta. Tudo parecia frágil para as tempestades que varriam o Adântico Norte, mas havia método na aparente loucura. A quilha podia flexionar, o casco podia torcer, e isso permitia ao navio deslizar sem esforço, oferecendo menos resistência à água. Era o mais estável de todos os navios destes séculos. E seu fundo chato lhe possibilitava passar por ondas imensas como um pedaço de madeira.

O leme também era uma obra-prima de engenharia. Um pesado remo de ginga preso a estibordo, seu cabo vertical era virado pelo homem no timão com o auxílio da cana do leme. O leme era sempre montado na parte direita do casco, e se chamava *stjornbordi* — que significa estibordo. O timoneiro ficava com um olho no mar e outro num cata-vento de bronze, todo ornamentado, que era montado ou no talha-mar ou no mastro. Estudando os caprichos do vento, ele podia escolher a rota mais favorável.

Uma grande peça de carvalho servia como estabilizador fixado ao pé do mastro, que media 5 metros de altura e segurava uma vela que media aproximadamente 180 metros quadrados, de formato retangular, pouco maior que um quadrado. As velas eram tecidas de lã áspera, em duas camadas, para aumentar sua resistência. Depois eram tingidas em tons de vermelho e branco, normalmente em desenhos com listras ou diamantes.

Os *vikings* não eram apenas soberbos construtores de navios e marinheiros; eram também excepcionais navegadores. Nasciam talhados para a vida no mar. Um *viking* podia interpretar as correntes, as nuvens, a temperatura da água, o vento e as ondas. Ele estudava as migrações dos peixes e dos pássaros. A noite se guiava

pelas estrelas. Durante o dia ele usava um marcador da sombra do sol, sob a forma de um disco em cujo centro uma haste era deslocada para cima e para baixo para medir a inclinação do sol através da sua sombra sobre linhas traçadas na superfície do marcador. As latitudes calculadas pelos **vikings** eram extraordinariamente precisas. Era raro um navio **viking** ficar irremediavelmente perdido. Seu conhecimento do mar era completo e quase nunca desafiado.

Nos meses seguintes os colonizadores construíram casas compridas de madeira grossa, com maciças vigas para agüentar o teto coberto de grama. No meio delas, ergueram um grande espaço comunitário onde cozinhavam e comiam, e também servia para guardar coisas e como abrigo para os animais. Sempre em busca de terras ricas, os **vikings** não perdiam tempo em plantações. Colhiam as frutas silvestres e pescavam os peixes, em abundância, no fiorde. Os **skraelings** se mostraram curiosos mas razoavelmente amistosos. Jóias baratas, tecidos e leite de vaca eram trocados por peles valiosas e caça. Sigvatson sabiamente ordenou a seus homens que mantivessem as espadas, as machadinhas e as lanças escondidas. Os **skraelings** dominavam o arco e a flecha, mas suas armas de mão eram ainda rudemente feitas de pedra. Sigvatson corretamente percebeu que em breve as armas superiores dos **vikings** seriam ou roubadas ou exigidas em troca. No outono já estavam completamente preparados para um inverno rigoroso. Mas nesse ano o clima estava ameno, com pouca neve e poucos dias de frio intenso. Os colonizadores se maravilham com os dias ensolarados, que eram mais longos que aqueles com que estavam acostumados na Noruega e durante sua curta permanência na Islândia. Com a chegada da primavera, Sigvatson preparou uma expedição para explorar a terra nova e estranha. Decidiu permanecer na colônia para assumir os deveres e as responsabilidades de dirigir a pequena mas empreendedora comunidade. Escolheu o irmão mais jovem, Magnus, para liderar a expedição.

Cem homens foram selecionados por Sigvatson para a viagem que ele esperava que fosse longa e árdua. Depois de semanas de preparação, as velas foram içadas em seis dos barcos menores, enquanto os homens, as mulheres e as crianças que ficaram para trás se despediram da pequena armada quando ela zarpava rio acima à procura de sua nascente. O que se esperava que fosse uma expedição exploradora de dois meses se transformou numa épica viagem de 14 meses. Velejando e remando, exceto quando tinham de arrastar seus barcos por terra até um novo curso de água, os homens viajaram por rios amplos e enormes lagos que pareciam tão vastos quando o grande mar do norte. Velejaram por um rio que era muito mais largo do que qualquer outro que tinham visto na Europa ou no Mediterrâneo. Quinhentos quilômetros rio abaixo, fundearam e acamparam numa floresta espessa. Aí cobriram e esconderam os barcos. Então partiram para uma viagem de um ano por colinas ondulantes e campinas sem fim.

Os **vikings** encontraram estranhos animais, que nunca tinham visto antes. Pequenas criaturas parecendo cães, que ladravam à noite. Grandes gatos, com rabo curto, e animais enormes, peludos, com chifres e cabeças imensas. Estes eles mataram com o auxílio de lanças, e acharam sua carne tão saborosa quanto a de gado.

Porque não se demoravam num lugar, os **skraelings** não os consideravam uma ameaça, e não lhes causavam nenhum problema. Os exploradores ficaram fascinados e intrigados com as diferenças nas tribos dos **skraelings**. Algumas eram orgulhosas e de porte nobre, enquanto outras não pareciam mais do que animais imundos.

Vários meses depois fizeram uma parada ao verem os picos de enormes

montanhas assomando ao longe. Em respeito à grande terra que parecia se estender sem fim, decidiram que era tempo de voltar e chegar à colônia antes das primeiras neves do inverno. Mas quando os fatigados viajantes chegaram de volta no meio do verão esperando alegres boas-vindas, encontraram apenas devastação e tragédia. Toda a colônia tinha sido transformada em cinzas, e tudo o que encontraram de seus companheiros, esposas e filhos foram ossos espalhados. Que desentendimento tão terrível tinha feito com que os *skraelings* pilhassem e dizimassem os *vikings*? O que tinha interrompido a convivência pacífica? Não havia resposta por parte dos mortos.

Magnus e os *vikings* sobreviventes, com ódio e dor no coração, descobriram que a entrada para o túnel que conduzia à caverna onde os navios estavam ancorados tinha sido tapada com rochas e galhos, e assim não fora percebida pelos *skraelings*. De alguma forma os colonizadores tinham conseguido esconder os tesouros e as relíquias sagradas, frutos das pilhagens de Sigvatson em seus dias de juventude, e seus bens pessoais mais importantes, deixando-os a salvo nos navios durante os ataques dos *skraelings*.

Os angustiados guerreiros poderiam ter voltado as costas para a carnificina, mas este não era seu comportamento. Ansiavam por vingança, sabendo que isso muito provavelmente terminaria em morte. Mas para um *viking*, morrer lutando contra um inimigo era uma morte gloriosa. Além disso, havia a possibilidade de que suas esposas e filhos tivessem sido levados pelos *skraelings* como escravos.

Torturados com a dor e o ódio, pegaram os restos de seus amigos e familiares e os levaram para a caverna, através do túnel, e os colocaram nos navios. Era parte da sua tradicional cerimônia de envio dos mortos para uma gloriosa vida após a morte em Valhalla. Identificaram os restos mutilados de Bjarne Sigvatson e os colocaram em seu navio, enrolando-o numa capa, ao lado dos restos de seus dois filhos e seus tesouros, além de duas cestas de alimentos para a viagem. Tentaram de todas as formas colocar sua mulher, Freydis, ao seu lado, mas seu corpo não foi encontrado. Também não havia nenhum animal para ser sacrificado. Todos tinham sido levados pelos *skraelings*.

Tradicionalmente, os navios e seus mortos seriam enterrados, mas isso não era possível. Temiam que os *skraelings* os desenterrassem e saqueassem os mortos. Então os tristes guerreiros martelaram e escavaram uma enorme rocha acima da entrada da caverna até que ela despencasse junto a toneladas de grandes pedras, permanentemente isolando a entrada da caverna do rio. As pedras se amontoaram numa rampa muitos metros abaixo da linha da água, deixando uma larga e escondida entrada sob a água.

Terminada a cerimônia, os *vikings* se prepararam para a batalha.

A honra e a coragem eram qualidades que eles consideravam sagradas. Estavam num estado de euforia, sabendo que logo trariam batalhas. No fundo de suas almas ansiavam pelo combate, o fragor das armas, o cheiro de sangue. Era parte de sua cultura, e cresceram sendo treinados por seus pais para serem guerreiros, peritos na arte de matar. Amolaram as compridas espadas e as machadinhas, que eram forjadas com o mais fino aço por artesãos alemães - objetos que eram como tesouros, venerados e altamente considerados. Tanto as espadas quanto as machadinhas recebiam nomes, como se fossem vivas e respirassem.

Vestiram as costas para proteger a parte superior do corpo, e os elmos, cônicos e simples, alguns com lugares protegidos para o nariz, mas nenhum com chifre. Pegaram os escudos, feitos de madeira escura e pintados em cores vivas, com ganchos de metal por onde passavam tiras que os prendiam à mão e aos braços. Todos carregavam compridas lanças, de pontas afiadas. Alguns carregavam

espadas largas, de dois gumes, enquanto outros preferiam a machadinha de batalha.

Magnus liderou sua força de uma centena de **vikings** até a aldeia grande dos **skraelings**, 5 quilômetros acima do lugar do horrível massacre. A aldeia era na verdade uma cidade primitiva, com centenas de cabanas que abrigavam dois mil **skraelings**. Não houve nenhuma ação furtiva ou de emboscada. Os **vikings** irromperam das árvores, gritando como cães raivosos, e derrubaram a pequena cerca feita de estacas que circundava a aldeia, mais para protegê-la de animais do que de ataques de inimigos.

A ação inesperada provocou grandes danos entre os **skraelings**, que foram tomados de surpresa e abatidos como gado. Quase 200 foram massacrados pela ferocidade e selvageria do inesperado ataque antes que pudessem entender o que estava acontecendo. Mas depois, rapidamente, em grupos de cinco ou dez homens, começaram a revidar ao ataque. Embora tivessem familiaridade com a lança e tivessem construído grandes machados de pedra, suas armas de guerra favoritas eram o arco e a flecha, e logo uma nuvem de flechas cobriu o céu. As mulheres também correram, lançando uma barragem de pedras, que fizeram pouco estrago a não ser provocar amassados nos elmos dos **vikings**.

Magnus liderava seus homens, lutando com uma lança numa mão e uma enorme machadinha na outra, as duas enopadas e deixando pingar sangue. Ele era o que os **vikings** chamavam de **besserkr**, palavra que passou para algumas outras línguas, para nomear aquele que impõe pavor e terror entre os inimigos. Ele urrava como um louco ao se arremeter contra os **skraelings**, atingindo vários com os golpes de sua machadinha.

A ferocidade brutal intimidou os **skraelings**. Os que tentaram enfrentar os **vikings** um a um foram derrotados com um grande número de baixas. Embora dizimados, seu número nunca diminuía. Alguns iam para as aldeias próximas e retornavam com reforços, e os **skraelings** recuaram para se reagrupar.

Na primeira hora os vingadores tinham completado sua missão de morte na aldeia, passando a procurar por qualquer sinal de suas mulheres, mas nenhuma foi encontrada. Apenas pedaços de suas roupas, usadas como enfeites pelas mulheres **skraelings**, foram vistos. Depois da fúria vem o ódio, e depois a histeria. Com grande excitação os **vikings** concluíram que suas mulheres tinham sido canibalizadas, e sua fúria transformou-se numa loucura controlada. Eles não sabiam que as cinco mulheres que sobreviveram à matança na colônia tinham sido entregues aos chefes de outras aldeias como troféus. Sua ferocidade aflorou aos borbotões, e a terra dentro da aldeia dos **skraelings** ficou enopada de sangue. Contudo, os reforços continuavam vindo, e a maré começou a mudar.

Devastadoramente superados em número, e enfraquecidos severamente pelos ferimentos e pelo cansaço, os **vikings** foram sendo abatidos, até que apenas dez continuaram de pé, lutando, ao lado de Magnus Sigvatson. Os **skraelings** logo começaram a atacar frontalmente as mortais espadas e machadinhas. Já não temiam as lanças dos **vikings**, que já tinham sido atiradas ou estavam com os cabos quebrados. Um exército crescente, que agora superava os enfraquecidos **vikings** na proporção de 50 para um, ficava fora de alcance, e atiravam barragens de flechas contra o pequeno grupo de sobreviventes, que se espremia protegido pelos escudos, enquanto as flechas se enfiavam nos escudos como os espinhos de um porco-espinho. Mesmo assim, os **vikings** continuavam a lutar.

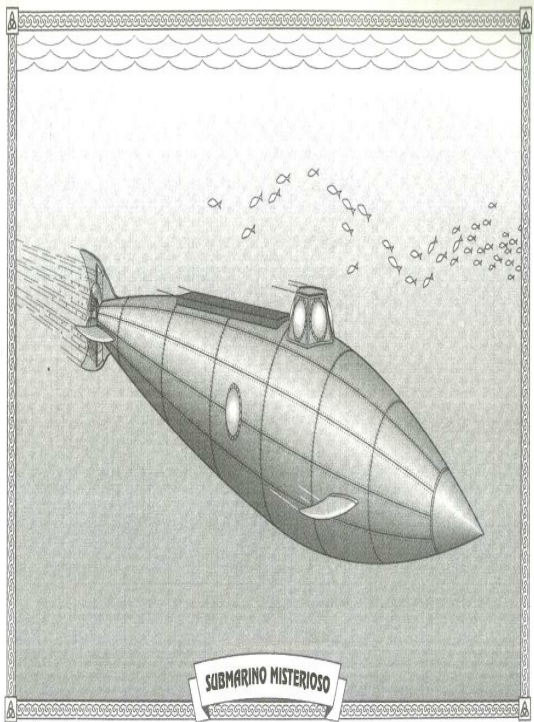
Então os **skraelings** se ergueram e num só ímpeto se arremessaram contra os escudos dos **vikings**. A grande onda engolfou o pequeno bando de **vikings** num redemoinho e fez o ataque final. Os poucos que restavam ficaram de costas um

para o outro, e lutaram até o fim, atingidos por uma avalanche de golpes de machados de cano curto, de pedra, até que não puderam resistir mais.

Seus últimos pensamentos foram para os entes queridos perdidos e para a gloriosa morte que os esperava. Morreram como guerreiros, espada e machadinha na mão. Magnus Sigvatson foi o último a cair; sua morte, a mais trágica. Morreu como a última esperança de colonizar a América do Norte pelos 500 anos seguintes. E deixou um legado que iria custar muito aos que eventualmente o sucedessem. Antes que o sol se pusesse, todos os cem **vikings** encontraram a morte, da mesma forma que mais de mil **skraelings**, entre homens, mulheres e crianças. Da forma mais horrível, os **skraelings** tiveram de reconhecer que os estranhos de pele clara vindos do outro lado do mar eram uma ameaça devastadora que só podia ser interrompida através da força mais selvagem.

Uma cortina de choque se espalhou pelas nações dos **skraelings**. Nenhuma outra batalha sangrenta entre tribos jamais tinha se equiparado em tamanha matança, nem em ferimentos tão horríveis e tantas mutilações. A grande batalha foi apenas um prelúdio longínquo das guerras horrendas que ainda viriam.

Para os **vikings** que habitavam a Islândia e a Noruega, o destino da colônia de Bjarne Sigvatson se tornou um mistério. Ninguém foi deixado vivo para contar a história, e nenhum outro imigrante-explorador seguiu seus passos por mares tão inóspitos. Os colonizadores se tornaram uma esquecida nota de pé de página nas sagas contadas através dos tempos.



MONSTRO DAS PROFUNDEZAS



## MAR DO CARIBE

2 DE FEVEREIRO 1894

Ninguém a bordo do kearsarge um velho navio de guerra de casco de madeira, poderia imaginar a catástrofe que estava para se abater sobre ele. Viajando sob a bandeira dos Estados Unidos e defendendo seus interesses nas índias Ocidentais, ele estava indo do Haiti para a Nicarágua quando o marinheiro de vigília percebeu uma estranha forma na água, a quilômetro e meio a estibordo. A visibilidade, sob um céu claro, ia até o horizonte, e o mar estava calmo, as ondas com não mais que uns 60 centímetros até a crista. O costado negro e protuberante de uma estranha espécie de monstro marítimo podia ser visto a olho nu.

- O que você acha que é? - o capitão Leigh Hunt perguntou a seu primeiro-oficial, o tenente James Ellis, enquanto observava através de binóculos cor de bronze.

Ellis olhou por um telescópio, semi-cerrando os olhos, apoiado sobre a amurada, para mantê-lo firme.

- Meu primeiro palpite é que é uma baleia, mas nunca vi uma se movendo tão reto sobre a água, sem mostrar a cauda ou mergulhando. Além disso, há uma estranha protuberância se projetando de seu centro.

- Deve ser algum tipo de serpente marinha rara - disse Hunt.

- Nenhuma que eu conheça - murmurou Ellis com perplexidade.

- Não acredito que seja uma embarcação feita pelo homem.

Hunt era um homem esguio, de cabelos acinzentados. Seu rosto, grave e curtido, e os olhos, profundos e castanhos, eram os de um homem que tinha passado muitas horas ao sol e ao vento. Apertava um cachimbo entre os dentes, que raramente acendia. Hunt era um marinheiro profissional com um quarto de século de experiência no mar e uma folha de serviços exemplar. Tinha recebido o comando do mais famoso navio da Marinha como uma honra, depois de sua reforma do serviço ativo. Muito jovem para ter lutado na Guerra Civil, Hunt formou-se pela academia naval em 1869 e serviu em oito diferentes navios de

guerra, recebendo as promoções normais até que lhe foi oferecido o comando do ***Kearsarge***.

O venerável navio conquistou sua fama depois de uma épica batalha naval 30 anos antes, na qual atingiu e afundou o navio confederado ***Alabama***, na costa de Cherburgo, na França. Embora com armamentos similares, o ***Kearsarge*** reduziu o ***Alabama*** a uma ruína inundada em menos de uma hora depois de iniciada a batalha. O capitão e a tripulação do ***Kearsarge*** foram recebidos como heróis no retorno ao porto.

Anos depois, o navio serviu em cruzeiros ao redor do mundo. Com quase 70 metros de comprimento, 10 metros de boca e um calado de cinco, seus dois motores e um único eixo podiam fazê-lo singrar a uma velocidade de 11 nós. Dez anos depois da guerra, seus canhões tinham sido substituídos por duas novas baterias de dois canhões de canos lisos, de 11 polegadas, quatro de 9 polegadas e dois de canos raiados de 20 libras. Levava uma tripulação de 160 homens. Embora veterano, ainda tinha um grande poder de ataque.

Ellis baixou o telescópio e virou-se para Hunt.

- Devemos investigar, senhor?

Hunt concordou com a cabeça.

- Ordene uma curva de 10 graus para estibordo. Peça ao engenheiro-chefe Gribble para aumentar a velocidade para o máximo, informe a tripulação na torre de ataque dois e dobre a vigilância. Não quero perder o monstro de vista, o que quer que ele seja.

- OK, senhor. Ellis, um homem alto e calvo, com uma barba cerrada e bem aparada, passou as ordens, e logo o veterano e condecorado navio começou a aumentar sua velocidade, as ondas se dividindo com uma camada de espuma pelo avanço da proa, enquanto ele se balançava contra o vento. Uma nuvem de fumaça negra saía de sua chaminé junto a uma cortina de fagulhas. Os conveses do velho navio de guerra tremeram com antecipação quando ele iniciou a caçada.

Logo o ***Kearsarge*** começou a se aproximar do estranho objeto, que não diminuía nem aumentava a velocidade. Um grupo de artilheiros preparou um disparo com um projétil de 10 quilos e se colocou em posição. O artilheiro-chefe olhou para Hunt, que estava junto do timoneiro, e comunicou:

- Número dois carregado e pronto para disparar.

- Atire a 50 metros do nariz do monstro, sr. Merryman - Hunt gritou através do megafone.

Merryman fez um aceno de mão para mostrar que tinha entendido e balançou a cabeça para o homem que estava perto do canhão, com a cordinha que acionava o disparo na mão, e para outro homem que estava fazendo a pontaria.

- Vocês ouviram o capitão. Coloquem o tiro 50 metros na frente do monstro.

Os ajustes foram feitos, a cordinha que aciona o disparo foi puxada, o grande canhão rugiu e pulou para trás batendo, a corda de apoio deslizando. Foi um disparo quase perfeito, e a bala caiu espalhando água diretamente na frente da grande massa que deslizava sem nenhum esforço pelo mar. Animal ou máquina, ele ignorou a intrusão e manteve seu curso sem o menor desvio.

- Ele não parece impressionado com a nossa artilharia - disse Ellis, com um amplo sorriso.

Hunt apertou os olhos atrás dos óculos. - Calculo a velocidade dele em 10 nós, contra a nossa, de 12 nós.

- Devemos emparelhar em mais uns dez minutos.

- Quando chegarmos mais perto faça outro disparo, desta vez a 30 metros.

Todas as mãos, exceto as que estavam na casa de máquinas, estavam segurando as amuradas dos conveses, olhos fixos no monstro, que estava cada vez mais perto da proa. Havia apenas pequenas ondas na superfície, mas bolhas brancas podiam ser vistas agitadas na sua esteira, sob as águas. De repente, a protuberância na parte superior deu um lampejo e reluziu.

- Se eu não estivesse há tanto tempo no mar - disse Hunt -, diria que o sol está se refletindo numa vigia ou numa escotilha.

- Nenhum monstro marinho tem vidro no corpo - disse Ellis falando baixo.

Os artilheiros recarregaram e dispararam novo tiro, que fez levantar muita água a uns 15 ou 20 metros à frente do monstro. Mais uma vez nenhuma reação. Ele continuou como se o *Kearsarge* não fosse mais do que um incômodo passageiro. Ele estava agora tão próximo que o capitão Hunt e sua tripulação puderam perceber uma forma triangular, cheia de escotilhas de quartzo, na parte de cima.

- É um navio construído pelo homem - comentou ofegantemente Hunt e com incredulidade.

- Não posso acreditar que seja possível - disse Ellis vagarosamente. - Quem poderia construir uma coisa dessas?

- Se não for americano, tem que ser britânico ou alemão.

- Não há como saber. Ele não tem nenhuma bandeira.

Enquanto eles olhavam, o estranho objeto vagarosamente foi submergindo, até que deixou de ser visto. O *Kearsarge* passou diretamente por cima do lugar onde ele tinha submergido, mas não viu nenhum sinal dele.

- Sumiu, capitão - um dos homens gritou para Hunt.

- Mantenha a busca - Hunt gritou de volta. - Alguns de vocês, homens, subam no cordame das velas para poder observar melhor.

- O que faremos se ele reaparecer? - perguntou Ellis.

- Se não se identificar, mandamos bala.

As horas se passaram, veio o entardecer, e o *Kearsarge* continuava andando em círculos cada vez maiores, na esperança efêmera de ver o monstro de novo. O capitão Hunt já estava quase desistindo da caçada quando um vigia que estava no cordame gritou para o convés.

- Monstro a bombordo, aproximadamente a 1.000 metros, e vindo diretamente em nossa direção.

Os oficiais e a tripulação correram para a amurada a bombordo e olharam para a água. Ainda havia luz suficiente para vê-lo claramente. Parecia vir diretamente em direção ao *Kearsarge*, e rapidamente.

Durante a busca os artilheiros tinham esperado pacientemente, os canhões apontados e prontos para disparar. Os artilheiros de bombordo rapidamente prepararam os canhões e esperaram a aproximação.

- Calculem a velocidade dele e atirem na protuberância atrás da proa - Merryman instruiu.

Os ajustes foram feitos, os gatilhos colocados em posição de disparo no momento em que o monstro apareceu ameaçadoramente na superfície. Então Hunt gritou.

- Fogo!

Seis dos oito canhões do *Kearsarge* fizeram um estrondo, enquanto os explosivos cortavam o ar, e fogo e fumaça saíam de suas bocas. Olhando com os binóculos, Hunt podia ver as cápsulas atingirem a água de cada lado do monstro. Os canhões de 9 polegadas levantavam mais água em redor do alvo. Então ele viu o projétil disparado do canhão de 20 libras atingir o costado do monstro, saltar no ar e ricochetear sobre a água como uma pedra atirada quase paralela à sua superfície.

- Ele é blindado - disse, com perplexidade. - Nosso projétil bateu no casco e voltou, sem fazer nem mesmo uma marca.

Sem demonstrar nenhuma perturbação, o monstro apontou sua proa diretamente sobre o meio do casco do *Kearsarge*, aumentando a velocidade, esperando pelo momento da colisão.

Os artilheiros recarregaram freneticamente os canhões, mas quando ficaram prontos para novo disparo, a coisa estava muito próxima, e não puderam abaixar os canhões o suficiente para atingi-la. Os marinheiros a bordo do navio começaram a disparar seus rifles contra o inimigo. Muitos dos oficiais estavam apoiados na amurada, segurando-se com uma das mãos e atirando com seus revólveres com a outra. As rajadas de balas apenas atingiam o casco blindado e ricocheteavam.

Hunt e a tripulação contemplaram, com desânimo, o pesadelo que estava prestes a se abater sobre eles. Imobilizado com a visão do navio em forma de charuto, ele seguiu a amurada com força, preparando-se para a inevitável colisão.

Mas o esperado choque não aconteceu. O que toda a tripulação sentiu foi um leve tremor sob o convés. O impacto não foi diferente de um pequeno encontrão contra um cais. O único som foi o leve barulho de madeira sendo rachada. Naquele preciso instante o desconhecido monstro tinha penetrado entre as costelas de carvalho do *Kearsarge*, como o certo golpe de uma faca assassina, atingindo profundamente o casco logo depois da casa de máquinas.

Hunt ficou olhando longamente de boca aberta. Ele pôde ver um rosto através da ampla e transparente escotilha da ponte de comando em forma de pirâmide na parte de cima do monstro, mesmo debaixo d'água. O rosto barbado pareceu a Hunt ter uma expressão triste e melancólica, como se sentisse remorso pelo desastre que o seu estranho e bizarro barco tinha provocado.

Então, o misterioso navio retrocedeu e desapareceu nas profundezas.

Hunt sabia que o *Kearsarge* estava condenado. Abaixo da linha de flutuação a água começava a despejar-se nos compartimentos de carga e na cozinha. A ferida, larga e aberta, era quase um perfeito buraco côncavo nas pranchas de madeira do casco quase 2 metros abaixo da linha d'água. À medida que o navio ia se inclinando para bombordo, a água ia penetrando numa torrente crescente. A única coisa que impedia que afundasse imediatamente eram as estruturas que separavam as várias partes do *Kearsarge*. Obedecendo à legislação marítima, Hunt as tinha feito selar, como se o navio estivesse indo para uma batalha. A entrada da água foi contida, mas apenas enquanto as estruturas podiam resistir à tremenda pressão da água.

Hunt olhou em volta e viu uma baixa ilha de coral, distante uns 3 quilômetros. Virou-se para o timoneiro e gritou: - Ponha a proa na direção daquele recife a estibordo. - Depois gritou para a casa de máquinas, ordenando velocidade máxima. Sua preocupação maior era com o tempo que as estruturas de madeira agüentariam impedir a entrada da água na casa de máquinas. Enquanto as caldeiras tivessem condição de gerar vapor, talvez ele pudesse manter seu navio flutuando e levá-lo até a terra, antes de afundar.

Vagarosamente a proa virou-se, ao mesmo tempo em que o navio ganhava velocidade e procurava chegar a águas rasas. O primeiro-oficial Ellis não precisou de uma ordem de Hunt para deixar os botes e o escaler do capitão preparados para serem baixados. Exceto pela parte da tripulação encarregada dos motores, todo o resto estava reunido no convés. Sem exceção, todos olhavam fixamente o recife de coral que estava se aproximando numa velocidade angustiantemente reduzida. As pás das hélices cortavam a água ao mesmo tempo

em que as caldeiras recebiam mais fogo do carvão jogado freneticamente à fogueira pelos foguistas. Eles jogavam pás de carvão com um olho cravado na abertura da fornalha e outro vigiando as estruturas de madeira que já começavam a gemer e eram a única proteção contra uma morte horrível.

O eixo que movimentava as hélices continuava a girar, impulsionando o barco na direção do que todos acreditavam ser a salvação. O timoneiro pediu ajuda para manter o leme na posição correta, à medida que o navio reagia cada vez mais lentamente em virtude do peso da água que o inundava e da inclinação para estibordo, a esta altura já de 6 graus.

A tripulação permanecia ao lado dos botes, pronta para descê-los, tão logo Hunt desse a esperada ordem de abandonar o navio. Todos se moviam, nervosos, enquanto o convés se inclinava, ameaçadoramente, sob os seus pés. O tripulante que sondava a profundidade das águas foi enviado para a proa, e lançou o peso de cobre. Ele informou a profundidade, em braças.

- Vinte braças, e diminuindo - ele gritou, com um traço mínimo de otimismo.

Era preciso que a profundidade diminuísse mais uns 30 metros antes que a quilha do *Kearsarge* tocasse o fundo. Parecia a Hunt que eles estavam se aproximando daquela minúscula faixa de coral com o passo de uma lesma bêbada.

O *Kearsarge*, a cada minuto, mais se afundava na água. A inclinação já era de 10 graus, e ficava mais difícil manter um curso reto. O recife se aproximava. Podiam ver as ondas atingindo os corais, dividindo-se numa cortina de água brilhante sob o sol.

- Cinco braças - o homem da sonda gritou novamente. - E diminuindo depressa.

Hunt não iria arriscar a vida de sua tripulação. Já estava quase dando a ordem de abandonar o navio quando o *Kearsarge* raspou no fundo, a quilha e o casco fazendo uma fenda no coral, até que parou de repente e virou, numa inclinação de 15 graus.

- Graças a Deus, estamos salvos - murmurou o timoneiro, ainda agarrando com força os aros do timão, o rosto vermelho com o esforço, os braços dormentes.

- Estamos presos - Ellis disse para Hunt. - A maré é vazante, de modo que esta beleza não vai poder ir a lugar nenhum.

- É verdade - Hunt concordou com tristeza. - É uma pena se não pudermos salvar o *Kearsarge*.

- Rebocadores poderão tirá-lo dos recifes, se o fundo não estiver deslocado.

- Aquele diabo de monstro foi o responsável. Se existir um Deus, ele vai pagar por sua maldade.

- Talvez já tenha pago - disse Ellis baixinho. - Ele afundou depressa demais depois da colisão. Pode ter amassado a proa e a água ter entrado.

- Não posso imaginar por que ele não parou de mover-se e revelou sua presença. Ellis fitou pensativamente o mar cor de turquesa do Caribe.

- Acho que estou lembrando de ter lido em algum lugar que um dos nossos navios de guerra, o *Abraham Lincoln*, encontrou um misterioso monstro de metal há uns 30 anos. Ele simplesmente arrancou seu leme.

- Onde foi isso? - perguntou Hunt.

- Acho que foi no Mar do Japão. E pelo menos quatro navios ingleses desapareceram em circunstâncias misteriosas nos últimos 20 anos.

- O Ministério da Marinha não vai acreditar no que aconteceu aqui - disse Hunt, olhando em volta de seu navio quase destruído com uma raiva crescente. - Terei muita sorte se não for a uma corte marcial e desligado do serviço.

- O senhor tem 160 testemunhas que irão apoiá-lo - Ellis assegurou a Hunt.

- Capitão algum deseja perder seu navio, muito menos para uma monstruosidade

mecânica sem identificação - fez uma pausa para olhar o mar, a mente voltando-se para a tarefa que tinha em mãos. - Comece pondo suprimentos nos botes. Vamos para a praia e aguardar o resgate em terra firme.

- Chequei os mapas, senhor. Chama-se Recife Roncador.

- Um lugar triste e um triste fim para um navio tão ilustre - Hunt afirmou melancólico.

Ellis fez uma rápida saudação e foi orientar a tripulação a baldear alimentos, encerados para as tendas e pertences pessoais para a pequena ilha de coral. Sob a luz de uma lua minguante trabalharam a noite inteira até o dia seguinte, erguendo as tendas e cozinhando a primeira refeição em terra firme.

Hunt foi o último homem a deixar o **Kearsarge**. Antes de descer a escada de corda até o bote que o esperava, olhou mais uma vez para a água. Levava para o túmulo a visão do homem barbado olhando para ele de dentro do monstro.

- Quem é você? - disse num murmúrio. - Você sobrevive? E se sobreviveu, quem será a sua próxima vítima?

Nos anos seguintes, até a sua morte, toda vez que tinha notícia de que algum navio tinha desaparecido com todos a bordo, Hunt se perguntava se o homem dentro do monstro não teria sido o responsável.

Os oficiais e o resto da tripulação do **Kearsarge** ficaram duas semanas, sem grandes dificuldades, na pequena ilha, até que avistaram uma nuvem de fumaça no horizonte. Hunt enviou um bote com o primeiro-oficial Ellis, que encontrou um vapor, e este resgatou Hunt e todos os homens do recife e os levou para o Panamá.

Estranhamente, quando Hunt e seus homens retornaram aos Estados Unidos, não houve inquérito, uma atitude incomum nestes casos.

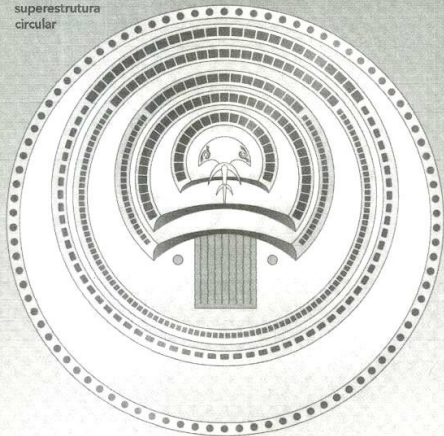
Foi como se o ministro da Marinha e os almirantes quisessem varrer o incidente para debaixo do tapete. Para surpresa do capitão Hunt, ele foi promovido antes de se aposentar com honras. O primeiro-oficial Ellis também foi promovido e recebeu o comando da mais nova canhoneira da Marinha dos Estados Unidos, a **Helena**, e participou da guerra contra a Espanha em águas cubanas.

O Congresso liberou uma verba de US\$ 45.000 para tirar o **Kearsarge** do Recife Roncador e levá-lo rebocado até um estaleiro, mas verificou-se que nativos de ilhas vizinhas o tinham incendiado para retirar o latão, o cobre e o ferro. Os canhões foram removidos, e ele foi deixado para trás para desintegrar-se num túmulo de coral.

*INFERNO*

PARTE UM

Vista aérea da  
superestrutura  
circular



**EMERALD DOLPHIN**



15 DE JULHO DE 2003

## SUL DO OCEANO PACÍFICO

SE A TRAGÉDIA TIVESSE SIDO PLANEJADA com meses de antecedência e com meticuloso planejamento e previsão, não teria sido mais catastrófica. Tudo o que podia dar errado aconteceu, e acima de qualquer imaginação. O luxuoso navio de cruzeiro *Emerald Dolphin* estava pegando fogo, e ninguém a bordo tinha um presságio, uma premonição, nem a menor idéia sobre o perigo. Contudo, chamas estavam lentamente devorando o interior da capela matrimonial do navio, localizada a meio caminho e logo à frente da suntuosa área de compras.

Na ponte de comando os oficiais continuavam sua vigília, sem a menor idéia sobre a iminente tragédia. Nenhum dos sistemas automáticos de detecção de incêndio do navio, e nenhum dos sistemas de reserva, deu qualquer sinal. O painel de controle, com o desenho de todo o navio, que mostrava todos os sistemas de detecção de incêndio a bordo, era um mar de luzes verdes. A luz que deveria ter revelado que havia fogo na capela não piscou na cor vermelha.

As quatro horas da madrugada os passageiros estavam todos dormindo em seus camarotes. Os bares e salões, o magnífico cassino, a boate e o salão de danças estavam vazios, enquanto o *Emerald Dolphin* singrava os mares do sul a 20 nós, num cruzeiro de Sidney, na Austrália, até o Taiti. Lançado apenas um ano antes e depois equipado, o *Emerald Dolphin* fazia a viagem inaugural. Não tinha as linhas suaves e elegantes de outros navios de cruzeiro. O casco mais parecia uma gigantesca bota para caminhadas, com um imenso disco no centro. Toda a superestrutura dos seis conveses era redonda e ultrapassava os dois lados do casco em mais de 50 metros de cada lado, e a proa e a popa em mais de 15 metros. Se parecia com alguma coisa, era com a espaçonave *Enterprise*. Não tinha chaminé.

Orgulho da Blue Seas Cruise Lines, o novo transatlântico indubitavelmente receberia uma cotação de seis estrelas e deveria se tornar um navio muito popular, especialmente por causa de seu interior, que parecia um luxuoso hotel de Las Vegas. Estava fazendo sua viagem inaugural com todos os camarotes lotados. Com mais de 250 metros de comprimento e 50 mil toneladas brutas, levava 1.600 passageiros em grande estilo, servidos por uma tripulação de 900 pessoas.

Os arquitetos especializados em navios fizeram o ***Emerald Dolphin*** ultrapassar todos os padrões, criando ambientes modernos e glamourosos nos cinco salões de refeição, nos três bares e áreas de estar, no cassino, no salão de baile, no teatro e nos camarotes. Vidros, em cores vivas e diferentes, estavam em todo o navio. Aço, latão e cobre eram vistos nas paredes e nos tetos. Todo o mobiliário fora criado por celebrados decoradores de interiores e por artistas. Luzes exclusivas criavam uma atmosfera celestial, ou pelo menos a concepção celestial do decorador, de acordo com a descrição dos que morreram, estiveram lá e voltaram. Exceto pelos conveses destinados a caminhadas, havia pouca necessidade de caminhar. Escadas rolantes, rampas móveis e passarelas estavam em toda parte no interior do navio. Elevadores com paredes de vidro se localizavam em todos os conveses, a pouca distância um do outro.

O convés de esportes tinha uma curta pista de golfe com quatro buracos, uma piscina em tamanho olímpico, uma quadra de basquetebol e uma enorme academia de ginástica. Uma avenida com lojas, do comprimento de dois quarteirões, ficava três conveses acima e poderia ter sido baseada na Cidade Esmeralda de Oz.

O navio era também um museu flutuante de arte abstrata e expressionista. Quadros de artistas como Jackson Pollock, Paul Klee, Willem de Kooning e outros notáveis podiam ser vistos em toda parte. Esculturas de bronze de Henry Moore estavam em nichos de platina no salão de jantar principal. Só a coleção tinha custado US\$ 78 milhões.

Os camarotes era arredondados, sem cantos. Todos eram espaçosos e exatamente iguais - não havia nada pequeno nos camarotes ou nas suítes de luxo do ***Emerald Dolphin***. Os decoradores não acreditavam em distinção de classes. O mobiliário e a decoração pareciam saídos de um filme de ficção científica. As camas eram elevadas, com colchões supermacios e com luzes suaves na cabeceira. Para os que viajavam na primeira ou segunda lua-de-mel, havia espelhos dispostos em lugares estratégicos no teto. Os banheiros tinham boxes embutidos que liberavam névoa, neblina, chuva ou vapor, tudo numa selva de plantas tropicais que pareciam ter crescido num outro planeta. Viajar no ***Emerald Dolphin*** era uma experiência sem paralelo entre os cruzeiros marítimos.

Os decoradores do navio também entenderam de onde seus futuros passageiros viriam e o moldaram à imagem de uma juventude afluente. Muitos eram médicos, advogados e empresários, de grandes ou pequenas empresas, e todos de sucesso. A maioria tinha trazido suas famílias. Os passageiros desacompanhados eram minoria. Havia um grupo razoável de mais velhos que pareciam poder desfrutar de tudo de bom que o dinheiro pode comprar.

Depois do jantar, a maior parte dos jovens dançava no salão de baile, ao som de uma orquestra que tocava todas as músicas que estavam nas paradas, ia para a boate ver shows ao vivo, ou jogava no cassino; as famílias com crianças iam ao teatro ver os artistas do navio encenarem a última peça de sucesso da Broadway, "Sonofagun from Arizona". Por volta das três horas da madrugada, os conveses e os salões estavam vazios. Nenhum passageiro que foi para a cama naquela noite

poderia imaginar que A Velha Ceifadora estava a ponto de fazer sua colheita no ***Emerald Dolphin***.

O capitão Jack Waitkus fez uma rápida inspeção nos conveses superiores antes de se retirar para a sua cabine. Considerado velho segundo os padrões dos cruzeiros marítimos, ele estava a apenas cinco dias de completar 65 anos. Não tinha mais ilusões a respeito de continuar no mar depois desta viagem. Os diretores da companhia o tinham notificado de que ele ficaria em terra assim que o navio retornasse ao porto de partida, em Fort Lauderdale, de sua viagem inaugural até Sidney. Na verdade, Waitkus ansiava pela aposentadoria. Ele e a mulher moravam num belo iate de 42 pés. Durante anos planejaram fazer uma viagem de férias ao redor do mundo. Em sua mente ele ficava escolhendo uma rota do Adântico para o Mediterrâneo.

Ele tinha sido nomeado comandante da viagem inaugural do ***Emerald Dolphin*** em homenagem aos serviços que tinha prestado à companhia. Era um homem corpulento, com a alegre aparência de um Falstaff sem barba. Seus olhos azuis tinham um ar de duende, e os lábios pareciam estar sempre entreabertos num sorriso. Ao contrário de muitos capitães de cruzeiros marítimos que não gostavam de se misturar com os passageiros, o capitão Waitkus apreciava circular entre eles. Em sua mesa no salão de jantar ele entretinha seus convidados com histórias sobre como tinha fugido para o mar quando era um adolescente em Liverpool, como tinha viajado em vapores que iam de porto a porto e como tinha se esforçado para subir na hierarquia. Tinha estudado muito e passado em todos os testes para oficial e finalmente recebido o certificado. Serviu depois por dez anos na Blue Seas Cruise Lines, como segundo e primeiro-oficial, até que foi nomeado capitão do ***Emerald Dolphin***. Era muito popular, e os diretores da companhia estavam relutantes em deixá-lo aposentar-se, mas era a política da empresa, e eles não queriam abrir uma exceção.

Ele estava cansado, mas, como era hábito, nunca ia dormir sem antes ter lido algumas páginas de um livro sobre tesouros marítimos. Tinha um naufrágio em mente, de um cargueiro com uma carga de ouro que tinha afundado na costa do Marrocos, e que ele pretendia procurar quando se aposentasse. Fez uma última ligação para a ponte de comando e foi informado de que tudo estava em ordem, e então deitou-se.

Às 4h 10 da madrugada o segundo-oficial Charles McFerrin imaginou ter sentido um leve cheiro de fumaça enquanto fazia uma inspeção de rotina no navio. Farejando o ar, teve a impressão de que o cheiro era mais forte no final da alameda das compras, onde as butikues e as lojas de presentes estavam localizadas. Intrigado com o fato de que nenhum alarme tinha soado, seguiu o cheiro forte e desagradável ao longo da alameda até a capela matrimonial. Sentindo calor no lado de dentro, abriu a porta.

O interior da capela era uma incontrolável massa de chamas. Atônito, McFerrin deu um passo para atrás, fugindo do intenso calor, tropeçou e caiu no convés. Rapidamente levantou-se e chamou a ponte de comando pelo seu rádio comunicador e gritou uma série de ordens. - Acorde o capitão Waitkus. Temos um incêndio na capela. Ligue o alarme, programe o sistema de controle de avarias do computador e acione o sistema de controle de incêndio.

O primeiro-oficial Vince Sheffield automaticamente virou-se para a parte do painel que continha os indicadores do sistema de controle de incêndio. Todas as luzes estavam verdes.

- McFerrin, você tem certeza? Não temos nenhuma indicação aqui.

- Acredite em mim - McFerrin gritou no microfone. - Está um inferno, e está

fora de controle.

- Os irrigadores de combate a incêndio foram ativados? - Sheffield perguntou.

- Não, alguma coisa está muito errada. O sistema de combate a incêndio não está funcionando, nem soou o alarme de calor.

Sheffield estava confuso. O ***Emerald Dolphin*** tinha os mais avançados sistemas de alarme e de controle de incêndio existentes em qualquer navio. Sem eles, não havia opções. Olhando fixamente o painel, que mostrava que tudo estava bem, ele gastou preciosos segundos hesitando, enquanto permanecia em dúvida. Virou-se para o oficial mais jovem naquele momento na ponte de comando, Carl Harding.

- McFerrin comunicou incêndio na capela. Mas o painel de controle não registra nada. Desça e vá checar.

Mais tempo foi perdido enquanto McFerrin lutava freneticamente contra as chamas com extintores, mesmo resultado que teria combatendo um violento incêndio na floresta abafando as chamas com sacos de anagem. As chamas estavam se espalhando para fora da capela enquanto ele tentava combatê-las sozinho. Ele simplesmente não podia acreditar que os extintores automáticos não estivessem funcionando. As chamas não seriam contidas a menos que membros da tripulação viessem, abrissem as válvulas e atacassem as chamas com mangueiras de incêndio. Mas só Harding apareceu, andando sem pressa pela alameda das compras.

Harding ficou chocado quando viu a extensão da destruição, e mais ainda quando encontrou McFerrin lutando sozinho uma batalha perdida. Ele gritou para a ponte de comando:

- Sheffield, pelo amor de Deus! Temos um violento incêndio aqui embaixo, e nada para combatê-lo a não ser extintores portáteis. Chame a brigada de incêndio e acione os sistemas de controle de incêndio.

Ainda hesitante e em dúvida, Sheffield demorou uns segundos antes de movimentar manualmente o sistema de acionamento dos extintores dentro da capela.

- O sistema está ligado - ele gritou para os homens na capela.

- Não aconteceu nada - McFerrin gritou de volta. - Rápido, homem, não podemos fazer nada sozinhos.

Ainda confuso, Sheffield finalmente informou sobre o fogo para a líder da brigada de incêndio e acordou o capitão Waitkus.

- Senhor, temos aviso de incêndio na capela.

Waitkus ficou imediatamente alerta.

- Os sistemas de controle de incêndio estão combatendo o fogo?

- Os oficiais McFerrin e Harding, que estão lá, informam que o sistema está inoperante. Estão tentando combater o fogo com extintores.

- Chame a brigada de incêndio para usar as mangueiras.

- Já fiz isso, senhor.

- Mande a tripulação dos barcos salva-vidas ficar a postos.

- Sim, senhor. Imediatamente.

Enquanto se vestia apressadamente, Waitkus não conseguia imaginar uma emergência que o obrigasse a ordenar que 2.500 pessoas, entre passageiros e tripulação, fossem para os barcos salva-vidas e abandonassem o navio, mas ele estava decidido a tomar todas as precauções. Correu para a ponte de comando e imediatamente estudou o painel de controle de incêndio. Ele estava ainda todo aceso com luzes verdes. Se estivesse havendo um incêndio, nenhum dos sofisticados sistemas o tinha detectado, muito menos acionado automaticamente

os meios para extingui-lo.

- Você tem certeza do que está falando? - perguntou a Sheffield com ceticismo.

- McFerrin e Harding juram que há um incêndio consumindo a capela.

- Isso é impossível - Waitkus pegou o telefone e chamou a casa de máquinas.

O assistente do engenheiro-chefe Joseph Barnum atendeu:

- Casa de máquinas. Aqui é Barnum.

- O capitão falando. Os seus sistemas de controle de incêndio e de detecção dão indicação de que há um incêndio em algum lugar do navio?

- Um momento - Barnum virou-se e observou um amplo painel. - Não, senhor.

Todas as luzes estão verdes no painel. Nenhuma indicação de fogo.

- Prepare-se para acionar manualmente seu sistema de controle de incêndio - ordenou Waitkus.

Neste momento um tripulante chegou correndo à ponte de comando e dirigiu-se a Sheffield.

- Senhor, acho que deve saber, senti cheiro de fumaça quando passei pela escotilha do convés de caminhadas.

Waitkus pegou o telefone.

- McFerrin?

O segundo-oficial mal pôde ouvir a chamada, por causa do ruído crepitante do fogo.

- Quem é? - ele perguntou ríspidamente.

- Aqui é o capitão Waitkus. Você e Harding, saiam da capela. Vou fechar as portas de aço e isolar a capela.

- Depressa, senhor - disse McFerrin alto. - O fogo está quase saindo da capela e atingindo a alameda.

Waitkus manobrou a chave que fecharia as portas de aço em redor da área da capela, isolando-a. E ficou completamente confuso quando a luz que indicaria a ativação permaneceu apagada. Chamou McFerrin de novo.

- As portas se fecharam?

- Não, senhor. Não se mexem.

- Isso é impossível - Waitkus disse baixinho pela segunda vez nos últimos dois minutos. - Não dá para acreditar que todo o sistema não esteja funcionando.

- Ligue para a casa de máquinas novamente. - Barnum - gritou -, use a chave manual e feche as portas corta-fogo em volta da capela.

- Fechando as portas - Barnum informou. E em seguida: - O painel não mostra nenhum movimento. Não estou entendendo. O sistema de controle das portas corta-fogo não está funcionando.

- Droga! - Waitkus praguejou. Ele fez um rápido aceno para Sheffield.

- Vou descer para ver o que está acontecendo.

O primeiro-oficial nunca mais viu o capitão. Waitkus entrou no elevador, desceu para o convés principal e se aproximou da capela matrimonial pelo lado oposto em que se encontravam os tripulantes que combatiam o fogo. Sem pensar, sem noção do enorme perigo que corria, escancarou a porta atrás do altar. Uma lufada de chamas avançou pela porta aberta e o engolfou. Quase instantaneamente seus pulmões foram queimados e ele se tornou uma tocha ambulante. Rolou para trás e caiu morto numa bola de fogo antes de atingir o chão.

O capitão Jack Waitkus morreu horrivelmente, sem saber que seu navio também estava morrendo.

Kelly Egan acordou de um pesadelo. Era daqueles que ela sempre sonhava, em que era caçada por um tipo indescritível de animal ou inseto. Nesse pesadelo, ela

estava nadando e um enorme peixe passou raspando nela. Ela suspirou ainda dormindo, e logo arregalou os olhos, vendo apenas o brilho da lâmpada noturna do banheiro.

Coçou o nariz e assentou-se, vagarosamente, percebendo um leve cheiro de fumaça. Aspirou, tentando localizar a sua origem. Satisfeita por perceber que o cheiro não vinha de seu camarote, recostou-se de novo na cama e, sonolenta, pensou se tudo não seria só imaginação. Mas alguns minutos depois o cheiro começou a ficar mais forte. Ela também percebeu que a temperatura no camarote tinha subido. Afastou as cobertas e colocou os pés nus no carpete, que parecia estar muito quente. O calor parecia vir do convés de baixo. Kelly subiu numa cadeira e apalçou um enfeite de cobre no teto. Sentiu que ele estava frio.

Preocupada, colocou um agasalho sobre os ombros e dirigiu-se sem ruído até a porta do camarote adjacente, que era ocupado por seu pai. O dr. Elmore Egan estava dormindo profundamente, como mostrava seu ronco. Um gênio mecânico, ganhador do Prêmio Nobel, ele estava viajando no ***Emerald Dolphin*** porque o navio usava os revolucionários motores desenvolvidos e desenhados por ele, que estava acompanhando seu funcionamento nesta primeira viagem. Estava tão envolvido com sua criação que quase não saía da casa de máquinas, e Kelly praticamente não o tinha visto desde que partiram de Sidney. A noite anterior tinha sido a primeira em que tinham conversado e jantado juntos. Egan tinha finalmente começado a relaxar ao verificar que seus imensos motores magnéticos de propulsão a jato para uso na água estavam funcionando eficientemente e sem problemas.

Kelly se inclinou junto à cama e sacudiu levemente o pai pelo ombro.

- Papai, acorde.

Egan acordou imediatamente.

- O que foi? - ele perguntou, olhando para a filha. - Você está doente?

- Estou sentindo cheiro de fumaça - Kelly respondeu. - E o chão parece estar quente.

- Tem certeza? Não ouvi nenhum alarme.

- Veja você mesmo.

Completamente acordado, Egan se inclinou para fora da cama e colocou as duas mãos no carpete. Ergueu as sobrancelhas e aspirou o ar. Pensou um instante e depois olhou para a filha e disse:

- Vista-se, vamos para o convés.

No momento em que deixaram a cabine e se dirigiram para o elevador, o cheiro de fumaça tinha ficado mais forte e mais distinto.

No convés da primeira classe, na alameda das compras ao lado da capela, a tripulação estava recuando no combate às chamas. Os extintores estavam esgotados. Todos os sistemas de controle de incêndio estavam inoperantes e, para aumentar ainda mais o desespero, as mangueiras de incêndio não podiam ser usadas porque as tampas das válvulas tinham sido fundidas pelo fogo e não podiam ser retiradas com as mãos. McFerrin mandou um homem descer à casa de máquinas e pegar uma chave de grifa, mas isso provou ser um exercício de inutilidade. Dois homens usando toda a sua força não conseguiam desenroscar as tampas.

Para os homens que combatiam o fogo, a frustração foi se transformando em terror à medida que a situação piorava. Sem poder fechar as portas corta-fogo, não havia como isolar as chamas. McFerrin gritou para a ponte de comando.

- Diga ao capitão que estamos perdendo o controle aqui embaixo. O fogo já chegou ao convés do salão de beleza e ao cassino.

- Não tem jeito de impedir que o fogo se espalhe? - perguntou Sheffield.

- De que jeito? - McFerrin gritou de volta. - Nada funciona. Estamos acabando com os extintores, não conseguimos engatar as mangueiras e o sistema de irrigação contra incêndio não funciona. Há alguma maneira de a casa de máquinas acionar os sistemas e fechar as portas corta-fogo?

- Negativo - respondeu Sheffield, a ansiedade aparecendo em sua voz - Todo o sistema de controle de incêndio está inoperante. Computadores, portas corta-fogo, aspersores, tudo, tudo. Nada funciona.

- Por que vocês não soaram o alarme?

- Não posso alarmar os passageiros sem ordem do capitão.

- Onde ele está?

- Ele desceu para verificar a situação. Você não o viu?

Surpreso, McFerrin inspecionou a área, mas não viu sinal de Waitkus.

- Ele não está aqui.

- Então ele deve estar voltando para a ponte de comando - disse Sheffield, com desconforto.

- Para a segurança dos passageiros dê o alarme e mande-os para os seus postos junto aos barcos salva-vidas, preparados para abandonar o navio. Sheffield estava chocado.

- Ordenar que 1.600 passageiros abandonem o ***Emerald Dolphin?*** Você está fora de si.

- Você não sabe como estão as coisas aqui embaixo - McFerrin disse com urgência na voz - Faça o que é preciso antes que seja tarde demais.

- Só o capitão Waitkus pode dar essa ordem.

- Pelo amor de Deus, homem, dê a ordem e avise aos passageiros antes que o fogo atinja os conveses dos camarotes.

Sheffield estava paralisado pela indecisão. Nunca tinha enfrentado uma emergência como aquela em seus 18 anos no mar. Nunca tinha querido ser capitão. Nunca tinha querido responsabilidades. O que ele devia fazer?

- Você está absolutamente convicto de que a situação exige uma atitude drástica dessas?

- A menos que você consiga fazer os sistemas de controle funcionarem de novo em cinco minutos, este navio e todo o mundo dentro dele está acabado - McFerrin gritou.

Sheffield estava ficando desorientado agora. Tudo em que ele podia pensar era: sua carreira no mar estava numa encruzilhada. Se ele tomasse a decisão errada agora...

E os segundos iam passando.

Sua falta de ação iria ao final custar mais de cem vidas.

Os HOMENS LUTANDO PARA CONTER O INFERNO das chamas eram bem treinados no combate a incêndios em navios, mas estavam trabalhando com ambas as mãos atadas. Vestidos com suas roupas à prova de fogo, com capacetes e tanques de oxigênio presos às costas, cada um deles estava ficando mais e mais frustrado. Com todos os sistemas de combate a incêndio e equipamentos inoperantes ou impotentes, não podiam fazer nada mais do que assistir ao fogo avançar. Com 15 minutos o convés da primeira classe tinha se transformado num holocausto. Chamas consumiam a alameda das compras e já chegavam ao convés dos escaleres. Os membros da tripulação que preparavam a descida dos barcos salva-vidas se espalharam tentando defender suas vidas quando uma lufada de fogo irrompeu pelas escotilhas de estibordo.

É nenhum alarme tinha ainda soado.

O primeiro-oficial Sheffield parecia estar em contradição. Foi com temerosa relutância que ele assumiu o comando do navio, ainda sem aceitar a possibilidade de o capitão Waitkus estar morto, ou mesmo que todos estivessem com a vida em jogo. Como todos os navios modernos, o ***Emerald Dolphin*** tinha sido construído para ser à prova de incêndio. O fato de que as chamas pudessem ter se espalhado com tal rapidez ia contra todos os dispositivos de segurança instalados pelos arquitetos.

Ele perdeu tempo valioso mandando tripulantes em busca do capitão, e esperando até que eles voltassem com informações de que não o tinham encontrado em lugar nenhum. Sheffield entrou na sala de controle e estudou as linhas mostradas num amplo painel. A última posição indicada pelo sistema de localização por satélite, acionado pelo quarto oficial havia menos de 30 minutos, indicava que a terra mais próxima era a ilha de Tonga, a mais de 150 quilômetros ao nordeste. Ele retornou à ponte de comando e foi para uma extremidade. Rajadas de vento e chuva caíam sobre o navio. O vento aumentara e produzia ondas de quase 2 metros, chocando-se contra a proa.

Ele virou-se e olhou para trás, perplexo ao ver fumaça saindo do meio do navio e chamas devorando os botes salva-vidas. O fogo parecia estar destruindo tudo em sua passagem. Por que todos os sistemas de controle de incêndio tinham falhado? O ***Emerald Dolphin*** era um dos navios mais seguros do mundo. Era impensável que ele pudesse terminar no fundo do mar. Como que imerso num pesadelo, ele



finalmente acionou o sistema de alarme.

Nesse momento, o cassino já tinha se transformado num inferno de labaredas crepitantes. A incrível intensidade do calor, combinada com a falta total de sistemas de controle e de equipamentos para combatê-lo, derretia ou consumia qualquer objeto à sua volta em segundos. O fogo avançou pelo teatro e rapidamente o transformou num incinerador, antes que as chamas continuassem seu caminho, deixando para trás estruturas ainda incandescentes. O fogo estava agora a apenas dois conveses do primeiro convés de camarotes.

Sinos tocaram, e sirenes ecoavam em todo o navio, agora o único sistema de alarme que funcionava. Ainda sob o efeito do sono, 1.600 passageiros levantaram-se, confusos e querendo saber a causa da barulhenta interrupção de seu sono. Reagiam vagarosamente, intrigados com o sistema de alarme soando às 4h25 da madrugada. De início, muitos ainda estavam calmos, escolhendo e se vestindo com roupas confortáveis e esportivas. Colocaram os coletes salva-vidas, como tinham sido instruídos durante os treinamentos, antes de se dirigirem para suas posições junto aos botes. Apenas aqueles poucos que saíram para as varandas foram confrontados com a realidade.

Iluminados pela profusão de luzes do navio, eles puderam ver ondas enormes de fumaça e línguas de fogo irrompendo de escotilhas e vigias, destruídas ou carbonizadas, dos conveses mais abaixo. A visão era ao mesmo tempo deslumbrante e aterrorizadora. Só então o pânico começou a alastrar-se. E atingiu o máximo quando a primeira leva de passageiros a chegar ao convés dos escaleres viu-se diante de uma parede de fogo.

O dr. Egan tinha levado a filha até o elevador mais próximo e subido até o convés de observação, na parte mais alta da superestrutura, de onde podiam ter uma visão geral do navio. Seus piores temores se confirmaram, quando ele viu o fogaréu na parte central do navio, sete conveses abaixo. Desse ponto privilegiado, também viu o fogo consumindo os dois conveses onde os botes salva-vidas estavam, atados aos seus turcos. Na popa, a tripulação jogava ao mar maletas contendo balsas, ejetadas e infladas automaticamente. A cena se gravou na mente de Egan como um *sketch* de comédia do grupo Monty Python. A tripulação não percebia que o navio ainda estava singrando em velocidade de cruzeiro, e que as balsas vazias iam ficando para trás, na esteira do navio.

Pálido e preocupado com o que tinha visto, disse rispidamente para Kelly:

- Desça até o café ao ar livre no convés principal e espere lá.

Vestida com uma frente única e bermudas, Kelly perguntou:

- Você não vem?

- Preciso pegar uns papéis na cabine. Vá na frente. Descerei num instante.

Os elevadores estavam apinhados, com pessoas de todos os conveses abaixo. Não havia como eles descerem do convés de observação, então Kelly e seu pai tiveram que abrir passagem pelas escadas internas, entre hordas de passageiros assustados. A multidão tentava sair por qualquer passagem ou qualquer escada que levasse de um convés a outro, qualquer elevador, como formigas num formigueiro sob o ataque de um tamanduá. Pessoas que normalmente eram responsáveis e disciplinadas tinham se transformado de repente num bando desordenado e descontrolado, sob o temor da morte. Muitos andavam com ar atordoado, atônitos com o pandemônio. Alguns tropeçavam como cegos, sem saber para onde ir. Homens praguejavam, mulheres gritavam. O drama estava rapidamente se transformando numa cena do "Inferno" de Dante.

A tripulação, os oficiais, o pessoal de bordo e os atendentes dos camarotes, todos faziam o melhor possível para controlar o caos geral. Mas era uma causa

perdida. Sem o abrigo dos botes salva-vidas não havia lugar nenhum aonde se pudesse ir, a não ser pular a amurada e se jogar na água. A tripulação e os oficiais iam de passageiro a passageiro, checando se os seus coletes salva-vidas estavam colocados corretamente, e assegurando-lhes que navios de socorro estavam a caminho.

Mas era uma esperança vã. Ainda paralisado, Sheffield não tinha ordenado a transmissão de uma mensagem de socorro. O responsável pelo rádio tinha saído da sala de rádio três vezes, e três vezes perguntado se não devia transmitir o pedido de socorro e alertar todos os navios na área, mas Sheffield não tinha dado a ordem.

Em poucos minutos seria muito tarde. As chamadas estavam a menos de 20 metros da sala de rádio.

Kelly Egan forçou sua passagem por entre a louca confusão até o café ao ar livre no convés B, na popa do ***Emerald Dolphin***, e já o encontrou lotado de passageiros andando a esmo de um lado para outro. Todos pareciam perdidos e atônitos. Ali não havia nenhum oficial para manter a calma. Os passageiros tossiam em virtude da fumaça que girava em torno do navio, soprada pelo vento que a afunilava em direção à popa, enquanto o navio ainda singrava à frente a 20 nós de velocidade.

Milagrosamente, a maioria dos passageiros tinha escapado da morte em seus camarotes, saindo calmamente antes que as chamadas tivessem isolado os corredores, escadas e elevadores. De início se recusaram a admitir que o incêndio era sério, mas a ansiedade rapidamente aumentou quando viram que os botes salva-vidas eram inacessíveis. A oficialidade e a tripulação tinham mostrado coragem excepcional conduzindo todos para os convés da popa, onde poderiam se juntar temporariamente ao abrigo das chamadas.

Famílias inteiras estavam lá: pais, mães e filhos, muitos ainda de pijamas. Algumas crianças gritavam de terror, enquanto outras assistiam a tudo como se fosse um jogo, até que viam o medo nos olhos dos pais. Mulheres com os cabelos despenteados e em roupões de banho estavam entre outras que se recusaram a apressar-se, e tinham gasto tempo se maquiando, se vestindo em estilo e carregando bolsas de mão. Os homens estavam numa grande variedade de roupas esporte. Muitos vestiam casacos esportivos e bermudas. Apenas um jovem casal veio preparado para pular na água. Usavam calções de banho e maiô. No entanto, todos tinham uma coisa em comum: o medo da morte.

Kelly continuou forçando sua passagem por entre o amontoado de pessoas, até encontrar a amurada, que agarrou com força num abraço de morte. Ainda estava escuro quando ela olhou para a espuma expelida para trás com violência pelas hélices do navio. Na escuridão pré-almorecer, e sob as luzes intensas do navio, a esteira era visível por mais de 50 metros. Ao longe, o mar escuro se misturava à escuridão do horizonte, ainda salpicado de estrelas. Ela não conseguia entender por que o navio não parava.

Uma mulher gemia, histérica.

- Vamos ser queimados vivos. Não quero morrer queimada. - Antes que alguém pudesse contê-la, ela subiu na amurada e jogou-se no mar. Rostos desesperados e horrorizados olharam enquanto ela afundava. Tudo o que viram foi uma rápida visão de sua cabeça quando ela voltou à superfície, antes que sumisse na escuridão.

Kelly começou a temer por seu pai. Pensou em voltar até o camarote para procurá-lo quando ele reapareceu, carregando uma pasta de couro marrom.

- Oh, papai - ela disse chorando. - Pensei que o tivesse perdido.

- Está tudo uma confusão dos diabos, absoluta confusão - ele respondeu falando rapidamente, sem fôlego, o rosto vermelho. - É como uma manada de gado sem controle, correndo em círculos.

- O que podemos fazer? - ela perguntou ansiosa. - Para onde podemos ir?

- Para a água - respondeu Egan. - E a nossa única esperança de ficarmos vivos - Ele olhou profundamente nos olhos da filha. Eles brilhavam como as safiras azuis quando a luz os atingia. Ele nunca deixava de se maravilhar com o quanto ela se parecia com a mãe, Lana, quando eram da mesma idade. A altura, o peso, o formato do corpo, tudo era idêntico: ambas altas, esguias, as proporções perfeitas para modelo. O cabelo de Kelly, comprido, liso e castanho, contornando um rosto de traços fortes, de maçãs salientes, lábios bem delineados e um nariz perfeito, formavam uma imagem absolutamente perfeita. A única diferença entre mãe e filha era a maciez de seus braços e pernas. Kelly era mais atlética, enquanto a mãe era mais delicada e graciosa. Tanto Kelly quanto seu pai tinham ficado inconsoláveis quando Lana acabou morrendo depois de uma longa batalha contra um câncer no seio. E agora, no navio em chamas, seu coração sentia um imenso peso ao perceber que a vida de Kelly corria sério perigo de ser tomada prematuramente.

Ela sorriu para ele como que brincando.

- Pelo menos estamos nos trópicos e a água deve estar gostosa para uma nadada. Ele apertou seus ombros e depois olhou para o mar, que era cortado pelo casco do navio 20 metros abaixo.

- Não há razão para pular até que o navio pare - ele disse. - Vamos esperar até o último minuto. Deve haver navios vindo nos socorrer.

Na ponte de comando o primeiro-oficial Sheffield agarrou a amurada e fitou o halo vermelho se refletindo nas ondas como um caleidoscópio. Toda a parte central do navio estava se queimando, com as chamas saindo como torrentes pelas escotilhas e vigias, que tinham se escancarado com o violento calor. Ele podia ouvir o gemido de protesto do poderoso navio enquanto era vencido. Parecia inconcebível que, antes que uma outra hora se passasse, o ***Emerald Dolphin***, o orgulho da Blue Seas Cruise Lines, se transformaria num pesado destroço, mortalmente à deriva, no mar cor de turquesa. Sua mente tinha se fechado para pensamentos a respeito das vidas de 2.500 passageiros e tripulação. Olhou, sem ver, o mar escuro. Se havia luzes provenientes de outros navios, ele não as via. Ainda estava parado quando McFerrin irrompeu na ponte de comando. O rosto do segundo-oficial estava negro, o uniforme de uma cor escura indefinida, as sobrancelhas e os cabelos levemente queimados. Ele agarrou Sheffield pelo ombro e o virou, com força.

- Este navio está mantendo a velocidade e o curso diretamente contra o vento. E como se o fogo estivesse sendo alimentado por gigantescos sopradores. Por que você não deu ordens para parar o navio?

- Esta é uma prerrogativa do capitão.

- E onde está o capitão Waitkus?

- Eu não sei - Sheffield disse vagamente. - Ele desceu e ainda não voltou.

- Então ele deve ter morrido no incêndio. - McFerrin percebeu que era impossível continuar falando com o superior. Pegou o telefone e ligou para o engenheiro-chefe. - Chefe, aqui é McFerrin. O capitão Waitkus está morto. O fogo está fora de controle. Desligue os motores e suba com os seus homens. É impossível subir pelo meio, vocês terão que vir pela proa ou pela popa. Você entende?

- O fogo é mesmo grande? - perguntou o engenheiro-chefe Ray - mond Garcia.

- É pior.

- Por que não vamos diretamente para os botes salva-vidas?

Era uma insensatez, pensou McFerrin. Ninguém na ponte de comando tinha alertado a casa de máquinas de que o fogo já tinha destruído metade do navio.

- Todos os botes salva-vidas foram queimados. O ***Emerald Dolphin*** está condenado. Saia enquanto você pode. Mantenha os geradores ligados. Vamos precisar da luz para abandonar o navio e orientar qualquer navio que venha em nosso socorro.

Nenhuma outra desnecessária palavra saiu da boca do engenheiro-chefe Garcia. Imediatamente deu a ordem para os motores serem desligados. Logo em seguida sua tripulação abandonou a casa de máquinas e se dirigiu para a proa através dos compartimentos de carga e bagagem.

Garcia foi o último a sair. Certificou-se de que todos os geradores estavam funcionando tranquilamente e enfiou-se no primeiro corredor.

- Algum navio respondeu ao nosso pedido de socorro? - McFerrin perguntou a Sheffield.

Sheffield ficou olhando, sem expressão.

- Pedido de socorro?

- Você não deu a nossa posição e pediu socorro imediato?

- Sim, devemos mandar uma mensagem de socorro... - Sheffield murmurou vagamente.

McFerrin imediatamente entendeu a incoerência no tom de Sheffield e nos seus olhos, e ficou horrorizado.

- Oh, meu Deus, talvez seja tarde demais. O fogo já deve ter atingido a sala de comunicações.

Pegou um telefone e ligou para a sala, mas só ouviu estática. Exausto e com dores em virtude das queimaduras, McFerrin encostou-se desesperado no painel de controle do navio.

- Mais de 2 mil pessoas estão prestes a queimar até morrer, ou morrer na água, sem nenhuma esperança de socorro - ele disse num tom de solene frustração. - E não podemos fazer nada, a não ser nos juntarmos a elas.

DOZE MILHAS AO SUL, UM PAR DE OLHOS verdes fitava o alvorecer do lado leste, antes de se virar e examinar o halo vermelho ao norte, no horizonte. Interessado, o homem deixou a projeção da ponte de comando, entrou na cabine do piloto do *Deep Encounter*, navio oceanográfico de pesquisa da NUMA (Agência Nacional de Marinha e Subaquática), pegou um possante binóculo que estava no painel e voltou. Vagarosamente, acertou o foco das lentes e fixou a vista.

Era um homem alto, de quase 1,90m, e esguio. Cada movimento seu parecia conscientemente planejado. O cabelo negro era ondulado, meio desarrumado, com pequenas manchas acinzentadas aparecendo nas têmporas. A face era de quem conhecia o mar, por cima e por baixo. A pele bronzeada e as linhas marcadas do rosto revelavam uma vida passada ao ar livre. Era obviamente alguém que tinha passado muito mais tempo debaixo do sol do que das lâmpadas fluorescentes de um escritório.

O ar tropical do início da manhã era quente e úmido. Ele usava short jeans e por cima uma camisa havaiana com estampas coloridas de flores. Os pés magros, longos e parecendo lanças, estavam calçados com sandálias. Este era o uniforme diário de Dirk Pitt quando ele estava num projeto de pesquisa de águas profundas, especialmente quando trabalhava a 1.500 quilômetros do equador. Diretor de projetos especiais da NUMA, passava nove meses de cada ano no mar. Nesta expedição, os cientistas da NUMA estavam fazendo uma pesquisa geológica nas águas profundas na Fenda de Tonga.

Depois de estudar o clarão por três minutos, voltou à cabine do piloto e se dirigiu ao local onde ficavam as comunicações. O operador de rádio do turno olhou-o, meio sonolento, e informou automaticamente:

- Último boletim do satélite meteorológico fala de fortes rajadas vindo em nossa direção, com ventos de 50 quilômetros e ondas de 10 metros.

- Perfeito para empinar papagaio - disse Pitt, sorrindo. Então sua expressão ficou séria. - Você ouviu pedidos de socorro na última hora?

O operador balançou a cabeça.

- Falei rapidamente com o operador a bordo de um cargueiro inglês por volta da 1 hora. Mas nenhum pedido de socorro.

- Um grande navio, ao norte, parece estar pegando fogo. Veja se você consegue

fazer contato com ele.

Pitt voltou-se e tocou Leo Delgado, o oficial de serviço, no ombro.

- Leo, gostaria que você virasse o curso para o norte e seguisse na velocidade máxima. Acho que há um navio se incendiando. Acorde o capitão Burch e peça-lhe que venha à cabine do piloto.

Embora Pitt fosse o chefe do projeto, e hierarquicamente superior a Burch, o capitão era quem comandava o navio. Kermit Burch apareceu quase imediatamente, usando apenas cueca samba-canção com bolinhas.

- Que história é esta de um navio em chamas? - perguntou a Pitt abafando um bocejo.

Pitt foi para a projeção da ponte de comando e entregou-lhe o binóculo. Burch perscrutou o horizonte, fez uma pausa, esfregou as lentes na cueca e olhou de novo.

- Tem razão. Ele está pegando fogo como uma tocha. Acho que é um navio de cruzeiro. E dos grandes.

- É estranho que não tenha pedido socorro.

- É verdade. Talvez o rádio esteja quebrado.

- Pedi ao Delgado que mudasse nosso curso e se dirigisse para lá na velocidade máxima. Espero que você não se importe de eu ter invadido seu território. Pensei que ganharíamos uns minutos.

Burch deu um sorriso aberto.

- Você deu a ordem que eu daria. - Então pegou o telefone. - Casa de máquinas, arranque o Marvin da cama. Quero cada giro que ele possa tirar dos motores. - Fez uma pausa para ouvir a voz do outro lado. - Por quê? Porque estamos indo para um incêndio. É por isso.

Logo que a notícia se espalhou, tripulação e cientistas foram designados para funções especiais, e o navio de pesquisa readquiriu vida. As duas lanchas hidrográficas do navio, de 35 pés, foram colocadas de prontidão para serem descidas à água. Cordas foram atadas aos dois guindastes telescópicos colocados no convés, usados para descer e içar submersíveis e equipamentos de pesquisa, para resgatar pessoas da água. Todas as escadas de cordas e as cordas do navio foram enroladas para a eventualidade de serem atiradas na água, junto de berços para o içamento de crianças ou de idosos.

O médico do navio, com a ajuda dos cientistas a bordo, preparou a enfermaria e um posto para atendimento dos feridos no salão da oficialidade. O cozinheiro e seus ajudantes começaram a preparar garrafas com água, bules de café e panelões de sopa. Todos pegaram alguma roupa para o caso de alguns dos resgatados estarem sem roupa. Oficiais instruíram tripulantes selecionados para posicionar os sobreviventes em partes diferentes do barco, para facilitar o atendimento aos feridos, mas também para formar um lastro balanceado. Com um comprimento total de 80 metros e uma largura de 17 metros, o **Deep Encounter** não tinha sido construído para suportar, e muito menos flutuar, com 2 mil passageiros. Se a multidão que era esperada a bordo não fosse colocada estrategicamente para manter o equilíbrio do navio, ele poderia adernar e afundar.

O **Deep Encounter** tinha uma velocidade oficial de 16 nós por hora, mas o engenheiro-chefe Marvin House extraiu cada cavalo que pôde dos dois enormes motores elétricos a diesel de 3.000 cavalos de força. E 17 nós se tornaram 18, depois 19, até que o barco estava singrando o mar a 20 nós. A proa quase saltava totalmente da água passando por cima das ondas. Ninguém seria capaz de imaginar que o **Deep Encounter** podia navegar naquela velocidade.

Completamente vestido, o capitão Burch agora andava pelo convés, dando ordens e cuidando de todos os detalhes para deixar tudo pronto para a esperada invasão dos sobreviventes. Instruiu o operador de rádio a contatar os outros navios que estivessem na área, passar-lhes um breve relato sobre o fogo, pedir-lhes sua posição e o tempo estimado de demora até o navio em chamas. Havia apenas dois, num raio de 70 quilômetros.

Um era o *Earl of Wattlesfield*, o cargueiro inglês contatado antes. Seu capitão tinha respondido imediatamente, e estava indo para o local na velocidade máxima, mas ele estava 25 quilômetros a leste. O segundo barco era um cruzador lança-mísseis australiano, que confirmou que mudara seu curso e estava se dirigindo para a posição informada por Burch, mas ele estava a 40 quilômetros.

Satisfeito com todas as providências tomadas, Burch voltou para a ponte de comando, onde estava Pitt. Todos os que não tinham uma função específica alinhavam-se na amurada do *Deep Encounter*, olhos fixos no clarão avermelhado que iluminava o céu. Cada vez mais perto, o navio de pesquisa continuava seu caminho em direção ao transatlântico em chamas. As conversas mais altas cediam lugar a murmúrios à medida que a extensão da tragédia se revelava mais chocante. Quinze minutos depois, todos estavam paralisados, como em transe, com a visão do drama que se desenrolava à sua frente. O que fora antes um luxuoso palácio flutuante, cheio de pessoas alegres e sorridentes, era agora uma enorme pira funerária.

Setenta por cento do outrora magnífico navio era um vórtice de chamas. Sua superestrutura, a esta altura, era aço retorcido e incandescente que virtualmente dividia o navio ao meio. Sua pintura verde-esmeralda e branca estava enegrecida e carbonizada. As estruturas de suporte interno estavam retorcidas numa massa indescritível de metal derretido e carbonizado. Os botes salva-vidas, ou o que restava deles, pendiam de seus turcos, irreconhecíveis.

Era um monstro grotesco, além da imaginação de qualquer escritor de livros de horror.

Examinando o *Emerald Dolphin* enquanto o navio flutuava à deriva, a parte mais comprida contra o vento que aumentava de intensidade e o mar picado, Pitt e Burch estavam atônitos, em dúvida se o navio de pesquisa, seus cientistas e tripulação poderiam enfrentar a enormidade da tragédia.

- Meu Deus - murmurou Burch. - Ninguém conseguiu se salvar nos botes salva-vidas.

- Parece que todos eles se queimaram antes que pudessem ser baixados - Pitt disse com tristeza na voz.

As chamas crepitavam e se erguiam para o alto, refletindo-se como demônios na água em redor do navio, que parecia uma horripilante tocha, condenado na água, esperando apenas afundar e terminar a tragédia. Então aconteceu um ruído, como que um gemido alto, e os conveses interiores ruíram. Para qualquer um a menos de 100 metros foi como se alguém tivesse aberto a porta de um enorme forno. Havia luz suficiente agora para verem-se os detritos carbonizados, espalhados por todo o transatlântico em chamas, flutuando num colchão de cinza negra e branca. Pedacos da pintura e destroços de fibra de vidro enchiam o ar, em redemoinho. A primeira impressão era de que ninguém poderia estar vivo num tamanho holocausto, mas então a multidão de pessoas foi ficando visível, amontoados nos cinco conveses abertos da popa. Ao verem o *Deep Encounter*, muitos começaram a se jogar na água na tentativa de nadar até ele.

Burch focou o binóculo na água em volta da popa do *Emerald Dolphin*.

- Muitos estão se jogando dos conveses mais baixos - exclamou. - Os que estão amontoados nos mais altos parecem paralisados.

- Não podem fazer nada - disse Pitt. - Os conveses mais altos estão a nove ou dez andares de altura. Lá de cima a água parece que está a um quilômetro de distância.

Burch inclinou-se sobre a amurada e gritou uma ordem para a tripulação.

- Vamos com os botes. Vamos resgatar os que estão nadando antes que eles fiquem fora de vista.

- Dá para levar o *Deep Encounter* para mais perto da popa? - perguntou Pitt.

- Quer dizer, pôr nosso navio paralelo à popa?

- Isso.

- Não vou poder chegar mais perto para eles pularem. - Burch parecia cético.

- Quanto mais as chamas se aproximarem, mais passageiros pularão na água. Centenas morrerão antes de podermos tirá-los da água. Se nós emparelharmos com a popa, a tripulação deles poderá atirar cordas para os passageiros escorregarem até nosso convés.

Burch olhou para Pitt.

- Num mar como este vamos ficar batendo nosso casco no monstro. As placas de metal vão amassar e deixar a água entrar. Podemos afundar também rapidamente.

- Melhor afundar tentando do que não tentar - Pitt comentou filosoficamente. - Assumo total responsabilidade pelo navio.

- Você tem razão, claro - Burch concordou. Ele pegou o timão e começou a operar os controles omnidirecionais das duas turbinas do navio de pesquisa, colocando-o cuidadosamente emparelhado com a enorme popa do ***Emerald Dolphin***.

À medida que os passageiros encontraram um pouco de proteção contra o fogo nos conveses da parte traseira do navio, o terror e o pânico foram substituídos por medo e preocupação. Os oficiais e a tripulação, especialmente as mulheres, circulavam pela multidão, acalmando os mais nervosos e assustados e consolando as crianças. Até que o *Deep Encounter* aparecesse do nada, quase todos eles tinham se rendido à idéia de que era preferível pular na água do que ser queimado vivo.

Quando o mínimo de esperança parecia destruído, a visão do barco pintado de azul-turquesa da NUMA, sulcando o mar à luz do alvorecer, pareceu-lhes um milagre divino. As mais de 2 mil pessoas apinhadas nos conveses de ré gritaram e agitaram as mãos, freneticamente, sentindo que a salvação estava próxima. Era o que eles esperavam. Mas os oficiais logo perceberam que o barco era muito pequeno para abrigar todos os que se agarravam à vida.

Sem perceber a intenção de Pitt e Burch, o segundo-oficial McFerrin, que tinha conseguido descer da ponte de comando e chegado à popa com um megafone para acalmar os passageiros, gritou:

- Atenção barco perto da popa. Não chegue mais perto. Há pessoas na água.

No amontoado de pessoas espremidas na popa, Pitt não conseguiu identificar quem estava gritando para ele. Pegou seu megafone e gritou de volta:

- Entendido. Nossos botes vão apanhá-las assim que possível. Fique preparado, estamos nos aproximando e vamos lançar nossos cabos. Tenha sua tripulação pronta para pegar os cabos.

McFerrin estava perplexo. Ele não podia acreditar que o capitão e a tripulação da NUMA estivessem prontos para arriscar suas vidas numa tentativa de salvamento.



- Quantos vocês podem abrigar a bordo? - ele perguntou.

- Quantos vocês têm? - Pitt perguntou de volta.

- Mais de 2 mil.

- Nossa, 2 mil - Burch gemeu. - Vamos para o fundo como uma pedra com 2 mil pessoas empilhadas em nosso convés.

Localizando o oficial que estava com o megafone no convés superior, Pitt gritou:

- Outros navios de socorro estão vindo para cá. Pegaremos todos os que pudermos. Mandê a tripulação jogar cordas para que os passageiros possam escorregar até nosso convés.

Burch cuidadosamente acionou os controles de propulsão, levando seu barco vagarosamente à frente, e então manobrou as turbinas com mão de perito, fazendo o barco ir virando centímetro por centímetro. Todo o mundo a bordo do **Deep Encounter** estava de olhos fixos, de respeito e admiração, vendo a popa do navio em chamas crescer. Então ouviu-se o som de aço raspando em aço. Menos de 30 segundos depois, os dois navios estavam firmemente amarrados.

Cabos foram jogados pela tripulação do navio de pesquisa, enquanto do transatlântico cordas eram desenroladas e jogadas por cima da amurada, sobre o convés, onde cientistas as esperavam, para amarrar rapidamente em qualquer objeto firme que encontrassem. No momento em que todas as cordas estavam firmes, Pitt gritou para o **Emerald Dolphin** começar a descer os passageiros.

- Famílias com crianças primeiro - McFerrin gritou para a tripulação pelo megafone. A antiga tradição de 'mulheres e crianças primeiro' era agora normalmente ignorada pelos marinheiros, em favor da preocupação de manter as famílias íntegras. Depois do naufrágio do **Titanic**, quando a maioria dos homens foi ao fundo com o navio, deixando viúvas e órfãos, mentes mais práticas sentiram que as famílias deveriam ser salvas juntas ou morrer juntas. Com poucas exceções, os mais jovens, os passageiros solitários e os mais idosos ficaram olhando em silêncio enquanto a tripulação descia maridos, suas mulheres e crianças até o **Deep Encounter**, onde encontravam segurança no convés de serviço, entre submersíveis, robôs submarinos e equipamentos de pesquisa. Em seguida vinham os mais velhos, que necessitavam ser forçados a descer pelas cordas, não porque estivessem com medo, mas porque achavam que os mais jovens, ainda com a vida pela frente, deveriam ir primeiro.

Surpreendentemente, as crianças não mostravam muito medo descendo pelas cordas. O responsável por criar atividades e eventos para os passageiros do cruzeiro e os membros da banda e do grupo teatral começaram a cantar canções de shows da Broadway. Durante uns instantes até mesmo alguns passageiros entoaram as canções, pois a descida parecia estar indo bem, em ordem. No entanto, à medida que as chamas se aproximavam, o calor aumentava e a fumaça tornava a respiração difícil, o medo voltou. De repente, muitos decidiram tentar a sorte na água, antes de aguardar a sua vez de descer pelas cordas. Os que pulavam eram na maioria jovens, dos convéses mais baixos. Caíam como chuva grossa, colidindo com os que já estavam na água. Muitos erravam o cálculo e caíam no convés do **Deep Encounter**, sofrendo graves ferimentos ou morrendo com o impacto. Outros caíam entre os navios e eram esmagados quando as ondas jogavam um casco contra o outro.

A tripulação do **Emerald Dolphin** fazia o que podia para instruir os passageiros sobre como pular. Cair na água com os braços acima da cabeça significaria que o impacto iria arrancar os coletes salva-vidas. Os que não agarravam o colarinho do colete salva-vidas e o puxassem durante o impacto corriam o risco de quebrar o pescoço.

Logo, um mar coalhado de corpos era visto nos destroços entre os dois navios. Kelly estava com medo. O pequeno barco de pesquisa parecia tão perto, e ao mesmo tempo tão longe. Havia apenas dez pessoas na fila de uma corda. O dr. Egan estava seguro de que ele e sua filha suportariam o calor e a fumaça e desceriam quando a sua vez chegasse. Mas a movimentação indisciplinada do amontoado de pessoas, sufocadas ou tossindo, o forçou contra a amurada. De repente, um homem forte, com o cabelo avermelhado e um bigode que ia até quase as costeletas, separou-se do grupo e tentou arrancar a pasta de couro de sua mão. Inicialmente confuso, o engenheiro conseguiu agarrar-se à pasta e não a soltou.

Horrorizada, Kelly observava a luta entre os dois homens. Um oficial, com o uniforme ainda imaculado, ficou olhando, em total indiferença. Era um negro, com uma expressão dura, e os traços do rosto bem vincados.

- Faça alguma coisa - Kelly gritou para ele. - Não fique aí parado. Ajude meu pai.

O oficial negro simplesmente a ignorou, deu um passo à frente e, para estupefação de Kelly, começou a ajudar o homem ruivo na luta pela pasta de couro.

Empurrado pela força conjunta dos dois homens, Egan perdeu o equilíbrio e tropeçou, caindo contra a amurada. Seus pés perderam apoio e seu corpo foi jogado por sobre a amurada. Confusos com o acontecido, o oficial negro e o homem ruivo estacaram, e em seguida voltaram a se enfiar na multidão. Kelly gritou e correu até a amurada, olhando para baixo, no exato momento em que seu pai caía na água.

Ela prendeu a respiração, esperando pelo que pareceu uma hora, mas durou apenas 20 segundos, até que sua cabeça apareceu na superfície. O colete salva-vidas tinha desaparecido, tirado de seu corpo com o impacto. Aterrorizada, ela percebeu que ele estava inconsciente. Sua cabeça pendeu para a frente e caiu de lado.

De repente, sem aviso, Kelly sentiu mãos em volta de seu pescoço, e dedos tentando apertá-lo. Sem saber direito o que estava acontecendo, Kelly deu um chute para trás, ao mesmo tempo em que tentava, em vão, soltar as mãos de sua garganta. Por pura sorte, o chute acertou o atacante na virilha. Ele fez um movimento de dor, e a pressão na garganta de Kelly diminuiu. Ela virou e viu que era o oficial negro outra vez.

Então o homem ruivo afastou o negro e partiu para cima de Kelly, mas ela agarrou o colarinho do colete salva-vidas, pulou por cima da amurada e caiu, no exato momento em que o ruivo tentava pegá-la.

Tudo em volta dela virou uma mancha, durante a queda. No que pareceu um piscar de olhos ela atingiu a água, o impacto fazendo-a perder a respiração. A água salgada entrou pelo nariz, e ela lutou para abrir a boca e respirar, a fim de expelir o sal.

Afundou, numa explosão de bolhas, o mar se fechando acima dela. Mais calma, olhou para cima e viu a superfície brilhante sob as luzes dos dois navios. Movimentou pernas e braços para subir, ajudada pelo colete salva-vidas, e finalmente conseguiu pôr a cabeça fora d'água. Respirou várias vezes, enquanto olhava em volta procurando pelo pai. Viu-o, flutuando molemente, a uns dez metros do esturricado casco do transatlântico.

Então, uma onda passou por cima dele e ela o perdeu. Lutando para manter a calma, ela nadou até o lugar onde o tinha visto pela última vez. Uma onda levantou-a, e ela viu o pai de novo, a não mais do que 5 metros de distância. Ela o

alcançou, colocou um braço em volta de seus ombros e puxou sua cabeça pelos cabelos.

- Papai! - gritou.

Egan abriu tremulamente os olhos e a fitou. Seu rosto estava contorcido, como se estivesse com muita dor.

- Kelly, salve-se - disse hesitante. - Eu não vou conseguir.

- Agüente, papai - ela o encorajou. - Um bote vai nos pegar logo.

Agarrando a pasta marrom, ele a empurrou para ela.

- Quando caí na água bati nisso. Acho que quebrei a coluna. Estou paralisado e não posso nadar.

Um corpo flutuando com o rosto para baixo passou perto de Kelly, e ela lutou para não vomitar enquanto o afastava.

- Vou segurar você, papai. Não vou deixar você se afastar. Podemos usar a pasta para flutuar.

- Guarde-a - ele disse baixinho, forçando-a a pegar a pasta. - Guarde em segurança até o momento certo.

- Não estou entendendo.

- Você vai entender... - Ele quase não conseguiu falar. Seu rosto contorceu-se em agonia e ele afundou.

Kelly ficou chocada com o seu derrotismo, até que percebeu que o pai estava morrendo na sua frente. Quanto a Egan, ele sabia que estava morrendo, mas não demonstrava pânico nem terror. Aceitava seu destino. Seu maior lamento não era a perda da filha - ele sabia que ela ficaria bem. Era não saber se a descoberta que ele tinha feito no papel iria funcionar. Fitou os olhos azuis de Kelly e sorriu debilmente.

- Sua mãe está à minha espera.

Kelly procurou desesperada, em volta, um bote. O mais próximo estava a pouco mais de 50 metros. Largou o pai, nadou vários metros, agitou as mãos e gritou:

- Aqui! Por aqui!

Uma mulher, enfraquecida pela inalação da fumaça e afundando nas ondas, viu Kelly no momento em que era retirada da água, e a mostrou para um marinheiro, mas todos estavam muito atarefados tentando resgatar outras pessoas, e não a viram. Kelly virou-se e voltou até onde deixara o pai, mas ele não estava mais lá. Apenas a pasta de couro estava flutuando.

Egan soltara a pasta e escorregara por baixo das ondas. Ela procurou por ele, gritou por ele, mas naquele instante um adolescente, pulando do convés mais alto, caiu na água justamente em cima dela, seu joelho atingindo-a na cabeça, e ela mergulhou numa piscina de trevas.

DE INÍCIO, O DEEP ENCOUNTER RECEBIA OS sobreviventes num fluxo regular, mas logo o fluxo se transformou numa torrente, aumentado pela solidariedade febril dos cientistas e da tripulação. Não havia gente suficiente para cuidar de todos. Os 51 homens e 8 mulheres a bordo do *Deep Encounter* não conseguiam trabalhar tanto e na velocidade que a situação requeria.

Mas a despeito de sua sensação de frustração e angústia, vendo tantos mortos e tantos morrendo na água, se recusavam a diminuir seus esforços. Vários dos cientistas oceanográficos e dos engenheiros eletrônicos, ignorando os riscos, amarravam cordas em redor do peito e pulavam nas águas revoltas para pegar dois sobreviventes de cada vez, e depois eram rebocados de volta para bordo. Sua dedicação na tarefa de salvamento iria se tornar uma lenda nos anais da história dos mares.

A tripulação do barco de pesquisa manobrava os botes e freneticamente resgatava pessoas da água, e mais e mais, à medida que mais passageiros se atiravam no mar. A água debaixo da popa logo ficou coalhada de homens e mulheres gritando, mãos estendidas para os botes, com medo de serem deixados de lado.

A tripulação a bordo do barco também operava os guindastes, baixando balsas e redes, a fim de que os que nadavam pudessem subir nelas, antes de serem içados para cima, até o convés de serviço. Muitos jogavam mangueiras e escadas de enrolar pela amurada, para facilitar a subida. Mesmo com a extrema dedicação e trabalhando rápido, a tripulação não dava conta de tanta gente pedindo socorro na água. Mais tarde, veriam com agonia os que se afogavam e eram perdidos antes que os botes salva-vidas pudessem resgatá-los.

Os cientistas assumiam o controle tão logo os passageiros eram trazidos para bordo, saudando-os e abraçando-os antes de irem cuidar dos queimados e feridos. Um grande número tinha ficado momentaneamente cego pela fumaça e fuligem, e tinha que ser levado para a enfermaria improvisada. Nenhum dos cientistas tinha sido treinado para tratar a inalação de fumaça, mas aprendiam depressa, e nunca se saberá quantas vidas foram salvas pela sua dedicação.

Eles guiavam os que não tinham ferimentos para camarotes e compartimentos no interior do navio, mas de tal forma que a estabilidade e o equilíbrio do navio fossem mantidos. Também improvisaram uma área de reunião dos passageiros,

para organizar listas de sobreviventes e ajudá-los a encontrar amigos e parentes perdidos naquela confusão.

Nos primeiros 30 minutos mais de 500 pessoas tinham sido retiradas da água pelos botes salva-vidas. Outras 200 subiram nas balsas e foram içadas para cima através de cordas presas em guinchos. Os salvadores se concentravam apenas nos vivos. Quando algum morto era içado, ele era imediatamente jogado de volta à água para ceder lugar aos que ainda lutavam pela vida.

Resgatando e abrigando duas vezes a capacidade de passageiros permitida pelos regulamentos marítimos, os botes salva-vidas vinham para debaixo da popa do ***Emerald Dolphin***, onde eram içados rapidamente pelos guindastes. Os sobreviventes podiam então sair dos barcos diretamente para o convés, sem ter que subir pelo lado, e os que estavam feridos eram imediatamente colocados em macas antes de serem levados para a enfermaria e posto de tratamento. Este sistema, planejado por Pitt, era mais eficiente e permitia esvaziar os botes e recolocá-los na água na metade do tempo que seria necessário para tirar os exaustos sobreviventes do barco e erguê-los um a um.

Burch não podia ficar pensando na operação de resgate. Concentrava-se em impedir que o ***Deep Encounter*** batesse seu casco. Sabia que era sua tarefa, e somente sua, tentar evitar que seu barco se destruísse nas batidas contra o transadântico. No entanto, por mais que tentasse e usasse sua perícia no sistema de orientação do barco, seus esforços estavam sendo em vão, com os dois navios sujeitos às correntes e aos ventos.

Com um olho atento nas crescentes ondas batendo e varrendo o bombordo do barco, ele dava mais potência às turbinas cada vez que uma onda mais alta ameaçava arremessar o ***Deep Encounter*** contra a imensa popa do ***Emerald Dolphin***. Era uma batalha que ele nem sempre vencía. Mostrava isso na mudança de expressão do rosto, sabendo que as placas do casco estavam sendo amassadas e entortadas. Não era preciso ser um vidente para saber que a água estava penetrando pelas fendas. Alguns metros dali, na casa do leme, Leo Delgado estava computando o peso e outros fatores, enquanto centenas de toneladas de quilos de sobreviventes continuavam chegando ao barco de pesquisa, numa onda que não parecia ter fim. Neste momento, as marcas no casco, que indicavam o peso máximo de flutuação com segurança, já estavam meio metro abaixo da superfície.

Pitt assumiu o planejamento e a direção da operação de salvamento. Aos que trabalhavam incansavelmente para salvar mais de 2 mil pessoas ele parecia estar em toda parte, dando ordens atrás do rádio de comunicação, puxando sobreviventes da água, indicando aos botes onde os que tinham se desgarrado estavam, ajudando a operar os guindastes na chegada dos barcos e no desembarque. Guiava os sobreviventes que desciam pelas cordas até os braços dos cientistas. Pegava as crianças cujos membros tinham ficado dormentes com o esforço e as trazia nos últimos metros das cordas. Apreensivo, verificou que o navio estava ficando perigosamente superlotado, e havia ainda mais de mil pessoas para salvar.

Correu até a casa do leme para checar com Delgado a distribuição do peso.

- Como é que está?

Delgado levantou os olhos do computador e balançou a cabeça tristemente.

- Nada bem. Se o casco baixar mais um metro viramos submarino.

- Ainda temos mais mil passageiros.

- Neste mar, as ondas vão começar a passar por cima da amurada se pegarmos mais 500. Diga aos cientistas para eles levarem mais pessoas para a proa.

Estamos muito pesados na popa.

Digerindo a má notícia, Pitt olhou a multidão de pessoas escorregando pelas cordas ou sendo descidas. Então olhou para o convés de serviço no momento em que um bote salva-vidas despejava mais 60 sobreviventes. Ele não podia condenar centenas de pessoas à morte deixando de socorrê-las no seu pequeno barco de pesquisa. A solução, embora parcial, formou-se em sua mente. Correu até o convés de serviço e chamou uma parte da tripulação.

- Temos que aliviar o peso deste navio - disse. - Cortem as âncoras e as correntes. Ergam os submersíveis por cima da amuradas e deixem cair no mar. Podemos resgatá-los depois. Qualquer peça de equipamento que pese mais de cinco quilos, joguem no mar.

Depois que os submersíveis foram erguidos e postos para flutuar, a enorme estrutura na popa do navio que era usada para lançar e recolher equipamentos oceanográficos foi desmontada e atirada também na água. Só que ela não flutuou. Foi diretamente para o fundo, junto com os guinchos e todos os cabos. Ele se alegrou ao perceber que o casco se elevou uns 20 centímetros na linha da água.

Depois, como outra medida para diminuir o peso, instruiu os homens nos botes salva-vidas quando eles chegavam ao lado do barco.

- Nosso problema de peso está crítico. Depois que pegarem os últimos sobreviventes, permaneçam com eles nos botes, mas não mandem ninguém para bordo.

Um aceno de mãos indicou que a ordem tinha sido entendida, ao mesmo tempo que os salvadores viravam os botes e iam novamente em direção aos amontoados de pessoas lutando na água.

Pitt viu quando McFerrin acenou para ele lá de cima. Daquele ponto privilegiado o segundo-oficial podia ver que o navio de pesquisa, embora se desfazendo de muitos equipamentos, ainda estava perigosamente abaixo da linha da água.

- Quantos vocês ainda podem receber a bordo?

- Quantos vocês ainda têm aí em cima?

- Uns 400 mais ou menos. Na maioria tripulantes, já que os passageiros já saíram.

- Mande-os agora - Pitt instruiu. - Isso é tudo?

- Não - respondeu McFerrin. - Metade da tripulação foi para a popa.

- E quantos são?

- Outros 450 - McFerrin fitou o homem alto no *Deep Encounter*, que parecia estar administrando a evacuação com incrível eficiência. - Posso saber seu nome, senhor?

- Dirk Pitt, diretor de projetos especiais da NUMA. E o seu?

- Segundo-oficial Charles McFerrin.

- Onde está o capitão?

- O capitão Waitkus está desaparecido - respondeu McFerrin. - E acredito que esteja morto.

Pitt podia ver que McFerrin tinha sofrido queimaduras.

- Desça logo, Charlie. Tenho uma garrafa de tequila esperando por você.

- Prefiro uísque.

- Vou mandar destilar uma garrafa especialmente para você.

Pitt virou-se e levantou as mãos para pegar uma menina numa corda e passá-la para os braços estendidos de Misty Graham, uma das três biólogas marinhas do *Deep Encounter*. O pai e a mãe vieram em seguida. Instantes depois, Pitt estava erguendo os sobreviventes que estavam muito cansados, de tanto nadar, para

descer dos botes salva-vidas.

- Dê a volta para bombordo do transadântico e resgate as pessoas que foram levadas pela corrente e pelas ondas - ordenou aos timoneiros dos botes.

Um timoneiro olhou para Pitt, o rosto mostrando extremo cansaço, e esboçou um sorriso.

- Ainda não recebi a gorjeta.

- Vou mandar incluí-la na conta - respondeu Pitt, também sorrindo.

- Agora vá.

Um grito agudo de uma criança se ouviu sob seus pés. Correu até a amurada e olhou para baixo. Uma menina, de uns oito anos, estava dependurada numa corda que balançava do lado de fora. De alguma forma ela tinha caído, depois de ter sido trazida para bordo, e ninguém a viu na confusão. Pitt deitou-se sobre o estômago e inclinou-se para baixo, pegando-a pelos pulsos quando uma onda a ergueu. Então puxou-a da água para bordo.

- A água estava boa? - ele perguntou, brincando, tentando diminuir o choque.

- Tá muito agitada - ela respondeu, esfregando os olhos, inchados pela fumaça.

- Você sabe se seus pais vieram com você?

Ela disse que sim com a cabeça.

- Eles foram tirados do bote com meus dois irmãos e minha irmã. Eu caí na água e ninguém me viu.

- Eles não viram mesmo - Pitt disse com carinho, levando-a até Misty .

— Aposto que estão aflitos e preocupados com você.

Misty sorriu e pegou a menina pela mão.

- Vamos, vamos encontrar papai e mamãe.

Neste instante, chamou a atenção de Pitt um tênue brilho de cabelos castanhos, espalhados sobre a água azul-esverdeada do mar. O rosto não podia ser visto, mas uma mão fazia um fraco movimento, como se quisesse dar uma braçada, ou era apenas o reflexo do movimento das ondas? Pitt correu pelo convés, aproximando-se para poder ver melhor, desejando ardentemente que a mulher - o cabelo tinha que ser de uma mulher - não tivesse se afogado. A cabeça ergueu-se um pouquinho sobre a água, e mesmo à distância ele pôde ver dois belos olhos azuis, sem brilho e em estado de choque.

- Peguem-na! - Pitt gritou para o timoneiro do bote salva-vidas, apontando para a mulher, mas o bote já estava sob a popa do ***Emerald Dolphin*** e o timoneiro não ouviu. - Nade em minha direção - ele gritou para a mulher. Ele podia ver que ela olhava na sua direção, mas não podia vê-lo.

Sem outro segundo de hesitação Pitt subiu na amurada, equilibrou-se por um instante e então atirou-se na água. Não subiu imediatamente à superfície, mas nadou um pouco debaixo d'água. Quando subiu, ele mal pôde ver uma cabeça se afundando. Mais cinco metros e ele a alcançou, puxando sua cabeça pelos cabelos. Embora exausta e com o rosto crispado de terror, ele pôde ver que ela era uma jovem muito atraente. Só depois percebeu que ela agarrava a alça de uma pequena pasta, cheia de água, que ameaçava levá-la para o fundo.

- Largue isso! - ele disse bruscamente.

- Não posso - ela sussurrou, mostrando uma determinação que o surpreendeu. - E não vou largar.

Feliz em ver que ela não estava à beira da morte, ele não discutiu e pegou-a pela alça da frente única e começou a rebocá-la até o ***Deep Encounter***. Quando chegaram ao lado do casco, mãos prestimosas se inclinaram, pegaram-na pelos pulsos e a ergueram, colocando-a a bordo. Pitt subiu por uma escada de corda. Uma das cientistas enrolou um cobertor em volta da moça, e quando iam se

afastando para outro compartimento, Pitt deteve-as.

Fitou os olhos azuis e perguntou:

- O que há de tão importante naquela pasta que você preferia morrer a largá-la?

Ela olhou de volta, exausta.

- O trabalho de toda a vida de meu pai.

Pitt olhou para a pasta, agora com respeito.

- Você sabe se seu pai foi salvo?

Ela balançou vagarosamente a cabeça, e olhou triste e desesperançada para a água, com uma camada de cinzas, e coalhada de corpos.

- Ele está lá - suspirou.

Então de repente virou-se e correu para a escada.

Finalmente os botes tinham resgatado todos os que ainda estavam vivos. Os que necessitavam de atenção médica foram transferidos para o navio de pesquisa. Então se afastaram um pouco, carregando tantos sobreviventes quanto podiam, sem colocá-los em perigo e ajudando a não congestionar mais a situação a bordo.

Pitt contactou as tripulações nos botes com o rádio de comunicação.

- Vamos para a proa ver se há mais sobreviventes. Venham atrás de nós.

Nenhum formigueiro poderia estar mais atulhado que o **Deep Encounter** depois que o último sobrevivente foi colocado a bordo. Estavam amontoados na casa de máquinas, nas cabines científicas, nos laboratórios e nos alojamentos da tripulação e dos cientistas. Ficavam sentados ou estendidos no salão, na cozinha, nos camarotes e no convés de serviço. Cada passadiço estava cheio. Cinco famílias apinhavam-se na cabine do capitão Burch. A casa do leme, sala do painel de controle e sala de comunicações estavam cheias. Os 300 metros quadrados do principal convés de serviço eram como uma rua comercial, apinhada de gente.

O **Deep Encounter** estava flutuando tão abaixo da linha da água que as ondas arrebatavam no convés de serviço toda vez que elas subiam mais de um metro. Enquanto isso, a tripulação do **Emerald Dolphin** estava orgulhosa. Somente depois que a popa do navio estava livre do último passageiro foi que os tripulantes começaram a descer pelas cordas até o superlotado navio de pesquisa. Muitos tinham sofrido queimaduras, mas esperaram até o último resgate dos passageiros antes de fugirem das chamas e abandonar o navio.

Logo que chegavam a bordo, os que estavam em condições começavam a ajudar os exaustos cientistas na tentativa de tornar a situação dos amontoados passageiros mais confortável. A morte também estava presente no **Deep Encounter**. Muitos dos queimados ou feridos na queda na água não resistiam e morriam no meio das preces e do choro dos que viam os corpos de seus entes queridos serem jogados na água por cima da amurada. Espaço para os vivos era indispensável.

Pitt mandou os oficiais do transatlântico até a casa do leme, para apresentarem-se ao capitão Burch. Todos, sem exceção, ofereceram seus serviços, prontamente aceitos.

McFerrin foi o último homem a descer.

Pitt estava esperando por ele, e pegou seus braços, para evitar que ele tropeçasse e caísse. Olhando para os dedos de McFerrin em carne viva, disse:

- É uma pena que não possa apertar a mão de um homem corajoso.

McFerrin fitou as mãos queimadas, como se elas pertencessem a outrem.

- É, acho que vamos ter que esperar um pouco - então seu rosto ficou sério. - Não tenho idéia de quantos, se muitos, dos pobres-diabos que foram para a proa



estão vivos.

- Logo saberemos - Pitt retrucou.

McFerrin olhou em redor do navio de pesquisa, vendo as ondas rebentarem por cima da amurada.

- Parece que você está numa situação extremamente perigosa.

- Nós fazemos o que podemos - Pitt disse com um sorriso sem graça.

Mandou McFerrin para ser tratado, voltou-se e gritou para Burch, que estava na projeção da ponte de comando.

- É o último que estava na popa, capitão. O resto foi para a proa.

Burch simplesmente acenou com a cabeça e fechou o painel do controle de propulsão, indo depois para a casa do leme.

- O timão é todo seu - disse para o timoneiro. - Para a frente, com cuidado e muito jeito. Não queremos provocar mais dano no casco, além dos que já existem.

- Vou com muito carinho, pode deixar - assegurou o jovem marinheiro ao timão. Burch ficou muito aliviado de poder afastar seu navio do transatlântico. Pediu a Leo Delgado que descesse e verificasse as placas amassadas e as fendas por onde entrava água, provocadas pelas colisões. Enquanto esperava pelas informações, perguntou ao engenheiro-chefe Marvin House:

- Marvin, como estão as coisas por aí?

Na casa de máquinas, o engenheiro-chefe estava de pé na passagem entre os motores, olhando o pequeno fluxo de água que ia se juntando em redor dos seus calços.

- Meu palpite é que temos grandes danos estruturais em algum lugar aí por cima, provavelmente num dos compartimentos de carga. Estou com as bombas de recalque funcionando a plena capacidade.

- Você tem condição de bombear mais água do que a que entra?

- Já instalamos bombas auxiliares, e mais mangueiras - House fez uma pausa e, olhando para os sobreviventes que se amontoavam em cada centímetro quadrado da sua casa de máquinas, perguntou: - E como estão as coisas aí em cima?

- Lotado como a Times Square na noite de *réveillon*.

Delgado voltou à casa do leme e Burch percebeu, pela sua face contraída, que as notícias não eram nada boas.

- Várias placas estão amassadas e fora de lugar - disse Delgado ofegante, sem fôlego por ter subido correndo. - Tem água demais entrando. As bombas estão conseguindo jogar para fora, mas não vão dar conta se o mar ficar mais agitado ainda. Se as ondas passarem de 2,5 metros é caso perdido.

- O chefe House disse que instalou bombas auxiliares, para ver se consegue bombear mais.

- Espero que dê certo - disse Delgado.

- Chame a tripulação de reparos e vá trabalhar no caso. Escore e reforce as placas o melhor que você puder. Informe qualquer alteração no vazamento, boa ou ruim, imediatamente.

- Sim, senhor.

Burch estava fitando, com apreensão, as nuvens pesadas e cinzentas que estavam se avolumando no sudoeste, quando Pitt voltou à casa do leme. Pitt seguiu o olhar do capitão.

- O que a meteorologia está dizendo? - perguntou.

Burch sorriu e apontou para uma janela na abóbada de 4 metros de diâmetro que abrigava o sistema de radar.

- Não preciso de previsões de última hora sobre a evolução de uma tempestade,

feitas por um computador de última geração, para me dizer que seremos atingidos por uma nas próximas duas horas.

Pitt fitou as nuvens se concentrando a não mais de 15 quilômetros. Era dia aberto, agora, mas o sol da manhã estava escondido pelas nuvens ameaçadoras.

- Quem sabe ela vai passar ao largo.

Burch enfiou um dedo indicador na boca e o espetou no ar. Balançou a cabeça.

- Não de acordo com *este* computador. - Então, acrescentou, desesperançado: - Não há como nos mantermos flutuando.

Pitt, demonstrando cansaço, esfregou a testa com o braço.

- Estimando o peso de cada homem, mulher e criança nuns 60 quilos, o *Deep Encounter* está levando um peso extra de 120 toneladas, sem contar a tripulação e os cientistas. Nossa única salvação é continuar flutuando até podermos transferir a maior parte dos sobreviventes para outro navio.

- Se tentarmos ir para algum porto, afundamos com menos de um quilômetro navegado.

Pitt entrou na sala de comunicações.

- Alguma notícia do australiano ou do petroleiro?

- De acordo com o radar, o *Earl of Wattlefield* está a apenas 15 quilômetros. O cruzador australiano está vindo a toda velocidade, mas ainda tem 45 quilômetros para navegar.

- Avise para darem tudo - disse Pitt com gravidade. - Se aquela tempestade nos atingir antes de eles chegarem, talvez não encontrem ninguém para salvar.

O INTERIOR DO EMERALD DOLPHIN estava se desintegrando, estruturas se chocando umas contra as outras, convés caindo sobre convés. Em menos de duas horas do início do incêndio a parte interior do transatlântico tinha sido consumida pelas chamas. Todo o imenso navio estava se desintegrando numa violenta fogueira. A decoração rebuscada, a elegante alameda das compras, com suas lojas sofisticadas, a coleção de arte de US\$ 78 milhões, os exuberantes cassinos, salões de jantar e de estar, os luxuosos camarotes, os equipamentos para esportes e exercícios físicos, e para diversão, tudo tinha sido reduzido a escombros ainda incandescentes.

Todos os que se espremiavam nos conveses ao ar livre do *Deep Encounter*, passageiros e tripulação resgatados, homens e mulheres trabalhando freneticamente no navio de pesquisa, pararam por um instante e fixaram os olhos naquele holocausto, com uma mistura de dor e perplexidade, enquanto o capitão Burch conduzia seu navio ao redor da popa do gigantesco transatlântico, em direção à proa.

O navio de cruzeiro não se derretia mais como uma bola de fogo, mas como numa fornalha. O fogo desordenado já tinha atacado e destruído todos os materiais inflamáveis, todo objeto combustível, e agora não encontrava mais nada para destruir. As estruturas de fibra de vidro dos barcos salva-vidas estavam penduradas grotescamente, contorcidas, e derretidas em formas irreconhecíveis. Os grandes conveses circulares pendiam para dentro do casco como as asas já em decomposição de um abutre morto. O grande convés de observação, e a maior parte da ponte de comando, tinham também desmoronado e desaparecido, como se engolidos por um imenso abismo. A maior parte do vidro que tinha sido derretido estava esfriando e assumindo formas inusitadas.

Consumida pelo fogo, toda a estrutura circular desabou sobre si mesma, levantando uma enorme cortina de fumaça. De repente, novas línguas de fogo lambeiram as aberturas do casco, provocadas por explosões na parte de baixo. O *Emerald Dolphin* sacudia-se desconsoladamente como um animal selvagem, mas recusava-se a morrer e escorregar para debaixo das ondas. Vagava, determinado, por um mar que estava ficando cinza e ameaçador a cada minuto. Logo não seria mais do que um casco com as entranhas à mostra. Nunca mais ouviria os passos, as conversas e o riso dos alegres passageiros. Nem singraria

mais, majestosa e orgulhosamente, como nenhum outro navio, os mares em direção a portos desconhecidos e misteriosos em todos os lugares do mundo. Se se mantivesse flutuando depois que os escombros esfriassem, seria rebocado para um último porto, e lá transformado em sucata.

Pitt fitou-o com uma profunda tristeza, vendo um majestoso navio reduzido a ruínas. Podia sentir o calor das chamas passar pela água e chegar até ele. Questionava-se por que navios tão bonitos tinham que morrer, por que outros singravam os mares por 30 anos sem nenhum incidente antes de ir para o desmanche, enquanto outros, como o *Titanic*, na sua viagem inaugural, ou o *Emerald Dolphin*, na sua, morriam prematuramente. Havia navios de sorte, e havia navios que eram destinados a navegar para o esquecimento.

Pitt estava apoiado na amurada, absorto em seus pensamentos, quando McFerrin chegou e colocou-se ao lado. O segundo-oficial do navio de cruzeiro permaneceu silencioso enquanto o *Deep Encounter* movia-se vagarosamente ao lado da destruição. Os botes salva-vidas, superlotados de sobreviventes, seguiam na sua esteira.

- Como estão as mãos? - Pitt perguntou com interesse.

McFerrin estendeu-as e mostrou as ataduras que mais pareciam luvas.

O rosto, com a pele queimada e avermelhada, estava todo marcado de antisséptico e parecia uma desconhecida máscara de Halloween.

- Não é fácil ir ao banheiro, posso garantir.

- Posso imaginar - disse Pitt rindo.

McFerrin, contendo as lágrimas em virtude da raiva, olhou atentamente a horripilante visão.

- Não podia ter acontecido - disse, a voz soluçando de emoção.

- O que você acha que provocou o incêndio?

McFerrin tirou os olhos do casco retorcido e reluzente. O rosto estava crispado de cólera.

- Não foi um ato de Deus. Tenho certeza.

- Você acha que foi terrorismo? - Pitt perguntou com incredulidade.

- Não tenho dúvida nenhuma. O fogo alastrou-se depressa demais para ter sido acidental. Nenhum dos sistemas de alarme ou de controle de incêndio entrou em operação. E quando foram manualmente acionados também não funcionaram.

- O que me intriga é o fato de o seu capitão não ter emitido um pedido de socorro. Só chegamos até vocês depois de termos visto o clarão do fogo no horizonte. E nossos pedidos de informação pelo rádio não foram respondidos.

- O primeiro-oficial Sheffield! - McFerrin mal pronunciou o nome. - Ele foi incapaz de tomar as decisões necessárias. Quando descobri que nenhuma mensagem de socorro tinha sido enviada, imediatamente fiz contato com a sala de comunicações, mas já era tarde. O fogo já tinha chegado lá, e os operadores, fugido.

Pitt apontou para o alto, para a proa do navio de cruzeiro.

- Há uma movimentação lá.

Várias pessoas acenavam excitadamente na extremidade do navio. Ao contrário daqueles que tinham corrido para a popa, 50 ou mais passageiros, e muitos tripulantes, tinham se dirigido para a parte mais extrema da proa. Felizmente para eles, a proa estava a uns 50 metros distante da parte sustentada pelas estruturas de apoio e acima do fogo e da fumaça irritante levada pelo vento em direção à popa.

McFerrin endireitou-se, colocou a mão em concha sobre os olhos para protegê-los do sol que nascia e fixou o olhar nas pequenas figuras que gesticulavam.

- Na maioria são tripulantes, com alguns passageiros. Parece que podem se agüentar por um pouco. O fogo está indo na outra direção.

Pitt pegou um binóculo e examinou a água em redor da proa.

- Parece que ninguém pulou. Não vejo sinal de corpos ou de sobreviventes nadando.

- Enquanto eles estiverem a salvo do fogo - disse Burch se aproximando vindo da torre do piloto - é melhor que os deixemos até que outro navio se aproxime ou o tempo melhore.

- É óbvio que não podemos continuar flutuando num mar agitado com mais 400 pessoas a bordo - Pitt concordou. - Estamos a 1 milímetro de emborcar e afundar.

O vento estava começando a fustigá-los, aumentado de 10 para 30 nós por hora. O mar atirava uma espuma branca ao vento, e as vagas vinham chegando como uma força irresistível, agora com 3 metros de altura. Era apenas um aviso da fúria que estava por vir.

Pitt correu para a ponte de comando e gritou para a tripulação e os cientistas afastarem o maior número possível de pessoas do convés de serviço e protegerem os que ficaram antes que as ondas ultrapassassem as amuradas e varressem os sobreviventes. Os conveses inferiores já estavam apinhados, mas não havia alternativa. Deixar centenas de pessoas expostas ao tempo durante uma tempestade seria assinar suas sentenças de morte.

Pitt examinou as tripulações dos dois botes salva-vidas na esteira do barco de pesquisa. Estava muito preocupado com a situação delas. O mar estava muito agitado para permitir que se emparelhassem com o navio e desembarcassem seus passageiros. Pitt olhou para Burch.

- Sugiro, capitão, que viremos e nos coloquemos ao lado do transatlântico, usando-o para nos proteger do vento. Se não conseguirmos colocar as tripulações e os sobreviventes a bordo dentro dos próximos minutos, vai ser muito tarde para eles.

- Muito boa idéia. Pode ser a nossa única salvação. - Burch disse, assentindo com a cabeça.

- Não é possível trazê-los a bordo? - perguntou McFerrin.

- Mais cem pessoas neste navio vai ser a gota d'água para ele ir ao fundo - afirmou Burch com o rosto sério.

- Não podemos bancar Deus. McFerrin disse, olhando para ele.

A expressão no rosto de Burch era de angústia.

- Podemos, se for o caso de salvar as vidas de todos os passageiros já a bordo.

- Eu concordo - afirmou Pitt com firmeza. - Eles estão mais protegidos da tempestade no *Emerald Dolphin* do que se vierem a bordo do *Deep Encounter*.

Burch fitou o chão do convés durante vários minutos, pesando cada opção. Finalmente, concordou, cansado.

- Manteremos os botes amarrados perto de nossa popa para o caso de a situação ficar crítica e tiverem que vir para bordo. - Então virou-se e olhou para a cortina de nuvens escuras avançando pela água como um enxame de gafanhotos. - Só espero que Deus nos dê uma chance de lutar.

A tempestade se aproximava, assoviando, do navio e da multidão a bordo. Mais alguns minutos e ela encobriria tudo. Fazia tempo que o sol tinha desaparecido, e não se via mais nenhum azul no céu. As cristas das ondas rodopiavam como imensos fantoches, e formavam vagalhões de espuma e névoa. Água esverdeada e morna se derramava sobre o convés, encharcando os que não conseguiam encontrar abrigo mais abaixo. Alguns passageiros tinham sido empurrados e

prensados nos compartimentos de bagagem, e nos passadiços, como passageiros em trens de subúrbio na hora do **rush**.

Perto do navio ainda queimando, os que estavam nos botes salva-vidas sofriam mais com o calor que irradiava do fogo do que com o vento e as ondas que os balançavam no mar picado. Tanto Pitt quanto Burch não desgrudavam os olhos dos botes, pronto para puxá-los para bordo ao primeiro sinal de perigo.

Se o socorro não chegasse logo e o **Deep Encounter** afundasse, com sua carga preciosa, restariam poucos sobreviventes.

Você sabe se alguém lá em cima tem um rádio? - Pitt perguntou a McFerrin.

- Todos os oficiais carregam rádios de comunicação.

- E qual é a frequência?

- Vinte e dois.

Pitt pôs o rádio de comunicação perto de sua boca e o cobriu com uma aba do paletó para protegê-lo do vento que já estava virando um uivo.

- **Emerald Dolphin**, aqui é o **Deep Encounter**. Há alguém a bordo que pode me ouvir? Câmbio. - Repetiu a pergunta três vezes, atrapalhado por forte estática, antes que uma voz respondesse.

- Ouço você, **Deep Encounter** — disse uma voz de mulher. - Não muito bem, mas o suficiente para entender.

- Uma mulher respondeu - disse Pitt, olhando para McFerrin.

- Deve ser Amélia May, nossa encarregada do dinheiro.

- O fogo está provocando interferência. Mal consigo ouvi-la.

- Pergunte quantos estão na ponta da proa - ordenou Burch.

- Estou falando com Amélia May? - Pitt quis saber.

- Está sim, mas como você sabe meu nome?

- Seu segundo-oficial está ao meu lado.

- Charles McFerrin! - ela exclamou. - Meu Deus, pensei que Charlie tivesse morrido no incêndio.

- Você pode estimar o número de passageiros e tripulantes aí?

- Acho que são 450 tripulantes, mais uns 60 passageiros. Quando vamos poder abandonar o navio?

Burch estava olhando para cima, para a proa, com um profundo ar de desânimo.

- Não temos como recebê-los a bordo - disse novamente, balançando a cabeça tristemente.

- Sob qualquer ponto de vista - disse Pitt -, estamos num beco sem saída. O vento e as ondas estão aumentando de maneira alarmante. Nossos botes salva-vidas não podem pegá-los, e seria suicídio pularem na água e tentar vir nadando até nós.

Burch concordou com a cabeça.

- Nossa única esperança é o cargueiro inglês chegar aqui na próxima meia hora. Depois disso vamos ficar nas mãos de Deus.

- Senhora May - disse Pitt -, por favor, ouça. Nosso navio está lotado além da sua capacidade. Estamos também em perigo de afundar, pois temos avarias no casco. Vocês precisam agüentar até que o tempo melhore ou chegue outro navio de socorro. Você compreende?

- Sim, compreendo - disse ela. - O vento está levando o fogo para trás, e o calor não está insuportável.

- Mas não por muito tempo - Pitt alertou. - O **Dolphin** está se movendo à deriva e vai ficar de lado contra o vento e a corrente. O fogo e a fumaça vão chegar perto, e a estibordo.

Houve um silêncio, então Amélia disse, resoluta:

- Então vamos começar a preparar o churrasco.

Pitt fitou a proa, semicerrando os olhos por causa da névoa soprada pelo vento.

- Você é uma mulher muito corajosa. Espero que possamos nos encontrar quando isto acabar. O jantar é por minha conta.

- Pode ser... - Houve uma hesitação. - Mas primeiro você precisa me dizer seu nome.

- Meu nome é Dirk Pitt.

- Um nome forte. Gostei. Câmbio final.

McFerrin sorriu cansado.

- Ela é uma criatura sensacional, Pitt, e muito independente.

- Era isso que eu esperava. Disse Pitt sorrindo de volta.

A chuva se despejou como uma parede sólida e reluzente, não aos poucos, mas como num dilúvio. Mesmo assim o *Emerald Dolphin* continuava queimando. As laterais tornaram-se um vermelho vivo quando a chuva bateu contra o casco incandescente, cobrindo rapidamente o navio ardente com uma nuvem de vapor.

- Coloque-nos a 70 metros do casco, devagar e com cuidado - Burch ordenou ao timoneiro. Ele estava preocupado com as subidas e descidas do navio quando ele era erguido pelas ondas. E ficou ainda mais preocupado quando o engenheiro-chefe House chamou a ponte de comando.

- A beleza está sofrendo muito aqui embaixo - ele informou. - As rachaduras estão piorando. Não posso garantir por quanto tempo mais as bombas vão conseguir jogar a água fora, mesmo com as bombas auxiliares.

- Chegamos debaixo do casco do navio - respondeu Burch de volta. - Espero que, com o seu tamanho, ele nos proteja do pior da tempestade.

- Qualquer coisinha ajuda.

- Faça o melhor que puder.

- Não está fácil - resmungou House. - Não quando você tem que subir sobre pessoas prensadas como sardinha em lata.

Burch virou-se para Pitt, que estava observando a escuridão molhada com o binóculo.

- Nenhum sinal do cargueiro ou da fragata australiana?

- A chuva pesada cortou a visibilidade ao mínimo, mas o radar indica que o cargueiro está a uns 300 metros.

Burch tirou uma velha bandana do bolso e limpou o suor da testa e do pescoço.

- Espero que o capitão seja um bom marinheiro, pois vai precisar de toda a experiência que tiver.

O capitão Malcolm Nevins, comandante do cargueiro *Earl of Wattlesfield*, das Linhas Marítimas Collins e West, estava sentado numa cadeira giratória elevada, os pés apoiados no console da ponte de comando, e contemplava a tela do radar. Já fazia mais de dez minutos que o navio em chamas estava à vista, mas ao mesmo tempo a tempestade chegou, rapidamente, como dilúvio que encobriu tudo. Com um ar de experiente indiferença, ele tirou do bolso da calça uma cigarreira de platina, abriu-a, tirou um Dumhill e o colocou entre os lábios. Então, no que era uma incongruência, acendeu o cigarro de luxo com um velho e arranhado isqueiro Zippo, que o acompanhava desde que servira na guerra das Malvinas.

O rosto corado de Nevins, normalmente risonho e com os traços vincados, agora estava concentrado; os olhos acinzentados e transparentes penetravam a cortina de chuva, com impaciência. Imaginava que tipo de inferno estava para encontrar. As mensagens de rádio do navio de pesquisa americano eram preocupantes, dando conta de que mais de 2 mil pessoas tentavam escapar do

navio de cruzeiro em chamas. Em todos os seus 30 anos de serviços no mar não se lembrava de uma tragédia de tal magnitude.

- Lá! - gritou o primeiro-oficial, Arthur Thorndyke, apontando alguma coisa a bombordo através do vidro da ponte de comando.

As rajadas de chuva diminuíram por um instante, revelando o navio em chamas, sob uma capa de fumaça e vapor.

— Reduzir motores - Nevins ordenou.

— Sim, senhor.

- A tripulação dos botes salva-vidas está preparada? - perguntou Nevins, no mesmo instante em que o imenso transatlântico se materializava no meio da tempestade.

— Tripulação dos botes preparada e pronta para descê-los - respondeu Thorndyke. - Não tenho nenhuma inveja deles, andando num mar com ondas de 6 metros.

- Vamos nos aproximar o máximo possível, para que eles não tenham que navegar tanto. - Ele pegou o binóculo e examinou a água em volta do navio de cruzeiro. - Não vejo ninguém nadando nem há sinal de botes salva-vidas.

Thorndyke concordou com a cabeça, olhando diretamente para os restos calcinados dos botes salva-vidas.

— Ninguém deixou o navio naqueles botes.

Nevins retesou-se, a mente retratando um casco em chamas carregando milhares de mortos.

— A quantidade de mortos deve ser horrenda - disse, sombriamente.

- Não vejo o navio americano de pesquisa.

Nevins percebeu a situação imediatamente.

- Deu a volta. Deve estar do lado protegido pelo casco.

O *Earl of Wattlesfield* movimentou-se com dificuldade sobre as águas revoltas, ignorando todos os avisos de ameaças e desafiando a tempestade, as ondas e o vento. Com 68 mil toneladas, era mais comprido que um quarteirão normal das cidades, com os conveses empilhados de contêineres, numa altura equivalente a vários andares. Durante dez anos singrou todos os oceanos do mundo, em todo tipo de mar, sem perder um contêiner ou uma vida sequer. Era considerado um navio de sorte, especialmente pelos proprietários, que tinham lucrado milhões de libras com os seus serviços.

Depois deste dia ele se tornaria tão famoso quanto o *Carpathia*, o navio que resgatou os sobreviventes do *Titanic*.

O vento estava ficando ainda mais forte, e as ondas, maiores, mas isso quase não afetava o cargueiro. Nevins não tinha muita esperança de resgatar algum passageiro ou tripulante. Os que tinham escapado da morte entre as chamas, pensou, tinham pulado na água e certamente a esta altura já teriam morrido afogados naquele mar turbulento. A medida que o *Earl of Wattlesfield* vagarosamente contornava a alta proa, ele fitava as letras verdes, *Emerald Dolphin*, pintadas no casco. Uma profunda tristeza o invadiu, ao se lembrar de ter visto o imponente navio de cruzeiro quando ele deixou o porto de Sidney. Agora, o que ele via era um espetáculo desolador e inesperado.

O *Deep Encounter* balançava-se em ondas que refletiam as chamas cor de laranja, pesado, o casco dentro d'água quase até as amuradas, os conveses superlotados de pessoas imprensadas umas contra as outras. A não mais de 20 metros, presos à sua popa, dois botes subiam e desciam, também entulhados de sobreviventes. O navio parecia prestes a afundar.

- Meu Deus - murmurou Thorndyke. - Parece que está afundando.



O operador de rádio colocou o rosto fora da sala de comunicações.

- Senhor, consegui contato com o navio americano.

- Ligue o alto-falante.

Em segundos uma voz ecoou nos amplificadores.

- Alô, capitão e tripulação do cargueiro. Vocês não podem imaginar nossa alegria ao vê-los.

- Aqui é o capitão Nevins. Estou falando com o capitão do navio?

- Não, o capitão Burch está na casa de máquinas examinando a água que está inundando o navio.

- Então quem é você?

- Dirk Pitt, diretor de Projetos Especiais da Agência Nacional de Marinha e Subaquática.

- Qual é a sua condição? Vocês parecem estar afundando.

- Estamos próximos disso - Pitt respondeu com sinceridade. - Danificamos algumas placas do casco quando nos amarramos à popa do navio de cruzeiro para resgatar sua tripulação e passageiros. Está entrando mais água do que conseguimos pôr para fora.

- Quantos sobreviventes vocês têm a bordo? - perguntou Nevins, ainda surpreso com a quantidade de pessoas lutando no convés de serviço para não serem engolfadas pelas ondas.

Alguns perto de 1.900, e mais uns cem nos botes.

- Meu Deus! - A voz de Nevins falou devagar, perplexa, quase um sussurro. - Você está me dizendo que resgatou 2 mil sobreviventes?

- Isso aí, talvez 50 mais ou 50 menos.

- E em que lugares você conseguiu colocar tanta gente?

- Você vai precisar vir aqui e descobrir - respondeu Pitt.

- Agora dá para entender por que você parece um ganso que engoliu uma barra de levantar peso - Nevins disse com admiração.

- E ainda há mais uns 500 tripulantes e passageiros esperando para serem salvos na extremidade da proa do navio de cruzeiro. Nós simplesmente não tínhamos como abrigá-los sem colocar todo o mundo em risco.

- Alguma chance de serem queimados?

- Estamos em contato com a tripulação e eles informam que não estão em perigo imediato - explicou Pitt. - Respeitosamente sugiro, capitão, que nossa primeira prioridade seja transportar o maior número possível de pessoas do nosso navio para o seu, enquanto estamos flutuando. Ficaria muito agradecido se o capitão pudesse receber os que estão nos botes salva-vidas primeiro. Eles estão sofrendo muito.

- Faremos isso, sem dúvida. Vou descer meus botes salva-vidas e começar a fazer o transbordo dos seus passageiros. Certamente temos mais espaço para eles aqui. Quando os seus botes salva-vidas estiverem vazios, eles poderão resgatar os que estão na proa do navio, que poderão descer pelas cordas.

- Nesta altura, ninguém desce melhor pelas cordas do que nós.

- Então é melhor começar.

Pitt acrescentou:

- Acredite-me, capitão Nevins, o senhor nunca saberá a bênção que foi sua chegada neste momento.

- Ainda bem que estávamos por perto.

Nevins virou-se para Thorndyke, que olhava tudo com incredulidade.

- É um milagre eles terem conseguido colocar tanta gente num navio tão pequeno.

- É um milagre, sim - murmurou Thorndyke, igualmente perplexo. - E falando como Churchill, nunca tantos foram salvos por tão poucos.

KELLY SENTOU-SE NO CHÃO, EM UM DOS compartimentos de carga do *Deep Encounter*, os joelhos encostados no queixo. Sentia-se como se tivesse sido transportada para o Buraco Negro de Calcutá. Sobreviventes estavam tão imprensados no pequeno compartimento que somente as mulheres podiam se sentar. Os homens ficavam de pé. Ninguém pareceu prestar atenção quando ela colocou a cabeça entre as mãos e chorou. Sentia uma imensa dor pela morte do pai. Ter visto o pai morrendo, a uma distância tão pequena, deixara-a com uma dor constante e uma profunda tristeza.

Por que isso tinha acontecido? Quem era o homem ruivo e por que ele tinha lutado com seu pai? E quem era o oficial negro? Por que ele não tinha evitado o ataque, em vez de ajudar o agressor? Eles pareciam estar atrás da pasta de seu pai. Ela olhou para a pasta, com manchas da água salgada, que ainda mantinha firmemente presa ao peito, imaginando por que seu conteúdo era tão importante, a ponto de seu pai ter morrido por ele.

Lutou contra a exaustão e forçou-se a ficar acordada, no caso de o ruivo reaparecer e tentar tirar-lhe a pasta. Mas o ambiente morno e úmido, provocado por tanta gente tão próxima, e o insuficiente ar-condicionado, que fazia tanta diferença quanto um cubo de gelo num forno, combinaram-se para fazê-la sonolenta e cansada, e finalmente ela imergiu num sono agitado e entrecortado. Acordou de repente, ainda sentada no chão, com as costas contra um armário, mas não havia mais ninguém. Uma mulher, que tinha se apresentado anteriormente como uma das biólogas marinhas, inclinava-se sobre ela, e gentilmente afastava um pouco de seus cabelos que cobriam os olhos, carinhosamente como se ela fosse uma criança. O rosto e os olhos da mulher estavam cansados e avermelhados, mas seu sorriso era afável.

- Hora de irmos embora - ela disse, baixo. - Um cargueiro britânico chegou e estamos transferindo todo o mundo.

- Muito obrigado a você e à tripulação, e especialmente ao homem que se jogou na água para me salvar de morrer afogada.

- Não sei quem foi - disse a mulher, ruiva e bonita, com olhos castanhos.

- Eu posso ficar a bordo deste navio? - perguntou Kelly.

- Lamento que não. Está entrando água no navio, e não sabemos se vamos poder continuar flutuando com esta tempestade. - Ajudou Kelly a se pôr de pé. - É

melhor você se apressar, senão vai perder seu barco.

A mulher saiu do compartimento de carga para orientar outros passageiros, a fim de que pudessem ir para os botes salva-vidas do cargueiro. Sozinha, Kelly ficou de pé, embora sentindo muito cansaço, as costas doendo de ficar sentada no chão. Já estava quase na porta de passagem quando foi, de repente, impedida de prosseguir por um homem forte. Ela hesitou, olhou para o homem e viu-se fitando o rosto impassível do homem ruivo que tinha lutado com seu pai no navio de cruzeiro. Ele entrou no compartimento e vagarosamente fechou a porta atrás de si.

- O que você quer? - ela murmurou, temerosa.

- A pasta de seu pai - ele respondeu, numa voz profunda e calma. - Você não vai sofrer nada se me entregar a pasta. Se não, vou ter que matar você.

Kelly sentiu, nos olhos frios e impassíveis, que ele falava sério. E sentiu mais: o homem iria matá-la, quer ela entregasse a pasta ou não.

- Os papéis de meu pai? O que você quer com eles?

Ele balançou os ombros.

- Eu, nada. Fui apenas contratado. Minha tarefa é entregar a pasta e seu conteúdo, só isso.

- Entregar a quem...?

- Isso não importa - ele disse, sua voz ficando impaciente.

- Você vai atirar em mim? - Kelly perguntou, lutando desesperadamente por cada segundo de sua vida.

- Não uso armas, nem facas. - Mostrou as mãos, imensas e cheias de calos, e sorriu. - Só preciso disso.

Kelly sentiu o pânico como uma facada, e foi se afastando do homem, que se moveu em direção a ela, os lábios semi-cerrados mostrando um sorriso antegozando o prazer da morte. Seus olhos tinham o brilho de satisfação do animal que tem a presa acuada e sem defesa. O pânico de Kelly virou terror, o coração aos pulos, a respiração em sobressaltos. Suas pernas bambearam e ela cambaleou, os cabelos caíram sobre os olhos e o rosto, e as lágrimas começaram a escorrer.

O homem estendeu os braços, as mãos como garras, e agarrou-a. Kelly gritou, um grito alto que reverberou no pequeno compartimento de paredes de aço. Ela conseguiu se livrar e se afastou. Era como se ele a tivesse deliberadamente soltado, para brincar com ela, como um gato brinca com um camundongo antes de devorá-lo. Incapaz de resistir, Kelly começou a sentir-se zozna, e abateu-se sobre o chão, agachando-se num dos cantos, tremendo incontrolavelmente.

Ela só conseguia fitar o homem, os olhos azuis estatelados, ao vê-lo se aproximar vagarosamente. Ele se inclinou, pegou-a nos braços e a levantou sem nenhum esforço. A expressão fria e assassina tinha sido substituída por outra, de puro desejo sexual. Prensou seus lábios contra os dela. Kelly tentou gritar novamente, mas tudo o que conseguiu foram soluços abafados. Então o homem afastou seu rosto e sorriu.

- Pode gritar o quanto você quiser - disse numa voz dura e indiferente. - Ninguém pode ouvir os seus gritos com esta tempestade. Gosto quando a mulher grita. Me excita mais.

Levantou-a do chão como se ela não fosse mais pesada do que um manequim de espuma. Então colocou-a contra uma das estruturas de aço, e suas mãos começaram a alisar seu corpo, com aspereza e sofreguidão, a ponto de irritar sua pele. Paralisada pelo terror, Kelly deixou o corpo afrouxar, e pediu:

- Por favor, você está me machucando.

As imensas mãos do homem foram para o pescoço de Kelly, e se fecharam.

- Prometo - disse, com a emoção de um bloco de gelo -, que a morte será rápida e sem dor.

Começaram a apertar as mãos, e uma nuvem negra invadiu os olhos de Kelly.

- Não, pelo amor de Deus - implorou, a voz ficando cada vez mais um suspiro rascante.

- Bons sonhos, minha querida.

Então uma voz atrás dele disse.

- Sua técnica de conquista de uma mulher deixa muito a desejar.

O homem ruivo largou a garganta de Kelly e virou-se, num movimento rápido como o de um gato. Uma figura estava na porta, meio encoberta, com a mão estendida na maçaneta, o rosto escuro e aparecendo em silhueta, por causa da luz que vinha do corredor atrás dele. Instantaneamente o assassino tomou uma posição marcial, as mãos em posição de ataque, e lançou-se contra o intruso, com o pé levantado.

Sem que Kelly e o assassino percebessem, Pitt tinha ouvido os gritos e silenciosamente aberto a porta, observando tudo por segundos, pensando na maneira de agir. Não havia tempo de procurar ajuda. A moça estaria morta antes que alguém pudesse chegar para ajudá-lo. Imediatamente ele percebeu que o homem ruivo era um perigoso assassino, acostumado a matar. Homens como este tinham que ter uma razão concreta para matar uma mulher indefesa a sangue frio. Pitt preparou-se para o ataque que sabia que viria.

Num rápido movimento ele afastou-se da porta, recuando para o corredor, no mesmo instante em que a perna e o pé do assassino cortavam o ar. O golpe passou a centímetros da cabeça de Pitt e atingiu o batente da porta. O tornozelo se rompeu, numa fratura visível, e audível.

Qualquer outro homem teria urrado de dor, mas não este, músculos treinados para ignorar a dor. O assassino olhou para um lado e outro do corredor, certificando-se de que Pitt estava só, sem ninguém a ajudá-lo, e então moveu-se para a frente, mãos e braços estendidos e movendo-se ritmicamente em posição marcial. E lançou-se novamente sobre Pitt, as mãos cortando o ar como machados.

Pitt permaneceu estático, fingindo medo, até o último microssegundo. Então atirou-se no chão e rolou em direção ao assassino, pegando-o de surpresa e sem equilíbrio, fazendo-o tropeçar e cair. Sem perder um décimo de segundo, Pitt atirou-se sobre o homem, usando todo o seu peso ao forçar o joelho contra as suas costas, ao mesmo tempo que batia com as duas mãos em concha contra os seus ouvidos.

Os tímpanos do homem se romperam como se um furador de gelo tivesse atravessado sua cabeça de um lado para o outro. O assassino deu um urro de dor e torceu-se, empurrando Pitt violentamente contra uma porta fechada. Pitt ficou perplexo com a força brutal do homem e sua resistência à dor. Acocorado, ergueu-se e lançou os dois pés, não contra a virilha do assassino, mas contra seu tornozelo fraturado.

O homem não gritou dessa vez, emitiu um som parecido com um rosnado meio sibilante, por entre os dentes, o rosto contorcido numa expressão feroz de dor, os olhos latejando. Ele tinha sido ferido, realmente ferido. Mas ainda era o agressor, e continuou o avanço contra Pitt, arrastando o pé retorcido. Mas alterando sua estratégia, procurou estudar um melhor ataque.

Pitt não precisou de um segundo para perceber que não era páreo para o assassino altamente treinado, cujo corpo era como uma esfera de demolição.

Recuou, sabendo que sua única vantagem era trabalhar rápido com os pés, agora que seu adversário só tinha uma perna em condições, o que eliminava a possibilidade de um chute na cabeça.

Pitt nunca tinha tomado lições de artes marciais em sua vida. Tinha lutado boxe durante os anos na Academia da Força Aérea, mas as suas vitórias normalmente se equiparavam às derrotas. Tinha aprendido as táticas de brigas generalizadas depois de sobreviver a várias arruaças de bares. A lição número um, que tinha aprendido cedo, era nunca lutar de perto com os punhos, mas lutar com o cérebro, e com qualquer objeto que pudesse atirar, arremessar ou girar contra o adversário - uma garrafa, uma cadeira ou coisas do gênero. A taxa de vencedores sem ferimentos era muito maior entre os que lutavam de fora para dentro.

De repente Kelly apareceu na porta atrás do assassino. Agarrava a pasta de couro como se ela tivesse nascido em seu peito. O homem ruivo estava tão atento a Pitt que não percebeu sua presença.

Pitt viu aí uma oportunidade.

- Corra - gritou para Kelly. - Suba a escada e vá para o convés.

O assassino hesitou, incerto sobre se Pitt estava blefando. Mas era um verdadeiro profissional, que estudava suas vítimas. Ele viu o mínimo movimento de olhos de Pitt, e girou o corpo no momento em que Kelly corria para a escada em direção ao convés ao ar livre. Sabendo que seu alvo principal era a moça, foi atrás dela, meio correndo e meio mancando, lutando contra a dor que sentia no tornozelo fraturado.

Foi o movimento que Pitt esperava.

Agora era a sua vez de atacar. Saltou para a frente e pulou sobre as costas do assassino, como numa jogada de futebol americano, usando toda a sua força para cair sobre o corpo do homem ruivo, arremessando seu rosto e cabeça contra o chão.

Pitt ouviu a cabeça do assassino atingir o fino carpete sobre o chão de aço, com um barulho surdo e um estalido, e sentiu seu corpo ficar frouxo.

Se não foi uma fratura de crânio, foi uma concussão, pensou. Por um momento Pitt ficou sobre o homem, respirando pesadamente e esperando seu coração voltar ao normal. Piscou os olhos ao sentir um filete de suor penetrar neles, e os limpou com a manga do casaco.

Foi então que percebeu que a cabeça do assassino estava contorcida de uma forma anormal, e os olhos estavam abertos, mas sem ver.

Pitt inclinou-se e colocou os dedos sobre a veia jugular. Não havia nenhum sinal de pulsação. O assassino estava morto. Deve ter atingido o chão num ângulo que provocou fratura no pescoço, Pitt concluiu. Sentou-se no chão e recostou-se contra a porta fechada do compartimento onde eram guardadas as baterias, e pensou no que tinha acontecido. Nada fazia sentido. O que Pitt sabia com certeza é que tinha acidentalmente chegado à cena de uma tentativa de assassinato de uma moça que ele tinha salvo de morrer afogada. E agora ele estava sentado lá, olhando para um homem totalmente estranho e que ele tinha acidentalmente matado. Pitt olhou nos olhos sem vida do homem e murmurou para si mesmo:

- Estou tão mal quanto você.

Então pensou na mulher.

Pitt levantou-se, deu um passo sobre o corpo do homem morto e subiu correndo as escadas para o convés externo. O convés de serviço estava superlotado de sobreviventes segurando cordas de segurança estendidas pela tripulação do *Deep Encounter*. Estavam de pé, sem reclamar da chuva que atingia suas cabeças e

ombros com rajadas, enquanto a fila avançava, e subiam nos botes salva-vidas do *Earl of Wattlesfield*, e daí até o cargueiro.

Pitt correu para a fila, procurando a mulher com a pasta de couro, mas ela não estava entre os que desciam pelas cordas. Parecia que tinha desaparecido. Procurou nos botes salva-vidas e concluiu que não tinha deixado o *Deep Encounter*. Ela ainda devia estar a bordo.

Tinha que encontrá-la. Se não, como poderia explicar o homem morto ao capitão Burch? Ou como poderia descobrir o que estava acontecendo?

As COISAS FINALMENTE COMEÇARAM a melhorar para o *Deep Encounter*. No final da tarde, todos os sobreviventes tinham sido transferidos do *Emerald Dolphin* para o *Earl of Wattlesfield*, com exceção de dez que estavam muito feridos para serem removidos, e de mais uns cem. Livre da superlotação de feridos a bordo, o danificado navio de pesquisa subiu 1 metro na linha da água. A tripulação pôde então trabalhar no escoramento das placas mais danificadas, o que reduziu a entrada de água e permitiu às bombas de sucção ir reduzindo a inundação.

A fragata australiana, transportando mísseis teleguiados, chegou e colocou seus botes salva-vidas na operação de transferência, recolhendo os sobreviventes que eventualmente caíam das cordas na água e substituindo a exausta tripulação do *Deep Encounter*. Para ajudar mais, a tempestade tinha passado tão rapidamente quanto tinha vindo, e o mar se acalmou.

McFerrin foi o último homem a deixar o navio de pesquisa. Antes de subir nos botes salva-vidas do cargueiro, fez questão de agradecer pessoalmente a toda a tripulação e aos cientistas.

- O trabalho de vocês, salvando tantas pessoas, irá para os anais da história marítima - disse-lhes, não sem um certo embaraço da parte deles.

- Lamento que não tenhamos podido salvar todos - disse Burch calmamente.

- O que vocês fizeram foi quase um milagre. - E colocando as mãos cheias de bandagem nos ombros de Pitt, McFerrin acrescentou: - Dirk, foi um privilégio. Seu nome será sempre pronunciado com honra na casa de McFerrin. Sinceramente espero que voltemos a nos encontrar.

- Será melhor - disse Pitt rindo. - Eu ainda lhe devo uma garrafa de uísque.

- Adeus, senhoras e senhores da NUMA. Deus abençoe a todos.

- Adeus, Charles. Nenhum de nós é melhor do que você.

McFerrin subiu no bote salva-vidas do *Earl of Wattlesfield* e fez uma saudação final enquanto o bote se distanciava.

- E agora? - Pitt perguntou a Burch.

- Primeiro, precisamos resgatar os submersíveis, ou o almirante Sandecker vai nos degolar nas escadas do Capitólio - disse, referindo-se ao diretor-geral da NUMA. - Depois rumaremos para Wellington, o mais próximo porto com estaleiros e uma doca seca para reparar nossos danos.



- Não será uma grande perda se não conseguirmos encontrar o *Ancient Mariner*, que já trabalhou demais e se pagou várias vezes, mas o *Abyss Navigator* é de última geração, acabou de sair da fábrica e custou US\$ 11 milhões. Não podemos perdê-lo.

- Nós o encontraremos. O sinal do radar está chegando claro e forte.

Ele quase tinha que gritar para ser ouvido acima do barulho que vinha do céu. Aviões vindos da Nova Zelândia, Tonga, Fidji e Samoa enxameavam o ar acima do navio, muitos deles fretados pela mídia internacional, cobrindo o que ficaria sendo conhecido como a mais impressionante operação de resgate da história marítima. As comunicações de todos os três navios ficaram inundadas de mensagens vindas de governos, parentes ansiosos dos sobreviventes, executivos da Blue Seas Cruise Lines e representantes das seguradoras que tinham feito os seguros do *Emerald Dolphin*. O tráfego de rádio era tão intenso que todas as comunicações entre os três navios de resgate eram conduzidas por meio de rádios de comunicação ou por bandeirolas de sinalização.

Burch suspirou enquanto relaxava na cadeira elevada da ponte de comando, acendeu o charuto e sorriu levemente.

- Você acha que o almirante vai estrilar quando souber o que fizemos com seu navio de pesquisa?

- Nestas circunstâncias, acho que o velho lobo-do-mar vai usar toda a publicidade que ele puder tirar da história.

- Você já pensou em como vai explicar o corpo estendido lá embaixo para as autoridades?

- Só posso contar o que sei.

- É uma pena que a garota não possa ser sua testemunha.

- Não posso acreditar que perdi a pista dela durante a retirada.

- Na verdade, seu problema está resolvido - disse Burch, com um sorriso malicioso.

Pitt fitou o capitão por um longo momento.

- Resolvido?

- Gosto de comandar um navio arrumado e limpo - explicou Burch. - Eu pessoalmente atirei o meu amigo na água. Ele se juntou aos pobres-diabos que morreram durante a tragédia. No que me diz respeito, o assunto está encerrado.

- Comandante, você é legal. Não me importa o que digam sobre você.

O insistente radioperador veio da sala de comunicações.

- Senhor, uma mensagem do capitão Harlow, da fragata australiana. Se o senhor quiser partir ele vai ficar de prontidão para resgatar os corpos e permanecer com o navio de cruzeiro até que rebocadores cheguem e o levem para o seu porto.

- Confirme e envie minha gratidão ao capitão e sua tripulação por seu inestimável socorro.

Um minuto depois o operador retornou.

- O capitão Harlow lhe deseja boa viagem e mares calmos.

- Acho que é a primeira vez na história que uma fragata de mísseis teleguiados recebeu 500 passageiros - disse Pitt.

- Acho que sim - respondeu Burch devagar, ao mesmo tempo que se virava e olhava o queimado leviatã.

A chuva forte tinha feito pouco efeito no fogo. As chamas ainda tremulavam e a fumaça ainda subia em espirais para o céu. Exceto por um pequeno espaço na proa, todo o navio estava chamuscado e cheio de marcas escuras. As placas de aço estavam dobradas, e sua super-estrutura não era mais do que um labirinto de paredes chamuscadas, retorcidas e encurvadas. Nada orgânico tinha sobrado.

Tudo o que podia queimar fora reduzido a pilhas de cinzas. O navio de cruzeiro fora construído para nunca sofrer um incêndio, segundo seus arquitetos. Materiais cuja função era retardar a ação do fogo tinham sido usados em toda parte. Mas os arquitetos não contavam com a dinâmica do calor, que se irradiou e transformou-se numa onda ígnea capaz de derreter metal.

- Mais um dos grandes mistérios do mar - disse Pitt, com a voz distante.

- Incêndios em navios ocorrem com uma frequência alarmante em todo o mundo, todos os anos - Burch disse com se estivesse fazendo uma conferência. - Mas nunca ouvi falar de um tão fora da compreensão quanto o fogo a bordo do ***Emerald Dolphin***. Nenhum fogo, num navio tão grande, deveria se alastrar tão rapidamente.

- O segundo-oficial McFerrin sugeriu que o fogo ficou fora de controle porque os sistemas de controle e de alarme não funcionaram.

- Um ato de vingança, você acha?

Pitt concordou com a cabeça, olhando para o imenso casco incandescente.

- É um desafio à lógica esta série de infelizes circunstâncias.

- Capitão - o radiopador interrompeu de novo. - O capitão Nevins, do ***Earld of Wattlesfield***, quer falar com o senhor.

- Ponha-o no alto-falante.

- Prossiga, senhor.

- Aqui é o capitão Burch.

- Aqui o capitão Nevins. Se os amigos pretendem ir para Wellington, terei muito prazer em acompanhá-los no caminho. E o porto mais próximo onde desembarcar os sobreviventes.

- É muita gentileza sua, capitão - retrucou Burch. - Aceito sua oferta. Também pretendemos ir para Wellington. Espero não atrasar muito vocês.

- Não seria nada bom para os heróis e as heroínas do resgate afundar ao longo do caminho.

- Nossas bombas estão conseguindo diminuir a inundação. Se não acontecer um grande tufão, devemos chegar a Wellington sem muitos problemas.

- Tão logo vocês se ponham a caminho nós os seguiremos.

- Como vocês estão se arrumando com 1.800 pessoas em seu navio? - perguntou Pitt.

- Colocamos a maior parte em dois compartimentos de carga vazios. O resto está espalhado, alguns em contêineres meio vazios. Temos comida suficiente na despensa para uma refeição apropriada. Depois disso, inclusive minha tripulação e eu, ficaremos numa rígida dieta até chegarmos a Wellington. - Nevins fez uma pausa. - Ah, claro, se vocês passarem entre meu navio e a fragata australiana, gostaríamos de lhes dar uma despedida. Câmbio e desligando.

Burch ficou intrigado.

- Uma despedida?

- Talvez eles queiram nos dar adeus e jogar serpentina.

Burch pegou o telefone do navio.

- Chefe, você está pronto e preparado para fazer esta beleza navegar?

- Vou conseguir 8 nós, nenhum a mais - respondeu House. - Qualquer coisa a mais e ela vai afundar como um balde furado.

- Oito nós, então.

Para a tripulação e os cientistas da NUMA, rostos marcados pelo cansaço e pelas 12 horas de esforço ininterrupto, era uma provação ficar de pé, mas de pé eles ficaram, empertigados e orgulhosos, em forma no convés de trabalho. A

tripulação ficou numa extremidade, enquanto os cientistas, homens e mulheres misturados, ficaram na extremidade oposta. Todos estavam lá. Burch insistiu em que toda a tripulação da casa de máquinas participasse. O engenheiro-chefe House hesitou em deixar as bombas trabalhando sozinhas, mas o capitão não abriu mão. Apenas o timoneiro ficou sozinho na casa do leme, guiando o navio de pesquisa entre o *Earl of Wattlesfield* e a fragata australiana, que estavam separados entre si por não mais de 200 metros.

O pequeno navio de pesquisa parecia uma miniatura entre os dois navios muito maiores, mas navegava orgulhoso, com a bandeira da NUMA tremulando no mastro do radar e uma grande bandeira americana hasteada no mastro da popa. Pitt e Burch, de pé um ao lado do outro, se entreolharam, surpresos de ver a tripulação da fragata se reunindo como para uma parada militar. E então, de repente, quando o *Deep Encounter* penetrou no espaço entre os dois navios, o silêncio do ar tropical foi cortado pelo som das sirenes e pela ovação dos mais de 2 mil sobreviventes junto às amuradas do cargueiro e da fragata. Um enorme barulho avançou sobre a água. Homens, mulheres e crianças acenavam freneticamente e gritavam palavras que não eram ouvidas por causa do barulho. Revistas e jornais rasgados eram jogados no ar, como confete. Naquele momento finalmente todos a bordo do *Deep Encounter* perceberam a grandeza do feito de que tinham sido capazes.

Tinham ido muito além do resgate de mais de 2 mil pessoas; tinham provado que estavam dispostos a sacrificar suas vidas para salvar outras. Então as lágrimas escorreram, sem vergonha, dos olhos de cada um.

Vários minutos depois, os homens e as mulheres do navio de pesquisa não conseguiram explicar direito o que tinha acontecido. Estavam muito tocados para absorver completamente a homenagem. Mesmo o tremendo esforço do resgate parecia um sonho cheio de pesadelos e distante. Jamais esqueceriam, mas não tinham palavras para descrever o que sentiam.

Então, quase ao mesmo tempo, cada um virou-se e fitou pela última vez o que restava de um navio que, 24 horas antes, tinha sido um dos mais luxuosos e bonitos jamais lançados ao mar. Pitt olhou também. Nenhum homem do mar gosta de ver um navio morrer tão dramaticamente. Ele não podia evitar, mas continuava pensando em quem poderia ser o responsável por um ato tão terrível. E qual tinha sido o motivo?

- Quer apostar que sei no que está pensando? - perguntou Burch.

Pitt olhou para ele sem expressão.

- No que estou pensando?

- Aposto meu braço direito que a curiosidade o está matando.

- Não entendo você.

- É a mesma pergunta que está na mente de todos - Burch explicou. - Que motivo algum louco teria para matar 2.500 pessoas, homens, mulheres e crianças indefesas?

- Tão logo o navio de cruzeiro seja rebocado para o porto de Sidney o pessoal da companhia de seguro vai examinar todas as cinzas e vai encontrar a resposta.

- Só que eles não terão muito o que examinar.

- Não os subestime - disse Burch. - Este pessoal é muito bom. Se alguém pode encontrar pistas, serão eles.

Pitt virou-se e sorriu para Burch.

- Espero que você esteja certo, comandante. Ainda bem que este problema não é meu.

Mas no final da semana Pitt ficaria sabendo que estava enganado. Nunca poderia

imaginar que ele seria chamado para desvendar o mistério.

O PRIMEIRO REBOCADOR A ALCANÇAR o *Emerald Dolphin* foi o *Audacious*, da Quest Marine Offshore Company. Com 60 metros de comprimento, com uma boca de 20 metros, era um dos maiores rebocadores em operação no mundo. Seus dois motores a diesel geravam uma potência de 9.800 cavalos que faziam girar suas unidades de propulsão. Como estava estacionado em Wellington, o porto mais próximo, venceu a corrida contra outros dois rebocadores que estavam em Brisbane.

O capitão do *Audacious* usara de toda a sua força, como um robusto galgo atrás de um coelho, utilizando as informações, sempre atualizadas, fornecidas pela fragata australiana. Tinha mantido rígido silêncio durante a corrida pelo Pacífico, uma estratégia rotineira entre os capitães dos rebocadores lutando pelos mesmos destroços, pois o vencedor da corrida obtinha da seguradora Lloyds a licença para retirar do navio o que ainda tinha valor e 25% do que pudesse ser conseguido com o casco.

Agora que o capitão Jock McDermott já podia ver o navio ainda incandescente e a fragata australiana, fez contato com os executivos da Blue Seas Cruise Lines, os quais, após quase meia hora de negociações, aceitaram o contrato na base do "sem compromisso", indicando a Quest como a principal beneficiária do que ainda restava do *Emerald Dolphin*.

Aproximando-se do navio de cruzeiro, que ainda brilhava num tom avermelhado, McDermott e sua tripulação ficaram chocados com a devastação. Uma pilha de entulho carbonizado flutuando num mar agitado era tudo o que sobrara do outrora imponente navio de cruzeiro. Parecia mais uma foto de Hiroshima depois da horrenda destruição provocada pela bomba atômica: calcinado, deformado e enrugado.

- Só vale pelo desmanche - disse, falando depressa, o primeiro-oficial Herm Brown, um ex-jogador profissional de rúgbi que tinha virado marinheiro por causa de contusões nos joelhos. Tinha uma cabeleira comprida e alourada, as pernas gordas aparecendo debaixo das bermudas, o peito cabeludo visível através de uma camisa desabotoada e esticada pelos ombros fortes.

McDermott abaixou os óculos sobre o nariz e olhou por sobre eles. Era um escocês de cabelos cor de areia, nariz estreito e adunco, olhos cinzentos, que tinha passado 20 anos em rebocadores navegando por todos os mares. Não fosse pelo

queixo projetado, e pelos olhos que pareciam focalizar como dois raios de luz, ele poderia passar por Bob Crachit, o contador de Scrooge.

- Os diretores da companhia não vão ficar satisfeitos com este serviço, tenho certeza. Nunca pensei que um navio desse tamanho pudesse queimar e virar um monte de fuligem.

O telefone do navio tocou e McDermott pegou o fone.

- Capitão do rebocador, aqui é o capitão Harlow, da fragata a bombordo. Com quem estou falando?

- Com o capitão Jock McDermott, do *Audacious*, rebocador da Quest Marine Offshore Company.

- Agora que o senhor chegou, capitão McDermott, posso deixar meu posto e seguir para Wellington. Tenho 500 sobreviventes a bordo que estão ansiosos por colocar o pé em terra firme novamente.

- O senhor deve estar tendo um grande trabalho, capitão - respondeu McDermott.

- Fico surpreso pelo senhor não ter partido há dois dias.

- Estivemos ocupados em resgatar os corpos das vítimas do transatlântico que morreram na água. Também fui solicitado pela Comissão Marítima Internacional a ficar por aqui e informar a posição dos destroços, pois eles foram classificados como uma ameaça à navegação.

- O navio não parece mais um navio.

- Uma pena - disse Harlow. - Ele era um dos mais imponentes navios que já existiram. - Então acrescentou: - Há alguma coisa que podemos fazer para facilitar sua tarefa de rebocá-lo?

- Não, obrigado - disse McDermott. - Nós nos viramos.

- Ele parece estar em péssimo estado. Espero que flutue até você poder chegar a um porto.

- Sem saber o quanto o casco foi afetado pelo calor não posso dizer nada.

- O incêndio, que consumiu quase tudo, aliviou muito o peso. Com isso o rebocamento não deverá ser difícil.

- Nenhum rebocamento é fácil, capitão. Prepare-se para um comitê de recepção e centenas de repórteres quando chegar a Wellington.

- Não posso me demorar mais - Harlow respondeu secamente. - Boa sorte para você.

McDermott virou-se para o primeiro-tenente Arle Brown.

- Bem, é melhor irmos trabalhar.

- Pelo menos o mar acalmou-se - disse Brown, concordando através do vidro da ponte de comando.

McDermott fitou os destroços por vários segundos.

- Acho que um mar calmo é só o que temos de bom à nossa espera.

McDermott não perdeu tempo. Depois de circundar o navio abandonado e vendo que o timão parecia estar na posição de zero grau, trouxe o *Audacious* para uns 60 metros da proa do ***Emerald Dolphin***. Ele desejava ardentemente que o timão estivesse fixo na posição. Se ele se movesse, o casco se romperia e cairia para um lado, tornando seu controle impossível.

A lancha motorizada do rebocador foi descida até a água. Brown e quatro tripulantes se dirigiram até debaixo da proa do navio, que pendia solta no ar. Apareceram visitantes. As águas em redor do casco estavam cheias de tubarões. Pelo instinto sabiam que se o navio afundasse apareceria muita comida flutuando.

Subir a bordo do casco não ia ser tarefa fácil. Ainda estava muito quente para subir pela parte do meio. A melhor opção era a proa, que ficara fora do ponto

culminante do fogo. Havia pelo menos umas 30 cordas penduradas na amurada, e duas delas eram escadas de corda com degraus de madeira. O timoneiro colocou a lancha debaixo de uma das escadas, mantendo a proa contra as ondas para manter melhor a posição.

Brown foi o primeiro a subir. Com um olho atento aos tubarões, ele pôs os pés na beirada da lancha e equilibrou o corpo. Esticou os braços, agarrou a escada e a puxou para si. No momento em que uma onda elevou a lancha ele pisou num degrau da escada e subiu o mais rápido que pôde, gastando menos de três minutos. Quando chegou em cima agarrou a amurada e pulou para o convés. Em seguida balançou uma das cordas que os sobreviventes tinham jogado até que um tripulante na lancha pôde pegá-la. A corda foi então atada a uma outra que prendia a lancha ao rebocador.

Depois que os três tripulantes tinham subido a escada, a corda foi puxada para cima e passada em redor de um enorme suporte de amarração, cujos projetistas nunca poderiam supor que seria usado desta forma. Então a corda foi descida para um tripulante na lancha. Brown ficou observando a lancha enquanto ela retornava até o rebocador. A corda foi içada e amarrada à ponta de um cabo atado a um guincho. Antes que Brown desse o sinal para que o guincho fosse acionado, um tripulante passou graxa ao redor do suporte de amarração.

Sem energia no *Emerald Dolphin*, era uma tarefa difícil erguer o cabo de rebocamento de 20 centímetros de diâmetro, que pesava uma tonelada cada 30 metros. Usando o suporte de amarração como uma roldana, o guincho foi acionado e começou a puxar a corda esticada entre os dois navios, enrolando-a num tambor preso ao guincho. Um cabo de 5 centímetros de diâmetro atado a uma ponta da corda ia passando pelo suporte de amarração e retornava ao rebocador. A outra ponta desse cabo estava conectada ao cabo maior, que era então puxado até a proa do navio de cruzeiro e preso nas correntes da âncora, através de ganchos aparafusados, porque o transatlântico não tinha um cabrestante na extremidade da proa. Ele tinha sido montado num convés inferior, destruído pelo fogo.

— O cabo está preso - disse Brown para McDermott, pelo telefone portátil. - Estamos voltando.

— Entendido.

Normalmente, alguns tripulantes permaneceriam a bordo de um navio abandonado que estivesse sendo rebocado, mas sem saber ao certo em que extensão o fogo tinha comprometido o casco, os tripulantes consideraram perigoso continuar a bordo do *Emerald Dolphin*. Se ele abruptamente afundasse, poderiam não ter tempo suficiente para escapar, e seriam levados até o fundo.

Brown e seus homens desceram a escada até a lancha. Tão logo chegaram ao rebocador e subiram a bordo, McDermott deu ordem para avançar bem devagar. Brown, que estava operando o gigantesco guincho do rebocador, foi soltando o cabo até que o navio de cruzeiro ficou mais de 500 metros para trás. Então ele acionou o freio, a trava se soltou e o guincho assumiu todo o esforço, enquanto o *Audacious* começou a avançar metro a metro.

Todos no rebocador prenderam a respiração na expectativa de ver como o *Emerald Dolphin* ia se comportar. Vagarosamente, centímetro por centímetro, metro a metro, como um obediente elefante liderado por um camundongo, sua proa começou a sulcar a água. Ninguém se movia, ainda ansioso, mas o transatlântico tomou a direção da esteira do rebocador, e permaneceu lá. Ao verem o casco ainda incandescente navegar sem se partir, todos relaxaram.

Dez horas depois os poderosos motores do *Audacious* estavam rebocando o

enorme casco a uma velocidade de 2 nós. O fogo praticamente tinha se apagado. Umhas poucas centelhas ainda eram vistas entre os destroços. Não havia lua, e nuvens escuras cobriam o céu. A noite estava tão negra que era impossível distinguir onde terminava o oceano e começava o céu.

O poderoso holofote do rebocador estava focado no *Emerald Dolphin*, iluminando sua proa e a parte frontal da superestrutura. A tripulação ficava de vigia em turnos, para verificar se o navio estava preso e seguindo o rebocador. Depois da meia-noite foi o turno do cozinheiro. Ele se assentou no convés numa cadeira de dobrar que tinha trazido para bordo a fim de tomar um pouco de sol quando não estivesse ocupado na cozinha. A noite estava muito quente e úmida para um café, e então ele tomou diet Pepsi, as latas colocadas dentro de um pequeno balde com gelo. Com o refrigerante numa mão, ele acendeu um cigarro e esticou-se para trás, observando a grande massa que seguia o rebocador.

Duas horas depois ele estava acordado, mas com dificuldade, lutando contra a sonolência provocada por dez cigarros e três latas de Pepsi. O *Emerald Dolphin* ainda estava onde deveria estar. O cozinheiro levantou-se e virou a cabeça quando ouviu estrondos vindo do interior do casco. Pareceu-lhe um trovão, no horizonte, não um, mas uma série de estrondos, e separados por um número certo de segundos. Levantou ainda mais o corpo e apertou os olhos para ver melhor. Estava quase achando que tudo não passava de imaginação quando percebeu que alguma coisa mudara. O navio estava mais afundado na água.

O estibordo do navio de cruzeiro rompeu-se ligeiramente, antes de mover-se para trás em linha reta. Sob a luz do holofote, uma imensa massa de fumaça irrompeu dos destroços, vinda da parte central, antes de formar uma espiral em meio à escuridão, fora do fecho do holofote. Neste momento o terror tomou conta do rosto do cozinheiro.

O *Emerald Dolphin* estava afundando, e rapidamente.

Em estado de choque, o cozinheiro correu para a ponte de comando e gritou.

- O navio está afundando! Virgem Maria, ele está afundando!

McDermott ouviu os gritos e saiu imediatamente da sua cabine. Não perguntou nada ao cozinheiro. Um olhar foi o suficiente para ele entender que, se não cortasse o cabo de reboque, o navio levaria o *Audacious* e toda sua tripulação até o fundo do mar, uns 6.000 metros abaixo. Da mesma forma Brown percebeu o problema num relance. Os dois imediatamente correram para o gigantesco guincho.

Freneticamente tentaram soltar o freio, liberando o pesado cabo, olhando-o se desenrolar em direção ao mar, e passando rapidamente de uma posição horizontal para outra, quase vertical, à medida que o transatlântico ia afundando sua proa na água. O cabo grande que estava enrolado no barril, ao lado do guincho, começou a se desenrolar cada vez mais rápido. McDermott e Brown só podiam esperar que, quando o cabo finalmente se desenrolasse todo, sua ponta se desprenderia. Se não, o *Audacious* seria puxado para o fundo pela popa.

O navio incendiado estava afundando numa velocidade surpreendente. A proa já estava abaixo da linha da água. O navio afundava num ângulo de 15 graus, o que não era muito, mas mesmo assim o fazia rapidamente. O casco semi-destruído soltou um gemido horripilante quando as estruturas de suporte se contorceram em virtude do esforço. O leme e as grandes turbinas apareceram em cima da linha da água. A popa se ergueu alguns segundos, e depois seguiu devagar a proa para dentro do mar, cada vez mais rápido, até que todo o navio sumiu de vista, deixando apenas bolhas de ar sobre o mar.

Um pouco de cabo ainda ficou preso ao eixo, e de repente ele ficou esticado e a



popa do rebocador inclinou-se para baixo, elevando a proa acima da linha da água. Todos os homens a bordo se retesaram de ansiedade, olhando o barril ao lado do guincho, vendo a morte se aproximar. Então o barril girou pela última vez, quando todo o cabo foi puxado para baixo. O drama tinha atingido o clímax. Ouviu-se então um som agudo, e a ponta do cabo se soltou do barril e sumiu de vista dentro do mar. Liberto da força exercida pelo cabo, a proa do rebocador desceu batendo com força, e sua quilha o fez girar um pouco, para a frente e para trás, até que se endireitou. A tripulação assistiu a tudo em absoluto silêncio, sentindo a morte muito perto.

Finalmente, Brown falou em voz baixa, depois que o trauma dos últimos minutos tinha passado.

- Nunca pensei que um navio pudesse afundar num piscar de olhos.

- Nem eu - McDermott concordou. - Foi como se todo o fundo do navio se abrisse de uma vez.

- E lá se foi um cabo no valor de um milhão de libras. Os diretores da companhia não vão ficar muito satisfeitos.

- Não pudemos fazer nada. Tudo aconteceu muito depressa. - Então McDermott fez uma pausa e levantou a mão. - Ouçam - disse repentinamente.

Todos olharam para o lugar do naufrágio do ***Emerald Dolphin***. Vinda de dentro da noite, uma voz gritava "Socorro".

O primeiro pensamento de McDermott foi que um dos tripulantes tivesse caído na água durante os momentos de expectativa, mas um rápido olhar pelo convés mostrou que todos estavam ali. Ouviu-se novamente o grito, só que desta vez mais fraco e quase imperceptível.

- Há alguém lá - disse o cozinheiro, apontando na direção da voz.

Brown correu para o holofote, girou-o e focou a água. O rosto negro de um homem quase não podia ser visto contra a escuridão do mar a menos de 50 metros da popa.

- Você consegue nadar até o barco? - Brown gritou.

Não houve resposta, mas o homem não parecia exausto. Ele nadou com energia em direção ao rebocador.

- Atirem uma corda para ele - Brown ordenou a um tripulante - e o tragam para cima antes que apareça algum tubarão.

Uma corda foi lançada sobre a amurada. O homem agarrou-a, e dois tripulantes o puxaram para bordo.

- Ele é um aborígene - disse Brown, um verdadeiro australiano.

- Não parece, com o cabelo encaracolado. Parece mais um africano - disse McDermott.

- Ele está usando o uniforme de oficial do navio.

Sem imaginar ver um sobrevivente a esta altura dos acontecimentos, McDermott fitou o homem interrogativamente.

- Posso perguntar de onde você veio?

O estranho abriu um amplo sorriso.

- Pensei que isto fosse óbvio. Eu sou, ou melhor, fui, o oficial encarregado dos contatos com os passageiros do ***Emerald Dolphin***.

- E como foi que você permaneceu a bordo depois que todos os sobreviventes foram resgatados? - perguntou Brown. Ele não entendia por que o homem não tinha ferimentos, e, a não ser pelo uniforme encharcado, parecia não ter tido uma experiência ruim.

- Caí e bati a cabeça ao ajudar passageiros a abandonarem o navio e irem para o navio de pesquisa. Todos devem ter pensado que eu estava morto e me deixaram

de lado. Quando voltei a mim, você já estava rebocando o navio.

- Você deve ter ficado inconsciente a maior parte das 24 horas - disse McDermott, meio cético.

- É verdade.

- Parece inacreditável que não tenha se queimado e morrido.

- Tive realmente muita sorte. Cai numa escada interna que escapou do fogo.

- Você fala com um sotaque americano.

- Sou da Califórnia.

- E qual é o seu nome? - perguntou Brown.

- Sherman Nance.

- Muito bem, sr. Nance - disse McDermott é melhor tirar esse uniforme molhado. Você tem o mesmo tamanho de sr. Brown, meu primeiro-oficial. Ele pode lhe emprestar uma roupa seca. Depois vá para a cozinha. Você deve ter ficado desidratado e com fome depois deste drama. Vou pedir ao cozinheiro que lhe dê alguma coisa para beber e uma lauta refeição.

- Oh, muito obrigado, capitão...

- McDermott.

- Estou mesmo com muita sede.

Depois que Nance desceu, junto do cozinheiro, Brown fitou o capitão.

- Estranho que ele tenha sobrevivido a um incêndio de tal magnitude sem um chamuscado na sobancelha ou um dedo queimado.

McDermott esfregou o queixo com uma expressão de dúvida.

- É, muito estranho. - Então deu um suspiro. - Não é da nossa conta. Agora tenho a desagradável tarefa de informar aos diretores que perdemos a nossa presa e o caríssimo cabo.

- Isso não podia ter acontecido - Brown disse com raiva.

- Acontecido o quê?

- Num minuto ele estava flutuando tranquilamente, e no outro já estava indo para o fundo. Não faz sentido.

- Concordo - disse McDermott encolhendo os ombros. - Mas não podemos fazer nada.

- As seguradoras não vão ficar contentes, não tendo nada para investigar.

McDermott concordou, cansado.

- Sem navio vai ser mais um dos grandes mistérios do mar.

Então foi até o holofote e o desligou, deixando o túmulo de água do navio de cruzeiro na mais completa escuridão.

Tão logo o *Audacious* chegou a Wellington, o homem que McDermott tinha resgatado do mar desapareceu. As autoridades portuárias de imigração juraram que ele não tinha deixado o navio pelo passadiço. Neste caso ele teria sido detido para depor no processo sobre o incêndio. McDermott achou que a única maneira pela qual ele poderia ter desaparecido seria pulando a amurada quando o rebocador aportou.

E, depois que McDermott entregou seu relatório ao pessoal da seguradora, foi informado de que nenhum tripulante ou oficial com o nome de Sherman Nance estava entre os que tinham servido a bordo do *Emerald Dolphin*.

ENQUANTO O EARL OF WATTLESFIELD AGUARDAVA, a tripulação do *Deep Encounter* se dirigia para o lugar de onde vinham os sinais de radar dos submersíveis e os içaram para bordo. Assim que estavam em segurança, o capitão Burch avisou ao capitão Nevins, e os dois navios tomaram a direção de Wellington.

Extremamente cansado depois da operação de recuperação dos submersíveis, Pitt ainda assim arrumou sua cabine, livrando-a da bagunça provocada pelas 40 pessoas que de alguma forma conseguiram se acotovelar dentro do pequeno espaço durante a operação de resgate dos passageiros do navio de cruzeiro. Seus músculos doíam, e isso ele sentia cada vez mais com o passar dos anos. Colocou a roupa suja num saco de lavanderia, entrou no pequeno chuveiro, abriu a água quente, dirigiu o jato para um canto, deitou-se no chão e estendeu as pernas para cima. Nesta posição imediatamente cochilou por uns 20 minutos. Acordou mais descansado, mas ainda dolorido, ensaboou-se, molhou-se para tirar o sabão, enxugou-se, saiu do chuveiro e olhou-se no espelho da pia.

O rosto e o corpo que viu não eram mais como há dez anos. O cabelo ainda não mostrava nenhum sinal de calvície. Era ainda volumoso, preto e ondedado, mas o grisalho já começava a aparecer nas têmporas. Os penetrantes olhos verdes, sob sobrancelhas espessas, ainda enxergavam muito bem. Eram olhos herdados de sua mãe, e havia alguma coisa de hipnótico neles que parecia atingir todas as pessoas que os fitavam. As mulheres eram especialmente atraídas por eles. Elas sentiam que eles pertenciam a um homem prático e direto, e confiável.

O rosto, contudo, estava começando a mostrar o efeito da idade. Linhas mais profundas saíam dos cantos dos olhos. A pele já não tinha a elasticidade dos dias mais jovens e ia inexoravelmente mostrando a idade. Os traços marcados em redor da maçã do rosto e na testa pareciam ainda mais marcados. O nariz ainda parecia razoavelmente reto e intacto, considerando que tinha sido quebrado em três diferentes ocasiões. Ele não era nenhum Errol Flynn, mas tinha a presença que fazia as pessoas se voltarem e olhar em sua direção quando ele entrava em algum lugar.

Ele sabia que seus traços vinham do lado da família da mãe, ao passo que sua atitude jovial em relação à vida, seu porte alto e corpo esbelto tinham sido herdados do pai e da família do pai.

Passou suavemente os dedos da mão sobre as diversas cicatrizes que trazia no corpo, lembranças de muitas aventuras em duas décadas de serviços na Agência Nacional de Marinha e Subaquática. Embora tivesse estudado na Academia da Força Aérea e mantivesse a patente de major, não hesitou um segundo ante a oportunidade de trabalhar com o almirante James Sandecker na recém-formada unidade científica de pesquisa oceanográfica e marinha. Pitt nunca se casou, mas chegou perto durante um longo relacionamento com uma deputada federal, Loren Smith, mas suas vidas eram muito complicadas. Seu trabalho na Agência e o dela na Câmara exigiam demais para que eles pudessem se casar.

Duas de suas namoradas morreram em circunstâncias trágicas: Summer Moran, num terrível terremoto submarino perto do Havaí, e Maeve Fletcher, assassinada com um tiro disparado pela irmã na costa da Tasmânia.

Foi Summer quem nunca deixou de aparecer em seus sonhos. Ele sempre a via mergulhando em busca do pai, que estava preso numa caverna submarina. Seu corpo perfeito e o cabelo ruivo solto desaparecendo em meio às águas verdes do Pacífico. Quando ele emergiu na superfície para respirar e não a viu mais, quis mergulhar de novo, mas os homens do barco que o tinham resgatado sabiam que era inútil, e o impediram pela força.

Desde este tempo ele vivera sempre para o seu trabalho, debaixo d'água. O mar tornou-se sua amante. Exceto pela casa num velho hangar num canto do Aeroporto Ronald Reagan, em Washington, onde ficava sua coleção de carros e de aviões, seu lugar preferido era a bordo de um navio de pesquisa singrando os mares do mundo.

Ele suspirou, vestiu um roupão e deitou-se na cama. Estava quase entrando num sono merecido quando de repente lembrou-se de alguma coisa e levantou a cabeça. A moça com a pasta de couro do pai veio estranhamente à sua mente. Por mais que pensasse no caso, menos fazia sentido que ela tivesse partido num dos botes salva-vidas do cargueiro sem que ele a tivesse visto. Aí tudo se tornou óbvio.

Ela não tinha partido. Estava escondida em algum lugar a bordo do Deep Encounter.

Ignorando a necessidade de sono, saiu da cama e se vestiu rapidamente. Cinco minutos depois começou sua busca pelo convés de serviço, na parte traseira, olhando em todas as partes da sala dos geradores, na sala do guincho, na casa de máquinas e no compartimento dos instrumentos científicos. Era um processo lento, pois havia muitos lugares onde alguém podia se esconder entre os suprimentos e os equipamentos.

Pitt procurou na sala de peças sobressalentes e quase não percebeu o pequeno detalhe fora do lugar. Viu várias latas de óleos lubrificantes, todas perfeitamente empilhadas sobre uma bancada. Nada que à primeira vista parecesse incomum. Mas ele sabia que elas deveriam estar guardadas numa caixa de madeira. Foi pé ante pé até a caixa e levantou a tampa.

Kelly Egan estava dormindo exausta e tão profundamente que não percebeu a presença de Pitt. A pasta de couro estava encostada a um lado da caixa, e um dos seus braços pendia sobre ela. Ele sorriu, puxou uma folha de papel de uma prancheta e escreveu um bilhete.

**Moça,**

***Quando acordar, por favor vá até a minha cabine, a de número 8 no convés 2.***

**Dirk Pitt.**

Num *post scriptum* para atraí-la, acrescentou:

***Comida e bebida estarão à sua espera.***

Pousou gentilmente o bilhete em seu peito, recolocou com cuidado a tampa da caixa e silenciosamente deixou a sala.

Pouco depois das sete da noite, Kelly bateu de leve na porta da cabine de Pitt. Ele abriu e a viu, os olhos fitando o chão, embaraçada, de pé no corredor, ainda apertando a alça da pasta de couro. Pitt estendeu-lhe a mão e a fez entrar.

- Você deve estar faminta - disse, sorrindo, para mostrar que não estava com raiva ou aborrecido.

- Você é Dirk Pitt?

- Sim, e você...?

- Kelly Egan. Lamento ter causado...

- De maneira alguma - ele interrompeu, dirigindo-se para uma mesa com uma bandeja de sanduíches e uma jarra de leite. - Não é exatamente um jantar especial, mas o melhor que o cozinheiro pôde arranjar com o que sobrou de nosso estoque de comida. - Pegou uma blusa e bermudas. - Uma das nossas cientistas fez uma aposta no seu número e gentilmente lhe emprestou algumas roupas. Coma e depois tome uma ducha. Voltarei em meia hora. Então conversaremos.

Quando Pitt voltou, Kelly tinha tomado banho e terminado com uma pilha de sanduíches de presunto e queijo. A jarra de leite estava vazia. Ele sentou numa cadeira em frente a ela.

- Sentindo-se pertencente à raça humana novamente?

Ela sorriu e concordou, parecendo uma estudante apanhada colando.

- Você deve estar imaginando por que não deixei o navio, não?

- Admito que pensei nisso.

- Estava com medo.

- Medo do quê? Do homem que atacou você e seu pai? Estou alegre em informar que ele se juntou às outras vítimas do navio que se afogaram.

- Havia mais um - ela disse com hesitação. - Um oficial do navio. Parecia ser um cúmplice do homem ruivo que tentou me matar. Os dois juntos tentaram pegar a pasta de meu pai, e acho que queriam matá-lo. Mas alguma coisa não deu certo durante a luta, e tudo o que conseguiram foi empurrá-lo sobre a amurada...

- Levando a pasta com ele - Pitt disse, terminando a frase.

- Isso mesmo. - Lágrimas vieram aos olhos de Kelly quando ela se lembrou da morte do pai. Pitt tirou do bolso um lenço e estendeu para ela. Depois de limpar as lágrimas, olhou para o lenço de tecido. - Não sabia que os homens ainda usam este tipo. Pensei que todo o mundo usasse de papel.

- Eu sou da velha guarda - ele disse com calma.

- Nunca se sabe quando vamos encontrar uma jovem tão atraente.

Ela o olhou de modo estranho e sorriu ligeiramente. - Nunca encontrei ninguém como você.

- Meu tipo nunca desenvolveu o instinto de ser como todo o mundo - Pitt respondeu ao tema da questão. - Você pode descrever esse oficial?

- Sim, era um homem negro alto, afro-americano, suponho, pois o navio pertencia a uma companhia doméstica, e a maioria da tripulação era americana.

- É estranho que tenham esperado o incêndio para então agir.

- Não foi a primeira vez que papai foi importunado - ela disse com raiva. - Ele me disse que foi ameaçado por diversas vezes.

- Então, o que é tão importante a ponto de provocar a morte de seu pai? - disse Pitt apontando para a pasta colocada sobre a mesa.

- Meu pai é - fez uma pausa -, era o dr. Elmore Egan, um homem brilhante. Era

engenheiro mecânico e químico.

- Já ouvi falar no nome - disse Pitt. - O dr. Egan era um inventor muito respeitado, não? O criador de vários tipos de motores de propulsão aquática? Se me lembro bem, ele também desenvolveu um eficiente combustível a diesel que é muito usado na indústria do transporte.

- Você sabe tudo isso? - ela perguntou, impressionada.

- Sou engenheiro marítimo - ele admitiu. - Seria reprovado se não tivesse ouvido falar de seu pai.

- O último projeto de papai foi o desenvolvimento de motores magnético-hidrodinâmicos.

- Como as unidades de propulsão do *Emerald Dolphin*.

Ela concordou, em silêncio.

- Devo confessar minha ignorância sobre motores magnético-hidrodinâmicos. O pouco que li dá a entender que a tecnologia está ainda distante uns 30 anos. Por isso fiquei surpreso ao ler que tinham sido instalados no *Emerald Dolphin*.

- Todo mundo ficou surpreso. Mas papai desenvolveu uma inovação, um processo revolucionário. Ele estudou a eletricidade encontrada na água do mar antes de submetê-la a um campo altamente magnético manddo em zero absoluto através do hélio líquido. A corrente elétrica que foi produzida criou uma força energética, que pressiona a água através de turbinas e gera propulsão.

Pitt ouvia atentamente, e suas palavras o fizeram empertigar-se.

- Você está afirmando que a única fonte externa dessa energia é a água do mar?

- Água salgada tem um campo elétrico muito pequeno. Meu pai descobriu um método de intensificar esse campo de uma maneira incrível para produzir energia.

- É difícil imaginar um meio de propulsão utilizando uma fonte inesgotável de combustível.

O rosto de Kelly demonstrava o orgulho que sentia do pai.

- Como ele me explicou...

- Você não trabalhava com ele? - Pitt interrompeu.

- Raramente. - Ela riu pela primeira vez. - Ele estava terrivelmente desapontado comigo, acho. Não consigo pensar em termos abstratos. Nunca consegui entender álgebra. Formei-me em administração em Yale, onde fiz o mestrado. Trabalho como analista de comércio numa empresa de consultoria - nossos clientes são lojas de departamentos e de ponta de estoque.

Pitt abriu ligeiramente os lábios num sorriso.

- Não tão excitante quanto criar novas formas de energia.

- Talvez não - ela disse, com um movimento de cabeça que fez com que seu cabelo castanho deslizasse pela nuca e ombros -, mas ganho bem.

- Que inovação levou seu pai a aperfeiçoar a tecnologia dos motores magnético-hidrodinâmicos?

- Logo no início de sua pesquisa e desenvolvimento ele chegou a um obstáculo, quando seu motor experimental excedeu as expectativas de produção de força e energia, mas tinha imensos problemas de desgaste por atrito. Os motores tinham uma vida útil de poucas horas num número grande de rotações, até que paravam aos poucos. Ele e um sócio e amigo da família, Josh Thomas, um engenheiro químico, conseguiram desenvolver um novo lubrificante que era cem vezes mais eficiente do que qualquer um existente no mercado. Com isso, papai passou a ter uma nova fonte de força que podia trabalhar indefinidamente, sem desgaste perceptível, por vários anos.

- Então o superóleo foi o elemento que fez com que o motor magnético-

hidrodinâmico de seu pai deixasse a prancheta e se tornasse realidade?

- Foi - ela concordou. - Depois que os testes-piloto foram um sucesso, os diretores da Blue Seas Cruise Lines consultaram papai sobre a possibilidade de construir e instalar seus motores no ***Emerald Dolphin***, então em construção num estaleiro de Cingapura. Eles também estavam construindo um luxuoso navio de cruzeiro submarino, mas eu esqueci o nome. Meu pai recebeu a exclusividade na instalação dos motores.

- A fórmula do óleo não pode ser copiada?

- A fórmula sim, mas o processo não. Não há como repetir exatamente o mesmo processo de produção.

- Suponho que ele se protegeu com patentes.

Kelly concordou com ênfase.

- Claro. Ele e Josh Thomas registraram pelo menos 32 patentes para os motores.

- E a fórmula do óleo.

Ela hesitou, e depois balançou a cabeça.

- Ele preferiu manter isso com ele. Não confiava nem no Departamento de Registros de Patentes.

- O dr. Egan poderia ter se transformado num bilionário com as patentes do motor e do óleo.

Kelly balançou os ombros.

- Da mesma forma que você, papai não trilhava a mesma estrada que os homens comuns. Queria que o mundo se beneficiasse com a sua descoberta, e estava preparado para doá-la. Além disso, ele já estava desenvolvendo um outro projeto. Ele me disse que estava trabalhando numa coisa ainda maior, que teria um incrível impacto no futuro.

- Ele nunca lhe disse o que seria?

- Não - ela respondeu. - Ele era muito reservado, e dizia que era melhor que eu não soubesse.

- Um pensamento muito sensato. Estava querendo proteger você de quem quer que fosse que estivesse atrás de seus segredos.

Os olhos de Kelly ficaram tristes e infelizes.

- Papai e eu não éramos muito chegados desde a morte de mamãe. Ele era um pai bom e carinhoso, mas seu trabalho vinha em primeiro lugar e estava sempre entregue a ele. Acho que me convidou para acompanhá-lo na viagem inaugural do ***Emerald Dolphin*** como uma maneira de nos reaproximar.

Pitt permaneceu pensativo por quase um minuto. Então apontou para a pasta de couro.

- Você não acha que já é tempo de abrir?

Ela colocou as mãos sobre o rosto, escondendo a hesitação.

- Quero abrir, mas tenho medo.

- Medo do quê? - Pitt perguntou com calma.

Ela corou, não de embaraço, mas mais de apreensão com o que iria encontrar dentro da pasta. - Eu não sei.

- Se você está com medo de que vou surrupiar os preciosos papéis de seu pai, esqueça. Vou me sentar confortavelmente do outro lado, e deixar você abrir a pasta e dar uma olhadela, sem que eu possa ver nada.

De repente, tudo pareceu estúpido a Kelly. Colocou a pasta no colo e riu devagar.

- Você sabe, não tenho a menor idéia do que há aí dentro. Pelo que sei, tanto pode ser roupa suja de papai quanto seus indecifráveis garranchos.

- Então não haverá mal em olhar.

Ela ficou sentada hesitando por um longo momento. Então, bem devagar, como

se estivesse abrindo uma lata com aqueles palhaços que saltam, pressionou as presilhas e levantou a tampa.

- Oh, meu Deus - exclamou.

Pitt levantou-se.

- O que foi?

Como em câmera lenta, Kelly virou a pasta e a deixou cair no chão.

- Não compreendo - murmurou. - Ela nunca saiu das minhas mãos.

Pitt inclinou-se e olhou dentro da pasta de couro.

Ela estava vazia.



A 350 QUILÔMETROS DE WELLINGTON a previsão do tempo indicava um mar calmo e céu claro para os próximos quatro dias. Agora que o *Deep Encounter* não estava mais em imediato perigo de inundar e afundar, o capitão Nevins ordenou que o cargueiro passasse à frente e rumasse para o porto o mais depressa possível. Quanto antes o *Earl of Wattlesfield* chegasse a Wellington, melhor. Com 2 mil passageiros inesperados a bordo, o suprimento de comida estava criticamente baixo.

Enquanto o grande navio os ultrapassava, a tripulação e os passageiros do *Emerald Dolphin* acenaram adeus. Uma voz começou a cantar uma canção de Woody Guthrie, e logo mais de mil vozes se juntaram e cantaram para os homens e mulheres a bordo do pequeno navio de pesquisa: "Adeus, foi muito bom ter conhecido vocês".

Foi um momento comovente quando eles chegaram ao último verso da canção... "Tenho que continuar meu caminho". Antes que outra hora tivesse passado, o *Earl of Wattlesfield* tinha desaparecido no horizonte.

O capitão Nevins chegou a Wellington seis horas antes do *Deep Encounter* e encontrou uma recepção alegre, embora solene. Milhares de pessoas se apinhavam no cais, olhando silenciosamente ou falando baixo enquanto o cargueiro ia vagarosamente chegando à doca. Toda a Nova Zelândia homenageava os que tinham miraculosamente sobrevivido ao pior incêndio da história marítima.

Uma espontânea e enorme efusão de simpatia pelos sobreviventes e pelos mortos varreu o país. Casas foram colocadas à disposição dos sobreviventes. Alimentação e roupa eram fornecidas em abundância. A alfândega liberou-os com apenas algumas perguntas, já que quase todos tinham perdido os passaportes no incêndio. As companhias aéreas fizeram vôos extras para levá-los para suas cidades. Altos funcionários do governo da Nova Zelândia e o embaixador dos Estados Unidos formaram um comitê de recepção. Membros da mídia entraram no navio como enxames, cercando os sobreviventes atrás de histórias, enquanto estes queriam a todo custo descer ao cais e ligar para parentes e amigos e contar sobre o salvamento. Era o maior acontecimento jornalístico da história recente do país, e o que todos ressaltavam era o heróico salvamento pela tripulação e cientistas do *Deep Encounter*.

Uma investigação já estava em curso. A maior parte dos passageiros se dispôs a responder a perguntas e fazer declarações a respeito da ação da tripulação durante o incêndio. Os sobreviventes entre a tripulação, instruídos a permanecer em silêncio pelos advogados da companhia proprietária do navio de cruzeiro, foram colocados em alojamentos e preparados para uma permanência indefinida, até que fossem examinados e seus testemunhos fossem tomados durante o inquérito.

Se a chegada do *Earl of Wattlesfield* foi triste, a recepção aguardando o *Deep Encounter* assumiu a atmosfera de uma gigantesca e alegre festividade. Quando o navio de pesquisa atingiu o Estreito de Cook e rumou para Wellington, ele foi comboiado por uma pequena flotilha de iates particulares, à qual se juntaram milhares de barcos de todos os tipos quando o navio chegou à entrada do porto. Botes de combate a incêndio conduziram o navio de pesquisa para o cais, esguichando água pelas mangueiras, formando um arco-íris sob o sol brilhante.

A multidão podia facilmente ver a pintura verde-turquesa arranhada e as placas amassadas do casco, nos locais em que o navio de pesquisa se chocara contra o navio de cruzeiro durante o incrível salvamento de quase 2 mil pessoas. O capitão Burch teve que usar um megafone para gritar suas ordens durante os procedimentos de ancoragem por causa do barulho dos gritos e vivas, apoiados pelo clamor de milhares de buzinas de carros, o badalar dos sinos das igrejas e o guincho agudo das sirenes. Em meio a tudo isso, serpentina e confete eram atirados sobre o navio.

A tripulação e os cientistas não entendiam como se tinham tornado celebridades internacionais e heróis. Assistiam à enorme recepção meio atônitos, sem acreditar que tudo aquilo era com eles. Não eram mais os tripulantes e cientistas cansados e de roupas amarranhadas. Ao ver a armada de recepção todos tinham se arrumado e colocado as melhores roupas. As mulheres colocaram vestidos, os cientistas vestiram calças e paletós esporte, e a tripulação, os uniformes da NUMA. Todos se perfilaram no convés de serviço, agora sem os equipamentos de pesquisa oceanográfica, exceto pelos dois submersíveis, e respondiam à saudação.

Kelly postou-se ao lado de Pitt, na projeção da ponte de comando, excitada com a recepção, mas triste e desejosa de que seu pai estivesse ali com ela. Virou-se e fitou os olhos de Pitt.

- Acho que é a hora da despedida.

- Você vai voltar para os Estados Unidos?

- Assim que conseguir uma passagem no primeiro vôo disponível.

- Onde você mora?

- Nova York - ela respondeu, pegando uma serpentina. - Tenho uma casa no Upper West Side.

- Você mora sozinha?

- Não - ela riu. - Moro com um gato malhado chamado Zippy e um bassê que atende pelo nome de Shagnasty.

- Não vou muito a Nova York, mas da próxima vez que for convidarei você para jantar.

- Gostaria muito. - Ela escreveu o endereço num pedaço de papel e lhe entregou.

- Vou sentir falta de você, Kelly Egan.

Ela fitou aqueles olhos brilhantes e percebeu que ele estava falando sério. O sangue de repente subiu ao rosto de Kelly e ela sentiu seus joelhos fraquejarem. Agarrou a amurada, perguntando-se o que estava acontecendo com ela. Surpreendida com sua perda de controle, ergueu-se na ponta dos pés, colocou

seus braços em volta da cabeça de Pitt, agarrou-a de encontro a si e beijou seus lábios, um beijo demorado. Seus olhos estavam fechados, mas os dele se abriram, surpresos, mas gostando.

Quando ela o largou, se recompôs.

- Muito obrigada, Dirk Pitt, por ter salvo a minha vida, e muito, muito mais. - Deu alguns passos e então virou-se. - A pasta de couro de meu pai.

- O que tem ela?

- É sua.

Em seguida Kelly desceu a passagem para o convés de serviço. Tão logo o passageiro foi descido até a doca, ela desceu e foi engolida por uma multidão de repórteres.

Pitt deixou a glória para Burch e os outros. Enquanto eram festejados por toda a cidade, ele permaneceu a bordo e fez um relatório completo, através do telefone via satélite, para o almirante Sandecker, nos escritórios da NUMA em Washington.

- O *Encounter* sofreu bastante - ele explicou. - Já fiz acordos para um estaleiro colocar o navio numa doca seca esta manhã. O pessoal do estaleiro estima que os reparos deverão demorar três dias.

- Jornais e televisão estão contando a história do salvamento de manhã, de tarde e de noite - o almirante retrucou. - O avião fez fotos fantásticas do navio de cruzeiro em chamas e do *Encounter*. Nossos telefones ficaram congestionados com chamadas nos elogiando, e há enxames de repórteres por todo lado no edifício. Devo a você e a todos a bordo do *Encounter* sinceros votos de agradecimentos, em nome de toda a agência.

Pitt podia imaginar o almirante em seu escritório, transbordando de orgulho e desfrutando cada minuto da fama. Ele podia ver o reluzente cabelo vermelho, sem o menor vestígio de fios brancos, a barba também ruiva em estilo Vandyke, aparada deixando uma ponta no cavanhaque, os olhos azuis que deveriam estar brilhantes de satisfação, como anúncios em néon. Podia sentir também o cheiro acre da fumaça de um dos charutos personalizados de Sandecker.

- Isso significa que todos vamos ter um aumento? - perguntou Pitt.

- Não deixe o sucesso subir à sua cabeça - Sandecker respondeu rápido. - O dinheiro não pode comprar a glória.

- Um bônus seria um belo gesto de sua parte.

- Não force a situação. Você tem sorte de eu não deduzir do seu pagamento os custos dos reparos.

Pitt não ficou nem um segundo preocupado com a resposta rude. Sandecker era conhecido por sua generosidade entre os funcionários da NUMA. Pitt seria capaz de apostar que o almirante já estava preparando cheques com bonificações, e ele estava certo. Não que Sandecker não tivesse um lado mercenário quando se tratava de sua amada NUMA. Pitt não precisava ter uma bola de cristal para saber que Sandecker já estava fazendo planos sobre como capitalizar a publicidade e conseguir mais 50 milhões de dólares do Congresso para o seu próximo orçamento.

- Mas isso não é tudo o que você gostaria de deduzir - disse Pitt maliciosamente. - Para ficar flutuando tivemos que atirar todo o nosso equipamento no mar.

- Os submersíveis também?

- Nós os deixamos à deriva, mas recuperamos depois.

- Ótimo, você vai precisar deles.

- Não entendo, almirante. Com metade dos nossos equipamentos de pesquisa submarina no fundo do mar não há como prosseguir na tarefa de mapear a

Fenda de Tonga.

- Não quero que você mapeie a Fenda - ele disse devagar. - Quero que você mergulhe até o ***Emerald Dolphin***. Seu trabalho agora é pesquisar o que sobrou de evidências relativas ao incêndio e a causa de seu inexplicável afundamento. - Ele fez uma pausa. - Você soube do afundamento, inesperado, quando ele estava sendo rebocado, não?

- Sim, o capitão Burch ouviu as comunicações entre o rebocador e sua empresa. O ***Deep Encounter*** é o único navio, num raio de milhares de quilômetros, que pode fazer o serviço.

- Explorar um imenso navio através de um submersível, a 6.000 metros de profundidade, ou mais, não é a mesma coisa que escarafunchar as cinzas de uma casa incendiada. Além disso, tivemos que atirar no mar o guindaste.

- Compre, ou alugue, um novo. Faça o melhor que puder, e volte com alguma coisa. A indústria de cruzeiros marítimos vai sofrer, independentemente do que você encontrar, e as companhias de seguro estão mais do que dispostas a recompensar a NUMA por seus esforços.

- Eu não sou um investigador de seguros de incêndio. Exatamente o quê eu devo procurar?

- Não se preocupe - disse Sandecker. - Estou enviando alguém que tem experiência em acidentes marítimos. E ele é também um perito em veículos submersíveis para muita profundidade.

- Alguém que eu conheça?

- Você deveria - disse Sandecker meio misterioso. - É o seu diretor-assistente de projetos especiais.

- Al Giordino! - Pitt exclamou, com alegria. - Pensei que ele ainda estivesse trabalhando no Projeto Atlantis, na Antártida.

- Não está mais. Ele está voando, neste instante, e deve chegar a Wellington amanhã de manhã.

- Você não poderia mandar um homem melhor. Sandecker brincou com Pitt, satisfeito.

- Claro - disse com malícia. - Achei que você ia gostar.

ALBERT GLORDINO ATRAVESSOU COM PASSOS cansados o passadiço entre a doca seca e o convés do *Deep Encounter*, carregando uma pesada mala de metal nos ombros fortes. As laterais estavam cobertas de etiquetas coloridas, de hotéis de todo o mundo. Uma das mãos agarrava uma tira presa à mala de metal, guarnecida com ripas de madeira envernizada na parte de cima e na parte de baixo, enquanto a outra mão segurava uma sacola de couro bem antiga. Ele parou na ponta do passadiço e deixou cair sua carga no convés. Observou o convés de serviço vazio e olhou para cima, para a projeção da ponte de comando, sem ninguém. Exceto pelos operários do estaleiro fazendo reparos no exterior do casco, o navio parecia deserto.

Os ombros de Giordino eram quase tão largos quanto o seu corpo era alto. Com quase 1,80m, pesando 75kg, era todo másculo. Sua ascendência italiana se mostrava na pele morena, no cabelo preto encaracolado e nos olhos castanhos. Sociável, sarcástico e jovial, seu humor contundente muitas vezes fazia as pessoas em sua presença ou rirem ou ficarem embaraçadas.

Amigos desde a infância, Pitt e Giordino tinham jogado nas mesmas equipes no colégio e na Academia da Força Aérea. Aonde um ia o outro ia atrás. Giordino não pensou duas vezes antes de se juntar a Pitt na Agência Nacional de Marinha e Subaquática. Suas aventuras, tanto debaixo como acima do mar, se tornaram lendas. Ao contrário de Pitt e seu hangar cheio de carros antigos, Giordino morava num apartamento com um tipo de decoração que seria capaz de incitar um decorador de interiores a cometer suicídio. Como meio de transporte ele usava um velho Corvette. Depois do trabalho, a paixão de Giordino eram as mulheres. Ele não achava nada errado em fazer o papel de gigolô.

- Alguém no navio? - ele gritou. Esperou um pouco antes de gritar novamente, no momento em que uma figura aparecia na ponte de comando, vindo da casa do leme, e um rosto familiar olhou para baixo, fitando-o.

- Dá para parar de gritar? - Pitt disse, aparentando seriedade. - Nós não gostamos de receber bárbaros em nosso elegante navio.

- Neste caso você está com sorte - disse Giordino, abrindo um amplo sorriso. - Podíamos ter uma bela briga limpando o lugar destes indesejáveis.

- Fique onde está - Pitt disse. - Vou descer.

Num minuto estavam se abraçando como velhos amigos que eram. Embora

Giordino fosse três vezes mais forte, Pitt sempre gostava de erguer o amigo do chão.

- Por que demorou? Sandecker disse que você deveria chegar ontem de manhã.

- Você conhece o almirante. Ele não se dispôs a me emprestar um jato da NUMA, então tive que pegar um avião comercial. Como era de esperar, todos os vôos estavam atrasados, e perdi a conexão em São Francisco.

Pitt bateu nas costas de Giordino.

- Estou feliz em vê-lo, companheiro. Pensei que você estivesse no Projeto Atlantis, na Antártida. - Então afastou-se um pouco e fitou Giordino com um olhar inquiridor. - Da última vez que soube de você, você estava noivo?

Giordino levantou as mãos, num gesto de desânimo.

- Sandecker me afastou do projeto, e meu amor se afastou junto.

- O que aconteceu?

- Nenhum de nós dois deixaria nossos empregos e ir morar numa casa num subúrbio. Ofereceram a ela um emprego para decifrar linguagens antigas na China, por dois anos. Ela não quis perder a oportunidade, então tomou o primeiro avião para Pequim.

- Fico feliz de ver que você soube enfrentar a rejeição.

- Oh, não é nada bom ser chicoteado, ter sua língua pregada numa árvore e ser colocado no porta-malas de um Nash Rambler modelo 1951.

Pitt pegou a sacola de couro, mas não fez o menor esforço para pegar a mala de metal.

- Vamos subir, vou levar você à sua suíte.

- Suíte? Da última vez que estive no *Deep Encounter* as cabines eram do tamanho de um armário de vassouras.

- Só os lençóis foram trocados para proteger os inocentes.

- O barco parece um túmulo - Giordino disse, apontando para o navio deserto.

- Onde estão os outros?

- Só o engenheiro-chefe House e eu estamos a bordo. O resto está no melhor hotel da cidade, ficando mal acostumados dando entrevistas e recebendo prêmios.

- Pelo que ouvi, você é o homem do momento.

- Não é o meu estilo. Pitt moveu os ombros, em sinal de modéstia.

Giordino olhou-o, com genuíno respeito e admiração.

- Eu sei. Você sempre foi humilde. É o que eu gosto em você. Você é o único sujeito que conheço que não guarda fotos suas com personalidades, nem pendura todos os troféus e prêmios no banheiro.

- Quem os veria? Raramente dou festas. E além disso, quem se importa?

Giordino sacudiu rapidamente a cabeça. Pitt nunca muda, pensou. Se o presidente dos Estados Unidos quisesse homenageá-lo com a mais alta decoração nacional, Pitt enviaria um telegrama lamentando não poder comparecer porque tinha pegado febre tifo.

Depois que Giordino se ajeitou em sua cabine, foi até a de Pitt, onde encontrou o amigo sentado numa pequena escrivaninha estudando as plantas dos conveses do ***Emerald Dolphin***. Ele pôs uma caixa de madeira em cima das plantas.

- Eu trouxe um presente para você.

- Já é Natal? - Pitt disse, rindo. Ele abriu a caixa e suspirou de alegria. - Você é muito legal, Albert. Uma garrafa de tequila azul Reserva Don Júlio!

Giordino pegou duas xícaras de prata.

- Vamos testar para ver se ela preenche as nossas especificações?

- O que o almirante diria? Que você está quebrando o décimo mandamento dele,

de nenhum álcool a bordo de um navio da NUMA?

- Se eu não ingerir, rápido, algum tipo de álcool medicinal, sou capaz de morrer. Pitt arrancou a rolha e despejou o líquido marrom-claro nas xícaras de prata. Ergueram e tocaram as bordas, fazendo um barulho de metal contra metal, enquanto Pitt fazia um brinde.

- Para um mergulho bem-sucedido na carcaça do ***Emerald Dolphin***.

- E uma feliz volta à luz do sol. - Depois de saborear um gole da tequila, Giordino perguntou: - E onde exatamente ele afundou?

- No lado oriental da Fenda de Tonga.

Giordino levantou as sobrancelhas.

- Lá é muito fundo.

- Acho que ele está a uns 6.000 metros.

- E que submersível você planeja usar?

- O ***Abyss Navigator***. Ele foi construído para este tipo de trabalho.

Giordino fez uma pausa, e seu rosto assumiu uma expressão séria.

- Você sabe, com certeza, que o ***Abyss Navigator*** foi construído para um mergulho de no máximo 6.300 metros, e ele ainda não foi testado nesta profundidade.

- Não há melhor oportunidade para verificar se os projetistas sabiam o que estavam fazendo - disse Pitt meio distraído.

Giordino passou sua xícara vazia para Pitt.

- Acho melhor você me servir mais uma dose. Pensando melhor, acho que vou tomar dez ou 12, ou não vou conseguir dormir daqui até a Fenda de Tonga, por causa de pesadelos com submersíveis se despedaçando.

Eles ficaram lá, sentados na cabine de Pitt até a meia-noite, saboreando a tequila, contando velhas histórias da guerra e rememorando suas aventuras de vários anos. Pitt falou sobre como chegou ao ***Emerald Dolphin*** se incendiando, sobre a chegada na hora certa do ***Earl of Wattlesfield***, o relato do naufrágio feito pelo capitão do ***Audacious***, o salvamento de Kelly e a morte do assassino.

Quando terminou, Giordino se levantou para voltar à sua cabine, comentando:

- Você teve dias agitados.

- Não gostaria de passar por tudo de novo.

- Quando o estaleiro deve ter o navio consertado?

- O capitão Burch e eu esperamos zarpar depois de amanhã e chegar em quatro dias.

- Tempo suficiente para eu recuperar o bronzado que perdi na Antártida. - Giordino percebeu a pasta de couro num canto da cabine. - É a pasta que você mencionou, que pertenceu ao dr. Egan?

- Ela mesma.

- E você disse que depois de tudo ela estava vazia?

- Tão vazia quanto o cofre do banco depois que o Butch Cassidy esteve na cidade. Giordino pegou a pasta e passou os dedos sobre o couro.

- Artigo muito bom. E bem antigo. Alemão. Egan tinha bom gosto.

- Você quer? Pode ficar com ela.

Giordino se sentou de novo e pôs a pasta de couro no colo.

- Tenho uma ligação com pastas e malas antigas.

- Já tinha percebido.

Giordino destravou as presilhas e levantou a tampa. Quase dois litros de óleo se derramaram sobre seu colo e escorreram até o carpete. Ele ficou sentado, surpreso e calado, enquanto o óleo ensopava suas calças. Passado o choque, olhou sério para Pitt.

- Nunca soube que você gostava de brincadeiras de mau gosto.

O rosto de Pitt mostrava espanto.

- Não gosto. - Levantou-se rapidamente e foi até a pasta. - Acredite, não tenho nada a ver com isso. Esta pasta estava vazia quando a abri ontem. Ninguém a não ser o engenheiro-chefe House e eu estivemos a bordo nestas 24 horas. Não entendo por que alguém entraria aqui e encheria a pasta com óleo. Com que intenção?

- Então de onde o óleo veio? Claro que ele simplesmente não se materializou.

- Não tenho a menor idéia - disse Pitt. Havia um estranho brilho em seus olhos, que não estavam lá antes. - Mas aposto que vamos descobrir por que antes do final da viagem.



O MISTÉRIO SOBRE QUEM TERIA COLOCADO o óleo na pasta de couro de Egan foi posto de lado tão logo Pitt e Giordino começaram a verificar e a testar os equipamentos e os sistemas eletrônicos do *Sea Sleuth*, o veículo autônomo de pesquisa subaquática. Durante a viagem até o túmulo do *Emerald Dolphin* discutiram sobre a melhor maneira de investigar os destroços com o capitão Burch e os engenheiros oceanográficos. Todos concordaram que, por medidas de segurança, o veículo autônomo deveria ser usado primeiro, em vez do submersível manobrado, o *Abyss Navigator*.

Não havia nada de delgado ou de esguio no desenho do *Sea Sleuth*, mas era extremamente fúncional. Prático e adequado para suas funções, perto dele as sondas de pouso em Marte pareciam obras de arte. Com quase 4 metros de altura, 3 de largura e 4 de comprimento, pesava pouco menos de 350 quilos. O exterior era feito de titânio, e à distância parecia um enorme ovo alongado, aberto dos lados, apoiado sobre pranchas de esqui. Uma protuberância circular na parte de cima armazenava os dois tanques de flutuação. Tubos de apoio abraçavam a construção inferior, abaixo dos tanques.

Em seu interior, como se tivessem sido encaixados por uma criança com seu brinquedo de montar, havia vídeos de alta resolução, câmeras fotográficas, um computador e sensores que mediam e armazenavam a salinidade, a temperatura e a taxa de oxigênio da água. Um motor de corrente contínua, com pressão controlada, fornecia a propulsão, e era energizado por um poderoso sistema de baterias magnésio-alcálicas. Transmissores altamente sofisticados transportavam sinais e imagens desde as profundezas do oceano até a nave-mãe, na superfície, recebiam e transmitiam de volta sinais de controle. Uma fileira de dez luzes externas iluminava a nave.

Como um monstro mecânico tirado de um livro de ficção científica, um complicado braço mecânico, ou manipulador, como era chamado, se estendia de um lado do veículo. Tinha a força capaz de erguer uma âncora de 200 quilos e a sensibilidade para pegar uma xícara de chá.

Ao contrário dos veículos mais antigos manobrados à distância, o *Sea Sleuth* não tinha um cordão umbilical conectado aos controles na casa do leme. Era completamente autônomo; a propulsão e as câmeras de vídeo eram operadas da sala de comando do *Deep Encounter*, milhares de metros acima.

Um tripulante se dirigiu a Pitt quando ele estava ajudando Giordino a ajustar o braço mecânico.

- O capitão Burch pediu para avisar que estamos a menos de 2 quilômetros do alvo.

- Obrigado - respondeu Pitt. - Por favor, diga ao comandante que Al e eu já estamos indo.

Giordino atirou um par de chaves de fenda na caixa de ferramentas, levantou-se e esticou as costas.

- Estamos prontos como o *Abyss Navigator* nunca esteve.

- Vamos subir à ponte e ver como o *Dolphin* está no sonar.

Burch e diversos outros engenheiros e cientistas da NUMA estavam no compartimento do centro de comando logo atrás da casa do leme. Os rostos e as mãos de todos estavam refletidas em sombras incomuns, de cor púrpura, projetadas pela lâmpada no teto. Experiências recentes determinaram que os instrumentos eram mais fáceis de ler, por longos períodos de tempo, sob uma luz vermelho-azulada.

Todos estavam em volta do vídeo de alta resolução do gravador Klein System 5.000, observando o fundo do mar a mais de 6.000 metros de profundidade se revelar enquanto as imagens eram projetadas no monitor. A imagem colorida mostrava um fundo quase plano, que logo descia num profundo abismo. Burch se virou no momento em que Pitt e Giordino entraram, e apontou para o GPS - sistema de localização por satélite que mostrava a distância a que estavam do alvo.

- Deve começar a aparecer daqui a uns 1.500 metros - comentou.

- Essa é a posição fornecida pelo rebocador?

Burch concordou.

- É a posição onde o navio de cruzeiro afundou quando o cabo arrebentou.

Todos os olhos no compartimento do centro de comando fitavam as imagens no gravador Klein. O fundo do mar que o sensor instalado num cabo estendido atrás do *Deep Encounter* mostrava era uma superfície plana, quase deserta, coberta com areia marrom-escura. Não se via nenhuma rocha pontiaguda ou montes. Terras abandonadas não eram tão desoladoras. Mesmo assim, a imagem prendia a atenção de todos, que esperavam ansiosamente que um objeto se materializasse e preenchesse vagarosamente o monitor.

- Duzentos e cinqüenta metros - Burch anunciou.

A tripulação e os homens e mulheres da equipe científica continuaram calados. O centro de comando estava tão quieto quanto uma cripta. Para muitos, a espera podia ser agonizante, mas não para os homens e mulheres que estudavam o mar. Eram pessoas pacientes. Estavam acostumados a passar semanas observando instrumentos, à espera de um objeto interessante, que um navio afundado ou uma formação geológica incomum se mostrassem, mas quase sempre vendo apenas um fundo de mar sem fim e deserto.

- Alguma coisa está aparecendo - anunciou Burch, que tinha a melhor visão do monitor.

Vagarosamente, o gravador mostrou uma imagem que aos poucos adquiriu os contornos de uma estrutura construída pelo homem. As extremidades pareciam pontiagudas e disformes. Parecia muito pequena, não a imensa imagem do transatlântico que estavam esperando.

- É ele - garantiu Pitt com firmeza.

Burch ria como um noivo feliz.

- Consegui na primeira passagem.

- A posição fornecida pelo rebocador foi na mosca.
  - Não é do tamanho do ***Emerald Dolphin*** - Giordino observou com calma.
- Burch apontou um dedo para a tela.
- Ok, estamos vendo apenas uma parte. Ai vem outro pedaço.
- Pitt estudou atentamente as imagens mostradas na tela.
- O navio se rompeu, ou na descida ou no impacto quando atingiu o fundo do mar.

Uma grande parte do que Burch identificou como a popa apareceu na tela. Um amplo campo cheio de fragmentos entre os destroços revelou centenas de objetos, grandes ou pequenos, mas não identificáveis, espalhados como se tivessem sido atingidos por um tornado.

Giordino fez um rápido croqui das imagens num bloco de anotações.

- Parece que o navio se rompeu em três partes.

Pitt examinou os desenhos de Giordino e os comparou com as imagens na tela do sonar.

- Elas estão cerca de 500 metros distantes uma das outras.

Burch comentou:

- Em virtude da enfraquecida estrutura interna do navio, resultado do incêndio, ele provavelmente se desintegrou ao afundar.

- Não seria novidade - disse um dos cientistas. - O ***Titanic*** partiu-se em dois quando afundou.

- Mas ele afundou num ângulo muito agudo - Burch acrescentou. - Falei com o capitão do rebocador que trazia o ***Dolphin*** quando ele afundou. Ele informou que o navio mergulhou rapidamente, e num ângulo de não mais do que 15 graus. O ***Titanic*** afundou num ângulo de 45 graus.

Giordino olhou o mar à frente através da janela.

- O cenário mais lógico é que o navio tenha afundado inteiro e se rompido quando bateu no fundo. A velocidade talvez fosse de 50 a 60 quilômetros por hora.

Pitt balançou a cabeça.

- Se foi assim, os destroços estariam mais concentrados. Como se pode ver, estão muito espalhados.

- Então o que provocou o rompimento no mergulho até o fundo? - perguntou Burch, a ninguém em particular.

- Com sorte - Pitt disse devagar - encontraremos as respostas quando e se o ***Sea Sleuth*** comprovar o que se espera dele.

Um ofuscante sol alaranjado nascia no horizonte, sobre um mar azul e calmo, quando o ***Sea Sleuth*** estava pendurado num novo guindaste que tinha substituído o anterior, jogado ao mar durante o salvamento. Tinha sido instalado pelo estaleiro, e a tripulação tinha terminado de instalar o guincho e os cabos poucas horas antes. A expectativa tomava conta de todos quando o oblongo submersível foi erguido e balançava sobre a popa. O mar estava calmo, com ondas que passavam de pouco mais de meio metro.

O segundo-oficial do navio orientou a descida e sinalizou para o tripulante que operava o guincho quando o veículo autônomo ficou fora da popa. Então ele fez um aceno de que tudo estava certo, e o ***Sea Sleuth*** foi baixado até ficar sobre a superfície do mar. Uma inspeção final dos sistemas eletrônicos foi feita e em seguida ele foi colocado cuidadosamente sobre a água azul do Pacífico, flutuando. Instantes depois, uma chave foi ativada, uma garra eletrônica soltou-se e o cabo que o ligava à nave-mãe ficou liberado.

Dentro do centro de comando, Giordino sentou-se defronte do console com uma

série de botões e chaves montadas em redor de uma manopla. Ele pilotaria o *Sea Sleuth* durante sua viagem até o fundo do mar. Na qualidade de um dos projetistas do software do computador do veículo autônomo, ele também era o engenheiro-chefe encarregado da sua construção. Poucos homens sabiam mais sobre particularidades de pilotar o veículo autônomo sob o oceano do que Giordino. Depois de olhar o monitor que mostrava o veículo autônomo flutuando livremente na água, ele ativou as válvulas dos tanques de flutuação e observou quando ele desceu abaixo das ondas e desapareceu.

Perto dele, Pitt sentou-se defronte de um teclado, enviando uma série de comandos para o computador a bordo do veículo autônomo. Enquanto Giordino controlava os sistemas de propulsão e de orientação, Pitt operava as câmeras e o sistema de iluminação. Atrás deles, e do lado, Misty Graham sentava-se numa mesa examinando uma cópia dos projetos de construção do *Emerald Dolphin*, fornecida pelos arquitetos. Todos os outros olhos estavam fixos na fileira de monitores que deveriam mostrar imagens do que o *Sea Sleuth* iria encontrar nas profundezas.

Misty era uma mulher pequena, cheia de vigor e de gestos enérgicos. O cabelo preto, cortado curto para facilitar a manutenção a bordo do navio, poderia dar-lhe uma aparência de adolescente, não fosse pelas formas, bem-definidas. Com olhos castanhos claros, um nariz pequeno mas atraente e lábios bem delineados, Misty nunca tinha se casado. Dedicada cientista e uma das melhores biólogas marinhas da NUMA, ela passava mais tempo no mar do que em seu apartamento em Washington e não tinha tempo para namoros.

Ela levantou os olhos das plantas e disse para Burch:

- Se ele se partiu para dentro, o *Sea Sleuth* não vai conseguir encontrar nada de interessante.

- Só saberemos depois de chegarmos lá - ele respondeu, devagar.

Da mesma maneira que em outras operações de pesquisa submarina, as conversas tomaram conta do compartimento. Agora que o veículo autônomo estava a caminho, as três horas e meia, ou quatro horas, que ele levaria para chegar ao fundo eram uma rotina cansativa. Havia pouco o que ver, a não ser que um daqueles peixes que habitam o fundo dos mares resolvesse passar em frente a uma das câmeras.

Geralmente o público acha que buscas submarinas são excitantes. Na verdade, são tremendamente chatas. Muitas horas são gastas na esperança de que alguma coisa aconteça, ou, como se diz nesta área, um evento. Mesmo assim, todo o mundo permanece em otimista expectativa de que uma anomalia se mostre no sonar ou nos monitores.

Muitas vezes as buscas terminam sem encontrar nada. Ainda assim, a visão do fundo do mar tinha um efeito hipnótico, e a tripulação e os cientistas nunca tiram os olhos dos monitores. Felizmente, neste caso, a localização dos destroços, depois de um mergulho de mais de 6.000 metros, foi definida precisamente pelo sistema de localização por satélite do rebocador, e limitada a uma área do tamanho de um estádio de futebol.

O progresso do *Sea Sleuth* era mostrado no monitor de orientação, com leituras digitais da direção e altitude ao pé do vídeo. Assim que o veículo autônomo atingisse o fundo, Giordino teria apenas que dirigi-lo para os destroços, sem perder tempo com uma operação de busca.

Ele leu os números digitais enviados pelo altímetro do veículo autônomo.

- 800 metros.

Ele informava as leituras a cada dez minutos, enquanto o *Sea Sleuth* descia em

direção ao fundo, bem longe da quilha do navio de pesquisa. Finalmente, depois de duas horas e meia, os sensores começaram a transmitir números cada vez menores.

- O fundo está a 200 metros, e subindo.

- Acender as luzes de baixo - Pitt retrucou.

Giordino diminuiu a velocidade de descida do *Sea Sleuth* para meio metro a cada segundo, para o caso de ele descer diretamente sobre os destroços. A última coisa que ele queria era que o veículo autônomo ficasse preso nos pedaços contorcidos. Logo o fundo do mar, de areia lodosa, apareceu nos monitores. Giordino interrompeu a descida, nivelando o *Sea Sleuth* a 30 metros.

- Qual a profundidade? - perguntou Burch.

- Uns 6.600 metros - Giordino respondeu. - A visibilidade é muito boa. Quase 70 metros.

Agora Giordino assumia total controle do *Sea Sleuth*, olhando os monitores e operando os botões e a alavanca de controle como se estivesse pilotando um avião num simulador de voo de computador. O monitor ia mostrando o fundo do mar numa vagareza que dava agonia. Em virtude da enorme pressão da água, os propulsores do *Sea Sleuth* só podiam movê-lo para a frente à velocidade de 1 nó. Pitt digitava no teclado de seu computador, mandando comandos até o computador de bordo do *Sea Sleuth*, para ajustar e focalizar as câmeras montadas na proa e na quilha, para visão à frente e diretamente para baixo. A sua esquerda, Burch sentava-se no console de orientação, verificando a posição do veículo autônomo e mantendo o *Deep Encounter* posicionado diretamente acima dos destroços.

- Para que lado? - Giordino perguntou a Burch.

- Vire 18 graus e siga em frente. Você deve encontrar o casco com mais 150 metros.

Giordino colocou o *Sea Sleuth* no curso indicado. Uns dez minutos depois, uma massa fantasmagórica apareceu à frente. A massa escura se espalhava e subia fora da visão dos monitores.

- Alvo localizado! - ele gritou.

Gradualmente, pedaços dos destroços iam ficando visíveis. Já era possível distinguir alguns ligeiramente a estibordo da proa, perto da âncora. Ao contrário dos primeiros navios de passageiros, os navios de cruzeiro modernos tinham as âncoras mais distantes da proa, e não muito acima da linha da água.

Pitt acendeu as poderosas luzes da frente, que penetraram na escuridão e iluminaram a maior parte da proa.

- Câmeras ligadas e filmando.

Diferentemente de outras descobertas de cascos naufragados, esta não foi recebida com gritos e risos. Todos ficaram em silêncio, como se estivessem olhando para um caixão num túmulo. Então, como se fossem puxados e presos por um gigantesco elástico, acotovelaram-se diante dos monitores. Podiam ver que o *Emerald Dolphin* não estava apoiado no fundo na posição vertical normal. Ele estava adernado num ângulo de 25 graus, expondo o fundo do casco até quase a quilha.

Giordino conduziu o *Sea Sleuth* ao longo do casco, atento para qualquer obstrução que ele pudesse encontrar e pudesse prendê-lo. Seu cuidado deu certo. Parou o veículo autônomo a 3 metros de um grande buraco no casco, com as extremidades irregulares e cheias de pontas.

- Aproxime-se para uma olhada melhor - disse para Pitt.

O comando foi digitado, e as câmeras focalizaram o buraco disforme de várias

perspectivas. Enquanto isso, Giordino manobrava o *Sea Sleuth* de modo que sua proa ficasse em frente ao buraco.

- Mantenha a posição - Pitt instruiu. - Isso parece interessante.

- Aquilo não foi provocado pelo fogo - disse um dos tripulantes.

- O casco foi perfurado de dentro para fora - observou Pitt.

Burch esfregou os olhos e fitou os monitores.

- Explosão de um tanque de combustível?!

Pitt balançou a cabeça.

- Os motores magnético-hidrodinâmicos não usam combustível fóssil inflamável.

- Virou-se para Giordino. - Al, leve-nos ao longo do casco até onde ele se separou da seção do meio do navio.

Giordino fez o que foi pedido e manobrou a alavanca, movendo o *Sea Sleuth* paralelamente ao casco. Mais 70 metros e viram um segundo buraco, e maior. Este também indicava uma explosão interna que rompera as placas de dentro para fora.

- A seção na parte interna do buraco era a do ar-condicionado - Misty informou, examinando com cuidado as plantas. - Não vejo nada aqui que pudesse provocar tanta destruição.

- Nem eu - Pitt concordou.

Giordino manobrou o *Sea Sleuth* um pouco para cima, até que aparecesse o convés dos botes salva-vidas. Vários dos botes salva-vidas queimados tinham sido retirados de seus turcos durante o mergulho. O resto que tinha permanecido no navio fora queimado e fundido em formas que não tinham descrição. Não parecia possível que o navio mais avançado tecnologicamente tivesse ficado sem seus botes salva-vidas em tão pouco tempo.

O veículo autônomo contornou a parte devastada do casco que se partira e separara do resto do navio. Chaminés, estruturas retorcidas, placas dos conveses estilhaçadas e espalhadas, como os restos de uma refinaria de petróleo incendiada. Parecia que o *Emerald Dolphin* tinha sido feito em pedaços por uma força gigantesca.

A parte central estava totalmente irreconhecível como uma parte pertencente a um navio. Não era mais do que uma enorme pilha de restos queimados e retorcidos. A visão horrenda ficou para trás quando o *Sea Sleuth* passou a mostrar novamente o mar escuro.

- Qual o curso para a popa? - Giordino perguntou a Burch.

O capitão examinou os números digitais na parte de baixo do monitor de orientação.

- Ela está a 100 metros, virando 90 graus para oeste.

- Virando 90 graus para oeste - Giordino repetiu.

Neste ponto, o fundo do mar parecia um depósito de lixo, com fragmentos de todo tipo, a maior parte completamente queimada. Apenas pilhas de cerâmica tinham escapado. Pratos, tigelas e xícaras, muitos ainda empilhados, se espalhavam pela areia lódica, como maços de cartas de jogar sobre uma mesa com feltro cinza. Para os observadores no centro de comando, parecia macabro que objetos tão frágeis tenham resistido ao fogo e à queda de mais de 6.000 metros, sem terem sido quebrados em centenas de cacos.

- Popa aparecendo - Giordino alertou, enquanto os restos eram deixados para trás na esteira formada pela força dos propulsores, e a parte final do navio naufragado começava a se materializar sob as luzes penetrantes do *Sea Sleuth*. Neste instante, o horrível pesadelo voltou à mente de todos. Homens e mulheres, que lutaram tão corajosamente para salvar os passageiros e a tripulação do navio

em chamas, agora se viam olhando novamente para os conveses de onde os sobreviventes tinham abandonado o navio, pelas cordas, ou se atirando no mar antes de serem resgatados pelo *Deep Encounter*.

- Nunca pensei que iria ver tudo isso de novo - murmurou uma das mulheres.

- Não é fácil esquecer - disse Pitt. - Agora estamos chegando à parte dianteira onde ela se separou da metade do navio.

- Chegando.

- Desça até 2 metros acima da areia. Quero dar uma olhada na quilha.

O *Sea Sleuth* obedeceu ao comando de Giordino e contornou o fundo da popa, que estava quase na posição vertical. Com muito cuidado, avançando centímetro por centímetro entre os fragmentos, Giordino parou o veículo e o nivelou, num ponto em que a seção que formava a popa tinha sido separada do resto do navio com violência. A pesada quilha de aço repousava sobre a areia. Todos podiam ver que ela estava empenada e retorcida, no ponto em que tinha sido quebrada em duas.

- Apenas explosivos poderiam ter feito este estrago - Pitt comentou.

- Está parecendo que o fundo do navio foi arrancado por uma explosão - disse Giordino. - A estrutura interna, enfraquecida pelo fogo e pela explosão, se desintegrou com a grande pressão da água durante o mergulho até o fundo.

- Isso explicaria o naufrágio tão rápido - acrescentou Burch. - Segundo o capitão do rebocador, o navio afundou tão depressa que quase leva junto o navio dele.

- Tudo isso leva à conclusão de que alguém tinha um motivo para incendiar e depois afundar o transatlântico na parte mais funda do oceano, para que os destroços não pudessem ser examinados.

- É uma boa teoria - afirmou Jim Jakubek, o hidrógrafo da equipe. - Mas onde estão as provas conclusivas? Como podemos provar isso na justiça?

Pitt balançou os ombros.

- A resposta é: não podemos.

- Então em que ponto ficamos? - perguntou Misty.

Pitt fitou pensativo os monitores.

- O *Sea Sleuth* fez seu trabalho e mostrou que o *Emerald Dolphin* não se destruiu, nem a destruição foi um ato de Deus. Teremos que procurar mais fundo e encontrar provas suficientes para uma investigação, provas que levarão ao assassino que é o responsável pela perda de um lindo navio e de mais de uma centena de vidas.

- Procurar mais fundo? - inquiriu Giordino sorrindo, como se não soubesse a resposta. - Como?

Pitt olhou para o amigo com olhos maliciosos.

- Você e eu iremos até os destroços no *Abyss Navigator* e pegaremos as provas.

- ESTAMOS LIVRES - DISSE GIORDINO, acenando para o mergulhador do lado de fora da pesada vigia, que tinha liberado o cabo do gancho do *Abyss Navigator*. Então ele aguardou que o mergulhador fizesse uma inspeção final, antes de encher os tanques de flutuação para a viagem até o fundo do mar. Uns poucos minutos e finalmente a cabeça e o rosto do mergulhador apareceram em uma das quatro vigias, e ele fez um sinal com o polegar para cima.

- Todos os sistemas funcionando - Pitt informou à tripulação, no centro de comando do *Deep Encounter*, que iria monitorar a viagem ao fundo e depois à superfície novamente.

- Por aqui parece tudo bem - respondeu Burch. - Estamos prontos.

- Encher tanques agora - disse Giordino.

O *Abyss Navigator* desceu enchendo os tanques de lastro superiores com água. Uma vez no fundo, a pressão seria muito grande e não permitiria a expulsão da água com bombas. Mas pesos fixados na parte inferior seriam liberados, e então ele flutuaria até a superfície.

O *Abyss Navigator* era um submersível para quatro pessoas, e seu centro nervoso era uma construção arredondada, de titânio, que abrigava o piloto e o técnico que controla os sistemas de suporte à vida, as luzes externas, câmeras e os dois braços mecânicos. Estes eram montados sob o casco também arredondado, como os robôs de efeitos especiais em um filme de ficção científica. Uma cesta de metal ficava abaixo dos dedos mecânicos, para recolher qualquer artefato apanhado no fundo. Conectados nas estruturas tubulares da esfera manobrável ficavam os suportes para o equipamento eletrônico, de comunicação e as baterias. Embora os dois servissem a objetivos similares, e basicamente carregassem os mesmos equipamentos, o *Navigator* e o *Sleuth* eram tão iguais quanto um São Bernardo e um burro. Um levava um pequeno barril de conhaque, e o outro, um ou mais seres humanos.

Nesta viagem o *Navigator* estava levando três pessoas. Misty Graham se juntara a Dirk e Al por duas razões. Uma, em qualquer projeto que Misty se envolvesse, ela o fazia com toda a sua alma. Depois de devotar todos os minutos de folga a estudar as plantas dos conveses do *Emerald Dolphin*, ela sabia mais sobre a localização de compartimentos específicos do que qualquer outra pessoa no navio de pesquisa. E outra, esta era uma oportunidade para ela estudar os organismos



marinhos que habitavam as profundezas.

Logo que Pitt carregou as câmeras e fez uma inspeção final nelas, ele monitorou os sistemas de suporte vitais antes de posicionar uma pequena cadeira reclinável onde assentar-se. Alojou-se para a longa e enfadonha viagem até o fundo do mar munido de palavras-cruzadas. Ocasionalmente levantava os olhos para olhar através de uma das vigias, à medida que as luzes da superfície iam perdendo os vermelhos, os verdes e os azuis, até se tornarem um azul-escuro, e finalmente um preto profundo. Ligou umas das luzes exteriores, mas não havia nada o que ver. Nenhuma vida marinha se deu ao trabalho de investigar o invasor que penetrava em seus domínios.

Chegaram ao universo negro e tridimensional da zona intermediária do oceano, uma região que ia de 200 metros abaixo da superfície a 200 metros acima do fundo do mar. Nesta região receberam o primeiro visitante.

Pitt pôs de lado as palavras-cruzadas, olhou pela vigia de bombordo e viu-se face a face com um diabo-marinho que acompanhava a descida do *Navigator*. Há poucos peixes tão feios e grotescos quanto um diabo-marinho. Com olhos saltados da cor de pérolas cinzentas, tinha uma haste que saía verticalmente de um buraco pouco abaixo dos olhos. Uma pequena luz, em sua ponta, era a isca para atrair suas refeições na infinita escuridão.

Sem escamas, ao contrário de seus distantes primos que habitam mais perto da superfície, era coberto com uma pele enrugada de cor marrom, que parecia um pergaminho em decomposição. Tinha uma boca enorme, acomodando centenas de pequenos dentes como agulhas, na parte inferior da cabeça, como uma caverna. Embora do mesmo tamanho - um ou dois palmos de comprimento -, uma piranha que encontrasse um diabo-marinho num beco escuro debaixo da água daria meia-volta e fugiria.

Pitt sorriu.

- Um perfeito exemplo de um velho clichê, um rosto que só a mãe poderia amar. - Comparado com outros habitantes das profundezas - disse Misty -, o diabo-marinho até que é deslumbrante.

A curiosidade do pequeno carnívoro logo diminuiu, e ele saiu da área iluminada de volta à escuridão.

Acima de 6.000 metros encontraram o bizarro mundo da vida marinha conhecida como reino dos sifonóforos, constituído de predadores gelatinosos, de todos os formatos e tamanhos, alguns de poucos centímetros de comprimento, outros com mais de 40 metros. Eles vivem num reino que cobre 95% das águas do mundo, e mesmo assim ainda são um mistério para os oceanógrafos, pois raramente são vistos, e menos ainda capturados.

Misty estava no seu elemento, ao olhar fascinada esses animais incrivelmente belos. Da mesma forma que seus primos gelatinosos que habitam as águas da superfície, são delicadamente transparentes e têm cores luminescentes de imensa beleza, e com diferentes formatos e configurações. Seus corpos são modulares, com órgãos internos múltiplos; alguns têm mais de cem estômagos, normalmente visíveis através de um interior diáfano. Muitas variedades têm tentáculos longos e muito delicados, enquanto outros mais parecem um esfregão. Como a teia de uma aranha, seus tentáculos são dispostos como redes, para facilitar a captura de peixes.

As cabeças da maior parte dos sifonóforos são chamadas de sino. Elas não têm olhos ou boca e funcionam como meio de propulsão. De uma maneira incrivelmente eficiente, a água é aspirada através de uma série de válvulas. Em seguida é expelida por contrações musculares, impulsionando o pegajoso animal

para qualquer direção que ele queira seguir, dependendo de quais válvulas no sino sejam comprimidas.

- Eles são tímidos diante da luz forte - disse Misty para Pitt. - Podemos diminuir a intensidade?

Pitt concordou e reduziu os feixes de luz do *Navigator* até um pequeno clarão, que ainda permitia ver os seus arco-íris luminescentes.

- Uma apolêmia - Misty falou baixo e respeitosamente, ao ver uma criatura passar pela vigia, uma espécie de polvo abrindo seus tentáculos de 30 metros numa rede mortal.

Durante os milhares de metros seguintes o show continuou, enquanto Misty anotava suas observações com rapidez num bloco de notas. Pitt usava o vídeo e as câmeras. À medida que as criaturas rareavam, as que ainda eram vistas tornaram-se muito menores. Elas habitavam as profundezas submetidas a milhares de quilos de pressão porque o interior de seus corpos igualava a mesma força, e resistia.

Pitt estava tão absorto no episódio do lado de fora da vigia que esqueceu as palavras-cruzadas. Só quando Giordino o puxou levemente foi que ele desviou o olhar.

- Chegando ao fundo.

Do lado de fora, a água estava ficando cheia de "neve marinha", minúsculas partículas de cor cinza-claro, caindo, que eram organismos mortos ou lixo produzido pelas criaturas do mar. Os homens dentro do submersível se sentiram como se estivessem dirigindo dentro de uma leve nevasca. Pitt se perguntou qual fenômeno submarino fazia com que a neve parecesse mais intensa agora do que sob as luzes e as câmeras do *Sea Sleuth* no dia anterior.

Ele ligou todas as luzes e olhou pela vigia instalada na parte inferior do *Navigator*. Como se fosse terra materializada por uma neblina, o fundo apareceu debaixo das pranchas de deslizar enquanto a sombra do submersível ficou visível, na areia, sob as luzes inferiores.

- Chegamos ao fundo - ele alertou Al.

Giordino controlou o movimento para cima liberando dois pesos, neutralizando a variação de flutuação, até que o movimento de descida ficou mínimo, e parou o *Navigator* a apenas 6 metros acima do fundo. Como um avião fazendo uma aterrissagem perfeita, Giordino tinha manobrado o submersível até o ponto exato, com grande perícia.

- Ótimo - Pitt o cumprimentou.

- Apenas mais um dos meus feitos - Giordino retrucou pomposamente.

- Chegamos ao fundo e precisamos de orientação - Pitt disse ao capitão Burch, no centro de comando, 6 quilômetros acima.

- Vocês vão encontrar o navio 70 metros a sudeste - a voz do capitão chegou de volta. - Sigam o curso de 140 graus e vocês vão chegar à parte final da seção dianteira, onde ele se partiu.

Giordino acionou os motores e dirigiu o *Navigator* ao lugar indicado por Burch. Uns 15 minutos depois, os destroços retorcidos onde o navio tinha se rompido começaram a aparecer. Ver diretamente os efeitos devastadores do incêndio, e não através de um vídeo, foi um choque. Nada podia ser identificado. Sentiram-se como se estivessem olhando para uma caverna imensa cheia de fragmentos queimados. A única semelhança com o que outrora tinha sido um navio era o contorno do casco.

- Para onde? - perguntou Giordino.

Misty levou algum tempo estudando as plantas do interior dos conveses do

**Emerald Dolphin.** Finalmente, fez um círculo sobre uma área e a mostrou a Giordino.

- Você quer entrar? - ele perguntou a Pitt, sabendo que a resposta o deixaria muito satisfeito.

- O mais que pudermos - Pitt respondeu. - Se for possível, gostaria de penetrar na capela, onde o fogo começou, segundo a tripulação.

Giordino olhou os sombrios destroços, com ar de dúvida.

- Podemos ficar presos aí dentro.

Pitt sorriu.

- Então eu teria tempo de terminar minhas palavras-cruzadas.

- Tá - Giordino resmungou. - Por toda a eternidade. - Sua atitude sarcástica era só aparência. Ele teria pulado com Pitt da Ponte Golden Gate se seu amigo estivesse dependurado na amurada. Ele pegou a coluna de controle e gentilmente colocou a mão na válvula de pressão. - E só dizer onde e quando.

Misty fez o possível para ignorar o humor sardônico dos dois, mas a idéia de morrer sozinha, e nunca mais ser encontrada nas profundezas do mar, não lhe agradava.

Depois que Pitt deu as coordenadas, ele ligou para o **Deep Encounter** para relatar a situação, mas não houve resposta.

- Estranho - ele disse, intrigado. - Eles não estão respondendo.

- O equipamento de comunicação provavelmente está com problema - Giordino disse com calma.

Pitt não perdeu mais tempo tentando contatar o centro de comunicação. Verificou a quantidade de oxigênio no sistema de suporte vital. Indicava uma hora restante.

- Vamos entrar - ordenou. Giordino concordou rapidamente e acionou os controles do submersível, cuidadosamente, manobrando-o para o buraco.

A vida marinha já estava tomando conta dos destroços, instalando-se. Era possível ver peixes com rabos como ratos, uma espécie de camarão e algo que só poderia ser descrito como uma lesma marinha. Todos tinham encontrado uma maneira de penetrar nas ruínas do navio.

O interior calcinado dos destroços parecia ameaçador. Havia uma leve corrente, mas não o suficiente para ser um problema para Giordino manter o **Navigator** firme. Os contornos do que tinha sobrado dos conveses e das estruturas de apoio começaram a aparecer na escuridão. Olhando para as plantas do navio, e para fora, pela vigia, Pitt calculou em qual convés deveria entrar, para tingir a capela.

- Suba até o quarto convés - disse Misty. - Há uma alameda de compras que leva à capela.

- Vamos tentar - disse Pitt.

Vagarosamente, Giordino manobrou o submersível para cima, sem a necessidade de liberar mais pesos, usando apenas os aceleradores de propulsão. Tão logo alcançaram o convés indicado por Misty, ele fez o **Navigator** pairar por um minuto, enquanto os dois homens observaram o interior dos destroços, agora iluminado pelas quatro luzes dianteiras. Tubos derretidos e instalações elétricas penduravam-se como tentáculos retorcidos. Pitt ligou as câmeras filmadoras e começou a gravar.

- Nunca vamos conseguir contornar aquilo - disse Giordino.

- Contornar, não - Pitt discordou -, vamos em frente. Enfie a proa entre as tubulações.

Sem discutir, Giordino manobrou o submersível por entre um emaranhado de tubos derretidos que pendiam do teto do convés acima. Os tubos se partiram e

desintegraram, como se fossem de plástico de má qualidade, produzindo uma nuvem de cinzas facilmente vencida pelo submersível.

- Seu palpito deu certo - murmurou Giordino.

- Achei que eles tinham ficado quebradiços depois de terem sido submetidos a um calor tão intenso.

Subiram um pouco, através dos destroços calcinados da alameda das compras. Nada tinha sobrado das butiques de luxo. Todas tinham queimado sem deixar vestígio. Estruturas escurecidas e retorcidas eram o que tinha sobrado para indicar onde as butiques se localizavam. Giordino cautelosamente navegou ao largo e sobre as pilhas de detritos que subiam como montes cobertos por uma lava negra e cheia de pontas.

Misty ficou pensativa e acobrunhada, mais do que os homens, sabendo que estavam se movendo por espaços onde homens passearam, enquanto as mulheres faziam compras, onde as crianças corriam e gritavam. Ela quase podia imaginar os fantasmas indo e vindo pela alameda. A maior parte dos passageiros tinha enganado a morte e agora estava em suas casas, carregando lembranças que os fariam viver assombrados para o resto de suas vidas.

- Não há muito o que ver - disse Giordino.

Pitt fitou a devastação.

- Nenhum caçador de tesouro vai gastar seu tempo e dinheiro numa ruína como esta.

- Eu não apostaria nisso. Você sabe como funciona. Daqui a 20 anos, alguém vai afirmar que o navio foi ao fundo com US\$ 20 milhões, em dinheiro, no cofre da tesouraria. Cinquenta anos mais tarde correrá um boato de que havia US\$ 50 milhões em prata. Então, em mais 200 anos vão dizer que ele afundou com um bilhão em ouro.

- Não dá para entender, quando se sabe que muito mais foi gasto na procura de ouro debaixo do mar, nos últimos cem anos, do que o que foi encontrado.

- Apenas os casos do *Edinburgh*, do *Atocha* e do *Central America foram lucrativos*.

- Exceções à regra - disse Pitt.

- Há mais tesouros no mar do que simplesmente ouro - falou Misty.

- Há, sim - Pitt retrucou -, tesouros que ainda estão para serem descobertos, que não vêm do homem.

Pararam de falar quando diversas vigas bloquearam a passagem. Com cuidado, Giordino fez o *Navigator* avançar naquele emaranhado, arranhando a tinta das pranchas de deslizar. - Muito perto - ele suspirou. - Agora a mágica vai ser voltar.

- Chegando ao lugar da capela - Misty informou.

- Como você pode ter certeza, nessa destruição? - perguntou Pitt.

- Há ainda algumas características que dá para confrontar com as plantas - ela respondeu, com o rosto sério e concentrado. - Pare daqui a 10 metros.

Pitt deitou-se sobre o estômago e olhou com atenção para fora da vigia, enquanto Giordino movia o submersível mais 10 metros, e parava. Ele ficou pairando, como se estivesse levitando no espaço do *Emerald Dolphin* outrora ocupado pela capela ecumênica. A única evidência que demonstrava que eles estavam no lugar certo eram as armações derretidas que sustentavam os bancos de madeira. Pitt inclinou-se sobre o pequeno console que continha os controles do braço mecânico. Com um leve toque nos botões e nas alavancas, começou a mover o braço para baixo, até que ele chegou à posição de poder ciscar e afastar as cinzas com seus dedos mecânicos.

Depois de limpar uma área de 10 metros quadrados e não encontrar nada de

interesse, disse para Giordino:

- Ande mais 2 metros.

Giordino obedeceu e sentou-se pacientemente até que Pitt pediu que ele movesse o submersível para outra área de busca. Havia pouca conversa enquanto cada um deles se concentrava em suas tarefas. Uns 30 minutos depois Pitt tinha examinado e revirado quase toda a área da capela. Mas num golpe de sorte ele encontrou o que estava procurando na última área examinada. Uma estranha substância cobria um montículo retorcido, no chão do convés. O objeto, ou substância, de menos de 15 centímetros de comprimento e 5 centímetros de largura, não tinha a aparência que seria normal, no caso, ou seja, queimada, mas era liso e arredondado. As cores também eram diferentes. Em vez de negro ou chamuscado, era esverdeado.

- Acabou o tempo - Giordino advertiu. - Não temos muito oxigênio de reserva para chegar até a superfície em segurança.

- Acho que vamos achar o que viemos buscar - disse Pitt. - Só mais cinco minutos.

Muito de leve ele manobrou os dedos do braço mecânico e vagarosamente os depositou debaixo do estranho material meio enterrado nas cinzas. Quando o objeto tinha sido delicadamente agarrado, Pitt tocou nos controles e o ergueu, acima dos detritos incinerados. Em seguida, puxou o braço mecânico e cuidadosamente colocou o objeto na cesta. Só então liberou os dedos e travou de volta o braço mecânico.

- Vamos para casa.

Giordino fez um giro vagaroso de 180 graus com o submersível e o movimentou de volta através da alameda das compras.

De repente, houve um barulho de choque metálico e o submersível parou com um solavanco. Por um instante ninguém disse nada. Misty colocou as mãos sobre o peito, num movimento de medo repentino. Pitt e Giordino se entreolharam e passou por suas cabeças, brevemente, a possibilidade de que estavam presos irreversivelmente, para a eternidade, neste lugar medonho.

- Acho que você bateu em alguma coisa - Pitt disse, num tom desinteressado.

- Parece que bati - Giordino respondeu, tão nervoso quanto uma preguiça que não estava gostando do gosto da folha que estava comendo.

Pitt inclinou a cabeça e olhou para fora da vigia da parte superior.

- Parece que o tanque de lastro ficou preso numa viga.

- Eu devia ter visto a viga.

- Ela não estava lá quando entramos. Deve ter caído depois que passamos.

Misty estava com medo, e não podia entender como os dois homens podiam tratar com calma uma situação tão séria. Ela não sabia que Pitt e Giordino tinham estado em situações piores do que esta durante sua longa amizade. O humor era um mecanismo usado para manter suas mentes livres de pensamentos indesejáveis como o medo e a morte.

Giordino moveu devagar o *Navigator* para trás e para baixo. Houve um horrendo som de metal deslizando contra metal. De repente o submersível ficou livre, e a tenebrosa escuridão ficou silenciosa novamente.

- O tanque não parece muito bem - informou Pitt, tentando não ser alarmista. - Há várias ranhuras e o topo foi afundado.

- Mas como já está cheio de água do mar, não vai vaziar.

- Por sorte não vamos precisar dele na viagem para casa.

Por fora, Giordino parecia sereno como um pequeno lago, mas por dentro ficou muito aliviado quando saiu do emaranhado de detritos pendendo de cima, e

pilotou o *Navigator* para o mar aberto novamente. Logo que saíram dos destroços e Giordino liberou alguns pesos para a subida, Pitt chamou a superfície outra vez. Não teve resposta, e seus olhos ficaram pensativos.

- Não entendo por que as comunicações não estão funcionando - disse lentamente. - Não há nada errado com o sistema do nosso lado, e eles estão muito mais bem equipados para resolver problemas do que nós.

- A Lei de Murphy pode atacar em qualquer lugar, a qualquer momento - disse Giordino filosoficamente.

- Não acho que o problema seja sério - disse Misty, agora muito aliviada por estarem subindo para a superfície e para a luz do sol.

Pitt desistiu de tentar contato com o *Deep Encounter*. Desligou a câmera e as luzes externas para economizar a bateria, para o caso de alguma emergência. Depois sentou-se na sua cadeira e relaxou, voltando às palavras-cruzadas. Resolveu todas as chaves, menos uma, e decidiu tirar uma soneca.

Quase três horas mais tarde a água começou a mudar, de negro para azul-escuro, à medida que as cores do espectro solar voltavam a aparecer.

Olhando através da vigia da parte superior, eles podiam ver a superfície do mar, sempre em movimento, tremeluzindo acima deles. Menos de um minuto depois, o *Abyss Navigator* assomou à superfície. Ficaram felizes de ver que as ondas não tinham mais de 50 centímetros de altura. O submersível, ainda com alguns metros de seu casco dentro d'água, balançava-se e deslizava vagarosamente.

Ainda não havia comunicação com o navio-pesquisa na superfície. Eles não podiam ver o navio porque três vigias tinham visão para baixo. E a vigia da parte superior não oferecia visão horizontal; os tripulantes do submersível só podiam olhar para cima. Esperaram que os mergulhadores viessem prender o cabo de içamento, mas depois de dez minutos não havia sinal de ninguém. Alguma coisa não estava de acordo com os planos.

- Ainda sem contato - disse Pitt. - E nenhum mergulhador. Será que todo o mundo está dormindo?

Talvez o navio tenha afundado - Giordino disse brincando, entre bocejos.

- Não diga isso - Misty criticou.

Pitt riu para ela.

- Muito improvável. Principalmente em águas calmas.

- Já que as ondas não estão passando acima do topo, por que não quebrar a escotilha e dar uma olhada?

- Boa idéia - disse Misty. - Já estou cansada de respirar suor masculino.

- Você devia ter se queixado mais cedo - disse Giordino, cavalheirescamente. Pegou uma lata de -spray perfumado para carro e aspergiu o submersível. - Ar empestado, caia fora.

Pitt deu uma risada e entrou, de pé, no estreito túnel que passava pelo interior do tanque de flutuação que tinha saído danificado. Ele estava preocupado com a possibilidade de a colisão ter emperrado a escotilha, mas depois de mover a alça que a destravava, ela se abriu para dentro sem nenhum esforço. Ele então se esgueirou pela abertura e ficou com a cabeça e os ombros acima da escotilha, respirando o ar fresco e olhando em volta procurando pelo navio de pesquisa e os pequenos botes com os mergulhadores. Seus olhos fizeram uma varredura de 360 graus.

É desnecessário descrever a onda de incredulidade e de emoção que tomou conta de Pitt. Suas reações foram da mais completa perplexidade ao mais contundente choque.

O mar estava vazio. O *Deep Encounter* tinha desaparecido. Era como se ele

nunca tivesse existido.

ELES SUBIRAM A BORDO QUASE no mesmo momento em que o *Abbyss Navigator* chegou ao fundo do mar e Pitt fez a comunicação pelo telefone. A tripulação estava em suas tarefas de rotina e os cientistas estavam no centro de comando monitorando Pitt e Giordino em sua investigação dos destroços do *Emerald Dolphin*. O seqüestro veio tão rápido e inesperadamente que ninguém no *Deep Encounter* percebeu o que estava acontecendo.

Burch estava recostado em sua cadeira, braços cruzados sobre o peito, olhando os monitores, quando Delgado, que estava de pé, perto do equipamento de radar, percebeu um ponto se movendo na tela.

- Temos um visitante vindo em nossa direção, do nordeste.

- Provavelmente um navio de guerra - disse Burch, sem tirar os olhos dos monitores. - Estamos a mais de quilômetro e meio fora da rota dos navios comerciais.

- Não parece um navio de guerra - respondeu Delgado. - Mas está vindo em alta velocidade, e diretamente sobre nós.

Burch levantou as sobrancelhas. Sem responder a Delgado, pegou um binóculo e foi para a extremidade da ponte de comando. Ele procurou na distância através das lentes de aumento, e viu um bote laranja e branco, cortando o mar em direção ao *Deep Encounter*. Qualquer eventual apreensão desapareceu. O barco que se aproximava não sugeria nenhum perigo.

- O que você acha que é? - perguntou Delgado.

- Um barco de serviço de alguma companhia de petróleo, e dos grandes - respondeu Burch. - E vem depressa, a julgar pela espuma levantada pela proa. Uns bons 30 nós.

- Gostaria de saber de onde ele saiu. Não há plataformas de petróleo num raio de milhares de quilômetros.

- Eu estou mais interessado em saber por que eles estão interessados em nós.

- Ele tem um emblema ou o nome da companhia no casco?

- Estranho - Burch disse lentamente. - O nome na proa e as marcas de quem quer que seja a companhia proprietária estão cobertos.

Burch tinha acabado de falar quando o operador de rádio apareceu na ponte de comando.

- Tenho o comandante do barco da companhia de petróleo na linha - ele disse.



O capitão abriu uma caixa impermeável e pegou o telefone.

- Aqui é o capitão Burch, do **Deep Encounter**. da NUMA. Prossiga.

- Aqui o capitão Wheeler, do Pegasus, da Mistral Oil Company. Vocês têm um médico a bordo?

- Afirmativo. Qual é o problema?

- Temos uma pessoa muito ferida.

- Aproxime-se e nós mandaremos nosso médico.

- É melhor nós o levarmos a bordo do seu navio. Não temos instalações médicas nem equipamentos.

Burch olhou para Delgado.

- Você ouviu?

- Muito estranho - disse Delgado.

- Também acho - concordou Burch. - Não ter um médico a bordo dá para entender, mas não ter equipamentos médicos? Não bate.

Delgado se dirigiu para a escada.

- Vou mandar estender uma maca.

O barco parou a uns 50 metros do navio de pesquisa. Alguns minutos depois uma lancha foi baixada, com um homem coberto por cobertores estendido numa padiola, que foi colocada entre os bancos. Quatro homens também subiram na lancha, que logo estava subindo e descendo as ondas ao lado do casco do **Deep Encounter**. Sem que ninguém esperasse, três dos tripulantes subiram a bordo e começaram a içar o homem ferido para o convés de serviço, afastando rudemente a tripulação do **Deep Encounter**.

Em seguida, os visitantes puxaram os cobertores e pegaram armas automáticas que estavam escondidas e as apontaram para os tripulantes. O homem da padiola ficou de pé, pegou uma arma e correu para a escada de estibordo, que levava à ponte de comando.

Burch e Delgado compreenderam imediatamente que era um seqüestro. Se estivessem num navio comercial ou no iate particular teriam corrido para o armário das armas e começado a distribuí-las. Mas segundo as leis internacionais, navios de pesquisa não tinham permissão para levar armas. Não podiam fazer nada, a não ser permanecerem indefesos, até que o invasor chegasse à ponte de comando.

O seqüestrador não parecia um pirata, nada de perna de pau, de papagaio ou de venda no olho. Tinha mais um ar de executivo. O cabelo era prematuramente grisalho, a pele, negra. Era de estatura mediana, com o estômago aparecendo na linha da cintura. Tinha a aparência de um homem acostumado com a autoridade, e estava vestido elegantemente, com uma camisa pólo e bermudas. Como um ato de cortesia, não apontava o cano de seu rifle automático nem para Burch nem para Delgado. Apontava displicentemente para o céu.

Por um momento eles se examinaram cuidadosamente. Então o invasor ignorou Delgado e virou-se para Burch, falando cortesmente num inglês com sotaque americano.

- Capitão Burch, suponho.

- E você?

- Meu nome não vem ao caso - o pirata disse, num tom lembrando o de uma grossa limando ferro. - Espero que não ofereça nenhuma resistência.

- O que é que você pensa que está fazendo no meu navio?

- Nós estamos confiscando seu navio - retrucou o invasor, agora num tom cortante. - Ninguém vai ficar ferido.

Burch olhou para ele com incredulidade.

- Este navio é propriedade do governo dos Estados Unidos. Você não tem autoridade para simplesmente subir a bordo e confiscá-lo.

- Oh, mas nós temos. - Ele ergueu a arma. - Esta é a nossa autoridade.

Enquanto falava, os três homens armados no convés de serviço começaram a reunir os tripulantes do navio de pesquisa. A lancha voltou logo com mais dez homens armados, que se espalharam por todo o navio de pesquisa.

- Isto é loucura - disse Burch com rispidez e indignação. - O que você pretende com este ato criminoso?

O homem alto e moreno sorriu com desprezo.

- Você não tem capacidade para compreender nosso objetivo.

Um seqüestrador armado se aproximou.

- Senhor, o navio está sob nosso controle, e toda a tripulação e os cientistas estão sob vigilância na sala de refeições.

- E a casa de máquinas?

- Aguardando suas ordens.

- Então preparar para zarpar. A toda velocidade.

- Vocês não irão a lugar nenhum suficientemente longe sem serem apanhados - disse Delgado. - O navio não pode fazer mais que 10 nós.

O seqüestrador riu.

- Só 10 nós? Você desvaloriza seu navio, senhor. Sei que você conseguiu duas vezes mais na corrida para salvar o ***Emerald Dolphin***. De qualquer modo, mesmo 20 nós é muito pouco. - Fez uma pausa e foi até a proa, onde o barco de serviço estava tomando posição preparando-se para rebocar o navio de pesquisa. - Aqui entre nós, seremos capazes de fazer mais de 25 nós.

- Para onde vai nos levar? - questionou Delgado, com uma raiva que Burch nunca tinha visto.

- Isto não é da sua conta - o homem retrucou numa voz áspera. - Tenho a sua palavra, capitão, que o senhor e sua tripulação não tentarão resistir ou desobedecer às minhas ordens?

- Vocês têm as armas - Burch disse sem emoção. - Nós não temos nenhuma arma, além de nossas facas de cozinha.

Enquanto conversavam, o cabo de reboque foi trazido para bordo e amarrado em torno do poste de amarração dianteiro do ***Deep Encounter***. Os olhos de Burch de repente ficaram preocupados.

- Não podemos partir - disse incisivamente. - Não já.

O seqüestrador olhou para ele, tentando descobrir qualquer sinal de esperteza. Não viu nenhum.

- Você já está questionando minhas ordens.

- Você não entendeu - disse Delgado. - Temos um submersível lá no fundo, com dois homens e uma mulher. Não podemos deixá-los para trás.

- Que pena. - O pirata encolheu os ombros com indiferença. - Eles vão ter que chegar a terra por si mesmos.

- Impossível. Isso seria assassinato.

- Eles não podem se comunicar com o resto do mundo?

- Eles têm apenas um pequeno rádio portátil e um telefone acústico submarino - explicou Delgado. - Só poderão contatar algum navio ou avião se eles estiverem a uma distância de quilômetro e meio.

- Pelo amor de Deus, homem - suplicou Burch. - Quando retornarem à superfície e virem que sumimos não terão nenhuma chance de salvação. Não nesta distância das rotas marítimas. Você está assinando a sentença de morte deles.

- Não é problema meu.

Com raiva, Burch deu um passo à frente em direção ao seqüestrador, que imediatamente levantou a arma e apontou para o peito do capitão.

- Não seria sábio me desafiar, capitão.

Com os punhos cerrados ao lado do corpo, Burch ficou olhando o homem negro como se ele fosse louco, depois virou-se e fitou com olhar vago a área do mar onde tinha visto pela última vez o *Abyss Navigator*.

- Deus o proteja, se estes homens morrerem - disse com uma voz capaz de cortar aço. - Porque você vai pagar por isso.

- Se posso retribuir - disse o pirata friamente - não será você que vai assinar minha sentença de morte.

Derrotados, e pensando com muita tristeza em Pitt, Giordino e Misty, sem nenhuma capacidade de ação, e nenhuma possibilidade de negociar, Burch e Delgado só podiam se deixar levar para a sala de refeição por um homem armado.

Antes que o *Abyss Navigator* tivesse subido à superfície, o *Deep Encounter* já tinha desaparecido havia muito tempo, a nordeste do horizonte.

SANDECKER ESTAVA TRABALHANDO EM SUA MESA tão concentrado que não percebeu, de imediato, que Rudy Gunn tinha entrado no escritório e se sentado em frente a ele. Gunn era um homem pequeno e muito cordial. Os últimos tufo de cabelo no topo de sua cabeça, os óculos grandes de aros de plástico imitando tartaruga, o relógio barato em seu pulso, tudo sugeria um burocrata rotineiro e insípido, que passava despercebido num cubículo detrás da instalação do ar-condicionado.

Gunn era qualquer coisa, -menos insípido. Melhor aluno na academia de Annapolis, serviu com distinção na Marinha antes de se juntar a Sandecker na NUMA, como diretor-assistente e chefe de operações. Conhecido por possuir uma mente brilhante complementada por um instinto pragmático, geria as operações do dia-a-dia da NUMA com uma eficiência desconhecida em outras agências do governo. Gunn era amigo íntimo de Pitt e Giordino. Sempre apoiou e deu força às suas idéias meio malucas e aventureiras, que contradiziam as determinações de Sandecker.

- Desculpe interromper, almirante, mas temos um sério problema.

- O que é desta vez? - perguntou Sandecker, sem levantar os olhos do trabalho. - Outro projeto que ultrapassou o orçamento?

- Temo que seja muito pior.

Só neste momento foi que o almirante levantou os olhos.

- O que aconteceu?

- O *Deep Encounter* e todos a bordo desapareceram.

Não houve nada que denotasse surpresa em Sandecker. Nenhum questionamento em sua expressão. Nem a automática repetição da expressão -desapareceram. Continuou sentado, frio, esperando que Gunn continuasse.

- Todas as nossas comunicações por rádio e telefone via satélite não tiveram resposta - Gunn começou a explicar.

- Há pelo menos cem motivos para uma pane nas comunicações - Sandecker interrompeu.

- Há sistemas de -backup - Gunn disse pacientemente. - Não podem ter entrado em pane todos ao mesmo tempo.

- Quando foi a última vez que responderam?

- Há dez horas. - Gunn preparou-se para a reação que ele tinha certeza que viria.

Desta vez, Sandecker reagiu como era esperado.

- Dez horas! Minhas instruções são para que todos os navios em operação enviem mensagens de localização a cada duas horas.

- Suas instruções foram seguidas à risca. O *Deep Encounter* agiu como devia.

- Agora não entendi.

- Alguém fazendo-se passar pelo capitão Burch fez contato a cada duas horas, e forneceu relatórios atualizados do projeto de investigação dos destroços do *Emerald Dolphin*. Sabemos que não era o capitão porque os sistemas de gravação de nossas comunicações não aceitaram seu padrão de voz. Alguém estava tentando imitar o capitão. Um trabalho muito ruim.

Sandecker absorvia cada palavra, sua mente afiada estabelecendo as conseqüências do que Gunn estava lhe dizendo.

- Você tem certeza, Rudy?

- Tenho absoluta certeza.

- Não posso acreditar que o navio e todos a bordo tenham sumido no ar.

Gunn concordou.

- Quando nosso departamento de comunicações me alertou, tomei a liberdade de pedir a um amigo da National Oceanic Atmospheric Agency que analisasse as fotos do satélite meteorológico da área em que o *Deep Encounter* estava operando. Ampliações das fotos não mostram nenhum sinal do navio num raio de 150 quilômetros.

- Quais eram as condições do tempo?

- Céu claro, ventos de 25 quilômetros e mar calmo.

Sandecker estava tentando pensar em meio a muitas dúvidas.

- O navio não afundaria de modo nenhum. Não levava produtos químicos que pudessem ter provocado uma explosão. Uma colisão com outro navio, talvez?

- Ele estava fora das rotas regulares, e nenhum outro navio estava próximo.

- Uma voz imitando o capitão e mandando informes falsos a cada duas horas. - O almirante fitou Gunn de modo penetrante. - O que você está sugerindo, Rudy, é que o *Deep Encounter* foi seqüestrado.

- É o que está parecendo - concordou Gunn. - Se ele não foi afundado por um submarino que se aproximou sem ser detectado, uma teoria ridícula, sem dúvida, não vejo alternativa. O navio deve ter sido capturado e levado para fora do alcance das lentes do satélite meteorológico.

- Mas se o barco foi seqüestrado, para onde foi levado? Como ele pode ter desaparecido em menos de duas horas? Sei por experiência própria que a maior velocidade que o *Deep Encounter* alcança é 15 nós. Ele não poderia ter navegado mais de 150 milhas náuticas, desde o último relatório de rotina.

- Foi minha culpa - disse Gunn. - Eu deveria ter pedido uma varredura mais ampla, mas fiz o pedido antes que soubesse que as comunicações pelo rádio eram falsas, e a possibilidade de seqüestro era a última coisa na minha cabeça.

Sandecker inclinou para trás a poltrona e enfiou a cabeça entre as mãos por um momento, mas logo recompôs-se.

- Pitt e Giordino, eles estavam no projeto - disse, mais como uma declaração do que uma interrogação.

- O último informe verdadeiro passado pelo capitão Burch diz que Pitt e Giordino estavam a bordo do *Abys Navigator*. Eles estavam se preparando para descer em busca dos destroços.

- Isto é loucura - interrompeu Sandecker. - Quem ousaria seqüestrar um navio do governo dos Estados Unidos no Pacífico Sul? Não há guerras ou revoluções naquela parte do mundo. Não consigo ver um motivo.

- Nem eu.

- Você contactou os governos da Austrália e da Nova Zelândia e pediu uma ampla busca?

Gunn fez que sim com a cabeça.

- Eles me asseguraram toda a cooperação. Todos os navios perto da área, quer sejam cargueiros ou barcos militares, estão dispostos a abandonar suas rotas e partir na operação de busca.

- Consiga, de qualquer fonte, meteorológica ou de segurança, fotos de satélite ampliadas de áreas de 2.500 quilômetros quadrados daquela parte do Pacífico. Não quero perder nada. O *Deep Encounter* tem que estar em algum lugar por lá. Recuso-me a acreditar que ele afundou.

Gunn levantou-se da cadeira e dirigiu-se para a porta.

- Vou providenciar.

Sandecker ficou sentado por vários minutos, fitando uma galeria de fotos que cobria uma parede de seu escritório. Seus olhos pararam numa foto colorida de Pitt e Giordino de pé junto a um submersível, bebendo uma taça de champanhe enquanto celebravam o resgate de um barco chinês, cheio de tesouros, no lago Michigan. Seus olhos se fixaram também num charuto que Giordino fumava, iguais aos de seu fornecimento particular.

Havia uma amizade intensa entre os três homens. Pitt e Giordino eram como os filhos que ele nunca teve. Por mais que sua imaginação corresse solta, Sandecker não podia acreditar que os dois homens tivessem morrido. O almirante girou a poltrona e olhou pela janela, no último andar do edifício da NUMA, de frente para o rio Potomac.

- Em que tipo de brincadeira vocês dois se meteram desta vez?

DEPOIS DE ACEITAREM O DESAPARECIMENTO do *Deep Encounter* na vasta imensidão do oceano, Pitt, Giordino e Misty ajustaram-se no apertado espaço do submersível e concentraram-se em permanecer vivos. Não encontraram nenhum sinal de madeira ou outros destroços, ou mancha de óleo, e isto fez com que passassem de pessimistas para otimistas, supondo que por qualquer razão o navio tinha ido para algum lugar e voltaria logo.

Mas a noite passou. O sol nasceu e se pôs duas vezes, e ainda não havia nenhum sinal do navio-mãe. A preocupação aflorou, e logo começaram a pensar no pior, à medida que seus olhos procuravam por todo o horizonte e não viam nada a não ser o mar esverdeado e o céu azul. Nenhum navio ou avião. O sistema de localização por satélite informou que tinham passado o meridiano da hora internacional, e que estavam à deriva indo para o sul e se distanciando das rotas de navios. A esperança de um resgate ia diminuindo.

Eles também não se enganavam. Um navio que passasse precisaria quase atropelá-los para ver a minúscula escotilha do *Abyss Navigator*. O sinal de localização emitido pelo radar alcançava 35 quilômetros, mas estava programado para ser recebido apenas pelo computador a bordo do *Deep Encounter*. Um navio ou avião não o detectaria. A única esperança seria ser ouvido por alguma embarcação de busca que chegasse a 3 quilômetros deles.

A água era a primeira prioridade. Felizmente, rajadas de vento com chuva eram frequentes. Um colchonete de plástico que cobria o chão do submersível foi estendido e preso por fora da escotilha: ele captava a chuva e a enviava para dentro, através de uma canaleta feita com papelão vincado, até as garrafas que tinham levado para bordo. Depois que todos os sanduíches tinham sido consumidos, desenvolveram um sistema de pesca. Usando ferramentas levadas a bordo para reparos de emergência, Pitt confeccionou uma série de ganchos, enquanto Misty usava seus dotes artísticos para fazer iscas coloridas de todo material que ela pudesse encontrar. Para as linhas de pesca Giordino desmontou ligações eletrônicas e prendeu os fios aos ganchos e às iscas. Não confiando apenas em uma linha, lançaram várias, e foram recompensados com três pequenos peixes, que Misty identificou como cavalas, antes de serem cortados e usados como iscas para atrair mais peixes. Num espaço de dez horas tinham conseguido um pequeno estoque de peixes frescos, que foram devidamente

descarnados, eviscerados e limpos por Misty. Os três comeram sashimi em grande estilo, até o último pedaço. Tinha pouco gosto, mas ninguém reclamou, mais interessados que estavam na alimentação.

Depois de longas conjecturas sobre o paradeiro do *Deep Encounter*, sua tripulação e cientistas, finalmente desistiram e passaram a discutir, debater e filosofar sobre tudo, desde a política até a alimentação, passando pela tecnologia oceanográfica. Qualquer coisa servia para afastar o tédio, enquanto um deles ficava na escotilha para captar a água ou procurar no oceano barcos de resgate, e os outros observavam as indicações do curso à deriva ou cuidavam das linhas de pesca.

A substância que tinham apanhado nos destroços fora cuidadosamente retirada da cesta, tão logo chegaram à superfície, e guardada num saco plástico. Com tempo à sua disposição, passavam horas especulando sobre a sua composição química.

- Quanto já andamos à deriva? - Misty perguntou pela centésima vez, colocando a palma da mão sobre os olhos para evitar a luminosidade enquanto falava com Pitt, que estava a seus pés na escotilha.

- Quase 50 quilômetros, num curso leste-sudeste, desde esta hora de ontem - ele respondeu.

- Neste ritmo devemos chegar à costa da América do Sul em seis meses - ela disse com tristeza.

- Lá ou na Antártida - murmurou Giordino.

- Já estivemos lá - disse Pitt. - E nunca gostei de passar férias duas vezes no mesmo lugar.

- Vou comunicar aos ventos e às correntes.

- Talvez pudéssemos improvisar uma vela com o tapete do chão - disse Misty.

- Com 95% de sua massa debaixo d'água, os submersíveis não são conhecidos por sua habilidade em usar o vento para velejar.

- Gostaria de saber se o almirante Sandecker sabe da nossa situação - comentou Misty calmamente.

- Conhecendo-o como nós o conhecemos - afirmou Pitt com confiança aposto que ele está movendo céus e terra para organizar uma operação de busca e resgate.

Giordino estava encurvado em sua cadeira, sonhando com um belo bife de contrafilé, ao ponto.

- Seria capaz de dar um ano de salário para saber onde o *Deep Encounter* está neste momento.

- Não adianta ficar requeitando este mistério - disse Pitt. - Não teremos uma pista até que sejamos resgatados do mar.

O quarto dia rompeu debaixo de um céu sombrio. A rotina nunca variava. Pegar água, se possível, pegar peixes, se possível, e vigiar o horizonte. As condições não pioravam, mas também não melhoravam. Cada um fazia uma vigília de duas horas. A escotilha do submersível ficava acima da água pouco mais de um metro, de modo que quem estava de vigia geralmente ficava ensopado se as ondas ultrapassavam as bordas. Giordino liberou todos os pesos, mas a massa do *Abyss Navigator* tendia a fazer com que o casco furasse a maioria das ondas. O pequeno submersível balançava-se incessantemente, mas sua tripulação há muito tempo não sofria de enjôo, tendo passado mais da metade de suas vidas no mar.

Pitt esculpiu uma flecha, com seu canivete suíço, do apoio de plástico da prancheta que Misty usava para fazer suas anotações. Durante a vigília de Giordino ele flechou um tubarão de mais de meio metro. Foi comido numa



refeição sem gosto, com a última reserva de água.

Durante a vigília de Misty um avião passou a pouco mais de quilômetro e meio do submersível à deriva. Ela agitou o tapete com toda energia, mas o avião se distanciou.

- Era um avião de busca - ela gritou, quase sem conter a emoção. - Ele estava acima de nós, mas não nos viu.

- Nós somos muito difíceis de ver - Pitt lembrou.

Giordino balançou a cabeça, concordando.

- Nunca vão nos localizar a uma altitude de mais de 250 metros. Nossa escotilha é muito pequena. Do ar somos tão visíveis como uma mosca pousada no portão de um estábulo.

- Ou uma moeda de um centavo num campo de golfe - Pitt acrescentou.

- Então como vão conseguir nos encontrar? - perguntou Misty, sua determinação começando a fraquejar.

Pitt abraçou seus ombros e deu um sorriso de encorajamento.

- A lei das probabilidades. Vai funcionar.

- Além disso - Giordino interrompeu -, temos muita sorte, não temos, companheiro?

- Toda a sorte do mundo.

Misty limpou um olho brilhante de lágrima, alinhou a blusa e o -short e passou a mão pelo cabelo desalinhado.

- Desculpem. Não sou tão valente quanto achava que era.

Nos dois dias seguintes Pitt e Giordino fizeram o possível para manter seu estilo quixotesco. Três outros aviões passaram quase por cima deles e não os viram. Pitt tentou alcançá-los através do rádio portátil, mas eles estavam fora do alcance. Saber que navios e aviões de busca estavam passando um pente-fino no mar para localizá-los, e tinham chegado tão perto, era terrivelmente frustrante. A única coisa que ainda lhes dava coragem era a certeza que tinham de que o almirante Sandecker estava usando toda a sua influência e a de seu cargo na operação de resgate.

O céu escuro insistente que tinha durado todo o dia começou a clarear no entardecer, e passou de alaranjado para azul-aveludado. Giordino estava de vigia, inclinado sobre a borda da escotilha. Começou a cochilar, depois a dormir por 15 minutos, e depois acordou. Olhando o horizonte e não vendo nenhuma luz pela décima vez aquela noite, desligou-se um pouco.

Quando voltou para a realidade da sua tarefa, acordou com música. Inicialmente pensou que estivesse delirando. Inclinou-se mais, pegou uma concha de água do mar com a mão e a atirou no rosto.

A música continuava lá.

Ele podia até identificar a canção, agora. De dentro da noite veio o som de uma valsa de Strauss. Ele a reconheceu como as "Lendas dos Bosques de Viena". Então viu uma luz. Parecia uma outra estrela, mas se movia para a frente e para trás, num pequeno arco, a ocidente. Era impossível avaliar a distância, no mar, à noite, mas Giordino jurava que a música e a luz que se movia não estavam a mais de 400 metros.

Deixou-se cair da escotilha, pegou uma lanterna e subiu de novo. Agora ele podia ver o vago contorno de um pequeno barco, e fracas luzes por trás de janelas quadradas. Ligou e desligou a lanterna o mais rápido que o seu polegar conseguia, e gritou com toda a força.

- Aqui! Aqui!

- O que é isso? - Pitt perguntou.

- Um barco! - Giordino gritou de volta. - Acho que está vindo na nossa direção.  
- Dispare um foguete - propôs Misty, excitada.  
- Não carregamos foguetes a bordo, Misty. Mergulhamos apenas de dia e voltamos à superfície onde está o navio-mãe - Pitt explicou numa voz controlada. Calmamente ele pegou o rádio portátil e começou a chamar em cinco diferentes frequências.

Misty estava louca para ver o que estava acontecendo, mas só havia espaço para uma pessoa de cada vez na torre da escotilha. Ela tinha que se contentar em sentar-se e esperar ansiosamente enquanto Pitt tentava fazer contato com o barco e por uma palavra de Giordino para saber se iam ser salvos ou não.

- Eles não nos viram - Giordino gemeu, entre gritos e frenéticos ligar-e-desligar da lanterna. O -flash mal produzia uma claridade. As baterias estavam no fim. - Eles estão passando sem nos ver.

- Alô, alô, por favor responda - Pitt implorava.

Sua única resposta era a estática.

A frustração caiu sobre o submersível como um cobertor ensoado, enquanto Giordino via as luzes se afastando para dentro da escuridão. Ninguém no barco os vira, e com o coração apertado ele ficou olhando enquanto o barco seguia seu curso para noroeste.

- Tão perto, e tão longe - murmurou desapontado.

De repente, uma voz irrompeu no alto-falante do submersível.

- Com quem estou falando?

- Naufragos - Pitt respondeu rápido. - Você passou direto por nós. Dê meia-volta, por favor.

- Mantenham-se firmes. Estou fazendo a volta.

- Ele está virando! - Giordino gritou de alegria. - Ele está voltando.

- A que distância meu barco está de vocês? - a voz perguntou.

- Al - Pitt gritou para cima. - Ele quer a nossa posição.

- Diga-lhe para virar 20 graus a bombordo.

- Vire 20 graus a bombordo e você nos verá - Pitt passou a mensagem.

Depois de um minuto a voz disse:

Vejo vocês agora, um pequeno clarão amarelo uns 100 metros à frente.

O marinheiro do barco que se aproximava acendeu uma fileira de luzes externas.

Uma era um potente holofote que varreu a superfície da água até finalmente focar Giordino, ainda ligando e desligando a lanterna como um louco.

- Não se alarmem. Vou passar sobre vocês e parar sobre a sua pequena torre quando ela estiver alinhada com a minha popa. Joguei uma escada para vocês virem a bordo.

Pitt não entendeu a mensagem.

- Passar sobre nós? Não entendo.

Não houve resposta, apenas a voz abafada de Giordino.

- Acho que ele quis dizer nos localizar.

A primeira reação de Pitt foi de que eles tinham sido encontrados por alguém que queria matá-los, talvez o mesmo grupo do homem que tentara matar Kelly Egan. Ele colocou seus braços ao redor de Misty.

- Agarre-se a mim por causa da colisão. Depois corra para a escotilha, nós vamos em seguida. Eu a empurro.

Ela parou para dizer alguma coisa, mas enfiou o rosto em seu peito quando seus braços a envolveram.

- Avise quando você achar que a colisão vai acontecer! - Pitt ordenou para Giordino. - Então pule fora.

Giordino se preparou para saltar pela escotilha quando olhou surpreso para o barco profusamente iluminado que vinha sobre eles. Não parecia com nenhum iate que ele já tinha visto. Sua forma era a de uma arraia gigante, com as barbatanas dianteiras se projetando ao redor da imensa boca devoradora de plâncton. Um largo convés em aclave na proa subia e circundava uma ampla janela em arco e ia até a sala do capitão.

Seu estado de espírito rapidamente passou de uma grande apreensão para o alívio quando os dois cascos do catamarã deslizaram ao lado do submersível, com metro e meio de distância em cada lado. Olhou com grande admiração quando o fundo do casco principal moveu-se vagorosamente até que o submersível ficou diretamente sob a popa e entre os cascos gêmeos. Quase num reflexo, agarrou uma escada cromada, construída como uma pequena escada em curva, que apareceu abruptamente a menos de meio metro.

Só então se lembrou de inclinar-se para baixo e informar o que estava acontecendo para Pitt e Misty.

- Não se preocupem. E um catamarã. Estamos diretamente debaixo da sua popa. - E desapareceu.

Misty projetou-se da escotilha como uma rolnha de garrafa de champanhe, embasbacada com a primeira visão do incrível barco acima. Permaneceu no luxuoso convés traseiro, com mesas e sofás, sem se lembrar de subir a escada.

Pitt ajustou o radar do submersível, depois fechou e trancou a escotilha antes de subir no catamarã. Durante uns segundos os dois ficaram lá, sozinhos. Nenhum passageiro ou tripulante veio saudá-los. O barco moveu-se para a frente, e o timoneiro o tirou de cima do submersível. Depois de mover-se por 200 metros, o barco diminuiu a velocidade e ficou à deriva. Então eles viram uma figura sair da sala do capitão.

Era um homem grande, da mesma altura que Pitt, mas uns 7 quilos mais pesado. Era também 30 anos mais velho. O cabelo acinzentado e a barba lhe davam a aparência de um velho rato de cais. Os olhos azul-esverdeados eram brilhantes, e ele imediatamente sorriu ao examinar a sua pesca.

- Três pessoas - ele disse com admiração. - Pensei que só houvesse um naquele bote salva-vidas.

- Não é um bote salva-vidas - disse Pitt. - E um submersível de grande profundidade.

O homem velho o olhou e ia dizendo alguma coisa, mas mudou de idéia e disse simplesmente:

- Tudo bem.

- Estamos investigando os destroços de um navio naufragado - explicou Misty.

- Sim, o ***Emerald Dolphin***. Estou sabendo. Uma tragédia terrível. Foi um milagre que tanta gente tenha sobrevivido.

Pitt não falou sobre a participação deles no resgate, mas simplesmente deu ao seu salvador um breve relato sobre como acabaram perdidos no mar.

- Seu navio não estava no local quando vocês voltaram à superfície? - o homem velho perguntou meio cético.

- Tinha desaparecido - Giordino assegurou.

- É importante que notifiquemos nossos escritórios em Washington e informemos ao diretor da NUMA que fomos encontrados e resgatados.

O homem velho concordou com a cabeça.

- Claro. Subam até a sala do capitão. Vocês podem usar o rádio ou o telefone via satélite. Podem até enviar um -e-mail, se quiserem. O Periwinkle tem o melhor sistema de comunicação de qualquer iate.

Pitt olhou o homem velho.

- Já nos encontramos antes.

- Sim, acho que já.

- Meu nome é Dirk Pitt. - Virou-se para os outros. - Meus companheiros, Misty Graham e Al Giordino.

O homem velho apertou calorosamente a mão de todos. Então virou-se e sorriu para Pitt.

- Sou Clive Cussler.

Pitt olhou para o homem velho -com curiosidade.

- Você viaja bastante?

- Foi muita sorte você ter passado por aqui - disse Misty, imensamente satisfeita de sair do confinamento do submersível.

- Estou fazendo um cruzeiro em volta do mundo - Cussler explicou. - Meu último porto foi Hobart, na Tasmânia. Estou indo para Papeete, no Taiti, mas acho que seria melhor fazer um desvio e deixá-los na ilha mais próxima que tenha um aeroporto.

- E qual seria ela? - perguntou Giordino.

- Rarotonga.

Pitt olhou em volta do luxuoso catamarã.

- Não vejo nenhuma tripulação.

- Estou viajando sozinho - respondeu Cussler.

- Num iate a motor deste tamanho?

Cussler riu.

- O Periwinkle não é qualquer iate. Com seus computadores e sistemas automáticos ele pode andar sozinho, e geralmente faz isso.

- Posso aceitar sua oferta de usar seu telefone por satélite? - Pitt perguntou.

- Claro que pode.

Cussler seguiu na frente, subindo a escada até a sala do capitão. Ninguém da NUMA jamais tinha visto uma coisa igual. As janelas coloridas eram dispostas num círculo de 360 graus, possibilitando uma visão de todo o horizonte. Nada era tradicional na disposição das instalações. Não havia instrumentos ou visores convencionais, nem timão, nem comandos deslizantes para dar mais ou menos potência aos motores. Havia uma poltrona ampla e completamente estofada colocada em frente a sete -displays de cristal líquido, e monitores. O braço direito da poltrona tinha um -mouse, e o esquerdo tinha um -joystick. Os monitores estavam todos colocados num -rack de nogueira. O espaço reservado ao timão era mais elegante do que a ponte de comando da Starship Enterprise.

Cussler acenou para Pitt assentar-se na poltrona em frente ao timão.

- O telefone via satélite fica no painel à sua direita. É só apertar o botão azul e todos vocês poderão falar com os seus chefes, e ouvi-los também.

Pitt agradeceu e discou o número particular de Sandecker no escritório da

NUMA. O almirante, como sempre fazia, atendeu ao primeiro toque.

- Sandecker.

- Almirante, aqui é Dirk

Houve uma pausa cheia de emoção. Depois a voz surgiu, devagar.

- Você está vivo e bem?

- Faminto por comida sólida, e um pouco desidratado, mas no mais estou bem.

- E Al?

- Ele e Misty Graham, do *Deep Encounter*. estão aqui ao meu lado.

Pitt pôde ouvir o suspiro de alegria do almirante através do fone.

- O Rudi está aqui no escritório. Vou passar para o viva-voz.

- Dirk - disse alto Rudi Gunn. - Você não imagina quanto estou feliz em saber que você ainda está conosco. Pusemos toda as unidades de busca da Austrália e da Nova Zelândia atrás de vocês e do navio.

- Tivemos sorte e fomos apanhados por um iate.

- Vocês não estão no *Deep Encounter*. - Sandecker perguntou, aflito.

- Depois de passarmos várias horas no fundo do mar investigando os destroços do *Emerald Dolphin*. voltamos à superfície e descobrimos que o navio e toda a tripulação tinham desaparecido.

- Então vocês não ficaram sabendo?

- Sabendo o quê?

- Não temos certeza, mas parece que o *Deep Encounter* foi seqüestrado.

- De onde vem esta idéia?

- Por essa hora, ontem, nossos sistemas de segurança detectaram uma diferença no padrão de voz do capitão Burch nos informes rotineiros de localização para os escritórios da NUMA. Até então os informes eram aceitos como verdadeiros. Não tínhamos motivo para suspeitar de nada.

- Quando deixamos o navio tudo estava normal.

- O último informe do verdadeiro capitão Burch dizia que o *Abyss Navigator* estava sendo colocado na água. Estamos sabendo agora que os seqüestradores agiram enquanto vocês estavam no fundo.

- Vocês têm alguma idéia sobre onde o navio foi seqüestrado? - perguntou Giordino.

- Não - disse Gunn.

- Não pode ter evaporado - comentou Misty. - Nem levado para o espaço por alienígenas.

- Nosso maior temor - disse Sandecker antevendo o pior - é que ele tenha sido intencionalmente afundado. - Ele certamente pensou, mas evitou dizer que a tripulação inteira poderia estar agora no fundo do mar.

- Mas por quê? - indagou Giordino. - De que serve um navio oceanográfico para piratas? Não tem nenhum tesouro a bordo. O navio não pode ser usado para contrabando. Ele é muito lento e facilmente identificável. Qual é o motivo?

- Motivo... - Pitt deixou a palavra sair de sua boca e ficar parada no ar. - O mesmo pessoal que incendiou o navio e depois o afundou não queria que descobríssemos qualquer evidência de ação criminosa.

- Vocês conseguiram dar uma olhada nos destroços? - perguntou Gunn.

Pitt concordou.

- Não há nenhuma dúvida, o fundo foi arrancado do *Emerald Dolphin* com explosões em pelo menos seis lugares, mandando o navio para o fundo da Fenda de Tonga.

- Pelo que ouvi - disse Sandecker - por um triz ele não levou junto o rebocador.

Giordino disse, vagarosamente:

- Uns 6.000 metros no fundo do oceano é uma beleza de esconderijo.

Gunn acrescentou:

- Os bandidos não contavam com um navio de pesquisa da NUMA trabalhando na área, e com um par de submersíveis que podem descer a 6.000 metros.

Os olhos de Misty de repente ficaram assustados.

- O que nos leva à horrível possibilidade de que todos a bordo do *Deep Encounter* foram mortos durante o seqüestro.

Houve silêncio, no iate e a 15 mil quilômetros, em Washington. Todos relutavam em considerar essa possibilidade. Não havia nenhuma dúvida em suas mentes de que o responsável pela morte de centenas de passageiros no transatlântico, queimadas vivas ou afogadas, não hesitaria em afundar o navio de pesquisa com a sua tripulação dentro.

O quebra-cabeça começou a tomar forma na mente de Pitt. Ele considerou todas as possibilidades e era capaz de apostar que os piratas ainda não tinham jogado todas as suas cartas.

- Rudi?

Gunn tirou os óculos e começou a limpar as lentes.

- Diga.

- Os piratas poderiam facilmente ter afundado o *Deep Encounter* assim que o capturaram. Mas você diz que eles imitaram a voz do capitão Burch nas transmissões de rotina. E por que eles iriam se dar ao trabalho de evitar qualquer suspeita se já tivessem afundado o navio?

- Não sabemos se ele foi afundado - disse Gunn.

- Talvez, mas não vimos nenhuma mancha de óleo ou destroços quando voltamos à superfície. Nem ouvimos o barulho do rompimento de um navio submetido às pressões enormes do fundo do mar. Meu palpite, o mais fervoroso palpite, é que seqüestraram o navio e todos a bordo e os mantêm escondidos, como moeda de troca no caso de seus planos darem errado.

- E quando eles perceberem que se safaram e não estão mais sendo procurados - Gunn continuou -, eles se livrarão da prova do crime?

- Nós não podemos deixar isso acontecer - disse Misty, angustiada. - Se o que Dirk afirma é correto, não temos muito tempo para salvar nossos amigos.

- O problema é onde procurar - acrescentou Sandecker.

- Não há sinal deles em lugar nenhum? - perguntou Misty.

- Nenhum.

- Nem o barco dos seqüestradores?

- Não - Sandecker respondeu, com desânimo.

- Aposto que sei onde encontrar os dois navios - Pitt disse, confiante.

Em Washington, Sandecker e Gunn se entreolharam.

- Como assim? - o almirante perguntou com cuidado.

- Vamos expandir a nossa área de busca - Pitt respondeu.

- Não entendo - disse Gunn.

- Vamos supor que o navio pirata e nosso navio de pesquisa estejam fora do alcance das câmeras dos satélites, que estão focalizando uma área mais estreita.

- Posso garantir que isso foi feito - Sandecker confirmou.

- Suponho que vocês ampliaram a área de busca na órbita seguinte.

- Ampliamos - Gunn confirmou.

- E não encontraram nenhum sinal dos navios.

- Nada.

- Então ainda não sabemos onde o *Deep Encounter* está, mas já sabemos onde ele não está.

Sandecker alisou o cavanhaque.

- Sei aonde você quer chegar, mas sua teoria não funciona.

- Concordo com o almirante - disse Gunn. - A velocidade máxima do *Deep Encounter* é de 15 nós. Não há como ele ter navegado para fora do alcance das câmeras do satélite.

- O engenheiro-chefe House conseguiu 20 nós na nossa corrida para chegar ao transatlântico em chamas - Pitt informou. - Admito que estou forçando um pouco, mas se o navio dos seqüestradores era rápido, eles podem ter rebocado nosso navio e aumentado a sua velocidade em mais 4 ou 6 nós.

Sandecker disse com uma voz cética:

- Não faz diferença. Quando aumentamos a área coberta pelo satélite não encontramos nenhum sinal do *Deep Encounter*.

Pitt tirou o coringa da manga.

- É verdade, mas vocês estavam procurando na água.

- E onde deveríamos procurar? - perguntou Sandecker, agora intrigado.

- Dirk tem razão. Nós não pedimos fotos de terra.

- Perdoe minha pergunta - Giordino interrompeu -, mas que terra? A terra mais próxima da área em que o navio de cruzeiro afundou é a ponta norte da Nova Zelândia.

- Não - disse Pitt calmamente, para provocar expectativa -, há as ilhas Kermadec, a não mais do que 350 quilômetros para o sul, uma fácil viagem de oito horas a uma velocidade de 25 nós. - Então ele virou-se e olhou para Cussler.

- Você conhece as ilhas Kermadec?

- Já estive por lá - respondeu Cussler. - Quase não há o que ver. Três pequenas ilhas e o rochedo L'Esperance. A ilha Raoul é a maior, mas é um amontoado de rochas de 10 quilômetros quadrados, com penhascos de lava, íngremes, que sobem até o monte Mumukai.

- Algum habitante ou povoado?

- Há uma pequena estação meteorológica e de comunicações, mas automáticas. Os cientistas só visitam a ilha a cada seis meses, para uma verificação e eventuais reparos. Os únicos habitantes permanentes são as cabras e os ratos.

- Há algum porto suficientemente grande para abrigar um pequeno navio?

- Há uma laguna - respondeu Cussler - que dá para abrigar dois ou três pequenos navios.

- E folhagens para uma eventual camuflagem?

- A ilha Raoul tem muita vegetação e muita madeira. Seria possível cobrir dois pequenos navios de modo a não serem percebidos durante uma busca não muito cuidadosa.

Pitt falou ao telefone.

- Vocês ouviram?

- Ouvi - respondeu Sandecker. - Vou pedir ao próximo satélite que passar sobre aquela parte do Pacífico que aponte as câmeras para as ilhas Kermadec. Como eu faço contato com você?

Pitt já ia perguntar a Cussler qual o código de comunicação, mas o homem velho já tinha escrito os números num pedaço de papel. Pitt informou a Sandecker e desligou.

- Há alguma possibilidade de fazermos um desvio até as ilhas Kermadec? - Pitt perguntou.

Os olhos verde-azulados brilharam.

- Você tem alguma coisa diabólica em mente?

- Será que você não teria uma garrafa de tequila por aí?



Cussler acenou a cabeça, sério.

- Tenho sim. Uma caixa da melhor. Um pequeno gole de agave azul, de vez em quando, me mantém esperto e alerta.

Depois que os copos foram enchidos com a especial tequila Porfirio - Misty preferiu uma margarita Pitt contou ao homem velho o que ele tinha em mente, mas só o que ele achou conveniente nas circunstâncias. Afinal de contas, ele pensou, olhando em volta pelo elegante iate, ninguém no gozo de suas faculdades mentais arriscaria destruir um barco tão bonito num plano tão absurdo.

O MAR ESVERDEADO SE FUNDIA com a água esverdeada escorrendo através do canal da ampla laguna que se aconchegava entre os penhascos de lava da ilha Raoul. Vencendo o estreito canal, a laguna se abria num ancoradouro pequeno, mas bonito. Mais ao longe ficava a foz de uma pequena corrente que descia as encostas acidentadas do monte Mumukai. A praia, em forma de ferradura e arenosa, estava entremeada de rochas de lava escura, gastas pelo mar, e era emoldurada por uma grande quantidade de coqueiros.

Do mar, só uma pequena parte da laguna podia ser vista, através dos precipícios formados pelos penhascos em cada lado do canal. Era como olhar por um telescópio para uma fenda distante. Bem acima da entrada oeste, a quase 300 metros acima das ondas morrendo na praia, uma pequena cabana construída com folhas de palmeira empoleirava-se perigosamente quase sobre a beirada. A aparência nativa era um disfarce. Por baixo das folhas de palmeira existiam paredes construídas com blocos de concreto. O interior tinha ar-condicionado e janelas coloridas. Um guarda de segurança sentava-se confortavelmente dentro de uma pequena casa, examinando a vastidão do oceano com um binóculo montado num suporte, à procura de qualquer sinal de um navio. Ele estava sentado numa poltrona macia, diante de um computador, rádio e um videocassete com um monitor. Fumante inveterado, tinha enchido um cinzeiro com as pontas dos cigarros. A sua frente, cuidadosamente arrumados num móvel encostado na parede, estavam quatro lançadores de mísseis e dois rifles automáticos. Com esse arsenal, ele poderia manter afastado um pequeno navio que tentasse forçar sua entrada na laguna.

Com 30 anos, cabelos eriçados e em boa forma, ele olhava quase displicentemente o mar brilhante, enquanto passava a mão pela barba de um dia.

Moreno, de olhos azuis e ex-membro das Forças Especiais, tinha sido contratado pela área de segurança de um grande conglomerado, sobre o qual ele não sabia nada, nem queria saber. Suas missões se espalhavam pelo mundo e ocasionalmente incluíam assassinato, mas era muito bem pago. E isso era o que contava.

Ele bocejou e trocou o disco no CD -player. Seu gosto era eclético, e ia do clássico ao rock bem-comportado. Tinha acabado de apertar o botão de -play quando seus olhos perceberam um movimento em volta das rochas que iam morrer bem perto da cabana de segurança. Virou o binóculo e focalizou um objeto azul e branco que vinha muito rapidamente sobre a água.

Era um iate, o mais estranho iate que ele já tinha visto; não um barco a vela, mas um catamarã de dois cascos movido a motor, que cortava a água banhada pelo sol a uma velocidade que calculou em torno de 40 nós. Ele esfregou os olhos e olhou de novo pelo binóculo.

O barco tinha uns 70 pés, avaliou. Não conseguiu decidir se amava ou detestava a sua forma. Quanto mais examinava suas linhas, mais o objeto parecia elegante e exótico. Parecia um par de esquis cortados ao meio e juntados com uma torre de comando circular por cima. No convés superior, duas pessoas, um homem e uma mulher, dentro de uma banheira de hidromassagem, bebiam e riam. Todas as janelas da embarcação eram coloridas, e ele não via nenhuma indicação de outros tripulantes ou passageiros.

O homem virou-se para o rádio, ajustou o transmissor e começou a falar:

- Aqui é o Pirata. Tenho um iate particular aproximando-se vindo de nordeste.

- Do nordeste, você disse? - retrucou uma voz rascante.

- Provavelmente em um cruzeiro do Taiti para a Nova Zelândia.

- Algum sinal de armas ou de pessoal armado?

- Nenhum.

- Ele parece ameaçador?

- Não, a não ser que você considere ameaçadoras duas pessoas nuas numa banheira de hidromassagem.

- Ele está vindo para o canal?

O guarda de segurança examinou a direção das duas proas do iate que se aproximava.

- Parece que vão passar direto.

- Fique no ar e informe qualquer movimento suspeito. Se ele virar em direção ao canal, você sabe o que tem a fazer.

O guarda olhou para um dos lançadores de mísseis.

- Uma pena destruir um barco tão bonito. - Virou-se na cadeira e olhou para o barco novamente através do binóculo, satisfeito de ver que ele continuava no curso para além do canal. Olhou até que o barco se tornou uma minúscula mancha. Então ligou o rádio outra vez. - Aqui é o Pirata. O iate se foi. Parece que lançou âncora na grande laguna na ponta sul da ilha Macaulay.

- Então ele é inofensivo - disse a voz áspera.

- E o que parece.

- Observe suas luzes depois do escurecer e veja se ele continua ancorado.

- Acho que pararam para passar a noite. Os passageiros e a tripulação provavelmente vão assar um churrasco na praia. Parecem iatistas num cruzeiro pelo Pacífico Sul.

- Vou fazer um vôo de reconhecimento no helicóptero e ver se você está certo.

Misty e Giordino não estavam nus na banheira de hidromassagem. Estavam usando roupas de banho fornecidas por Cussler. Estavam, contudo, bebendo rum com limão enquanto o barco navegava ao lado das íngremes encostas da ilha Raoul. Cussler e Pitt não estavam flinando. O homem velho estava sentado na área do timão, com um mapa no colo, observando o sonar de profundidade e examinando os recifes de coral do fundo que poderiam rasgar os cascos duplos do Periwinkle como uma lâmina rasga um pedaço de papel. Pitt tinha o pior

trabalho. Suava debaixo de uma pilha de travesseiros e toalhas no convés inferior, filmando a casa de segurança no topo dos penhascos.

Assim que o iate ancorou todos se reuniram no salão principal e fitaram o monitor onde Pitt passava a fita que estava no videocassete. As lentes teleobjetivas da câmera, combinadas com o -zoom do videocassete, revelaram o guarda além das janelas da casa de segurança, um pouco borrado mas o suficiente para mostrá-lo olhando por um enorme binóculo. O vídeo mostrava também a gravação da conversa entre o guarda e a voz áspera do seu colega, em alguma parte da laguna da ilha Raoul. Tudo filmado e gravado pelo sistema de comunicações ultramoderno de Cussler.

- Nós os enganamos - disse Misty, animada.

- Sorte não termos tentado entrar no canal - disse Giordino pressionando uma lata de cerveja gelada contra a testa.

- Eles não dão a impressão de que tratam bem os visitantes - Pitt concordou.

Como que para confirmar o que tinha dito, o ruído de rotores e o barulho de motor invadiu a cabine quando um helicóptero passou sobre o iate.

- O homem disse que viriam fazer um voo de reconhecimento - disse Pitt. - Que tal irmos para fora e acenar para eles?

Um helicóptero pintado de vermelho e amarelo, com o número de registro e propriedade na fuselagem cuidadosamente recoberto por fita adesiva, pairava a não mais do que 100 metros e um pouco para fora da popa do Periwinckle. Dois homens usando camisas coloridas olharam para baixo, para o iate.

Pitt se deitou num sofá no salão de estar, enquanto Giordino ficou parcialmente sob a projeção do convés superior filmando o helicóptero com a câmera escondida entre a camisa e a axila. Misty e Cussler ficaram ao lado da hidromassagem e acenaram para os homens no helicóptero. Pitt ergueu um copo e fez um aceno convidando os homens a virem se juntar a eles. Ver uma mulher e um homem velho, de cabelos grisalhos e barba, deve ter descartado suas suspeitas. O piloto acenou de volta, manobrou o helicóptero em redor do iate e se dirigiu de volta para a ilha Raoul, satisfeito de verificar que os turistas não eram uma ameaça.

Tão logo o helicóptero virou uma mancha no céu azul, todos retornaram ao salão. Giordino pegou a fita da filmadora sob a camisa e a colocou no videocassete. A lente -zoom claramente mostrou um homem de cabelos cor de areia com uma barba grisalha no controle e um negro como co-piloto.

- Agora temos rostos que fazem parte da conspiração - murmurou Giordino.

Cussler acionou o controle remoto para desligar o videocassete.

- E agora?

- Tão logo escureça, construímos uma pequena jangada e ligamos luzes nela, para parecer um bote todo iluminado visto à distância. Então navegamos de volta escondidos pelos penhascos perto do canal e fora da vista do guarda lá em cima. O barco não vai ser detectado, pois o filme não mostra nenhum radar. Então Al e eu pulamos na água e nadamos canal acima até a laguna, só para dar uma olhada. Se estivermos certos, e o *Deep Encounter* estiver escondido debaixo de uma rede de camuflagem, esgueiramos para bordo, pomos os seqüestradores fora de combate, libertamos nossos amigos e damos o fora.

- Isto é o plano? - perguntou Giordino, os olhos semi-cerrados como se procurassem uma miragem no deserto.

- Isto é o plano - Pitt confirmou.

Misty parecia em estado de choque.

- Você está falando sério? Vocês dois enfrentando 50 ou mais seqüestradores

armados? Este é o plano mais louco que já ouvi.

Pitt encolheu os ombros.

- Admito que possa estar simplificando um pouco demais as coisas, mas realmente não vejo outra maneira de conseguir o que queremos.

- Podíamos chamar os australianos e pedir o envio de uma força especial - sugeriu Cussler. - Eles podem estar aqui em 24 horas.

- Talvez não tenhamos este tempo - disse Pitt. - Se os seqüestradores ainda não afundaram o *Deep Encounter* e todos os que estão nele, pode ser que façam isso esta noite depois de escurecer. Pode ser que mais 24 horas seja muito tarde.

- É loucura jogar fora as suas vidas - insistiu Misty.

- Não temos escolha - Pitt disse com firmeza. - O tempo não está do nosso lado.

- E armas? - perguntou Giordino, como se estivesse perguntando o preço de uma bola de sorvete.

- Tenho um par de rifles automáticos que carrego para proteção - ofereceu Cussler. - Mas não imagino como ele e a munição vão se comportar depois de terem sido arrastados quilômetro e meio debaixo d'água.

Pitt balançou a cabeça.

- Muito obrigado, mas é melhor que nademos sem nos preocupar. Se as armas vão funcionar ou não, veremos quando a hora chegar.

- E quanto aos equipamentos de mergulho? Tenho quatro tanques de ar e dois reguladores de vazão.

- Quanto menos equipamento, melhor. Os de mergulho só servirão para atrapalhar quando chegarmos à praia. Vamos usar o -snorkell para chegar à laguna. Ninguém vai poder nos ver, na escuridão, mesmo a 10 metros.

- Vocês vão ter que nadar muito. Do ponto onde vou ancorar o barco até dentro da laguna são quase 2 quilômetros.

- Teremos sorte se conseguirmos chegar lá por volta da meia-noite - murmurou Giordino.

- Posso cortar esse tempo em duas horas.

Pitt olhou para Cussler.

- Como?

- Tenho um propulsor de mergulho que vai puxar vocês pela água. Vocês podem usá-lo para puxar os dois, um agarrado às pernas do outro.

- Vai ser uma grande ajuda. Obrigado.

- Há alguma coisa que posso dizer para dissuadir vocês dessa loucura? - Misty quase implorou.

- Não - disse Pitt, os lábios abertos ligeiramente num sorriso bondoso. - Esta coisa tem que ser feita. Não haveria um guarda de segurança na entrada do canal se não existisse alguma coisa lá dentro que eles querem esconder. Temos que descobrir se é o *Deep Encounter*.

- E se estivermos errados?

O sorriso sumiu, de repente, e o rosto de Pitt ficou tenso.

- Se estivermos errados, os nossos amigos a bordo do navio morrerão porque não conseguimos salvá-los.

Começando logo depois do entardecer, os três homens gastaram duas horas para amarrar diversos troncos de palmeira, formando uma jangada, e depois construir um aproximado contorno do Periwinkle utilizando pedaços de árvores e palmeiras à deriva. Como toque final ligaram uma bateria a uma fileira de luzes colocadas no contorno. Depois a jangada foi ancorada no espaço entre a praia e o iate.

- Não ficou mal como cópia - Cussler disse com aprovação.

- Não ficou bonita - disse Giordino mas é o suficiente para enganar aquele guarda de segurança assentado em sua pequena cabana.

Pitt jogou água do mar no rosto, para tirar o suor provocado pela umidade.

- Vamos acender as luzes da jangada no mesmo instante em que desligarmos as luzes do iate.

Em poucos minutos Cussler acionou os potentes motores do Periwinkle e deixou o iate sair lentamente depois de apertar o botão que fez o guincho levantar a âncora. Então ligou as luzes da jangada ao mesmo tempo em que desligava as luzes do iate e o deixava completamente às escuras. Movimentou o iate para a frente, mas mantendo um olho no sensor de profundidade, monitorando a distância até o banco de coral que espreitava abaixo da superfície como garras, pronto para mandar o barco para as profundezas.

Dirigiu-se para a ilha Raoul usando o radar, navegando cuidadosamente para evitar a formação de qualquer fosforescência na sua esteira. Manteve a velocidade em 10 nós, e alegre porque o céu, pigmentado de estrelas, não tinha lua. Pitt juntou-se a ele na sala do timão, acompanhado de Misty, que tinha se resignado com a operação e preparado sanduíches na cozinha. Ela se afastou um pouco e juntou-se a Al, que usava fones de ouvido e tentava imitar a voz rascante gravada durante a conversa do guarda de segurança.

Cussler abriu o mapa mostrando as profundidades em torno da ilha e apontou as duas proas em direção à fraca luz no alto dos penhascos, vinda da pequena casa do guarda de segurança.

- Vamos até aquele monte de rochas bem na frente do canal - ele explicou. - A partir dali vocês vão depender do propulsor. Fiquem longe da arrebentação até que cheguem a águas calmas.

Pela primeira vez Cussler estava demonstrando alguma coisa próxima de ansiedade. Olhou poucas vezes para fora das escotilhas. Sua atenção estava toda voltada para a bússola. Pilotou o iate quase exclusivamente usando o sensor de profundidade e o radar, assentado desajeitadamente, as mãos pousadas no -joystick e no -trackball. Abriu uma escotilha e prestou atenção ao som das ondas batendo contra as rochas.

Pitt podia ouvir também. Eles estavam atrás do amontoado de rochas e fora da linha de visão do guarda de segurança. O mar, além da linha da arrebentação, estava incrivelmente calmo. Cussler apertou um botão do -joystick, que regulava a pressão, e fez a velocidade cair para quase zero. Finalmente, satisfeito por estar o mais perto possível das rochas quanto considerava prudente, colocou os motores em ponto-morto e virou-se para Pitt, a expressão em seus olhos dizendo:

- Esta não é uma boa idéia - mas sem nenhuma voz.

Observando o fundo cheio de pontas de lava, apenas a 5 metros abaixo dos cascos gêmeos do Periwinkle, no sensor de profundidade, e examinando com atenção as indicações sobre sua flutuação, ele deixou a âncora deslizar até o fundo. Tão logo o barco ficou ancorado em segurança, com as duas proas balançando-se na maré, ele balançou a cabeça.

- Isto é até onde posso chegar.

- Você pode ficar quanto tempo? - perguntou Pitt.

- Gostaria de ficar até vocês voltarem, mas a maré muda dentro de três horas. Ai vou ter que me afastar da praia, arriscando o barco, e fazer a volta na ilha para ficar fora da visão do guarda de segurança.

- Como vamos localizar você na escuridão?

- Tenho um radiotransmissor submarino que uso para estudar as reações dos peixes aos diferentes sons. Daqui a duas horas vou tocar um disco do Meat Loaf.

Misty o fitou.

- Você ouviu...?

Cussler deu uma risada.

- Um velhote não pode gostar de rock?

- Ele atrai os tubarões? - perguntou Giordino, sério.

Cussler balançou a cabeça.

- Eles preferem Tony Bennett.

Pitt e Giordino se enfiaram em pés-de-pato e máscaras emprestados. Cussler baixou a escada da popa e ficou de lado. Deu um tapinha nas costas dos dois homens.

- Lembrem-se, fiquem longe das rochas na entrada do canal e depois esperem que as ondas levem vocês para dentro. Não é uma boa gastar as baterias desnecessariamente. - Depois fez uma pausa, e disse solenemente: - Vou esperar o máximo que puder.

Os dois caíram na água escura e morna, com um mínimo de espirros, e nadaram até um pouco distante do barco, com Giordino seguindo na esteira de Pitt. Pitt achou que a temperatura da água era de uns 30°C. Havia uma leve brisa vinda do mar, que trazia algumas ondas mais altas junto da maré crescente. Depois de nadarem por vários minutos, pararam e olharam para trás. A 50 metros o Periwinkle se tornara invisível. Pitt ergueu o punho e observou a agulha luminescente e as marcações, em graus, na bússola que Cussler lhe emprestara. Bateu na cabeça de Giordino e apontou para o mar. Giordino agarrou-se às pernas de Pitt e logo o propulsor foi ligado. O motor zumbiu e as hélices começaram a impeli-los pela água, a 3 nós.

Pitt só podia navegar com o auxílio da pequena bússola e do som das ondas batendo contra os penhascos nos dois lados do canal, fazendo um ruído baixo e abafado. As rochas ameaçadoras tanto podiam estar a 100 metros de distância ou a 200. Não havia como dizer naquela escuridão.

Então seus ouvidos distinguiram dois sons, sugerindo que as ondas estavam batendo nos dois lados do canal. Ele girou o propulsor e o deixou puxá-los em direção à ilha, até que o marulho foi sendo ouvido à direita e à esquerda, mas não em frente. Então, como instruído por Cussler, ele desligou o propulsor e deixou que as ondas os levassem através da entrada do canal. A orientação de Cussler tinha sido perfeita.

Não havia nenhuma onda gigante arremessando as águas contra as paredes íngremes do canal. Em virtude de águas mais profundas no meio do canal, e sem obstáculos, as ondas simplesmente rolavam em frente, sem se avolumarem ou formarem correntes por baixo, e os levaram em frente, livres dos penhascos, como se eles fossem rolas sobre as águas.

Pitt fluuava com o rosto para baixo, as pernas esticadas e abertas, tão relaxado como uma tartaruga dormindo na superfície do mar. Sua respiração era lenta e compassada, sob o -snorkell. Graças ao propulsor, nenhum deles estava muito cansado. Giordino tinha tirado a máscara e fluuava ao lado de Pitt.

Nenhum dos homens se virou e olhou para cima para ver se tinham sido descobertos. Não tinham motivos para se preocupar. Se não podiam ver um guarda de pé na beira do penhasco, nenhum guarda seria capaz de vê-los naquelas águas escuras lá embaixo. Pitt começou então a imaginar, um pouco tardiamente, se os seqüestradores não teriam colocado guardas em redor da laguna, mas duvidou de que eles teriam tido esta preocupação. Era praticamente impossível escalar os penhascos que circundam a ilha na escuridão da noite e depois penetrar na selva fechada pisando sobre rochas vulcânicas pontiagudas.

Tinha certeza de que o único par de olhos de vigia era o do guarda na entrada do canal.

Pelo que tinha observado da laguna, através do canal, horas antes quando o Periwinkle passou pela sua entrada, ela se estendia em linha reta e a aproximadamente 500 metros do mar. Sentindo o ímpeto das ondas diminuir até que não tinham mais que 50 centímetros de altura, Pitt pediu que Giordino segurasse seus pés enquanto ele ligava o propulsor novamente.

Em menos de 15 minutos já viam as estrelas pontilhando o céu, depois de passarem pelos penhascos e chegarem à laguna. Pitt virou o propulsor obliquamente para uma ponta da praia e o manteve ligado, até que sentiu areia debaixo de seus pés. Então o desligou.

Não havia indicação de construções habitadas na praia, mas a laguna não estava exatamente deserta. Dois navios estavam ancorados, um ao lado do outro, no meio. Suas formas e contorno não podiam ser distinguidos na escuridão. Como Pitt suspeitara, eles tinham sido mais ainda dissimulados por uma rede de camuflagem que estava estendida sobre os dois navios. Não fosse por uma fraca luz nas escotilhas, não eram reconhecíveis. Sem chegar mais perto não dava para identificar o *Deep Encounter* na noite escura.

- Tire a máscara - Pitt sussurrou para Giordino. - As luzes podem refletir no vidro.

Deixando o propulsor na praia, nadaram em direção ao maior dos dois navios. Ele estava ancorado com a proa virada para o canal. O barco tinha uma proa larga, a mesma do navio de pesquisa, mas era preciso ter certeza. Sem hesitar, Pitt tirou os pés-de-pato, entregou-os a Giordino e começou a subir pela corrente da âncora. Ela estava úmida, mas livre de corrosão e lodo. Pitt foi subindo, até emparelhar com a abertura por onde passa a corrente, e ficou dependurado por um bom minuto.

Pela luminosidade vinda de uma vigia aberta ele mal pôde ler o nome, em letras de metal fundido, na proa.

*Lia-se* Deep Encounter.



A ABERTURA DA CORRENTE FICAVA uns 3 metros abaixo da beirada da amurada da proa. Sem uma corda e um gancho, que pudesse ser jogada e presa à amurada, eles não tinham como subir ao convés. O resto do casco também não tinha nada que facilitasse a subida. Pitt praguejou, responsabilizando-se pela sua falta de planejamento para a eventualidade de uma situação como esta.

Ele desceu novamente pela corrente da âncora.

- É o *Deep Encounter* - informou a Giordino, falando baixo.

Giordino olhou para cima, por uns instantes, e a expressão de seu rosto mostrada pela luz fraca era de confusão.

— Como vamos para bordo sem um passadiço ou uma escada?

— Nós não vamos.

- Naturalmente você tem um plano alternativo - disse mecanicamente.

— Naturalmente.

- Então dê as más notícias.

O amplo sorriso de Pitt perdeu-se na escuridão.

— O navio dos seqüestradores é menor. Vamos para a popa, e talvez achemos um caminho para o *Deep Encounter*.

Pitt dessa vez sentiu-se confortável, seguro de si novamente. E tinha acertado. O barco dos piratas não era um navio cheio de canhões, mas um barco de serviço de 45 metros, cuja popa não apenas era baixa o suficiente para eles subirem a bordo, mas tinha também, como um presente dos deuses, uma escada por onde subiam os mergulhadores e uma pequena plataforma.

Giordino murmurou:

- Espero que encontremos uma boa quantidade de canos para acertar umas cabeças. Me sinto nu com as mãos vazias.

- Não estou preocupado - disse Pitt mostrando alegria e confiança. - Já vi o que você é capaz de fazer com essas patas. E você se esquece, nós temos o elemento surpresa do nosso lado. Eles não estão esperando visitas, especialmente de sujeitos mal afamados como nós, se esgueirando pela porta dos fundos.

Pitt estava pulando a amurada da popa quando Giordino apertou seu braço com os dedos.

- O que há de errado? - Pitt perguntou esfregando o braço.

- Há alguém lá no convés da popa, fumando um cigarro - Giordino disse baixinho

no seu ouvido.

Pitt levantou a cabeça, devagar, até poder observar todo o convés. A decantada visão noturna de Giordino confirmou-se novamente. Uma figura que mal podia ser vista, revelada apenas pela brasa do cigarro sendo tragado, estava debruçada sobre a amurada, apreciando o ar tropical. Não parecia estar em alerta, mas apenas perdido em seus pensamentos.

Quieto como um fantasma, Giordino pulou a amurada e, esperando que a água que escorria de seu corpo e caía no chão não fosse ouvida acima da leve brisa que movimentava as palmeiras, atravessou cauteloso e sem ruído o convés, e colocou as enormes mãos, como um gancho, em volta do pescoço do homem, impedindo a passagem do ar para os pulmões. Houve uma breve luta, e então o corpo ficou mole. Com um mínimo de barulho ele arrastou o seqüestrador para a popa e o colocou atrás de um guincho.

Pitt apalpu a roupa do homem, encontrando um canivete dobrável e um pequeno revólver.

- Estamos no jogo - proclamou.

- Ele ainda está respirando - disse Giordino. - O que fazemos com ele?

- Ponha na plataforma dos mergulhadores, fora da vista.

Giordino concordou com a cabeça, e com facilidade ergueu o seqüestrador acima da amurada e o deixou cair na plataforma usada pelos mergulhadores para caírem na água e subirem de volta. Por muito pouco o seqüestrador não rolou e caiu na água.

- Esperemos que ele tenha o sono dos justos por mais uma hora.

- Isso eu garanto. - Giordino fitou a escuridão, seus olhos sondando os conveses. -

Quanto mais você acha que eles são?

- A NUMA tem dois barcos de serviço deste tipo e muito semelhantes em tamanho. Eles acomodam uma tripulação de 15 pessoas, mas podem levar mais de cem passageiros.

Pitt passou o canivete para Giordino, que o pegou e olhou mudando de humor.

- Por que não posso ficar com o revólver?

- Você é quem gosta dos antigos filmes do Errol Flynn.

- Ele usava uma espada, não um canivete barato.

- Faça de conta.

Sem outra palavra de queixa de Giordino eles atravessaram o grande compartimento de carga e o convés de serviço com passos firmes, mas sem pressa, até uma escotilha na parte traseira. A porta da escotilha estava fechada, para impedir a entrada de ar quente no interior do barco, provido de ar condicionado. Esta poderia ser a hora de temer o desconhecido, mas eles não pensavam assim. O máximo que se permitiam era pensar que poderiam ter chegado tarde para salvar os homens e as mulheres do *Deep Encounter*. A mente de Pitt registrou o pior, mas ele logo afastou o pensamento, da mesma forma que afastou pensar que poderia ser morto.

Pararam antes de chegar ao passadiço ligando os dois navios e arriscaram dar uma olhada numa vigia de onde vinha uma claridade. Pitt contou 22 dos seqüestradores sentados em um grande e bagunçado salão, jogando cartas, lendo ou vendo televisão via satélite. Em volta havia uma quantidade de armas suficiente para começar uma revolução. Nenhum deles demonstrava a menor preocupação com visitantes inesperados, nem com a possibilidade de que seus prisioneiros pudessem escapar. Aquela visão fez Pitt sentir-se muito desconfortável. Os seqüestradores pareciam relaxados, extremamente relaxados, para quem tinha 50 reféns.

- Não me deixe esquecer de nunca contratar nenhum desses sujeitos para guardar os meus bens - resmungou Giordino.

- Eles mais parecem mercenários profissionais do que piratas - respondeu Pitt.

Ele afastou qualquer disposição de buscar vingança contra os seqüestradores em seu próprio navio. Um revólver de seis balas e um canivete contra mais de 20 homens armados não apresentava uma boa chance de sucesso segundo a lei das probabilidades. O primeiro objetivo dos dois era descobrir se havia alguém ainda vivo no navio de pesquisa. Ele e Giordino encostaram-se o máximo possível contra a parede do convés por alguns instantes, escutando e observando a escuridão. Sem que ouvissem ou percebessem nada ameaçador esgueiraram-se pelo convés, até que Pitt parou de repente.

Giordino fez o mesmo, ao seu lado, e sussurrou:

- Viu alguma coisa?

Pitt apontou para um grande pedaço de papelão pintado e fixado com fita adesiva larga, na parede da construção acima do convés.

- Vejamos o que eles estão escondendo.

Vagarosamente, com infinita paciência, ele descolou a fita adesiva que prendia o papelão contra a parede de metal. Quando tinha descolado a maior parte, levantou uma ponta do papelão e fitou o emblema que era visto com dificuldade, sob a luz fraca que atravessava as vigias.

Pôde discernir a estilizada imagem de um cão de três cabeças, com uma serpente como cauda. Diretamente abaixo estava escrita a palavra CERBERUS. Não significava nada para ele; então colocou o papelão de volta no lugar e colou de novo a fita adesiva.

- Deu para ver alguma coisa?

- Um pouco.

Continuaram então até o estreito passageiro de metal estendido entre os dois navios, que atravessaram com todo o cuidado, apreensivos com a possibilidade de metade dos seqüestradores saírem das sombras e irromperem sobre eles com armas automáticas.

Fizeram a travessia sobre as águas, até o convés do navio de pesquisa, sem encontrar problemas, e pararam na escuridão. Agora Pitt estava em casa. Ele conhecia cada centímetro do *Deep Encounter* e podia andar por ele com os olhos fechados.

Giordino colocou as mãos em concha e disse diretamente no seu ouvido:

- Acha bom nos separarmos?

- Não - Pitt sussurrou - É melhor ficarmos juntos. Vamos começar na casa do leme e depois ir descendo.

Eles poderiam ter usado as escadas exteriores até a casa do leme, mas decidiram ficar fora da visão de qualquer seqüestrador que porventura estivesse fora do salão de estar e pudesse vê-los. Preferiram ir até uma escotilha, daí passaram para a escada de ligação dos conveses e subiram quatro lances até a casa do leme. Ela estava escura e deserta. Pitt seguiu até a sala de comunicações e fechou a porta atrás de si, enquanto Giordino ficou de guarda do lado de fora. Pegou o telefone via satélite e discou o número do celular de Sandecker. Enquanto a conexão se completava, verificou seu relógio Doxa de mergulhador. Os números indicavam que eram 10:02. Mentalmente ele fez os cálculos para uma diferença de oito horas para o horário de Washington. O almirante deveria estar fazendo sua corrida diária de 8 quilômetros.

Sandecker atendeu. Depois de ter corrido 5 quilômetros ainda respirava normalmente. O tempo era muito curto para uma conversa cifrada para o caso

de haver alguém ouvindo a ligação. Ele fez um relato breve e conciso de como encontrara o *Deep Encounter* e deu sua exata localização.

- E meus tripulantes e cientistas? - perguntou o almirante, como se fossem membros de sua família.

- O assunto está pendente - respondeu Pitt, repetindo a famosa mensagem do major Devereux, pouco depois da queda da Ilha de Wake. - Farei contato quando tiver uma resposta positiva. - Então desligou.

Saiu para o convés e perguntou:

- Viu ou ouviu alguma coisa?

- Está tudo quieto como um túmulo.

- Preferia - respondeu mudando de humor - que você não dissesse a palavra - túmulo.

Saíram da casa do leme e desceram ao convés seguinte. Foi a mesma história. As cabines e o hospital estavam silenciosos como corpos nas geladeiras dos necrotérios. Pitt entrou na sua cabine, apalpou uma gaveta e ficou surpreso de encontrar seu velho Colt automático no mesmo lugar onde o tinha deixado. Pegou-o e o enfiou por baixo da cintura de sua bermuda, passando o revólver para Giordino, que o pegou sem dizer uma palavra. Em seguida, Pitt apanhou uma pequena lanterna, acendeu e passou seu facho pelo quarto. Nada tinha sido tocado. A única coisa que não estava como ele a tinha deixado era a pasta de couro do dr. Egan. Ela estava aberta, sobre a cama.

Giordino encontrou a mesma cena na sua cabine. Suas coisas não tinham sido reviradas ou trocadas de lugar.

- Nada desses caras faz sentido - disse Giordino calmamente. - Nunca ouvi falar de piratas que não estão interessados em saque.

Pitt iluminou o corredor.

- Vamos.

Os dois desceram pela escada até o convés que abrigava mais oito cabines, a sala de serviço, a cozinha, a sala de conferência e o salão de estar. Pratos com comida em decomposição ainda estavam sobre a mesa, revistas estavam atiradas sobre mesinhas e sofás no salão de estar como se seus leitores tivessem acabado de ler. Cigarros, que tinham queimado até o filtro, estavam nos cinzeiros na sala de conferência. Panelas e frigideiras ainda estavam sobre o fogão, seus restos ficando esverdeados. Era como se todos a bordo do navio tivessem sumido num passe de mágica.

Por quanto tempo Pitt e Giordino vasculharam desesperadamente toda a área, em busca de um sinal de vida, eles não saberiam dizer. Talvez cinco minutos, talvez dez. Talvez eles estivessem querendo ouvir uma voz, ou um ruído, qualquer ruído - ou talvez estivessem com medo de não encontrar respostas. Pitt tirou o revólver da cintura e ficou com ele na mão, pronto para disparar, se atacado, mesmo que isso fosse alertar os seqüestradores no outro navio.

Quando desceram para a casa de máquinas e dos geradores, Pitt começou a acreditar que seus piores temores eram verdadeiros, pela total falta de guardas de segurança. Eles deveriam estar tomando conta de seus prisioneiros, se ainda houver algum a bordo. Guardas não ficam sentados à toa no escuro. Sua desesperança cresceu, até que atingiram as cabines do convés dos maquinistas e viram luzes na cabine do engenheiro-chefe.

- Finalmente - murmurou Giordino - alguém usa luz por aqui.

No final do corredor ficava a porta da casa de máquinas e dos geradores. Cada um ficou de um lado, encostado nas paredes divisórias, e foi avançando até a porta. A 3 metros puderam ouvir um leve murmúrio de vozes. Os dois se

entrelharam por um breve instante. Pitt colocou o ouvido contra a porta de aço e ouviu por uns momentos. As vozes pareciam dizer insultos e menosprezo. De vez em quando ele ouvia uma risada.

Pitt moveu a longa maçaneta de metal da porta 1 ou 2 centímetros. Ela se moveu sem fazer qualquer barulho, e ele pensou que deveria agradecer ao engenheiro-chefe House por manter as dobradiças e as travas das portas tão bem lubrificadas. Pitt continuou movendo a maçaneta para baixo, com infinita cautela, para evitar que alguém de dentro da sala notasse qualquer coisa. Quando ela finalmente chegou ao fim, ele empurrou a porta um mínimo, e com o mesmo cuidado que teria se soubesse que lá dentro estavam monstros que se alimentavam de seres humanos.

Agora podiam ouvir claramente as vozes. Eram quatro os que falavam. Duas eram vozes de desconhecidos, mas as outras duas eram familiares. O coração de Pitt deu um salto dentro do peito. Não eram vozes de pessoas que conversavam calmamente. Os dois desconhecidos estavam escarnecendo dos outros.

- Não vai demorar muito e todo o bando de vocês vai saber o que é morrer afogado.

- É, não é como adormecer no Ártico - disse o outro desconhecido, desagradavelmente. - A cabeça fica como se tivesse cheia de fogos de artifício explodindo. Os olhos saltam para fora. Os ouvidos rompem-se, como se tivessem sido atingidos por fura-gelo. A garganta parece que está sendo rasgada, e os pulmões, como se estivessem sendo lavados com ácido nítrico. No fim você explode.

- Você, seu bandido - interrompeu o capitão Burch.

- Falar isso na frente de mulheres só demonstra que vocês são um bando de animais degenerados - ouviu-se a voz do engenheiro-chefe House.

- Ei, Sam, sabia que você é um degenerado?

- Não, até a semana passada.

A última observação foi seguida por uma risada.

- Vocês nos matam - disse Burch com raiva - e todo o mundo colocará suas forças atrás de vocês, até apanhá-los, e vocês vão ser lindamente enforcados.

- Não se não houver um corpo como prova do crime - o sequestrador chamado Sam respondeu com um riso de escárnio.

- Vocês vão ser apenas mais um entre as centenas de navios que zarparam e desapareceram com todos a bordo.

- Por favor - era a voz de uma das cientistas. - Todos temos nossas famílias. Vocês não podem fazer uma coisa tão terrível.

- Lamento, senhora - Sam disse friamente. - Para as pessoas que pagam nossos salários suas vidas não valem 2 centavos.

O parceiro de Sam acrescentou:

- Nossa tripulação deve vir a bordo daqui a meia hora. - Então fez uma pausa e olhou para um lugar fora da visão de Pitt. - Duas horas depois disso todos vocês da NUMA vão estudar, em primeira mão, as criaturas que habitam as profundezas.

Pela fresta, que lhe dava uma visão mínima, Pitt pôde ver que os sequestradores estavam portando armas automáticas engatilhadas. Pitt fez um aceno para Giordino, e os dois se prepararam para a luta, abrindo a porta e entrando na sala ombro a ombro.

Os dois sequestradores perceberam o movimento atrás deles, mas não sé deram ao trabalho de virar e olhar, pensando que eram os amigos que tinham chegado cedo para a execução. Sam disse:

— Vocês chegaram cedo. Por que tanta pressa?

- Recebemos ordens para irmos para Guam - disse Giordino numa imitação bem razoável da voz rascante de um dos seqüestradores.

— É isso - disse Sam rindo. - É melhor vocês começarem a rezar. Já está na hora de ir encontrar seu criador...

Então ele parou. Giordino o levantou do chão pela cabeça e a bateu violentamente contra a parede, enquanto Pitt atingiu o outro guarda no queixo com o revólver, fazendo-o cambalear inconsciente e cair no chão.

Aí foi uma festa generalizada. Só faltaram os balões e o champanhe.

Estavam todos lá. Sentados no chão, em redor dos geradores do navio, com as pernas acorrentadas umas às outras, como os escravos nos navios romanos, toda a tripulação do *Deep Encounter* estava lá. Os tornozelos estavam envoltos por anéis de metal, soldados a uma longa corrente, presa por cadeados à base do gerador principal. Pitt fez uma rápida contagem, enquanto todos continuavam sentados, em estado de choque, fitando os dois homens que eles acreditavam estar mortos e desaparecidos para sempre. Burch, House, a tripulação e os cientistas pareciam viver um sonho. Aos poucos foram se levantando, prestes a começar uma gritaria de alegria, quando Pitt levantou as mãos e sussurrou:

- Calma. Pelo amor de Deus fiquem quietos, ou os guardas logo vão vir correndo para cá.

— De onde vocês surgiram? - perguntou Burch, atônito.

— De um iate luxuoso - respondeu Giordino. - Mas esta é outra história. - Olhou para o engenheiro-chefe House. - O que você tem para cortar esta corrente?

House apontou para um compartimento ao lado.

- No depósito de ferramentas. Há uma tesoura para isto dependurada na parede.

- Solte a tripulação primeiro - Pitt pediu a Giordino. - Precisamos ter o navio preparado antes que os seqüestradores apareçam.

Giordino retornou logo e começou a cortar a corrente. Pitt aproveitou e subiu ao convés exterior para verificar se a presença deles ainda não tinha sido percebida. Os conveses do navio pirata ainda estavam vazios. Até onde ele podia saber, eles estavam no salão de recreio comendo costeletas como hienas famintas, numa alegre comemoração antecipada antes de mandarem o *Deep Encounter* e sua tripulação para sua última morada debaixo do mar.

Quando retornou, o engenheiro-chefe House e os maquinistas já tinham assumido o controle da casa de máquinas e se preparavam para colocar o navio de pesquisa pronto para zarpar.

- Agora vou deixar vocês - ele disse para Burch.

O capitão olhou sem entender. Até Giordino virou-se e fitou Pitt com um ponto de interrogação.

- Há um guarda na cabana no penhasco acima da entrada para o canal. Suponho que, além de ficar de guarda para ver quem quer entrar, ele tem armas capazes de evitar que qualquer navio deixe a laguna.

- O que o faz pensar desta maneira? - perguntou Giordino.

- Pense bem, os seqüestradores não estão tomando conta de um jardim para evitar a presença de comedores de flores. Dois homens guardando 50, o resto por aí como se estivessem de férias? E muito pouco provável. Devem ter a certeza de que este navio nunca vai poder sair para alto-mar se a tripulação, de alguma forma, conseguisse se libertar e recuperar o comando do navio. O canal tem uma profundidade de uns 150 metros em seu meio. O *Deep Encounter* pode facilmente ser afundado e nunca mais ser encontrado, e o navio pirata ainda teria calado suficiente para passar e sair da laguna.

- A noite está escura, podíamos sair sem que os guardas percebessem - disse Burch.

- Não - retrucou Pitt. - No momento em que partíssemos, os seqüestradores no navio pirata perceberiam. Eles certamente ouviriam a âncora ser recolhida e o barulho dos motores. A primeira coisa que fariam seria alertar o guarda na entrada do canal. Tenho que ir lá e eliminar esta ameaça.

- Vou com você - disse Giordino.

Pitt balançou a cabeça.

- Você é o homem mais indicado para repelir os piratas até que o navio se afaste.

- Você não conseguirá chegar lá a tempo - disse House. - É uma caminhada de quase 1 quilômetro, subindo a mata.

Pitt mostrou a pequena lanterna.

- Isto vai me ajudar. Além disso, os seqüestradores devem ter feito uma trilha, de tanto irem daqui até a cabana.

Giordino apertou a mão de Pitt.

- Boa sorte, companheiro.

- O mesmo para você.

Então Pitt partiu.

A TRIPULAÇÃO ENTREGOU-SE -ÀS SUAS TAREFAS calmamente, como se o navio estivesse deixando as docas no porto de São Francisco. Ninguém perdia tempo. Não havia, também, conversa sobre o perigo que rondava a todos. Não havia apreensão ou pressentimentos. Os cientistas, procurando evitar atrapalhar as tarefas, foram para suas cabines e lá permaneceram.

O capitão Burch, agachado na torre de comando, observava o navio pirata na escuridão. Tinha o telefone portátil na mão junto à boca, e disse baixo:

— Quando quiser, chefe.

— Então recolha a âncora - respondeu House. - Assim que ela sair do chão avise, que eu vou extrair toda a potência que estes motores podem dar.

— Fique no telefone - disse Burch. Houve um tempo em que as âncoras eram levantadas pela tripulação, através de cabos e manivelas. Tudo o que Burch teve que fazer, com os sistemas modernos instalados a bordo do *Deep Encounter*, foi digitar um código no computador. Tudo era automático. Mas nada havia que ele pudesse fazer, ou quem quer que fosse, para atenuar o ruído de matraca e o retinido das correntes contra as bordas do buraco no casco, por onde a corrente era puxada.

Seus anos de experiência lhe mostraram o exato instante em que a âncora se soltou do fundo do mar.

— Ok, chefe. A toda velocidade. Tire-nos daqui.

Lá embaixo, na área sob seu comando, as mãos de House tocaram várias vezes o painel de controle. Sentiu uma onda de satisfação ao ver que as hélices cortavam a água e puxavam a proa para baixo, no exato momento em que o navio pulou para a frente.

Giordino pegou os dois rifles automáticos tomados dos dois seqüestradores e postou-se atrás da amurada do convés, a poucos metros de distância do passadiço que levava ao navio pirata. Deitou-se no chão, com um rifle apoiado na dobra do braço. O outro rifle ele colocou no chão, ao lado do revólver. Sabia que não tinha como vencer uma troca de tiros muito longa. Mas de sua posição ele podia facilmente evitar que os seqüestradores viessem a bordo do navio de pesquisa, até que ele pudesse se pôr em movimento. Bem que ele podia afastar o passadiço e deixar que ele caísse no mar, mas evitou fazer isso, para não provocar nenhum barulho desnecessário. Ele cairia por si mesmo, assim que o *Deep Encounter*



começasse a se mover.

Ele sentiu a vibração do convés assim que o engenheiro-chefe House ligou os grandes geradores e acionou os motores elétricos a diesel. Dois dos tripulantes engatinharam pelo convés, protegidos pela amurada, e soltaram os cabos estendidos até o navio pirata de seus postes de amarração.

Agora vem a melhor parte, Giordino pensou consigo mesmo, ao ouvir o matraquear da corrente da âncora. Para os que estavam no *Deep Encounter*, o barulho pareceu a batida de 20 marretas contra uma bigorna. Como era esperado, três dos seqüestradores saíram correndo do salão de recreio para ver que barulho era aquele.

Confusos ao verem a âncora do *Deep Encounter* sendo levantada, e sem saber que seus companheiros tinham sido postos fora de combate, um deles começou a gritar o mais alto que podia.

— Pare, pare. Vocês não podem partir antes do previsto. Falta a tripulação.

Não era da natureza de Giordino ouvir e ficar calado.

— Não precisamos de tripulação - ele disse, numa voz rascante, imitando o seqüestrador. - Eu mesmo cuido de tudo.

A confusão aumentou, quando mais piratas saíram para o convés. Então uma voz familiar gritou.

— Quem é você?

— Sam!

— Você não é o Sam. Onde ele está?

Giordino sentia as batidas dos motores aumentarem e o navio começar a se movimentar. Mais uns segundos e o passadiço ia cair na água.

— Sam diz que você é um imbecil babão, que não vale um tostão furado.

Pragas e xingamentos foram ouvidos, no mesmo instante que um grupo de seqüestradores correu para o passadiço. Dois deles conseguiram chegar à metade da travessia. Neste instante, Giordino fez a pontaria e os acertou nos joelhos. Um dos seqüestradores caiu para trás, de volta ao navio pirata, enquanto o outro encurvou-se, agarrando a beirada do passadiço, urrando de dor. Nessa hora a ponta do passadiço soltou-se e caiu na água, e o navio de pesquisa movimentou-se e começou sua corrida em direção ao canal.

Os seqüestradores reagiram imediatamente. Antes que o *Deep Encounter* tivesse se afastado 50 metros, a âncora do navio pirata foi levantada e ele arremessou-se para a frente, começando a caçada. Uma rajada de tiros foi disparada, ecoando pelas montanhas de lava, respondidos por Giordino, que disparou vários tiros contra os vidros da torre de comando do navio de serviço.

Contornando uma curva do canal, o navio de pesquisa ficou momentaneamente fora do alcance das armas dos seqüestradores. Giordino aproveitou a calmaria para subir até a casa do leme.

— Eles não são nada amistosos - disse para Burch, que estava manobrando o timão.

— O máximo que podem fazer é disparar, e as balas vão ricochetear no casco - disse Burch, com os dentes trincados num cachimbo virado para baixo. - Eles não vão nos abordar desta vez tão facilmente quando fizeram da primeira vez.

Eles se moviam rapidamente através do canal agora. House estava fazendo os motores elétricos a diesel girarem o mais rápido que podiam. O canal parecia um poço negro. Apenas as vagas formas dos penhascos, crescendo acima deles, e esboçadas contra o céu de estrelas, davam uma indicação visual de direção, mas Delgado estava inclinado sobre a tela do radar, dando instruções para a mudança de curso. Todos os outros que estavam na casa do leme olhavam

ansiosamente pelas vigias da popa, até que as luzes do navio pirata apareceram, no momento em que ele entrou no canal.

Ele vinha com quase o dobro da velocidade do *Deep Encounter*. Negro e sinistro, aparecia com uma forma indistinta contra a fileira de palmeiras da praia. Então todos se viraram e olharam para cima, na direção dos íngremes penhascos e da tênue luz que brilhava na cabana do guarda de segurança. Todos na casa do leme imaginavam se Pitt conseguiria chegar lá antes que eles atingissem a entrada do canal. Somente Giordino parecia confiante ao despejar sua última rajada de tiros.

O caminho, se se pode dizer que era um caminho, tinha uns 30 centímetros de largura e subia tortuosamente os íngremes penhascos. Pitt corria o mais rápido que podia. Os pés doíam ao pisar nas pontas das pedras de lava e começaram a sangrar. Ele usava apenas as meias de algodão grosso que vestira quando tomara emprestado do homem velho os pés-de-pato, e agora elas estavam reduzidas a frangalhos. Correu com esforço, o coração batendo mais rápido a cada passo, mas não reduziu o ritmo. O suor saía dos poros e escorria pelo rosto e pelo peito como filetes.

Ele protegeu a luz da lanterna com a concha da mão, para evitar que ela fosse vista pelo guarda na sua cabana. Era em tempos como este que ele pensava que deveria ter se dedicado a outros projetos. Sandecker podia fazer sua corrida diária sem que seu coração desse saltos, mas o único exercício que Pitt fazia era ter uma vida ativa. Ele agora respirava com dificuldade, e seus pés pareciam estar pisando em brasa incandescente. Olhou rapidamente para trás, pelo ombro, ao ouvir o som de tiros. Confiava que seu amigo de 30 anos não deixaria nenhum seqüestrador atravessar o passadiço. O movimento das luzes brilhando através das vigias e tremulando nas águas da laguna deram-lhe a certeza de que o *Deep Encounter* estava a caminho. Os tiros que ecoaram nas paredes das rochas dos penhascos também mostraram que o navio pirata estava rapidamente iniciando a caçada. Então ele ouviu mais tiros, os que Giordino disparou contra a torre de comando do navio pirata.

Ele estava a menos de 30 metros da cabana. Diminuiu a corrida e estancou, quando viu um vulto passar na frente da luz que fluía através da janela. O guarda tinha saído da cabana e estava de pé, na beira do penhasco, olhando para baixo e vendo o navio de pesquisa vindo rapidamente pelo canal. Pitt foi para a frente, sem preocupação de se ocultar. Agachado atrás do guarda, moveu-se o mais depressa que podia. O guarda estava concentrado olhando para baixo. A porta da cabana estava aberta, e luz suficiente filtrava para fora, mostrando que o guarda segurava algum tipo de arma nas mãos. Ou ele tinha sido alertado pelo barulho dos tiros, ou tinha sido avisado pelo rádio que os tripulantes do navio de pesquisa tinham conseguido escapar no próprio navio e tentavam chegar ao mar.

Chegando mais perto, Pitt reconheceu a arma como um lançador de mísseis, e isso o fez ficar tenso. Havia ainda um pequeno engradado ao pé do guarda, com vários outros mísseis. Pitt observou quando o guarda colocou o lançador de mísseis no ombro.

Neste instante qualquer idéia de ocultar-se foi esquecida. Pitt ficou em dúvida se conseguiria chegar mais perto e atingir o guarda sem ser percebido, mesmo com a escuridão a seu favor. Sua corrida foi um ato de desespero. Se o guarda disparasse o míssil contra o *Deep Encounter* antes que ele pudesse detê-lo, 50 pessoas inocentes morreriam, entre elas seu melhor amigo. Temerariamente ele arremeteu para cobrir os últimos 10 metros.

Pitt emergiu de dentro da noite, como um anjo da morte, correndo com toda a

força de que era capaz. A agonia que vinha dos pés cortados e feridos era subjugada pela determinação com que avançou os últimos centímetros, sem vacilar ou hesitar. Mas o guarda percebeu sua presença. Ele estava no ato de ativar o mecanismo de disparo do lançador de mísseis quando percebeu um vulto vindo em sua direção. Pitt saltou e lançou-se contra o guarda, no exato momento em que ele disparava o míssil.

O sopro da explosão relampejou sobre a cabeça de Pitt, queimando levemente seus cabelos, enquanto ele atingia violentamente, com a cabeça e os ombros, o peito do guarda. Caíram no chão. O míssil, com a pontaria alterada pelo impacto do corpo de Pitt contra o guarda, riscou a noite e explodiu contra um penhasco, uns 30 metros acima e ligeiramente atrás da popa do *Deep Encounter*. A explosão espalhou pedaços de lava sobre o canal e lançou fragmentos sobre o navio de pesquisa como uma chuva, mas sem provocar ferimentos em ninguém ou maiores danos.

O guarda, atônito e com duas costelas fraturadas, conseguiu ficar de pé e lançou as mãos num ataque de luta marcial, errando o pescoço de Pitt, mas atingindo o alto de sua cabeça, por um triz não o colocando fora de combate. Pitt recuperou-se rapidamente, ficando de joelhos e disparando seu punho direito, com toda a força, no estômago do guarda, logo acima da virilha. O guarda recurvou-se, o ar escapando por sua boca num grunhido. Pitt agarrou o lançador de mísseis e o rodopiou como um bastão. Ele atingiu o guarda no quadril, jogando-o no chão. Mas mesmo ferido o homem ainda tinha forças, o corpo enrijecido por anos de treinamento físico. Ele rolou, endireitou-se e veio contra Pitt como um varrão enfurecido.

Usando o cérebro em vez da força física, Pitt se pôs de pé e destramente esquivou-se. O guarda passou por ele, tropeçou e caiu pela beira do penhasco. Sua inesperada derrota veio tão depressa que ele nem gritou. O único som veio de um corpo caindo na água lá embaixo. Com fria eficiência, Pitt rapidamente tirou um míssil do engradado, enfiou-o no lançador e apontou-o contra o navio pirata vindo pelo canal a não mais do que 100 metros de distância do *Deep Encounter*. Pitt agradeceu aos deuses por ele não requerer o complicado procedimento de um -stinger. A seqüência de disparo era elementar, mesmo para um terrorista retardado. Ele apontou o cano através da mira no navio pirata e apertou o gatilho.

O míssil assobiou dentro da noite, atingindo o barco de serviço bem no meio do casco, pouco acima da linha de água. Por um instante a explosão ouvida foi um estrondo insignificante, mas o míssil tinha penetrado nas chapas do casco antes de explodir dentro da casa de máquinas. Segundos depois, estrondos e chamas tomaram conta do barco, e ele se partiu ao meio. O canal inteiro de repente se iluminou, e uma brilhante bola laranja e vermelha coloriu os penhascos. A explosão tinha rompido os tanques de combustível, transformando o barco de serviço num inferno de labaredas. A super-estrutura inteira se separou do casco, como um brinquedo desmontado por uma mão invisível. De repente, as chamas se apagaram, e a escuridão caiu novamente sobre o canal, exceto por pequenos fragmentos que caíram na água em redor do barco de serviço, que desaparecia nas águas negras do canal.

Pitt ficou de pé e fitou o canal, onde há poucos instantes um barco cortava as águas, num misto de interesse e felicidade. Sentia muito pouco remorso. Os homens a bordo eram assassinos, prestes a matar todas as 51 pessoas no navio de pesquisa. O *Deep Encounter* e todos seus passageiros estavam livres do perigo agora. Para Pitt, isto era o que mais importava.

Ele arremessou o lançador de mísseis o mais longe que conseguiu, em direção à água lá embaixo. A dor dos cortes e dos ferimentos nos pés voltaram, e ele foi mancando até a cabana do guarda. Vasculhou nos armários até que encontrou um estojo de primeiros-socorros. Minutos depois, após limpar os ferimentos com anti-séptico, envolveu os pés que latejavam de dor em várias camadas de gaze, o suficiente para permitir andar de novo. Procurou papéis nas gavetas sob o sistema de comunicações e encontrou apenas uma caderneta. Uma rápida olhadela permitiu ver as anotações feitas pelo guarda. Guardou-a num bolso na bermuda. Depois, esvaziou meia lata de gasolina, usada no gerador portátil que fornecia a energia para as luzes e o rádio, e acendeu um fósforo de madeira de uma caixa que estava perto do cinzeiro, cheio de pontas de cigarros fumados até o filtro.

Pitt saiu da cabana, colocou fogo na caixa e a atirou através da porta. Enquanto o interior pegava fogo, ele voltou andando com dificuldade pela trilha em direção à laguna. Quando chegou lá, Giordino e Misty esperavam por ele na praia. Com a proa sobre a areia, uma lancha e dois tripulantes do navio de pesquisa aguardavam.

Giordino foi até ele e o abraçou.

- Por um momento pensei que você tinha sido seduzido por uma jovem e -sexy nativa.

Pitt abraçou o amigo.

- Acho que foi por muito pouco, não?

- E o guarda?

- No fundo do canal, com seus amiguinhos.

- Você trabalha bem.

- Algum dano ou ferido no navio? - perguntou Pitt.

- Algumas marcas, uns arranhões, mas nada sério.

Misty correu e também o abraçou.

- Não posso acreditar que você ainda está vivo.

Pitt a beijou carinhosamente e olhou em redor da laguna. - Você veio na lancha?

Misty concordou com a cabeça.

- O homem velho trouxe seu iate até o *Deep Encounter*, e eu subi a bordo.

- Onde está ele?

Misty encolheu os ombros.

- Depois de falar rapidamente com o capitão Burch ele partiu, para continuar sua viagem ao redor do mundo.

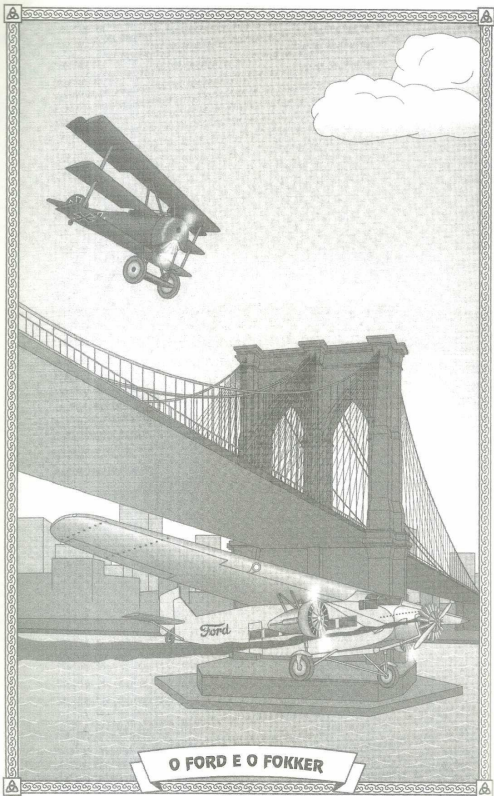
- Não tive oportunidade de agradecer-lhe - disse Pitt lamentando-se.

- Ele é um velho engraçado - disse Giordino. - Disse que talvez ainda nos encontremos.

- Quem sabe - Pitt disse com tristeza na voz. - Tudo é possível.

*GUARDA DO INFERNO*

PARTE DOIS



O FORD E O FOKKER

25 DE JULHO DE 2003

## NUKU'ALOFA, TONGA

SEGUINDO ORDENS DO ALMIRANTE SANDECKER, O capitão Burch foi direto para o porto da cidade de Nukúalofa, a capital de Tonga, uma ilha e a última monarquia da Polinésia. Um carro estava esperando por Pitt e Giordino para levá-los imediatamente ao aeroporto, em Fua'amotu, para que pudessem pegar um avião da Royal Tongan que os deixaria no Havaí. De lá, um jato da NUMA os levaria a Washington.

As despedidas dos homens e mulheres do *Deep Encounter* foram carinhosas e muitos chegaram às lágrimas. Apesar da tensão e das agruras que tinham vivido, quase todos decidiram retornar ao navio e continuar a expedição de pesquisa sobre a Fenda de Tonga. Misty chorou, Giordino não parava de limpar o nariz, os olhos de Pitt ficaram marejados, e mesmo Burch e House reagiram como se tivessem perdido o cachorro de estimação. Pitt e Giordino agradeceram pelo carro à espera, e assim puderam partir.

Subiram a bordo de um 747, sentaram-se em seus lugares, ataram os cintos de segurança e o enorme jato já estava correndo pela pista e decolando suavemente. O verde luxuriante de Tonga rapidamente ficou para trás, e logo estavam sobrevoando um mar azul intenso, acima de nuvens espalhadas, grossas e densas. Com 30 minutos de voo, Giordino tinha ido dormir numa poltrona do corredor. Sentado junto à janela, Pitt pegou a pasta de couro de Egan debaixo da poltrona da frente e apertou as travas das fechaduras. Abriu a tampa cuidadosamente, temeroso de que a pasta estivesse cheia de óleo novamente. Idéia ridícula, ele pensou, e sorriu. Não havia nada de mágico num brincalhão pregando sua peça.

A pasta estava vazia, exceto por uma toalha e as fitas contendo o vídeo tirado do

*Emerald Dolphin* pelas câmeras do *Abyss Navigator*. Com muito cuidado ele abriu a toalha, até mostrar o estranho e disforme objeto coberto com uma película esverdeada, que tinham retirado do chão da capela incendiada. Pegou-o com a mão esquerda, e usando o indicador da mão direita para virar e revirar o estranho objeto, ficou a observá-lo. Esta era a primeira oportunidade que tinha para vê-lo bem de perto.

Havia uma estranha sensação de oleosidade no objeto. Em vez de uma superfície pontuda e áspera, como acontece com os compostos inorgânicos que não chegam a queimar de todo, o objeto era arredondado e macio, e retorcido em espiral. Pitt não fazia a menor idéia de sua composição. Enrolou-o de novo na toalha e guardou na pasta. Tinha certeza de que os químicos do laboratório da NUMA o identificariam. E uma vez que entregasse o material, sua parte no mistério estava concluída.

O lanche chegou, mas ele recusou, aceitando apenas um suco de tomate e um café. Não tinha fome. Ao tomar o café olhou pela janela. Uma ilha estava ficando para trás, lá embaixo, uma marca esmeralda num mar azul topázio. Observou-a por um momento e reconheceu sua forma. Era a ilha de Tutuila, nas ilhas Samoa, pertencentes aos Estados Unidos. Pôde reconhecer o porto de Pago Pago, onde havia muitos anos visitara a base naval, com seu pai, então deputado, numa viagem oficial pelo Pacífico.

Lembrava bem da viagem. Ele era um adolescente, e aproveitou toda oportunidade que teve para mergulhar ao redor da ilha, enquanto seu pai visitava as instalações navais, e de nadar entre os corais e os peixes de colorido brilhante, com uma espingarda de arpão. Raramente ele disparava a tira de elástico cirúrgico, arremessando um pequeno arpão contra um peixe. Preferia simplesmente estudar ou fotografar as maravilhas sob a água. E depois de um dia gasto na água, descansava na areia da praia, debaixo de uma palmeira, e contemplava seu futuro.

Então se lembrou de uma outra praia, esta na ilha de Oahu, no Havai. Estava ainda na Força Aérea. Viu-se como um jovem em companhia da mulher cuja memória nunca o abandonou. Summer Moran era a mulher mais linda que ele jamais tinha visto. Podia se lembrar em vívidos detalhes da primeira vez que se encontraram no bar do Ala Moana Hotel, na praia de Waikiki. Lembrava-se de seus encantadores olhos acinzentados, de seu cabelo longo e vermelho-afogueado, do corpo perfeito sob um vestido oriental justo e aberto dos lados. Ele a perderia durante um terremoto numa cidade submarina construída pelo luto do seu pai, Frederick Moran. Ela nadou para tentar salvá-lo, e nunca mais voltou.

Pitt fechou esta parte da memória, como fizera tantas vezes no passado, e olhou longamente o reflexo de seu rosto na janela. Os olhos ainda irradiavam uma intensidade que não diminuiria; mas já se notava neles o avanço da idade, e um certo cansaço. Começou a imaginar como seria se pudesse encontrar a si mesmo como era 20 anos antes. Supunha que o jovem Dirk Pitt de duas décadas atrás aparecesse e sentasse ao seu lado no banco de um parque. Como ele recepcionaria o moço que servira com distinção como piloto na Força Aérea? Será que o moço o reconheceria? Como o moço veria o velho Dirk Pitt? Será que ele, mesmo remotamente, seria capaz de antever as loucas aventuras, os grandes desapontamentos, as grandes brigas e os ferimentos? O velho Pitt duvidou. Será que o jovem Pitt rejeitaria o que viu e evitaria o que estava por vir, tomando um rumo completamente diferente em suas vidas?

Pitt tirou o olhar da janela, fechou os olhos e afastou da mente a imagem do jovem e daquilo que poderia ter ocorrido. Pensou se faria tudo da mesma



maneira se pudesse recomeçar. Para a maior parte a resposta era sim. Mas, claro, ele teria feito algumas alterações e reveria ligeiramente alguns episódios de sua vida. Mas no todo, ela tinha sido extremamente satisfatória e cheia de realizações. Estava grato apenas por estar vivo, e isso já era muito.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo balançar do avião, em virtude de uma turbulência. Ele obedeceu ao sinal de atar cintos. Ficou acordado, lendo revistas até que o avião aterrissou no Aeroporto Internacional John Rodgers, em Honolulu. Ele e Giordino foram recebidos pelo piloto da NUMA que deveria levá-los a Washington. O piloto foi com eles até a esteira rolante, para pegarem as bagagens, e depois os levou de carro até o jato cor de turquesa da NUMA, um Gulfstream, estacionado um pouco distante no aeroporto. Quando levantaram vôo, o sol estava se pondo no ocidente, e o azul estava lentamente se tornando negro no oriente.

Na maior parte da viagem Giordino dormiu como um zumbi, enquanto Pitt cochilou intermitentemente. Quando acordou de um cochilo, sua mente começou a trabalhar. Sua participação na tragédia do ***Emerald Dolphin*** tinha terminado? Não tinha nenhuma dúvida de que o almirante Sandecker o poria trabalhando num novo projeto. Mas resolveu que não assumiria nada novo. Decidiu que tinha de acompanhar aquele mistério até o seu final. Os que tinham posto fogo no transatlântico precisavam pagar por isso. Era preciso identificá-los, saber os seus motivos, e então puni-los.

Seus pensamentos foram passando daquela sensação de insatisfação para a expectativa de dormir na sua própria cama, no seu apartamento no hangar do aeroporto. Imaginou se a deputada Loren Smith, seu atual amor, estaria esperando por ele quando o avião aterrissasse, como era comum fazer. Loren, do cabelo castanho-claro e olhos violetas. Os dois tinham chegado várias vezes muito perto do casamento, mas nunca deram o passo final. Talvez agora fosse a hora. Deus sabe, pensou Pitt, que não posso mais ficar pulando de oceano para oceano, e encontrando todo tipo de aventuras, por muitos anos mais. A idade, ele bem sabia, estava vagarosamente tomando seu corpo, afetando infinitesimalmente cada função, até que um dia ele acordaria e tomaria consciência de que seu destino era a aposentadoria.

— Não - ele gritou alto.

Giordino acordou e olhou para ele.

— Você chamou?

Pitt sorriu.

— Falando durante o sono.

Giordino ajeitou-se na poltrona e voltou aos sonhos.

Não, pensou Pitt, desta vez em silêncio. Não vou me entregar, não ainda por muito tempo. Sempre haverá um novo projeto submarino, uma nova investigação marítima. Só vou parar quando fecharem meu caixão.

Quando ele acordou pela última vez, o avião estava tocando o chão do aeroporto na Base Aérea de Langley. O dia estava escuro e chuvoso, a água batendo contra as janelas. O piloto taxiou até o terminal da NUMA e parou bem perto do hangar. Quando Pitt saiu, ele fez uma pausa e olhou para o estacionamento. Suas esperanças foram em vão.

Loren Smith não estava lá para recebê-lo.

Giordino foi para seu apartamento em Alexandria, para tomar um banho e telefonar para um punhado de conhecidas para avisar que já estava de novo em circulação. Pitt adiou o conforto da sua casa e pegou um jipe que o levou aos escritórios da NUMA, numa colina na parte leste, e de onde se via o rio Potomac.

Ele estacionou o jipe na garagem subterrânea e pegou o elevador até o décimo andar, os domínios de Hiram Yaeger, o gênio da companhia quando se tratava de computadores, e responsável por uma grande rede. A biblioteca de Yaeger continha todos os fatos científicos conhecidos a respeito dos oceanos, além de eventos históricos, desde o início da História, e até mesmo antes.

Yaeger veio do Silicon Valley e já estava na NUMA havia cerca de 15 anos. Parecia um hippie velho, com o cabelo grisalho preso num rabo-de-cavalo. Seu uniforme normal para o dia era uma calça Levis, uma jaqueta Levi's e botas de caubói. Ninguém era capaz de supor, olhando para ele, mas Yaeger vivia numa casa elegante e especialmente projetada, numa área residencial de luxo de Maryland. Dirigia um BMW 740 il, e suas filhas eram as primeiras da classe e ganhadoras de vários troféus em hipismo. Ele também projetou e desenvolveu um computador tecnicamente avançado, chamado Max, que era quase humano. Fotos de sua mulher, especialmente programadas, apareciam na tela quando ele falava com o computador.

Yaeger estava estudando os últimos resultados enviados por uma expedição da NUMA ao largo da costa do Japão, que fazia perfurações no fundo do mar em busca de vida debaixo da areia, quando Pitt entrou em seu santuário.

Ele olhou para cima, então pôs-se de pé e sorriu, ao mesmo tempo em que estendia a mão.

— Ora, ora, o flagelo das profundezas está de volta ao lar.

A aparência de Pitt lhe causou má impressão. O diretor de projetos especiais da NUMA parecia um morador de rua. A bermuda e a camisa florida estavam puidas, e ele estava usando chinelos para acomodar os pés envoltos em gaze. Mesmo tendo dormido várias horas nos aviões, seus olhos pareciam cansados e estavam sem brilho. O rosto tinha uma barba irregular de uma semana. Era claramente a figura de um homem que tinha vivido horas muito difíceis.

— Para o homem que está nas manchetes, você parece mais um vagabundo de segunda classe.

Pitt apertou a mão de Yaeger.

— Vim diretamente do aeroporto para incomodar você.

— Não tenho a menor dúvida. - Ele fitou os olhos de Pitt demonstrando profunda admiração. - Li o relatório sobre o incrível salvamento feito por você e pela tripulação do *Deep Encounter*, e de sua luta contra os piratas. Como você consegue se envolver em tanta confusão?

— Elas me -acham — disse Pitt, abrindo as mãos num gesto de modéstia. - Falando sério, a parte do leão nos créditos vai para toda a turma do navio de pesquisa, que trabalhou como demônios para salvar os passageiros. E Giordino fez a maior parte do trabalho no resgate da tripulação do navio de pesquisa.

Yaeger conhecia bem a aversão de Pitt por elogios e cumprimentos. Ele parecia embaraçado e constrangido. Parou de falar sobre os eventos recentes e acenou para Pitt sentar-se.

— Você já viu o almirante? Ele tem uns 50 pedidos de entrevistas na fila esperando você.

— Ainda não estou pronto para enfrentar o mundo. Vou vê-lo amanhã de manhã.

— O que o traz ao meu canto de elucubração eletrônica?

Pitt colocou a pasta de Egan sobre a escrivaninha de Yaeger e a abriu. Desenrolou a toalha que envolvia o objeto trazido do transatlântico e o entregou a ele.

— Gostaria que isso fosse analisado e identificado.

Yaeger examinou o objeto de estranha forma por um instante e depois

concordou com a cabeça.

— Vou pedir ao laboratório de química que faça a análise. Se ele não tiver uma estrutura molecular complicada, teremos uma resposta para você em dois dias. Mais alguma coisa?

Pitt mostrou os videocassetes feitos pelo *Abyss Navigator*.

— Amplie isso no computador e faça imagens digitalizadas em três dimensões.

— Pois não.

— Uma última coisa antes que vá para casa. - Ele pousou um desenho sobre a escrivaninha. - Você já viu um logotipo como este?

Yaeger examinou o desenho meio rudimentar de Pitt, mostrando o cão de três cabeças e uma serpente como cauda, e a palavra *Cerberus* embaixo. Então olhou fixa e interrogativamente para Pitt.

— Você não sabe o que é isto?

— Não.

— Onde você o viu?

— Estava no barco de serviço dos piratas, coberto por um papelão.

— Um barco de serviço petroleiro.

— Sim, do mesmo tipo - Pitt respondeu. - Você já o viu?

— Já vi - respondeu Yaeger. - Você vai mexer em caixa de marimbondos se ligar a Cerberus Corporation com o seqüestro do *Deep Encounter*.

— A Cerberus Corporation - disse Pitt pronunciando cada sílaba devagar. - Que estupidez a minha. Eu devia saber. O conglomerado é dono da maior parte dos poços de petróleo dos Estados Unidos, além de minas de cobre e minério de ferro, e sua divisão química fabrica mais de mil produtos diferentes. Foi o cão de três cabeças que desviou minha atenção, e não fiz a conexão.

— É mesmo diferente.

— Por que um cão de três cabeças como logo da empresa?

— Cada cabeça representa uma divisão da companhia - respondeu Yaeger. - Uma é o petróleo, outra a mineradora e outra a divisão química.

— E a cauda de serpente? - perguntou Pitt brincando. - Representa alguma coisa sombria e sinistra?

Yaeger encolheu os ombros.

— Quem pode dizer?

— De onde vem o cão?

— Cerberus... parece grego.

Yaeger sentou-se ao computador e digitou no teclado. Numa tela colocada numa estante, do lado oposto ao computador, o rosto e o corpo de uma mulher atraente tomou forma. Ela estava vestida com um maiô de uma peça.

— Você me chamou - ela disse.

— Alô, Max. Você conhece Dirk Pitt? - Os olhos castanhos, não muito definidos, foram dos pés de Pitt ao seu rosto. - Sim, já o conheço. Como vai sr. Pitt?

— Mais ou menos. E você, Max, como vai?

O rosto tomou uma expressão de enfado.

— Este estúpido maiô colocado em mim pelo Hiram. Não me agrada nem um pouco.

— Você prefere uma outra coisa? - perguntou Yaeger.

— Um elegante vestido Armani, lingerie de Andra Gabrielle e sandálias de tiras e de salto alto de Tod serviriam muito bem.

Yaeger deu um risinho maroto.

— De que cor?

— Vermelho - Max respondeu sem hesitação.

Os dedos de Yaeger como que dançaram sobre o teclado. Então ele se recostou na poltrona para admirar seu trabalho.

Max desapareceu por uns instantes e logo reapareceu num elegante traje vermelho, composto de blusa, blazer e saia.

— Muito melhor - ela disse feliz - Detesto parecer inadequada quando estou no trabalho.

— Agora que você está de bom humor, gostaria que fizesse uma pesquisa sobre um determinado assunto.

Max passou as mãos pelo novo traje.

— E só dizer.

— O que você pode nos dizer sobre Cerberus, o cão de três cabeças?

— Vem da mitologia grega - Max respondeu imediatamente. - Hércules, nome latino para Herakles, como os gregos o chamavam, num acesso de insanidade temporária matou sua própria esposa e filhos. O deus Apolo ordenou que ele fosse servir ao rei Euristeu, de Micena, por 12 anos, como punição por seu terrível ato. Como parte de sua sentença Hércules teve que fazer 12 trabalhos, proezas tão desafiadoras que pareciam impossíveis. Ele teve que derrotar todo tipo de monstros horrendos, a mais difícil delas, a submissão de Cerberus, novamente latim para o grego Kerberos. Este era o grotesco cão de três cabeças que guardava os portões do Hades e impedia que os mortos escapassem das profundezas. As três cabeças representavam o passado, o presente e o futuro. O que a cauda de serpente significa eu não sei.

— Hércules destruiu o cão? - perguntou Pitt.

Max balançou a cabeça.

— Próximo às pontes do rio Aqueronte, um dos cinco que correm para debaixo da terra, ele lutou contra o monstro, até subjuguá-lo, depois de ter sido mordido não apenas pelo cão, mas também pela serpente. Hércules levou então Cerberus para Micena e o exibiu, antes de devolvê-lo ao Hades. Essa é a história, rapidamente. Mas acontece que a irmã de Cerberus era Medusa, a mulher mal falada que tinha serpentes como cabelo.

— O que você pode me dizer sobre a Cerberus Corporation?

— Qual delas? Deve haver umas dez empresas pelo mundo que usam o nome Cerberus.

— Uma empresa muito diversificada que tem negócios com petróleo, mineração e química.

— Ah, esta - disse Max, com os olhos brilhando. - Você dispõe de umas dez horas?

— Você tem tanta informação assim sobre a Cerberus? - Pitt perguntou, sempre surpreso com a quantidade de informação que Max sempre tinha.

— Ainda não, mas terei, assim que entrar na sua rede, e nas das empresas que têm negócios com eles. E como seus interesses se espalham pelo mundo inteiro, muitos governos devem ter também muita informação.

Pitt olhou para Yaeger em dúvida.

— Desde quando penetrar em redes privadas ficou legal?

Yaeger assumiu uma expressão maliciosa.

— Depois que eu digo a Max para investigar, longe de mim interferir em seus métodos de trabalho.

Pitt ergueu-se da poltrona.

— Vou deixar a cargo de vocês encontrar as respostas.

— Já vamos começar o trabalho.

Pitt virou-se e fitou Max.

— Adeus, por enquanto, Max. Você está deslumbrante neste traje.

— Obrigado, sr. Pitt. Gosto do senhor. É uma pena que nossos circuitos não possam integrar-se.

Pitt aproximou-se de Max e estendeu a mão. Ela penetrou a imagem.

— Nunca se sabe, Max. Um dia talvez Hiram possa tirá-la daí.

— Espero que sim, senhor Pitt - disse Max numa voz rouca. - Oh, como eu gostaria.

O velho hangar, construído nos anos 30 para uma empresa aérea há muito fechada, ficava num canto do Aeroporto Internacional Ronald Reagan. As paredes e o teto, de placas de metal corrugado, estavam tingidas com manchas amarelo-amarronzadas de corrosão. Suas poucas janelas tinham sido cobertas com tábuas, e a porta do que antes era o escritório estava estragada pelo tempo, com a pintura desbotada e descascada. A estrutura de telhado arredondado localizava-se no fim de uma pista de manutenção, não muito distante de uma portaria vigiada.

Pitt estacionou o jipe da NUMA junto ao mato que crescia fora do hangar, foi até a porta e parou. Olhou para uma câmera de segurança no alto de um poste de madeira do outro lado da estrada e viu que ela tinha parado sua trajetória e estava apontada diretamente para ele. Então ele dedilhou uma seqüência de números num painel junto à porta, aguardou uma série de cliques dentro do hangar e girou o trinco de metal. A velha porta abriu-se barulhentemente. O interior estava escuro, exceto por uma clarabóia no apartamento no andar de cima. Ele acendeu as luzes.

O efeito imediato foi deslumbrante. Realçados em toda a sua magnificência pelas brilhantes luzes, pelas paredes brancas e pelo chão de epóxi, alinhavam-se três fileiras de automóveis clássicos restaurados impecáveis. Ao final de uma fileira, tão deslumbrante quanto os outros, mas meio deslocado, estava um Ford 1936 convertido em -hot rod. Num dos cantos do hangar estavam um caça a jato alemão da Segunda Guerra e um avião trimotor de 1929. Mais adiante ficava um carro *Pullman* de uma ferrovia do início de 1900, um pequeno veleiro montado sobre uma balsa de borracha, e uma banheira, esta com um motor afixado numa extremidade.

A coleção de obras-primas da indústria automobilística representava eventos na vida de Pitt. Eram relíquias de sua história pessoal. Eram reverenciadas, cuidadas por ele e vistas apenas por seus amigos mais chegados. Ninguém que passasse pela auto-estrada do Mount Vernon Memorial, ao lado do Aeroporto Ronald Reagan, e olhasse os decrépitos hangares do outro lado do final das pistas seria capaz de imaginar que lá dentro havia uma coleção tão impressionante.

Pitt fechou e trancou a porta. Deu um pequeno giro, como sempre fazia quando voltava ao lar depois de uma expedição. Várias tempestades nos meses anteriores tinham evitado a presença de muita poeira. Amanhã, disse para si mesmo, ele pegaria um pano e removeria a fina camada de pó que tinha conseguido penetrar no hangar na sua ausência. Terminando a inspeção, ele subiu a escada circular de ferro até seu apartamento, encostado na parede dos fundos e ancorado a alguns metros do chão.

O interior do apartamento era tão singular quanto a eclética coleção de automóveis, aviões e veleiro. Aqui ele tinha todo tipo de raridades e excentricidades náuticas. Nenhum decorador de interiores tinha colocado os pés no apartamento, pelo menos nenhum que recomendasse quinilhamas. Os quase 100 metros quadrados de espaço, que incluíam a sala de estar, o banheiro, a cozinha e o quarto, estavam abarrotados de objetos de navios afundados ou

desmanchados. Havia uma grande roda do leme, com raios de madeira, de um velho -clipper, uma caixa de bússola de um cargueiro que fazia cabotagem no Oriente, sinos de navios, elmos de latão e cobre. A mobília era uma reunião de peças que tinham vindo de navios que tinham singrado os mares no século XIX. Modelos de navios, dentro de garrafas, estavam nas prateleiras mais baixas, e quadros de navios cruzando os mares, pintados pelo consagrado artista Richard DeRosset, pendiam das paredes.

Depois de tomar um banho e de barbear-se, Pitt fez reservas num pequeno restaurante francês que ficava a apenas quilômetro e meio do hangar. Poderia ter ligado para Loren, mas decidiu que queria jantar sozinho. Os relacionamentos ficariam para depois. Um agradável jantar, sozinho, e uma noite de sono em sua cama serviriam para recuperá-lo e prepará-lo para o dia seguinte.

Depois de se vestir, viu que ainda tinha 20 minutos antes de ir para o restaurante. Pegou o pedaço de papel com o telefone de Kelly e ligou.

Depois de cinco toques, ele já estava a ponto de desligar, perguntando-se por que a secretária eletrônica não respondia, quando ela atendeu.

- Alô.

— Alô, Kelly Egan.

Ele ouviu a respiração do outro lado.

— Dirk! Você está de volta.

— Acabei de chegar e pensei em ligar para você.

— Estou muito contente por você ter ligado.

— Tenho uns dias de férias. Você está muito ocupada?

— Até o peçoço com trabalhos de caridade - ela respondeu. - Sou a presidente da Associação das Crianças Deficientes da cidade. Estamos organizando nossa convenção aérea anual para as crianças, e sou a responsável pelo evento.

— Desculpe parecer ignorante, mas o que é uma convenção aérea?

Kelly riu.

— É como um show aéreo. Temos vôos com aviões antigos e as crianças participam deles.

— Você deve estar mesmo cheia de trabalho.

— Nem me diga - ela disse com um sorriso meio maroto. - O homem que tem um Douglas DC-3 com mais de 60 anos, e que estava escalado para levar as crianças num vôo sobre Manhattan, teve um problema com o trem de aterrissagem e não pode fazer o vôo.

— Onde é a convenção?

— Do outro lado do rio Hudson, em Nova Jersey, num campo de aviação particular numa cidade chamada Englewood Cliifs. Não fica longe da fazenda e do laboratório de papai. - A voz ficou triste.

Pitt foi até a sacada de seu apartamento, com o telefone sem fio, e olhou para os clássicos lá embaixo. Seus olhos pararam no trimotor de transporte de passageiros de 1929.

— Acho que posso ajudá-la no seu projeto de vôo panorâmico.

— Você pode? - Kelly perguntou, alegrando-se de novo. - Você sabe onde pode arranjar um velho avião de passageiros?

— Quando é a convenção?

— Daqui a dois dias. Mas como você vai conseguir um com tão pouco prazo?

Pitt riu para si mesmo.

— Conheço alguém que tem uma queda por mulheres bonitas e crianças deficientes.

PITT LEVANTOU-SE CEDO NO DIA SEGUINTE, barbeou-se e vestiu um terno formal escuro. Sandecker insistia em que seus diretores mais importantes se vestissem de acordo. Tomou um café leve, pegou o carro e dirigiu-se para a sede da NUMA, do outro lado do rio. O trânsito estava pesado, como de costume, mas ele não estava com pressa, e aproveitou o congestionamento para colocar os pensamentos em ordem e preparar-se para o dia de trabalho. Tomou o elevador do estacionamento subterrâneo e foi diretamente para o 4º andar, onde ficava seu escritório. Quando as portas se abriram, saiu para um corredor com piso de cerâmica com desenhos de navios. O andar inteiro estava vazio. Às sete horas ele era o primeiro a chegar.

Entrou no escritório, que ficava num canto do andar, tirou o paletó e o pendurou num cabide antigo tipo mancebo. Pitt raramente passava mais de seis meses do ano no escritório. Preferia trabalho de campo. A papelada não era sua área favorita. Gastou as duas horas seguintes examinando a correspondência e estudando a logística das futuras expedições científicas da NUMA em redor do mundo. Como diretor de projetos especiais, ele supervisionava os projetos que lidavam com a parte de engenharia dentro da oceanografia.

Às nove horas em ponto sua secretária de muitos anos, Zerri Pochinski, entrou na sua sala, que ficava ao lado. Vendo Pitt, ela correu e deu-lhe um beijo no rosto.

- Seja bem-vindo. E parabéns.

— Não comece - Pitt murmurou, feliz em ver Zerri.

Zerri tinha 25 anos e era solteira quando fora contratada como secretária de Pitt. Casada com um lobista de Washington agora, não tiveram filhos, mas tinham adotado cinco órfãos. Extremamente viva e inteligente, trabalhava apenas quatro dias por semana: acordo que Pitt prontamente aceitou, em virtude de sua eficiência no trabalho e pelo fato de estar sempre dois dias à frente dele. Ela era a única secretária, que Pitt conhecia, ainda capaz de tomar ditado usando taquigrafia.

Era animada, com um amável e permanente sorriso, de olhos castanhos e de cabelo castanho-claro caindo até os ombros, estilo que nunca tinha mudado em todos estes anos. No início tinham tido alguns flertes, mas Pitt tinha uma regra rígida de nunca se envolver com ninguém de seu escritório. Continuaram amigos, sem envolvimento romântico.

Zerri deu a volta por trás da poltrona de Pitt, passou seus braços em redor de seu pescoço e ombros e apertou-os.

— Você não imagina como estou feliz de vê-lo em carne e osso. Sempre me preocupo, como uma mãe, quando fico sabendo que você está desaparecido em ação.

— As coisas ruins sempre aparecem.

Ela se endireitou, ajeitou a saia e assumiu um tom oficial.

— O almirante Sandecker quer você na sala de reuniões às onze horas em ponto.

— Giordino também?

— Giordino também. E não faça planos para a tarde. O almirante agendou entrevistas para a imprensa. Eles estão desesperados com a falta de um testemunho ocular do incêndio do ***Emerald Dolphin***.

— Já contei tudo o que sei na Nova Zelândia - resmungou Pitt.

— Não se esqueça de que agora você está nos Estados Unidos, e em Washington. A mídia o considera um herói local. Você deve se comportar de acordo e responder às perguntas.

— O almirante devia pedir ao Al. Ele adora atenção.

— Só que ele está sob seu comando, e isso torna você o primeiro.

Nos minutos seguintes Pitt trabalhou em seu detalhado relatório sobre os loucos eventos das duas últimas semanas, começando com a visão do transatlântico em chamas, com a batalha e o resgate do ***Deep Encounter*** das mãos dos seqüestradores. Deixou de lado a parte sobre a possível conexão com a Cerberus Corporation, pois neste ponto ele ainda não tinha a menor idéia sobre como a gigantesca companhia entrava na história. Deixou para Hiram Yaeger continuar a procura da conexão.

As onze horas Pitt entrou na sala de reuniões e fechou a porta atrás de si. Sandecker e Rudy Gunn já estavam sentados à longa mesa que tinha sido construída com pranchas retiradas de uma escuna que tinha naufragado no lago Erie em 1882. A ampla sala era coberta com lambris de carvalho, com piso de carpete cor de turquesa e um aparador em estilo vitoriano. Nas paredes havia pinturas de históricas batalhas navais americanas. Os piores temores de Pitt se materializaram quando dois outros homens se levantaram para cumprimentá-lo. Sandecker continuou sentado, enquanto fazia as apresentações.

— Dirk acho que você já conhece estes senhores.

Um homem alto, de bigode e olhos azul-claros, apertou a mão de Pitt.

— É bom revê-lo, Pitt. Já faz uns... dois anos?

Pitt apertou a mão de Wilbur Hill, um dos diretores da CIA.

— Quase três.

Charles Davis, assessor especial do diretor do FBI, adiantou-se. Com mais de 1,90m, era o mais alto de todos na sala. Ele sempre dava a Pitt a impressão de um cão triste, com os olhos caídos procurando comida.

— Vimo-nos pela última vez quando trabalhamos juntos no caso da imigração chinesa.

— Lembro-me bem - Pitt respondeu cordialmente.

Enquanto conversavam rapidamente sobre os velhos tempos, Hiram Yaeger e Al Giordino entraram na sala.

— Bem, estamos todos aqui - disse Sandecker. - Podemos começar?

Yaeger distribuiu pastas com cópias das fotos tiradas do ***Emerald Dolphin*** no fundo do mar.

— Enquanto vocês examinam as fotos vou ligar o vídeo.

Um enorme monitor de três faces desceu de um lugar escondido no teto. Yaeger



pressionou os botões do controle remoto, e as imagens gravadas pelo *Sea Sleuth* começaram a ser projetadas num painel à frente das telas. Os restos tinham um aspecto patético e fantasmagórico no fundo do mar. Era difícil de acreditar que um navio tão luxuoso tivesse sido reduzido a tanta devastação.

Pitt ia explicando enquanto o submersível se movia ao longo do casco afundado.

— Os restos estão a 6.600 metros de profundidade, num trecho plano da Fenda de Tonga. O navio se partiu em três partes. Os restos maiores e as partes menores cobrem uma área de 4 quilômetros quadrados. A popa e uma parte da seção central estão a uns 400 metros da parte da frente. Foi nessa área que concentramos nossa busca. De início pensamos que o navio se partiu ao bater no fundo, mas se examinarmos os buracos no casco, feitos de dentro para fora, parece óbvio que uma série de explosões abriu esses buracos abaixo da linha d'água enquanto os restos do navio incendiado estavam sendo rebocados. Podemos seguramente deduzir que a estrutura interna, enfraquecida pela série sincronizada de detonações, partiu-se quando o navio afundava.

- Mas o casco não pode ter se partido quando algum pedaço incandescente atingiu os tanques de combustível do navio provocando explosões quando ele estava sendo rebocado? - perguntou Davis.

Os olhos de Wilbur Hill se alternaram entre as fotos e as imagens do monitor.

— Tenho uma boa experiência na investigação de atentados terroristas com bombas e acredito que posso dizer que Dirk tem razão. O fundo do ***Emerald Dolphin*** não foi rompido por explosões concentradas. Como as fotos e o vídeo mostram, o casco se rompeu em diversos lugares como demonstram as placas de metal rompidas de dentro para fora. Também parece que os explosivos foram colocados equidistantemente uns dos outros. Uma indicação segura de que a destruição foi bem planejada e executada.

— E qual o motivo? - perguntou Davis. - Por que todo este trabalho para afundar um casco destruído por um incêndio? Além disso, quem poderia fazê-lo? Não havia ninguém a bordo quando ele foi rebocado.

- Não é bem assim - disse Gunn. - O capitão do rebocador - ele fez uma pausa para verificar num bloco de anotações -, seu nome é Jock McDermott, relatou ter resgatado do mar um dos oficiais do navio logo depois que ele afundou.

Davis pareceu cético.

- Como o homem sobreviveu ao incêndio?

— Uma boa pergunta - disse Gunn, batendo com o lápis no bloco de anotações. - McDermott parecia confuso, sem saber explicar o milagre. Ele afirmou que o homem parecia em estado de choque até o rebocador chegar a Wellington. Então se esgueirou para fora do barco e desapareceu antes que pudesse ser questionado.

- McDermott fez uma descrição dele? - Davis inquiriu.

— Só que era negro.

Sandecker não pediu permissão aos outros sentados em volta da mesa para fumar. A NUMA era seu território, e ele acendeu um dos legendários e enormes charutos que tanto apreciava e não dava a ninguém, nem a seus amigos mais próximos. Ele exalou uma espiral de fumaça em direção ao teto e disse vagarosamente:

— O ponto principal aqui é que o ***Emerald Dolphin*** foi deliberadamente afundado a fim de se evitar qualquer investigação das companhias de seguro para determinar as causas do incêndio. O naufrágio foi uma tentativa de encobrir a verdade. Pelo menos é isso o que me parece.

Davis fitou Sandecker.

— Se a sua teoria está correta, almirante, isso leva à terrível possibilidade de que o incêndio foi um ato criminoso. Não posso imaginar nenhum motivo, mesmo para terroristas, para a destruição de um transatlântico com 2.500 tripulantes e passageiros. Certamente, sem que algum grupo terrorista assuma o atentado, e nenhum fez isso até agora.

— Concordo que tudo parece incompreensível - disse Sandecker -, mas se os fatos nos levam a isso, é nessa direção que iremos.

— Quais fatos? - Davis insistiu. - Seria impossível encontrar provas de que o fogo tenha sido causado propositalmente, e não por acidente, ou da falha de todos os sistemas de detecção do navio.

— De acordo com os relatos dos tripulantes sobreviventes, nenhum dos sistemas a bordo do navio funcionou - disse Rudi Gunn. - Eles relataram sua frustração ao ver o fogo fugir do controle, sem que pudesse ser combatido. Estamos falando de 12 diferentes sistemas principais, incluindo -backups. Qual é a probabilidade de isso acontecer?

— A mesma de um homem de bicicleta vencer as 500 milhas de Indianápolis - respondeu Giordino cnicamente.

— Acho que Dirk e Al nos deram a prova de que o fogo foi intencional - disse Yaeger.

Todos em volta da mesa o olharam, esperando que ele continuasse, mas Pitt falou primeiro.

— Nosso laboratório já identificou o material que trouxemos?

— Eles trabalharam de madrugada e conseguiram chegar lá - Yaeger disse com ar de triunfo.

— Sobre o que estamos falando? - perguntou Hill.

— Uma substância que descobrimos quando investigamos os destroços com o submersível - respondeu Giordino. - Nós a localizamos na área da capela, onde os relatórios indicam que o fogo começou, e trouxemos uma amostra.

— Não vou aborrecer vocês com uma grande descrição sobre como a composição química dos elementos foi conseguida - continuou Yaeger -, mas nossos cientistas da NUMA identificaram a substância como um material altamente combustível, conhecido como Pyrotech 610. Uma vez tendo pegado fogo, é quase impossível extinguir. O material é tão instável que até os militares evitam contato com ele.

Yaeger desfrutou a mistura de expressões em redor da mesa. Pitt estendeu o braço e apertou a mão de Giordino.

— Bom trabalho, companheiro.

Giordino sorriu com orgulho.

— Parece que nossa pequena excursão no *Abyss Navigator* deu resultado.

— Pena que Misty não esteja aqui para ouvir a novidade.

— Misty? - perguntou Davis.

— Misty Graham - respondeu Pitt. - Uma bióloga marinha do *Deep Encounter*. Ela nos acompanhou no submersível.

Sandecker deixou cair a cinza do charuto num grande cinzeiro de metal e disse, como um comentário:

— Parece-me que o que pensávamos que fosse apenas uma tragédia está se mostrando ser um crime odioso. - Ele parou, quando sua expressão mudou de calma para irritada.

Giordino tinha tirado um charuto do bolso interno do paletó, que era exatamente igual ao do almirante, e calmamente o acendia.

— O senhor estava dizendo - Hill disse, como a pedir a continuação, sem

conhecer as disputas entre Sandecker e Giordino a respeito de charutos. O almirante tinha quase certeza de que Al estava roubando seus charutos, mas não tinha como provar. Ele nunca dava pela falta de um. O que ele não sabia é que Giordino estava secretamente comprando seus charutos do mesmo fornecedor, na Nicarágua.

— Eu estava dizendo - Sandecker continuou devagar, olhando Giordino com raiva - que temos um crime odioso em nossas mãos. - Fez uma pausa e fitou Davis e Hill do outro lado da mesa. - Espero que os senhores, e suas agências, comecem uma imediata investigação em profundidade a respeito desta atrocidade, e levem à Justiça os responsáveis.

— Agora que sabemos que um crime foi cometido - disse Davis acho que todos podemos trabalhar juntos para encontrar as respostas.

— Vocês podem começar com o seqüestro do **Deep Encounter** — disse Pitt. Não tenho a menor dúvida de que há uma ligação.

— Li um pequeno relatório sobre o incidente - disse Hill. - Você e Al foram muito corajosos em salvar o navio e derrotar os piratas.

— Eles não eram piratas no sentido estrito da palavra. Mercenários assassinos descreve melhor o que eles eram.

Hill não se deu por convencido.

— Que motivos eles teriam para roubar um navio da NUMA?

— Não se trata de um roubo - disse Pitt com impaciência. - Eles queriam afundar o navio e matar todos os homens e mulheres a bordo, todos os 50. Você quer um motivo? Eles queriam evitar que fizessemos uma investigação submarina nos destroços. Tinham medo do que pudéssemos encontrar.

A expressão de Gunn denotava preocupação.

— Quem, em nome de Deus, é o responsável por esta tragédia?

— Você pode começar com a Cerberus Corporation - disse Yaeger olhando para Pitt.

— Bobagem - disse Davis com desprezo. - Uma das maiores e mais respeitadas companhias americanas envolvidas na tentativa de matar mais de 2 mil pessoas no outro lado do mundo? Vocês podem imaginar a General Motors, a Exxon ou a Microsoft cometendo esse tipo de crime? Eu não consigo.

— Concordo totalmente com você - disse Sandecker. - Mas a Cerberus não tem exatamente as mãos limpas. Já se envolveu com muitos negócios escusos.

Já foi investigada no Congresso em diversas ocasiões - acrescentou Gunn.

— E nenhuma das investigações produziu mais do que acusações políticas - devolveu Davis.

Sandecker murmurou:

— É muito difícil para o Congresso investigar e condenar uma companhia que contribui para os dois partidos políticos com dinheiro suficiente para fomentar revoluções em dezenas de países do terceiro mundo.

Davis balançou a cabeça.

— Quero ver provas concretas antes que vocês me convençam a investigar a Cerberus.

Pitt percebeu o brilho nos olhos de Yaeger quando o gênio da informática disse: Ajudaria se eu dissesse que os cientistas da divisão química da Cerberus desenvolveram o Pyrotoch 610?

— Você não pode ter certeza disso - retrucou Davis, num tom cheio de dúvidas.

— Nenhuma outra companhia do mundo chegou perto de desenvolver algo com as propriedades do Pyrotoch 610.

Davis não perdeu tempo.

— O material provavelmente foi roubado. Qualquer um poderia ter se apossado de um pouco.

— Pelo menos o FBI tem alguma coisa com que começar - disse Sandecker para o agente do FBI. - Voltou-se para Hill. - E a CIA?

— Acho que a primeira coisa a fazer é organizar uma expedição até os destroços do navio pirata e ver o que descobrimos.

— A NUMA pode ajudar vocês neste projeto?

— Não, obrigado - respondeu Hill. - Temos uma empresa privada com a qual trabalhamos em investigações submarinas.

— Tudo bem - Sandecker disse, entre baforadas do charuto. - Se precisarem de nossos serviços é só pedir. A NUMA vai colaborar no que puder.

— Gostaria de ter sua permissão para que meu pessoal interrogasse a tripulação do *Deep Encounter* - disse Davis.

— Concedida - Sandecker concordou sem hesitação. - Mais alguma coisa?

— Uma outra questão - disse Davis. - Quem eram os donos do *Emerald Dolphin*.

— A bandeira era britânica - respondeu Gunn -, mas a propriedade era da Blue Seas Cruise Lines, uma empresa britânica cujos acionistas principais são americanos.

Hill sorriu para Davis.

— Um ato de terror tanto doméstico quanto internacional. Parece que nossas duas agências -terão que trabalhar muito intimamente.

Davis e Hill saíram juntos da sala. Depois que a porta se fechou, Sandecker se sentou de novo. Seus olhos se estreitaram até formar uma ruga dos lados.

— Já que os dois crimes ocorreram no mar, não vão conseguir deixar a NUMA de fora da investigação. Vamos trabalhar no caso, sem nos chocarmos com a CIA ou o FBI. - Ele olhou para Pitt e Giordino. - Vocês tirem três dias de férias e descansem. Depois voltem e comecem a trabalhar.

Pitt olhou de volta para Sandecker, depois em volta da mesa.

— Por onde começamos?

— Terei um plano para quando vocês voltarem. Nesse meio tempo Rudi e Hiram vão pesquisar o maior número possível de informações.

— O que vocês vão fazer para relaxar? - Gunn perguntou aos dois.

— Antes de partir para o Pacífico comprei um barco a vela de 36 pés, que fica numa marina perto de Annapolis. Acho que vou pegar umas duas garotas e dar uma volta pela baía de Chesapeake.

Gunn virou-se para Pitt.

— E você?

— Eu? - Pitt mexeu os ombros displicentemente. - Vou a um show aéreo.

O DIA NÃO PODERIA ESTAR MAIS PERFEITO para o show aéreo em benefício de crianças deficientes físicas. Mais de 10 mil pessoas compareceram, sob um céu azul-cobalto. Uma leve brisa soprava do Atlântico e amenizava as altas temperaturas do verão.

O Gene Field era um aeroporto particular em meio a um grande condomínio, onde quase todos os habitantes tinham aviões. As ruas eram dispostas de modo que as famílias pudessem taxiar seus aviões da casa até a pista e vice-versa. Ao contrário da maioria dos aeroportos, as áreas adjacentes à pista continham pequenas árvores, fileiras de arbustos e jardins. Áreas gramadas circundavam os estacionamentos e espaços reservados para piqueniques. Os presentes podiam se sentar nos gramados e ver os pilotos fazer acrobacias ou podiam andar por entre os aviões antigos alinhados ou estacionados junto a uma extremidade da pista.

As crianças deficientes físicas tinham sido levadas por suas famílias, escolas ou hospitais, vindas de quatro estados. Não havia falta de voluntários para conduzi-las ao redor dos aviões. Era um evento carregado de emoção, e todos tinham orgulho de participar dele.

Kelly estava absolutamente estressada. Sabia que sua pressão arterial estava atingindo limites perigosos. Até agora tudo estava correndo muito bem, sem falhas ou problemas, com os voluntários prestando grande ajuda. Os proprietários e os pilotos dos 90 aviões estavam felizes em estar presentes e participar, sem nenhum pagamento. Todos eram extremamente gentis em deixar as crianças se sentarem no -cockpit enquanto contavam a história de seus aviões.

Mas o avião com o qual Kelly Egan estava contando, o avião de passageiros que deveria voar com as crianças, sobrevoando os arranha-céus de Manhattan, não tinha aparecido. Ela estava quase anunciando a má notícia para as crianças quando sua grande amiga e colaboradora, Mary Conrow, aproximou-se.

— É uma pena - ela disse com simpatia. - Sei que você estava contando com ele.

— Não posso acreditar que Dirk deixaria de me ligar se não tivesse conseguido um avião - Kelly murmurou, desapontada.

Mary era uma mulher muito atraente, com trinta e poucos anos, com o cabelo muito bem arrumado e vestida com estilo. Usava o cabelo louro-castanho em tranças longas que caíam sobre os ombros. Seus olhos num azul-pálido fitavam o mundo com confiança, num rosto com maçãs salientes e um queixo fino. Ia dizer

alguma coisa quando, de repente, pôs uma mão curvada sobre os olhos e com a outra apontou o céu.

— O que é aquilo, vindo do sul?

Kelly olhou na direção indicada por Mary.

— Não consigo ver direito.

— Parece um velho avião de transporte - Mary disse, excitada. - Parece que ele está chegando!

Um alívio tomou conta de Kelly, e seu coração começou a bater mais forte.

— Tem que ser ele! - ela gritou. - Dirknão ia me deixar na mão.

Elas olharam, as crianças olharam, toda a multidão olhou, enquanto o estranho avião movia-se devagar e meio desajeitadamente no céu, a poucas centenas de metros acima da copa das árvores em volta da pista. Ele vinha devagar, a não mais que 130 quilômetros por hora. Havia uma certa falta de graça em seu voo pelo céu, razão pela qual era carinhosamente chamado de Ganso de Lata, o mais bem-sucedido avião comercial do seu tempo.

O trimotor 5AT tinha sido construído pela Ford Motor Company no começo dos anos 30; o de Pitt era um dos poucos que ainda havia, em museus ou coleções particulares. Muitos ainda tinham as cores e a pintura das empresas aéreas a que tinham pertencido. Pitt tinha conservado o cinza da fuselagem e das asas em alumínio corrugado e apenas o número de registro e o logotipo da Ford como marcas.

E como era o único avião no ar naquele momento, a multidão e os outros pilotos pararam o que faziam e olharam para o céu, observando o legendário avião enquanto ele se nivelava e tomava o rumo da pista. As hélices dos motores, como palitos, faiscavam ao sol e cortavam o ar como um zumbido.

Dois motores eram fixados nas asas, enquanto um terceiro projetava-se para fora no nariz da fuselagem. As asas grandes e grossas pareciam ser capazes de erguer um avião duas vezes maior. A cabine de comando, em forma de V, tinha um aspecto meio cômico, mas as janelas laterais eram largas, oferecendo ao piloto ampla visão. A velha máquina pareceu parar no ar por um momento, como um ganso verdadeiro pouco antes de seus pés tocarem a água. Então, bem devagar, ele tocou o chão, os pneus soltando uma fumaça branca e dando um rangido quase imperceptível.

Um voluntário avançou para a pista num jipe restaurado da Segunda Guerra e instruiu o avião a taxiar até seu lugar de estacionamento junto a uma fila de outros aviões antigos. Pitt parou entre um triplano Fokker DR. 1 da Primeira Guerra, pintado de vermelho-brilhante como o famoso avião do Barão Von Richthofen, e um Sikorsky S-38 azul, de 1932, avião anfíbio que tanto podia descer na água quanto no chão.

Kelly e Mary foram levadas até o avião num Cadillac 1918, dirigido por um voluntário. Elas desceram do carro e esperaram até que os motores de duas hélices parassem. Um minuto depois a porta dos passageiros se abriu e Pitt pôs a cabeça para fora, deixando cair uma escada de madeira, antes de descer os degraus.

— Você! - Kelly disse com emoção. - Você não disse que o avião era seu.

— Quis fazer uma surpresa - ele respondeu, rindo. - Perdoe meu atraso, mas havia fortes ventos contrários no caminho de Washington. - Seus olhos viram Mary. - Olá.

— Oh, desculpe - disse Kelly. - Esta é minha querida amiga Mary Con- row. E minha assistente-chefe no evento. E este é...

— Já sei. E Dirk Pitt, de quem você nunca pára de falar. - Mary olhou para Pitt e

foi imediatamente atraída por seus olhos verdes. - É um prazer conhecê-lo.

— O prazer é meu.

— As crianças estão excitadas de poder voar no seu avião - disse Kelly. - Só falam nisso desde que viram você vindo. Já estamos organizando uma fila para os vôos.

Pitt olhou para as muitas crianças deficientes físicas, várias em cadeiras de rodas, que estavam se juntando para os vôos.

— Quantas querem ir? O avião só carrega 15 pessoas de cada vez.

— Temos umas 60 - respondeu Mary. - Teremos que fazer quatro vôos.

Pitt sorriu.

— Posso dar um jeito. Mas já que vou levar passageiros, tenho que ter um co-piloto. Meu amigo Al Giordino não pôde vir.

— Sem problema - respondeu Kelly. - Mary é piloto da Conquest Airlines.

— Há quanto tempo?

— Doze anos em jatos 737 e 767.

— Quantas horas em aviões a hélice?

— Bem mais de mil.

Pitt concordou com a cabeça.

— Ok, suba que vou lhe dar algumas instruções.

O rosto de Mary se iluminou de alegria como o de uma criança na manhã do Natal.

— Voar num trimotor Ford vai fazer todos os pilotos homens da companhia ficarem verdes de inveja.

Depois que se assentaram na cabine de comando e colocaram os cintos de segurança, Pitt instruiu Mary sobre os controles e os instrumentos. O painel de instrumentos frontal era um primor de simplicidade prática. Diversas chaves obrigatórias e pouco mais de uma dúzia de instrumentos fundamentais se espalhavam sobre um painel negro na forma de uma pirâmide. Mas apenas os instrumentos do motor do nariz eram fixados no painel. Estranhamente, o medidor de pressão e temperatura do óleo dos dois motores laterais estavam fixados do lado de fora da cabine, nas estruturas de sustentação dos motores.

As três alavancas de aceleração dos motores estavam fixadas entre os assentos. As colunas de controle eram rodas de direção com aros de madeira que operavam os -ailérons e pareciam ter saído de um automóvel. Conhecido por nunca desperdiçar um tostão, Henry Ford insistiu em que sua companhia poderia economizar dinheiro usando os volantes de madeira dos Ford Modelo T. O nivelamento com o solo era alterado por uma pequena manivela acima da cabeça do piloto. A alavanca de freio, que se movia para a direita e para a esquerda para manobrar o avião quando estivesse no chão, também ficava entre os assentos do piloto e do co-piloto.

Pitt ligou os motores, olhando enquanto eles se balançavam e vibravam nos montantes, acompanhados de uma série de estouros e estrondos, antes que a combustão no interior dos cilindros se normalizasse num barulho contínuo e uniforme. Pitt conduziu o avião até o fim da pista e explicou as operações de decolagem e pouso antes de passar os controles para Mary, alertando-a de que ela estaria pilotando um avião com uma roda na cauda, em vez de um jato com três trens de pouso.

Mary tinha um toque leve e cuidadoso, e logo aprendeu os truques de voar um avião com 75 anos de idade. Pitt demonstrou como o avião poderia estolar a 100 quilômetros por hora, voar sem esforço com dois motores e ainda ter potência suficiente para fazer um pouso controlado usando apenas um.

— Parece estranho - ela disse quase gritando, para vencer o barulho dos três motores - ver os motores montados sem nenhuma carenagem.

— Eles foram feitos para enfrentar os fenômenos atmosféricos.

— Qual é a história dele?

— Ele foi construído pela Stout Metal Airplane Company em 1929 - Pitt informou -, que era uma divisão da Ford Motor Company. A Ford construiu 196 deles, o primeiro avião todo de metal dos Estados Unidos. Este foi o de número 158 na linha de montagem. Uns 18 ainda existem e três ainda voam. Este começou seus serviços com a Transcontinental Air Transport, que mais tarde virou TWA. Fazia a rota Nova York-Chicago e transportou várias das celebridades de então, como Charles Lindbergh, Amélia Earhart, Gloria Swanson, Douglas Fairbanks e Mary Pickford. Franklin Roosevelt o alugou para ir à convenção democrata de Chicago. Qualquer um que fosse alguém voou nele. Não havia melhor transporte aéreo naqueles dias, em conforto e conveniência. O trimotor Ford foi o primeiro a ter uma pequena área de lazer e uma aeromoça. Você pode não fazer idéia, mas está sentada no avião que fez deslanchar a moderna aviação comercial. O primeiro rei dos ares.

— Ele tem um pedigree muito interessante.

— Quando o Douglas DC-3 entrou em produção, em 1934, o Velho Confiável, apelido que ele granjeou ao longo de sua existência, foi retirado de serviço. Mas ainda por vários anos ele transportou passageiros no México. De repente, em 1942, ele reapareceu na ilha de Luzón, nas Filipinas, e evacuou centenas de nossos soldados fazendo vôos até a Austrália. Depois desapareceu. Para reaparecer na Islândia, propriedade de um mecânico de avião que transportava suprimentos para fazendas e localidades isoladas. Eu o comprei em 1987 e voei com ele para Washington, onde fiz uma completa restauração.

— Como são os motores?

— Três motores Pratt & Whitney de 450 cavalos de potência. Carrega combustível suficiente para voar 880 quilômetros a uma velocidade de cruzeiro de 184 quilômetros por hora. Se preciso, pode voar até a pouco mais de 200 quilômetros por hora. Sua razão de subida é de até 330 metros por minuto, e seu teto é de 5.200 metros. Sua envergadura é de 24 metros e seu comprimento é de 15 metros. Será que esqueci alguma coisa?

— Acho que você cobriu tudo - respondeu Mary.

— É todo seu - disse Pitt, enquanto tirava as mãos dos controles. E um avião pilotado na mão. Você terá que voá-lo a cada segundo.

— Sei o que você quer dizer - disse Mary, ao perceber que tinha que usar os músculos para girar a roda que servia de manche e mover os grandes -ailerons. E depois de alguns minutos de inclinações e curvas ela se preparou para a descida.

Pitt observou Mary aterrissar com um leve toque antes de colocar a roda traseira no asfalto.

— Muito bom - ele a cumprimentou. - Foi um pouso de uma veterana em trimotores.

— Muito obrigada, senhor - ela respondeu com uma gargalhada de prazer.

Assim que o trimotor taxiou e estacionou, as crianças começaram a subir a bordo. Muitos tinham que ser erguidos através da porta por voluntários e apanhados por Pitt, que os levava até os assentos e amarrava os cintos de segurança. Ver essas crianças com sérias deficiências físicas mostrarem tanta coragem e alegria a despeito das suas restrições tocou profundamente o coração de Pitt. Kelly se juntou a ele, para ajudar as crianças, brincando e rindo com



elas. Depois da decolagem ela ia mostrando Manhattan, enquanto Pitt rumava para a cidade, cruzando o rio Hudson.

O velho avião era perfeito para vôos panorâmicos. Sua baixa velocidade e as grandes janelas quadradas ao longo da fuselagem ofereciam uma visão sem obstrução. As crianças se assentavam nas velhas cadeiras de vi-me com almofadas e falavam excitadamente vendo os altos edifícios quase ao seu lado.

Pitt fez três viagens e, enquanto o avião estava sendo reabastecido, ele andou um pouco e parou diante de um triplano Fokker da Primeira Guerra, que estava estacionado perto do trimotor. Num certo momento da guerra ele tinha sido o flagelo das forças aéreas aliadas, pilotado pelos ases alemães Manfred Von Richthofen, Werner Voss e Hermann Göring. Von Richthofen dizia que ele subia como um macaco e voava como o diabo.

Ele estava estudando as armas montadas na fuselagem do motor quando um homem vestido com roupas próprias para voar chegou-se até ele.

— O que você acha? - ele perguntou.

Pitt virou a cabeça e fitou os olhos cor de oliva de um homem negro, que tinha a aparência de um egípcio. Havia quase um ar imperial em sua postura. Era alto e empertigado, com uma aparência que pareceu a Pitt a de um militar. Seus olhos eram estranhos, com uma dureza que parecia focada diretamente à frente, sem mover-se para a esquerda ou para a direita.

Os dois homens se estudaram por um momento, percebendo que ambos tinham a mesma estatura e o mesmo peso. Finalmente, Pitt disse:

— Sempre me surpreendo como os velhos caças parecem pequenos nas fotografias, mas ficam bem grandes quando você fica junto a eles. - Ele apontou para as duas metralhadoras montadas atrás das hélices. - Parecem as originais.

O homem concordou.

— Spandau 7.92 milímetros, originais.

— E os cintos de munição? Estão carregados.

— Só para impressionar os visitantes - disse o homem negro. - Foi uma excelente máquina de guerra no seu tempo. Gosto de manter a imagem. - Removeu uma luva longa de voar e ofereceu a mão. - Sou Conger Rand, o proprietário do aparelho. Você é o piloto do trimotor?

— Sou. - Pitt teve um estranho pressentimento de que o homem o conhecia. - Meu nome é Dirk Pitt.

— Eu sei. Você trabalha com a NUMA.

— Já nos encontramos?

— Não, mas temos conhecidos em comum.

Antes que Pitt pudesse responder, Kelly gritou:

— Estamos prontos para o último vôo.

Pitt virou-se e estava quase dizendo "acho que tenho que ir", mas o piloto do Fokker tinha se retirado sem ruído e estava fora de vista atrás do avião.

Os tanques de combustível foram tampados, e assim que o caminhão de reabastecimento se retirou, o trimotor recebeu as crianças para o vôo final sobre a cidade. Pitt deixou Mary manobrando os controles enquanto ele foi para a parte de trás conversar com as crianças, mostrando-lhes a estátua da Liberdade e a Ilha Ellis quando o avião as contornava a 300 metros de altitude. Depois voltou para a cabine de comando e retomou os controles, levando o avião sobre o rio East, em direção à Ponte do Brooklyn.

Com a temperatura externa acima dos 30°C, Pitt abriu a janela do seu lado da cabine e deixou o ar penetrar. Se ele não tivesse crianças a bordo teria sido tentado a voar -debaixo da veneranda ponte, mas isso certamente lhe custaria a

licença de vôo. Não seria uma atitude sábia, decidiu usando a razão.

Ele teve a atenção despertada para uma sombra que apareceu ao lado e ligeiramente acima do trimotor.

— Temos um visitante - disse Mary, ao mesmo tempo em que ele ouvia as crianças gritando de alegria na cabine de passageiros.

Pitt olhou para cima e viu um vermelho-vivo contrastando com o azul do céu. O piloto do Fokker vermelho triplano acenava a mão do seu -cockpit a não mais do que 50 metros de distância. Ele estava usando um capacete de couro preto, óculos de proteção e um lenço de seda esvoaçante, preso no alto da cabeça. O velho Fokker estava tão perto que Pitt viu os dentes do piloto se abrirem num amplo sorriso, um sorriso quase diabólico. Ele estava se preparando para acenar de volta quando o velho avião mudou rapidamente de direção e se distanciou.

Pitt ficou olhando enquanto o triplano fez um -loop e abruptamente voltou-se em direção ao trimotor Ford, aproximando-se pela esquerda.

— O que este lunático está fazendo? Ele não pode fazer acrobacias sobre a cidade - disse Mary.

Sua pergunta foi respondida quando clarões apareceram nos canos das duas metralhadoras Spandau. Por um breve instante, Mary pensou que se tratava de parte de um show aéreo. Mas então o vidro do pára-brisa se partiu em fragmentos, rapidamente seguido por um -spray de óleo e fumaça do motor no nariz do avião.

PITT SENTIU O PERIGO ANTES QUE a rajada de tiros recomeçasse. Ele arremeteu o avião numa inclinação de 360 graus até que viu o Fokker movendo-se abaixo e à esquerda antes de ele se nivelar e preparar-se para novo ataque. Pitt empurrou as alavancas de aceleração até o fim, na vã esperança de ficar na sua cauda, mas foi uma tentativa frustrada. Com três motores saudáveis, Pitt não teria tomado conhecimento do Fokker. A velocidade máxima do trimotor era mais de 50 quilômetros por hora superior à do antigo avião de caça. Mas agora, com a perda de um motor, sua vantagem de velocidade era anulada pela ágil capacidade de manobra do Fokker.

A fumaça saía dos tubos de exaustão do motor central, e em questão de segundos ele pegaria fogo. Pitt procurou entre as pernas e desligou a chave do seletor de combustível, depois a ignição num painel debaixo das alavancas de aceleração e esperou até que as hélices do motor central parassem na posição horizontal.

O rosto de Mary era só perplexidade.

— Ele está atirando em nós - ela disse engasgando.

— Não perca tempo me perguntando por quê - Pitt retrucou.

Kelly apareceu na porta da cabine.

— Por que você está nos jogando para todos os lados? - ela perguntou furiosa. - Está assustando as crianças. - Então ela avistou a fumaça no motor, o pára-brisas estilhaçado e sentiu a corrente de ar. - O que está acontecendo?

— Estamos sendo atacados por um lunático.

— Ele está atirando contra nós com balas de verdade - Mary disse alto, erguendo uma das mãos e protegendo o rosto contra o vento.

— Mas nós temos crianças a bordo - argumentou Kelly.

— Ele sabe disso e parece não se importar. Volte e acalme as crianças. Faça-os pensar que estamos participando de um jogo. E que cantem. Faça o que for preciso para ocupar suas mentes e afugentar o perigo. - Pitt virou a cabeça um pouco em direção a Mary e deu-lhe um aceno de encorajamento. - Pegue o rádio e transmita um pedido de socorro. Explique o que está acontecendo para todos os que responderem.

— Alguém pode ajudar?

— Talvez não a tempo.

— O que vamos fazer?

Pitt observou o Fokker vermelho tomar posição para um novo ataque.

— Manter todo o mundo vivo, se eu puder. - Kelly e Mary se surpreenderam com a imperturbável calma de Pitt, com a preocupada determinação mostrada em seus olhos. Mary começou a gritar um pedido de socorro no microfone do rádio, enquanto Kelly voltou para a cabine principal.

Ele perscrutou o céu, procurando nuvens onde pudesse penetrar e ficar fora da visão do Fokker, mas as poucas que fluíam estavam a diversos quilômetros de distância e a uns 7.000 metros de altitude, 3.000 acima do teto do trimotor. Sem nuvens onde se esconder, não havia lugar para fugir. O velho avião de transporte estava tão indefeso quanto uma ovelha sendo espreitada por um lobo. Por que o piloto que ele encontrara pouco antes estava fazendo isso? A mente de Pitt fervilhava com perguntas, mas não havia uma resposta simples.

Pitt poderia ter tentado descer o avião no rio East. Se ele pudesse fazer uma descida na água que não danificasse o avião ou ferisse as crianças, e se ele fluísse o suficiente para que elas pudessem sair do avião... o pensamento veio rapidamente e foi rejeitado. Com o rígido trem de pouso do trimotor, a possibilidade de um acidente era muito grande, e ele não podia ter certeza se o louco piloto do Fokker não metralharia os passageiros indefesos se eles não ficassem feridos na descida. Se ele queria metralhá-los no ar, não teria nenhum escrúpulo em matá-los na água.

Pitt decidiu-se e tomou novamente o rumo da Ponte do Brooklyn.

O Fokker vermelho nivelou-se e seguiu o trimotor. Pitt diminuiu a pressão nas alavancas de aceleração dos dois motores remanescentes e permitiu que o atacante se aproximasse. Ao contrário dos pilotos dos caças a jato modernos, que podem abater um avião inimigo a quase 2 quilômetros de distância, os ases da Primeira Grande Guerra só disparavam de menos de 100 metros. Pitt contava que o piloto do Fokker esperaria até o último minuto antes de disparar.

Como nos dias históricos da Frente Ocidental, as advertências aos pilotos aliados ainda valiam. Pitt pensou no velho adágio: "Espere pelo Huno no sol". Era tão relevante agora quanto tinha sido. O piloto do Fokker levantou o nariz do avião numa subida fechada, quase vertical, antes de arremeter num mergulho raso vindo do lado do sol. A 100 metros o piloto abriu fogueira contra o trimotor, as balas penetrando no alumínio corrugado da asa direita, atrás do motor. Mas o tempo foi curto. As duas metralhadoras Spandau ficaram apontadas para o alvo por apenas dois segundos, antes que Pitt girasse o trimotor num mergulho quase vertical.

O avião arremeteu em direção à água, com o piloto do Fokker mergulhando atrás de sua cauda, mas sem atirar até que pudesse ajustar as miras novamente. Pitt mergulhou dando a impressão, para as pessoas passeando nas duas margens, ou no convés superior de um barco de excursão, ou para os bombeiros num barco de combate a incêndio, de que o avião iria se despedaçar na água. Mas, no último instante, Pitt puxou para trás os controles e arremeteu o trimotor num curso que o levaria diretamente para baixo da Ponte do Brooklyn.

A famosa ponte assomava como uma gigantesca teia de aranha, com seu labirinto de cabos de sustentação. Completada em 1883, por ela circulavam mais de 150 mil veículos por dia, 2 mil bicicletas e 300 pedestres. O tráfego estava parando, e os motoristas estavam olhando de dentro dos carros, sem entender direito, vendo os dois velhos aviões se aproximar. Pedestres e ciclistas, na passagem de madeira que se elevava acima do tráfego, tinham parado e se concentravam nas amuradas. Ninguém poderia acreditar que o caça da Primeira Guerra estava metralhando o antigo avião de três motores.

— Oh, meu Deus - murmurou Mary. - Você não vai passar debaixo da ponte,

vai?

— Preste atenção - Pitt disse com obstinação.

Pitt mal observava as torres se elevando a mais de 80 metros. Ele rapidamente estimou a distância entre a pista de rolamento e a água em uns 50 metros (na verdade é de 42 metros). Com fumaça saindo do motor central, o avião passou por debaixo da ponte e saiu do outro lado, esquivando-se de um rebocador que puxava duas barcaças.

Excitadas em ver o avião passar debaixo da ponte, as crianças pensaram que tudo fazia parte do voo. Kelly as tinha instruído a cantar. Alegres, e desconhecendo o perigo que passavam, elas cantavam:

***Este velhinho fez uma troça.***

***Ele fez cócegas no meu polegar.***

***Com uns enfeites macios atraiu o cachorro.***

***Este velhinho veio para casa tonto.***

Os controladores do tráfego aéreo dos aeroportos La Guardia e Kennedy, e outros menores, receberam os pedidos de socorro enviados nervosamente por Mary, e os rádios da polícia estavam cheios de informações sobre a batalha aérea. O controlador do Aeroporto Kennedy chamou o chefe.

— Estou recebendo um pedido de socorro de uma mulher num velho trimotor Ford, que participa do show aéreo de hoje. Ela diz que está sendo atacada por um avião de caça da Primeira Guerra.

O chefe do controlador deu uma gargalhada.

— Claro, e marcianos estão aterrissando na estátua da Liberdade.

— Mas deve estar acontecendo alguma coisa. Estou recebendo chamados da polícia informando que um avião vermelho perseguiu um antigo trimotor sob a Ponte do Brooklyn, que estava com um motor soltando fumaça.

O humor rapidamente desapareceu.

— Você sabe se o avião de transporte está levando passageiros?

— A polícia informa que ele tem 15 crianças deficientes físicas a bordo. - Ele fez uma pausa e sua voz ficou hesitante. - Estou... estou ouvindo as crianças cantando.

— Cantando?

O controlador de voo fez que sim com a cabeça.

O rosto do chefe do controlador de voo assumiu uma expressão de dor. Ele se levantou, foi até as telas dos radares e colocou sua mão nos ombros do controlador monitorando os aviões que se aproximavam para o pouso.

— O que você vê sobre Manhattan?

— Eu tinha dois aviões sobre o rio East, mas o maior deles desapareceu.

— Caiu?

— Parece que sim.

O chefe do controlador ficou com os olhos marejados.

— Pobres crianças - murmurou.

O piloto do Fokker ergueu o nariz do avião e conseguiu passar sobre os arcos da ponte por poucos metros. Depois mergulhou para ganhar aceleração e fez uma volta de 180 graus, arremetendo diretamente contra o trimotor.

Decidindo não esperar para ser atingido como um alvo fixo, Pitt controlou o trimotor e fez uma volta para a esquerda, no ângulo mais fechado possível, rumando diretamente para os *piers* 11 e 13, cruzando a Franklin Delano Roosevelt Drive e a South Street num ângulo de 90 graus. Ele nivelou o avião quando passou roncando a não mais de 200 metros da Wall Street e raspou a estátua que mostra George Washington fazendo o juramento de posse, com o ronco dos dois motores

Pratt and Whitney ecoando nos prédios e fazendo vibrar as janelas. Sua envergadura de 24 metros quase raspava as fachadas dos edifícios enquanto ele lutava para sair do cânion de concreto e vidro.

Mary estava sentada, em estado de choque, o sangue escorrendo de um lado do rosto, cortado por um estilhaço.

— Isto é loucura.

— Lamento - Pitt disse sem emoção. - Não tenho muitas escolhas.

Pitt puxou a roda que fazia as vezes de manche quando viu o que parecia ser uma larga rua, na verdade a parte baixa da Broadway. Com poucos metros para manobra, ele manteve uma asa do avião levemente inclinada e subiu a famosa rua passando pela Bolsa de Valores, a igreja de Saint Paul e o City Hall Park. Os carros da polícia, com as sirenes ligadas, tentavam seguir a rota do avião, mas era impossível. Não tinham como avançar no trânsito.

O piloto do Fokker vermelho perdeu temporariamente o trimotor na selva de edifícios. Ele circulou pelo rio East antes de subir para 300 metros e voar sobre Manhattan. Passou sobre os edifícios altos do cais da South Street e pôs a cabeça para fora do -cockpit, tentando localizar novamente o trimotor. Então percebeu um clarão brilhando e refletindo o sol. Ergueu os óculos de proteção e viu, com assombro, o trimotor voando por entre os edifícios da Broadway.

Pitt sabia que estava colocando vidas em perigo, e que se o Fokker vermelho o atingisse e seu avião caísse em chamas, colocaria mais vidas em risco, nas calçadas e nas ruas. Sua única esperança era adiar ao máximo essa possibilidade, conseguindo distanciar-se e sair da cidade, deixando o Fokker enfrentar os helicópteros da polícia. Sua idéia fixa era salvar as crianças, ao ouvi-las cantar:

***Este velhinho fez outra troça.***

***Ele fez cócegas na minha porta.***

***Com uns enfeites macios atraiu o cachorro.***

***Este velhinho veio para casa tolo.***

De repente ele viu o piso da rua debaixo do trimotor receber os impactos de tiros calibre 7.62, disparados pelo Fokker, agora voando em sua traseira. Os projéteis penetraram no teto de um táxi amarelo e numa caixa de coleta dos correios, mas sem atingir ninguém. De início Pitt pensou que o trimotor tinha escapado dos tiros, mas logo ele percebeu uma falta de resposta dos controles. Uma rápida inspeção revelou que o leme estava lento, e os profundos se recusavam a responder. Apenas os -ailérons funcionavam normalmente. Pitt entendeu então que um dos projéteis deveria ter atingido as polias das engrenagens que manobravam os cabos que iam do -cockpit até o leme e os profundos no exterior da fuselagem.

— O que há de errado? - perguntou Mary.

— Os últimos tiros atingiram os profundos. Não consigo fazer o avião subir.

A aproximação do Fokker tinha sido quase perfeita, mas a visão dos edifícios acima de suas asas perturbou o piloto, e ele errou o alvo antes que seus disparos pudessem provocar algum dano maior. O piloto ergueu o avião numa subida quase vertical e fez uma manobra de Immelmann, girando o avião e vindo voando da direção oposta. Ficou logo aparente para Pitt que seu inimigo não ia perder tempo num ataque frontal. Ele ia vir pela traseira e atacar a cauda do trimotor.

— Você pode ver sua localização? - Pitt perguntou a Mary.

— Não quando ele está diretamente atrás de nós - ela respondeu com calma. Ela despreendeu o cinto de segurança, de modo a poder se virar na cadeira. - Vou pôr a cabeça para fora o máximo possível para vigiar nossa cauda.

— Legal, garota.

Kelly apareceu na porta interna.

— As crianças são incríveis. Elas estão gozando cada segundo.

— É que elas não sabem que já estamos vivendo um tempo extra. - Pitt olhou para baixo e supôs que estavam voando sobre Greenwich Village. Então passaram sobre o Union Square Park. Ele podia ver a Times Square se aproximando à frente. As luzes dos imensos painéis de publicidade brilhavam quando ele passou pela estátua de George M. Cohan. Tentou erguer o avião para sair da cidade, mas os controles dos profundores se recusaram a funcionar. No momento, tudo o que Pitt podia fazer era manter o curso nivelado e à frente. Tudo iria bem enquanto a Broadway ficasse ligeiramente a oeste, mas quando fazia uma curva suave mas súbita na Forty-eight Street, perto da Plaza Paramount, ele percebeu que estava em dificuldade. Os profundores não respondiam e ele tinha que apertar os pedais com toda a força para conseguir uma mínima resposta do leme. Os ailerons eram tudo o que ele tinha funcionando, mas o menor erro de cálculo, o menor giro da roda do manche e o avião iria espatifar-se contra um edifício. Ele estava reduzido à manobra de manter um curso reto, Broadway acima, só com o auxílio das alavancas de aceleração.

Pitt suava abundantemente, e seus lábios estavam secos. As brilhantes fachadas dos edifícios de Nova York pareciam tão próximas que ele quase podia estender a mão e tocá-las. A rua à frente parecia não ter fim, e ele sentia como se ela estivesse ficando cada vez mais estreita. As pessoas aglomeradas nas calçadas e nas esquinas pareciam petrificadas ao ver o trimotor voar pela Broadway, a não mais que dez andares acima da rua. O ronco dos dois motores era ensurdecedor e podia ser ouvido a quarteirões de distância. Funcionários dos escritórios que olhavam para baixo de suas janelas e viam o avião passar roncando estavam chocados e atônitos. Todos que observavam o trimotor voando tinham certeza de que a queda era iminente.

Pitt tentava desesperadamente manter o nariz do avião para cima, mas ele simplesmente não respondia. Ele aliviou a pressão nas alavancas de aceleração, e diminuiu a velocidade para menos de 115 quilômetros por hora, 15a mais do que a velocidade em que o avião estolaria. O piloto do Fokker vermelho era hábil e bem treinado. Pitt estava envolvido numa batalha que requeria coragem e destemor. Este era o conflito entre dois homens de igual perícia e técnica, paciência e tenacidade. Ele não estava apenas lutando por sua vida, mas pelas vidas de duas mulheres e 15 crianças deficientes físicas, e só Deus sabia quantas morreriam se o trimotor caísse e explodisse nas ruas super-lotadas da cidade.

Atrás dele, as crianças estavam começando a sentir os primeiros tentáculos do medo, ao verem os edifícios tão perto de suas janelas, mas mesmo assim ainda conseguiam cantar, estimuladas por Kelly, por sua vez muito assustada para olhar para as manchas dos edifícios que passavam rapidamente e ver os rostos assustados dos funcionários dos escritórios nas janelas.

A uns 300 metros de altitude o piloto do Fokker fitava o trimotor abaixo, voando cuidadosamente entre as lojas e os edifícios da Broadway. Ele era a expressão da paciência do Diabo esperando pela alma de um homem honrado. Não sentia necessidade de mergulhar e metralhar o velho avião de transporte mais uma vez. Havia a grande possibilidade de que ele cairia e se espatifaria por si. Ele observava com fascínio quando um helicóptero da polícia apareceu e principiou a persegui-lo, voando pouco acima dos topos dos edifícios, entre o trimotor e o Fokker.

Com sangue frio e precisão, ele avançou o manche para a frente, colocando o nariz do Fokker em posição de mergulho diretamente sobre o helicóptero. Um policial a bordo, que estava observando o Fokker, pôde ser visto gritando e acenando freneticamente para cima. O helicóptero girou para enfrentar o perigo, mas as armas de mão dos policiais não eram páreo para as rápidas metralhadoras, cujos projéteis atingiram o motor logo abaixo do rotor. O ataque foi executado com selvageria e ódio, e durou não mais do que três segundos. Mas foram três segundos que transformaram o helicóptero de uma máquina voadora elegante em destroços contorcidos que caíram no teto de um edifício de escritórios.

Diversas pessoas que estavam na calçada foram atingidas por fragmentos, mas por milagre ninguém ficou seriamente ferido ou morreu. Os dois policiais, resgatados dos destroços por empregados da manutenção dos edifícios, tiveram alguns ossos quebrados, mas nada que colocasse suas vidas em risco.

Era desumano. Ação desumana com propósitos desconhecidos. O piloto do Fokker poderia simplesmente ter desistido da caçada, sabendo que o trimotor poderia ficar apenas mais alguns minutos no ar. Sua única razão para abater o helicóptero da polícia não era a sua preservação. Era um ato a sangue-frio de puro prazer. Ele mal olhou para a destruição causada antes de retomar a perseguição ao trimotor.

Pitt não desconhecia a catástrofe que estava para se abater sobre seu avião. Mary, olhando para trás pela janela do cockpit, percebeu, mas ela estava petrificada de pavor e em silêncio. A rua fazia uma leve curva, e Pitt estava concentrado em conseguir fazer o avião contorná-la.

A Broadway virava-se para a esquerda ao cruzar a Columbus Circle. Pitt pressionou o mais que pôde o pedal esquerdo do leme e o avião virou à direita enquanto se desviava da longa fileira de altos edifícios. A ponta de sua asa esquerda passou a menos de 10 metros da estátua, de quase 70 metros de altura, de Cristóvão Colombo, enquanto o trimotor levemente inclinado rumou para o Central Park West e a rua 59. Na entrada sudoeste do Central Park ele esquivou-se do monumento às vítimas do encouraçado MAINE e prosseguiu sobre o parque. Cavaleiros puxaram as rédeas de seus cavalos lutando para permanecer nas selas, enquanto os cavalos resfolegavam sob o ronco dos motores acima.

Milhares de pessoas que estavam no parque numa agradável tarde de verão pararam suas atividades e ficaram vendo o drama que se desenrolava diante delas. Carros da polícia vinham de todos os lados da cidade para o parque, com as sirenes soando. Mais helicópteros da polícia convergiam para o parque, vindos da Fifth Avenue, acompanhados de vários helicópteros das emissoras de televisão.

- Ele está voltando! - Mary gritou. - Ele está uns 800 metros acima e mergulhando em nossa direção.

Pitt podia apenas elevar um pouco uma asa e girar o avião um mínimo, mas não podia subir nenhum metro sem os profundos que tinham sido destruídos pelos tiros e agora estavam fixos numa posição neutra. Um plano formou-se em sua mente, um plano que só daria certo se o Fokker vermelho fizesse um disparo sobre o trimotor e perdesse o ponto da volta. Pitt debruçou-se um pouco e colocou as chaves da ignição e do combustível do motor do meio para a posição ON-. O danificado motor tossiu diversas vezes, mas pegou e passou a girar. Então Pitt ergueu e girou o trimotor rapidamente para a direita, sabendo que o insano atacante estava mergulhando sobre o avião. A manobra pegou o piloto do Fokker fora da posição correta, e as duas rajadas de tiro passaram à esquerda.



O velho avião de transporte não era páreo para a facilidade de manobra do triplano, pilotado com grande sucesso pelos melhores pilotos da Alemanha Imperial cerca de 80 anos antes. O piloto do Fokker rapidamente recuperou sua posição de ataque, e Pitt logo percebeu o matraquear dos tiros atingindo a asa alta do trimotor e penetrando no motor da direita. Chamas irromperam na nacela atrás do motor, mas seus cilindros ainda funcionavam. O piloto virou o Fokker para a posição oposta, esperando com infinita paciência o momento exato de atacar de novo.

De repente, uma rajada de tiros varreu o COCKPIT atingindo o painel de instrumentos. O piloto lunático estava antecipando cada movimento de Pitt. O homem era um grande piloto, mas agora era a vez de Pitt quando o Fokker passou sobre o pára-brisa estilhaçado e se distanciou.

Pitt empurrou todas as três alavancas de aceleração até o final. Com dois motores sua velocidade era igual à do Fokker, mas com o terceiro motor, mesmo tossindo nuvens de fumaça e óleo, mas ainda com todos os cilindros funcionando, o trimotor pulou à frente como um cavalo de raça na linha de partida.

Com o rosto escorrendo sangue dos ferimentos provocados pelos estilhaços do pára-brisa, que tinham cortado as maçãs do rosto e a testa, respingado de óleo e quase não conseguindo enxergar através da fumaça, Pitt gritou em desafio.

- Maldito seja, Barão Vermelho!

Parecia tarde demais. O piloto de capacete de couro no COCKPIT vermelho pôs a cabeça para fora e viu o trimotor prateado voando a menos de 20 metros. Ele manobrou o Fokker com violência, sustentando-se na ponta das asas. Foi um movimento errado. O estratagema de Pitt deu certo. Se ele tivesse feito uma subida bem fechada, o trimotor não poderia perseguido sem os profundos. Mas num ângulo de 90°, com suas três asas apontando para o céu, o Fokker era vulnerável. Uma das grandes rodas de pouso do trimotor rasgou a madeira e o tecido, fazendo a asa superior romper-se em pedaços.

Pitt só teve tempo de um breve olhar para o piloto, quando o Fokker começou a girar freneticamente fora de controle. Numa demonstração de absoluta audácia, ele ainda mostrou o punho para Pitt. Então Pitt perdeu o avião vermelho de vista quando ele girava e se espatifava contra as árvores dos Shakespearean Gardens. A hélice de madeira se partiu em centenas de pedaços ao atingir um grande tronco de um olmo. A fuselagem e as asas se entortaram como um aeromodelo de criança feito de balsa, papel e cola. Em minutos os destroços estavam cercados pelos carros da polícia, com as luzes vermelhas e azuis piscando.

Com uma firmeza que ele não acreditava ser possível, Kelly ainda estava fazendo as crianças cantarem, enquanto o avião meio estropiado se debatia para continuar voando.

***Este velhinho continua fazendo troça.***

***Ele fez cócegas na minha galinha.***

Pitt desligou o motor central e o da direita antes que eles transformassem o trimotor numa tocha de fogo. Como um cavalo de batalha muito ferido, e que nunca tinha refugado o ataque, o velho avião lutava para agarrar o ar. Jorrando fumaça e chamas e com seu único motor girando no máximo das rotações, Pitt fez uma curva aberta e quase reta e direcionou o avião para o mais amplo espaço à vista, uma grande área gramada conhecida como Sheep Meadow.

Hordas de pessoas que estavam fazendo piquenique ou deitadas na grama, bronzeando-se ao sol, de repente começaram a se espalhar como formigas quando viram o avião perdendo altitude e vindo em sua direção. Eles não precisavam de nenhum aviso para saber que o avião poderia se espatifar e pegar

fogo no meio de todos. Com a cabeça para fora da janela, para evitar a fumaça que invadia o -cockpit, Pitt apertou os olhos para ver melhor o campo verde onde pudesse pousar. Em circunstâncias normais ele sabia que podia pousar em poucos metros, mas quase sem nenhum controle do avião, não sabia como seria. Ele foi puxando a alavanca de aceleração para trás e vagarosamente deixou o nariz se inclinar para o chão.

Duzentas pessoas permaneceram num silêncio paralisante, muitos rezando para que o avião completamente avariado e envolto em chamas e fumaça pudesse fazer um pouso seguro, sem explodir no impacto. As respirações foram suspensas, os dedos foram cruzados. Todos olhavam fascinados e ouviam o ronco esganiçado do único motor que teimava em girar à velocidade máxima. Eles olhavam e olhavam, paralisados com a expectativa, o medo e a desconfiança, o avião que roçava as copas das árvores na beira do gramado. Anos mais tarde, ninguém que testemunhou esse fato poderia descrevê-lo em todos os detalhes. Em suas memórias, a visão do velho avião voando desajeitadamente em direção ao gramado era sempre nebulosa.

Na cabine principal as crianças cantavam o último verso.

***Este velhinho veio para casa tonto.***

O avião oscilou quando Pitt o deixou solto. Então ele pareceu ficar dependurado por um momento antes que as grandes rodas tocassem o gramado, desse dois solavancos e finalmente ficasse todo no chão. Para a estupefação de todos, o trimotor avançou e parou em menos de 50 metros. Aqueles que assistiam achavam que aquilo era impossível.

Vendo a multidão correr para o avião, Pitt desligou o motor, observando a hélice parar de girar, as pás parando na posição vertical. Ele virou-se para Mary e começou a dizer alguma coisa, a cumprimentá-la por sua intrépida ajuda, mas ficou silencioso quando viu seu rosto sem nenhuma cor. Aproximou-se e colocou a mão no seu pescoço, procurando o pulso. Então deixou a mão cair e apertar-se. Kelly entrou sem respiração no -cockpit.

— Você conseguiu - ela dizia, explodindo de alegria.

— E as crianças? - Pitt perguntou, com uma voz distante.

— Todas sem nenhum ferimento.

Então ela viu as costas da cadeira de co-piloto de Mary, com as perfurações equidistantes feitas pelas metralhadoras Spandau, do Fokker. Kelly ficou paralisada, em estado de choque, enquanto Pitt balançava a cabeça. De início ela se recusou a acreditar que Mary tinha morrido, sua amiga de tantos anos, mas olhou para baixo, viu a poça de sangue no chão do -cockpit e compreendeu a terrível verdade.

Uma profunda tristeza tomou conta de seu rosto, e seus olhos mostraram perplexidade. - Por quê? - ela murmurou baixo. - Por que isso tinha que acontecer? Não há nenhuma razão para a morte de Mary.

As pessoas vinham de todas as ruas próximas e do parque para ver o velho avião todo perfurado de tiros e ficavam maravilhadas. Milhares gritavam e acenavam para o -cockpit. Mas para Pitt era como se eles não estivessem lá e não pudessem ser ouvidos. Sentiu-se cercado, não pelas pessoas, mas pela futilidade de tudo aquilo. Olhou para Kelly e disse:

— Ela não foi a única a ser morta pelo homem que pilotava aquele avião. Houve vários outros que perderam suas vidas sem necessidade.

— Tudo é muito estúpido - murmurou Kelly, as mãos cobrindo o rosto enquanto soluçava.

— Cerberus - Pitt disse baixinho, quase inaudível por causa dos gritos do lado de

fora. - Alguém, eu ainda não sei quem, está indo para o Inferno para encontrá-lo.

DEPOIS QUE OS GALOS E ARRANHÕES provocados nas crianças pela luta contra o Fokker vermelho e seu piloto desconhecido tinham sido tratados pelos paramédicos, elas foram levadas para suas famílias. Pitt ficou ao lado de uma Kelly triste e chocada enquanto o corpo de sua amiga Mary Conrow foi retirado do avião e levado para uma ambulância. Depois que a polícia isolou o avião, Pitt e Kelly foram conduzidos a um carro da polícia para serem levados ao distrito mais próximo, para serem interrogados.

Antes de ser levado, Pitt andou em volta do velho trimotor Ford, chocado e triste com os danos que ele tinha sofrido. A despeito dos danos, o avião tinha milagrosamente permanecido no ar, até que ele o pousou no gramado de Sheep Meadow. Pitt examinou a cauda, perfurada de tiros, os buracos alinhados da salva de tiros na asa superior, os cabeçotes destruídos dos cilindros dos dois motores Pratt & Whitney, os quais ainda provocavam estalidos e emitiam espirais de fumaça.

Pitt colocou a mão na proteção das rodas do trem de pouso e murmurou:

- Obrigado.

Então perguntou ao policial encarregado se poderiam dar uma parada onde estavam os restos do Fokker antes de seguirem para a delegacia. O policial concordou e apontou para o carro mais próximo.

O Fokker vermelho parecia um papagaio todo amarrotado, enganchado na copa de um grande olmo, a quase 20 metros do chão. Bombeiros, usando a escada de um carro de combate a incêndio, estavam debaixo dos destroços, examinando o avião. Pitt saiu do carro da polícia e andou até ficar debaixo do avião, olhando atentamente para o motor, que tinha sido arrancado de sua posição e jazia parcialmente enterrado na grama. Pitt ficou surpreso ao verificar que não era um motor moderno, mas um original Oberursel de nove cilindros, capaz de gerar 110 cavalos de potência. Então olhou para cima, para o *cockpit* que estava aberto.

Ele estava vazio.

Pitt olhou nos galhos das árvores e depois observou o chão. Uma jaqueta de couro, o capacete e os óculos, com as lentes manchadas de sangue, eram os únicos traços do piloto.

Milagrosamente ele tinha desaparecido.

Enquanto Kelly estava sendo interrogada pelos policiais, Pitt recebeu permissão para ligar para uma empresa local de manutenção de aviões e tratar da desmontagem do trimotor e de seu transporte para Washington, onde ele seria consertado e reconstruído por especialistas em restauração de aviões, voltando à sua primitiva condição. Depois ligou para Sandecker e relatou a situação.

Feitas as ligações, Pitt sentou-se calmamente a uma mesa vazia da delegacia e concentrou-se nas palavras cruzadas do *The New York Times*, até que fosse chamado. Ele e Kelly se abraçaram quando ela saiu do escritório onde quatro detetives aguardavam, junto a uma mesa de carvalho arranhada, que mostrava a sua idade pela quantidade de marcas de queimaduras de cigarro nas bordas.

- Sr. Pitt? - perguntou um policial baixo, de bigode fino. O detetive estava sem paletó e usava suspensórios estreitos.

- É o meu nome.

- Sou o inspetor Mark Hacken. Meus colegas detetives e eu gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas. O senhor se importa se gravarmos a sessão?

- De maneira nenhuma.

Hacken não fez nenhum esforço para apresentar os outros três homens na sala. Nenhum deles parecia o policial que aparece na tevê. Todos pareciam cidadãos comuns que aparavam sua grama todo sábado.

Hacken começou pedindo a Pitt que falasse rapidamente sobre si próprio, explicando seu trabalho na NUMA e como acontecera de levar seu velho avião para o show aéreo em benefício das crianças deficientes físicas. Os outros detetives fizeram uma ou outra pergunta, e na maior parte do tempo ficaram fazendo anotações enquanto Pitt ia descrevendo o voo, desde o momento em que ele decolou com as crianças no Aeroporto Gene Taylor até o pouso em Sheep Meadow, no Central Park.

Um dos detetives olhou para Pitt e disse:

- Também sou piloto, e espero que o senhor saiba que poderia ir para a cadeia, pelas suas ações, sem mencionar a perda da licença de piloto.

Pitt fitou o detetive com um discreto sorriso demonstrando confiança.

- Se salvar a vida de 15 crianças deficientes físicas me torna um criminoso, que seja.

- O senhor poderia ter conseguido a mesma coisa sem virar sobre o rio e rumar para a cidade.

- Se eu não tivesse virado sobre Wall Street quando o fiz, teríamos sido com certeza abatidos e caído no rio. Acredite em mim quando digo que não haveria nenhum sobrevivente.

- Mas o senhor deve admitir que correu muito risco.

Pitt balançou os ombros com indiferença.

- É claro que eu não estaria sentado aqui se não tivesse corrido o risco.

- O senhor tem alguma idéia de por que o outro piloto arriscou um avião de um milhão de dólares, encheu-o com armas antigas ainda em operação e atacou um velho avião cheio de crianças deficientes físicas? - perguntou Hacken.

- Gostaria muito de saber - respondeu Pitt, evitando uma resposta direta.

- Eu também, eu também - Hacken disse sarcasticamente.

- O senhor tem alguma idéia de quem era o piloto? - Pitt perguntou de volta.

- Nenhuma pista. Ele se misturou à multidão e sumiu.

- O avião deve ter um número de registro que pode levar ao proprietário.

- Nossos peritos ainda não tiveram a oportunidade de examinar o avião.

- Certamente os responsáveis pelo show aéreo têm seu pedido de inscrição - disse Pitt.

- Todos tivemos que preencher por causa do seguro. Eles devem conter

alguma informação.

- Estamos trabalhando com a polícia de Nova Jersey nesta ponta. Tudo o que puderam nos dizer, antes de investigar mais profundamente, é que um colecionador ligou dizendo que um avião idêntico estava baseado num pequeno aeroporto perto de Pittsburg. Ele informou que o dono era um tal de Raul St. Justin.

- Soa falso - comentou Pitt.

- Concordamos - disse Hacken. - O senhor conhece St. Justin ou que nome ele tenha?

- Não. - Pitt olhou fixamente nos olhos de Hacken. - Conversamos rapidamente antes de eu decolar.

- Vocês conversaram sobre o quê?

- Seu triplano. Sempre fui fascinado por aviões antigos. Nada mais.

- Então o senhor nunca o tinha encontrado antes.

- Não.

- O senhor pode fazer uma descrição e ajudar nossos desenhistas a fazerem um retrato falado?

- Terei prazer em colaborar.

- Lamentamos ter que fazer essas perguntas ao senhor e à sra. Egan, mas com a morte de Mary Conrow, o caso agora é de assassinato, além de periclitado de vidas. Foi um milagre ninguém ter morrido nas ruas da cidade quando o avião vermelho metralhou o seu ou quando o nosso helicóptero foi abatido e caiu próximo a um cruzamento.

- Temos que dar graças a Deus - disse Pitt com sinceridade.

- Acho que isso é tudo por ora - disse Hacken. - O senhor e a sra. Egan não poderão, naturalmente, se ausentar da cidade até que a investigação esteja concluída.

- Acho que isso não será possível, inspetor.

Hacken ergueu as sobrancelhas. Ele não estava acostumado a ouvir de uma testemunha de um caso tão rumoroso que ela estava deixando a cidade.

- Posso saber por quê?

- Porque eu faço parte de uma investigação oficial sobre o incêndio a bordo do transatlântico ***Emerald Dolphin***, como do seqüestro de um navio de pesquisa submarina da NUMA. Minha presença é requisitada em Washington - Pitt fez uma pausa, para causar efeito. - Naturalmente o senhor vai querer esclarecer isto com o meu superior, o almirante Sandecker, da Agência Nacional de Marinha e Subaquática. - Ele pegou a carteira, retirou um cartão de visitas com seu cargo na NUMA e o entregou a Hacken. - Este é o número do telefone.

Hacken passou o cartão silenciosamente para um dos detetives, que saiu da sala.

- O senhor já terminou? Gostaria de levar sra. Egan para casa.

Hacken concordou e apontou a porta.

- Por gentileza, aguarde um momento aí fora enquanto confirmamos sua ligação com o governo e a investigação.

Pitt saiu e viu Kelly sentada, toda curvada, num banco de madeira. Ela parecia uma criança deixada na porta de um orfanato.

- Você está bem?

- Não posso esquecer a morte de Mary - disse com tristeza. - Ela foi muito amiga de meu pai durante muitos anos.

Pitt olhou em volta da delegacia para ver se havia alguém ouvindo a conversa. Vendo que não havia ninguém por perto, perguntou.

- Que tipo de amizade?

Ela olhou para ele com raiva.

- Eles foram amantes, se é isso o que você quer saber.

- Não é isso o que eu quero saber - Pitt disse, devagar. - O quanto ela sabia dos projetos de seu pai?

- Ela sabia alguma coisa. Como eu tenho minha própria carreira e estava a maior parte do tempo fora de casa, ela era sua confidente, secretária, empregada e dona de casa quando não estava voando.

- Será que seu pai falava com ela sobre seus projetos?

Ela balançou a cabeça.

- Papai era um homem muito reservado. Ele sempre dizia que explicar seu trabalho a alguém que não fosse engenheiro ou cientista seria impossível. A única vez que ele me deu detalhes sobre seu trabalho foi a bordo do ***Emerald Dolphin***. Ele estava muito orgulhoso de seus conceitos para os motores do navio e explicou seu princípio eletromagnético-hidrodinâmico naquela noite, ao jantar.

- Isso foi tudo o que ele lhe disse?

- Depois de alguns martinis no salão, ele disse que tinha desenvolvido o motor mais revolucionário de todos os tempos - Kelly disse, melancólica. - Pensei que fosse o gim.

- Então Mary era a única pessoa que sabia de suas atividades.

- Não. - Ela levantou os olhos, como se estivesse vendo alguém. - Josh Thomas.

- Quem?

- O dr. Josh Thomas era amigo de meu pai e por vezes seu assistente. Eles cursaram juntos o MIT, onde fizeram seus doutorados, papai em engenharia e Josh em química.

- Você sabe onde encontrá-lo?

- Sei - ela respondeu.

- Onde fica o laboratório de seu pai?

Na casa dele, não muito longe do Aeroporto Gene Taylor. Você pode ligar para o dr. Thomas? Gostaria de encontrá-lo. Alguma razão particular?

Digamos que eu queira descobrir o que é este motor revolucionário.

O ALMIRANTE SANDECKER ESTAVA DE PÉ, em frente a um parlatório, respondendo às perguntas que lhe eram feitas pelos jornalistas. Se havia uma coisa que o almirante não era, isto dizia respeito a não ser um narcisista da mídia. Embora ele sempre tenha tido boas relações com o pessoal dos jornais e da tevê, e muitas vezes tivesse conversado amigavelmente com todos, ele simplesmente não se sentia à vontade como o centro das atenções, nem se sentia confortável evitando ou usando de subterfúgios nas perguntas mais indiscretas. Houve várias ocasiões em que ele tinha sido muito franco sobre a burocracia de Washington. Depois de 40 minutos de perguntas sobre o papel da NUMA na investigação sobre a trágica perda do ***Emerald Dolphin***, Sandecker sentia com satisfação que a entrevista coletiva começava a amornar.

- O senhor pode nos dizer o que o seu pessoal encontrou entre os destroços quando foram até lá com o submersível? - perguntou uma repórter de televisão nacionalmente conhecida.

- Acreditamos que encontramos indícios de que o fogo foi deliberadamente provocado - respondeu Sandecker.

- O senhor pode nos descrever esses indícios?

- O que parece ser um material inflamável foi encontrado na área onde os tripulantes informaram que o incêndio começou.

- O senhor identificou essa substância? - perguntou um jornalista do ***Washington Post***.

- Ela está sendo examinada no laboratório do FBI, neste exato momento - Sandecker esquivou-se. - Deveremos ter os resultados logo.

- O que o senhor pode nos dizer sobre o seqüestro, por terroristas, de seu barco de pesquisa, o ***Deep Encounter?*** - foi a pergunta de um jornalista da CBS.

- Não muita coisa que os senhores já não saibam de informações anteriores. Gostaria muito de dizer aos senhores por que criminosos seqüestraram o navio da NUMA, mas infelizmente nenhum dos piratas responsáveis sobreviveu para contar a história.

Uma mulher vestida com as cores azuis do noticiário ***ABC News*** levantou a mão.

- Como a tripulação da NUMA fez para destruir o navio pirata e matar todos a bordo?

A pergunta tinha que ser feita, e Sandecker se preparara. Por mais que



detestasse, mentiu para evitar que os cientistas da NUMA e a tripulação do navio fossem rotulados de assassinos.

- Até onde se sabe, um dos seqüestradores que estava de guarda na entrada da laguna disparou um míssil contra o *Deep Encounter*. Já era noite e ele errou o alvo, atingindo o navio pirata.

- O que aconteceu ao guarda? - a jornalista insistiu. - Ele sobreviveu e não foi preso?

- Não, ele morreu acidentalmente numa luta com o meu diretor de projetos especiais, que estava tentando evitar que ele disparasse um segundo míssil contra o nosso navio.

Uma jornalista do *Los Angeles Times* chamou a atenção de Sandecker.

- É possível haver uma ligação entre os dois incidentes?

Sandecker abriu os braços e encolheu os ombros.

- É um mistério para mim. Os senhores talvez tenham mais sorte para encontrar essas respostas nas investigações que estão sendo conduzidas pelo FBI e pela CIA. A jornalista do *Los Angeles Times* fez um gesto para nova pergunta, e Sandecker concordou.

- Teria sido o mesmo diretor de projetos especiais da NUMA que resgatou 2.500 pessoas do *Emerald Dolphin*, quem evitou que seu navio de pesquisa fosse destruído e salvou a vida das crianças deficientes físicas, ontem, em Nova York, durante a caçada aérea?

- Sim - respondeu Sandecker, demonstrando orgulho. - Seu nome, como os senhores já sabem, é Dirk Pitt.

Uma jornalista posicionada no fundo da sala fez a pergunta seguinte.

- O senhor acha que há alguma ligação...

- Não, eu não acho - Sandecker a interrompeu. - E por favor não me perguntem mais sobre este assunto porque ainda não falei com sr. Pitt desde o incidente, e a única coisa que sei é o que li nos jornais e vi nos noticiários das televisões. - Ele parou, afastou-se do parlatório e levantou as mãos. - Senhoras e senhores, isto é tudo o que eu sei. Muito obrigado pela sua atenção.

Hiram Yaeger estava aguardando no escritório externo quando o almirante retornou. A pasta de couro do dr. Egan estava no chão, ao lado da sua poltrona. Ele gostara da pasta, e tinha começado a usá-la para levar trabalho para casa, porque ela era mais larga e mais quadrada do que uma pasta comum. Ele se levantou e acompanhou Sandecker ao outro escritório.

- O que você tem para mim? - perguntou Sandecker ao se sentar à sua mesa.

- Achei que você gostaria de ter mais informações sobre o projeto da CIA de chegar aos restos do navio dos seqüestradores - ele disse, abrindo a pasta e pegando um folder.

Sandecker fitou Yaeger sobre os óculos de leitura, as sobranceiras arqueadas.

- Onde você conseguiu a informação? A CIA não divulgou nada ainda. Só sabemos que estão descendo até os destroços - ele fez uma pausa para olhar o relógio - nas últimas dez horas.

- O diretor do projeto insiste em ter uma atualização a cada hora. Pode-se dizer que saberemos o que eles descobriram quase ao mesmo tempo que eles.

- Se eles descobrirem que Max está entrando nos computadores e retirando informações secretas, vamos ter uma montanha de complicações.

Yaeger riu, maliciosamente.

- Acredite-me, almirante, eles nunca vão saber. Max está retirando as informações diretamente do computador do navio de salvamento antes de elas serem criptografadas e encaminhadas para análise nos laboratórios de Langley.

Agora foi a vez de Sandecker sorrir.

- Então me conte o que Max descobriu.

Yaeger abriu o folder e começou a ler.

- O barco dos seqüestradores foi identificado como um barco de 135 pés, para tripulação e serviços, construído pelos estaleiros Hogan and Lashere, em San Diego, na Califórnia. Foi projetado para servir à indústria petrolífera ao largo da Indonésia e tinha grande flexibilidade e velocidade.

- Eles já sabem quem eram os proprietários?

- Ele estava registrado pela Barak Oil Company, uma subsidiária da Colexico.

- Colexico - Sandecker repetiu. - Achei que não existiam mais depois de terem sido comprados e fechados.

- Uma situação que não foi bem recebida pelo governo indonésio, pois a sua principal fonte de receita do petróleo desapareceu.

- Quem comprou a Colexico?

Yaeger olhou para ele e sorriu.

- A Colexico foi adquirida, e fechada, pela Cerberus Corporation.

Sandecker reclinou-se na poltrona, com uma expressão satisfeita no rosto.

- Gostaria de ver a cara de Charlie Davis quando ele ouvir isso.

- Não vai haver uma ligação direta - disse Yaeger. - A propriedade do barco nunca foi transferida. Uma pesquisa em nossas fontes não revela nenhuma pista do barco de 1999 até hoje. E é muito pouco provável que os seqüestradores tenham deixado qualquer evidência de ligação com a Cerberus no barco.

- O pessoal da CIA já identificou algum seqüestrador?

- Não sobrou muita coisa dos corpos para uma identificação, e o corpo do guarda da entrada da laguna foi levado pela maré. Como Dirk suspeitou, o exame nas arcadas dentárias e nas impressões digitais deverão confirmar que esses sujeitos eram ex-combatentes das Forças Especiais, que foram desengajados e passaram a trabalhar como mercenários.

- O que é muito comum com os militares hoje em dia.

- Infelizmente existe muito mais dinheiro fora da tropa do que dentro.

- Max tem alguma teoria para explicar os motivos que levaram a Cerberus a cometer assassinato em massa?

- Ele não consegue criar um cenário que faça sentido.

- Talvez o dr. Egan seja a chave do mistério - disse Sandecker pensativamente.

- Vou pôr Max trabalhando na biografia do doutor.

Yaeger retornou ao seu departamento e sentou-se diante do teclado. Chamou Max e ficou sentado olhando sem ver nada até que a figura apareceu em sua forma holográfica e ficou aguardando. Finalmente ele ergueu os olhos e olhou para ela por cima do console.

- Alguma coisa aconteceu enquanto eu estava com o almirante?

- Os mergulhadores informaram que não encontraram absolutamente nada relacionado com a tripulação pirata. Nenhum bem pessoal, nenhum bloco de anotações, nada a não ser as roupas e as armas. Quem quer que fosse o líder da operação de seqüestro, era um mestre em não deixar traços.

- Eu gostaria de tirar você deste projeto para fazer uma investigação em profundidade sobre a vida do dr. Elmore Egan.

- O cientista?

- Ele mesmo.

- Vou ver o que descubro que vá além de uma biografia normal.

- Muito obrigado, Max.

Yaeger sentiu-se cansado. Decidiu deixar o escritório e voltar para casa mais

cedo. Ele tinha estado afastado da família desde que se envolvera com o Incidente Dolphin, como o caso agora era conhecido. Decidiu sair com a mulher e as duas filhas, para jantar e depois irem a um cinema. Colocou a pasta de couro sobre o console, onde havia um espaço livre, e a abriu para colocar uns papéis.

Yaeger não era um homem que se surpreendia com facilidade. Era conhecido por sua calma e paciência, como um cão farejador, mas o que ele viu o deixou completamente atônito. Cautelosamente, como se estivesse lidando com uma armadilha para ursos, enfiou a mão dentro da pasta. Esfregou a substância que encontrou entre o polegar e o indicador.

- Petróleo - ele disse para si mesmo, fitando sem expressão o líquido que enchia metade da pasta. Não era possível, ele pensou, num estado de confusão. A pasta não tinha saído de sua mão desde que deixara o escritório de Sandecker.

KELLY DIRIGIU PELA AUTO-ESTRADA 9, acompanhando a margem ocidental do rio Hudson. O dia estava úmido, com rajadas de ventos arremessando cortinas de chuva contra o carro. Ela manobrava o Jaguar XKR com facilidade sobre o asfalto molhado. Com um motor de 370 cavalos turbinados dentro do capô, uma suspensão computadorizada e controle de tração, ela não temia dirigir o carro em velocidades bem mais altas do que as permitidas.

Pitt relaxou no banco do passageiro e desfrutou da viagem, seus olhos ocasionalmente se desviando para a esquerda para ver o velocímetro. Ele queria confiar nas habilidades de motorista de Kelly, mas como a conhecia há pouco tempo, não tinha certeza se ela dirigia bem na chuva. Para alívio de Pitt, o tráfego era pequeno naquela manhã de domingo. Ele se sentiu aliviado e voltou a olhar o panorama ao lado da estrada. A terra rochosa acima dos paredões margeando o rio era verde e cheia de árvores altas e tão próximas que ele raramente conseguia ver além de 1 quilômetro, exceto quando surgiam áreas plantadas.

Ele imaginou ter contado duas dúzias de antiquários antes de Kelly virar à direita numa estreita estrada de asfalto pouco acima de Stony Point, estado de Nova York. Eles passaram por diversas casas em estilo atraente, com jardins floridos e gramados bem tratados. A estrada serpenteava e finalmente terminou num portão. Não era o que se poderia esperar nesta atmosfera rural. Os altos muros de pedra dos lados do portão eram rústicos, mas o portão era de aço reforçado, o suficiente para parar um pequeno caminhão lotado de chumbo. Duas câmeras de televisão estavam instaladas no alto de postes, um em cada lado da estrada, 10 metros além do portão. A única maneira de colocar as câmeras fora de operação era através de um rifle e uma boa pontaria.

Kelly inclinou-se para fora da janela e digitou um código num painel embutido num pequeno pilar de pedra ao lado da estrada. Depois ela pegou um controle remoto no porta-luvas e digitou um outro código. Só então o portão se abriu. Depois que o carro passou, o portão se fechou rapidamente, de modo a evitar a entrada de um outro carro que estivesse seguindo o Jaguar.

- Seu pai era muito preocupado com a segurança. Seu sistema é muito mais sofisticado que o meu.

- A segurança ainda não acabou. Você não vê, mas há quatro guardas. A estrada serpenteava através de campos de milho, alfafa e outros cereais. Eles estavam passando ao lado de um vinhedo carregado de uvas quando uma barricada de repente surgiu na frente do carro. Kelly conhecia o obstáculo e já tinha começado a diminuir a marcha. Quando o carro parou, um homem saiu de uma cabana de madeira com um rifle automático, inclinou-se e examinou o interior do carro.

- É sempre um prazer vê-la, sra. Egan.

- Alô, Gus. Como vai a garotinha?

- Nós a jogamos fora junto da água do banho.

- Você é muito esperto. - Ela acenou para a casa que quase não era visível dentro de uma capoeira. - Josh está?

- Está, senhora - respondeu o guarda. - Sr. Thomas não deixou a casa desde que seu pai morreu. Sinto muito. Ele era uma ótima pessoa.

- Obrigada, Gus.

- Tenha um bom dia. - Quase antes de terminar de falar, o guarda já tinha desaparecido na cabana novamente.

Pitt olhou para ela interrogativamente.

- Que história é essa de jogar a garotinha junto da água do banho?

- Um código - Kelly respondeu com um sorriso. - Se eu tivesse perguntado pelo garotinho, em vez da garotinha, ele teria sabido que eu estava sendo mantida refém, e mataria você antes de alertar os outros três guardas.

- Você cresceu nesta redondeza?

Kelly deu uma risada.

- Oh, não, não. Não havia necessidade de segurança quando eu era uma criança. Minha mãe morreu quando eu tinha 10 anos, e porque papai trabalhava durante várias horas e era muito dedicado ao trabalho, achou que seria melhor que eu mudasse para a cidade e fosse viver com minha tia. Então eu cresci nas calçadas de Nova York.

Kelly parou o Jaguar numa área circular em frente a uma grande casa em estilo colonial de dois andares, com altas colunas de cada lado do pórtico. Deixando o carro, Pitt seguiu Kelly pelas escadas até uma larga porta dupla esculpida com imagens de *vikings*.

- O que significa?

- Nada misterioso. Papai adorava estudar a história *viking*. Era apenas mais uma de suas várias paixões, além do trabalho. - Ela tirou uma chave da bolsa mas bateu na porta. - Nós poderíamos ter entrado, mas achei melhor alertar Josh.

Em 30 segundos um homem calvo de sessenta e poucos anos abriu a porta. Estava usando um colete com uma camisa listrada e gravata borboleta. O cabelo remanescente era grisalho, e tinha os olhos azuis transparentes de alguém que está constantemente perdido em seus pensamentos. Tinha um bigode grisalho muito bem aparado debaixo de um nariz longo e arredondado, avermelhado por um constante suprimento de álcool.

Ao ver Kelly, abriu um amplo sorriso e a abraçou.

- Kelly, como é bom ver você. - Então ele a largou e seu rosto ficou tomado pela tristeza. - Sinto muito por Elmore. Deve ter sido horrível vê-lo morrer.

- Obrigada, Josh - disse Kelly emocionada. - Sei que deve ter sido um grande choque para você.

- Nunca imaginei que ele fosse morrer, não dessa forma. Meu grande temor foi que *eles* o ferissem.

Pitt fez uma anotação mental para perguntar a Josh Thomas quem eram *eles*. Pitt

adiantou-se e apertou a mão estendida quando Kelly os apresentou. O aperto não foi tão firme quanto Pitt gostaria, mas Thomas parecia ser um homem afável.

- Muito prazer em conhecê-lo. Kelly me contou muita coisa sobre você no telefone. Obrigado por ter salvo a vida dela, não uma, mas duas vezes.

- Lamento não ter podido ajudar também o dr. Egan.

O rosto de Thomas demonstrava grande aflição, e ele colocou o braço ao redor dos ombros de Kelly.

- E Mary. Que mulher maravilhosa!

- Por que alguém quereria matá-la?

- Foi uma grande perda para nós dois - Kelly disse pesarosa.

- Kelly me disse que você era muito amigo do pai dela - Pitt disse, tentando mudar de assunto.

Thomas acenou para entrarem.

- Sim, Elmore e eu trabalhamos juntos inúmeras vezes por mais de 40 anos. Ele era a pessoa mais inteligente que eu já conheci. Teria sido um páreo duro para Einstein e Tesla. Mary também era brilhante, à sua maneira. Se ela não gostasse tanto de voar, teria sido uma excelente cientista.

Thomas levou-os até a confortável sala de estar decorada com móveis em estilo vitoriano e lhes ofereceu uma taça de vinho. Voltou pouco depois com uma bandeja com uma garrafa de Chardonnay e três taças.

- Sinto-me estranho recepcionando Kelly na sua própria casa.

- Vai demorar um pouco até o inventário ficar pronto - disse Kelly. - Neste meio-tempo considere-a sua casa. - Ela ergueu sua taça. - Saúde.

Pitt fitou o vinho dentro do copo enquanto falava.

- Diga-me, sr. Thomas, no que o dr. Egan trabalhava quando ele morreu?

Thomas olhou para Kelly, que concordou com a cabeça.

- Seu grande projeto era o desenho e o desenvolvimento de um motor magnético-hidrodinâmico confiável e seguro. - Ele fez uma pausa e fitou Pitt nos olhos. - Kelly me disse que você é um engenheiro marítimo da NUMA.

- Sim, é isso mesmo. - Pitt ficou com a vaga impressão de que Thomas estava escondendo alguma coisa.

- Ela lhe disse que o dr. Egan estava na viagem inaugural do ***Emerald Dolphin*** por causa dos motores que ele tinha criado, cuja construção tinha supervisionado, e estavam instalados no transatlântico?

- Kelly me contou. Mas o que eu gostaria de saber é qual foi a contribuição do dr. Egan. Motores magnético-hidrodinâmicos estão em estado experimental há 20 anos. Os japoneses construíram um navio usando os mesmos princípios de propulsão.

- É verdade, mas esse motor não era eficiente. O navio era lento e nunca se tornou comercialmente eficiente. Surpreendentemente, Elmore criou uma fonte de propulsão bem-sucedida que iria revolucionar o campo da propulsão marítima. Ele desenvolveu os motores praticamente a partir de um croqui em pouco mais de dois anos. A pesquisa e o desenvolvimento deveriam levar mais de dez anos, mas ele construiu um modelo experimental em menos de cinco meses. As unidades experimentais de Elmore foram muito além de qualquer tecnologia de motores magnético-hidrodinâmicos. Eles eram auto-sustentáveis.

- Expliquei a Dirk como os motores de papai eram capazes de usar água do mar como fonte de combustível, que criava a fonte de energia capaz de bombear a água através das turbinas - disse Kelly.

- Como a idéia era muito revolucionária - Thomas continuou -, os primeiros motores não funcionaram adequadamente e acabaram queimando por causa da

extrema fricção resultante. Fui trabalhar com Elmore para resolver o problema. Nosso trabalho acabou criando uma nova fórmula para um lubrificante que não perderia suas características debaixo de calor e fricção extremos. Isso abriu as portas para motores que poderiam operar indefinidamente sem desgaste ou quebra.

- Então vocês dois desenvolveram um superóleo - disse Pitt.

- Sim, você pode chamar assim.

- Quais seriam suas vantagens se ele fosse usado em motores de combustão interna?

- Teoricamente, seria possível que um motor de automóvel funcionasse por 3 milhões de quilômetros ou mais sem necessitar de retífica - respondeu Thomas sem nenhuma emoção. - Motores a diesel poderiam também operar eficientemente por 15 milhões de quilômetros. Os motores a jato dos aviões seriam especialmente beneficiados com uma vida maior e menor manutenção. O mesmo aconteceria para qualquer veículo industrial como pás carregadeiras e caçambas.

- Sem mencionar as unidades de propulsão de navios e de barcos - acrescentou Pitt.

- Até que novas tecnologias de energia que não dependam de partes móveis sejam aperfeiçoadas - disse Thomas -, nossa fórmula, que Elmore e eu de brincadeira denominamos *Slick 66*, terá enormes conseqüências para qualquer fonte mecânica de energia que dependa de óleo para lubrificação.

- E quanto custa produzir e refinar?

- O que você acha de 3 centavos a mais por galão do que o preço do óleo normal?

- Acho que as companhias de petróleo não vão ficar particularmente felizes com a sua descoberta. Elas podem perfeitamente perder bilhões de dólares, ou mesmo trilhões, em 20 anos. A não ser, claro, que elas comprem a fórmula e produzam o lubrificante elas mesmas.

Thomas balançou a cabeça vagarosamente.

- Nunca vai acontecer - ele disse incisivamente. - Elmore nunca teve a intenção de ganhar um centavo. Sua intenção era colocar a fórmula à disposição de todos, sem nenhuma cobrança, ou nenhuma condição.

- Pelo que você disse, a fórmula era dos dois. Você também concorda em liberar a fórmula para todo o mundo?

Thomas deu uma risada.

- Estou com 65 anos, sr. Pitt. Tenho diabetes, artrite aguda, uma doença do sangue chamada hemocromatose, e câncer no pâncreas e no fígado. Serei muito feliz se ainda estiver por aqui em cinco anos. O que eu faria com bilhões de dólares?

- Oh, Josh - disse Kelly com tristeza. - Você nunca disse...

Ele afagou a mão dela.

- Nem seu pai tinha o menor pressentimento. Não falei com ninguém, mas agora não importa mais - Thomas fez uma pausa e pegou a garrafa de vinho. - Aceita mais, sr. Pitt?

- Ainda não, obrigado.

- Kelly?

- Sim, por favor. Depois do que você contou, eu preciso de um pouco de coragem.

- Vejo que você tem uma segurança rigorosa - disse Pitt.

- É verdade - concordou Thomas. - Elmore e eu tivemos nossas vidas ameaçadas

muitas vezes. Fui ferido na perna depois que um assaltante tentou invadir o laboratório.

- Alguém tentou roubar a fórmula?

- Não apenas alguém, mas um completo conglomerado industrial.

- Você sabe quem?

- A mesma corporação que nos colocou, Elmore e eu, na rua depois de 25 anos de trabalho dedicado.

- Vocês dois foram despedidos?

- Quando aconteceu, papai e Josh ainda estavam trabalhando para aperfeiçoar a fórmula do óleo - explicou Kelly. - Os diretores da companhia começaram a fazer planos prematuros para produzir e vender o super-óleo com a intenção de obter enormes lucros.

- Elmore e eu não quisemos nem saber - disse Thomas. - Concordamos que era um bem vital demais para a humanidade para vender só para quem podia pagar. Sem refletir, os diretores pensaram que seus outros químicos e engenheiros já tinham informações suficientes para a produção, e nos deram o bilhete azul, ameaçando-nos de retaliação se tentássemos continuar as experiências por nossa conta. Violência física e ameaça de morte foram veladamente mencionadas. Mas fomos em frente, de qualquer forma.

- Você acha que foi a antiga empresa que tentou matá-lo e roubar a fórmula? - perguntou Pitt.

- Quem mais tinha conhecimento do nosso trabalho? - Thomas disse, como se Pitt soubesse a resposta. - Quem mais tinha o motivo e pretendia se beneficiar? Como eles não conseguiram encontrar a chave da nossa fórmula, o programa deles se tornou um desastre. Foi então que vieram contra a gente.

- Quem são eles?

- A Cerberus Corporation.

Pitt sentiu-se como se tivesse sido atingido na cabeça por um martelo.

- A Cerberus Corporation - repetiu.

- Você a conhece? - perguntou Thomas.

- Há evidências que a ligam ao incêndio do ***Emerald Dolphin***.

Surpreendentemente Thomas não pareceu chocado.

- Eu não afastaria a Cerberus dos prováveis culpados - ele disse calmamente. - O homem que é dono e controla a companhia não teria nenhum escrúpulo em fazer tudo para defender seus interesses, até incendiar um transatlântico cheio de homens, mulheres e crianças.

- Ele parece o tipo de homem que não é bom ter como inimigo. Mas e os acionistas? Será que eles não percebem o que ocorre por debaixo do pano?

- Por que eles se importariam, se estão tendo enorme retorno sobre o investimento? Além disso, quase não têm voz ativa. Curtis Merlin Zale, o homem no topo do império, detém 80% das ações.

- É terrível para uma gigantesca corporação americana assassinar para aumentar seus lucros.

- Mas existe muito mais coisa, sr. Pitt, do que o senhor suspeitaria. Posso dar-lhe os nomes de pessoas que tinham ligações com a Cerberus Corporation, e que, por qualquer razão, desapareceram ou foram encontradas mortas em circunstâncias acidentais, como se noticiou. Alguns até supostamente cometeram suicídio.

- É estranho que o governo não tenha investigado suas operações.

- A Cerberus tem suas garras em cada agência do governo, federal ou estadual. Não hesitam em pagar um milhão para um funcionário de segundo escalão que se disponha a trabalhar para ela, secretamente, passando informações úteis. Todo



político que atue em benefício da Cerberus vai acordar muito rico, com uma fortuna depositada numa conta bancária no exterior. - Thomas fez outra pausa para servir-se de outra taça de vinho. - E não se iluda pensando que alguém vai se tornar um informante por achar que foi tratado com falta de consideração ou porque sentiu de repente um desejo de voltar a ser honesto. A Cerberus tem uma política para evitar que a roupa suja seja lavada em público. A família do informante pode ser ameaçada de sofrer violência física, o que pode ser reforçado por algum inocente acidente que quebre um braço ou uma perna de um filho ou filha. Se isso não é suficiente para calar o informante, ele ou ela simplesmente vai se tornar um suicida. Ou talvez morrerá de uma injeção fatal, dada por não se sabe quem, numa hora de grande acúmulo de pessoas em algum lugar. Você ficaria surpreso de saber quantas investigações da mídia foram suspensas por dirigentes de jornais ou emissoras de televisão depois de se reunirem com os diretores da Cerberus. Um que expulsou um diretor de sua sala acabou fechando o negócio, depois que sua filha ficou seriamente ferida num suposto assalto. Acredite, sr. Pitt, este pessoal não é gente de bem.

- É quem eles contratam para fazer o trabalho sujo?

- Uma organização secreta chamada Viper. Ela só recebe ordens diretamente de Zale. Sei disso porque Elmore foi avisado por um velho amigo dentro da organização de que ele e eu estávamos na lista de morte.

- O que aconteceu a esse amigo?

- Desapareceu - Thomas respondeu, de uma maneira que pareceu que este era um assunto de domínio público.

Neste momento alguma coisa ficou piscando no fundo da mente de Pitt.

- A cauda de Cerberus, o guardião do Inferno.

Thomas fitou Pitt intrigado.

- Você conhece a história do cão de três cabeças?

- O emblema da corporação. A ponta do rabo do cão é a cabeça de uma serpente.

- Ele se tornou um ícone da Cerberus - disse Thomas.

- Como é o moral entre os empregados? - Pitt perguntou.

- A partir do dia em que começam a trabalhar são doutrinados como noviços numa seita religiosa. A companhia tem um regime de trabalho de quatro dias por semana, bônus generosos no final do ano e benefícios que ultrapassam os de todas as outras. O empregado se toma um escravo, embora ele não saiba disso.

- A Cerberus não tem problemas com os sindicatos?

- Os sindicatos nunca foram nenhum problema para a Cerberus. Se fazem uma campanha de sindicalização, imediatamente corre a notícia de que ninguém que queira se sindicalizar será despedido, mas este empregado vai perder os bônus e os benefícios, que, como eu disse, são consideráveis. Quando um empregado morre ou se aposenta, seu lugar normalmente vai para um filho. Por aí se vê como é difícil quebrar a estrutura da companhia. As relações entre os executivos e os empregados, até os faxineiros, são como aquelas entre os paroquianos de uma igreja. Adoração da companhia é uma religião. Aos olhos dos empregados a Cerberus nunca erra.

- Como foi que você e o dr. Egan sobreviveram tanto tempo depois de deixarem a companhia?

- Porque o homem que dirige todas as operações nos deixou em paz, pois planejava roubar a fórmula do superóleo e os desenhos do motor magnético-hidrodinâmico de Elmore quando achasse melhor.

- Mas por que esperar até que o motor fosse aperfeiçoado e instalado no ***Emerald***

### ***Dolphin?***

- Para destruir o navio e pôr a culpa nos motores - respondeu Thomas. - Se comprometessem a reputação de confiabilidade dos motores, eles poderiam comprar as patentes por preço de banana.

- Mas o incêndio não começou na casa de máquinas.

- Eu não sabia disso - disse Thomas surpreso. - Se o que você diz é correto, minha idéia é que a operação para incendiar o navio deu errado, não saiu como planejado. Mas isso é só um palpite.

- Talvez um bom palpite - Pitt concordou. - Encontramos produtos incendiários na capela, onde a tripulação informou que o incêndio começou. Vários deles provavelmente estavam colocados para incendiarem-se em seqüência, começando na casa de máquinas e subindo até os conveses superiores, até que o último se incendiasse na capela. Mas, como você sugere, alguma coisa deu errado.

Pitt não disse, mas pensou que a falha em poder responsabilizar os motores pelo incêndio foi outra razão para afundar o transatlântico antes que uma investigação oficial começasse.

Thomas desceu o tom de voz, falando calmamente. Pitt mal podia ouvi-lo.

- Só espero que não tentem a mesma coisa com o ***Golden Marlin***.

- O novo e luxuoso submarino que foi construído como um navio de cruzeiro subaquático?

- Esse mesmo. Ele vai fazer sua viagem inaugural daqui a dois dias.

- E qual a razão da preocupação? - perguntou Kelly.

Thomas olhou para ela.

- Você não sabe?

- Saber o quê? - Pitt atalhou.

- O ***Golden Marlin*** pertence à Blue Seas Cruise Lines. Os motores que Elmore e eu desenvolvemos também estão instalados no submarino.

PITT ALERTOU IMEDIATAMENTE O ALMIRANTE SANDECKER, que, por sua vez, imediatamente despachou um jato da NUMA para apanhá-lo no Aeroporto Gene Field. Kelly dirigiu ainda mais rápido na volta, chegando poucos minutos antes do jato aterrissar. Insistiu que poderia ser útil, e nenhum argumento de Pitt foi suficiente para evitar que ela também subisse a bordo e o acompanhasse até Washington.

Giordino e Rudi Gunn estavam aguardando na pista quando o jato taxiou e parou no Aeroporto de Langley. Os dois rapidamente subiram a bordo e o avião levantou vôo de novo rumando para o sul, para Fort Lauderdale, na Flórida, para os escritórios centrais da Blue Seas Cruise Lines. Gunn tinha providenciado um transporte, e minutos depois que o jato tinha descido eles estavam se dirigindo para o porto, com Giordino ao volante.

O edifício da Blue Seas se erguia a uma altura de uns 400 metros acima do cais, numa ilha onde ficavam as docas dos seus navios. O exterior fora desenhado sob a forma de um gigantesco veleiro. Os elevadores externos ficavam dentro de uma enorme coluna que subia aos céus como um mastro. O restante das paredes do edifício, todas de vidro, imitavam uma imensa vela. As paredes de vidro eram azuis, com uma parede central coberta por um tecido branco esticado, capaz de suportar ventos de até 200 quilômetros por hora. Os primeiros 40 andares do edifício abrigavam os escritórios da companhia, enquanto os últimos 50 abrigavam um hotel para os passageiros dos transatlânticos, até a hora de subirem a bordo.

Giordino virou num túnel subterrâneo sob a água que ia até a ilha. Um recepcionista pegou o carro, eles entraram em um dos elevadores e subiram três andares, até o *lobby* central, situado sob um átrio de mais de 300 metros, no meio dos andares dos escritórios e do hotel. A secretária do presidente da Blue Seas Cruise Lines esperava por eles e os conduziu até um elevador particular que os levou até o escritório, no 40o andar. Warren Lasch, o presidente da companhia, levantou-se de sua mesa e os cumprimentou.

Rudi Gunn fez as apresentações e todos se assentaram.

- E então? - perguntou Lasch, um homem alto de cabelos grisalhos e levemente acima do peso, que parecia ter sido um esportista. Fitava a todos com olhos castanho-escuros, que iam de Pitt para Kelly, para Giordino e para Gunn como

uma câmera panorâmica gravando uma cena, e depois recomeçavam de novo. - Do que é que se trata? O almirante Sandecker pareceu muito inflexível, no telefone, sobre o adiamento da viagem inaugural do **Golden Marlin**.

- Há temor de que o barco possa sofrer o mesmo destino que o **Emerald Dolphin** - Gunn respondeu.

- Eu ainda não vi nenhum relatório que diga que o que aconteceu não foi um simples acidente - Lasch retrucou, o rosto mostrando dúvida. - Acho impossível que outro desastre possa ocorrer.

Pitt inclinou-se um pouco na cadeira.

- Posso assegurar, senhor, que a NUMA encontrou provas irrefutáveis de que o fogo foi intencionalmente provocado, e evidências que claramente mostram que explosivos foram usados para afundar o transatlântico enquanto ele estava sendo rebocado.

- É a primeira vez que ouço falar disso. - Uma repentina raiva apareceu na voz de Lasch. - As companhias de seguro que seguraram o navio não me relataram, nem para nenhum dos meus diretores, que o fogo foi intencional. Todos fomos informados de que os sistemas de detecção do fogo, por alguma razão, deixaram de funcionar corretamente. A Blue Seas vai, de qualquer forma, processar as empresas construtoras.

- Vai ser um problema se ficar provado sem sombra de dúvida que os sistemas de detecção foram propositalmente desligados.

- Você nunca vai conseguir me vender esta história.

- Acredite - disse Pitt -, não é uma história.

- Quais motivos alguém poderia ter para destruir o **Emerald Dolphin** e matar milhares de passageiros?

- Acreditamos que o motivo seria a destruição dos motores magnético-hidrodinâmicos do dr. Elmore Egan - explicou Giordino.

- E por que alguém quereria destruir a mais importante tecnologia de propulsão jamais desenvolvida? - perguntou Lasch, parecendo confuso.

- Eliminar a concorrência.

- Francamente, cavalheiros - ele inclinou-se para Kelly e sorriu - e damas, não posso evitar de considerar a sua história mera especulação.

- Gostaria de poder dar-lhe mais detalhes - disse Gunn -, mas no momento estamos de mãos atadas, até que o FBI e a CIA divulguem publicamente suas conclusões.

Lasch era muito esperto.

- Então esta não é uma investigação oficial da NUMA, nem foi autorizada.

- Honestamente - Gunn respondeu -, não.

- Espero que vocês não dêem conhecimento ao público destas bizarras especulações.

- O almirante Sandecker concordou que nenhum relatório oficial seja divulgado até que a investigação das agências envolvidas esteja concluída - disse Pitt. - Devo acrescentar que ele acredita que prejudicaria a indústria dos cruzeiros marítimos se a mídia começasse a tratar com sensacionalismo o acontecido, com histórias de terroristas destruindo navios e matando passageiros.

- Não poderia concordar mais com ele quanto a isso - Lasch aquiesceu. - Mas por que evitar que o **Golden Marlin** zarpe? Por que não uma centena de outros navios? Se o naufrágio do **Emerald Dolphin** foi um ato terrorista, por que não alertar todas as outras companhias de cruzeiro? - Lasch ergueu as mãos. - Vocês não vão me convencer a adiar a saída do **Golden Marlin** em sua viagem inaugural. Como o primeiro navio de cruzeiro submarino, isto vai desencadear

uma nova onda de viagens de luxo. Os interessados começaram a fazer as reservas há mais de dois anos. Em sua consciência eu não posso desaprovar os 400 passageiros que confirmaram as reservas. Muitos já chegaram e estão no hotel. Desculpem. O **Golden Marlin** vai zarpar amanhã como está previsto.

- Já que não conseguimos convencê-lo do adiamento - disse Pitt -, podemos solicitar um aumento nas medidas de segurança e que uma equipe de inspetores marítimos faça uma verificação em todos os equipamentos e sistemas a bordo do navio durante a viagem?

- Barco - Lasch interrompeu sorrindo. - Os submarinos são chamados de barcos.

- Mas ele não é um transatlântico de luxo? - perguntou Kelly.

- Quando singram a superfície, mas este barco foi construído para viajar debaixo da água.

- O senhor concorda então em reforçar a segurança e com a equipe de inspeção?

- Sem dúvida - respondeu Lasch afavelmente.

Pitt ainda não tinha terminado suas solicitações.

- Gostaria também que uma equipe de mergulhadores inspecionasse o casco abaixo da linha d'água.

Lasch concordou rapidamente.

- Posso conseguir os mergulhadores. Temos alguns para o caso de reparos dentro da água ou para manutenção.

- Muito obrigado por sua colaboração - disse Gunn.

- Embora eu entenda que estas precauções são desnecessárias, não quero que a tragédia do **Emerald Dolphin** se repita. Se não fosse o Lloyds de Londres, a Blue Seas seria hoje uma empresa falida.

- Giordino e eu gostaríamos de ir a bordo, se o senhor não fizer objeção - disse Pitt.

- Podem me incluir - insistiu Kelly. - Tenho direito legal sobre o trabalho de meu pai.

Lasch levantou-se da poltrona.

- Não vejo problemas. A despeito de nossas diferenças de opinião, terei prazer em conseguir camarotes. Todas as acomodações foram reservadas, mas normalmente alguns passageiros não aparecem na hora da partida. Se não acontecer, tenho certeza de que poderei arranjar algumas acomodações entre as dos tripulantes. O barco chegará à doca em frente ao hotel amanhã às sete horas. Vocês poderão embarcar então.

Gunn apertou as mãos de Lasch.

- Muito obrigado, sr. Lasch. Espero que não o tenhamos alarmado desnecessariamente, mas o almirante Sandecker quis que o senhor fosse informado de qualquer perigo potencial.

- Estou de acordo. Por favor diga ao almirante que estou muito agradecido por sua preocupação, mas não imagino que ocorra nenhum problema sério. O **Golden Marlin** foi exaustivamente testado, e o motor do dr. Egan, da mesma forma que todos os sistemas de emergência, funcionou às mil maravilhas.

- Obrigado, sr. Lasch - disse Pitt. - Nós o manteremos informado sobre qualquer novidade.

Quando deixaram o escritório de Lasch e estavam descendo pelo elevador, Giordino suspirou:

- Bem, pelo menos nós tentamos.

- Eu não estou surpreso - disse Gunn. - O desastre com o **Emerald Dolphin** deixou a companhia na corda bamba. Adiar a viagem do **Golden Marlin** teria fechado a companhia, com certeza. Lasch e os outros diretores não tinham saída a não ser

manter a viagem inaugural e torcer para que nada dê errado.

Depois que Gunn retornou ao aeroporto para o voo de volta a Washington, Pitt, Giordino e Kelly conseguiram com a secretária de Lasch aposentos no hotel para passarem a noite. Tão logo alojou-se, Pitt ligou para Sandecker.

- Fracassamos em tentar convencer Lasch a adiar a viagem - Pitt explicou.

- Achei que vocês fracassariam - Sandecker suspirou.

- Al e eu, junto de Kelly, vamos embarcar no submarino.

- Vocês acertaram isto com Lasch?

- Ele concordou sem discutir.

Pelo telefone Pitt podia ouvir o almirante vasculhando papéis sobre sua mesa.

Um instante depois Sandecker disse:

- Tenho umas novidades para você. O FBI acha que identificou o homem por trás do incêndio do ***Emerald Dolphin***, baseado na descrição feita pelos passageiros.

- E quem é ele?

- Uma verdadeira ovelha negra. Seu nome verdadeiro é Omo Kanai. Nascido em Los Angeles. Aos 18 já tinha uma folha corrida de cinco páginas, quando entrou para o Exército para escapar de uma acusação de agressão. Foi progredindo e sendo promovido até se tornar oficial e ser transferido para uma organização altamente secreta chamada CEASE.

- Nunca ouvi falar dela.

- Considerando a natureza do seu trabalho, muito pouca gente dentro do governo já ouviu falar - retrucou Sandecker. - CEASE quer dizer Grupo Secreto de Elite para Eliminação Seleccionada.

- Mesmo assim nunca ouvi falar dela.

- Ela foi originalmente formada para combater o terrorismo assassinando líderes terroristas antes que suas ações pudessem provocar perigo para cidadãos americanos. Mas há uns dez anos o presidente cancelou seus projetos e determinou que a organização fosse desfeita, o que acabou não sendo uma boa idéia como se sabe agora. Altamente treinado em ações secretas que incluíam assassinato, Omo Kanai, então capitão, demitiu-se junto de mais

- Assassinos Ltda.

- Neste estilo. Aceitam encomendas. Há uma enorme lista de mortes não esclarecidas nestes dois últimos anos, de políticos a diretores de empresas e até de celebridades. Chegaram até a atacar gente da Máfia.

- Não estão sendo investigados? - perguntou Pitt.

- O FBI tem uns arquivos, mas estes caras são muito bons. Não deixam pista nenhuma de seu envolvimento. O pessoal do FBI está muito chateado por ainda não ter conseguido colocar as mãos em Kanai ou nos seus comparsas. E há um crescente temor de que futuras guerras econômicas vão levar à formação de esquadrões da morte.

- Mortes e caos não são exatamente as perspectivas que os economistas querem.

- Por mais repulsoivo que possa parecer - Sandecker continuou calmamente - há vários presidentes de corporações que não hesitariam diante de nada para conseguir poder e monopólio.

- O que nos leva à Cerberus.

- Exatamente - Sandecker respondeu sucintamente. - Já está mais do que evidente que Kanai não estava apenas por trás do incêndio no ***Emerald Dolphin*** e das explosões que abriram buracos em seu casco quando ele estava sendo rebocado. Foi ele também, disfarçado de oficial do navio, que sabotou os sistemas de controle de incêndio.

- Um homem só não poderia ter feito tudo isso sozinho - Pitt disse com dúvida na

voz.

- Kanai nem sempre age sozinho. É por isso que estou alertando você e Al para ficarem atentos cada minuto que estiverem no **Golden Marlin**.
- Vamos ficar de olhos bem abertos para qualquer movimento suspeito por parte da tripulação.
- É melhor não desgrudar o olho de Omo Kanai.
- Não estou entendendo.
- O ego de Kanai é imenso. Ele não vai deixar um trabalho como este para os seus subordinados. Pode apostar que ele vai dirigir o **show** pessoalmente.
- Você tem alguma idéia de como ele é?
- Você devia saber. Você já o viu.
- Eu o vi? Onde?
- Acabei de receber uma informação dos investigadores da polícia de Nova York. Omo Kanai era o piloto do velho avião que tentou derrubá-lo.

O GOLDEN MARLIN NÃO SE PARECIA com nenhum outro navio antes construído. Não tinha conveses de passeio, nem camarotes com sacadas, nem chaminés. Sua super-estrutura arredondada estava coberta de fileiras de largas vigias. A única coisa proeminente que tinha era uma estrutura como um domo, sobre a proa, que abrigava a ponte de comando e a sala dos controles, e na popa um grande estabilizador, que abrigava um salão de estar e um cassino.

Com quase 150 metros de comprimento e 20 de largura, o *Golden Marlin* era da mesma classe dos navios de luxo de passageiros que singram os mares de todo o mundo. Até agora, viagens turísticas submarinas eram feitas em pequenos submarinos e eram limitadas pela profundidade e pela distância. O *Golden Marlin* estava prestes a mudar a história das viagens submarinas. Com os motores auto-sustentáveis desenvolvidos pelo dr. Egan, ele podia navegar pelo Mar do Caribe em profundidades de até 300 metros durante duas semanas, sem necessitar ir a um porto para repor alimentos e suprimentos.

Em virtude da insaciável ânsia de lazer das pessoas, e do fato de que uma economia em expansão gera uma enorme quantidade de renda, os cruzeiros marítimos se tornaram o segmento de maior crescimento do mercado de US\$ 3 bilhões do turismo. E agora, com a viagem inaugural de um cruzeiro submarino, este tipo de viagem prometia se expandir a níveis inimagináveis.

- É uma beleza - exclamou Kelly, de pé na doca, de manhã cedo, olhando o barco.

- O dourado está demais - comentou Giordino, ajustando os óculos escuros contra a cintilação que o sol nascente provocava na super-estrutura.

Pitt estava calado, enquanto estudava o casco de titânio, sem costuras. Ao contrário dos cascos normais, este não tinha placas ou rebites visíveis. O grande submarino de cruzeiro era uma obra-prima de tecnologia marítima. Pitt admirava o trabalho quando um oficial do barco se aproximou até o passadiço.

- Desculpe, mas vocês são a equipe da NUMA?

- Somos, sim - respondeu Giordino.

- Sou Paul Conrad, o primeiro-oficial. Sr. Lasch alertou o capitão Baldwin sobre sua presença na viagem inaugural. Vocês têm bagagem?

- Somente o que temos conosco - respondeu Kelly, já querendo ver o interior do barco.



- A senhora terá um camarote, sra. Egan - informou Conrad polidamente, - Sr. Pitt e sr. Giordino terão que dividir uma cabine nos aposentos da tripulação.
- Do lado das garotas que fazem o show? - perguntou Giordino sério.
- Não conte com isso - Conrad riu. - Por favor, sigam-me.
- Já estou indo - disse Pitt. Ele virou-se e caminhou pelo cais até uma escada que descia para a água. Um homem e uma mulher usando roupas de mergulhar estavam checando o equipamento, antes de descer a escada e entrar na água. - Vocês são da equipe que vai inspecionar o fundo do casco?
- Um homem esguio e bonito olhou para ele e sorriu.
- Somos.
- Meu nome é Dirk Pitt. Fui eu quem solicitou os seus serviços.
- Prazer, Frank Martin.
- E a moça?
- Minha mulher, Caroline. Querida, este é Dirk Pitt, da NUMA. Devemos agradecer a ele pelo trabalho.
- Muito prazer em conhecê-lo - disse a atraente loura, de corpo bem torneado, que a roupa de mergulho realçava.
- Pitt apertou sua mão e ficou surpreso ao receber um aperto firme.
- Aposto que você é uma mergulhadora experiente.
- Estou neste ramo há 15 anos.
- Ela pode mergulhar tão bem quanto um homem - Martin disse com orgulho.
- O senhor pode nos dizer o que procura, exatamente? - perguntou Caroline.
- Vou ser direto - respondeu Pitt. - Vocês devem procurar qualquer objeto que esteja preso ou grudado no casco, especificamente um explosivo.
- Martin pareceu confuso.
- E se encontrarmos um?
- Se vocês encontrarem um, encontrarão outros. Não os toque. Providenciaremos uma equipe de demolição submarina para fazer a remoção.
- A quem notificamos?
- O capitão do navio. É da alçada dele, se qualquer coisa for encontrada grudada ao casco.
- Foi um prazer conhecê-lo, sr. Pitt - disse Martin.
- Da mesma forma - Caroline acrescentou, com um sorriso afável.
- Boa sorte - Pitt desejou. - Ganharei o dia se vocês não encontrarem nada.
- No momento que Pitt chegou ao passadiço os Martins já estavam na água mergulhando sob o casco do **Golden Marlin**.
- O primeiro-oficial do navio conduziu Kelly através de um luxuoso solarium e de um elevador de vidro até um confortável camarote no convés denominado Manta. Depois mostrou a Pitt e Giordino uma pequena cabine na área dos alojamentos da tripulação.
- Gostaria de encontrar o capitão Baldwin assim que possível - disse Pitt.
- O capitão o espera para o café-da-manhã no salão de refeições dos oficiais em meia hora. A oficialidade e uma equipe de inspeção enviada pelo construtor do barco também estarão presentes.
- Gostaria que a sra. Egan também comparecesse - Pitt afirmou num tom solene. Conrad pareceu um pouco perturbado, mas logo se recuperou.
- Vou perguntar ao capitão Baldwin se ele permite a presença da senhora na reunião.
- Como o barco não existiria se não fosse a genialidade de seu pai - Giordino disse diretamente acho que seria apropriado que ela estivesse presente.
- Tenho certeza de que ele vai concordar - Conrad apressou-se a dizer, enquanto

saía da cabine e fechava a porta.

Olhando em volta pelo reduzido espaço, que fazia da cabine quase um armário, Giordino comentou:

- Tenho a impressão de que não somos bem-vindos aqui.

- Bem-vindos ou não, temos que assegurar a segurança do barco e dos passageiros - retrucou Pitt. Então ele abriu a mala de lona e tirou um rádio portátil, que entregou a Giordino. - Me contate se você encontrar alguma coisa. Eu farei a mesma coisa.

- Por onde começamos?

- Se você desejasse mandar este barco para o fundo, com todo o mundo dentro dele, o que você faria?

Giordino pensou por uns momentos.

- Se eu consegui me safar do fogo no ***Emerald Dolphin***, talvez tentasse a mesma coisa outra vez. Mas se quisesse afundar o navio sem confusão, faria um buraco no casco ou nos tanques de lastro.

- Exatamente o que eu acho. Então comece procurando explosivos no barco.

- E você vai procurar o quê?

Pitt sorriu, mas não havia nenhum humor por trás do sorriso.

- Vou procurar o homem que vai acender o pavio.

Se Pitt esperava que o capitão do ***Golden Marlin*** ia ser um modelo de harmoniosa cooperação, ele se enganou. O capitão Morris Baldwin era homem de seguir as regras, e nunca se desviava delas. Comandava o navio com pulso firme e não pretendia deixar que estranhos viessem a bordo para atrapalhar a rotina. Seu único lar era o navio onde servia. Se tivesse mulher, o que não tinha, ou um lar, que ele achava desperdício de tempo, teria sido uma ostra sem a concha.

Seu rosto era uma máscara severa, vermelho e corado, e nunca risonho. Os olhos eram pequenos e redondos, castanhos, sob cílios grossos. Só o bonito cabelo comprido e grisalho lhe dava um ar de sofisticada autoridade. Seus ombros eram tão largos quanto os de Giordino, mas a cintura tinha uns 25 centímetros a mais. Tamborilava os dedos sobre a mesa na sala de refeições dos oficiais e encarava Pitt, que devolvia o olhar sem piscar.

- Então você diz que este barco está em perigo?

- Digo - retrucou Pitt - e também diz o almirante Sandecker e vários outros do FBI e da CIA.

- Ridículo - ele respondeu direta e claramente, as juntas dos dedos ficando brancas enquanto agarrava o braço da cadeira. - Só porque um dos nossos transatlânticos teve uma tragédia não quer dizer que isso vai se repetir. Este barco é absolutamente seguro. Inspeionei eu mesmo cada centímetro. Supervisionei também a construção. - Ele olhou em volta da mesa com irritação para Pitt, Giordino e os quatro homens da equipe enviada pelo construtor. - Façam o que acham que devem fazer. Mas advirto a não interferirem nas operações deste barco durante a viagem, ou juro que os desembarcarei no primeiro porto, e não vou me importar com o que os donos do barco vão dizer.

Rand O'Malley, também tão hostil quando Baldwin, retrucou com firmeza:

- Como chefe da equipe de inspeção, posso lhe assegurar, capitão, que não vamos interferir. Mas esperamos sua inteira cooperação se viermos a encontrar qualquer problema nos sistemas de segurança do barco.

- Procurem onde vocês quiserem. Tenho certeza de que não encontrarão nada que ponha em risco este barco.

- Sugiros que o senhor guarde até que tenhamos recebido um relatório dos mergulhadores que estão inspecionando a parte de baixo do casco.

- Não vejo nenhuma razão para aguardar - retrucou Baldwin.
- Há a possibilidade de que eles encontrem qualquer coisa grudada no casco.
- Esta é a vida real, sr. Pitt - disse Baldwin com indiferença - não uma fantasia da televisão.

Durante quase meio minuto houve silêncio na sala, total silêncio. Então Pitt levantou-se, esticou os braços, inclinou-se sobre a mesa apoiando as duas mãos, os lábios semi-cerrados num sorriso frio, os olhos fixos em Baldwin.

Giordino conhecia todos estes sinais. É agora. Velho Dirk Giordino pensou numa expectativa que lhe dava prazer. Vamos lá, ensine uma lição a este arrogante.

- É evidente que o senhor não tem idéia do perigo que este barco está correndo - Pitt começou solene. - Sou o único nesta mesa que testemunhou a tragédia que o fogo no *Emerald Dolphin* provocou. Vi homens, mulheres e crianças morrerem às centenas, alguns queimados vivos em horripilante agonia, outros se afogando antes que pudéssemos salvá-los. O fundo do mar está coalhado de navios cujos capitães pensaram que eles eram indestrutíveis e imunes às catástrofes. O *Titanic*, o *Lusitania*, o *Morro Castle*. Seus capitães ignoraram os indícios e os sinais de perigo e pagaram um alto preço. Quando acontecer, capitão Baldwin, e vai acontecer, será com a velocidade de um relâmpago e antes que o senhor e a tripulação tenham tempo de reagir. O perigo virá sem aviso, e de um lugar onde menos se suspeita. E aí vai ser tarde demais. O *Golden Marlin* e todos a bordo morrerão, e suas mortes serão de sua responsabilidade.

Pitt fez uma pausa e se endireitou.

- As pessoas que querem destruir seu barco sem dúvida já estão prontas, e a bordo neste momento, posando de algum dos seus oficiais, tripulantes ou passageiros. O senhor percebe o perigo, capitão Baldwin? Percebe?

Estranhamente, Baldwin não demonstrou raiva. Sua expressão era remota, sem nenhuma emoção. Então disse:

- Obrigado por sua opinião, sr. Pitt. Levarei suas palavras em consideração. - Então levantou-se e foi até a porta. - Obrigado, senhores. Partimos daqui a exatos 37 minutos.

Tão logo a sala se esvaziou, exceto por Pitt, Giordino e O'Malley, Giordino inclinou sua cadeira para trás e irreverentemente pôs os pés sobre a mesa.

- Partimos daqui a exatos 37 minutos - imitando Baldwin. - Um sujeito muito preciso, não?

- Este aí é feito de esterco e concreto - observou O'Malley.

Pitt ouviu e sentiu uma instantânea admiração por este homem, da mesma forma que Giordino.

- Espero que o senhor nos leve mais a sério que o capitão Baldwin.

O'Malley riu, mostrando todos os dentes.

- Se vocês estão certos, e não estou dizendo que não estão, não pretendo morrer dentro desta doídice de cobiça humana.

- Quer dizer que você não aprecia muito o barco - Pitt disse.

- Ele foi mal concebido - disse O'Malley com desprezo. - Gastou-se muito mais dinheiro no planejamento e na decoração suntuosa do que na parte mais importante dos sistemas de navegação. Testes marítimos bem-sucedidos ou não, não me surpreenderia se submergisse e não voltasse mais à tona.

- Detesto ouvir estas palavras vindas de um perito em construção de navios - queixou-se Giordino.

Pitt colocou os braços ao redor do peito.

- Minha primeira preocupação é que o desastre vai ser provocado por mãos humanas.

O'Malley olhou para ele.

- Você sabe em quantos lugares um louco poderia colocar um explosivo e mandar esta banheira para o fundo?

- Se o barco estivesse submergido, e fundo, um buraco em praticamente qualquer lugar faria a brincadeira.

- Isso é um furo nos tanques de lastro.

- Não tive tempo de examinar as plantas e as especificações do barco, a não ser muito rapidamente ontem à noite - Pitt disse. - Mas deve haver um sistema submarino de evacuação.

- Há - respondeu O'Malley - e muito bom. Em vez de barcos salva-vidas, os passageiros devem ir para veículos auxiliares de evacuação determinados. Eles podem alojar 50 pessoas. Então a porta de entrada é fechada e selada. Ao mesmo tempo, as portas externas se abrem, o ar é injetado no sistema de ejeção e os veículos auxiliares de evacuação são expelidos, livremente, até a superfície. Acredite, o sistema é eficiente. Eu sei, pois fui consultor do projeto.

- Se você quisesse tornar o sistema inoperante, o que você faria?

- Que pensamento sombrio.

Temos de cobrir todas as possibilidades.

O'Malley coçou a cabeça.

- Provocar uma pane no sistema de injeção de ar seria o caminho que tomaria.

- Ficaria agradecido se você e sua equipe fizessem uma checagem cuidadosa do sistema e detectassem qualquer alteração - pediu Pitt.

O'Malley olhou para ele com os olhos sem-icerrados.

- Eu não faria uma porcaria de inspeção se a minha vida dependesse dela.

Giordino olhou as suas unhas.

- Palavras mais sábias nunca foram pronunciadas antes.

Os cabos foram soltos dos postes de amarração pela tripulação e enrolados a bordo do **Golden Marlin** segundos antes de os motores serem ligados e o barco começar a se afastar do cais. Mais de mil pessoas tinham vindo ver a partida para a viagem inaugural do primeiro submarino de cruzeiro. Numa plataforma, o governador da Flórida e outras autoridades e celebridades fizeram discursos. A banda da Universidade da Flórida tocava uma seleção de canções marítimas, seguida depois por uma banda de música caribenha. Quando o barco começou a se afastar do cais, as duas bandas começaram a tocar, ao mesmo tempo, uma tradicional canção marítima, "Until We Meet Again". Serpentinhas e confetes foram atirados sobre os passageiros, e o público no cais gritou e acenou. A cena foi tocante. Pitt ficou surpreso ao ver quantas mulheres choravam. Até Kelly foi tomada pela emoção da saudação e dos gritos.

Pitt não viu nenhum sinal dos mergulhadores. Suas ligações para o capitão Baldwin, na ponte de comando, não foram respondidas nem retornadas. Ele se sentiu extremamente inquieto, mas não havia como impedir o barco de zarpar.

O submarino ainda estava no canal, dirigindo-se para o mar aberto azul-esverdeado da costa da Flórida, quando todos os passageiros foram solicitados a se sentar no salão de cinema, onde o primeiro-oficial Paul Conrad passou as instruções sobre a operação do submarino de cruzeiro e sobre o sistema de evacuação. Kelly sentou-se na frente, enquanto Pitt ficou na parte de trás. Havia seis famílias negras a bordo, mas nenhum de seus membros se parecia mesmo remotamente com Omo Kanai. Assim que as instruções terminaram, uma série de apitos foi ouvida, e os passageiros foram levados para os veículos auxiliares de evacuação determinados para cada um.

Giordino trabalhou com a equipe de inspeção, procurando por explosivos ou

sinais de equipamentos danificados, enquanto Pitt e Kelly ajudaram o tesoureiro a fazer a conferência dos nomes dos passageiros com os seus camarotes. A conferência foi devagar. Na hora do almoço eles só tinham chegado à metade dos passageiros, sem incluir a lista dos tripulantes.

- Estou começando a duvidar de que ele esteja a bordo - Kelly disse, cansada.

- Ou isso ou ele está escondido em algum lugar - disse Pitt, enquanto examinava as fotos dos passageiros quando eles subiam a bordo, tiradas pelo fotógrafo do submarino. Ele pegou uma foto, levantou-a contra a luz e passou para Kelly. - Parece familiar?

Ela olhou a foto por vários segundos, leu o nome do passageiro e sorriu.

- Certamente há uma semelhança, mas o único problema é que este sr. Jonathan Ford é branco.

Pitt mexeu os ombros.

- Eu sei. Bem, voltemos ao trabalho.

Às quatro horas da tarde os alto-falantes começaram a tocar a canção "By the Sea, By the Beautiful Sea". Era sinal de que o barco estava prestes a submergir. Todos os passageiros correram para as cadeiras de frente das vigias. Não se notou nenhuma vibração ou diminuição da velocidade quando o barco começou a descer. O mar parecia subir enquanto o barco descia numa torrente de bolhas que rapidamente sumiram, e o céu claro e o sol se transformaram num líquido azul-escuro e vazio.

Os motores magnético-hidrodinâmicos funcionavam silenciosamente, sem vibração. Exceto pela água que passava do lado de fora das vigias, os passageiros não tinham sensação de movimento. Os regeneradores de ar retiravam o dióxido de carbono e refrescavam o ar que todos respiravam.

Embora no início houvesse pouca coisa para ver, todos continuavam absorvidos vendo um mundo diferente abaixo do mundo a que estavam acostumados. Logo os peixes começaram a aparecer, demonstrando pouco interesse pelo grande barco quando invadia seus domínios. Peixes tropicais brilhantemente coloridos e fluorescentes em tons de púrpura, amarelo e vermelho apareciam nas vigias. Os habitantes do mundo de água salgada eram muito mais deslumbrantes do que seus primos de rios e lagos. Logo desapareceram acima do submarino quando este continuou sua descida.

Um cardume de barracudas, os corpos longos e esguios emitindo luz como se fossem cobertos de lantejoulas coloridas, nadava displicentemente ao longo do barco, os olhos negros procurando uma refeição, as mandíbulas inferiores projetadas. Nadavam sem nenhum esforço, e com um peso de umas duas toneladas. Então, num piscar de olhos, dispararam e sumiram de vista.

Os passageiros de bombordo foram atraídos pela visão de um enorme peixe ovalado, chamado Mola Mola. Havia uma faixa branco-amarelada brilhante no seu corpo de uns 3 metros de diâmetro, e com um peso de umas duas toneladas. Um peixe estranho de ver, com grandes barbatanas dorsais e anais. Parecia que ele tinha se esquecido de crescer no comprimento. Gigante das profundezas, o peixe logo ficou para trás do barco.

Biólogos marinhos a bordo explicaram para os passageiros as características, o comportamento e os padrões de migração do peixe. O Mola Mola foi seguido por uma dupla de pequenos tubarões-martelo, com não mais do que 3 metros de comprimento. Os passageiros ficaram maravilhados de ver como um peixe pode se desenvolver como se tivesse uma chapa metálica atravessada na frente da cabeça, e com os olhos dependurados nas extremidades. Os tubarões eram curiosos e nadavam na frente das vigias, fitando com um olho só as criaturas do

lado de dentro. Como o outro peixe, eles logo se cansaram do imenso invasor, movimentaram as caudas e dispararam seus corpos para dentro da escuridão.

Painéis digitais que indicavam a profundidade do submarino estavam em cada lado das vigias. O primeiro-oficial Conrad anunciou pelo sistema de alto-falantes que estavam a 200 metros de profundidade e se aproximando do fundo. A um só tempo, os passageiros nas vigias se inclinaram procurando ver o fundo se materializar abaixo do barco, um panorama que outrora tinha tido corais antes de os oceanos se elevarem, e agora estava coberto de conchas velhas, areia misturada com detritos e lavas rochosas incrustadas de vida marinha. Como as cores vivas se perdiam nas profundezas, bem como os vermelhos e os amarelos, o fundo do mar tinha uma coloração marrom-esverdeada. O solo nu era guarnecido por uma miríade de peixes que habitavam o fundo. Os passageiros olhavam maravilhados este estranho mundo, com uma visibilidade de mais de 50 metros.

No domo que servia como ponte de comando e sala de controles, o capitão Baldwin cuidadosamente guiava o *Golden Marlin* menos de 20 metros acima do fundo do mar, atento para qualquer alteração no terreno. Radar e sonar registravam o solo 1 quilômetro adiante e dos lados, dando ao operador tempo suficiente para alterar o curso e subir caso surgisse alguma rocha saliente. O curso para os dez dias seguintes tinha sido projetado com extremo cuidado.

Uma empresa oceanográfica tinha sido contratada para estudar o fundo do mar através das ilhas do canal, levantando as profundidades para a viagem. O submarino seguia agora as indicações com o auxílio dos computadores de bordo. O fundo do mar se inclinou repentinamente quando o barco ficou sobre uma fenda que descia a 1 quilômetro de profundidade, mais de 600 metros além dos limites máximos estabelecidos pelos desenhistas do barco para o seu casco. Baldwin passou o leme para um oficial e virou-se quando o radioperador se aproximou e passou-lhe uma mensagem. Ele a leu, e seu rosto ficou com uma expressão de dúvida.

- Encontre o sr. Pitt e peça-lhe para vir à ponte de comando - ele disse ao tripulante, que olhava interessado a visão fora do barco.

Pitt e Kelly não tinham tido tempo de desfrutar da viagem. Estavam ainda na sala do tesoureiro, examinando os dados pessoais dos tripulantes. Quando foi informado de que o capitão desejava vê-lo, Pitt deixou Kelly e foi até a ponte de comando. Tão logo entrou pela porta, Baldwin entregou-lhe a mensagem.

- O que você acha disto? - ele perguntou.

Pitt leu a mensagem em voz alta. "Informo que os corpos dos mergulhadores contratados para inspecionar o fundo do seu barco foram encontrados amarrados nos pilares das docas sob o canal. Investigações iniciais mostram que foram mortos por pessoa ou pessoas não identificadas, com punhaladas pelas costas, com a lâmina da faca atingindo o coração. Aguardo resposta."

A nota era assinada pelo tenente-detetive Del Carter, do Departamento de Polícia de Fort Lauderdale.

Pitt imediatamente se sentiu culpado, sabendo que tinha sido ele quem, sem querer, havia feito com que Franke Caroline Martin encontrassem a morte.

- Qual é a sua profundidade? - ele perguntou ríspidamente.

- Profundidade - repetiu um atônito Baldwin. - Passamos a Plataforma Continental e agora estamos em águas profundas. - Ele apontou para um marcador de profundidade disposto sobre as janelas. - Veja você mesmo. O fundo está a 800 metros abaixo da quilha.

- Volte imediatamente! - ordenou Pitt. - Volte para águas rasas antes que seja

tarde demais.

O rosto de Baldwin endureceu.

- O que você está dizendo?

- Os mergulhadores foram assassinados porque encontraram explosivos presos ao casco do barco. Eu não estou pedindo, capitão. Pela vida de todos a bordo deste navio, vire e volte para águas rasas antes que seja tarde demais.

- E se eu não virar? - Baldwin retrucou desafiadoramente.

Os olhos verdes de Pitt ficaram frios como o Ártico e fitaram Baldwin como se fossem furadores de gelo. Quando falou, foi como se o próprio diabo estivesse falando.

- Então, em nome da humanidade, juro que vou matá-lo e tomar o comando deste navio.

Baldwin recuou, como se tivesse sido atingido por uma lança. Vagarosamente, muito vagarosamente, ele recuperou-se e seus lábios esbranquiçados abriram-se num sorriso contido. Virou-se e olhou para o timoneiro, de pé, surpreso, os olhos abertos como se fossem calotas de rodas de automóvel.

- Reverta o curso e volte a toda velocidade. Isto o satisfaz, sr. Pitt?

- Sugiro que você toque o sinal de alarme e mande os passageiros para as estações dos veículos auxiliares de evacuação.

Baldwin concordou com a cabeça.

- Tudo bem. - Depois virou-se para o primeiro-oficial Conrad e ordenou. - Esvazie os tanques de lastro. Podemos dobrar a nossa velocidade quando chegarmos à superfície.

- Reze para chegarmos a tempo - Pitt disse, a tensão diminuindo um pouco - ou poderemos escolher entre morrer afogados ou asfixiados enquanto vemos os peixes passarem.

Kelly estava sentada na sala do tesoureiro, examinando as fichas do pessoal da tripulação, quando sentiu uma presença. Olhou para cima e viu um homem que tinha entrado na sala sem fazer um ruído. Estava vestido de camisa pólo e bermuda. Havia um mau presságio no seu sorriso. Ela imediatamente o reconheceu como o passageiro sobre o qual ela e Pitt tinham feito comentários, um pouco antes. Enquanto ele estava lá, de pé, sem falar, Kelly observou seu rosto e um sentimento de horror começou a tomar conta dela.

- Seu nome é Jonathan Ford.

- Você me conhece?

- Não, não... na verdade não - ela disse devagar, nervosa.

- Você deveria. Encontramo-nos rapidamente no ***Emerald Dolphin***.

Kelly ficou confusa. Havia uma leve semelhança com o oficial negro que tentou matá-la e a seu pai no navio, mas o homem de pé à sua frente era branco. - Não pode ser...

- Ah, pode sim. - O sorriso ampliou-se. - Vejo que você está confusa. - Fez uma pausa e pegou um lenço no bolso da calça. Dobrou uma ponta, molhou rapidamente na língua e esfregou as costas da mão esquerda. A maquiagem branca saiu, deixando ver uma pele marrom-escura.

Kelly levantou-se e tentou correr até a porta, mas o homem a agarrou pelo braço e a prensou contra a parede. - Meu nome é Omo Kanai. Minhas ordens são para levar você comigo.

- Levar para onde? - ela sussurrou aterrorizada, desejando por todos os santos que Pitt e Giordino entrassem porta adentro.

- Para casa, claro.

A resposta não fez nenhum sentido para Kelly. Ela sentiu apenas a maldade em

seus olhos quando ele colocou um pano com um líquido de cheiro estranho contra o seu rosto. Depois um poço escuro abriu-se debaixo de seus pés e ela caiu nele.



ERA UMA CORRIDA CONTRA A MORTE AGORA. Que os explosivos tinham sido colocados debaixo do casco era uma certeza na mente de Pitt. Os Martins descobriram, mas foram mortos antes que pudessem alertar o capitão Baldwin. Pitt chamou Giordino pelo rádio portátil.

- Você pode cancelar a busca e chamar os inspetores. Os explosivos não estão dentro do navio.

Giordino confirmou o recebimento da mensagem e correu para a ponte de comando.

- O que é que você sabe que eu não sei? - perguntou, enquanto entrava pela porta acompanhado de Rand O'Malley.

- Acabamos de saber que os mergulhadores foram mortos.

- Isso junta as pontas - Giordino murmurou, com raiva.

- Os mergulhadores que estavam inspecionando o fundo do casco? - perguntou O'Malley.

Pitt confirmou com a cabeça.

- Está começando a parecer que os explosivos foram instalados para detonar quando estivéssemos mais fundo.

- É onde estamos agora - disse Giordino devagar, olhando preocupado para o marcador de profundidade.

Pitt virou-se para Baldwin, que estava de pé junto ao painel de controle, ao lado do timoneiro.

- Quanto tempo ainda para chegarmos a águas mais rasas? - ele perguntou.

- Mais 20 minutos e vamos chegar à beira da Fenda e atingir a Plataforma Continental - respondeu Baldwin, com o rosto começando a demonstrar sinais de preocupação, agora que ele estava convencido de que seu barco estava em perigo. - Em mais dez minutos vamos chegar à superfície, o que vai nos permitir aumentar nossa velocidade em 50% e atingir águas rasas.

De repente, o timoneiro que estava junto ao painel principal de controle gritou:

- Capitão, alguma coisa aconteceu com os veículos auxiliares de evacuação.

Baldwin e O'Malley se adiantaram e olharam o painel em estado de choque. Todas as 16 luzes representando os veículos auxiliares estavam vermelhas, exceto uma, que ainda estava verde.

- Eles foram ativados - disse Baldwin.

- E antes que os passageiros pudessem entrar a bordo - acrescentou O'Malley com voz preocupada. - Agora não vamos conseguir tirar os passageiros e a tripulação deste submarino.

A antevisão de uma explosão no casco, a água inundando o barco e o arrastando para o abismo com 700 passageiros e tripulantes era horrível de contemplar, mas ao mesmo tempo muito real para ser ignorada.

Pitt sabia que quem quer que fosse que tivesse acionado os veículos de evacuação tinha muito provavelmente abandonado o barco num deles, o que significava que os explosivos poderiam detonar a qualquer momento. Ele foi até a tela de radar que ficava ao lado da tela do sonar. A Plataforma Continental estava subindo, mas muito devagar. Havia ainda cerca de 300 metros de água abaixo deles. O casco do *Golden Marlin* tinha sido construído para agüentar a pressão naquela profundidade, mas qualquer esperança de salvamento era quase impossível. Todos os olhos fitavam o marcador de profundidade, todas as mentes contavam os segundos.

O fundo do mar subia com uma lentidão angustiante. Mais 30 metros e o barco chegaria à superfície. Um suspiro coletivo de alívio percorreu a ponte de controle quando o *Golden Marlin* atingiu a Plataforma Continental, e o fundo do mar ficou a 200 metros do casco. A água do lado de fora das janelas estava ficando mais clara agora, e o ondear do mar podia ser visto refletindo os raios do sol.

- Profundidade debaixo do casco atingindo 170 metros, e diminuindo - comunicou Conrad.

As palavras mal tinham deixado sua boca quando o barco foi sacudido com violência. Não houve tempo para reagir, e todos perceberam que a inevitável tragédia tinha ocorrido. O barco estremeceu, completamente fora de controle. Os motores supermodernos e avançados pararam, e a água começou a jorrar para dentro do barco através de dois buracos provocados pelos explosivos.

O *Golden Marlin* jazia sem reação, à deriva na leve corrente, mas afundando centímetro por centímetro, inexoravelmente, em direção ao fundo do mar. Toneladas de água entravam no casco, por lugares ainda não identificados pelos homens na ponte de controle. E, no entanto, a superfície do mar estava tão visível que parecia poder ser atingida por um esticar de braço.

Baldwin não tinha ilusões. Seu barco estava afundando.

- Chame a casa de máquinas e peça ao chefe para verificar o dano - ele disse em voz rápida para o segundo-oficial.

A resposta veio quase imediatamente.

- O engenheiro-chefe informa que a água está penetrando na casa de máquinas. O compartimento de bagagem também está sendo inundado, mas o casco ainda está intacto. As bombas de recalque estão funcionando a todo vapor. Ele informa que os tanques de lastro também foram atingidos pela movimentação da água provocada pela explosão, e estão sendo inundados pela água que entra pelos tubos de exaustão. Os tripulantes estão lutando para interromper a entrada da água, mas acham que vão ter que abandonar a casa de máquinas. Lamento, senhor, mas o chefe diz que não tem mais condições de manter a capacidade de flutuação do barco.

- Meu Deus - murmurou um jovem oficial que estava perto do painel de controle. - Nós vamos afundar.

Baldwin rapidamente recuperou o auto-controle.

- Diga ao chefe das máquinas para fechar todas as portas herméticas e manter as máquinas funcionando o que ele puder. - Depois olhou para Pitt, que estava silencioso, com o rosto sem expressão. - Então, sr. Pitt, acho que agora é a hora

de o senhor me dizer "eu não disse"?

O rosto de Pitt continuou impassível, pensativo, analisando todas as possibilidades e contingências, tudo o que pudesse ser feito para salvar o barco e seus passageiros. Giordino tinha visto este rosto muitas vezes no passado. Pitt balançou a cabeça vagarosamente.

- Não tenho nenhum prazer em estar certo.

- Fundo aparecendo e chegando. - Os olhos do primeiro-oficial Conrad nunca tinham se deslocado das telas do radar e do sonar. Mal ele tinha acabado de falar e o fundo do casco do **Golden Marlin** bateu no fundo do mar, com um rangido alto, até se acomodar no fundo lodoso e levantar uma nuvem marrom-escura que obscureceu a visão externa em todas as janelas.

Não foi preciso que esses fatos fossem filmados para os passageiros perceberem que alguma coisa trágica estava se desenrolando. Enquanto os conveses continuavam sem inundação e nenhum dos tripulantes demonstrava medo - como esta era a primeira viagem deles em um submarino, nenhum tinha uma idéia real do perigo que corria - ninguém ficou em pânico. O capitão Baldwin, pelo sistema de som, assegurou a todos que embora os motores do **Golden Marlin** não estivessem funcionando momentaneamente, a situação logo voltaria ao normal. Mas a história não convenceu a todos, especialmente aos passageiros e tripulantes que perceberam que as câmaras de evacuação estavam vazias. Alguns andavam de um lado para outro, confusos. Alguns continuaram nas janelas, olhando para os peixes que tinham reaparecido depois que a nuvem de lodo baixara. Outros foram para o salão de estar e pediram drinques, que agora eram por conta da casa.

O capitão Baldwin e seus oficiais começaram a examinar os procedimentos de emergência, constantes de manuais de funcionamento escritos por pessoas que não tinham a menor idéia sobre o que era um submarino de cruzeiro à deriva no fundo do mar e com 700 pessoas a bordo. Enquanto o casco era examinado para verificar se ele ainda estava estanque e se as portas herméticas das várias divisões internas do barco ainda funcionavam, os engenheiros da tripulação colocaram as bombas de recalque em operação, na expectativa de que elas pudessem jogar para fora a água que estava entrando. Felizmente, todos os equipamentos, com exceção dos motores, pareciam não ter sido afetados pela explosão.

Baldwin sentou-se na sala de comunicações, atarantado. Com grande esforço estabeleceu uma comunicação com Lasch, nos escritórios da companhia, com a Guarda Costeira e com qualquer navio que estivesse num raio de 30 quilômetros, nesta ordem. Ele emitiu um pedido de socorro e deu a posição do **Golden Marlin**. Feito isso, sentou-se novamente, com a cabeça entre as mãos. No início pensou em sua longa carreira no mar, que poderia estar terminando. Depois, percebeu que sua carreira não tinha a menor importância, naquelas circunstâncias. Seu primeiro dever era para com os passageiros e a tripulação.

- Dane-se a carreira - ele sussurrou.

Levantou-se e saiu da ponte de comando, primeiro para a casa de máquinas, para ter um relatório completo. Depois, andou por todo o barco assegurando aos passageiros que não havia perigo imediato. Contou uma história de dificuldades com os tanques de lastro e acrescentou que o problema já estava sendo reparado. Juntos, Pitt, Giordino e O'Malley foram até o convés onde ficavam os veículos auxiliares de evacuação. O'Malley começou abrindo os painéis de inspeção e verificando as ligações. Havia alguma coisa estranhamente tranquilizadora naquele irlandês. Ele conhecia seu trabalho, e conhecia muito bem. Nenhum

gesto supérfluo. Menos de cinco minutos depois de ter começado sua verificação, ele afastou-se dos painéis, sentou-se e suspirou.

- Quem quer que tenha ativado os veículos sabia o que estava fazendo. Ele ignorou os circuitos ligados à ponte de comando e usou os controles manuais de emergência. Felizmente um dos veículos não foi ativado, e não partiu.

- Se isso serve de consolo - resmungou Giordino.

Pitt balançou a cabeça desanimado.

- Eles sempre estiveram dois passos à nossa frente, desde o início. Eles merecem um cumprimento pelo planejamento.

- Quem são eles? - perguntou O'Malley.

- Homens que matarão crianças tão facilmente quanto você e eu matamos moscas.

- Não faz sentido.

- Para pessoas sãs, não.

- Nós ainda temos um veículo onde colocar as crianças - disse Giordino.

- É prerrogativa do capitão dar a ordem - disse Pitt fitando o veículo remanescente. - A questão é quantos vamos colocar aí.

Uma hora depois um cúter da Guarda Costeira chegou à área, contornou a bóia cor de laranja liberada pelo **Golden Marlin** com uma linha telefônica instalada e estabeleceu comunicação com o submarino. Só então Baldwin deu a ordem para reunir os passageiros no salão, para que ele explicasse a situação. Concentrou-se em minimizar o perigo, esclarecendo que era do regulamento da companhia mandar os mais jovens para a superfície, em caso de uma emergência. Nada do que disse foi convincente. Perguntas foram feitas, houve discussões, mas foi o máximo que o capitão conseguiu na tentativa de diminuir a angústia e o medo.

Antes que o veículo auxiliar recebesse os passageiros, Pitt e O'Malley sentaram-se diante do computador na sala do tesoureiro e estimaram o número de pessoas que ele poderia carregar, acima do limite de segurança informado pelo construtor, e ainda flutuar até a superfície.

Enquanto estavam absorvidos no trabalho, Giordino saiu da sala e foi procurar Kelly.

- Quantas crianças temos a bordo? - perguntou O'Malley.

Baseando-se na lista de passageiros do tesoureiro, Pitt estimou o número.

- Cinquenta e quatro têm menos de 18 anos.

- Os veículos auxiliares são construídos para carregar 50 pessoas com um peso médio de 72 quilos e um peso máximo total de 3.600 quilos. Um quilo a mais e eles não flutuam até a superfície.

- As crianças devem pesar uns 36 quilos, ou menos.

- Então elas vão somar 1.900 quilos, o que ainda dá para acomodar algumas das mães - disse O'Malley, sentindo-se desconfortável falando de quais vidas deveriam ser salvas.

- Supondo um peso médio de 63 quilos, há espaço para aproximadamente 29 mães.

O'Malley assinalou os nomes das famílias e seus filhos.

- Há 27 mães a bordo - ele disse, como uma sugestão otimista. - Graças a Deus podemos mandá-las para cima com seus filhos.

- Temos que ignorar a nova tradição de manter as famílias unidas - disse Pitt. - Os homens pesam muito mais.

- Concordo.

- Ainda temos espaço para uma ou duas pessoas.

- Mas não dá para pedir aos outros 617 passageiros e tripulantes que tirem a sorte

numa rifa.

- Não - disse Pitt. - Temos que mandar alguém, um de nós, que possa fazer um relatório detalhado da situação aqui embaixo para evitar mal-entendidos de comunicação através do telefone submarino.

- Eu sou mais importante aqui - O'Malley disse com firmeza.

Neste momento Giordino apareceu de volta. A expressão de seu rosto não era de prazer.

- Kelly desapareceu - ele disse, secamente. - Procurei por todos os lugares, mas não vi nenhum traço dela.

- Maldito - Pitt murmurou. Ele não questionou Giordino, não duvidou por um momento que Kelly tivesse realmente desaparecido. Puro instinto dizia que aquilo era verdade. Então, a foto de um passageiro apareceu em sua mente. Ele abriu no computador a lista de passageiros e digitou o nome Jonathan Ford.

A foto de Ford, tirada quando ele punha os pés no convés, encheu o monitor. Em seguida, Pitt clicou em "impressora" e esperou até que uma foto colorida fosse impressa. O'Malley e Giordino ficaram em silêncio enquanto ele estudava o rosto, comparando-o mentalmente com o piloto do Fokker vermelho que ele encontrara no show aéreo, antes da luta que os dois travaram no ar. Pitt levou a imagem para uma mesa, pegou um lápis e começou a fazer uma sombra no rosto do homem. Quando terminou, foi como se alguém o tivesse atingido com um soco no estômago.

- Ele estava aqui, a bordo, e eu não percebi.

Sem entender, O'Malley perguntou:

- De quem você está falando?

- Do homem que quase me matou, num avião cheio de crianças, em Nova York, e o responsável por estarmos aqui, indefesos, no fundo do mar, olhando para as plataformas vazias de lançamento dos veículos auxiliares. Acho que ele escapou em um deles e levou Kelly.

Giordino colocou a mão nos ombros de Pitt. Ele sabia o quanto Pitt estava aborrecido, por entender que tinha falhado, e o quanto isso o mortificava.

Pitt anotou mentalmente o número da cabine de Ford e correu para o corredor, seguido por Giordino e O'Malley. Ele não se preocupou em pedir a chave ao camareiro. Afastou-se, ergueu um pé e atingiu a porta com violência, abrindo-a ao primeiro golpe. O camareiro tinha arrumado o quarto, mas não havia nenhum sinal de bagagem. Pitt escancarou as gavetas. Estavam vazias. Giordino abriu o armário e viu um objeto branco na prateleira de cima. Esticou-se e pegou um grosso rolo de papéis, que abriu sobre a cama.

- Cópias heliográficas das plantas do barco - observou O'Malley. - Onde ele as conseguiu?

Um arrepio percorreu o corpo de Pitt quando ele percebeu que aprisionar Kelly era mais uma das missões de Ford.

- Ele é apoiado por uma soberba operação de inteligência. Com isso pôde familiarizar-se com todos os sistemas, com todos os equipamentos, com todos os conveses, com o casco e as estruturas, tudo nos mínimos detalhes.

- Isso explica como ele sabia onde colocar os explosivos e acionar manualmente as plataformas de lançamento dos veículos auxiliares - disse O'Malley.

- Não há nada mais que possamos fazer aqui a não ser notificar a Guarda Costeira na superfície para buscar um pequeno barco que esteja flutuando nesta área, e pegar este sujeito e Kelly.

Aceitando a fuga de Ford e o seqüestro de Kelly como horríveis realidades, Pitt sentiu-se como se estivesse numa situação completamente grotesca e fútil. Ele

não tinha como resgatar Kelly. Então, infeliz, deixou o corpo cair numa cadeira. Mais uma vez sentiu um calafrio desconfortável, e dessa vez não era por causa de Kelly. Todos os veículos auxiliares de salvamento tinham sido lançados, e não podiam voltar e ser carregados novamente. Pitt percebeu que havia muito pouca possibilidade de salvar as mais de 600 pessoas a bordo do submarino naufragado. Ficou sentado, cansado e infeliz, por uns momentos. Depois olhou para o rosto silencioso de O'Malley e disse, baixo:

- Você conhece cada canto do barco. - Disse isso com uma afirmação, mais do que como uma pergunta.

O'Malley hesitou, sem saber aonde Pitt queria chegar.

- Sim, eu conheço tão bem quanto qualquer outro.

- Há um outro sistema de evacuação, além das plataformas e dos veículos auxiliares?

- Não entendo bem o que você quer dizer.

- O construtor instalou um sistema de *backup* para a retirada de passageiros de dentro do barco?

- Você quer dizer uma escotilha especial no topo do casco?

- Exatamente.

- Há uma, sim, mas não há como resgatar todos os 600 de nós antes que o ar termine.

- Como assim? - perguntou Giordino. - Neste exato momento operações de resgate estão sendo preparadas.

- Você não sabe?

- Se você disser vamos ficar sabendo - disse Pitt, com aspereza.

- O *Golden Marlin* não foi construído para ficar submerso mais do que quatro dias antes de voltar à superfície. Depois disso, o ar rapidamente fica irrespirável.

- Pensei que os regeneradores de ar mantivessem o ar interno puro indefinidamente - Giordino disse com surpresa.

O'Malley balançou a cabeça.

- Eles são muito eficientes e fazem um trabalho de primeira, mas depois de um tempo o dióxido de carbono expelido por 700 pessoas fechadas fica excessivo para os depuradores e os filtros. Aí a regeneração vai diminuindo. - Ele fez um gesto de impaciência. - Toda esta especulação vai ficar sem sentido se a mundação atingir os geradores e ficarmos sem energia. Nessa hora o sistema de regeneração vai parar de funcionar.

- Quatro dias, se tivermos sorte - Pitt disse devagar. - Três e meio, para ser exato, porque já estamos aqui embaixo há quase 12 horas.

- A Marinha tem um navio submarino de resgate capaz de fazer o trabalho - disse Giordino.

- É, mas mobilizar o navio, transportá-lo e à equipe de resgate, e preparar-se, vai levar quatro dias, no mínimo. - O'Malley disse devagar, mas com firmeza. -

Quando eles descerem e se ligarem à câmara de escape vai ser muito tarde para salvar mais do que alguns de nós.

Pitt virou-se para Giordino.

- Al, você precisa ir lá para cima com as crianças e as mães.

Durante uns cinco segundos, que pareceram uma eternidade, Giordino ficou parado, imóvel. Depois que se recuperou do choque, disse com indignação:

- O filho da senhora Giordino não é um covarde. Não vou abandonar o barco me escondendo atrás de mulheres.

- Acredite, meu velho amigo - disse Pitt mostrando aborrecimento. - Você pode ser muito mais útil no salvamento de muitas pessoas trabalhando comigo lá da

superfície.

Giordino começou a dizer "por que não vai você", mas pensou um pouco mais e aceitou a afirmação de Pitt como correta.

- Está bem, depois que chegar à superfície o que eu faço?

- É essencial que tenhamos um cabo capaz de nos fornecer ar puro.

- É onde eu vou arranjar uma mangueira de 200 metros, uma bomba de ar capaz de injetar suficiente ar puro para manter 617 pessoas vivas até o resgate e descobrir uma maneira de ligá-la ao barco?

Pitt fitou o velho amigo de quase 40 anos e sorriu.

- Se eu o conheço bem, você vai pensar em alguma coisa.

QUATRO NAVIOS CHEGARAM AO LUGAR em que o *Golden Marlin* estava cinco horas depois que ele naufragou. O cúter *Joseph Ryan*, da Guarda Costeira; o petroleiro *King Zeus*; o rebocador da Marinha *Orion*, e o navio de cabotagem *Compass Rose*. Foram logo seguidos de uma frota de veleiros e iates vindos de Miami e Fort Lauderdale, muito mais curiosos do que na verdade querendo prestar alguma ajuda. O almirante Sandecker mandou um navio de resgate, que estava em Savannah, mas ele só deveria chegar dentro de mais umas 12 horas. O navio submarino de resgate da Marinha, o *Mercury*, sua equipe e outro navio igual, o *Alfred Aultman*, estavam se dirigindo rapidamente para a área vindos de Porto Rico, onde estavam fazendo um treinamento. Mensagens do capitão Baldwin eram transmitidas a cada instante pela Guarda Costeira ao capitão do *Aultman*, relatando todas as condições a bordo do *Golden Marlin*.

Lá embaixo, no barco naufragado, as crianças e suas mães foram colocadas no veículo auxiliar de evacuação depois que O'Malley consertou o mecanismo de lançamento. Houve despedidas cheias de lágrimas dos pais e, em alguns casos, dos parentes mais velhos. Algumas crianças entraram com muito custo, chorando alto. Acalmá-las era muito difícil, se não impossível.

Giordino tentou fazer com que as crianças parassem de chorar, e sentia-se mal sendo o único homem a bordo, e o único a abandonar o barco.

- Estou me sentindo como o sujeito que foi para um barco salva-vidas do *Titanic* usando roupa de mulher.

Pitt colocou a mão em seu ombro.

- Você vai ser mais fundamental para a operação de resgate estando na superfície.

- Acho que nunca vou conseguir esquecer isto - suspirou Giordino. - É melhor que você se safe desta, tá me ouvindo? Se tudo der errado e você não conseguir...

- Eu vou conseguir - Pitt assegurou -, mas só se você liderar o resgate.

Eles apertaram-se as mãos mais uma vez, enquanto Pitt o conduziu carinhosamente ao único lugar vago. E teve que fazer força para não rir quando uma mãe colocou uma criança nos braços de Giordino. O pequeno e durão italiano se sentia como se estivesse sentado em vidro quebrado. Pitt não se lembrava de tê-lo visto com um aspecto tão triste quando a porta do minissubmarino se fechou e o sistema de lançamento foi ativado. Sessenta



segundos depois, houve um ruído de água deslizando rapidamente e o veículo estava rumando para a superfície, flutuando muito devagar, pois estava carregado até quase o limite.

- Agora tudo o que podemos fazer é esperar - disse O'Malley, de pé atrás de Pitt.

- Não, vamos nos preparar.

- Por onde começamos?

- Com a câmara estanque de saída.

- O que você quer saber?

- A escotilha é compatível com a do navio submarino de resgate da Marinha?

O'Malley concordou com a cabeça.

- Sei que ela foi construída dentro das especificações da Marinha, para se encaixar no navio de resgate ou nas câmaras estanques num caso de emergência como este.

Pitt já estava na porta.

- Mostre o caminho. Quero verificar eu mesmo.

O'Malley levou-o pelo elevador até o convés superior onde ficava o salão de jantar, depois pela cozinha, onde os cozinheiros preparavam o jantar, como se a viagem não tivesse sido interrompida. A cena parecia terrivelmente irreal, consideradas as circunstâncias. Pitt continuou seguindo o engenheiro por uma escada estreita até uma pequena câmara, com bancos encostados nas paredes de sustentação. No centro havia degraus levando a uma plataforma. Acima da plataforma havia uma escada que desaparecia dentro de um túnel que subia até uma escotilha com pouco menos de 1 metro de diâmetro. O'Malley subiu o túnel pela escada e examinou a escotilha. Pareceu a Pitt que o exame levou mais tempo que o razoável. Finalmente o engenheiro desceu o túnel e sentou-se, desanimado, na plataforma.

Ele olhou para cima, para Pitt, e disse:

- Seu amigo era muito meticulado.

- O que você quer dizer?

- O encaixe está amassado, e solidamente preso à escotilha. Vai ser preciso uma carga de 5 quilos de explosivo para liberar.

Os olhos de Pitt subiram pelo túnel e fitaram a escotilha recurvada e torta, com uma crescente nuvem de horror.

- Então não há como sair para o navio de resgate.

- Não por aqui - comentou O'Malley, sabendo que toda a esperança de salvar 617 pessoas desaparecera. Ele fitou o chão e repetiu: - Não por aqui, não por lugar nenhum.

Pitt e O'Malley levaram a péssima notícia para o capitão Baldwin na ponte de comando. Ele ouviu e ficou impassível.

- Vocês têm certeza? A escotilha de escape não pode ser aberta à força?

- Um maçarico talvez a corte e abra - disse Pitt mas neste caso não teremos como fechá-la de novo e impedir a entrada da água. Nesta profundidade devemos estar sujeitos a uma pressão de umas 17 atmosferas. Estimando uma atmosfera para cada 11 metros, a pressão da água sobre o casco é de uns 112 quilos por polegada quadrada. Não há como os passageiros conseguirem vencer a torrente e entrar no veículo auxiliar de salvamento.

O rosto de Baldwin adquiriu uma expressão de profunda angústia. Homem de poucas emoções, ele se recusava a acreditar que ele e todos a bordo do **Golden Marlin** estavam prestes a morrer. - Não há nenhuma esperança de resgate?

- Sempre há esperança - afirmou Pitt meio brincando -, mas não pelos métodos convencionais.

Os ombros de Baldwin se curvaram em desânimo enquanto ele fitava o convés. - Então tudo o que podemos fazer é sobreviver o mais que pudermos.

O primeiro-oficial Conrad passou o telefone para Pitt.

- O sr. Giordino está chamando da superfície.

Pitt colocou o fone no ouvido.

Al?

- Estou aqui no cúter da Guarda Costeira - a voz familiar ecoou.

- Como foi a subida até a superfície?

- Não estou acostumado com um exército de crianças fazendo berreiro. Meus tímpanos estão reclamando.

- Foi tudo bem? - Pitt perguntou.

- Todas as mães e as crianças estão sãs e salvas. Foram levadas a bordo de um barco de cabotagem que tinha mais meios para recebê-las do que o cúter. Já estão a caminho do porto mais próximo. Fique sabendo que as mulheres não gostaram nada de deixar os maridos para trás. Estou com o rosto ardendo de tantos olhares furiosos.

- Alguma informação sobre quando o navio de resgate submarino da Marinha vai chegar?

- O que falam por aqui é algo como 36 horas - disse Giordino. - Como estão as coisas aí por baixo?

- Nada bem. Nosso amigo Kanai esteve a bordo e amassou a escotilha de resgate antes de sair, de modo que ela não abre.

Giordino não disse nada por uns instantes. Depois perguntou:

- O amassado é sério?

- O serviço foi bem-feito. O'Malley diz que não há como forçar a escotilha e abri-la sem inundar o submarino.

Giordino não conseguia acreditar que tudo estava perdido para os que ainda estavam no **Golden Marlin**.

- Você tem certeza?

- Absoluta.

- Não vamos jogar a toalha ainda. Vou chamar Yaeger e pedir-lhe que ponha Max estudando o problema. Tem que haver uma maneira de tirar vocês daí.

Pitt podia sentir a emoção ir tomando conta de Giordino. Achou que o melhor era deixá-lo descansar um pouco.

- Mantenha contato, mas não ligue a cobrar - disse, meio sem graça.

A tripulação e os passageiros a bordo do submarino imobilizado não tinham a menor idéia do furacão que estava se formando sobre suas cabeças. Depois de inundar os jornais e as redes de televisão com uma semana de histórias sobre a tragédia do **Emerald Dolphin**, ele estava voltando como uma onda de 5 metros para cobrir o naufrágio do **Golden Marlin** e a corrida contra o tempo para salvar os que estavam presos no submarino. Celebidades e políticos também faziam sua média.

Barcos lotados de câmeras e cinegrafistas apareciam como por mágica, ao lado de uma horda de repórteres a bordo de pequenos aviões e helicópteros. Menos de dois dias depois de o submarino de cruzeiro ter escorregado para o fundo do mar, uma flotilha de navios e barcos, somando quase cem, enxameava a área. Todos os que não levavam jornalistas credenciados eram, a seu devido tempo, afastados pelos navios da Guarda Costeira.

O incêndio a bordo do transatlântico de cruzeiro tinha ocorrido numa área remota do Oceano Pacífico. Mas esta história, não. O naufrágio aconteceu a apenas 40 quilômetros da costa da Flórida. Todos os ângulos eram superdimensionados. O

sensacionalismo fazia a comoção atingir níveis extremos enquanto as horas se passavam e o fim se aproximava para os que estavam lá no fundo, longe da superfície. No terceiro dia o circo instalado pela mídia estava pronto à espera do capítulo final.

Todos procuravam os mais engenhosos meios de fazer contato com alguém no barco naufragado. Alguns tentaram grampear a linha telefônica instalada na bóia, mas a Guarda Costeira não permitiu. Até tiros tiveram que ser disparados contra a presença dos barcos da mídia para mantê-los fora da área em que trabalhavam as equipes tentando freneticamente o salvamento das 617 pessoas.

As esposas e as crianças que tinham sido salvas pelo veículo auxiliar de resgate eram entrevistadas continuamente. Repórteres tentavam localizar Giordino, mas ele tinha ido para bordo do navio da NUMA e se recusava a dar qualquer entrevista. Giordino imediatamente passou a trabalhar com a tripulação no envio de um submarino de resgate chamado *Sea Scout*, que era irmão gêmeo do *Sea Sleuth*, com a missão de investigar o *Golden Marlin* a partir do exterior do casco. Depois que o *Sea Scout* chegou ao fundo e Giordino o guiou através do controle remoto apoiado em seu colo, o desespero foi crescendo enquanto ele examinava a escotilha de saída colocada no topo do casco. As imagens no monitor de vídeo apenas confirmaram o que Pitt já tinha dito. A escotilha estava irremediavelmente amassada e presa. Somente explosivos ou um maçarico de corte poderia soltá-la, mas permitindo que o mar entrasse em torrente antes que qualquer sobrevivente pudesse sair através dela. Abri-la e prendê-la, fazendo uma câmara estanque, era impossível. Não havia nenhuma outra saída para os que estavam dentro do casco.

Na manhã seguinte o barco de apoio naval trazendo o submarino de resgate da Marinha chegou. Giordino transferiu sua operação para o *Alfred Aultman*, cuja tripulação não perdeu tempo em preparar o veículo de resgate para sua descida até o submarino naufragado. O capitão do navio, subcomandante Mike Turner, saudou Giordino quando ele subiu a bordo.

- Bem-vindo ao *Aultman* - ele disse apertando a mão de Giordino. - A Marinha fica sempre feliz trabalhando com a NUMA.

A maior parte dos comandantes da Marinha age como se os navios fossem seus, e tivessem contribuído do próprio bolso para construí-los e equipá-los, e o vêem como um lugar especial para convidados selecionados. Turner recebeu Giordino com uma expressão simpática no rosto, e seu jeito refletia uma inteligência privilegiada. Seus olhos eram castanhos e os cabelos louros eram ralos.

- Preferiria que as circunstâncias fossem menos trágicas - retrucou Giordino.

- Infelizmente é assim - Turner admitiu, sério. - Um dos meus homens vai mostrar-lhe seus aposentos. Você gostaria de comer alguma coisa? O *Mercury* só deve estar pronto para partir daqui a uma hora.

- Gostaria que você permitisse que eu também fosse, se é que não vou ocupar espaço necessário.

Turner sorriu.

- Temos lugar para 20 pessoas. Você não vai nos incomodar.

- Nos incomodar? - Giordino falou interrogativamente, surpreso com o fato de que o capitão do navio não mandaria um subalterno. - Você também vai?

Turner concordou com a cabeça, e seu sorriso simpático desapareceu. - Não será a primeira vez que levarei o *Mercury* até um barco naufragado, e cheio de pessoas cuja única esperança de salvamento é o nosso barco de resgate.

Antes do lançamento, o *Mercury*, pintado de amarelo e com uma faixa diagonal vermelha cortando o casco, permanecia pronto, erguido por um guindaste sobre

o convés do **Falcon**, como uma interpretação artística moderna de uma imensa banana com todo tipo de estranhas saliências sobre a casca. O **Mercury** media pouco menos de 12 metros de comprimento por quase 3 metros de boca e deslocava 30 toneladas. Sua profundidade máxima de operação era de 420 metros, e sua velocidade, de pouco mais de 2,5 nós por hora.

O capitão Turner subiu uma escada até a escotilha principal, seguido pela tripulação. Apresentou seu subtenente, Mack McKirdy, um velho lobo-do-mar de cabelos grisalhos e com uma barba igual às usadas pelos marinheiros dos velhos e velozes veleiros. Ele respondeu à presença de Giordino com um rápido meneio de cabeça e uma piscadela de um olho azul.

- Soube que você é um homem acostumado com submersíveis - ele disse para Giordino.

- Passei um bom pedaço da minha vida neles.

- Dizem que você investigou os destroços do **Emerald Dolphin** a mais de 6.000 metros de profundidade.

- É, isso é verdade - admitiu Giordino. - Junto de meu grande amigo Dirk Pitt e de uma bióloga da NUMA, Misty Graham.

- Então este mergulho a apenas 200 metros vai ser um piquenique.

- Não enquanto não engatarmos na escotilha de resgate.

McKirdy observou a seriedade que os olhos de Giordino mostravam.

- Nós vamos colocar você exatamente em cima. - E depois, como que para animá-lo, disse: - Não se preocupe. Se alguém pode abrir uma escotilha emperrada somos eu e o **Mercury**. Estamos levando o equipamento necessário para o trabalho.

- Espero que sim - Giordino murmurou - Oh, como espero.

O **Mercury**, com o subtenente McKirdy no console de controle, alcançou o submarino naufragado em menos de 15 minutos. O subtenente guiou o veículo de salvamento ao longo do casco, que parecia um imenso animal morto. Todos os três homens sentiram uma sensação sinistra ao olharem pelas janelas e verem dentro do **Golden Marlin** outros rostos olhando de volta. Numa das janelas Giordino pensou ter visto Pitt acenando para ele, mas a visão foi rápida demais para ele ter certeza.

Eles gastaram três horas fazendo uma minuciosa inspeção do barco apoiado sobre o fiando do mar. As câmeras de bordo gravaram em videoteipe durante todo o tempo, e também foram feitas fotos a cada dois segundos.

- Interessante - comentou Turner em voz calma. - Inspeccionamos cada metro do casco e vimos muito poucas bolhas.

- Isso é muito incomum - McKirdy concordou. - Felizmente só tivemos que resgatar submarinos em duas ocasiões. O submarino alemão **Seign** e o russo **Tavda**. Os dois naufragaram depois de choques com navios. Em cada caso as bolhas de ar continuavam saindo pelas fissuras nos cascos muito tempo depois dos choques.

Giordino olhou para o submarino imóvel.

- A casa de máquinas e os compartimentos de bagagem foram os únicos inundados pela água. Devem estar completamente cheios, sem ar para liberar.

McKirdy guiou o submersível para mais perto das áreas danificadas pelas explosões de dentro para fora. Apontou, através da janela.

- Surpreendente como os buracos são pequenos.

- Mas o suficiente para afundar o submarino.

- Os tanques de lastro foram rompidos? - perguntou Turner.

- Não - respondeu Giordino. - Eles continuaram intactos. E mesmo depois que o

capitão Baldwin os esvaziou, o submarino continuou afundando, carregado pela torrente de água que penetrou pelos buracos no casco. As bombas de recalque não deram conta. O que salvou o barco foi o fechamento das portas herméticas, que manteve a inundação apenas nos compartimentos de carga e na casa de máquinas.

- Uma grande tragédia - disse Turner devagar, apontando os dois buracos no casco. - Meio metro menor o submarino teria conseguido chegar à superfície.

- Senhor, sugiro que examinemos a escotilha de salvamento, antes de irmos até o convés - disse McKirdy.

- Afirmativo. Coloque-nos sobre o submarino para ver se conseguimos colocar uma câmara estanque. Se tivermos sorte, poderemos voltar com uma equipe de trabalho e colocar mãos à obra.

McKirdy levou o submersível para cima do barco e parou bem em cima e ao lado da escotilha. Tanto ele quanto Turner examinaram os danos provocados pelos explosivos.

- Não parece nada bom - comentou McKirdy.

Turner não parecia muito animado.

- A flange de selagem em redor do fundo da escotilha está despedaçada. Não há como usarmos o ar dentro da câmara de resgate para fazer os reparos, porque o casco está danificado demais para permitir estanqueidade, o bombeamento da água e ainda possibilitar que uma equipe trabalhe com os maçaricos de corte.

- E mergulhadores? - perguntou Giordino. - Não é raro para eles trabalharem nesta profundidade.

- Eles teriam que trabalhar em turnos, 24 horas por dia, e vivendo numa câmara de descompressão. Precisaríamos de pelo menos quatro dias para instalar uma câmara e completar os reparos. Nesse tempo... - Sua voz parou de repente.

Todos olharam para a área danificada em redor da escotilha de salvamento durante vários segundos. Giordino começou a sentir-se muito cansado. Não tinha certeza se era por causa do ar viciado ou por um crescente sentimento de frustração. Ele era um engenheiro qualificado, e sabia que era impossível quebrar a escotilha sem inundar o barco e matar todos a bordo. Qualquer tentativa seria infrutífera. McKirdy fez o submersível pairar sobre a escotilha danificada mais um minuto.

- Teremos que descer uma câmara pressurizada até o casco, fazer uma câmara estanque e então cortar um buraco suficientemente largo para permitir que todos a bordo saiam e venham para o *Mercury*. - Turner descreveu o processo em termos tão simples que parecia um professor explicando uma lição.

- Quanto tempo isso vai demorar? - perguntou Giordino.

- Devemos acabar tudo em 48 horas.

- Muito tempo - cortou Giordino. - Eles não têm mais do que 30 horas de ar lá dentro. Você vai abrir uma passagem para um imenso túmulo.

- Você tem razão - Turner admitiu. - Mas de acordo com as plantas do submarino que recebemos de helicóptero, enviadas pelo construtor antes de deixarmos o porto, há uma conexão externa de ar para este tipo de emergência. Uma conexão para uma mangueira desde a superfície foi instalada logo adiante do leme traseiro. Temos a mangueira e uma bomba que bombeia mais de 450 quilos por polegada quadrada. Podemos instalá-la no lugar e pronta para bombear ar para dentro - ele fez uma pausa para olhar o relógio - em três horas no máximo.

- Pelo menos poderíamos manter aqueles pobres-diabos vivos até que pudessemos fazer uma entrada estanque e resgatá-los.

Sempre pessimista, Giordino disse:

- Ok, estou ciente da entrada de ar externa de emergência, mas é melhor checar o conector externo antes de ir soltando foguetes.

McKirdy não esperou pela ordem de Turner. Fez uma curva fechada com o submersível e se dirigiu para a frente do estabilizador que se elevava em direção à superfície e abrigava o salão de estar. Ele fez o submersível pairar acima de uma pequena câmara arredondada colada ao casco junto à base do estabilizador.

- E a entrada para o conector de ar?

- Deve ser - disse Turner, examinando as plantas.

- Parece que está intacta.

- Graças a Deus - disse McKirdy, alegre. - Agora podemos conectar a mangueira e bombear ar suficiente para manter o pessoal vivo até que possamos levá-los de volta à superfície.

- Você tem braços mecânicos - disse Giordino, ainda receoso de alguma surpresa. - Para termos certeza, por que não levantar a tampa e ver se o engate da mangueira vai servir na conexão?

- Concordo - disse Turner. - Já que estamos aqui, vamos ver se tudo encaixa e ganhar tempo para depois. - Ele virou-se do console de comando, pegou um controle remoto com pinos de madeira e começou a operar um dos braços mecânicos. Muito cuidadosamente soltou as quatro trancas, uma de cada lado da câmara. Então ergueu a parte oposta às dobradiças.

O que viram não foi o que esperavam. O engate fêmea para o engate macho da mangueira estava faltando. Parecia que ele fora danificado e removido com o auxílio de uma marreta e uma talhadeira.

- Quem fez isso? - Turner perguntou com desespero na voz.

- Um inimigo muito astuto - Giordino murmurou, sentindo a morte no coração.

- É impossível receber peças novas e fazer o conserto antes que o ar se esgote - disse McKirdy, examinando cuidadosamente o conector danificado.

- Você está me dizendo que mais de 600 homens e mulheres vão morrer enquanto ficamos aqui como estátuas de argila observando? - disse Giordino, o rosto sério e carrancudo.

Turner e McKirdy olharam um para o outro como homens perdidos numa nevasca. Não pensavam em nada que pudessem dizer. Pareciam incrédulos, percebendo um obstáculo após o outro. Não podiam imaginar que a conexão estivesse danificada. A astúcia assassina estava além de sua compreensão.

Giordino sentiu uma sensação de irrealidade. Perder o querido amigo num terrível desastre já era repugnante, mas esperar que um homem completamente saudável morresse porque ninguém era capaz de ajudá-lo, porque estava acima do alcance da ciência e da tecnologia mais modernas, era totalmente inaceitável. Um homem ferido pela dor é capaz de desafiar os deuses. Giordino decidiu fazer alguma coisa, qualquer coisa, mesmo mergulhar ele mesmo mais de 200 metros até os destroços do submarino.

Então, com desconforto e sem esperar pela ordem de Turner, McKirdy explodiu o lastro de água, endireitou o submersível e o dirigiu para a superfície. Todos a bordo sabiam, mesmo que ele se recusasse a olhá-los, que a tripulação e os passageiros a bordo do *Golden Marlin* estavam olhando o veículo de resgate se distanciar, até que se perdesse no negro vazio, sem saber que suas esperanças e ilusões iam com ele.

O -ÂNIMO DENTRO DO GOLDEN MARLIN ERA MACABRO. Os passageiros compareciam ao salão de jantar e comiam, como deveriam; bebiam coquetéis no salão de estar; liam na biblioteca e dormiam, como se o cruzeiro não tivesse terminado. Não havia mais nada que pudessem fazer. Se alguém dentre eles sentia diminuição na quantidade de oxigênio, ninguém o demonstrava. Falavam da situação como se estivessem comentando o tempo. Era como se tudo estivesse bem.

Os passageiros que tinham sido deixados a bordo do submarino eram, na maioria, idosos, com uns poucos casais jovens mas sem filhos, 24 homens e mulheres solteiros e os pais que tinham ficado para trás quando suas mulheres e filhos deixaram o submarino no veículo auxiliar. A tripulação de serviços continuava fazendo suas tarefas, servindo as mesas, cozinhando, limpando os camarotes e apresentando shows no teatro. Apenas a tripulação da casa de máquinas trabalhava sem parar, mantendo as bombas de recalque e os geradores funcionando e gerando energia. Felizmente estes se localizavam num compartimento separado da casa de máquinas, que tinha sido hermeticamente fechado logo depois das explosões.

Os piores temores de Pitt ficaram evidentes quando ele percebeu que o submersível de resgate voltara para a superfície, e Giordino lhe passou as más notícias pelo telefone. Horas depois ele foi para a torre de comando e examinou as plantas, e reexaminou, em busca de uma mínima pista que levasse à sobrevivência de todos. Baldwin juntou-se a ele e sentou-se numa banquetta, em frente à mesa em que Pitt examinava as plantas. Ele tinha recuperado um pouco o controle, mas continuava a pensar que as chances não eram boas. Sua respiração era penosa.

- Você não fechou os olhos nos últimos três dias - disse para Pitt. - Por que não vai dormir um pouco?

- Se eu for dormir, ou se qualquer um de nós for dormir, não vamos acordar.

- Conte a mentira de que navios de resgate estão prestes a chegar - Baldwin disse, angustiado -, mas a verdade está para aparecer. A única coisa que impede uma reação é que todos estão muito fracos para tentar qualquer coisa.

Pitt esfregou os olhos vermelhos, tomou um gole de café frio e examinou as plantas do construtor do barco pelo que parecia ser a centésima vez.

- Tem que haver uma saída - disse com voz baixa. - Tem que haver uma maneira de bombear ar puro no barco.

Baldwin tirou do bolso um lenço e passou pelas sobranceiras. - Impossível com a escotilha e o conector de ar destruídos. E qualquer tentativa de fúrar um buraco no casco vai inundar o resto do submarino. Temos que enfrentar os fatos como eles são. Quando a Marinha conseguir consertar o estrago, instalar uma câmara estanque e fazer um buraco no casco para que todos possamos ser evacuados, o ar aqui dentro já terá acabado há muito tempo.

- Podemos desligar os geradores. Isso vai nos dar mais algumas horas.

Baldwin balançou a cabeça, cansado.

- É melhor manter as luzes acesas e deixar estes pobres-diabos continuar vivendo normalmente o mais que puderem, até o fim. Além do mais, as bombas precisam continuar funcionando para manter a inundação sob controle.

O dr. John Ringer entrou na sala. Como médico do barco, estava assoberbado pela quantidade de passageiros que procuravam o ambulatório queixando-se de dores de cabeça, de tonturas e de náusea. Ele fazia o máximo que podia para ajudar os passageiros, procurando não pensar no pior que estava por vir.

Pitt fitou o médico, que estava claramente exausto e   beira de um colapso.

- Eu estou tão mal quanto o senhor, doutor?

Ringer forçou um sorriso.

- Pior, se   que você pode acreditar.

- Acredito.

Ringer deixou-se cair numa cadeira, pesadamente.

- O que estamos enfrentando   asf xia. Respira o insuficiente provocada por insuficiente inspira o de oxigênio e insuficiente expira o de dióxido de carbono.

- Quais são os níveis aceitáveis?

- Oxig nio, 20%. Dióxido de carbono, 0,3%.

- E como estamos no momento?

- De oxigênio, 18% - Ringer respondeu. - E um pouco mais de 0,4% de dióxido de carbono.

- E os limites perigosos? - Baldwin interrompeu.

- 15% e 0,5%, respectivamente. Além destes números, a concentra o se torna extremamente perigosa.

- Perigosa. Melhor dizer fatal - Pitt disse.

Baldwin fez a pergunta que ninguém queria fazer ao dr. Ringer.

- Quanto tempo ainda temos?

- Você vai sentir a falta de oxigênio da mesma forma que eu. Duas horas, talvez duas horas e meia, mas certamente não mais.

- Obrigado pela sua informa o sincera, doutor - Baldwin disse com franqueza. -   possível manter alguns vivos mais tempo com as máscaras de oxigênio da brigada de incêndio?

- Há cerca de dez jovens com menos de 20 anos. Vou fazer com que eles tenham mais oxigênio. - Ringer levantou-se. -   melhor voltar para o ambulatório. Deve haver uma fila esperando.

Depois que o médico saiu, Pitt voltou a examinar atentamente as plantas.

- Para cada problema complexo existe uma soluço simples - ele disse, filosoficamente.

- Quando você descobrir a soluço, me diga - disse Baldwin, tentando parecer menos aflito. Ele levantou-se e se dirigiu para a porta. - Agora   hora de eu ir até o salão de jantar. Boa sorte.



Pitt fez um leve aceno de cabeça e não respondeu.

Vagarosamente, um medo angustiante ia se apossando de sua mente, não um medo pela sua vida, mas o temor de que não pudesse salvar tantas vidas que dependiam de que ele encontrasse uma solução. Mas por uns instantes esse mesmo medo pôs sua mente funcionando, e ele começou a pensar com clareza. E então uma revelação o atingiu com tal força que ele ficou momentaneamente chocado. A solução era simples. E ele a percebeu de repente, e era de uma simplicidade espantosa. Como tantas outras inspirações que atingem os homens, ele só podia pensar em por que não a tinha percebido antes.

Pitt levantou-se tão depressa que tropeçou na banquetta quando tentou correr para o telefone na ponta da linha que ia até a bóia. Ele gritou no fone.

- Al, você está aí?

- Estou aqui - Giordino respondeu, com voz desanimada.

- Acho que tenho a solução! Não, tenho certeza de que tenho a solução.

Giordino reagiu com surpresa diante do modo impulsivo de Pitt.

- Um momento, vou colocar você no alto-falante da ponte de comando para que o capitão Turner e todos possam ouvi-lo. - Um momento depois ele continuou. - Ok, pode falar.

- Quanto tempo demora instalar a mangueira de ar e descê-la até aqui?

- O senhor sabe, decerto, sr. Pitt, que não temos como fazer uma conexão - disse Turner, com o rosto sombrio.

- Sei, sei, sei tudo isso - Pitt retrucou com impaciência. - Em quanto tempo vocês vão poder estar bombeando o ar?

Turner olhou para McKirdy, que olhou para o convés como se estivesse contemplando o que estava por baixo dele.

- Podemos ter tudo pronto em três horas.

- Em duas horas, ou esqueçam.

- De que vai adiantar? Não vamos poder fazer a conexão.

- Sua bomba é capaz de vencer a pressão da água nesta profundidade?

- A pressão dela é de 225 quilos por polegada quadrada. Duas vezes a pressão da água na profundidade em que vocês estão - respondeu McKirdy.

- Ótimo - interrompeu Pitt, começando a sentir-se mais leve. - Desçam a mangueira o mais depressa que puderem. O pessoal aqui embaixo já começa a cair. Estejam preparados para usar os braços mecânicos.

- Você se importa de nos dizer o que tem em mente? - perguntou Turner.

- Vou explicar em detalhes quando vocês estiverem aqui. Liguem quando chegarem, para novas instruções.

O'Malley tinha entrado, trôpego, na sala de controle, a tempo de ouvir a conversa de Pitt com o *Alfred Aultman*.

- O que você tem escondido na manga?

- Uma grande idéia - disse Pitt, com um otimismo crescente. - Uma das melhores que já tive.

- Como você pretende injetar o ar aqui?

- Não pretendo.

O'Malley olhou para Pitt como se estivesse olhando para um homem morto.

- E então qual a tal grande idéia?

- Simples. Se Maomé não vai à montanha...

- Você está fora de si.

- Espere e verá - disse Pitt misteriosamente. - É a mais elementar experiência de física que se faz no colégio.

O *Golden Madin* estava à beira de se transformar numa cripta submarina. O ar

tinha se deteriorado até um limite perigoso. A atmosfera estava tão poluída que os passageiros e a tripulação não demorariam mais do que alguns minutos e começariam a ficar inconscientes, o primeiro passo antes do coma e então a morte. O dióxido de carbono estava rapidamente atingindo limites que não permitiriam mais a vida. Pitt e O'Malley, os únicos que estavam na ponte de comando, ainda tentavam de todas as formas respirar.

Como suas mentes estavam entorpecidas pela falta de oxigênio, os passageiros andavam como zumbis, incapazes de pensar. Ninguém entrou em pânico, porque ninguém tinha a exata consciência de que o fim estava próximo. Baldwin falava aos que ainda estavam assentados no salão de jantar palavras de encorajamento, mas ele sabia que elas não tinham o menor sentido, nessas circunstâncias. E ia de volta para a ponte quando dobrou os joelhos e desabou sobre o carpete. Um casal jovem passou por ele, e olhou, com olhos embaçados, o corpo caído e continuou, tropeçadamente, em direção ao camarote.

Na sala de controle O'Malley ainda falava, aos murmúrios, com coerência, à beira da inconsciência. Pitt tentava inalar o mínimo de ar que ainda havia no ambiente.

- Onde está você? - murmurou ao telefone. - Estamos quase no fim.

- Chegando - a voz de Giordino estava desesperada. - Olhe pela janela. Estamos nos aproximando do domo da sala de controle.

Pitt olhou através da janela principal da sala de controle e viu o *Mercury* descendo.

- Vocês têm a mangueira?

- Pronta para bombear quando e onde você disser - respondeu McKirdy. O capitão Turner tinha permanecido a bordo do *Aultman* para comandar a operação da superfície.

- Desçam até raspar a areia do fundo e sigam para o furo do lado oposto da casa de máquinas.

- Já estamos indo - Giordino confirmou sem questionar as ordens de Pitt.

Cinco minutos depois, Turner informou:

- Estamos nivelados com o corte feito pela explosão.

Pitt pensou que lutar para respirar era irônico, considerando que todo o ar de que precisaria em toda sua vida estava a tão poucos metros de distância. Falou com esforço.

- Use os braços mecânicos e enfie a mangueira o máximo possível até o fundo da sala de máquinas.

Dentro do submersível, McKirdy trocou olhares com Giordino e deu de ombros. Giordino começou a trabalhar febrilmente, enfiando a mangueira pelo buraco, usando os braços mecânicos cuidadosamente para não rasgá-la nas pontas de metal. Trabalhando o mais depressa que podia foram necessários quase dez minutos até que ele sentiu que a mangueira tinha atingido uma das paredes divisórias de sustentação, e começava a se enrolar entre os suportes dos motores.

- Chegou lá - anunciou Giordino.

Pitt falou, inalando uma palavra, exalando a outra.

- Ok Comece a bombear.

Novamente os dois homens no submersível obedeceram sem questionar. McKirdy deu a ordem para Turner, na superfície, e dois minutos depois o ar começou a sair da mangueira, com pressão, para dentro da casa das máquinas.

- O que estamos fazendo? - perguntou Giordino, confuso, acabrunhado e triste com o que ele pensava terem sido as últimas palavras do amigo.

Pitt murmurou a resposta com uma voz pouco acima de um suspiro:

- Um navio afunda quando a água, sob pressão, inunda o espaço ocupado pelo ar dentro do casco. Mas, nesta profundidade, o ar expelido por sua mangueira sai a uma pressão duas vezes maior do que a da água, e a está forçando para fora.

A explicação drenou toda a força que Pitt ainda tinha, e ele caiu no chão, ao lado do corpo de O'Malley, que já estava inconsciente.

As esperanças de Giordino foram imediatamente renovadas quando ele viu a água jorrando para fora da casa de máquinas, devolvida ao mar em virtude da pressão gerada pela bomba de recalque na superfície.

- Está funcionando! - ele gritou. - O ar está formando uma bolha lá dentro.

- É verdade, mas o ar não está indo para nenhuma outra parte do submarino disse McKirdy.

Mas Giordino percebeu o que Pitt pretendia.

— Ele não está tentando purificar o ar lá dentro. Ele está tentando fazer o barco subir à superfície.

McKirdy olhou para baixo e viu o casco do submarino enfiado na areia, e teve muitas dúvidas se ele teria condição de vencer a sucção formada e subir. Depois de uma pausa McKirdy disse, baixo:

— Seu amigo não está respondendo.

— Dirk! - Giordino gritou no fone. - Fale comigo!

Não houve nenhuma resposta.

A bordo do navio de apoio da Marinha, o *Alfred Aultman*, o capitão Turner ia e vinha pela ponte de comando enquanto ouvia o drama que se desenrolava lá embaixo. Também percebeu o brilhante estratagema de Pitt. Em sua mente, tudo parecia simples demais para funcionar.

Havia oito homens na ponte. Temor e sentimento de derrota envolviam a todos, que pensavam que o fim tinha chegado e o *Golden Marlin* estava prestes a se tornar um cemitério de titânio. Achavam quase impossível acreditar que 617 pessoas estavam respirando pelas últimas vezes a menos de 200 metros abaixo de seus pés. Aglomeraram-se em redor do alto-falante, conversando o mais baixo que podiam, como se estivessem numa igreja, esperando uma palavra do *Mercury*.

— Será que vão resgatar os corpos? - sussurrou um dos oficiais.

Turner deu de ombros, desanimado.

— Custaria milhões mandar uma equipe de resgate naquela profundidade para recuperar os corpos. Provavelmente vão ser deixados lá.

Um jovem marinheiro de repente apontou o dedo para o alto-falante.

— Por que não informam nada? Por que McKirdy não diz o que está acontecendo?

— Calma, filho. Eles já têm muito com o que se preocupar sem que fiquemos aborrecendo.

— Ele está subindo! Ele está subindo! - Seis palavras ditas pelo operador do sonar, que havia tempo estava de olhos pregados no monitor.

Turner inclinou-se atrás dos ombros do operador do sonar e ficou olhando o monitor, de boca aberta. A imagem do *Golden Marlin* tinha se movido.

— Ele está subindo, sim - confirmou.

Um som alto, como um gemido, foi ouvido no alto-falante, uma indicação segura de que metais estavam sendo movidos e esticados, indicando que o submarino estava saindo do fundo do mar. Aí foi a vez de McKirdy gritar:

— Ele está se soltando, Deus do céu! Ele está vindo para a superfície. Bombear ar para dentro da casa de máquinas foi o máximo. Ele ganhou ar suficiente para flutuar, vencer a sucção e se soltar da areia.

— Estamos tentando ficar ao lado do submarino - Giordino interrompeu -, de modo que possamos continuar injetando ar para dentro, ou ele vai afundar de novo.

— Vamos nos preparar - Turner disse.

Começou dando ordens aos engenheiros da tripulação para que subissem a bordo do submarino tão logo ele atingisse a superfície e cortassem um buraco na parte de cima do casco para ser injetado ar a fim de reanimar os passageiros e a tripulação. Depois transmitiu um pedido para que todos os barcos que estivessem a um raio de 30 quilômetros rumassem para a área o mais depressa possível, com todos e quaisquer ressuscitadores e máscaras de oxigênio que tivessem a bordo. Também solicitou que todos os médicos ficassem de prontidão para entrar no **Golden Marlin** assim que sua equipe fizesse o buraco. O tempo era vital. Teriam que entrar no submarino imediatamente a fim de que pudessem reanimar os passageiros e tripulantes inconscientes pela falta de oxigênio.

A atmosfera entre a flotilha de barcos aguardando na área passou rapidamente de uma expectativa sombria para uma alegria incontida, tão logo a notícia de que o submarino estava rumando para a superfície passou de um a um. Milhares de olhos se mantinham fixos na área circular formada pelos navios e barcos, quando uma torrente de bolhas surgiu na superfície e refletiu as cores do arco-íris debaixo do sol da manhã. Depois apareceu o **Golden Marlin**. Ele surgiu da água nivelado pela quilha, como uma imensa rolha, antes de cair novamente, fazendo um enorme *splash* que arremessou ondas contra os barcos mais próximos, balançando os iates menores como se fossem folhas arrancadas de uma árvore por uma tempestade.

— Ele subiu! - gritou Turner em êxtase, quase temendo estar presenciando uma miragem. - Barcos de resgate - ele comandou aos gritos, através de um megafone, da projeção da ponte de comando, aos barcos que já estavam na água. - Para lá imediatamente!

Gritos foram ouvidos no ar parado. Muitos assobiavam, outros pulavam de alegria, os barcos ligaram as sirenes, as cometas soavam. Da mesma forma que Turner, ninguém acreditava no que estava vendo. O aparecimento do submarino, e a possibilidade de salvar os passageiros e tripulantes, fora tão repentina, tão abrupta, que poucos acreditavam que isso fosse possível. Os cinegrafistas e os câmeras nos barcos e nos helicópteros rapidamente ignoraram as ordens e as ameaças de Turner e do capitão do cúter da Guarda Costeira de permanecer fora da área, e se aproximaram como um enxame, alguns até determinados a subir a bordo do submarino.

O **Golden Marlin** mal tinha se ajeitado na superfície, como uma galinha no poleiro, e a armada de barcos de resgate acorreu para ele. Botes do **Alfred Aultman** chegaram primeiro e ataram cordas. Turner cancelou a ordem de usar equipamentos de corte e mandou sua tripulação entrar no submarino pelas escotilhas de entrada e do compartimento de carga, que agora podiam ser abertas do lado de fora, já que não havia mais o perigo de inundação.

O **Mercury** emergiu ao lado do submarino, com McKirdy manobrando o submersível a fim de manter a mangueira dentro da casa das máquinas bombeando o ar que expelia a água que tinha entrado. Giordino abriu a escotilha, e antes que McKirdy pudesse impedir, mergulhou na água e nadou até um bote cuja tripulação estava abrindo a escotilha de entrada de estibordo. Felizmente, um dos tripulantes reconheceu Giordino, ou teria impedido que ele subisse no bote. Giordino foi colocado para dentro e imediatamente começou a ajudar os outros na abertura da escotilha, que estava coberta e quase selada pela areia do

fundo do mar.

Eles conseguiram, com muito esforço, abri-la 1 centímetro. Tentaram de novo, e desta vez ela se abriu, girando nas dobradiças. Por um instante ficaram mudos, até que um cheiro de urina chegou até suas narinas, e então olharam avidamente para dentro. Era o ar que todos sabiam ser irrespirável. Embora os geradores ainda estivessem funcionando, pareceu a eles estranho que o interior do submarino estivesse todo iluminado.

No mesmo instante, os tripulantes que tinham ido para o outro lado abriram a escotilha de bombordo, permitindo que uma corrente de ar expelisse o ar contaminado. Entrando no submarino, as duas tripulações viram corpos estendidos no convés, e imediatamente se puseram a trabalhar, na tentativa de reanimá-los. Giordino reconheceu um deles como o capitão Baldwin.

Mas Giordino tinha sua própria prioridade, e não parou. Correu para o **lobby**, contornou-o e correu através do passadiço para a proa, e pela escada até a sala de controle. Correu com o coração apertado, inalando o ar poluído que estava vagarosamente sendo reoxigenado. Irrompeu na sala de controle com um temor que lhe apertava o peito, o temor de que talvez fosse muito tarde para salvar seu amigo de infância.

Ele pulou o corpo inerte de O'Malley e se ajoelhou ao lado de Pitt, que estava estendido no convés, os olhos fechados, parecendo não respirar. Giordino não perdeu tempo procurando sentir o pulso; inclinou-se e começou a fazer respiração boca-a-boca. Mas de repente, e para seu assombro, os olhos verdes se abriram piscando e uma voz sussurrou.

- Espero que isto conclua a parte de divertimento do programa.

Nunca tantas pessoas estiveram à beira da morte, ao mesmo tempo. E nunca tantos enganaram a mulher com a foice e o cão de três cabeças que guarda a entrada do Inferno. Foi por uma coisinha de nada, quase um milagre, que nenhum dos passageiros ou tripulante do **Golden Marlin** morreu. Todos foram resgatados da beira da morte. Apenas 17, na maior parte homens e mulheres idosos, foram transportados por helicópteros da Guarda Costeira até hospitais de Miami, e todos, com exceção de dois, se recuperaram sem seqüelas. Estes dois tiveram alta depois de uma semana, após terem sofrido intensas dores de cabeça e ficado em estado de choque por uns dias.

Muitos se reanimaram apenas com o ar fresco que foi entrando no submarino e expulsando o poluído. Apenas 52 necessitaram de reanimação utilizando máscaras de oxigênio. O capitão Baldwin foi festejado pela mídia, e pelos diretores da Blue Seas Cruise Lines, como o herói que tinha evitado o que poderia ter sido uma enorme tragédia, da mesma forma que o médico do submarino, John Ringer, cujos corajosos esforços tinham contribuído de maneira decisiva para manter o número de mortos em zero. O capitão Turner e sua tripulação também receberam elogios e honras da parte da Marinha pela sua participação no salvamento.

Apenas uns poucos sabiam do papel desempenhado por Pitt e Giordino no resgate do submarino e de todos os passageiros e tripulantes. Quando a mídia soube que o homem que tinha salvo quase 2 mil pessoas no incêndio e naufrágio do **Emerald Dolphin** também tinha sido fundamental no resgate do **Golden Marlin** do fundo do mar, ele e Giordino já tinham desaparecido, içados por uma padiola para bordo de um helicóptero da NUMA.

Todas as tentativas dos repórteres de manter contato com Pitt para uma entrevista falharam. Foi como se ele tivesse se enfiado num buraco e o recoberto.

*UMA PISTA DE MIL ANOS*

PARTE TRÊS

X Ƨ ǫ M W F J

Þ I M ǫ < J

F H Þ < Þ B J H

Y T A I ǫ J T

**PEDRA RÚNICA**

31 DE JULHO DE 2003

LAGO TOHONE, NOVA JERSEY

O LAGO TOHONE FICA FORA DAS TRILHAS batidas que levam aos lagos de Nova Jersey. Ele não tem casas em sua margem. Fica em terras particulares, de propriedade da Cerberus Corporation, e é usado pelos funcionários mais graduados da companhia. Os empregados dispõem de um outro lago, a 50 quilômetros de distância. Como o lago é isolado, não é cercado. A única medida de segurança é um portão fechado com cadeado a 8 quilômetros, numa estrada que serpenteia as baixas colinas e a terra toda coberta com árvores, e chega até uma pousada confortável de três andares, construída de madeira. A pousada fica de frente para o lago e tem um ancoradouro coberto para canoas e barcos maiores a remo. Não são permitidos barcos motorizados no lago.

Fred Ames não era diretor da Cerberus. Não era sequer um empregado, mas apenas uma daquelas pessoas da região que não ligavam para as placas de "Proibida a Entrada" e costumava ir ao lago pescar. Ele construiu um pequeno abrigo de lona atrás das árvores, perto da beira do lago. Apinhado de pescas, que eram raramente pescadas, não demorava muito para um pescador experiente fugar diversos peixes de 3 a 5 quilos em pouco tempo. Ames estava prestes a entrar na água com as botas de borracha de cano longo e lançar a linha, quando viu uma grande limusine preta diminuir a marcha e parar diante da rampa dos botes. Dois homens saltaram, com toda a tralha para a pescaria, enquanto o motorista empurrava um dos vários botes ancorados ao lado da rampa para dentro d'água.

Como se tratava de importantes executivos da companhia, Ames achou estranho que não usassem um barco com motor de popa. Ao contrário, um dos homens usou o remo para fazer o bote chegar até o meio do lago, onde o deixou à deriva. Em seguida os dois colocaram as iscas nos anzóis e lançaram as linhas. Ames resolveu esconder-se na floresta, tomar um gole de café, ler um pouco um livro que sempre trazia para as pescarias e esperar que os dois homens deixassem o lago. O homem que estava sentado no meio do bote e usara os remos tinha pouco menos de 1,80m e era razoavelmente esguio para um homem de uns 60 anos. Seus cabelos eram castanho-avermelhados, sem fios brancos, encimando um rosto queimado pelo sol. Tudo nele parecia perfeitamente esculpido em



mármore por um grego antigo. A cabeça, queixo, nariz, orelhas, braços, pernas e mãos pareciam absolutamente proporcionais. Os olhos eram azuis-claros, como os de um *husky*, mas não tão penetrantes. Sua maneira calma de olhar era quase sempre mal interpretada como calorosa e amistosa, quando na verdade a usava para dissecar todos em volta. Seus movimentos - as remadas, a escolha da isca e sua colocação no anzol - eram precisos e econômicos, sem nenhum gesto supérfluo.

Curtis Merlin Zale era um perfeccionista. Ele não tinha mais nada do garoto que costumava caminhar pelos milharais observando o crescimento dos pés, uma de suas funções. Depois que seu pai morreu, ele abandonou a escola quando tinha 12 anos, para cuidar da fazenda da família, e completou, ele próprio, sua educação. Quando chegou aos 20 era dono da maior fazenda do país e tinha contratado um administrador para cuidar dela para sua mãe e as três irmãs.

Demonstrando ter uma mente altamente ardilosa, e uma tenacidade que servia a objetivos bem definidos, forjou históricos escolares e conseguiu ingressar na escola de administração mais prestigiosa de New England. Embora sem educação regular, Zale tinha uma mente brilhante e uma memória fotográfica. Conseguiu graduar-se com honra e receber um doutorado em economia.

Dáí em diante sua vida seguiu um padrão: fundar empresas, torná-las enormes sucessos e vendê-las. Quando chegou aos 38 anos, era o nono homem mais rico dos Estados Unidos, com um patrimônio avaliado em bilhões de dólares. Então comprou uma empresa petrolífera de balanços ruins, mas com muitas concessões de exploração em todo o país, incluindo o Alasca. Dez anos mais tarde ele a juntou a uma antiga e sólida empresa química. Finalmente formou uma holding para controlar todas as suas empresas, chamada Cerberus.

Ninguém realmente conhecia Curtis Merlin Zale. Não tinha amigos, nunca ia a festas ou a atividades sociais, nunca se casou nem teve filhos.

Seu amor era o poder. Subornava políticos, e depois os descartava como troca de automóveis. Era impiedoso, duro e frio. Nenhum competidor em seu ramo de negócios conseguia sucesso. Muitos acabavam derrotados e na bancarrota, vítimas de disputas sujas e desleais, que iam muito além da chamada ética dos negócios.

Por ser extremamente ardiloso e ao mesmo tempo cauteloso, nunca houve a menor suspeita de que Curtis Merlin Zale tivesse alcançado o sucesso por meio do suborno e de assassinatos. Estranhamente, nenhum de seus parceiros de negócios, ou a mídia, ou seus inimigos, jamais parou para suspeitar da morte das pessoas que cruzaram seu caminho. Muitos que se opuseram a seus negócios morreram em circunstâncias que pareciam naturais - ataques cardíacos, câncer ou de outras doenças comuns. Outros morreram em acidentes - de carro, com armas de fogo ou afogados. Uns poucos simplesmente sumiram. Mas nenhuma relação jamais fora estabelecida com Zale.

Curtis Merlin Zale era um sociopata de sangue-frio com um mínimo de consciência. Podia matar uma criança tão facilmente como mataria uma formiga.

Ele fixou seus olhos azuis esbranquiçados no seu chefe de segurança, que tentava, desajeitadamente, desemaranhar a linha de pescar na carretilha.

— Acho muito estranho que três projetos vitais planejados com tanta meticulosidade e com análises computadorizadas tenham fracassado.

Contrariamente ao estereótipo asiático, James Wong nunca tinha adquirido um ar inescrutável. Grande para a sua ascendência racial, era um ex-maior das Forças Especiais, altamente disciplinado e tão rápido e mortal quanto uma mamba e

uma cascavel juntas. Ele era o chefe da organização de Zale que fazia o trabalho sujo, os Yipers.

— Os acontecimentos fugiram do nosso controle - ele disse, aborrecido com o emaranhado de sua linha de pescar. - O ***Emerald Dolphin*** tinha se rachado e ido para o fundo quando os cientistas da NUMA apareceram inesperadamente e conseguiram examinar os destroços. Depois, quando seqüestramos o navio de pesquisa e a tripulação, eles conseguiram escapar. E agora, de acordo com nossas fontes secretas, o pessoal da NUMA foi fundamental no resgate do ***Golden Marlin***. E como se eles brotasse como doença contagiosa.

— Como o senhor explica isso, sr. Wong? Eles são uma agência oceanográfica, não uma organização militar, ou um serviço de inteligência, ou mesmo um departamento de investigação do governo. São uma agência devotada à pesquisa oceanográfica. Como foram capazes de frustrar ações planejadas e desenvolvidas pelos melhores mercenários profissionais que o dinheiro pode comprar?

Wong deixou por um instante a vara de pescar e a carretilha.

— Eu não tinha como prever a tenacidade da NUMA. Tudo foi uma falta de sorte.

— Eu não suporto falhas - disse Zale sem mudar a entonação. - Falta de sorte é fruto de mau planejamento ou de asneiras da incompetência.

— Ninguém gosta menos de falhas do que eu - disse Wong.

— Também considero aquela demonstração idiota de Omo Kanai nos céus de Nova York muito preocupante. Ainda não consigo entender por que ele nos custou a perda de um avião antigo tão valioso ao querer derrubar um avião cheio de crianças. Quem autorizou aquilo?

— A decisão foi totalmente dele, depois que ele encontrou Pitt. Como suas próprias normas estabelecem, aqueles que representam obstáculos aos nossos planos devem ser eliminados. Além disso, também havia o fato de que Kelly Egan estava a bordo.

— Por que matá-la?

— Ela poderia reconhecer Kanai.

— Temos muita sorte de a polícia não poder relacionar Kanai com os Vipers, e daí com a Cerberus.

— Nem conseguirão - Wong prometeu. - Lançamos muita pista falsa para evitar essa ligação para sempre, o mesmo que fizemos em cem outras operações para proteger a nossa base.

— Eu teria agido de forma diferente - Zale disse, com uma ponta de gelo na voz.

— Os resultados são o que contam. Os motores de Egan não serão seriamente considerados como um novo meio de propulsão, pelo menos até que as investigações sobre os casos do ***Emerald Dolphin*** e do ***Golden Marlin*** terminem, o que pode levar até um ano. E com ele morto, sua fórmula do Slick 66 brevemente vai ser sua.

— Desde que você possa colocá-la em minhas mãos.

— Pode contar - Wong disse com arrogância. - Dei a incumbência a Kanai, e ele não vai ter coragem de falhar desta vez.

— E Josh Thomas? Ele nunca vai revelar a fórmula.

Wong riu.

— Aquele velho bêbado vai nos dar a fórmula logo, logo, eu prometo.

— Você parece muito confiante.

Wong concordou com a cabeça.

— Kanai já preparou tudo, seqüestrando Kelly Egan do ***Golden Marlin*** depois

que tomou as providências para afundá-lo. Está voando com ela para a casa de seu pai, em Nova Jersey.

— Onde, suponho, ele pretende torturá-la na frente de Thomas para forçá-lo a revelar a fórmula.

— Pode não ser um plano muito engenhoso, mas certamente vai produzir as informações desejadas.

— E os guardas em volta da fazenda?

— Descobrimos uma maneira de entrar sem ligar os alarmes.

— Foi sorte de Kanai você ter ordenado que ele voltasse antes que seus homens e o navio fossem explodidos nas Ilhas Kermadec.

— Eu precisei dele aqui por outras razões.

Zale ficou sentado, em silêncio, por um momento, e então disse:

— Quero este assunto resolvido para sempre. Nossos planos devem ser concluídos sem interrupção externa. Não aceito mais falhas. Talvez eu devesse escolher um outro para dirigir as operações dos Vipers sem complicações.

Antes que Wong pudesse responder, a vara de pescar de Zale de repente vergou, formando um U, indicando que um peixe tinha mordido a isca. O peixe tentou fugir, lutou e depois se acalmou. Zale calculou que tinha uns 3 quilos. Os dois homens ficaram em silêncio enquanto Zale cansava o peixe e o ia trazendo, enrolando a carretilha, para perto do barco. Quando ele chegou perto, Wong o pegou com um samburá e o colocou no fundo do barco, a seus pés.

— Belo peixe - ele cumprimentou Zale.

O principal executivo da Cerberus tinha um ar feliz no rosto enquanto soltava os anzóis da isca vermelha e branca da boca do peixe.

— É uma isca artificial Bassarino velha de guerra. Elas nunca falham. - Ele não lançou a linha novamente. Em vez disso, enfiou a mão na caixa de pesca e procurou até encontrar uma nova isca. - O sol está ficando alto. Acho que vou usar uma isca artificial Winnow.

Uma luz de advertência se acendeu no fundo da mente de Wong, e ele olhou nos olhos de Zale procurando ver o que havia por detrás deles.

— Você está sugerindo que já não sou mais útil como chefe dos Vipers?

— Acho que outros talvez sejam mais capazes de conduzir futuras ações com mais resultados.

— Tenho servido a você com lealdade por 12 anos - Wong disse, com uma raiva surda. - Isso não conta?

— Acredite, sou muito grato. - De repente Zale apontou para a água, atrás de Wong. - Sua linha está puxando.

Wong virou-se e olhou, percebendo tarde demais que sua linha ainda estava emaranhada e que ele não tinha nenhuma isca na água. Num movimento instantâneo, Zale tirou uma seringa da caixa de pescaria, enfiou a agulha no pescoço de Wong e apertou o êmbolo.

O veneno agiu imediatamente. Sem que Wong pudesse resistir, o entorpecimento foi logo seguido pela morte. Ele caiu no chão do barco, os olhos abertos pelo choque, o corpo flácido.

Zale calmamente sentiu sua pulsação, e não encontrando nenhuma, amarrou nos calcanhares de Wong a corda que estava atada a uma lata cheia de concreto endurecido e funcionava como âncora para o barco. Então ele jogou a âncora na água e empurrou o corpo de Wong para fora do barco. E olhou com indiferença até que as bolhas parassem de subir à superfície.

O peixe ainda estava se debatendo no chão do barco, mas em espasmos cada vez menores. Zale pegou-o e atirou-o na água.

— Lamento, amigo - ele disse, fitando a água esverdeada -, mas falhas levam a falhas. Quando a mente começa a não funcionar, é tempo de substituí-la.  
Ficando impaciente, Fred Ames caminhou com cautela até o lago, mas se mantendo escondido entre as árvores. Quando chegou à beira da água viu o pescador solitário remando de volta para onde estava a limusine.  
— Estranho - ele murmurou para si mesmo -, mas seria capaz de jurar que havia dois deles no barco.

MEMBROS DA REORGANIZADA EQUIPE DOS VIPERS, agora liderados por Omo Kanai, tinham observado a mudança da guarda de segurança na fazenda de Egan, anotando quando uma turma aparecia no portão e substituíam a outra, que deixava o posto. E usando fotografias tiradas de aviões, sabiam o caminho que os guardas tomavam até seus esconderijos. O passo seguinte foi conseguir entrar na propriedade, com seus homens usando uniformes de policiais e um carro pintado como um carro-patrolha. Depois de matar o guarda que ficava na estrada, que não suspeitou de nada, penetraram na casa, aprisionaram Josh Thomas e depois chamaram os outros guardas para uma reunião em que seria discutida a segurança da fazenda.

Assim que os guardas chegaram à casa, foram sumariamente mortos a tiros e seus corpos levados para um abrigo contra tempestades construído debaixo do celeiro.

Quando Omo Kanai chegou a um aeroporto próximo num avião particular sem nenhum logotipo, pertencente à Cerberus, a primeira coisa que fez foi conduzir Kelly, sob o efeito de sedativos, e colocá-la no porta-malas do carro que os levou até a fazenda do seu pai, agora em poder dos mercenários. Kanai carregou Kelly através da porta de entrada e a deixou cair no chão, à frente de Josh Thomas, que estava amarrado e amordaçado numa cadeira.

Thomas tentou lutar contra as cordas e murmurar pragas incompreensíveis, mesmo com a boca presa por esparadrapos, mas só o que conseguiu foram risadas dos cinco homens na sala, que tinham tirado os uniformes falsos da polícia e colocado suas roupas negras habituais.

- Tudo correu bem? - perguntou Kanai.

Um homem imenso, com quase dois metros e pesando uns 160 quilos, concordou com a cabeça.

- Os guardas de Egan não deram trabalho. Entraram facilmente na história da polícia que veio pedir informações.

- E onde estão agora?

- Não vão nos aborrecer mais.

Kanai olhou o sorriso torto do colega, no rosto cheio de cicatrizes e com o nariz quebrado, nas falhas de dentes e na orelha inchada e disforme, e aprovou com satisfação.

- Você trabalha bem, Darfur.

Olhos escuros brilharam malignamente no rosto emoldurado por um rabo-de-cavalo de cabelos pretos. Kanai e Darfur trabalhavam juntos havia muitos anos desde que se encontraram para eliminar um grupo de terroristas agindo a partir do Irã. O enorme árabe apontou para Thomas.

- Observe. Nenhuma marca, embora eu acredite que ele foi suficientemente convencido a contar tudo o que você quer saber.

Kanai olhou para Thomas e o observou, vendo a expressão de dor que certamente vinha de alguma pancada. Ele não tinha dúvida de que Darfur tinha quebrado uma costela do cientista. Ele também percebeu raiva no olhar de Thomas ao ver Kelly estendida no chão, semi-consciente. Kanai riu para Thomas, antes de dar dois passos e passar a dar chutes no estômago de Kelly. Uma expressão de dor passou por seu rosto, junto de um gemido, ao mesmo tempo que abria os olhos.

- Acorde, senhorita Egan. Já é tempo de você persuadir o sr. Thomas a nos revelar a fórmula do lubrificante de seu pai.

Kelly se encurvou, segurando o estômago com as mãos, procurando respirar. A dor era muito maior do que qualquer outra que tivesse sentido em sua vida. Kanai era perito em usar o bico da bota no lugar certo para provocar o máximo de dor. Depois de um minuto, Kelly lutou para erguer-se num cotovelo e olhou para Thomas.

- Não diga nada a este assassino, Josh...

Ela não conseguiu prosseguir. Seu fôlego foi interrompido por Kanai, que prensou seu pescoço contra o carpete com a bota.

- Você é uma jovem obstinada - disse friamente. - Você gosta de sofrer dor? Espere, você vai sofrer muita dor.

Um dos homens de Kanai entrou na sala, com um radiotransmissor na mão.

— Informam que um carro está se aproximando do portão. E para não deixar entrar?

Kanai pensou por um momento.

— É melhor deixar entrar e ver o que eles querem do que impedir e levantar suspeitas.

- Tudo bem, chefeão - disse Giordino, bocejando, ainda cansado do vôo de última hora de Miami. - Como você planeja abrir o portão do castelo?

— Digitando um código - respondeu Pitt sentado atrás do volante de uma velha picape Ford alugada de um vendedor de implementos agrícolas.

— Você sabe o código?

— Não.

— Você me arrasta para cá menos de uma hora depois que tiro você do *Golden Marlin*, com esta história maluca de que Kanai trouxe Kelly para o laboratório de seu pai, e não sabe o código que abre o portão?

— Esse é o lugar certo para conseguir alguma informação, dela ou de Josh Thomas. A fórmula tem que estar escondida em algum lugar no laboratório.

— Então que mágica você vai usar para entrar? - disse Giordino examinando o pesado portão e o muro alto.

Pitt não respondeu, mas inclinou-se para fora da janela do carro e apertou uma série de botões.

— Isso deve fazer a mágica. Na verdade, Kelly tinha um controle remoto com um código diferente.

— Vamos supor que Kanai e seus asseclas *tenham* passado pelo sistema de segurança e rendido os guardas. Por que você acha que ele vai abrir o portão

para nós?

— Porque eu digitei o nome Cerberus como código.

Giordino balançou a cabeça e revirou os olhos.

— Se eu tivesse um mínimo de juízo essa era a hora de cair fora.

Pitt ficou sério.

— Se eu estiver errado, eles não abrirão o portão e perdemos nossa viagem e nunca mais vamos ver Kelly.

— Nós vamos encontrá-la - Giordino disse com firmeza. - Não vamos parar de procurar até encontrar.

Eles estavam quase desistindo e indo embora quando o enorme portão começou a abrir vagorosamente.

— Acho que demos sorte - Pitt disse, num tom vitorioso.

— Você sabe, decerto, que estarão nos esperando emboscados e atirarão em nós.

Pitt colocou o câmbio automático da picape em *drive* e passou pelo portão.

— Nós também estamos armados.

— Ah, claro. Você está com o seu antigo Colt 45 e tudo o que eu tenho é uma chave de fenda que encontrei no porta-luvas. Os caras que vamos enfrentar têm todas armas de grosso calibre.

— Talvez possamos conseguir alguma no meio do caminho.

Pitt dirigiu um pouco e diminuiu a velocidade quando chegou aos vinhedos, esperando que a cancela na estrada se abrisse. Foi tudo como ele esperava. Um dos homens de Kanai, usando um uniforme de guarda de segurança se aproximou do carro e abaixou-se olhando pelo vidro abaixado da porta, e com um fuzil junto ao peito. - Posso ajudá-los?

— Onde está o Gus? - Pitt perguntou inocentemente.

— Ligou dizendo que estava doente - respondeu o guarda, enquanto seus olhos examinavam a cabine atrás de armas. Não vendo nenhuma, ficou relaxado.

— E a filhinha dele?

Os olhos do guarda se ergueram um mínimo.

— Tudo bem com ela, da última vez que a vi...

Ele foi interrompido quando Pitt, pegando pelo cano a pistola que estava escondida debaixo de sua coxa direita, acertou com violência sua testa. Os olhos do guarda se apagaram, e a cabeça e os ombros escorregaram para baixo, saindo da visão de Pitt.

Imediatamente depois que o falso guarda de segurança atingiu o chão, Pitt e Giordino o arrastaram através dos vinhedos até um grosso tronco de madeira, descendo oito degraus até um posto de vigilância enterrado na terra. Vinte monitores estavam arrumados numa parede, com as suas câmeras inspecionando todo o exterior da fazenda e o interior da casa. Pitt ficou estático quando viu Thomas todo amarrado e Kelly retorcida no chão. Sua expressão era de raiva ao vê-la maltratada, mas foi logo substituída por outra de alívio por saber que ela estava viva, e a poucos metros de distância. Os cinco Vipers na sala pareciam não ter nenhuma idéia de que estavam sendo observados pelas câmeras.

— Nós a encontramos - disse Giordino, agora animado.

— Ela ainda está viva - disse Pitt com uma raiva crescente. - Mas aqueles bandidos a maltrataram bastante.

— Não vamos tentar entrar sem examinar bem a situação. Com as câmeras podemos cobrir a fazenda inteira e a casa daqui e localizar onde o resto dos homens de Kanai está escondido.

— Temos que fazer isso depressa. Eles devem estar esperando um relatório

sobre nós por parte desse cara aí no chão.

Giordino sentou-se no console de controle das câmeras enquanto Pitt procurava as roupas negras do falso guarda, que ele tinha tirado para vestir o uniforme do guarda de segurança. Pitt observou o corpo imóvel no chão e viu que os dois tinham quase a mesma compleição. Rapidamente ele tirou a roupa que usava e colocou as do falso guarda. As botas ficaram um pouco apertadas, mas ele as calçou assim mesmo, puxando depois a pala do boné e as coberturas das orelhas sobre o rosto, completando o uniforme.

— Esses caras não têm nenhuma inibição quando se trata de assassinato - disse Giordino, quando um dos monitores mostrou os corpos dos guardas de segurança de Egan amontoados como sacos de cereais num porão debaixo do celeiro. Giordino focalizou outra câmera, procurando os homens de Kanai.

— Além dos cinco dentro da sala, vejo mais dois. Um guardando a porta dos fundos, que dá para o rio, e outro perto do celeiro.

— Isso dá oito, contando com o nosso amigo aqui no chão.

— Agora é a hora de chamar reforços.

Pitt apontou para um dos três telefones sobre o console.

— Ligue para a delegacia, relate a situação e peça que mandem uma equipe da SWAT.

— E você? Qual é a sua parte?

— Nesta vestimenta vão pensar que sou um deles - disse Pitt. - Será ótimo ter um amigo dentro da casa quando chegar a hora do inferno.

— E eu?

— Fique aqui, monitore a situação e oriente a SWAT.

— E quando Kanai ligar e quiser saber para onde foram os ocupantes do carro?

— Dê uma desculpa. Diga que eram dois vendedores de fertilizantes e que você os dispensou.

— Como você vai chegar até a casa?

— O vinhedo vai até uma pequena distância da frente da casa. Vou por entre as parreiras, até lá perto, e depois me escondo por trás das colunas. Atravessar a pequena área gramada é que vai ser a parte mais perigosa.

— Não nos ponha em outra confusão, Magro - disse Giordino, com um arremedo de sorriso.

— Prometo me comportar, Gordo.

Giordino virou-se novamente para os monitores, quando Pitt subiu as escadas, pulou sobre o velho tronco e entrou no vinhedo.

A mente de Pitt registrou duas emoções: um medo de que não pudesse resgatar Kelly antes que os asseclas de Kanai a maltratassem novamente e uma necessidade pura e simples de vingança. Para ele, era difícil se lembrar de todos os mortos deixados para trás na esteira da Cerberus Corporation e sua gangue de assassinos da Viper, e com que sentido? Lucro? Uma obsessão pelo poder? Ninguém vivia tanto para desfrutar destas vantagens hediondas. Aos olhos de Pitt era tudo insano.

Acocorado debaixo dos galhos mais altos das parreiras, ele andava o mais depressa que podia por entre as fileiras, as botas se afundando no solo macio. Ele não tinha ficado com o rifle do Viper que tinha nocauteado. Raramente tinha disparado um rifle, e preferia carregar o Colt 45, mais leve, e dois pentes de munição. O dia de verão estava quente e úmido, e ele começou a suar atrás da máscara de esquí. Não o removeu porque era um item do uniforme dos Vipers, e ele não queria parecer diferente e chamar a atenção.

Correu quase 100 metros até que as fileiras de parreiras terminaram perto da



porta da frente da casa, separada por uma faixa estreita de um gramado muito bem aparado. Ele estava fora da visão dos Vipers que montavam guarda no celeiro e na parte de trás da casa, mas avançar 15 metros em campo aberto sem ser detectado por ninguém dentro da casa parecia mais uma tentativa de bancar o invisível do que agir com astúcia. Ele olhou as janelas e percebeu movimento do lado de dentro, o que sugeria que estaria totalmente visível assim que deixasse o abrigo das parreiras.

No máximo 15 metros o separavam da primeira coluna do pórtico de entrada da casa, 15 metros de grama sob um sol brilhante. Ele esgueirou-se até a última parreira e esperou até que uma leve brisa movimentasse as cortinas nas janelas. Qualquer ruído poderia chamar a atenção de alguém do lado de dentro, e Pitt foi avançando pelo gramado, devagar, e atento para qualquer sinal do guarda atrás da casa. Um passo de cada vez, ele se movia como um gato espreitando um passarinho bicando um verme no chão.

Cinco degraus de madeira levavam a um pórtico ladeado por colunas, e Pitt os subiu, vagorosamente, ansioso para que nenhum deles rangesse. Felizmente, nenhum ruído se ouviu. Em poucos segundos ele estava espremendo suas costas contra a parede da casa, e a meio metro da grande janela projetada para fora da parede da sala. Agora ele se abaixou, e quase se arrastando pelo chão foi avançando vagorosamente por baixo do vidro da janela, até que a atravessou e pôde se levantar e ficar de pé diante da porta. Cuidadosamente girou a maçaneta e abriu a porta. Não havia ninguém no vestibulo e ele entrou, como uma sombra. Não havia porta levando à sala de estar, mas uma passagem sob a forma de um arco. Um vaso de barro estava num pedestal, ao lado da parede do arco, com uma pequena planta tropical. Pitt ficou atrás dele e inspecionou a sala de estar - não uma rápida olhadela, mas um exame mais cuidadoso, para fixar as posições de todos os que estavam dentro da sala.

Josh Thomas, com sangue escorrendo pelo rosto, de cortes na testa, nas orelhas e no nariz, estava sentado com o corpo curvado e amarrado numa cadeira no centro da sala. Pitt reconheceu Kanai como o piloto do Fokker vermelho. Kanai estava sentado no meio de um amplo sofá de couro, o corpo encostado num dos braços, e calmamente fumando um charuto. Dois dos Vipers, vestidos de preto, estavam de cada lado da lareira, com as armas em posição. Um outro estava de pé, ao lado de Thomas, com uma faca na mão, apontada para os seus olhos. O quinto Viper era um monstro gigantesco que com uma mão segurava, pelos cabelos, Kelly, que se debatia, dois palmos acima do carpete. Kelly não conseguia gritar, apenas dar gemidos.

Pitt parou um instante sob o arco, imaginando se Giordino estava observando tudo pelo monitor. Era ridículo pensar que ele simplesmente poderia entrar na sala, saudar os Vipers e esperar morrer de velhice. Os homens lá dentro não hesitariam um segundo em atirar nele cem vezes. Todos receberam longo treinamento para matar. E matar era uma coisa natural naqueles homens, tanto quanto escovar os dentes. Pitt, do seu lado, tinha que pensar várias vezes antes de atirar num outro ser humano. Embora já tivesse matado em legítima defesa, nas suas veias não corria um sangue frio. Ele teve que se motivar para a ação e justificar-se com o fato de que a ação era necessária para salvar as vidas de Josh Thomas e Kelly Egan.

Embora o fator surpresa estivesse de seu lado e sabendo que não causaria suspeita imediatamente se entrasse na sala no uniforme preto dos Vipers, pensou em ganhar mais uns dois segundos se atirasse por trás do vaso de plantas, e parcialmente escondido. Sem saber imediatamente de onde os tiros vinham, os

Vipers teriam uma reação um pouco atrasada. Pitt poderia escolher seus alvos por ordem de prioridade.

Mas rapidamente rejeitou a idéia. Poderia acertar dois ou três deles, mas os que sobrassem certamente iriam perfurá-lo de balas antes que pudesse terminar o trabalho. E ainda havia a possibilidade, grande, de que uma bala perdida atingisse Kelly ou Thomas. Pitt decidiu que a única esperança era ganhar tempo, até que a SWAT chegasse. Pousou o Colt numa mesa perto de um vaso de flores e entrou na sala, calmamente, e ficou em silêncio.

Por uns instantes Pitt não foi percebido. Todos na sala estavam olhando para Kelly, que lutava contra Darfúr. Pitt podia ver as lágrimas escorrendo de seus olhos, e era angustiante para ele permanecer rígido, sem tentar parar a tortura. Imaginou que a SWAT ainda levaria mais uns cinco minutos até chegar a casa, mas não podia simplesmente ficar de pé e ver Kelly e Thomas sofrendo.

Ele disse calmamente para Kanai.

— Diga ao gordo que a solte.

Kanai olhou para Pitt, erguendo as sobrancelhas, e demonstrando confusão.

— O que você disse?

— Eu disse para mandar o gordo tirar as mãos sujas da moça. - E levantou a máscara.

Todos os Vipers na sala imediatamente perceberam em Pitt um impostor, e apontaram as armas para o seu peito.

— Você! - disse Kanai, completamente surpreso. - Esperem! - gritou. - Não o matem.

Kelly momentaneamente ignorou seu sofrimento e olhou Pitt, quase sem acreditar.

— Não, não, você não devia ter vindo aqui - ela murmurou por entre os lábios apertados.

— Você será o próximo a morrer, Kanai - Pitt disse friamente -, se ele não a soltar.

Kanai olhou de volta, ainda confuso.

— Oh, é mesmo? E quem vai me matar? Você?

— Uma equipe da SWAT está vindo para cá. A estrada é a única saída. Você está cercado.

— Perdoe, sr. Pitt, mas não acredito. - Depois fez um breve aceno com a cabeça para o gigante. - Ponha a moça no chão, Darfur. - Voltou a atenção novamente para Pitt. - Você matou um dos meus homens?

— Não - respondeu Pitt. - Eu só o prendi na sala de segurança e tomei suas roupas emprestadas.

— Temos contas a acertar, sr. Pitt. O senhor concorda?

— Falando por mim, acho que mereço uma medalha por ter impedido seus planos. Você e seus amigos pertencem à categoria dos assassinos frios.

— Sua morte será lenta e dolorosa.

Então era assim. Kanai não iria matar Pitt logo. Em sua mente assassina, ele estava cobrando de volta o que tinha passado. Pitt compreendeu que sua posição era instável, de qualquer forma. O que Giordino estaria pensando enquanto via a cena pelo monitor? A lei estava a caminho, e por mais que tivesse certeza disso, quando ela chegaria? Ele teria que ficar ganhando o máximo de tempo que pudesse.

— Eu interrompi alguma coisa quando cheguei para a festa? - perguntou Pitt inocentemente.

Kanai deu uma olhada longa.

— Estávamos tendo uma amistosa conversa com a senhorita Egan e sr. Thomas a respeito do trabalho do dr. Egan.

— A velha rotina do procura-se-uma-fórmula. Parece que todos no estado a conhecem, exceto você e seus amigos da Cerberus.

Os olhos de Kanai se abriram ligeiramente.

— Você está bem informado.

Pitt balançou os ombros.

— Tudo é uma questão de como interpretar os tambores.

Kelly tinha se aproximado de Thomas, removido a mordaca e estava limpando o sangue de seu rosto com a malha, o que deixava à mostra um pedaço de seu sutiã. Thomas olhava para ela, com os olhos embaçados, murmurando agradecimentos. O gigantesco Darfur estava de pé atrás de Pitt, olhando como um coio observa uma lebre acuada num fundo de vale.

— Você pode ser muito útil - Kanai disse para Pitt. - Agora, senhorita Kelly, você vai me dizer o esconderijo da fórmula ou vou atirar nos olhos deste homem, depois nos cotovelos, e finalmente vou arrancar suas orelhas.

Kelly olhou para Pitt aterrorizada. Era a gota d'água. Com Kanai ameaçando tanto Pitt quanto Thomas, ela sabia que não ia agüentar mais, e finalmente sucumbiu.

— A fórmula está escondida no laboratório do meu pai.

— Onde? - perguntou Kanai. - Já vasculhamos tudo por lá.

Ela ia começar a responder, mas Pitt a interrompeu.

— Não diga nada. É melhor que todos morramos do que dar a este assassino e a seus amigos da Cerberus um prêmio que eles não merecem.

— Já chega - Kanai interrompeu, e pegou uma automática de um coldre debaixo do braço e apontou o cano para o joelho esquerdo de Pitt. - Acho que a senhorita Egan precisa ser convencida.

Darfur deu dois passos e se colocou em frente a Pitt.

— Senhor, seria uma honra se o senhor permitisse que eu trabalhasse nesse cão.

Kanai olhou o gigante e sorriu.

— Acho que não pensei bem. Esqueci-me de seus poderes de persuasão, meu amigo. Ele é todo seu.

No momento em que Darfur se inclinou para colocar seu rifle apoiado numa cadeira, Pitt, que estava aparentando medo, de repente se lançou como uma cascavel dando um bote, procurando atingir Darfur com um joelho na região da virilha. Teria sido um golpe certo, ou pelo menos incapacitaria o gigante por uns minutos, mas Pitt errou o alvo e o atingiu na junção da coxa com o quadril.

Darfur foi apanhado de surpresa e encurvou-se, com um rouco gemido de dor, mas apenas por um momento. Recuperou-se quase instantaneamente e atingiu Pitt no peito com as duas mãos juntas, num golpe que o fez expelir ar e o derrubou sobre uma mesa, e depois sobre o carpete. Pitt nunca tinha sido atingido com tal violência. Ele se colocou de joelhos, fazendo força para fazer o ar chegar até os pulmões. Mais um golpe desses e seria candidato ao Instituto Médico Legal. Ele sabia que nunca seria capaz de derrotar o gigante com os pés e os punhos, e também precisaria de muita coisa mais para oferecer um mínimo de resistência. Ele precisava de uma arma, qualquer arma. Apanhou uma mesa de café, levantou-a o mais alto que pôde e desceu-a sobre a cabeça de Darfur com toda a força, quebrando a mesa em pedaços. O monstro devia ter uma cabeça de ferro. Seus olhos pareceram perder o foco, e seu corpo balançou. Pitt pensou que ele fosse cair e já se preparava para agarrar a arma que estava nas mãos de Kanai, mas Darfur recuperou-se, esfregou os olhos, acertou o foco dos

olhos e renovou o ataque.

Pitt lutava pela sua vida, e estava perdendo. Há um truismo no mundo do boxe que afirma que um bom lutador leve nunca vencerá um bom lutador mais pesado. Pelo menos não numa luta limpa. Pitt procurou avidamente em volta alguma coisa para atirar. Arrancou um grande abajur de cerâmica de uma mesa e o atirou, com as duas mãos. O abajur apenas chocou-se contra o ombro direito de Darfur, ricocheteando como uma pedra num tanque de guerra. Pitt atirou um telefone, em seguida um vaso, depois um relógio. Poderia ter continuado com centenas de bolas de tênis, pois nada disso causava o menor efeito no corpo maciço de Darfur.

Pitt podia ver os olhos frios e malignos, e entendeu que o gigante já estava cansado da brincadeira. Darfur arremeteu como um defensor contra um atacante num jogo de futebol americano, mas Pitt ainda tinha alguma agilidade para desviar-se e deixar o trem expresso passar e chocar-se contra um piano. Pitt agarrou a banqueta do piano e ia jogá-la contra o rosto de Darfur.

Neste momento, Kanai afastou os braços de Kelly, que estavam em volta do seu pescoço, como se fossem de uma criança, e atingiu a cabeça de Pitt com a coronha de sua arma. O golpe não o deixou inconsciente, mas provocou muita dor e o fez ajoelhar-se, deixando-o por uns segundos sem saber o que estava acontecendo. Ele recuperou-se aos poucos, e ainda com a visão embaçada percebeu os gritos de Kelly. Firmou a vista e viu Kanai segurando-a e torcendo seu braço com violência. Kelly tinha tentado tirar a arma de Kanai enquanto sua atenção estava voltada para a luta entre Pitt e Darfur.

Pitt, de repente, viu-se puxado com força por Darfur, que passara os braços em volta do seu peito, entrelaçara as mãos e começara a apertar. A respiração foi ficando mais lenta, irreversivelmente comprimida dentro dos pulmões, como se ele estivesse sendo atacado por uma sucuri. Sua boca estava aberta, mas ele não conseguia emitir nenhum som. A escuridão estava voltando e ele começou a ter dúvidas se veria a luz do sol novamente. Sentia as costelas prestes a se quebrarem, e em mais dois segundos não teria mais condição de resistir, e deixaria a morte aliviar sua agonia. Neste instante, a pressão diminuiu e os braços em redor de seu peito amoleceram.

Como se estivesse sonhando, Pitt viu Giordino entrar na sala e atingir Kanai com um soco no rim, por trás, fazendo-o dobrar-se em agonia, deixar a arma cair e soltar o braço de Kelly.

Os outros Vipers ficaram estáticos, com as armas apontadas para Giordino, aguardando a ordem de Kanai para atirar.

Darfur fitou o intruso por um instante, com apreensão, mas quando viu que Giordino não tinha nenhuma arma e era bem uns 30 centímetros menor que ele, seu rosto assumiu um ar de desdém.

— Deixe ele comigo - ele disse, exibindo crueldade na voz.

Naquele mesmo instante ele soltou Pitt, que caiu como um saco sobre o carpete, deu dois passos, passou os braços em volta do peito de Giordino e o ergueu do chão, deixando-o com os pés no ar. Os dois ficaram face a face. Os lábios de Darfur estavam meio repuxados, numa expressão irônica, enquanto o rosto de Giordino estava absolutamente calmo e sem medo.

Quando Darfur abraçou Giordino e entrelaçou suas mãos como uma garra e começou a apertar, o amigo de Pitt suspendeu seus braços, de modo que eles ficaram livres do aperto, acima da cabeça do gigante. Darfur ignorou os braços estendidos de Giordino e passou a usar toda a sua força para espremer seu peito. Pitt, ainda em estado de confusão e sentindo muita dor, arrastou-se pelo salão,

fazendo grande esforço para respirar, sentindo o peito em brasa e a cabeça doendo. Kelly saltou nas costas de Darfur, com as mãos em seu rosto, encobrindo os olhos, e lutava, balançando a cabeça do gigante para a frente e para trás. Darfur facilmente a afastou com uma das mãos e a atirou sobre o sofá, como se ela fosse um manequim, e voltou a apertar o peito de Giordino.

Mas Giordino sabia o que estava fazendo. Ele abaixou os braços, colocou as mãos em volta da garganta de Darfur e começou a apertar. O gigante percebeu imediatamente que agora era ele que estava vendo a morte. O esgar da face transformou-se em medo à medida que o ar já não chegava mais aos pulmões. Darfur desenlaçou as mãos e tentava abrir os dedos de Giordino da pressão sobre sua garganta. Mas Giordino aumentava a pressão, como um buldogue abocanhando uma presa, enquanto Darfur se balançava de um lado para outro.

Houve um horrível gemido de dor quando o corpo de Darfur, de repente, ficou flácido e caiu no chão, como um tronco abatido por uma serra, com Giordino em cima. Naquele instante vários carros da polícia e vans trazendo equipes da SWAT frearam no cascalho em frente à casa, com os pneus rangendo. Policiais fortemente armados imediatamente começaram a circular a casa. O barulho de helicópteros se aproximando também era ouvido através da janela.

— Para os fundos! - Kanai gritou para seus homens, ao mesmo tempo que agarrou Kelly e a arrastava pela sala.

— Se você feri-la eu vou cortar você em pedacinhos - Pitt disse, com raiva.

Ele percebeu que Kanai avaliava os prós e contras de tentar escapar com uma prisioneira que lutava para escapar.

— Não se preocupe - Kanai disse com escárnio, ao mesmo tempo em que empurrava Kelly em direção a Pitt. - Ela é toda sua por ora. Isto é, até que nos encontremos de novo. E vamos nos encontrar.

Pitt tentou segui-lo, mas não estava em condição de andar, e tropeçou e parou, apoiando-se num aparador, esperando que a visão ficasse livre das teias de aranha e a dor passasse um pouco. Um minuto depois ele voltou à sala de estar e encontrou Giordino cortando as cordas que amarravam Thomas, enquanto Kelly derramava um pouco de Jack Daniels num pano e o passava sobre os ferimentos no rosto do cientista.

Pitt olhou para Darfur estendido no chão.

— Morreu?

Giordino balançou a cabeça.

— Ainda não. Achei melhor que vivesse. Talvez possa ser persuadido a falar para a polícia e o FBI o que ele sabe.

— Você só apareceu na última hora, hein? - Pitt disse, sorrindo sem mostrar os dentes.

Giordino olhou de volta e encolheu os ombros.

— Sai dois segundos depois que o vi receber o abraço da morte, mas tive que parar e cuidar do guarda do lado de fora do celeiro.

— Fico lhe devendo mais uma. Se não fosse por você eu não estaria aqui de pé. - Desta vez Pitt falou com emoção.

— É, minhas intervenções estão se tornando monótonas.

Não havia como ter a última palavra com Giordino. Pitt foi até Thomas e o ajudou a pôr-se de pé.

— Como você está, veterano?

Thomas sorriu.

— Vou ficar como novo depois de uns pontos.

Kelly fitou Pitt quando ele colocou seu braço sobre seus ombros e disse:

— Você é uma senhorita de muita garra.

— Será que ele escapou?

— Kanai?

Temo que sim, a menos que o pessoal do xerife tenha conseguido agarrá-lo.

— Acho difícil - Kelly disse com ar preocupado. - Eles não vão achá-lo. Ele vai voltar e me matar, por vingança. Seus chefes da Cerberus não sossegarão até que tenham a fórmula de papai.

Pitt olhou para fora através das janelas, como se procurasse alguma coisa lá longe, no horizonte. Quando finalmente falou, foi com uma voz baixa e calma, como se estivesse fazendo uma pausa em cada sílaba.

Tenho um estranho pressentimento de que a fórmula do lubrificante não é tudo o que eles querem.

J-Á ERA FINAL DE TARDE. DARFUR e os dois membros da Viper que Pitt e Giordino tinham prendido estavam algemados e foram levados no carro-patrolha da polícia e indiciados como co-autores das mortes dos guardas de segurança do dr. Egan. Kelly e Thomas prestaram depoimento aos investigadores do departamento de homicídios da polícia, seguidos por Pitt e Giordino. Kelly estava certa quando afirmou que os policiais não conseguiriam prender Omo Kanai. Pitt seguiu as marcas deixadas por Kanai até um alto penhasco, acima do rio Hudson, onde encontrou uma corda que descia até a água.

— Eles devem ter escapado num barco que estava esperando - comentou Giordino.

Pitt permaneceu, com o amigo, num mirante à beira da amurada e ficou olhando a água lá embaixo. Depois passou os olhos pelo rio até as colinas verdejantes e as florestas. Pequenos aglomerados de casas se espalhavam pela beira da água, do lado de Nova York naquela parte do vale do rio Hudson tornada famosa por Washington Irving.

— É impressionante como Kanai cobre todas as apostas, todas as eventualidades.

— Você acha que o pessoal da Viper vai falar durante o interrogatório?

— Não vai fazer diferença se eles falarem ou não - disse Pitt vagarosamente. - A Viper é uma organização que provavelmente trabalha em células, cada uma sem saber nada da outra, todas sob o comando de Kanai. Até onde sabemos, as cadeias de comando terminam nele. Aposto que ninguém tem conhecimento de que os verdadeiros chefes estão na diretoria da Cerberus.

— Isso explica por que são tão cuidadosos em não deixar nenhum pista que leve até eles.

Pitt concordou.

— Os procuradores de Justiça nunca encontrarão provas sólidas para condená-los. Se vierem a ser punidos por seus crimes hediondos, não vai ser pela Justiça.

Kelly aproximou-se pelo gramado em frente à casa até o mirante.

— Vocês dois estão com fome?

— Eu estou sempre com fome - disse Giordino, rindo.

— Vou fazer alguma coisa leve, e Josh está preparando uns drinques. Ele prepara umas margaritas fantásticas.

— Minha querida - Pitt colocou um braço em volta da cintura de Kelly você

acaba de dizer a palavra mágica.

Dizer que o gosto com que o dr. Elmore Egan decorou sua casa era eclético é dizer o mínimo. A sala de estar estava mobiliada em estilo colonial, a cozinha tinha sido obviamente planejada por um engenheiro *high tech* cuja paixão pelos eletrodomésticos exóticos era muito maior do que pelos equipamentos de cozinha, e a sala de jantar parecia ter vindo diretamente de uma fazenda *viking*, com suas mesas e cadeiras, em pesada madeira de carvalho, esculpidas com desenhos e padrões cheios de detalhes.

Enquanto Pitt, Giordino e Thomas saboreavam as margaritas, Kelly preparava um atum ensopado com salada de repolho cru. A despeito do trauma do dia, todos comeram normalmente.

Terminada a refeição, foram para a sala de estar e recolocaram os móveis, desarranjados durante as lutas, em seus lugares, enquanto Thomas servia a cada um uma taça de um vinho do Porto que tinha 40 anos.

Pitt olhou para Kelly.

Você disse a Kanai que a fórmula de seu pai estava escondida no laboratório.

Ela virou os olhos para Thomas, como se pedindo permissão. Ele sorriu ligeiramente e concordou com a cabeça.

— A fórmula de papai está numa pasta escondida atrás de um painel da porta.

Giordino balançou o vinho, devagar, no copo.

— Ele teria me enganado. Eu nunca iria procurar dentro da porta.

— Seu pai era um homem muito inteligente.

— E Josh é um homem de muito valor - disse Giordino, dando uma entonação de respeito. - Mesmo muito maltratado, ele não revelou nada.

Thomas balançou a cabeça.

— Acreditem-me, se Dirk não tivesse aparecido, eu teria revelado o esconderijo da fórmula, para evitar que Kelly sofresse ainda mais.

— Talvez - disse Pitt. - Mas, quando eles viram que não estavam arrancando nada de você, eles passaram a torturar Kelly.

— Eles podem voltar, talvez esta noite - comentou Kelly com preocupação.

— Não - Pitt disse com convicção. - Kanai vai precisar de tempo para reunir nova equipe. Ele não vai tentar tão cedo.

— Vamos tomar todas as precauções. Kelly deve deixar a casa e se esconder em algum lugar - disse Thomas sério.

— Concordo - disse Pitt. - Kanai certamente vai achar que vocês esconderam a fórmula em algum lugar fora da fazenda, o que continua deixando vocês com a chave para ele encontrar o lugar.

— Eu poderia ir para Washington com você e Al - disse Kelly com um repentino brilho nos olhos. - Estarei segura sob a sua proteção.

— Não sei ainda se estamos voltando para Washington. - Pitt colocou a taça vazia em cima de uma mesa. - Vocês podem nos mostrar o laboratório do dr. Egan?

— Não há muito o que ver - comentou Thomas, guiando-os da casa até o celeiro. Lá dentro havia três armários, sobre os quais estavam os equipamentos usuais vistos na maior parte dos laboratórios de química. - Não tem muita novidade, mas foi aqui que formulamos e desenvolvemos o *Slick 66*.

Pitt andou em volta do cômodo.

— Não é exatamente o que eu estava esperando.

Thomas olhou para Pitt com um ar de interrogação.

— Não estou entendendo.

— Isto aqui não pode ser o laboratório onde o dr. Egan concebeu e desenvolveu seu motor magnético-hidrodinâmico - Pitt disse com firmeza.



— Por que você afirma isso? - perguntou Thomas com cautela.

— Este lugar é um laboratório de química, não mais que isso. O dr. Egan era um brilhante engenheiro. Não vejo mesas de desenho, nem computadores programados para mostrar imagens tridimensionais, nem equipamentos ou ferramentas para a construção de modelos de teste. Lamento, mas isto aqui não é o lugar onde uma mente inventiva desenvolveria um grande avanço tecnológico na propulsão. - Pitt fez uma pausa e olhou tanto para Kelly quanto para Thomas, que estava olhando para o chão. - Não entendo por que vocês dois estão agindo dessa forma.

— Kelly e eu não estamos escondendo nada, sr. Pitt - retrucou Thomas, falando com seriedade. - A verdade é que não sabemos onde Elmore fazia suas pesquisas. Ele era um ótimo homem e um bom amigo, mas tinha o mistério como característica, e nisso era quase um fanático. Elmore costumava desaparecer durante dias, às vezes até semanas, num laboratório secreto de pesquisa cuja localização só era conhecida por ele. Kelly e eu tentamos segui-lo diversas vezes, mas ele de alguma forma percebia e nos enganava. Era como se ele fosse um fantasma, que desaparecia quando lhe dava na telha.

— Vocês acham que o laboratório secreto é aqui na fazenda?

— Não sabemos - respondeu Kelly. - Quando tínhamos certeza de que papai tinha deixado a fazenda para viagens de negócio ou de pesquisa, Josh e eu revistávamos tudo, mas nunca achamos nenhuma pista.

— Que tipo de pesquisa o dr. Egan estava fazendo quando ele morreu?

Thomas deu de ombros, sem ânimo.

— Não tenho a menor idéia. Ele se recusava a me contar as coisas. Disse apenas que iria revolucionar a ciência e a tecnologia.

— Você era seu amigo mais chegado. E estranho que ele nunca tenha confiado em você - disse Giordino.

— Vocês deveriam ter conhecido Elmore. Ele era duas pessoas. Num minuto era um amigo e pai adorável, mas meio avoado. No outro, um engenheiro brilhante e paranóico, que não confiava em ninguém, nem nos mais próximos.

— Ele tinha algum passatempo? - perguntou Pitt.

— Ele era incrivelmente apaixonado pelo estudo dos *vikings* - respondeu Thomas.

— Era também muito interessado em Júlio Verne - acrescentou Kelly. - Sempre estava lendo seus livros.

Pitt andou pelo laboratório.

— Não vejo nenhuma indicação dessas duas paixões.

Kelly riu.

— Ainda não mostramos a você a biblioteca.

— Gostaria muito de conhecer.

— Ela fica numa casa separada, de frente para o rio. Papai a construiu há uns 20 anos. Era sua casa fora do lar, uma espécie de santuário contra as pressões do seu trabalho.

O prédio que abrigava a biblioteca de Egan era feito de pedra, e parecia ter se inspirado num moinho de cereais do século XVIII. Telhas de ardósia cobriam o teto, e hera subia pelas paredes de pedra. A única concessão ao conforto moderno eram clarabóias no teto. Thomas usou uma chave grande, das antigas, para abrir a grossa porta de carvalho.

O interior da biblioteca era o que Pitt tinha imaginado. As filas de estantes de mogno e as paredes revestidas de madeira demonstravam o refinamento. As enormes cadeiras e o sofá eram de couro, e a escrivaninha, ainda cheia de

papéis manuscritos, tinha como tampo uma grossa prancha de pau-rosa. O ambiente fazia os visitantes se sentirem relaxados e confortáveis. A biblioteca deve ter sido o lugar onde Egan se sentia melhor, e à vontade como um sapato velho, Pitt pensou. Era um lugar ideal para uma pesquisa.

Ele passou pelas estantes que iam do chão ao teto. Uma escada com rodinhas na parte de cima se movia ao longo de um trilho, possibilitando alcançar as prateleiras superiores. Pinnras de navios **vikings** estavam penduradas na única parede que não era coberta de estantes. Numa mesa abaixo dos quadros havia o modelo de um submarino de mais de 1 metro de comprimento. Pitt, que era engenheiro naval, imaginou que tinha sido construído numa escala de 1:30, ao mesmo tempo em que constatava a perfeição do trabalho artesanal. O barco era arredondado nas pontas, com vigias nos dois lados, e uma pequena torre apoiada na proa. As lâminas das hélices pareciam mais um remo de pás largas do que as hélices recurvadas dos projetos modernos.

Pitt nunca tinha visto um trabalho tão perfeito quanto aquele. A única comparação que vinha à sua cabeça era com um diagrama de um submarino construído pelos Confederados durante a Guerra Civil, que ele uma vez estudara.

**Na placa de bronze na base do modelo estava escrito:** Nautilus. Setenta metros de comprimento por oito metros de boca. Lançado em 1863.

— Lindo modelo - disse Pitt. - E o submarino do capitão Nemo, não é? Do livro **Vinte Mil Léguas Submarinas**.

— Papai o desenhou baseado numa gravura do livro original, e encontrou um genial construtor de modelos, Fred Torneau, que o construiu.

— Um trabalho clássico - disse Giordino com admiração.

Pitt continuou olhando as estantes, examinando os títulos dos livros nas prateleiras. Todos referiam-se à história dos **vikings**, entre 793 e 1450 d.C. Uma estante praticamente inteira era devotada ao alfabeto rúnico usado pelos germânicos e pelos escandinavos entre os séculos III e XIII.

Kelly mostrou o interesse de Pitt nos livros e se aproximou, pegando seu braço.

— Papai se tornou um especialista na tradução dos caracteres existentes em pedras rúnicas encontradas em todo o país.

— Ele acreditava que os **vikings** chegaram aqui, tão ao sul?

Ela concordou com a cabeça.

— Ele estava absolutamente convencido. Quando eu era pequena papai nos levava, mamãe e eu, por todos os estados do meio-oeste, num velho **trailer**, enquanto ele copiava e estudava todas as pedras que podia encontrar.

— Não devem ter sido muitas - disse Giordino.

— Ele encontrou e registrou mais de 35 pedras com inscrições no antigo alfabeto rúnico. - Kelly fez uma pausa e apontou para uma prateleira completamente cheia de arquivos e livros de anotações. - Está tudo aí.

— Ele pretendia algum dia publicar as suas descobertas? - perguntou Giordino.

— Não que eu soubesse. Há uns dez anos ele de repente ficou desinteressado dos estudos sobre os **vikings**. Foi como se uma luz tivesse sido apagada.

— Ele ia de uma paixão a outra - comentou Thomas. - Depois dos **vikings** Elmore mergulhou no estudo de Júlio Verne. - Ele foi até uma estante. - Ele comprou todos os livros de Júlio Verne, todas as histórias escritas por ele, onde quer que tivessem sido publicadas.

Pitt pegou um dos livros, na prateleira, e o abriu. A capa era toda em couro. Letras em ouro, na lombada e na capa, diziam **A Ilha Misteriosa**. Muitas das páginas tinham marcas sublinhando trechos inteiros. Pitt recolocou o livro na prateleira e se afastou um pouco.

— Não vejo pastas ou livros de anotações a respeito de Júlio Verne. Aparentemente o dr. Egan leu os livros, mas não fez nenhum comentário.

Thomas aparentava estar exausto, abatido com os eventos traumáticos do dia. Ele se aproximou de uma cadeira de couro e se sentou, devagar.

— A dedicação de Elmore aos **vikings** e a Júlio Verne para mim é um mistério. Ele não era o tipo de homem que se dedicaria inteiramente a um assunto, a ponto de se tornar um especialista, puramente por prazer. Eu nunca o vi estudar um assunto sem pensar em ter ganhos com isso.

Pitt olhou para Kelly.

— Alguma vez ele contou por que estava tão interessado nos **vikings**?

- Não era só o interesse pela erudição e a história dos **vikings**, ou as inscrições nas pedras.

Giordino pegou da prateleira um dos livros de anotações de Egan sobre os **vikings** e o abriu. Seus olhos se apertaram enquanto ele folheava as páginas, o rosto demonstrando uma surpresa crescente. Ele folheou as páginas de um segundo livro de anotações, depois de um terceiro. Então olhou, atônito, para os outros enquanto lhes passava os livros.

— Parece que o dr. Egan é um enigma muito maior do que vocês jamais imaginaram.

Todos folhearam os livros e depois se entreolharam, cada rosto demonstrando estupefação e incompreensão.

Todas as páginas dos livros estavam em branco.

— Não compreendo - balbuciou Kelly, completamente perdida.

— Nem eu - acrescentou Thomas.

Kelly pegou mais dois livros e viu que eles também estavam em branco.

— Eu me lembro muito bem das viagens até as matas à procura de pedras rúnicas. Quando encontrava uma ele passava um pouco de talco sobre as inscrições, para torná-las mais visíveis, e fotografava. Depois, enquanto acampávamos por perto à noite, ele traduzia as inscrições. Eu costumava perturbá-lo, e ele me afastava, e continuava fazendo anotações. Eu o vi escrevendo, tenho certeza!

— Não nestes livros - disse Pitt. - Nenhuma das páginas parece ter sido removida e depois trocada por uma página em branco. Seu pai deve ter escondido o livro original em algum outro lugar.

— Devem estar apanhando poeira neste laboratório secreto que vocês mencionaram - comentou Giordino, cuja admiração por Elmore Egan tinha caído alguns pontos.

O rosto encantador de Kelly era só espanto, e seus olhos de cor safira azul pareciam estar tentando ver alguma coisa que não estava aparente.

— Por que papai faria uma coisa dessas? Ele era um homem absolutamente correto e honesto, sem nada que o desabonasse.

— Ele deve ter tido uma boa razão - Thomas apressou-se a dizer, tentando confortá-la.

Pitt olhou para Kelly compadecido.

— Está ficando tarde. Não vamos descobrir nada agora à noite. Sugiro irmos dormir, e amanhã talvez acordemos com algumas respostas.

Ninguém contra-argumentou. Todos estavam mortos de cansaço. Todos, exceto Pitt. Ele foi o último a deixar a biblioteca. Fingiu trancar a porta, antes de entregar a chave a Thomas. Mais tarde, quando todos estavam dormindo, ele voltou até a biblioteca sem fazer ruído e entrou. A porta estava destrancada. Lá dentro acendeu as luzes e começou a examinar o material de pesquisa levantado

por Egan e as pedras rúnicas. Uma pista e uma história começaram a surgir. Por volta das quatro da madrugada ele tinha encontrado o que estava procurando. Muitas respostas ainda lhe escapavam, mas a água turva tinha ficado clara o suficiente para ele dar uma olhadela no fundo. Satisfeito e feliz, caiu no sono numa das confortáveis poltronas de couro, inalando o cheiro típico de livros antigos.

GIORDINO SURPREENDEU A TODOS, na manhã seguinte, preparando o café-da-manhã. Em seguida, Pitt, cansado e com os olhos vermelhos pela falta de sono, ligou para Sandecker e deu-lhe as últimas informações. O almirante tinha pouco que acrescentar a respeito das investigações sobre a Cerberus, e comentou rapidamente que Hkam Yaeger estava sem entender por que Pitt tinha enchido a pasta de Egan de óleo na sua ausência. Pitt também estava sem entender, e não tinha a menor idéia sobre quem estava por trás do truque.

Giordino juntou-se a Thomas, que tinha um trabalho a fazer no laboratório, quando Pitt e Kelly foram de novo para a biblioteca. Kelly percebeu os livros e os papéis empilhados sobre o tempo de correr da escrivania.

— Parece que um duende andou trabalhando a noite toda.

Pitt olhou para ela.

— Acredite, foi trabalho duro.

— Agora estou entendendo por que você está com um rosto tão cansado - ela disse, rindo, e aproximando-se deu-lhe um beijo na face. - Achei que você ia me fazer uma visita na noite passada, em vez de visitar a biblioteca de meu pai.

Pitt ia começando a dizer "trabalho antes do prazer", mas pensou melhor.

— Não sou muito romântico quando meu pensamento está a quilômetros de distância.

— De volta mil anos no tempo - ela comentou, vendo os livros sobre *vikings* abertos na escrivania. - O que é que você está procurando?

— Você disse que seu pai andou por todo o país e traduziu as inscrições de 35 pedras rúnicas.

— Pode ser duas a mais ou a menos. Eu não me lembro exatamente.

— Você se lembra dos locais?

Kelly movimentou a cabeça de um lado para outro, tentando lembrar. Instantes depois, ergueu as mãos.

— De cinco ou seis eu me lembro, mas foi tão distante das estradas normais que não saberia dizer como chegar até lá outra vez.

— Você não vai precisar fazer isso.

— Aonde você está querendo chegar?

— Vamos organizar uma expedição para refazer a trilha de seu pai até as pedras.

— Com que objetivo?

— Puro instinto, mas seu pai não buscou pedras no país inteiro com inscrições sobre os *vikings* e depois destruiu ou escondeu as traduções porque não ficou satisfeito com o resultado. Ele fez isso com um objetivo. Ele tinha uma missão. Acho que está tudo ligado de alguma forma com suas experiências. Kelly fez cara de dúvida.

— Se é assim, você está vendo alguma coisa que eu não estou vendo.

Pitt sorriu para ela.

— Não há nada a perder.

— Papai destruiu todas as anotações ligadas aos lugares onde encontrou as pedras. Como você vai conseguir chegar lá?

Pitt inclinou-se sobre a escrivania, pegou um livro e mostrou a ela. O título era *Mensagens dos Antigos Vikings*, escrito pela Dra. Marlys Kaiser.

— Esta senhora organizou uma relação de mais de 80 pedras rúnicas encontradas na América do Norte, com suas traduções. Os primeiros trabalhos dela estão aqui, na biblioteca de seu pai. Acho que devemos fazer uma visita à Dra. Kaiser.

— Mais de 80 pedras. - Kelly fez uma pausa, um pensamento no fundo da mente. - Mas papai só estudou 35. Por que ele parou aí e não estudou as outras 45?

— Porque ele estava interessado apenas nas inscrições relacionadas com o projeto que estava desenvolvendo na ocasião.

Houve um momentâneo brilho de curiosidade em seus olhos azuis.

— Por que papai não deixou um documento com o registro das inscrições que ele traduziu?

— Espero que a Dra. Kaiser possa nos dar a resposta.

— Quando partimos? - ela perguntou, com uma crescente excitação.

— Esta tarde, ou assim que os novos guardas tomem suas posições ao redor da casa.

— Onde mora a Dra. Kaiser?

— Numa pequena cidade chamada Monticello. Fica a uns 100 quilômetros a nordeste de Minneapolis.

— Nunca estive em Minnesota.

— Muitos insetos nesta época do ano.

Kelly fitou os livros sobre os *vikings* dispostos nas prateleiras da biblioteca do pai.

— Será que a Dra. Kaiser conheceu papai?

— Parece lógico que ele a tenha consultado. Teremos algumas respostas no domingo, por essa hora - respondeu Pitt.

— Isso é daqui a quatro dias. E até lá?

Ele a conduziu para fora da biblioteca e fechou a porta.

— Primeiro, vou ter que fazer cinco ou seis ligações. Depois voaremos para Washington. Há algumas pessoas lá que são fundamentais, pelo seu conhecimento. Quero juntar o maior número possível de informações antes de sairmos aí pelas matas à cata de pedras.

Desta vez, quando o jato da NUMA que levava Pitt aterrissou no Aeroporto Langley, a deputada Loren Smith estava aguardando. Assim que ele pisou no asfalto ela o abraçou, enfiando as mãos pelos seus cabelos pretos e ondulados, puxando sua cabeça para baixo para beijá-lo.

— Olá, marinheiro - ela o saudou, num tom abafado, depois de soltá-lo.

Kelly hesitou na porta do avião, observando Pitt e Loren se olharem nos olhos. Ela viu claramente que não se tratava de um conhecimento casual, e isso provocou uma pontada de ciúme. Loren era uma mulher muito bonita. Seu rosto e corpo refletiam a vida saudável de sua criação numa fazenda nas colinas

ocidentais do Colorado. Uma completa amazona, tinha concorrido à eleição para a Câmara e sido eleita. Estava agora no sexto mandato.

Loren estava vestida sem formalidade para o calor úmido de Washington, e parecia deslumbrante numa bermuda bege, sandálias douradas e uma blusa amarela. Com os ossos da face proeminentes, olhos violetas e cabelos castanhos, ela bem poderia ter sido modelo, em vez de servidora pública. Durante dez anos seu relacionamento com Pitt foi de íntimo a platônico, e vice-versa, várias vezes. Uma vez pensaram seriamente em se casar, mas cada um estava casado com o trabalho, e acharam difícil morar juntos.

Kelly se aproximou, e as duas mulheres imediatamente se mediram. Pitt apresentou-as e, sendo homem, não percebeu o instantâneo conflito territorial entre elas.

— Kelly Egan, esta é a deputada Loren Smith.

— É uma honra conhecê-la, deputada - disse Kelly, com um sorriso apertado.

- Por favor, me chame de Loren - ela respondeu docemente. - A honra é minha. Conheci seu pai. Peço que aceite minhas condolências. Ele era um homem brilhante.

O rosto de Kelly se iluminou.

— Você conheceu papai?

— Ele foi ouvido pelo meu comitê de investigação sobre a fixação de preço pelas companhias de petróleo. Também nos encontramos várias vezes em meu gabinete e discutimos assuntos de segurança nacional.

— Sabia que papai ia a Washington de vez em quando, mas ele nunca falou comigo sobre reuniões com membros do Congresso. Sempre achei que as viagens tinham a ver com os Ministérios do Comércio e Transporte.

Giordino saiu do avião neste momento e abraçou Loren; os dois se beijaram na face.

- Continua deslumbrante - ele disse, olhando para cima, do seu 1,70m para o 1,80m dela.

- Como vai o meu romano favorito?

- Lutando contra os bárbaros. E você?

— Combatendo os filisteus na capital.

— Deveríamos trocar de lugar de vez em quando.

Loren riu.

- Acho que sairia lucrando na troca.

Deu um segundo, e longo, beijo em Pitt.

- Sempre que eu penso que foi embora você aparece de novo.

- Qual carro você está dirigindo? - perguntou Pitt, sabendo que ela sempre gostava de aparecer num dos seus carros antigos.

Ela apontou com a cabeça para um elegante Packard 1938, com grandes pára-lamas e duas rodas sobressalentes cobertas, dos lados do compartimento do motor. As linhas do carro, desenhadas por Earle C. Anthony, um renomado vendedor de carros da marca durante cinco décadas, simbolizavam a própria essência de um modelo clássico. Este carro em particular era um modelo 1607, com uma distância entre eixos de pouco mais de 3 metros e meio, e um magnífico e silencioso motor V-12 de 473 polegadas cúbicas que Pitt tinha, com algumas alterações, transformado num motor de 200 cavalos.

Há um amor erótico entre a mulher e um automóvel espetacular. Kelly passou os dedos, cuidadosamente, sobre o cromado do emblema acima do radiador, os olhos luzindo em reverência por saber que estava tocando uma obra-prima de engenharia e arte. Ela sabia que seu pai teria adorado um carro tão maravilhoso.

— Simplesmente dizer que ele é lindo não faz completa justiça - ela disse.

— Você gostaria de dirigir? - perguntou Loren, olhando Pitt com firmeza. - Tenho certeza de que Dirk não se importa.

Pitt percebeu que tinha muito pouca escolha, e resignou-se em ajudar Giordino a colocar a bagagem no porta-malas e acomodar-se no banco traseiro, junto de Loren. Giordino sentou-se no banco da frente, ao lado de Kelly, que estava exultante de felicidade atrás do volante.

A janela que ficava entre o banco dianteiro e o compartimento de passageiros de trás foi fechada. Loren fitou Pitt, provocativamente.

— Ela vai ficar em sua casa?

— Que mente suja você tem - Pitt respondeu com uma risada. - Na verdade, estava pensando que ela pudesse ficar com você na sua casa na cidade.

— Este é o velho Dirk Pitt que eu conheço.

— Lamento desapontá-la, mas sua vida está em perigo e ela vai ficar mais segura com você. A Cerberus Corporation é dirigida por maníacos que não hesitarão em matá-la a fim de colocar as mãos na fórmula secreta de um super-lubrificante desenvolvido pelo pai dela. Presumo que já descobriram meu hangar, e é por isso que acho mais seguro que ela não fique perto de mim.

Loren pegou as mãos de Pitt entre as suas.

— O que as mulheres do mundo fariam sem você?

— Você se importa de tomar conta dela para mim?

Loren sorriu.

— Acho que posso usar uma companhia feminina para variar. - Então seu sorriso desapareceu. - Falando sério, não tinha idéia de que você estava metido com a Cerberus.

— A investigação tem sido mantida em sigilo pelo FBI e pela CIA.

— Sem dúvida. Nada transpirou na mídia. O que é que você sabe que eu não sei?

— A NUMA provou conclusivamente que o incêndio e o naufrágio do ***Emerald Dolphin*** e a explosão que mandou o ***Golden Martin*** para o fundo do mar foram propositais. Temos certeza de que a Cerberus e seu braço secreto Viper estão por trás dessas ações.

Ela olhou para Pitt com firmeza.

— Você tem certeza do que está dizendo?

— Al e eu estamos envolvidos nisso até o pescoço, desde o começo.

Ela se recostou no luxuoso banco de couro e fixou o olhar fora da janela por uns instantes. Depois voltou a olhar para Pitt.

— Sou a presidente de um comitê que está investigando as práticas desleais da Cerberus Corporation. Acreditamos que eles estejam tentando conseguir um monopólio adquirindo a maioria dos postos de produção de petróleo dos Estados Unidos.

— Com qual objetivo? Praticamente 90% do nosso petróleo vêm de produtores estrangeiros. Não é segredo que os produtores americanos não têm condição de competir no preço do barril.

— É verdade - concordou Loren. - Não temos condição de produzir internamente o petróleo de que precisamos. Com os produtores estrangeiros fazendo o jogo perigoso de diminuir a produção para aumentar os preços, todos os países do mundo se veriam diante de uma grande escassez de petróleo. O que torna a situação ainda pior é que as nossas reservas e os poços estão virtualmente secos. Os produtores nacionais estão mais do que satisfeitos em vender suas licenças para a Cerberus e passar a refinar o óleo cru que chega do estrangeiro. Há uma longa cadeia de abastecimento ligando os poços aos tanques em terra, destes para



os superpetroleiros, para outros tanques e finalmente para as refinarias. Uma vez que esta linha de abastecimento se interrompa em virtude de queda na produção, serão precisos de três a cinco meses para normalizá-la de novo.

— Se acontecer o que você está dizendo, vai ser um desastre de proporções épicas.

Loren apertou os lábios.

— O preço do petróleo irá para o céu. As companhias aéreas serão obrigadas a aumentar suas tarifas a níveis insuportáveis. O preço do combustível na bomba vai triplicar. Estamos falando de uma situação que pode fazer o preço de um barril de petróleo atingir US\$ 80 ou mais.

— Ninguém vai poder pagar mais que US\$ 5 por um galão de combustível.

— Pois estamos próximos de chegar lá.

— Esta situação não atingiria também os produtores estrangeiros? - perguntou Pitt.

— Não com eles cortando os custos de produção e multiplicando os lucros por três. A OPEP, por exemplo, se ressentiu muito da maneira como foi manipulada pelo Ocidente durante anos. Ela deve endurecer cada vez mais e virar as costas para apelos de aumento da produção e redução de custos. Vai ignorar nossas ameaças também.

Pitt olhou pela janela para os pequenos barcos navegando pelo rio Potomac.

— O que nos traz de volta para a Cerberus. Qual é a participação deles em tudo isso? Se eles estão planejando o monopólio do petróleo cru nos Estados Unidos, por que não assumir também o controle das refinarias?

Loren fez um gesto com as mãos indicando que também não entendia.

— E perfeitamente possível que tenham feito negociações secretas com os acionistas das refinarias para assumir o controle delas. Se eu estivesse no lugar deles procuraria fechar todas as saídas.

— Eles devem ter um motivo, e muito grande, senão não sairiam por aí deixando atrás um monte de cadáveres.

Seguindo as instruções de Giordino, Kelly virou e entrou num portão na extremidade do Aeroporto Internacional Ronald Reagan, e dirigiu numa estrada de terra até o hangar de Pitt, que abriu a janela divisória e disse para Giordino:

— Por que você não deixa as moças na casa de Loren e vai para a sua, trocar de roupa? E depois venha nos pegar lá pelas sete horas. Vou fazer as reservas para o jantar.

— Parece ótimo - disse Kelly, virando-se em seu banco e sorrindo para Loren. - Espero não estar dando trabalho.

— De maneira alguma. Tenho um quarto para hóspedes e você é muito bem-vinda. Kelly virou-se depois para Pitt e disse, com os olhos brilhando: - Amei dirigir este carro.

— Não se entusiasme muito. Quero o carro de volta - disse Pitt, sorrindo.

Enquanto o Packard seguia de volta pela estrada de terra, Pitt digitou o código de segurança da porta em seu controle remoto, entrou no hangar, pôs a mala no chão e consultou seu relógio Doxa. Os ponteiros indicavam 2h30. Ele abriu a janela de um jipe da NUMA e fez uma ligação no seu telefone celular.

Uma voz profunda, com uma cadência musical, respondeu.

— Estou aqui.

— St. Julien.

— Dirk! - respondeu alto St. Julien Perlmutter, conhecido por suas mil histórias, como gourmand e como renomado historiador marítimo. - Estava ansioso por ter notícias suas. É ótimo ouvir sua voz. Recebi um relatório indicando que você

estava no *Golden Marlin*.

— Estava.

— Parabéns por ter escapado.

— St. Julien, será que você dispõe de tempo para um trabalho de pesquisa?

— Eu sempre tenho para o meu neto favorito.

— Posso ir até sua casa?

— Claro, pode. Vou abrir uma garrafa de um vinho do Porto de 60 anos que acabei de receber de Portugal. Gostaria que você experimentasse também.

— Estarei aí em 15 minutos.

PITT DIRIGIU POR UMA RUA DE TRÊS FAIXAS, em Georgetown, com os dois lados tomados por elegantes casas antigas, construídas na virada do século XX. Ele entrou no acesso a uma casa de tijolos à vista, grande e com as paredes tomadas pela hera, passou pela casa e continuou até uma ampla garagem para carroças em frente a uma área interna coberta, nos fundos. O que outrora tinha abrigado as carroças puxadas por cavalos e, depois, automóveis, tinha sido aumentada até se transformar numa ampla casa, com dois andares de porão, os quais abrigavam a mais completa biblioteca sobre o mar jamais formada por uma única pessoa.

Pitt estacionou o jipe, andou até a porta e bateu com a grande aldrava de bronze, fundida na forma de um veleiro. A porta abriu-se instantaneamente. Um homem imenso, pesando uns 180 quilos, usando um pijama de seda cor de vinho, com estampas em *foulard*, por baixo de um robe também de seda e mais claro, encheu toda a porta. Ele não era o que se poderia chamar de flácido e cheio de banha. Sua cintura era sólida, e ele se movia com uma graça inesperada. Os cabelos soltos eram grisalhos, como a barba longa, por baixo de um nariz vermelho e olhos azuis como o céu.

— Dirk! - ele gritou. Deu um abraço apertado em Pitt e um passo atrás. - Entre, entre. Parece que não estou conseguindo vê-lo ultimamente.

— Devo admitir que sinto falta da sua fantástica comida.

Pitt seguiu St. Julien Perlmutter através de quartos e vestibulos abarrotados do chão ao teto de pilhas de livros sobre navios e o mar. Ele tinha uma enorme biblioteca, invejada e desejada por universidades e museus, mas Perlmutter tinha decidido manter todos os volumes, até o dia de sua morte. E só então seu testamento revelaria o destino da sua biblioteca. Ele conduziu Pitt até uma espaçosa cozinha, cheia de vidros, utensílios de cozinha e toda a parafernália para cozinhar e servir uma refeição. Apontou uma cadeira para Pitt, perto de uma mesa redonda que tinha uma caixa com uma bússola no centro.

— Sente-se enquanto abro meu raro Porto. Estava reservado para uma ocasião especial.

— Minha presença dificilmente é uma ocasião especial - Pitt disse, sorrindo.

— Qualquer ocasião é especial quando não tenho que beber sozinho - Perlmutter disse rindo de prazer. Ele era um homem bem-humorado, que ria com facilidade

e raramente era visto sem uma expressão risonha. Ele removeu a rolha e despejou o líquido de um vermelho profundo em duas taças para vinho do Porto. Estendeu uma para Pitt. - O que você acha?

Pitt sorveu um pouco do Porto, revolveu-o na boca antes de engolir e dar sua aprovação.

— Néctar dos deuses.

— Uma das boas coisas da vida. - Perlmutter sorveu todo o vinho e serviu-se outra taça. - Você disse que tinha um projeto de pesquisa para mim.

— Você já ouviu falar do dr. Egan Elmore?

Perlmutter fitou Pitt com atenção por um momento.

— Claro que já ouvi. O homem era um gênio. Seus motores magnético-hidrodinâmicos, de grande rendimento e sem custo de combustíveis, são uma maravilha da tecnologia. Uma pena que ele tenha sido uma das vítimas do ***Emerald Dolphin*** nas vésperas de seu triunfo. Por que você pergunta?

Pitt relaxou na cadeira, saboreou uma segunda taça de vinho e contou a história como ele a viveu, começando com o incêndio a bordo do ***Emerald Dolphin*** e terminando com a luta na casa de Egan na beira do rio Hudson.

— E onde eu entro na história? - perguntou Perlmutter.

— O dr. Egan era um fanático por Júlio Verne, especialmente por seu livro ***Vinte Mil Léguas Submarinas***. Achei que se alguém conhece bem o submarino do capitão Nemo, o ***Nautilus***, esse alguém teria que ser você.

Perlmutter recostou-se na cadeira e olhou para o teto da cozinha.

— Como é uma obra de ficção, não o incluí na lista de meus projetos de pesquisa. Já faz algum tempo que reli a história. Verne era, de qualquer forma, um escritor à frente de seu tempo, ou podia prever o futuro, porque o ***Nautilus*** era ***mutíssimo avançado tecnologicamente para 1866***.

— ***Alguém ou algum país poderia ter construído um submarino que tivesse a metade da eficiência do Nautilus?*** - perguntou Pitt.

— O único, que me recordo, que provou ser operacional antes dos anos 1890 foi o submarino confederado ***H. L. Hunley***.

— Eu me lembro. Ele afundou um pequeno navio de um mastro só, chamado ***Housatonic***, ao largo de Charleston, Carolina do Sul, em 1864, e se tornou o primeiro submarino da história a afundar um navio.

Perlmutter concordou.

— Isso mesmo. Não aconteceu outra vez até quase 50 anos mais tarde, em agosto de 1914, quando um submarino U-21, alemão, afundou o navio inglês ***Pathfinder*** no Mar do Norte. O ***Hunley*** ficou no fundo, enterrado em areia e lama, por 136 anos, até que foi localizado, trazido à superfície e colocado num tanque de preservação, para depois ser exposto ao público. Quando ele foi examinado pela primeira vez e a areia e os restos da tripulação foram removidos, constatou-se que ele tinha um conceito muito mais moderno do que se supunha. Era bem delgado, tinha um sistema rudimentar que lhe permitia receber oxigênio, com foles para bombear o ar, tanques de lastro e rebites não aparentes, para diminuir o arrasto da água. Este último detalhe, a propósito, se pensava que não tinha sido usado antes que Howard Hughes instalasse rebites sem cabeça num modelo de avião que ele construiu nos anos 30. O ***Hunley*** chegou até a fazer experiências com motores eletromagnéticos, mas essa tecnologia ainda não estava desenvolvida naquele tempo, de modo que oito homens se sentavam dentro do submarino e giravam uma manivela, que por sua vez fazia mover as hélices de propulsão. Depois disso, a ciência da construção de submarinos ficou adormecida até que John Holland e Simon Lake começaram a

experimentar e a construir submarinos que foram aceitos em diversos países, inclusive nós e a Alemanha. Estes esforços iniciais parecem crus diante do *Nautilus do capitão Nemo*.

*Depois desta explanação, Perlmutter ficou sem gás e já ia pegar novamente a garrafa de vinho do Porto quando uma lembrança iluminou seu rosto.*

— *Estou lembrando de uma coisa - disse, levantando seu pesado corpo da cadeira com facilidade. Desapareceu num hall por diversos minutos, até reaparecer com um livro numa das mãos. - É uma cópia do inquérito sobre o naufrágio da fragata Kearsarge, da Marinha dos Estados Unidos.*

— O navio que afundou o famoso atacante confederado *Alabama*?

— Este mesmo. Tinha me esquecido das estranhas circunstâncias em que ele acabou encalhado no recife Roncador, na costa da Venezuela, em 1894.

— Estranhas? - perguntou Pitt.

— Sim. De acordo com seu comandante, Leigh Hunt, ele foi atacado por um barco subaquático construído pelo homem, que parecia uma baleia. O barco foi perseguido, e então mergulhou na água, para depois reaparecer na superfície e se chocar contra o *Kearsarge*, fazendo um grande buraco no casco, que quase o impediu de chegar ao recife Roncador, onde encalhou. A tripulação ficou no recife, até que foi resgatada.

— Parece que o bom capitão andou bebendo muito rum - Pitt afirmou, brincando.

— Não, o homem falava sério, e o que é importante é que toda a tripulação confirmou tudo. Nenhum dos que testemunharam o espetáculo contou uma história diferente. Os relatos descrevem um grande monstro de aço que foi impenetrável a uma série de tiros de canhão despejados pelo *Kearsarge*. Eles simplesmente ricocheteavam no monstro. Os relatórios também mencionam uma espécie de torre em forma de pirâmide nas costas do monstro, que aparentemente tinha vigias. O capitão Hunt jurou que tinha visto um rosto olhando para ele de dentro de uma vigia, um homem com uma barba.

— Eles falam no tamanho do monstro?

— A tripulação foi unânime em dizer que ele tinha uma forma cilíndrica, com as pontas cônicas, como um charuto. Como era de esperar, estimaram o tamanho como algo entre 30 e 100 metros, com uma boca de 6 a 12 metros.

— Provavelmente algo intermediário - Pitt disse, pensativo. - Algo ligeiramente maior que 60 metros de comprimento por uns oito metros de boca. Não é exatamente um barco subaquático para ser ignorado em 1894.

— Pense bem, o *Kearsarge* não foi o único navio a ser afundado por um monstro subaquático, segundo os registros.

— A baleeira *Essex* chocou-se contra uma baleia e afundou, na costa de Nantucket - citou Pitt.

— Esta - Perlmutter disse com ar sério - era uma baleia de verdade. Estou falando de um outro navio dos Estados Unidos, o *Abraham Lincoln*, que relatou ter se chocado com um artefato subaquático e quebrado o leme.

— Quando isso aconteceu?

- Em 1866.

— Quer dizer, 26 anos antes.

Perlmutter contemplou a garrafa de vinho do Porto, que agora estava dois terços vazia.

— Naquele período muitos navios desapareceram em circunstâncias misteriosas. A maioria de bandeira britânica.

Pitt pôs a taça na mesa e recusou outra.

— Não acredito que um barco sobrenatural, décadas à frente de seu tempo, tenha sido construído por particulares.

— O *Hunley* foi construído por particulares, que financiaram o projeto - explicou Perlmutter. - Na verdade, foi o terceiro navio construído por Horace Hunley e seus engenheiros. Cada um mais avançado que o anterior.

— Parece um exagero pensar que este monstro misterioso não tenha sido construído por uma nação industrializada - afirmou Pitt, ainda cético.

— Quem pode dizer? - Perlmutter disse, com um meneio de ombros. - Talvez Júlio Verne tenha ouvido falar deste barco e criado o capitão Nemo e o *Nautilus* baseado nele.

— *É estranho que esse barco, se ele realmente existiu, pudesse cruzar os mares do mundo por quase 30 anos sem ter sido visto outras vezes, ou um de seus tripulantes tenha desertado para contar a história. E se ele andava por aí se chocando e afundando navios, como se explica que não haja outros sobreviventes para relatar o acontecido?*

— *Não sei dizer. Só sei o que aprendo nos registros da história do mar. O que não significa que não possa haver outros relatórios, ainda não descobertos pelos pesquisadores, em arquivos espalhados pelo mundo.*

— *E sobre Júlio Verne? - quis saber Pitt. - Deve haver um museu, ou parentes, que colecionaram seus papéis, registros de pesquisas e cartas.*

— *Há, sim. Estudiosos de Júlio Verne existem por toda parte. Mas o dr. Paul Hereoux, presidente da Sociedade Júlio Verne, em Amiens, na França, que foi onde Júlio Verne viveu de 1872 até a sua morte em 1905, é considerado o maior especialista na sua obra.*

— *Nós podemos contatá-lo?*

— *Melhor ainda, dentro de alguns dias pretendo ir à França, para buscar informações sobre o navio de John Paul Jones, o Bonhomme Richard. Darei uma chegada em Amiens e falarei com o dr. Hereoux.*

— Não poderia ser melhor - disse Pitt levantando-se da cadeira. - Tenho que ir e me preparar. Vou jantar com Al, Loren e a filha do dr. Egan, Kelly.

— Diga-lhes que desejo a todos felicidades.

Antes que Pitt saísse pela porta da frente, Perlmutter estava abrindo outra garrafa de vinho.

DEPOIS QUE RETORNOU A SEU APARTAMENTO, acima do chão do hangar, Pitt ligou para o almirante Sandecker. Em seguida tomou um banho, barbeou-se e vestiu calças de brim e uma camisa de malha. Assim que ouviu o som da buzina do Packard, vestiu um paletó esporte e deixou o hangar. Sentou-se no banco de couro no lado do passageiro e saudou Giordino, sentado ao volante, que também usava roupas semelhantes. A única diferença é que o paletó de Giordino estava colocado sobre o banco, já que a noite estava quente e havia muita umidade no ar.

— Tudo acertado? - ele perguntou.

Pitt concordou com a cabeça.

— O almirante organizou uma pequena recepção, no caso de termos algum problema.

— Você está armado?

Pitt afastou um pouco o paletó para mostrar seu velho Colt num coldre de tecido colocado sob o braço.

— E você?

Giordino torceu-se um pouco no banco para mostrar uma automática Ruger P94, calibre 40, também sob o braço.

— Esperemos que toda esta cautela não seja necessária.

Giordino não disse mais nada e pressionou a embreagem, pegou a longa alavanca de mudanças, encurvada, com um punho de ônix, e engatou a primeira marcha, e cuidadosamente foi liberando a embreagem ao mesmo tempo em que apertava o acelerador. O grande Packard partiu vagarosamente, rumo ao portão. Poucos minutos depois Giordino parou o carro em frente à casa de Loren em Alexandria. Pitt desceu, foi até a porta da frente e apertou a campainha. Dois minutos depois as duas mulheres apareceram na entrada. Loren, deslumbrante numa blusa de gola careca, em tecido imitando algodão e com aberturas laterais, e uma saia reta que ia até os calcanhares, parecia relaxada e radiante. Kelly usava uma jaqueta bordada, de *georgete*, com a gola franzida, que lhe dava um ar muito feminino.

Depois que todos se instalaram no Packard, Kelly, na frente junto de Giordino, virou-se para Pitt e perguntou:

- Aonde vamos?

- Pegue a Telegraph Road até Rose Hill. Há um restaurante lá chamado Knox Inn. Eles servem comida típica, caseira, que vão fazer suas papilas gustativas se sentirem no céu.

— Depois de toda esta recomendação, tomara que a comida faça jus à propaganda - comentou Loren.

— Comida típica me parece uma boa pedida - disse Kelly, alegre. - Estou faminta.

Conversaram o resto da viagem. Nada foi mencionado sobre suas experiências recentes, nem a Cerberus foi comentada. As mulheres falaram basicamente sobre lugares que tinham visitado durante suas viagens, enquanto Pitt e Giordino se mantiveram calados, olhando cuidadosamente os carros que passavam por eles ou vinham na direção oposta, prontos para qualquer complicação imprevista. O sol de verão se punha tarde nesta época do ano, e os passageiros dos outros carros olhavam longamente o velho Packard avançar pela estrada, como se ele estivesse indo para uma festa de gala. Ele não era tão rápido quanto os carros modernos, mas por outro lado Pitt sabia que seria necessário um caminhão para jogar suas 3 toneladas para fora da pista. Além disso, era construído como um tanque. O enorme chassi e a lataria ofereciam aos passageiros sólida proteção no caso de uma batida.

Giordino entrou no estacionamento do restaurante, e as mulheres saltaram do carro sob o olhar cauteloso dos homens. Pitt e Giordino observaram todo o estacionamento ao redor do restaurante, mas não viram nenhum sinal de atividade suspeita. Entraram então no imóvel que tinha sido uma estalagem para diligências em 1772 e foram imediatamente conduzidos pelo *maitre* até uma confortável mesa na área interna, debaixo de um grande carvalho.

— Para o que vamos comer sugiro que troquemos os coquetéis ou o vinho por uma excelente cerveja que destilam aqui mesmo - comentou Pitt.

Ele e Giordino finalmente começaram a relaxar, e o tempo foi passando agradavelmente, com o italiano desfiando seu repertório de piadas malucas que logo fizeram as mulheres se dobrarem de tanto rir. Pitt apenas sorria educadamente, pois já tinha ouvido as piadas pelo menos umas 50 vezes. Mas ele continuava observando as paredes da área externa e examinando as outras mesas como uma câmera de televisão, indo de um lado a outro, mas não viu nada que despertasse seu interesse.

Pediram churrascos de carne de porco e de frango, siri e camarão, salada de repolho cru à moda do sul e espigas de milho. Quando tinham terminado a refeição e estavam comendo a sobremesa, torta de limão, Pitt ficou tenso. Um homem de rosto bronzeado e cabelos avermelhados, entre dois sujeitos que bem poderiam usar um crachá proclamando-os 'assassinos profissionais', se aproximava da mesa. O intruso estava vestido com um caro terno feito sob medida e calçava robustos sapatos ingleses, e não leves sapatos italianos. Enquanto ele andava por entre as mesas, seus olhos azul-claros ficaram fixos em Pitt. Ele andava com elegância, mas com uma arrogância que sugeria ser dono da metade do mundo.

Um alarme disparou no cérebro de Pitt. Ele tocou as pernas de Giordino com o pé e fez um gesto que o atarracado italiano imediatamente reconheceu.

O homem veio diretamente à mesa deles e parou. Olhou para Pitt e para Giordino, como se estivesse registrando seus rostos para ocasiões futuras. Seus olhos pousaram em Pitt.

— Nunca nos encontramos, sr. Pitt, mas meu nome é Curtis Merlin Zale.

Ninguém na mesa reconheceu Zale, mas todos conheciam muito seu nome. Suas



reações ao ver o legendário monstro em carne e osso variaram. Kelly respirou fundo, e seus olhos se abriram. Loren olhou para o homem com divertida curiosidade, enquanto Giordino ficou mais interessado nos guarda-costas. Pitt fitou Zale com indiferença estudada, mesmo sentindo um frio na barriga. De qualquer forma, sentia repúdio pelo homem que tinha prazer pela crueldade. Pitt não fez nenhum esforço para levantar-se.

Zale fez uma rápida mesura para as mulheres, ao se dirigir a elas.

— Senhorita Egan, deputada Smith, é um prazer finalmente encontrá-las. - Virou-se então para Pitt. - Senhores, sua teimosia é notável. Sua intromissão causou à minha companhia uma enorme frustração.

— Sua reputação como um sociopata ganancioso o precede - disse Pitt acidamente.

Os dois guarda-costas deram um passo à frente, mas Zale fez um gesto mandando-os retroceder.

— Esperei que pudéssemos ter uma conversa sensata em benefício mútuo - ele disse, sem demonstrar malícia.

Este sujeito é liso, Pitt pensou consigo mesmo, liso e escorregadio como uma cobra envolta em óleo.

— Não consigo ver o que podemos ter em comum. Você assassina homens, mulheres e crianças. Al e eu somos as pessoas comuns, cumpridoras das leis e pagadoras de impostos, que são envolvidas por seus planos malucos de formar um monopólio de petróleo nos Estados Unidos.

— O que nunca vai acontecer - disse Loren.

Se Zale ficou preocupado com o fato de Pitt e Loren estarem a par de seu grande objetivo, não deu nenhuma demonstração.

— Vocês compreendem, claro, que meus recursos são incomensuravelmente maiores do que os seus.

— Você se engana muito se pensa que é maior que o governo dos Estados Unidos - retrucou Loren. - O Congresso vai impedir esta história antes que qualquer de seus planos saia do projeto. A primeira coisa que farei amanhã cedo será propor uma investigação completa sobre seu envolvimento com os naufrágios do

***Emerald Dolphin*** e do ***Golden Marlin***.

Zale fitou Loren e deu um sorriso condescendente.

— Você acha que esta é a coisa certa? Nenhum político é imune a escândalos... ou acidentes.

Loren ergueu-se tão rapidamente que derrubou a cadeira para trás.

— Você está me ameaçando?

Zale não se afastou nem retirou o sorriso.

— Ora, não, deputada Smith, estou apenas indicando as possibilidades. Se você está determinada a destruir a Cerberus, então deve estar preparada para sofrer as conseqüências.

Loren ficou indignada. Ela não podia crer que um funcionário público eleito pudesse ser ameaçado com infâmias ou morte. Ela se assentou devagar, depois que Pitt tinha colocado a cadeira de volta, e fitou Zale com um olhar duro. Pitt parecia relaxado, e não disse nada, parecendo estar gostando da discussão.

— Você é um louco! - Loren disse, com raiva.

— Na verdade, sou perfeitamente são. Sei exatamente onde estou, em qualquer circunstância. Acredite-me, deputada, não pense que pode depender de seus pares para apoio. Tenho mais amigos no Capitólio do que você.

— Sem dúvida subornados e chantageados por você - intrometeu-se Pitt.

Os olhos de Loren pegaram fogo.

— Isso mesmo, e quando se revelar a quem você pagou, e quanto, você e seus cúmplices serão acusados de mais crimes do que John Gotti.

Zale balançou a cabeça, com arrogância.

— Isso não vai acontecer.

— O sr. Zale tem razão - comentou Pitt, de maneira neutra. - Ele nunca será submetido a julgamento.

— Você é mais inteligente do que eu pensava - disse Zale.

— Não - Pitt continuou, sem ironia. - Você nunca será condenado por seus crimes porque certamente vai morrer antes dos julgamentos. Nenhum homem merece morrer mais do que você, Zale, junto de todos os capangas e bandidos da Viper.

Havia tal frieza nos olhos verdes de Pitt que a arrogância de Zale pareceu atingida.

— Quanto a isso, sr. Pitt, tomarei cuidado. O senhor também parece bem informado demais para chegar à velhice. - A voz era fria como a ponta de um iceberg.

— Você acha que está imune à ação legal da Justiça, mas está perfeitamente ao alcance daqueles que agem fora do âmbito da lei. Um grupo tão letal quanto os seus Vipers já foi reunido para retirá-lo dos negócios, Zale. Agora é a sua vez de ficar olhando para trás.

Zale não esperava por aquilo. Conjeturou se Pitt e Giordino eram mais do que simples engenheiros trabalhando para a NUMA. Seu primeiro pensamento foi de que Pitt estava blefando. Assim, sua expressão facial não demonstrou medo, apenas raiva muda. Ele decidiu lutar no mesmo nível.

— Agora que já sei onde estou, vou deixá-los comer a sobremesa. Mas meus amigos vão ficar aqui.

— O que isso significa? - perguntou Kelly amedrontada.

— Significa que tão logo ele esteja na estrada, seguro na limusine, seus capangas atirarão em nós.

— Aqui, na frente de toda esta gente? - questionou Giordino. - E sem máscaras? Sua inclinação para o drama é vulgar.

Os olhos azul-claros de Zale demonstravam cautela. Quanto aos olhos de Pitt, eles eram impenetráveis. Giordino, com o rosto sério e as mãos sobre o colo, chamou o garçom e pediu um Rémy Martin. Somente as mulheres pareciam tensas e nervosas.

Zale tinha sido balançado. Era um homem que nunca deixava de comandar uma situação, mas esses homens não estavam reagindo da maneira que ele esperara. Esses homens não temiam a morte. Sua mente tão habituada a controlar a situação estava num beco sem saída, e ele não estava gostando.

— Agora que já vimos a face do inimigo - disse Pitt numa voz lúgubre como um túmulo -, sugiro que saia do restaurante enquanto pode ir andando, e nem pense em maltratar a senhorita Egan ou qualquer um nesta mesa.

Não era uma ameaça vã, apenas uma declaração.

Zale controlou sua crescente raiva com maestria.

— Embora eu não goste da sua interferência, respeito você e o sr. Giordino como adversários de valor. Mas agora verifico que vocês são tolos, muito mais tolos do que seria capaz de imaginar.

— O que você quer dizer com isso? - Giordino interrompeu com raiva, fitando Zale por cima do seu copo de **brandy**.

Havia um jeito maligno nos olhos de Zale, como no dos répteis. Ele passou o olhar pelas pessoas nas outras mesas, mas ninguém parecia interessado na

conversa no canto da área externa entre os três homens de pé e as quatro pessoas sentadas. Zale acenou para os guarda-costas e virou-se para sair.

— Adeus, senhores e senhoras. Uma pena que seu futuro seja tão curto.

— Antes que você saia é bom levar seus amigos com você, ou eles o seguirão numa ambulância.

Zale voltou e olhou para Pitt, enquanto seus homens davam um passo à frente e enfiavam as mãos por baixo do paletó. Como se tivessem ensaiado, Pitt e Giordino ergueram as mãos, apoiando-as na mesa, cada um com uma arma, que tinham mantido no colo escondidas debaixo dos guardanapos.

— Adeus, sr. Zale - Giordino murmurou, com um sorriso demonstrando aborrecimento. - Da próxima vez...

Os assassinos se entreolharam, com insatisfação. O trabalho não iria ser como tinham planejado. Não era preciso nenhuma grande inteligência para entender que seriam mortos antes que pudessem sacar as armas.

— Peça desculpas por tê-los chamado de tolos - disse Zale, abrindo os braços. - Parece que vocês vieram para o jantar perfeitamente equipados.

— Al e eu fomos escoteiros. Gostamos de estar preparados. - Pitt virou as costas para Zale, com indiferença, e pegou um pedaço da torta de limão com o garfo. - Espero que quando nos encontrarmos de novo você esteja amarrado a uma maca recebendo uma injeção letal.

— Vocês foram advertidos - disse Zale, com as feições do rosto sob controle, mas avermelhadas de raiva. Então virou-se e saiu andando, passando pelo interior do restaurante em direção ao estacionamento onde entrou no Mercedes preto. Os dois capangas saíram para o estacionamento, e entraram num Lincoln Navigator, estacionado sete carros atrás do Mercedes, e ficaram esperando.

Loren inclinou-se e tocou a mão de Pitt.

— Como você pode ser tão calmo? Fiquei com a pele arrepiada.

— Este homem é diabólico - sussurrou Kelly, com o olhar mostrando medo.

— Zale mostrou suas cartas, quando não precisava. Gostaria de saber por quê - disse Pitt.

Loren olhou para a entrada da área externa, como se esperasse a volta de Zale.

— Por que um homem de tanto destaque na sua empresa iria querer se encontrar com seus adversários?

— Curiosidade - sugeriu Giordino. - Ele queria ver com os próprios olhos os rostos das pessoas que estão atrapalhando seus planos.

— Esta torta de limão está excelente - Pitt proclamou.

— Estou sem fome - Kelly murmurou.

— Não se pode desperdiçar uma sobremesa tão boa - disse Giordino ao mesmo tempo que pegava o prato.

Depois do café Pitt pagou a conta. Giordino subiu numa cadeira e observou o estacionamento por cima da parede da área externa, mantendo a cabeça escondida numa moita de hera.

— O médico e o monstro estão numa camionete *off road*, debaixo de uma árvore.

— Devíamos chamar a polícia - Loren propôs.

Pitt sorriu.

— As providências já foram tomadas. - Então pegou o celular no bolso do paletó, digitou um número, disse não mais que quatro palavras e desligou. Sorriu para Loren e Kelly. - Vocês aguardem na entrada enquanto Al busca o carro.

Loren pegou as chaves do Packard da mão de Pitt.

— Al pode se ver envolvido numa situação delicada. E melhor eu ir buscar o

carro. Eles não atirarão numa mulher indefesa.

— Não contaria com isso, se eu fosse você. - Pitt já estava quase discordando, mas percebeu que ela poderia estar certa. Os capangas de Zale eram assassinos, mas não eram idiotas. Eles não atirariam numa mulher sozinha; estavam atrás de todos os quatro. Pitt concordou. - Tudo bem, mas mantenha-se agachada entre as fileiras de carros. Nossos amigos estão no outro lado do estacionamento. Se eles derem partida na camionete antes que você ligue o carro, Al e eu chegaremos correndo.

Loren e Pitt tinham corrido juntos muitas vezes. Ela era veloz. Quando corriam os 100 metros ele a venciam por não mais que meio metro. Loren agachou-se e partiu, como um fantasma na noite, chegando ao Packard em menos de um minuto. Conhecedora do carro, colocou a chave na ignição no mesmo momento em que apertou o botão de partida. O grande motor V-12 respondeu imediatamente. Ela engatou a marcha e apertou o acelerador um pouco demais, fazendo com que os pneus girassem em falso no cascalho. Parou em frente do restaurante e deslizou no banco para o lado do passageiro, enquanto Pitt, Giordino e Kelly se acomodavam.

Pitt apertou o acelerador, e o Packard seguiu, quase sem barulho, ganhando aceleração à medida que Pitt aumentava o giro do motor V-12 e trocava de marchas. O carro não era nenhum campeão de velocidade, construído para rodar com elegância e em silêncio. Pitt levou quase 1 quilômetro para fazê-lo correr a 130 por hora.

A estrada era reta, e ele pôde olhar longamente pelo espelho retrovisor o Navigator sair do estacionamento, iluminado pela luz de um poste. Foi tudo o que ele pôde ver depois que a estrada ficou totalmente escura. O Navigator vinha rapidamente, com as luzes da frente apagadas.

— Eles estão vindo atrás de nós - ele disse, num tom semelhante ao do motorista de um ônibus pedindo aos passageiros que saiam da porta.

A estrada estava quase deserta, e apenas dois carros passavam, vindos da direção oposta. Uma cerca de folhagem fechada e algumas árvores, logo depois do acostamento, pareciam escuras e inóspitas. Ninguém, a não ser um louco, pararia e tentaria se esconder entre a folhagem. Duas ou três vezes Pitt olhou para Loren. Os olhos dela brilhavam, sob a luz do painel, e seus lábios estavam apertados e repuxados para trás, numa expressão de prazer. Ela estava claramente desfrutando da excitação do perigo e da caçada.

O Navigator vinha rapidamente descontando a diferença em relação ao Packard. A menos de 10 quilômetros do restaurante a distância já era de no máximo uns 100 metros. O Navigator estava praticamente invisível, mas os carros que cruzavam com ele piscavam as luzes para avisá-lo de que estava andando sem nenhuma luz acesa, e neste breve instante ele ficava visível.

— Todo o mundo deite no chão. Eles emparelharão conosco a qualquer momento - disse Pitt.

As mulheres obedeceram. Giordino apenas encolheu-se no banco e mirou sua pistola Ruger, pelo vidro traseiro, contra o Navigator. Estava chegando a uma curva, e Pitt acelerou ao máximo, exigindo cada cavalo-de-força que o motor V-12 do Packard pudesse gerar. O Navigator tinha emparelhado e trafegava na pista contrária. Mais 30 segundos e Pitt virou o volante e entrou na curva, com os pneus cantando e deslizando sobre o asfalto.

No momento em que Pitt alinhou o carro e o colocou sobre um pequeno trecho reto da estrada, olhou no espelho retrovisor e viu dois grandes Chevy Avalanches irromperem de trás da folhagem e das árvores, com os pneus cantando,

diretamente na frente do Navigator. O aparecimento dos Avalanches, com metralhadoras montadas no compartimento de carga, e prontas para disparar, foi totalmente inesperado e abrupto.

O motorista do Navigator foi apanhado de surpresa e girou o volante para um lado, para evitar um choque, fazendo o *off-road* deslizar sobre o asfalto, sem controle, avançar sobre o acostamento de grama, onde ele perdeu a tração e capotou três vezes, desaparecendo numa nuvem de poeira, folhas e galhos. Homens armados e usando uniformes de camuflagem saíram imediatamente dos Avalanches e cercaram o Navigator de rodas para cima.

Pitt diminuiu a velocidade, trazendo o Packard para 80 quilômetros por hora.

— A caçada terminou. Todo o mundo pode relaxar.

— O que aconteceu? - perguntou Loren, olhando pela janela traseira para luzes iluminando a estrada de um lado a outro, e a nuvem de poeira ainda se assentando.

— O almirante Sandecker chamou alguns amigos e organizou uma pequena recepção para os capangas de Zale.

— Na hora exata - comentou Giordino.

— A recepção tinha que ser num lugar onde uma outra pequena estrada local cruzava com esta, de modo que nossos salvadores pudessem nos deixar passar e imediatamente bloquear o Navigator.

— Devo admitir que por um momento você me deixou com medo - disse Loren, escorregando pelo assento e pegando a mão de Pitt.

— Foi por um triz, mais do que eu gostaria.

— Vocês, seus danados. Vocês não avisaram que os Fuzileiros estavam vindo nos salvar.

— A noite acabou de maneira gloriosa - disse Kelly, respirando o ar que entrava pelos quebra-ventos e ia até o banco de trás, através da divisória, que estava abaixada. - Eu já devia saber que você tinha tudo sob controle.

— Vou levar todo o mundo para casa - disse Pitt, dirigindo em direção às luzes da cidade. - Amanhã vamos para a estrada novamente.

— Para onde vamos? - perguntou Loren.

— Enquanto você estiver formando sua comissão para investigar a participação da Cerberus na destruição do transatlântico e do submarino, Al, Kelly e eu vamos para Minnesota examinar umas pedras com inscrições rúnicas.

— O que vocês esperam encontrar?

— A resposta para um enigma - Pitt disse devagar. - Uma chave que talvez abra várias portas.

MARLYS KAISER FOI DA COZINHA em direção à porta de entrada quando ouviu o matraquear do motor de um helicóptero se aproximando de sua fazenda, vindo de Monticello. Sua casa era típica das fazendas do meio-oeste: uma estrutura de madeira com platibandas, uma chaminé indo da sala de estar e atravessando os quartos até o telhado com dois espigões. Do outro lado de um gramado muito bem aparado ficava um estábulo pintado de vermelho, e imaculadamente limpo. A propriedade outrora tinha sido uma fazenda de laticínios, mas agora o estábulo era o seu escritório, e os 300 acres plantados com trigo, milho e girassóis eram compartilhados com outro fazendeiro. As colheitas eram vendidas no mercado. Atrás da fazenda a terra descia, íngreme, até a beira do lago Bertram. As águas azul-esverdeadas eram rodeadas de árvores, e a água rasa em redor das margens era coalhada de moitas de lírios. O lago Bertram era muito popular entre os pescadores, que vinham de Minneapolis em busca de seus muitos peixes.

Marlys protegeu, com uma das mãos, os olhos contra o sol da manhã, que ainda estava baixo, enquanto um helicóptero com as letras pretas da NUMA pintadas nas laterais deu um mergulho em direção ao estábulo, endireitou-se, plainou uns segundos e desceu sobre a grama. O ronco das duas turbinas diminuiu e cessou, e as lâminas do rotor ainda giraram algumas vezes, antes de também pararem. Uma porta se abriu e uma escada foi jogada para fora, com o último degrau quase tocando o chão.

Marlys deu um passo à frente no momento em que uma jovem, com cabelos castanho-claros que brilhavam sob os raios do sol, desceu a escada, seguida por um homem atarracado, de cabelos pretos encaracolados, que nitidamente parecia ser de origem italiana. Atrás dele veio um homem alto, de cabelos pretos ondulados, um rosto de traços marcados e um amplo sorriso. Ele atravessou o gramado em direção a Marlys, com passos seguros e um jeito confiante, que lhe lembraram o falecido marido. Quando ele chegou mais perto, ela viu-se olhando para os olhos mais verdes que jamais vira.

— Sra. Kaiser? - ele perguntou, com voz gentil. - Meu nome é Dirk Pitt. Falei com a senhora na noite passada, sobre voar até aqui de Washington para falar-lhe.

— Não esperava o senhor tão cedo.

— Fomos num jato até uma estação de pesquisa da NUMA no lago Superior, em Duluth, na noite passada. Então tomamos emprestado o helicóptero da NUMA e viemos, passando por Monticello.

— Vejo que o senhor não teve nenhum problema em achar o lugar.

— Suas indicações foram muito precisas e claras. - Pitt virou-se e apresentou Kelly e Al.

Marlys deu um abraço apertado em Kelly.

— A filha de Elmore Egan. Isso é uma felicidade. Estou tão alegre de conhecer você. Seu pai e eu éramos muito amigos.

— Eu sei. Ele sempre falava da senhora.

— Vocês já tomaram café?

— Não comemos nada desde que saímos de Washington - Pitt respondeu com franqueza.

— Vou preparar ovos, bacon e panquecas. Vai levar uns 20 minutos. Por que vocês não dão uma volta e vão até o lago?

— Você cuida sozinha da fazenda? - perguntou Kelly.

— Oh, querida, não. Tenho um vizinho que cuida das plantações, e ele me paga uma porcentagem depois que a colheita é vendida a preços de mercado, que tem estado muito baixo ultimamente.

— A julgar pela estrada, do portão até as pastagens, e o portão de acesso ao estábulo num nível mais baixo, e os suportes para forragem mais acima, esta era uma fazenda de laticínios.

— O senhor é muito observador, sr. Pitt. Meu marido foi um fazendeiro que tirava leite a maior parte do tempo. Parece que o senhor também mexeu com laticínios.

— Passei um verão numa fazenda de um tio, em Iowa. Cheguei a aprender como mover meus dedos em seqüência para ordenhar uma vaca, mas nunca consegui tirar um litro de leite.

Marlys riu.

— Quando o café estiver pronto dou um grito.

Pitt, Giordino e Kelly deram uma volta por uma área plantada e depois desceram até a margem do lago. Pegaram um dos barcos que Marlys alugava para os pescadores e, com Pitt manejando os remos, deram uma longa volta, e já estavam retornando quando Marlys gritou lá da entrada da casa.

Quando se reuniram na mesa da cozinha, decorada de forma antiga, Kelly disse:

— E muita gentileza sua, sra. Kaiser.

— Marlys. Por favor, me trate como uma velha amiga da família.

Falaram de tudo durante a refeição, do tempo, de pescarias e até das dificuldades que os fazendeiros enfrentavam no país inteiro. Somente depois que os pratos foram tirados da mesa, e com Giordino ajudando a encher a lavadora de louça, foi que voltaram a falar de pedras com inscrições rúnicas.

— Papai nunca me explicou o interesse pelas inscrições - disse Kelly. - Mamãe e eu íamos juntas nas suas viagens em busca das pedras, mas estávamos mais interessadas em acampar e andar pelo mato do que em velhas pedras com inscrições.

— A biblioteca do dr. Egan está cheia de livros sobre os *vikings*, mas não tinha nenhuma das suas notas ou relatórios - acrescentou Pitt.

— Escandinavos, sr. Pitt - Marlys o corrigiu. - *Viking* é um termo utilizado para os saltadores que singravam os mares a remo, que não tinham medo e eram combatentes ferozes. Séculos mais tarde provavelmente seriam chamados de piratas ou bucaneiros. A era *viking* começou quando atacaram o monastério

Lindisfarne, na Inglaterra, em 793. Surgiram do norte, como fantasmas, atacando e pilhando a Escócia e a Inglaterra, até que William, o Conquistador, um normando cujos ancestrais eram escandinavos, venceu a batalha de Hastings e se tornou rei da Inglaterra. A partir de 800, flotilhas **vikings** andaram por toda a Europa e Mediterrâneo. Seu reinado foi curto, e seu poder já tinha diminuído no século XIII. O episódio final foi escrito quando o último deles deixou a Groenlândia, em 1450.

— Por que a senhora acha que existem tantas pedras com inscrições rúnicas escandinavas pelo meio-oeste? - perguntou Giordino.

— As sagas escandinavas, especialmente as da Islândia, falam sobre a vida marítima dos habitantes da Islândia e da Groenlândia, os quais tentaram colonizar a costa nordeste dos Estados Unidos entre 1000 e 1015 d.C. Acho que podemos admitir que mandaram expedições de exploração para outras regiões.

— Mas a única evidência concreta de que vieram até a América do Norte é o assentamento de L'Anse aux Meadows, na Terra Nova - disse Pitt.

— Se eles remaram e fundaram colônias na França, Rússia, Inglaterra e na Irlanda, e até no Mediterrâneo, parece claro que eles poderiam facilmente chegar até a América, descendo o rio São Lourenço, ou em redor da Flórida, no Golfo do México, e subindo o rio Mississippi. Eles poderiam ter usado os vários rios internos para explorar vastas regiões dos Estados Unidos.

— Como indicam as pedras com inscrições rúnicas deixadas para trás - acrescentou Giordino.

— E não apenas pelos escandinavos - disse Marlys. - Inúmeros povos do Velho Mundo visitaram a América antes de Leif Eriksson e Cristóvão Colombo. Antigos marinheiros de várias culturas velejaram pelo Atlântico e exploraram nossas costas. Encontramos pedras com inscrições em hieróglifos egípcios, escrita cipriota, letras e numerais núbios, escrita púnica cartaginesa, e em ogam, dos iberos. Mais de 200 pedras com inscrições no alfabeto ogam, que foi usado principalmente pelos celtas da Escócia, Irlanda e Ibéria, foram encontradas e transcritas. Todo o país está inundado de pedras com inscrições a serem ainda identificadas. Povos antigos podem ter andado por nossas terras há mais de mil anos. E as inscrições alfabéticas são apenas a metade disso tudo.

Kelly a fitou, com incredulidade.

— E ainda há mais?

— Os petróglifos - Pitt sugeriu.

— Os petróglifos - Marlys disse como um eco, concordando com a cabeça. - Há centenas de exemplos de imagens de navios, animais e deuses gravados em pedras. Há rostos com barbas semelhantes aos antigos gregos; cabeças que são quase idênticas às gravadas no Mediterrâneo na era clássica. Aves voando são muito comuns, da mesma forma que cavalos e barcos. Há até petróglifos de animais que são estranhos à América, como rinocerontes, elefantes e leões. Uma grande parte relaciona-se com a astronomia, mostrando estrelas e constelações, cujas posições gravadas nas pedras são semelhantes às ocorridas no céu, milhares de anos atrás.

— Como expliquei no telefone - disse Pitt -, estamos investigando o grande interesse do pai de Kelly por uma série de pedras com inscrições que ele encontrou e estudou durante 15 anos.

Marlys fitou o teto por uns instantes, como se estivesse se lembrando.

— Os estudos do dr. Egan se relacionam com uma série de 35 pedras que falam de um grupo de escandinavos que exploraram o meio-oeste no ano 1035 d.C. Recordo-me que ele estava obcecado com as inscrições, na esperança de que



elas o levariam até uma caverna. Onde fica essa caverna? Não tenho a menor idéia.

— A senhora tem alguma amostra?

Marlys bateu as mãos.

— Hoje é o dia de sorte de vocês. Venham até o meu escritório, no estábulo, onde tenho tudo arquivado.

O que outrora tinha sido um estábulo para gado leiteiro agora fora convertido num gigantesco escritório. O suporte para feno não existia mais, e o alto teto estava aberto. Fileiras de estantes para livros ocupavam a metade do espaço. Uma enorme mesa quadrada ficava no meio do escritório, com uma espécie de corte no meio de uma das laterais, por onde Marlys trabalhava com dois computadores. Estava apinhada de fotografias, pastas, livros e relatórios encadernados. Havia um grande monitor do outro lado da escrivaninha. Por baixo havia prateleiras contendo vídeos e discos. O chão, de pranchas de madeira, estava alisado pelo uso, mas ainda mostrava cortes e arranhados feitos pelos cascos das vacas ao entrarem e saírem durante a ordenha. Através de uma porta podia-se ver um laboratório, cujas paredes e prateleiras pareciam cobertas com poeira branca.

Um lado do cômodo espaçoso estava coberto de artefatos, vasos cerâmicos modelados como potes, cabeças humanas e outras figuras e animais. Muitas eram interpretações criativas de humanos quase cômicos em estranhas e, às vezes, contorcidas posições. Quase uns cem pequenos objetos, de vários formatos e tipos, estavam guardados numa estante de vidro. Pitt ficou particularmente atraído por diversas máscaras de pedra, muito parecidas com as que tinha visto em museus de Atenas, na Grécia. Nenhuma certamente tinha sido esculpida pelos indígenas americanos, retratando membros de sua própria tribo. Todos os baixos-relevos mostravam imagens de homens com barbas, um fenômeno interessante, pois os habitantes nativos da América do Norte, Central e do Sul nunca tiveram que se barbear.

— Todas foram encontradas nos Estados Unidos? - perguntou Pitt.

— Descobertas em todos os estados entre o Colorado, Oklahoma e a Geórgia.

— E os objetos?

— Na maioria ferramentas, umas poucas moedas antigas e armas ligeiras.

— A senhora tem uma coleção interessantíssima.

— Tudo o que vocês vêem aqui irá para uma universidade ou um museu quando eu morrer.

— É surpreendente que tantos povos antigos tenham estado por aqui - disse Kelly com admiração.

— Nossos ancestrais eram tão curiosos quanto nós com relação ao que está além do horizonte. Sentem-se enquanto eu localizo os registros das inscrições que interessaram ao seu pai. - Menos de um minuto depois, ela encontrou o que procurava. Retirou de uma estante duas pastas grossas com pegadores de metal e levou-as até a escrivaninha. Uma tinha umas cem fotografias, e a outra estava lotada com papéis.

Ela separou uma fotografia de uma grande pedra com inscrições, com Marlys pousando ao lado para dar uma idéia do seu tamanho.

— Esta é a Pedra Bertram, encontrada do outro lado do lago por um caçador em 1933. - Então ela foi até um armário alto e pegou o que parecia um molde de gesso. - Eu normalmente tiro fotos depois que realço as inscrições com talco ou giz. Mas quando é possível, passo diversas camadas de látex líquido. Depois que o látex seca, faço um molde em gesso molhado. Quando o gesso seca, faço uma

reprodução fotográfica capaz de mostrar imagens ou inscrições mais tênues. Letras e símbolos aparecem então nas partes mais danificadas das pedras, que não eram visíveis a olho nu.

Pitt olhou para as marcas quase apagadas.

— Algumas das letras são as mesmas de nosso alfabeto atual.

— A escrita é uma combinação do antigo alfabeto germânico *futhark* com o também antigo escandinavo *futhork*. O primeiro usava 24 runas ou letras, o segundo, 16. A origem da escrita rúnica perdeu-se no tempo. Há uma leve semelhança com o grego e o latim antigos, mas os estudiosos acham que o alfabeto rúnico básico originou-se no século I entre as culturas germânicas, com ligações com a língua teutônica falada então. Por volta do século III ela migrou para os países escandinavos.

— Como você sabe que o que está escrito na pedra não é uma falsificação? - A pergunta veio de Giordino, conhecido por seu ceticismo.

— Por uma série de razões. Primeiro, peritos policiais especializados em falsificações examinaram várias das pedras, e unanimemente concordaram que as inscrições foram todas feitas pela mesma mão. Todas as características são idênticas. Em segundo lugar, quem viajaria 3.000 quilômetros por todo o país esculpindo palavras em pedras, sobre uma expedição escandinava de exploração, se essa expedição nunca tivesse acontecido? Com qual objetivo? Além disso, se as inscrições fossem falsas, teriam sido feitas por alguém que dominasse línguas e alfabetos, como atestaram vários especialistas em runologia, que não encontraram nenhuma característica incorreta nas letras. Em terceiro lugar, a pedra do lago Bertram foi primeiro encontrada, segundo os historiadores locais, por uma tribo dos Ojibways, cujos primeiros relatos datam de 1820. Depois, há relatos sobre ela da parte de caçadores de pele franceses. Parece muito improvável que alguém tivesse esculpido as pedras muito antes dos primeiros colonizadores. E finalmente, em quarto lugar, embora a datação pelo carbono só funcione com materiais orgânicos, e não com pedras, o único método para estudar a idade das pedras é analisar a quantidade de erosão sofrida durante os anos. O desgaste das inscrições e da pedra, pela exposição aos elementos, pode dar uma idéia aproximada da época em que as letras foram esculpidas. Tomando por base o desgaste da rocha pela ação do vento, da chuva e da neve, as inscrições foram datadas entre 1000 e 1150 d.C., o que parece razoável.

— Foram encontrados objetos junto às pedras? - Giordino continuou.

— Nada que tivesse sobrevivido a tantos anos.

— O que não é incomum - afirmou Pitt. - Muito poucos objetos da expedição de Coronado, do México até o Kansas, foram encontrados séculos depois.

— Vamos à pergunta que vale 1 bilhão de dólares: o que as palavras dizem? - Giordino perguntou a Marly.

Ela pegou um CD e o colocou no seu computador. Em instantes as letras, realçadas no molde de gesso, apareceram em grande detalhe no monitor. Eram quatro linhas, com cerca de 140 palavras.

— Talvez nunca venhamos a ter uma tradução absolutamente correta - ela disse -, mas seis runologistas, daqui e da Escandinávia, concordam que a melhor tradução é...

***Magnus Sigvatson passou por aqui no ano de 1035 e tomou posse das terras deste lado do rio em nome de seu irmão, Bjarne Sigvatson, líder de sua tribo. Helgan Siggtrygg foi morta pelos skraelings.***

- *Skraelings* pode ser traduzido por bárbaros, ou não-cristãos, ou, no vernáculo antigo, por pessoas diabólicas. Acho que podemos deduzir que Siggtrygg foi

morta durante um combate com os habitantes locais, os antigos ancestrais indígenas dos Sioux e dos Ojibway.

— Magnus Sigvatson - Pitt pronunciou o nome devagar, enfatizando cada sílaba. - Irmão de Bjarne Sigvatson.

Marlys suspirou, pensativamente. - Há uma saga que menciona Bjarne Sigvatson e vários barcos lotados de colonizadores, partindo da Groenlândia em direção ao Ocidente. Sagas posteriores contam que Sigvatson e seus parceiros morreram engolidos pelo mar, e nunca mais foram vistos.

— E as outras 34 pedras, o que elas revelam? - perguntou Pitt.

— A maior parte delas parece ser de marcas de fronteiras. Magnus era muito ambicioso. Ele tomou posse de um quarto do que viria a ser os Estados Unidos em nome de seu irmão, Bjarne, e de sua tribo. - Ela fez uma pausa para mostrar outro molde com inscrição no monitor. - Este diz...

**Magnus Sigvatson aportou aqui.**

— Onde foi encontrada esta pedra? - perguntou Giordino.

— Na Ponta Bark, que fica na baía de Siskiwit.

Pitt e Giordino trocaram olhares rindo.

— Não temos a menor idéia de onde é - disse Pitt.

Marlys riu. - Desculpe. A baía de Siskiwit fica no lago Superior, em Wisconsin.

— E onde foram encontradas as outras pedras? - perguntou Kelly.

— Esses escandinavos gostavam muito de escrever, se se levar em conta que provavelmente menos de um quarto das pedras em que eles esculpiram mensagens foram encontradas e traduzidas. A primeira e a última foram localizadas na Ponta Crown, na parte mais ao sul do lago Champlain. - Ela fez uma pausa e olhou para Pitt com um leve sorriso. - Isto é no norte do estado de Nova York.

Pitt riu de volta.

— Eu sei.

— Outras três pedras foram encontradas em diferentes áreas dos Grandes Lagos, sugerindo que eles andaram pelos rios ao norte do rio São Lourenço. Então vieram através dos lagos até a baía de Siskiwit. A partir daí, presumo que levaram seus barcos de um rio a outro, por terra, até que alcançaram o rio Mississippi, por onde vieram para o sul.

— Mas o lago Bertram não fica no rio - comentou Kelly.

— Não, mas fica a pouco mais de 3 quilômetros. Meu palpite é que os escandinavos fundeavam em algum ponto e faziam excursões de exploração por terra, antes de continuarem a viagem para o sul.

— Até onde eles chegaram? - perguntou Giordino.

— Inscrições em pedras foram encontradas, indicando um curso sinuoso, entre os estados de Iowa, Missouri, Arkansas e Kansas. A pedra mais distante foi encontrada por escoteiros perto de Sterling, no estado do Colorado. Supomos que daí voltaram para o rio Mississippi, onde tinham deixado os barcos. Uma pedra foi encontrada na margem ocidental do rio, do outro lado de Memphis, onde está escrito...

**Os barcos ficam aqui, guardados por Olafson e Tyggvason.**

Ela continuou:

— Deste ponto eles devem ter subido o rio Ohio, até o rio Allegheny, de onde atingiram o lago Erie, antes de voltar e refazer o trajeto até seu ponto de partida, no lago Champlain.

Kelly parecia estar um pouco confusa.

— Não estou entendendo o que você quer dizer com a primeira e a última pedra.

— Até onde a gente pode afirmar, a primeira pedra com inscrições encontrada no lago Champlain foi a primeira esculpida no começo da expedição. Deve haver outras, mas nenhuma ainda foi encontrada. Quando eles voltaram, quase um ano depois, fizeram uma segunda inscrição na mesma pedra, abaixo da primeira.

— Podemos vê-las? - perguntou Pitt.

Marlys digitou no teclado e uma grande pedra apareceu no monitor. Julgando pelo homem que aparecia sentando em cima dela, a pedra devia ter uns 3 metros de altura. A pedra estava apoiada numa ravina escarpada.

Acima de dez fileiras de inscrições estava esculpido o petróglifo de um navio *vikings*, com todas as velas, remos e proteções nas laterais.

— Esta pedra é muito interessante. Não houve concordância de cem por cento sobre o teor da mensagem entre os epigrafistas que estudaram as inscrições, mas as traduções são razoavelmente semelhantes. - Ela começou então a traduzir a longa inscrição.

***Depois de seis dias de viagem para o norte no fiorde a partir de onde estão nossas famílias, Magnus Sigvatson e seus cem camaradas descansaram aqui e tomaram posse de todas as terras vistas a partir da água para meu parente e líder de nossa tribo, Bjarne Sigvatson, e nossos filhos.***

***A terra é muito maior do que pensávamos. Maior até que a nossa amada pátria. Estamos bem provisionados e nossos cinco navios são sólidos e estão em bom estado. Não voltaremos aqui em muitos meses. Que Odin nos proteja dos Skraelings.***

Ela continuou:

— Devo advertir vocês que as traduções são muito vagas e provavelmente não transmitam o significado original. A segunda inscrição esculpida quando do retorno diz...

***Catorze meses depois de deixar nossas famílias estamos a apenas seis dias de viagem fiorde abaixo até a caverna sob os altos penhascos e nossas casas. Dos cem somos agora 95. Damos graças a Odin por ter nos protegido. A terra da qual tomei posse em nome de meu irmão é maior do que achávamos. Descobrimos o paraíso. Magnus Sigvatson.***

— Há uma data, 1036.

— Seis dias de viagem fiorde abaixo - Pitt repetiu pensativamente.

— Isso sugere que os escandinavos tinham uma colônia nos Estados Unidos.

— Algum lugar já foi descoberto? - perguntou Giordino. Marlys balançou a cabeça.

— Os arqueólogos ainda procuram um, abaixo da Terra Nova.

— Custa imaginar por que desapareceu tão completamente.

— Há antigas lendas indígenas que falam de uma grande batalha com homens estranhos e selvagens, com longas barbas no queixo e cabeças brilhantes.

Kelly pareceu confusa.

— Cabeças brilhantes?

— Capacetes - Pitt disse, rindo. - Eles devem se referir aos capacetes que os *vikings* usavam em combate.

— É estranho que nenhuma evidência arqueológica de um sítio jamais tenha sido descoberta - comentou Kelly.

Pitt olhou para ela.

— Seu pai sabia onde era o lugar.

— O que lhe dá esta certeza?

— Por que razão ele ficaria tão obcecado em sua busca pelas pedras com

inscrições rúnicas? Minha suposição é que seu pai estava procurando a caverna mencionada na última inscrição e repentinamente parou a busca porque ele descobriu onde era o lugar.

— Mas sem seus arquivos e suas anotações - disse Giordino - não temos nenhuma pista. Sem uma localização por onde começar a busca, estaremos tateando no escuro.

Pitt voltou-se para Marlys.

— Você não tem nada do dr. Egan que possa nos fornecer alguma pista?

— Ele não era um homem de mandar correspondência ou e-mails. O máximo que tenho é um pedaço de papel com a sua assinatura. Toda a nossa troca de informações foi feita pelo telefone.

— Isto não me surpreende - Kelly murmurou, com resignação.

— E era assim que deveria ser, considerando seus problemas com a Cerberus - comentou Giordino.

Pitt fitou vagamente o horizonte. Então pousou os olhos em Kelly. - Você e Josh vasculharam a fazenda em busca do laboratório secreto de seu pai e não encontraram nada.

Kelly concordou.

— Isso mesmo. Examinamos cada centímetro quadrado da nossa propriedade e das fazendas vizinhas dos dois lados. Não encontramos nada.

— E os penhascos de cada lado do rio?

— Um dos primeiros lugares onde procuramos. Chegamos até a pedir a clubes de alpinismo para checar os penhascos mais íngremes. Eles não encontraram nenhum sinal de cavernas, de trilhas ou de degraus ligando os penhascos.

— Se a única inscrição falando de uma caverna estava na primeira pedra, por que continuar correndo o país olhando atrás de cada moita por mais pedras com inscrições que não revelaram nada?

— Ele não sabia disso quando iniciou a procura - Pitt conjecturou. - Ele deve ter pensado que outras pedras dariam mais pistas. O que acabou não acontecendo, e tudo voltava à primeira pedra.

— Mas o que desencadeou a busca pelas pedras? - perguntou Giordino a Kelly. Ela balançou a cabeça.

— Não tenho a menor idéia. Ele nunca disse para minha mãe ou para mim o que estava buscando.

— A caverna nos penhascos - Pitt disse calmamente.

— Você acha que era isso o que ele estava procurando?

— Acho sim - Pitt disse com convicção.

— E você acha que ele a encontrou?

— Acho também.

— Mas não existe nenhuma caverna - protestou Kelly.

— E uma questão de olhar no lugar certo. E se nós a encontrarmos também, ela vai abrir a porta de um armário cheio de mistérios, inclusive do projeto secreto de seu pai.

— Será preciso encontrar novos ângulos para esta busca - disse Marlys.

— O que você está sugerindo? - perguntou Pitt.

— Penso que seria muito útil que vocês falassem com o dr. Jerry Wednesday.

— E ele é...?

— Um dos mais conceituados especialistas sobre as antigas tribos indígenas do vale do rio Hudson. Talvez ele possa jogar alguma luz sobre os contatos com os escandinavos.

— E onde podemos encontrá-lo?

— No Marymount College, em Tarrytown, no estado de Nova York. O dr. Wednesday é professor de história cultural.

— Conheço Marymount - disse Kelly. - É uma escola católica para mulheres do outro lado do rio da fazenda de papai.

Pitt olhou para Giordino.

— O que você acha?

— Quando se trata da busca de um tesouro histórico nunca se pode contentar com pouca pesquisa.

— É o que sempre digo.

— É, acho que já ouvi isso em algum lugar.

Pitt virou-se e apertou as mãos de Marlys.

— Marlys, muito obrigado. Muito obrigado pela sua hospitalidade e por sua enorme ajuda.

— Não há de quê.

Ela ficou de pé e observou, as mãos protegendo os olhos do sol, quando o helicóptero da NUMA subiu num céu sem nuvens e tomou a direção de Duluth. Seus pensamentos voltaram-se para Elmore Egan. Ele tinha sido verdadeiramente um excêntrico, um tipo singular, mas adorável, lembrou-se. Ela desejou ardentemente que tivesse fornecido aos visitantes um caminho certo para continuarem a busca, e que o dr. Wednesday pudesse fornecer a pista final.

QUASE SEM SEREM NOTADOS, empoeirados Jeeps, Durangos e um Chevy Suburban iam pela estrada que levava à pousada da Cerberus no lago Tohono. Nenhum dos *off-roads* era novo, e nenhum tinha menos de oito anos de fabricação. Tinham sido escolhidos pela aparência para não se distinguirem dos veículos dirigidos pelos habitantes da região. Ao passarem pelas cidadezinhas próximas rumo ao lago, nenhum atraía a menor atenção para os seus passageiros, todos vestidos como pescadores.

Chegavam com intervalos de dez a 15 minutos e entravam na pousada carregando caixas de pescaria, caniços e carretilhas. Curiosamente, nenhum deles dava uma olhada sequer para as docas ou para os barcos que estavam presos nos ancoradouros. Uma vez na pousada, eles permaneciam lá dentro e não se preocupavam em colocar a isca no anzol e lançá-lo em busca de peixe. Sua missão ia muito além do prazer solitário da pescaria.

Tampouco se reuniam socialmente no salão principal, com a imensa lareira coberta de musgo e o teto alto. Não relaxaram nos sofás envoltos em tapetes em estilo Navajo, que faziam parte da decoração realçada por quadros e esculturas em bronze de Russell e Remington. Ao contrário, eles se reuniam num amplo porão embaixo da pousada, separado por uma pesada porta de aço de um túnel de mais de 100 metros que saía na segurança da floresta. De lá uma trilha de 800 metros levava a um campo aberto, onde helicópteros podiam descer instantes depois de chamados. Sistemas de segurança com alarmes fiscalizavam a estrada e as áreas ao redor da pousada para detectar intrusos. Tudo estava arrumado para parecer o mais comum possível e não chamar a atenção. Além disso, todas as cautelas tinham sido tomadas para evitar a presença de agentes federais ou das polícias estadual e local.

Lá embaixo no porão, prodigamente decorado, seis homens e duas mulheres sentavam-se um em frente do outro, ao redor de uma mesa de reunião circular. A nona pessoa, Curtis Merlin Zale, distribuiu a todos pastas de couro e recostou-se em sua cadeira, aguardando que todos examinassem o conteúdo.

- O que vocês estão lendo é só para memorizar. Quando sairmos amanhã à noite, toda a papelada e as anotações serão destruídas - ele recomendou.

Era vital para os interesses do império da Cerberus que esta estratégica reunião de planejamento fosse mantida no mais estrito segredo. Os homens e mulheres

assentados à mesa eram CEOs das maiores companhias de petróleo do hemisfério norte e tinham se reunido para decidir a estratégia a ser adotada para os próximos meses. Para os economistas, para os funcionários do Ministério do Comércio e para os repórteres do *Wall Street Journal*, estes gigantes da indústria do petróleo dirigiam as operações das empresas autônomas que eles controlavam. Somente os presentes sabiam que estavam todos ligados a Curtis Merlin Zale e aos longos braços da Cerberus. Um monopólio, sem nenhum precedente no mundo, tinha sido criado. E os parâmetros eram rígidos.

Os magnatas do petróleo tinham todos ganhado bilhões com sua aliança clandestina com a Cerberus, e ninguém corria o risco de ir para a cadeia por práticas comerciais ilegais. Embora uma cuidadosa investigação do Ministério da Justiça pudesse revelar o mais formidável cartel jamais formado para controlar o mercado de petróleo desde os tempos de Rockefeller e da Standard Oil, as precauções tomadas eram suficientes para impedir qualquer investigação, antes mesmo de ela começar. A única verdadeira ameaça era que alguém dentre eles saísse do negócio e informasse ao Ministério da Justiça sobre as ações criminosas do cartel. Mas os desertores potenciais sabiam que eles ou membros de suas famílias corriam o risco de rapidamente desaparecer ou morrer em infelizes acidentes tão logo a deserção fosse conhecida. Uma vez dentro, não havia mais saída.

Se o risco parecia grande, os ganhos esperados eram estratosféricos. Não era preciso muita imaginação para este pessoal saber que os objetivos de suas ações renderiam bilhões ou trilhões de dólares. Mas além do dinheiro, o poder de que desfrutavam podia ser medido ainda pelo eventual controle que tinham sobre o governo dos Estados Unidos, tanto no poder legislativo quanto no poder executivo. — Todos vocês conhecem as previsões - disse Zale ao começar a reunião. - Gostaria de deixar claro que não são números maquiados. Entre 1975 e 2000 a população mundial aumentou 25%. A demanda por óleo cru cresceu na mesma proporção. Por volta de 2010 a produção mundial de petróleo vai atingir seu pico. É isso é daqui a menos de sete anos. E a partir daí, até 2050, a produção vai cair até uma fração do que é hoje.

Rick Sherman, o presidente da Zena Oil, que tinha a aparência de um professor de matemática de colégio, mas dirigia a terceira maior produtora de petróleo dos Estados Unidos, fitou Zale através de óculos sem aro.

— As estatísticas já estão defasadas. Uma escassez permanente de petróleo já começou, dez anos antes do que era esperado. O consumo já ultrapassou a produção mundial, e esta vai cair rapidamente.

— E se a perspectiva de produção é sombria, as conseqüências para a economia mundial são absolutamente negras - disse Jesus Morales, o CEO da CalTex Oil Company. - O choque vai ser completo e permanente. Os preços subirão como foguete, acompanhados de hiperinflação e até de racionamento. Tremo só de pensar em quanto o transporte vai custar.

— Eu concordo. - Sally Morse limpou as lentes de seus óculos de leitura e examinou o relatório passado por Zale. Presidente da Yukon Oil, a maior produtora de petróleo do Canadá, ela tinha sido a última a, relutantemente, entrar para o grupo cinco anos atrás, e estava começando a se arrepender. - Não vai haver mais grandes descobertas no futuro. Desde 1980, a despeito das previsões dos geólogos, poucos poços que produzem mais de dez milhões de barris foram descobertos. Os 1.311 maiores campos de petróleo conhecidos contêm 95% de todas as reservas conhecidas. A medida que esses campos pararem de produzir, os preços vão subir continuamente.



— E para piorar - comentou Zale -, as buscas encontram apenas um barril novo para cada dez que consumimos.

— E vai piorar ainda mais - acrescentou Morales.

Zale concordou.

— Esta é a principal razão pela qual formamos a nossa aliança. Com as necessidades industriais da China e da Índia consumindo mais e mais petróleo, a competição entre elas, a Europa e os Estados Unidos vai rapidamente se transformar numa grande batalha por preços.

— Para alegria da OPEP - disse Sherman. - Com o consumo mundial crescendo como está, os produtores de petróleo da OPEP vão extrair cada centavo que puderem dos barris de petróleo.

— E tudo isso está caindo em nossas mãos - disse Zale com confiança. - Unindo nossos investimentos, nossas reservas e nossas refinarias na América do Norte, vamos poder impor nossas condições e nossos preços. Também podemos dobrar a nossa produção furando poços onde o governo nos impediu antes. Nosso recém-construído sistema de oleodutos vai transportar petróleo para todos os lugares sem a necessidade de usar petroleiros ou caminhões-tanque, o que é muito mais caro. Se a nossa estratégia der os resultados que estamos planejando, o petróleo e o gás vendidos do México para cima serão americanos ou canadenses. Ou, falando em termos simples, 90% da receita vai aumentar os lucros de nossas respectivas organizações.

— Os países da OPEP não vão ficar parados. - Gunnar Machowsky, veterano homem de petróleo, tinha começado a vida como especulador e quebrado cinco vezes só encontrando poços secos antes de descobrir um imenso reservatório no centro de Nevada. Ele era um homem grande, com uma barriga bem saliente e cabelos grisalhos circulando a calva no alto da cabeça. Único dono da Gunnar Oil, sua empresa era conhecida por não ter nenhuma gordura, da mesma forma que nunca tinha deixado de dar lucro. - Vocês podem acreditar que eles vão reduzir o preço do barril quanto for necessário para nos colocar fora do mercado. Zale sorriu.

— Não duvido disso. Todos iremos à falência se tentarmos acompanhar os preços da OPEP, mas o plano é transformar o petróleo externo tão impopular entre os cidadãos americanos que nossos legisladores terão que ouvir a gritaria e colocar embargos no petróleo de fora.

— Quantos congressistas nós temos no bolso? - perguntou Guy Kruse, o bonachão e relaxado diretor da Eureka Offshore Oil Ventures.

Zale virou-se para Sandra Delage, a administradora-chefe do cartel. Seu jeito reservado e sua aparência atraente eram enganosos. Delage, uma loura de olhos azul-violetas, tinha uma mente brilhante e uma capacidade administrativa invulgar, que eram admiradas e respeitadas por todos sentados à mesa. Ela examinou um caderno de anotações por um momento. - A partir de ontem podemos com segurança afirmar que contamos com 39 senadores e 110 deputados, que votarão como instruímos.

Kruse sorriu.

— Parece que o nosso dinheiro faz mais sucesso do que esperávamos.

— Penso que é seguro afirmar que a Casa Branca também será muito sensível aos seus conselhos - Delage acrescentou.

— Restam os ambientalistas e os membros do Senado e da Câmara que gostam de salvar os filhotes desgarrados - Machowsky disse demonstrando aborrecimento.

Zale inclinou-se em direção à mesa e balançou um lápis com a mão.

— Seus protestos serão abafados pelas queixas e reclamações quando a escassez de petróleo e os altos preços se tornarem críticos e atingirem a todos. Já temos votos suficientes para conseguir novas concessões de campos petrolíferos do Alasca até a Flórida, mesmo com os protestos dos ambientalistas. Os governos americano e canadense não têm outra escolha senão permitir que nossas operações de exploração se expandam até as terras federais onde os geólogos descobriram ricas reservas.

— A fim de que não nos esqueçamos, é bom lembrar que o governo cavou a sua própria sepultura quando começou a facilitar o acesso ao programa de Reserva Estratégica de Petróleo. E fez isso mais cinco vezes, de modo que hoje não há mais reservas disponíveis capazes de suprir as necessidades do país por mais de três semanas.

Machowsky olhou para todos, com raiva.

— Tudo não passou de uma jogada política. Nossas refinarias já estavam trabalhando na capacidade máxima. O programa foi instituído para vender ao público a idéia de que o governo estava lhes fazendo um favor.

Sally Morse concordou.

— Parece que eles agiram da maneira como queríamos, sem perceberem.

Sam Riley, presidente da Pioneer Oil, companhia que é dona de vastas reservas em todo o meio-oeste, falou pela primeira vez:

— Nós não teríamos conseguido resultado melhor se tivéssemos planejado.

— Isso mesmo - disse Zale -, foi uma combinação de termos sorte e de nossas previsões estarem corretas. - Ele virou-se para Dan Goodman, da Diversified Oil Resources. - Quais são os últimos relatórios da nossa operação com o xisto argiloso no Colorado?

Um antigo general do Exército, que tinha chefiado o Comando de Suprimento de Petróleo, Goodman era uns dez anos mais velho do que todos em redor da mesa. Com mais de 130 quilos, ele ainda tinha um aspecto rijo e um senso de humor desastrado.

— Em virtude de um grande avanço tecnológico na exploração do xisto argiloso, nossa operação vai ser iniciada daqui a uma semana. Todos os sistemas de recuperação do petróleo e os equipamentos para isso foram testados e aprovados. Posso afirmar com segurança que temos uma enorme fonte potencial de petróleo, gás e combustível sólido que pode ser maior do que a de carvão. Nossa estimativa de obter 40 galões de petróleo por tonelada de rocha parece perfeitamente factível.

— Você estima que os depósitos de xisto argiloso contenham quanto?

— Dois trilhões de barris.

Zale olhou para Goodman.

— Quanto!?

— Dois trilhões de barris de petróleo extraído do xisto. E esta é uma estimativa conservadora.

— Deus do céu - Sherman resmungou. - Isto é muito menos do que as estimativas do governo.

— As do governo foram infladas - Goodman disse, piscando um olho.

Riley riu.

— Se você conseguir manter seus custos abaixo de US\$ 50 o barril, vai colocar todos nós fora do negócio.

— Ainda não. No momento achamos que o custo vai ficar em torno de US\$ 60 o barril.

Morales inclinou a cadeira para trás, apoiando-a em duas pernas, e colocou as

palmas das mãos atrás da cabeça.

— Agora tudo que falta para começarmos nossa operação é o término do sistema de oleodutos.

Zale não respondeu imediatamente. Acenou para Sandra Delage, que apertou um botão do controle remoto que fez descer uma ampla tela. Quase instantaneamente um mapa do Alasca, Canadá e de 40 estados americanos encheu a tela. Uma série de linhas negras foi correndo dos campos de petróleo para as refinarias e daí para as cidades maiores.

— Senhoras e senhores, eis o nosso sistema de transporte de petróleo. São 60 mil quilômetros de oleodutos subterrâneos. Os últimos quilômetros, ligando os campos da Pioneer Oil de Sam Riley em Nebraska, Wyoming, Kansas, Dakota do Norte e do Sul, estarão instalados e prontos para transportar petróleo no final do mês.

— Evitar problemas com os ambientalistas colocando os oleodutos debaixo da terra foi uma brilhante idéia - afirmou Riley.

— Os equipamentos de escavação e instalação dos oleodutos subterrâneos desenvolvidos pelos engenheiros da Cerberus permitiram que as equipes trabalhassem ininterruptamente, instalando 15 quilômetros a cada 24 horas.

— Foi um conceito muito engenhoso contratar o direito de passagem junto aos trilhos das ferrovias, para instalar o oleoduto - disse Morales.

— Devo admitir que isso economizou bilhões em ações e disputas com os proprietários e mesmo o governo - comentou Zale. - Também permite que bombeemos petróleo para todas as cidades maiores dos dois países, sem restrições ou ter que nos preocupar com regulamentos oficiais.

— É um milagre que tenhamos chegado a este ponto sem a interferência do Ministério da Justiça - disse Morse.

— Cobrimos muito bem todos os lados, e não deixamos pistas - afirmou Zale. - Nosso pessoal no Ministério da Justiça nos dá a segurança de que qualquer menção ou questão levantada por seus agentes, ou por agentes do FBI, seja discretamente extraviada ou engavetada à espera de novos dados.

Guy Kruse fitou Zale.

— Fiquei sabendo que uma comissão da Câmara dos Deputados, liderada pela deputada Loren Smith, está preparando uma investigação sobre seus negócios na Cerberus.

— A investigação da deputada Smith não vai dar em nada - assegurou Zale, falando com firmeza.

— Como você pode ter certeza? - perguntou Morse. - Loren Smith é uma congressista que definitivamente não está do nosso lado.

Zale olhou para ela, sério.

— O assunto vai ser resolvido.

— Como os casos do ***Emerald Dolphin*** e do ***Golden Marlin***? - Machowsky disse com ironia.

— Os fins justificam os meios - retrucou Zale. - O objetivo foi conquistado, colocando a culpa pelas tragédias no mal funcionamento dos motores de Elmore Egan. Todos os contratos dos estaleiros que previam a instalação desses motores foram cancelados. E com Egan morto, é só uma questão de dias nós conseguirmos a fórmula para o seu super-lubrificante. E assim que iniciarmos sua produção vamos controlar e dividir os lucros da construção dos motores. Como vocês podem ver, estamos cobrindo todos os lados do mercado de combustível de petróleo.

— Você pode nos garantir que não vão ocorrer mais interferências por parte da

NUMA? - perguntou Sherman.

— Uma situação temporária. Eles não têm nenhuma jurisdição sobre os nossos negócios.

— Sequestrar o navio de pesquisa e a tripulação não foi uma decisão sábia - comentou Riley.

— Uma circunstância que inesperadamente se virou contra nós. Mas isso é passado. Não há pistas que levem à Cerberus.

Dan Goodman levantou a mão.

— De minha parte aplaudo sua campanha de fomentar o ódio do público em geral contra a entrada de petróleo estrangeiro nos Estados Unidos. Durante décadas ninguém se importava com a origem do seu petróleo. Mas os desastres ocorridos com os superpetroleiros, provocados pelo seu grupo da Viper, em Fort Lauderdale, Newport Beach, Boston e Vancouver, quando milhões de galões de óleo derramados invadiram áreas afluentes e altamente populosas do país, resultaram numa grande grita em defesa da nossa auto-suficiência.

— Todos esses acidentes, provocados num espaço de nove meses, fizeram o caso do Exxon Valdez, no Alasca, parecer um pequeno drama - comentou Morales. Zale balançou os ombros, com indiferença.

— Uma trágica necessidade. Quanto mais agirmos, mais a necessidade pelo combustível doméstico vai crescer.

— Mas será que não vendemos nossa alma ao diabo para estabelecer nossa posição no mercado e o monopólio? - perguntou Sally Morse.

— **Monopólio** é uma palavra infeliz, minha querida. Prefiro falar de **truste mercadológico**.

Morse colocou a cabeça entre as mãos.

— Quando penso em todas as pessoas, pássaros, animais e peixes que morreram para que nós conseguíssemos nosso objetivo, fico doente.

— Agora não é hora de consciência - Zale retrucou, num tom de reprimenda. - Estamos numa guerra econômica. Talvez não precisemos de generais ou almirantes, tanques, submarinos ou bombardeiros nucleares, mas para vencer temos que saciar a fome do público por petróleo. Em breve estaremos em posição de dizer para cada habitante ao norte do México qual combustível comprar, quando comprar e quanto pagar. Não teremos que dar satisfações a ninguém. Com o tempo, nossos esforços vão transformar o Estado político num Estado corporativo. Não podemos fraquejar agora, Sally.

— Um mundo sem políticos - Guy Kruse suspirou. - É bom demais para ser verdade.

— O país está à beira de manifestações em massa contra o petróleo estrangeiro - disse Sherman. - Precisamos de apenas mais um incidente para o copo derramar.

Um ar matreiro tomou conta do rosto de Zale.

— Estou um passo na sua frente, Rick. Este incidente vai acontecer dentro de três dias.

— Outro derramamento de óleo?

— Muito pior.

— O que poderia ser pior? - perguntou Morales com inocência.

— Um derramamento ampliado por uma explosão - Zale respondeu.

— Num porto?

Zale balançou a cabeça.

— No interior de um dos maiores portos do país.

Houve um instante de silêncio enquanto os conspiradores pensavam nas

conseqüências. Então Sandra Delage olhou para Zale e disse, calmamente:

— Posso?

Ele concordou com a cabeça.

— No sábado, aproximadamente às quatro e meia, um superpetroleiro, o *Pacific Chimera*, com 490 metros de comprimento e 70 de boca, o maior de todo o mundo, vai entrar na baía de São Francisco, em direção ao ancoradouro da Ponta de São Pedro, onde deveria descarregar o óleo cru. Só que ele não vai parar. Vai continuar até a parte central da cidade, em plena velocidade, chocando-se contra a estação do *ferry-boat*, no edifício do World Trade Center. Estima-se que o superpetroleiro penetrará uns dois quarteirões na cidade, antes de parar. Então cargas explosivas vão explodir, e o *Pacific Chimera* e sua carga de 620 mil toneladas de petróleo irão para os ares numa explosão que vai devastar toda a área fronteira do porto.

— Meu Deus - sussurrou Sally Morse, o rosto pálido. - Quantas pessoas vão morrer?

— Pode chegar a milhares, já que vai acontecer na hora do *rush* - respondeu Kruse sem emoção.

— O que importa isso? - perguntou Zale com frieza, como se fosse um legista examinando um cadáver numa geladeira do necrotério. - Muitos mais morreram em guerras que não serviram para nada. Nós temos um objetivo, e seremos todos beneficiados no futuro. - Neste momento ele se levantou da cadeira. - Acho que já discutimos o suficiente por hoje. Vamos começar de onde paramos amanhã de manhã, deliberar sobre nossas negociações com nossos governos e finalizar nossos planos para o próximo ano.

Os principais magnatas da indústria do petróleo dos Estados Unidos e do Canadá se levantaram e seguiram Zale até os elevadores, e depois até o salão de jantar, onde drinques estavam esperando.

Apenas Sally Morse, da Yukon Oil, permaneceu na sala, pensando no terror que estava para se abater sobre milhares de homens, mulheres e crianças de São Francisco. Sentada sozinha, chegou a uma decisão que bem podia representar o fim de sua vida. Mas a decisão estava tomada, e ela saiu da sala determinada a ir até o fim.

Quando o motorista do jipe parou em frente ao jato executivo de sua empresa, depois que as reuniões terminaram, o piloto estava esperando ao pé da escada.

— Tudo pronto para o vôo para Anchorage, sra. Morse?

— Houve uma mudança de planos. Tenho que ir a Washington para uma outra reunião.

— Vou fazer um novo plano de vôo - disse o piloto. - Só uns minutos e já vamos decolar.

Quando Sally se assentou na poltrona de couro, defronte a uma mesa com um computador e uma fileira de telefones e um fax, ela sabia que tinha entrado num turbilhão sem saída. Ela nunca tinha tomado uma decisão que colocasse sua vida em perigo. Uma mulher de vários talentos, tinha dirigido a Yukon Oil depois da morte de seu marido. Mas o que ela estava fazendo era completamente novo. Ela pegou um telefone para fazer uma ligação, mas percebeu que havia um perigo real de que a conversa pudesse ser ouvida pelos agentes de Zale.

Pediu ao comissário de bordo um martini, para relaxar, tirou os sapatos e começou a fazer planos para combater Curtis Merlin Zale e suas operações diabólicas.

O piloto do Boeing 727 de Zale estava na cabine de comando, lendo uma revista e esperando que o patrão subisse a bordo. Olhou pelo pára-brisa e viu o jato da

Yukon Oil correr pela pista e levantar vôo, num céu coberto de grandes flocos de nuvens. Ele ainda estava olhando quando o avião fez uma curva e se dirigiu para o sul.

Estranho, ele pensou. Achava que o piloto faria uma curva para o norte, rumo ao Alasca. Deixou a cabine de comando e foi para a cabine dos passageiros, parando diante de um homem com as pernas cruzadas, lendo o *Wall Street Journal*.

— Desculpe, senhor, mas pensei que o senhor deveria saber que o jato da Yukon Oil levantou vôo e tomou a rota de Washington, e não do Alasca.

Omo Kanai pôs o jornal de lado e sorriu.

— Obrigado por ser tão observador. Esta é uma notícia interessante.

TARRYTOWN, LOCALIZADA NO CONDADO DE WESTCHESTER, no estado de Nova York, é uma das cidades mais pitorescas do histórico Vale do Hudson. Suas ruas com três faixas de trânsito estão cheias de lojas de antigüidades coloniais, acolhedores pequenos restaurantes e lojas de artesanato feito no local. As áreas residenciais abrigam mansões em estilo gótico e grandes propriedades cercadas. A mais tradicional é a Sleepy Hollow, tornada famosa e conhecida pela história clássica de Washington Irving, *The Legend of Sleepy Hollow*.

Pitt se ajeitou e tirou um cochilo no banco traseiro de um carro alugado que Giordino dirigia, e Kelly olhava fascinada o cenário no banco do carona. Giordino conduziu o carro pelas curvas de uma estreita estrada até o espaçoso campus da escola Marymount, que fica no alto de uma colina com vista para o rio Hudson e a ponte Tapan Zee.

Fundado em 1907 por uma ordem educacional católica chamada Religiosas do Sagrado Coração de Maria, o Marymount College foi o primeiro de uma grande rede de escolas Marymount por todo o mundo. A fundadora, Madre Butler, transformou em razão de sua vida fundação de escolas onde as mulheres pudessem receber uma educação que as preparasse para postos de importância em todos os países do mundo. Uma universidade criada e dirigida na tradição católica, e voltada para a área de ciências humanas, Marymount era uma das instituições de ensino feminino que mais cresciam nos Estados Unidos.

Os prédios da universidade eram sólidos e despojados, com grandes tijolos aparentes. Giordino não pôde deixar de olhar para as atraentes alunas, entrando e saindo dos edifícios, quando virou o carro e entrou na avenida principal do campus. Ele passou pelo Butler Hall, um grande prédio com um domo debaixo de uma cruz, e parou num estacionamento ao lado do Gerard Hall, onde, nos dois primeiros andares, ficavam os escritórios.

Subiram as escadas do Gerard Hall e foram até uma mesa de informações. Uma jovem estudante loura levantou os olhos para Pitt, que a fitou com um leve sorriso nos lábios.

— No que posso ajudar? - ela perguntou cordialmente.

— Procuramos o departamento de Antropologia. A sala do dr. Jerry Wednesday.

— Subam aquela escada à esquerda, e virem à direita. O departamento de

Antropologia fica no final do corredor.

— Obrigado.

— Vendo todas estas lindas moças me dá vontade de estudar de novo - disse Giordino, quando passaram por um grupo de estudantes que desciam as escadas.

— Você está sem sorte. Esta é uma escola feminina. Homens não são aceitos.

— Então talvez eu pudesse ser professor.

— Você seria expulso em uma semana, por comportamento inadequado.

Uma outra estudante, que trabalhava no departamento de Antropologia, mostrou-lhes a sala do dr. Wednesday. O homem que se virou para vê-los, com um livro na mão que acabara de retirar de uma estante, sorriu para eles e mandou-os entrar, numa sala completamente apinhada de livros, objetos e papéis, que tinha o cheiro característico de coisas antigas e falta de ventilação. O dr. Jerry Wednesday não era mais alto que Giordino, mas era muito mais magro. E não usava paletó de *tweed* com cotovelos revestidos em couro, nem fumava cachimbo. Vestia uma camisa de malha, calças Levis e botas. Seu rosto estreito estava bem barbeado, e o cabelo que já recuava na testa sugeria que ele tinha perto de 50 anos. Os olhos eram cinza-escuros, e ele sorria mostrando dentes perfeitamente alinhados e brancos, que faria o orgulho de um ortodontista.

— Um dos senhores deve ser a pessoa que telefonou - disse cordialmente.

— Eu liguei - respondeu Pitt. - Esta é Kelly Egan, e este é Al Giordino. Eu sou Dirk Pitt.

— Sentem-se, por favor. Vocês chegaram numa boa hora. Só tenho uma aula daqui a duas horas. - Então olhou para Kelly. - O dr. Elmore Egan era seu pai?

— Ele era meu pai - respondeu Kelly.

— Senti muito a sua morte - Wednesday disse com sinceridade. - Eu o conheci e nos correspondíamos, você sabe. Ele estava fazendo uma pesquisa sobre uma expedição *viking* que ele pensava ter passado por Nova York em... 1035, acho.

— Sim, papai estava interessado nas pedras com inscrições rúnicas que eles deixaram para trás.

— Estamos vindo de um encontro com Marlys Kaiser - afirmou Pitt. - Foi ela quem sugeriu que falássemos com o senhor.

— Uma mulher brilhante. - Wednesday sentou-se à sua mesa, cheia de papéis. - Suponho que Marlys mencionou que o dr. Egan achava que os *vikings* que se instalaram nesta área foram massacrados pelos indígenas que habitavam o vale. Kelly balançou a cabeça.

— Ela disse sim.

Wednesday vasculhou uma gaveta que estava aberta e pegou um maço de papéis amassados.

— Muito pouco se sabe sobre os primitivos indígenas americanos que viveram no vale do rio Hudson. A primeira menção, o primeiro registro sobre os nativos locais são de Giovanni da Verrazano, e datam de 1524. Durante sua viagem cheia de peripécias pela costa leste, ele entrou na baía de Nova York, onde ancorou, e durante duas semanas explorou a região, antes de continuar viagem para a Terra Nova e de lá de volta para a França.

Wednesday fez uma pausa, enquanto estudava os papéis.

— Verrazano descreve os nativos com traços bem definidos, longos cabelos negros e olhos também negros. Vestiam-se com peles de raposas e veados e usavam enfeites de cobre. Ele comentou que esculpiam canoas em troncos de árvores e viviam em casas arredondadas ou compridas, construídas com toras de madeira e cobertas com grama ou galhos de árvores. A não ser pelos relatos de Verrazano, os antigos indígenas deixaram muito pouca coisa para ser descoberta



pelos arqueólogos. A maior parte dos hábitos de vida desses primeiros habitantes só pode ser conjecturada.

— Então a história dos indígenas americanos começa em 1524 - disse Giordino.

— História documentada, sim. O próximo navegador a deixar um relato foi Henry Hudson, em 1609. Ele navegou pela baía e rio acima. Foi por isso que o rio recebeu seu nome. Surpreendentemente ele subiu até Cohoes, que fica a uns 15 quilômetros de Albany, onde teve que parar por causa das cachoeiras. Ele descreveu os indígenas que habitavam as margens da parte inicial do rio como fortes e guerreiros, e os que habitavam mais acima como amistosos e cordiais.

— O que eles usavam como armas?

— Arcos e flechas, com pontas feitas de pedras afiadas e presas às pontas com resina. Usavam também pedaços de paus cortados sob a forma de bastões e machadinhas feitas com pedras.

— O que comiam? - perguntou Kelly.

— Caça e todo tipo de peixes, que eram abundantes, especialmente esturjão, salmão e ostras. Cultivavam grandes extensões de milho, que cozinhavam e assavam, além de abóboras, girassóis e feijões. Também cultivavam tabaco, que fumavam em cachimbos de cobre. O cobre era também abundante em volta dos Grandes Lagos, e era o único metal que os indígenas sabiam trabalhar. Conheciam o ferro, mas não sabiam processá-lo.

— Parece que tinham um estilo de vida confortável.

— Hudson não encontrou nenhum sinal de fome ou de má nutrição entre os indígenas - respondeu Wednesday, com um leve sorriso. - Curiosamente nenhum dos primeiros exploradores fala em escalpos, prisioneiros ou escravos. Acho que estas práticas repugnantes foram introduzidas por estrangeiros vindos do outro lado do mar.

Pitt esfregou as mãos pensativo.

— Algum dos primeiros exploradores faz menção a algum contato com os europeus?

— Umás poucas coisas foram percebidas por Hudson e alguns outros. Uma foi que os indígenas não demonstraram nenhuma surpresa, como seria de esperar, ao verem estranhos utensílios ou homens brancos com cabelo louro ou vermelho pela primeira vez. Um dos tripulantes da expedição de Verrazano fala de indígenas usando ornamentos de ferro que pareciam lâminas de facas enferrujadas. Um outro declara ter visto uma machadinha de ferro pendurada na frente de uma habitação. Houve também relatos de que uma vasilha côncava de ferro era usada como uma tigela.

— Um capacete *viking* — *Giordino* disse pausadamente.

Wednesday sorriu pacientemente e continuou. - Foi só depois que os holandeses começaram a se estabelecer no vale, construindo um forte perto de onde é hoje Albany, em 1613, e começaram a aprender a língua falada pelos indígenas, que as histórias e as lendas começaram a aparecer.

— O que essas lendas revelam?

— É difícil separar o mito da realidade - retrucou Wednesday. - As histórias transmitidas através dos séculos oralmente são muito vagas, claro, sem nenhuma prova para confirmação. Uma das que foram contadas fala de homens barbudos, ferozes, de pele branca e cabeças duras que brilhavam ao sol, que chegaram e construíram uma povoação no vale. Quando alguns se ausentaram por um longo período...

— Magnus Sigvatson e cem de seus homens saíram para explorar o lado oeste - Kelly interrompeu.

— Sim, conheço as pedras com inscrições rúnicas que seu pai encontrou, e as traduções - disse Wednesday calmamente. - Segundo a história, quando os indígenas, que não viam crime nenhum em roubar, começaram a roubar e a matar os animais que tinham sido trazidos através dos mares nos barcos dos recém-chegados, houve uma retaliação. Os homens ferozes com cabelo no rosto, como eram chamados, recuperaram os animais e cortaram as mãos dos ladrões. Infelizmente, um dos ladrões era filho de um chefe local. O chefe, raivoso e querendo vingança, reuniu outras tribos no vale. Uma das tribos era a Munsee Lenape, ou Delaware, que era culturalmente ligada às Algonkian. As forças combinadas atacaram o povoado estrangeiro e o destruiu, matando todas as pessoas. Uma versão sugere que umas poucas mulheres e crianças foram levadas como escravas.

— Deve ter sido um choque para Magnus e seus homens retornarem e encontrar seus amigos e famílias mortos.

Wednesday concordou.

— Só podemos especular. Mas aí foi a vez de eles se vingarem. A lenda descreve uma grande batalha em que os homens ferozes de cabeça brilhante mataram mais de mil indígenas antes de morrerem todos.

— Não é uma bela história - comentou Kelly.

Wednesday ergueu as mãos, num gesto de dúvida.

— Quem pode dizer que seja verdadeira?

— É curioso que nenhum vestígio do povoado tenha sido descoberto - observou Pitt.

— As lendas afirmam que os indígenas, com grande ódio, destruíram e queimaram completamente todo o povoado estrangeiro, não deixando nenhum vestígio para ser estudado pelos arqueólogos.

— Alguma vez houve referência a uma caverna?

— A única menção que eu conheço está numa das pedras com inscrições rúnicas que o dr. Egan encontrou.

Pitt olhou para Wednesday, sem dizer nada, mas claramente na expectativa.

Wednesday percebeu.

— Há, contudo, algumas circunstâncias sem explicação. Por exemplo, uma significativa transição ocorreu no vale começando por volta do ano 1000. Os habitantes de repente descobriram a agricultura e começaram a plantar e colher seus vegetais. Plantar se tornou uma forma de subsistência, junto da caça, pesca e criação de animais. Por esta época começaram a fortificar seus povoados com pedras e cercas de madeira reforçadas por aterros. Também passaram a construir habitações ovais com plataformas para dormir presas nas paredes, coisas que nunca tinham feito antes.

— O que o senhor está dizendo é que os *vikings* lhes ensinaram como plantar e colher e a construir casas mais sólidas. E que, depois da grande batalha, os indígenas começaram a construir paliçadas para se defenderem de ataques.

— Sou realista, sr. Pitt. Não estou sugerindo nada. O que eu contei são antigas histórias e suposições. Até que uma prova absoluta seja encontrada, e que vá além das inscrições nas pedras, cuja autenticidade é colocada em dúvida por muitos arqueólogos, só podemos aceitar as histórias como lendas e mitos, nada mais.

— Acredito que meu pai tenha encontrado indícios de uma povoação *vikings* - disse Kelly. - Mas ele morreu antes de revelar o que tinha descoberto, e nós não estamos encontrando suas anotações ou seus papéis.

— Sinceramente espero que você tenha sucesso - disse Wednesday com

sinceridade. - Eu gostaria muito de acreditar que o vale do rio Hudson foi visitado e povoado 600 anos antes dos espanhóis e dos holandeses. Vai ser interessante reescrever os livros de história.

Pitt levantou-se, inclinou-se e apertou a mão do dr. Wednesday.

— Muito obrigado, doutor. Agradecemos muito nos ter cedido um pouco de seu tempo.

— Por nada, gostei muito da visita. - Sorriu para Kelly. - Por favor, me informe se aparecer alguma coisa.

— Há mais uma pergunta.

- Sim?

— Algum outro objeto *viking* foi encontrado, além dos mencionados pelos antigos exploradores?

Wednesday pensou por um momento.

— Se me lembro bem, um fazendeiro relatou ter encontrado uma armadura enferrujada por volta de 1920, mas não sei o que aconteceu com ela ou se algum cientista a examinou.

— Muito obrigado mais uma vez.

Todos se despediram, deixaram a sala do dr. Wednesday e foram para o estacionamento. Nuvens negras tomavam o céu, e a chuva parecia iminente. Assim que tinham entrado no carro as primeiras gotas começaram a cair. Todos estavam pensativos. Giordino deu a partida e o motor do carro pegou.

— Papai encontrou a localização da colônia. Eu sei - disse Kelly com convicção.

— Meu problema é que não consigo estabelecer uma relação entre a colônia e a caverna. Para mim, se não há uma caverna não há uma colônia - comentou Giordino.

— Embora todos os vestígios da colônia tenham sido destruídos, aposto que há uma caverna, e que ela ainda existe - disse Pitt.

— Como eu gostaria de saber onde! - Kelly disse, quase suspirando.

— Josh e eu nunca encontramos nenhuma pista.

— Os indígenas podem ter tapado a entrada - comentou Giordino.

Kelly olhava pela janela do carro para as árvores em volta do estacionamento.

— Se foi assim, nós nunca vamos encontrar a caverna.

— Sugiro que façamos uma busca no rio, debaixo dos paredões de pedra - disse Pitt confiante. - Encontrar uma cavidade por baixo da rocha é muito fácil com um sonar. Podemos preparar e instalar um sensor num barco da NUMA e ter tudo pronto depois de amanhã.

Giordino estava engatando o carro para sair do estacionamento quando seu celular tocou.

— Giordino. - Uma pausa. - Um momento, almirante. Ele está aqui. - E passou o telefone para Pitt no banco de trás.

— Alô, almirante. - Nos três minutos seguintes ele ficou mudo, ouvindo sem responder. - Sim, senhor, estamos a caminho. - Devolveu o telefone para Giordino. - Ele nos quer de volta a Washington o mais depressa que pudermos.

— Algum problema?

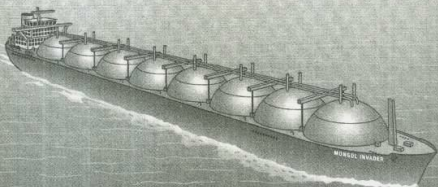
— Mais uma emergência.

— Ele disse o que era? - perguntou Kelly.

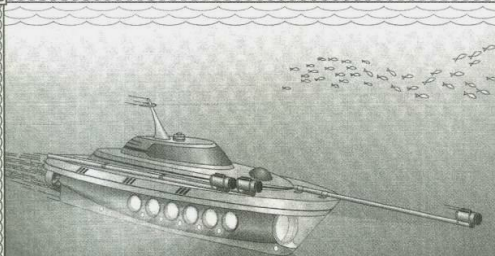
— Parece que Curtis Merlin Zale e seus companheiros da Cerberus estão prestes a provocar uma catástrofe ainda pior do que a do ***Emerald Dolphin***.

*ENGODO*

PARTE QUATRO



**CARQUEIRO DE GÁS NATURAL LIQUEFEITO**



**SUBMARINO DE LUXO**

8 DE AGOSTO DE 2003

WASHINGTON, D.C.

A DEPUTADA LOREN SMITH se sentia como se tivesse sido amarrada a um cavalo e arrastada pelo deserto. Embora os diretores da Cerberus tivessem sido convocados oficialmente para deporem na Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados que investigava as Práticas Ilegais de Mercado, ninguém apareceu. Foram todos representados por um exército de advogados que fez todo o possível, durante os trabalhos, para criar uma cortina de fumaça impenetrável.

Táticas para gerar confusão e manobras de protelação - ela queixou-se falando baixo, no momento em que bateu o martelo dando por encerrada a sessão até a manhã seguinte. - É isso que vamos ter em todas as sessões.

Ela estava sentada, demonstrando grande desgosto e frustração, quando o deputado Leonard Sturgis, do Partido Democrata pelo estado de Dakota do Norte, aproximou-se e colocou a mão sobre seu ombro.

- Não fique abatida, Loren.

- Você não foi de grande ajuda hoje - ela retrucou, falando com frieza. - Você concordou com tudo o que os advogados afirmaram sabendo perfeitamente que tudo era falso ou mentiroso.

- Você não pode negar que o depoimento deles foi perfeitamente legal.

- Eu quero ver Curtis Merlin Zale diante da Comissão, junto de todos os seus diretores, não um bando de chicanistas que só querem tumultuar.

- Tenho certeza de que o sr. Zale irá comparecer na hora certa. E acho que você vai ver que ele é um homem muito razoável.

Loren deu um olhar de repreensão a Sturgis.

- Zale interrompeu meu jantar, outro dia, sem nenhuma educação. Para mim ele

é desprezível.

Sturgis franziu a testa, o que nele não era comum. Seu rosto raramente não tinha um sorriso. Na Câmara ele era conhecido como um grande conciliador. Tinha o semblante marcado de um homem que tinha passado a maior parte de sua vida numa fazenda. Seus irmãos ainda cuidavam da fazenda da família em Buffalo, Dakota do Norte. Sua luta sem trêguas pela preservação da vida de fazenda dava-lhe reeleições seguras. Seu único defeito, do ponto de vista de Loren, era sua proximidade com Zale.

- Você encontrou Zale? - ele perguntou, demonstrando surpresa verdadeira.

- Seu homem razoável ameaçou me matar, se eu não parar com a investigação.

- Acho isso difícil de acreditar.

- Pois acredite! - Loren retrucou, sem paciência. - Aceite meu conselho, Leo. Afaste-se da Cerberus. Eles vão ser apanhados, e Zale terá muita sorte se não terminar numa lista de mortos.

Sturgis ficou olhando Loren virar-se e sair, imaculada num costume de *tweed* bege, com a cintura marcada por um cinto de camurça. Levava uma pasta de couro tingido que combinava com a cor da roupa. A elegância no vestir era a sua marca pessoal.

Loren não voltou para o escritório. Já era tarde da noite e ela foi direto para o carro, no estacionamento subterrâneo. Sua mente vagava sobre os eventos do dia enquanto ela pegava o congestionamento da hora do *rush*. Cerca de 45 minutos mais tarde chegou em casa, em Alexandria. Quando parou e acionou o controle remoto da porta da garagem, uma mulher saiu de trás da sombra e se aproximou do carro, do lado do motorista. Sem medo, Loren abaixou o vidro.

- Deputada Smith, desculpe, mas preciso muito falar com a senhora.

- Quem é você?

- Meu nome é Sally Morse. Sou a presidente da Yukon Oil Company.

Loren observou a mulher, que estava vestida apenas com uma calça jeans e uma malha azul de algodão. Havia sinceridade em seus olhos. Loren sentiu-se tocada.

- Entre na garagem.

Loren estacionou o carro e fechou a porta da garagem.

- Vamos entrar. - Ela foi na frente até uma sala de estar. A decoração era ultramoderna, cada peça da mobília individualmente desenhada por um artesão.

- Sente-se, por favor. Aceita uma xícara de café?

- Gostaria de alguma coisa mais forte.

- Escolha o veneno - disse Loren, abrindo um armário de bebidas cujas portas de vidro tinham desenhos florais.

- Uísque com gelo?

Loren serviu uma dose de Cutty Sark por cima do gelo e passou o copo para Sally. Então abriu uma cerveja Coors e sentou-se do outro lado da mesa.

- Então, sra. Morse, por que a senhora veio até mim?

- Porque você está presidindo a comissão de investigação da Câmara sobre a Cerberus, seu império e seu impacto sobre o mercado de petróleo.

O coração de Loren começou a bater mais apressado, mas ela se controlou.

- Devo entender que você tem informações que gostaria de dividir comigo?

Sally tomou um gole do uísque, contorceu o rosto e deu uma longa respirada.

- Antes acho que é bom entendermos que, a partir deste momento, minha vida está em perigo, minha empresa provavelmente vai ser destruída, minha reputação e minha posição, que eu lutei tanto para alcançar, vão ser atacadas com violência.

Loren não apressou Sally, e disse, com paciência e simpatia.

- Você é uma mulher de muita garra.

Sally balançou a cabeça, demonstrando tristeza.

- Não, apenas tenho a sorte de não ter família que possa ser ameaçada ou assassinada por Curtis Merlin Zale, como seus capangas fizeram com muita gente.

O provocação de Loren bateu mais forte. A simples menção do nome de Zale provocou uma descarga de adrenalina.

- Você tem conhecimento das suas atividades criminosas - ela aventurou-se.

- Desde o momento em que ele me recrutou e formou um cartel com os outros executivos das maiores companhias de petróleo.

- Eu não tinha idéia de que havia um cartel. - Loren começou a sentir-se como tendo descoberto uma mina de ouro.

- Há sim, sem dúvida. O plano de Zale é formar uma associação secreta de nossas empresas a fim de fazer dos Estados Unidos uma nação que não mais dependa do petróleo estrangeiro. À primeira vista parecia uma causa nobre, mas depois ficou claro que seus planos iam mais além do que não depender da produção da OPEP.

- Então qual é o grande objetivo?

- Que essa associação se torne mais poderosa do que o governo dos Estados Unidos. Ditar seus interesses a um país tão dependente de um petróleo a preço razoável, e reservas abundantes, que seus esforços serão aplaudidos. Até o momento em que, tendo um total monopólio, e com o petróleo estrangeiro banido, ela vai puxar o tapete e impor todas as condições.

- Não vejo como isso seja possível - disse Loren, sem ainda perceber tudo o que Sally estava contando. - Como ele pode conseguir o monopólio sem que encontre novas e imensas reservas na América do Norte?

- A jogada é fazer com que todas as restrições americanas e canadenses de prospecção e exploração nas terras dos governos sejam levantadas. E contornar todas as preocupações dos ambientalistas. E comprando e controlando o poder em Washington. Mas, pior de tudo, convencendo o povo americano a protestar contra a entrada de petróleo estrangeiro no país.

- Impossível! Nenhum homem pode conseguir tanto poder à custa de tanta gente.

- Os protestos já começaram - Sally argumentou, num tom sombrio. - As manifestações já estão aí. Você vai entender quando eu falar de seus planos para outra imensa catástrofe. Neste momento, muito pouca coisa existe entre ele e o monopólio total do petróleo.

- É impensável.

Sally sorriu, tristonha.

- E um clichê afirmar que ele não vê obstáculos, ou que não hesitará em usar todos os meios possíveis para atingir seus objetivos, inclusive assassinatos em massa, mas é a verdade.

- Os casos do ***Emerald Dolphin e do Golden Marlin.***

Sally olhou para Loren, surpresa.

- Você sabe do envolvimento deles nessas tragédias?

- Como você está me contando o que você sabe, sinto-me segura em também contar que o FBI, em conjunto com a NUMA, provaram que as tragédias não foram acidentes, mas provocadas por pessoal da Cerberus, a Viper. Segundo o que conseguimos descobrir, o incêndio no transatlântico e o naufrágio do submarino de cruzeiro foram provocados para desacreditar os motores magnético-hidrodinâmicos do dr. Elmore. Zale queria impedir a sua produção, por causa de um lubrificante revolucionário que Egan tinha desenvolvido, e que



elimina o atrito. Se vendido livremente, esse lubrificante afetaria enormemente o mercado e seria a diferença entre o lucro e o prejuízo para as refinarias.

- Eu não tinha idéia de que os investigadores do governo já estivessem cientes do círculo secreto de assassinos mercenários de Zale - Sally comentou, surpresa.

- E Zale também não.

Sally abriu as mãos, desanimada.

- Ele sabe.

Loren disse, cética:

- Mas como! A investigação está sendo conduzida sob o mais absoluto segredo.

- Curtis Merlin Zale já gastou mais de US\$ 5 bilhões para comprar todo o mundo em Washington que seja importante para ele. Mais de cem senadores e deputados estão comprados, da mesma forma que funcionários de todos os ministérios do governo, inclusive do Ministério da Justiça.

- Você pode dar os nomes? - perguntou Loren, com grande interesse.

A expressão de Sally ficou quase diabólica, ao retirar um disquete de sua bolsa.

- Está tudo aqui. São 211 nomes. Não sei quanto receberam, ou quando. Mas, por acidente, um arquivo confidencial me foi enviado, quando o destinatário correto era Sandra Delage, a administradora do cartel. Depois de tirar cópias, fechei de novo o arquivo e o enviei para Sandra. Felizmente ela não suspeitava de que eu estava arrependida de meu envolvimento com a Cerberus e com as idéias sinistras de Zale.

- Você pode me dizer alguns nomes?

- Digamos que os líderes dos partidos democrata e republicano e três dos mais importantes funcionários da Casa Branca.

- O deputado Leonard Sturgis?

- Ele está na lista.

- Eu temia isso - Loren disse com raiva. - E o presidente?

Sally balançou a cabeça.

- Até onde eu sei, ele não quer nada com Zale. O presidente não é perfeito, mas sabe o suficiente sobre Zale para entender que ele não presta.

Loren e Sally conversaram até quase três horas da madrugada. Loren ficou horrorizada quando Sally contou os planos de Zale para explodir um superpetroleiro no porto de São Francisco. Loren colocou o disquete no seu computador e imprimiu toda a relação, até formar uma pilha de cópias do tamanho de um pequeno livro. Então colocaram o disquete e as cópias num cofre que Loren tinha instalado na garagem, debaixo de um armário.

- Você pode passar a noite aqui, mas teremos que encontrar um lugar seguro enquanto a investigação prosseguir. No hora que Zale descobrir que você vai abrir a boca sobre suas operações ilegais ele vai tentar silenciá-la.

- **Silenciar**, uma boa palavra para assassinar.

- Eles já tentaram torturar Kelly Egan, a filha do dr. Egan, para obter a fórmula do lubrificante.

- Eles conseguiram?

- Não, ela foi libertada antes que o pessoal da Viper pudesse descobrir alguma coisa.

- Gostaria de conhecê-la.

- Você vai. Ela ficou alguns dias aqui comigo, mas depois que Zale nos descobriu num jantar outro dia, tive que escondê-la em outro lugar.

- Eu vim só com uma pequena maleta. Só trouxe alguns cosméticos e umas mudas de roupa de baixo.

Loren mediu o porte de Sally.

- Somos mais ou menos do mesmo tamanho. Tire o que quiser do meu guarda-roupa que sirva em você.
- Eu serei uma mulher feliz quando tudo isso acabar.
- Você entende que agora você vai ser convocada a depor perante a Justiça e a Comissão de Inquérito.
- Aceito as consequências - Sally disse solenemente.
- Loren abraçou-a.
- Vou dizer de novo. Você é uma mulher de muita garra.
- Esta é uma das poucas vezes em minha vida em que coloquei as boas intenções à frente de minha ambição.
- Admiro você - disse Loren com sinceridade.
- Onde você quer que eu me esconda depois desta noite?
- Como Zale tem muitos informantes no Ministério da Justiça, acho que não é seguro colocar você sob a proteção do governo. Loren sorriu maliciosamente. Tenho um amigo que pode receber você num velho hangar que tem mais sistemas de segurança do que o Forte Knox. O nome dele é Dirk Pitt.
- Ele é confiável?
- Loren deu uma risada.
- Querida, se o velho filósofo grego Diógenes ainda estivesse andando por aí com uma lanterna procurando um homem honesto, ele terminaria a busca na porta de Dirk

DEPOIS QUE KELLY DESEMBARCOU DO AVIÃO em Washington, ela foi acompanhada até uma van sem emblema que a transportou para uma casa segura em Arlington. Pitt e Giordino se despediram dela e pegaram um Lincoln Navigator da NUMA, e procuraram descansar enquanto o motorista levava o carro até Landover, no estado de Maryland. Uns 20 minutos depois eles tomaram a Arena Drive e entraram no grande estacionamento do FedEx Field, o ginásio onde o time de futebol americano dos Washington Redskins manda seus jogos. Construído em 1997, o ginásio comporta 80.116 espectadores confortavelmente sentados. Há restaurantes nas áreas laterais do campo, com uma grande variedade de comidas típicas. Dois enormes monitores de vídeo repetem as melhores jogadas, e quatro placares mostram para os espectadores o placar e o andamento da partida.

O Navigator foi até o estacionamento vip e parou junto a uma porta, guardada por dois homens em uniforme de combate, portando rifles automáticos. Eles pararam Pitt e Giordino e compararam seus rostos com as fotos que lhes tinham sido entregues pelo departamento de segurança da NUMA, antes de permitirem que entrassem num comprido corredor que se estendia por baixo das poltronas do ginásio.

- Quarta porta à esquerda, senhores - instruiu um dos guardas.

- Isso não lhe parece um exagero? - perguntou Giordino.

- Conhecendo o almirante, ele deve ter uma boa razão.

Eles chegaram até a porta e encontraram um outro homem armado do lado de fora. Ele simplesmente olhou para eles por um momento e abriu a porta, colocando-se de lado.

- Pensei que os anos de guerra fria tinham acabado - Giordino resmungou.

Os dois ficaram ligeiramente surpresos ao se verem no vestiário dos visitantes. Vários homens estavam sentados na saleta do treinador. Loren estava lá, com Sally Morse. O almirante Sandecker, Rudi Gunn e Hiram Yaeger representavam a NUMA. Pitt reconheceu o almirante Amos Dover, da Guarda Costeira, o capitão Warren Garnet, dos Fuzileiros Navais, e o comandante Miles Jacobs, um veterano da Divisão de Operações Especiais da Marinha. Ele e Giordino tinham trabalhado com todos eles, no passado.

O único que não era conhecido era um homem alto, com o ar distinto que se

espera de um capitão de um transatlântico. Além do ar distinto, ele tinha uma venda sobre o olho esquerdo. Pitt calculou que tinha uns 50 e tantos anos de idade. Pitt momentaneamente colocou o estranho num canto de sua mente enquanto saudava o pessoal da NUMA e apertava as mãos dos militares conhecidos de antigas aventuras. Dover, um homem franco, tinha trabalhado com Pitt no projeto Deep Six. Garnet e Jacobs estavam perdendo uma disputa a tiros na Antártida quando Pitt e Giordino chegaram a tempo de salvá-los, a bordo do *Snow Cruiser*, capitaneado pelo almirante Byrd. Depois de algumas brincadeiras Pitt devolveu sua atenção ao homem com a venda no olho.

- Dirk - disse Sandecker -, gostaria de apresentar-lhe Wes Rader. Wes é um velho amigo da Marinha. Servimos no Mar Báltico, vigiando submarinos russos que saíam para o Atlântico. Wes é o mais antigo vice-diretor do Ministério da Justiça, e irá coordenar todas as nossas atividades do ponto de vista legal.

Perguntas se formaram na mente de Pitt, mas ele aguardou até o momento adequado para fazê-las. Se estivesse sozinho teria beijado Loren. Mas esta era uma reunião de trabalho, e ela era membro do Congresso, de modo que ele simplesmente fez uma leve curvatura e apertou a mão dela.

- É um prazer vê-la de novo, deputada.

- Igualmente - Loren respondeu, com um brilho de malícia nos olhos. Ela virou-se para Sally. - Este é o homem de quem lhe falei. - E apresentou-os.

Sally fitou os olhos verdes de Pitt e entendeu por que a maioria das mulheres que o conheciam sentiam que podiam confiar nele.

- Me contaram muita coisa sobre você.

Pitt deu uma olhadela rápida para Loren e sorriu.

- Espero que a sua fonte não tenha falado muito.

- Vamos nos sentar e iniciar os trabalhos - comandou Sandecker. Ele se assentou, tirou um dos seus grandes charutos do bolso, mas, em respeito às mulheres presentes, não o acendeu. Ele provavelmente poderia ter acendido, sem nenhum protesto. As mulheres talvez tivessem preferido o cheiro do charuto ao cheiro de um vestiário de um time de futebol americano.

- Senhores, como alguns já sabem, a sra. Morse é a presidente da Yukon Oil Company. Ela vai nos relatar uma grande ameaça à nossa segurança nacional, e aos cidadãos do país, e que nos interessa a todos. - Virou-se para Sally. - A palavra é sua.

- Desculpe a interrupção, almirante - disse Rader -, mas estou confuso com todas estas medidas de segurança que você tomou. Reunião no vestiário de um time de futebol americano me parece um pouco demais.

- Você vai saber a razão assim que a sra. Morse fizer seu relato. - Ele fez um aceno para Sally. - Por favor, continue.

Pelas duas horas seguintes Sally fez uma detalhada narrativa sobre os grandes planos de Curtis Merlin Zale de criar um monopólio do petróleo e ganhar uma imensidão de dinheiro fazendo com que o governo dos Estados Unidos obedecesse às suas ordens.

Quando ela terminou havia incredulidade estampada em todos os rostos. Finalmente Wes Rader disse.

- Você tem certeza de que tudo o que disse é verdadeiro?

- Absolutamente tudo - Sally respondeu com convicção.

Rader virou-se para Sandecker.

- Esta ameaça ultrapassa a competência de qualquer um nesta sala. Temos que notificar outras pessoas imediatamente. O presidente, os líderes no Congresso, o Estado-Maior das Forças Armadas, meu chefe no Ministério da Justiça, só para

mencionar alguns.

- Não podemos - Sandecker retrucou, e passou para todos cópias contendo os nomes dos membros do Congresso, agências do governo, funcionários do Ministério da Justiça e assessores diretos do presidente. - Isto mostra por quê. É a razão do segredo - ele disse, virado para Rader. - Os nomes das pessoas que estão neste papel em suas mãos foram todos comprados e pagos pela Cerberus e por Curtis Merlin Zale.

- Impossível - retrucou Rader, passando os olhos pelos nomes demonstrando descrença. - Teria que haver uma grande quantidade de vestígios.

- O dinheiro foi pago por companhias do exterior de propriedade de outras empresas controladas pela Cerberus - respondeu Sally. - Todos os pagamentos e registros estão em contas no exterior, e os investigadores do Ministério da Justiça levariam anos para encontrar alguma pista.

- Como é possível a um homem corromper todo o sistema?

Loren respondeu por Sally:

- Os membros do Congresso que não conseguiram resistir ao suborno de Zale são homens que não são ricos. Eles provavelmente não se venderiam por US\$ 1 milhão, mas US\$ 10 milhões ou US\$ 20 milhões é muito dinheiro. Os que caíram na rede de Zale não conhecem a extensão dos seus negócios. Até agora, e graças a Sally, nós somos os únicos fora do círculo da Cerberus que sabemos da enorme influência que Zale conseguiu dentro do governo.

- Não se esqueça dos respeitáveis membros da mídia - acrescentou Sally. - Os que estão em poder de Zale sabem como distorcer as notícias em seu favor. Se eles se recusam, correm o risco de ser desacreditados por Zale, e se isso acontece eles vão para o olho da rua em questão de horas.

Rader balançou a cabeça.

- Ainda não acredito que um homem só possa fazer tudo isso, não importa quão rico ele seja.

- Ele não age sozinho. Zale tem o apoio dos mais poderosos magnatas do petróleo, nos Estados Unidos e no Canadá. Nem todo o dinheiro sai da Cerberus.

- Da Yukon Oil também?

- Yukon Oil também - Sally respondeu em tom solene. - Sou tão culpada quanto os outros que caíram na rede de Zale.

- Você já pagou os seus pecados vindo até nós - Loren disse, apertando a mão de Sally.

- E por que eu? Eu sou o terceiro na hierarquia do Ministério da Justiça - perguntou Rader.

- Como você pôde ver, seu nome não está na lista, e o de seus superiores está - respondeu Sandecker. - Além disso, conheço você e sua mulher há anos. Sei que você é um homem honrado, que não pode ser comprado.

- Você deve ter sido contatado, não? - perguntou Loren.

Rader ergueu o olhar para o teto, tentando se lembrar. Um instante depois concordou com a cabeça.

- Foi há dois anos. Estava passeando com meu *cocker spaniel*, perto de casa, quando uma mulher que nunca tinha visto começou a andar do meu lado e iniciou uma conversa.

Sally riu, e interrompeu.

- Cabelos louros pálidos, olhos azuis, 1,70m de altura, 60 quilos. Uma mulher atraente, desenvolta e direta.

- A descrição é perfeita.

- O nome dela é Sandra Delage. Ela é a administradora-chefe de Zale.

- Ela chegou a fazer uma oferta direta de dinheiro? - Sandecker quis saber.
- Nada tão específico. Se me lembro bem, ela falou em termos vagos. Do tipo o que eu faria se ganhasse na loteria, se eu estava satisfeito com meu trabalho, se eu tinha reconhecimento público, se eu quisesse mudar de Washington onde gostaria de morar, coisas assim. Aparentemente eu não passei na sabatina. Numa esquina ela se despediu e entrou num carro que estava aguardando. Nunca mais a vi.
- Cabe a vocês tomarem as medidas necessárias. Zale e seus comparsas do cartel da Cerberus devem ser contidos e levados à Justiça. Estamos diante de um escândalo nacional de imensas proporções - disse Sandecker.
- Por onde começamos? - perguntou Rader. - Se a relação de subornados da sra. Morse é correta, eu não posso simplesmente entrar no escritório do Procurador Geral e anunciar que o estou detendo por aceitar suborno.
- Faça isso e os capangas de Zale na Viper farão com que seu corpo apareça boiando no rio Potomac.
- Sandecker acenou para Hiram Yaeger, que abriu duas grandes caixas de papelão, tirou de dentro delas volumes encadernados cheios de documentos e os distribuiu para todos.
- Utilizando as informações da sra. Morse e o que conseguimos apurar através de nossa rede de computadores, reunimos uma série de documentos que contém indícios sólidos e suficientes para convencer procuradores honestos sobre o que precisa ser feito. - Sandecker olhou diretamente para Rader. - Wes, você vai ter que reunir uma equipe de pessoas no Ministério da Justiça, de absoluta lealdade e correção, para mover uma ação que não dê margem a chicanas. Pessoas que não tenham medo de ameaças, como Os Intocáveis, que conseguiram combater e condenar Al Capone. E não pode haver nenhum vazamento. Se Zale desconfiar de suas ações ele vai mandar o esquadrão da morte visitar você.
- Não posso acreditar que isso aconteça na América.
- Um monte de coisas escusas acontece por trás dos negócios e do governo, e o povo não fica sabendo - comentou Loren.
- Rader olhou com apreensão para o grosso relatório à sua frente.
- Espero não estar indo com muita sede ao pote.
- Eu darei toda a ajuda possível do lado do Congresso - Loren prometeu.
- Nossa primeira prioridade - disse Sandecker, ao mesmo tempo em que apertava uma série de botões num controle remoto e abaixava um monitor com o mapa da baía de São Francisco - é impedir o super-petroleiro de explodir metade de São Francisco. - Ele virou-se e olhou para Dover, Garnet e Jacobs, que tinham ficado calados durante a discussão. - Nesse ponto é que vocês entram.
- A Guarda Costeira vai impedir o *Pacific Chimera* de entrar na baía
- Dover disse como se estivesse dando um esclarecimento.
- Sandecker concordou.
- Parece simples, Amos. Você já abordou milhares de navios transportando de tudo, de drogas a imigrantes ilegais, passando pelo contrabando de armas. Mas um dos maiores super-petroleiros do mundo vai exigir mais do que um tiro por cima da popa e uma ordem pelo megafone.
- Dover sorriu para Garnet e Jacobs.
- E para isso que a Divisão de Operações Especiais da Marinha e a Divisão de Reconhecimento estão aqui conosco.
- Você, naturalmente, vai comandar a operação - afirmou Sandecker.
- Mas se o capitão do superpetroleiro ignorar suas ordens de parar o navio, e

continuar em seu curso na direção da baía, não teremos muitas opções de ação. O navio precisa ser parado antes da Golden Gate, mas atirar nele e arriscar um monstroso derramamento de petróleo está fora de questão. Em última instância uma equipe de combate deverá ser levada até o navio de helicóptero e neutralizar a tripulação.

- Onde está o *Pacific Chimera* neste momento? - perguntou Dover.

Sandecker apertou um outro botão do controle remoto e o mapa foi ampliado para mostrar o oceano a oeste da Golden Gate. Uma pequena imagem de um navio rumando para a costa da Califórnia apareceu.

Aproximadamente a 1.500 quilômetros.

- Isso nos dá menos de 48 horas.

- A sra. Morse e a deputada Smith nos passaram as informações hoje, nas primeiras horas da manhã.

- Farei com que a Guarda Costeira faça a interceptação 90 quilômetros fora do porto - Dover prometeu.

- Manteremos uma equipe no ar, pronta para a abordagem - Jacobs assegurou.

- A Divisão de Operações Especiais estará pronta para a abordagem, a partir do mar - Garnet acrescentou.

Dover fitou Garnet em dúvida.

- Seus homens podem abordar um superpetroleiro enquanto ele navega?

- Treinamos isso muitas vezes - Garnet retrucou, com um discreto sorriso.

- Só vendo para crer - comentou Dover.

- Muito bem, senhoras e senhores - Sandecker disse calmamente -, isto é o máximo que a NUMA pode fazer neste caso. Ajudaremos no que for necessário, e forneceremos as provas que acumulamos nos casos do incêndio do ***Emerald Dolphin*** e na quase tragédia do submarino de cruzeiro ***Golden Marlin***. Mas somos uma agência oceanográfica e científica, e não temos autorização para atuar como uma agência investigativa. Deixo para "Wes e Loren reunirem uma equipe de verdadeiros patriotas para deslanchar a primeira parte de uma investigação pública.

- Teremos que separar o joio do trigo - disse Loren para Rader.

- É verdade. Alguns nomes desta lista são meus amigos. Acho que serei um homem solitário quando tudo isso terminar.

- Você não vai ser o único. Tenho amigos na lista também - respondeu Loren com um sorriso sem jeito.

Dover afastou a cadeira, levantou-se e olhou para Sandecker, ainda sentado.

- Manterei você informado a cada hora sobre a evolução da operação.

- Muito obrigado, Amos, muito obrigado.

Um a um saíram do vestiário. Pitt e Giordino, junto de Rudi Gunn, permaneceram, a pedido de Sandecker. Yaeger, ao sair, colocou o braço em volta dos ombros de Pitt e pediu-lhe que depois desse uma passada nos escritórios da NUMA e fosse até o andar dos computadores.

Sandecker ajeitou-se melhor na cadeira e acendeu um charuto. Fitou Giordino com um ar aborrecido, esperando que ele também acendesse um dos seus charutos, mas Al devolveu o olhar, sorrindo.

- Parece que vocês, garotos, vão sair do jogo antes de a partida terminar.

- Tenho certeza de que você e Rudi não vão nos deixar no banco por muito tempo - disse Pitt, olhando Sandecker e depois Gunn.

Gunn ajeitou os óculos.

- Estamos enviando uma expedição para a Restinga da Fragata, um território francês a noroeste do Havai, para examinar e investigar por que os corais estão

morrendo. Gostaríamos que Al chefiasse a expedição.

- E eu? - perguntou Pitt.

- Espero que você tenha guardado suas roupas de frio do Projeto Atlantis - disse Sandecker. - Você vai voltar à Antártida e tentar penetrar no gelo até o grande lago que os cientistas acreditam existir abaixo da camada de gelo.

Uma nuvem de discordância passou pelo rosto de Pitt.

- Obedecerei, claro, suas recomendações, almirante, sem discutir. Mas respeitosa e solícito cinco dias para Al e eu esclarecermos um mistério referente ao dr. Egan.

- O seu laboratório secreto?

- Você sabe?

- Tenho minhas fontes.

Kelly, Pitt pensou. O velho danado bancou o tio simpático protegendo Kelly dos capangas de Zale. Ela deve ter contado a ele sobre a busca pelos escandinavos e o quebra-cabeça por detrás da lenda da caverna perdida.

- Acredito piamente que é uma questão de segurança nacional descobrir no que o dr. Egan estava trabalhando, antes que Zale chegue na frente.

Sandecker olhou para Gunn.

- O que você acha, Rudi? Devemos dar cinco dias para estes dois salafários procurarem uma ilusão?

Gunn olhou por cima das lentes de seus óculos para Pitt e Giordino, como uma raposa observando um par de coiotes.

- Acho que podemos ser magnânimos, almirante. Precisaremos de pelo menos cinco dias para terminar de equipar e abastecer os navios de pesquisa destinados ao projeto.

Sandecker soltou uma nuvem de fumaça aromática azulada.

- Então é isso. Rudi vai informar quando devem se apresentar a bordo dos navios de pesquisa. Desejo-lhes boa sorte na sua busca. Também estou muito interessado em saber o que Egan estava pretendendo - ele disse, deixando de lado o ar chateado.

Yaeger estava sentado à vontade, os pés esticados, na frente do computador conversando com Max, quando Pitt chegou vindo do ginásio.

- Você queria me ver, Hiram?

- Quería sim. - Yaeger se endireitou e pegou a pasta de couro de Egan que estava num armário. - Você chegou na hora para o próximo ato.

- Ato?

- Mais três minutos.

- Não estou entendendo.

- A cada 48 horas, precisamente à 1:15 da tarde, esta pasta faz uma mágica.

- Ela se enche de petróleo - Pitt aventurou-se.

- Exatamente. - Yaeger abriu a pasta e passou suas mãos pelo interior vazio como um mágico. Então fechou-a de novo e travou as lingüetas das fechaduras, e ficou olhando o ponteiro de segundos de seu relógio. Então disse: - Invertendo o velho clichê, agora você não vê, e agora você vê. - Cuidadosamente ele liberou as lingüetas e levantou a tampa da pasta. O interior estava cheio de óleo.

- Sei que você não está fazendo uma mágica. O mesmo aconteceu com Al e comigo depois que Kelly Egan me deu a pasta no *Deep Encounter*.

- Deve ser algum truque ou ilusão - afirmou Yaeger completamente confuso.

- Não é ilusão, é real - disse Pitt, enfiando o polegar e o indicador dentro do óleo e esfregando os dedos. - Não apresenta nenhuma fricção. Meu palpite é que isto é o superlubrificante do dr. Egan.



- Mas a pergunta de um milhão de dólares é: de onde ele vem?
  - Max já deu uma olhada no caso? - Pitt perguntou olhando para a figura holográfica do outro lado da mesa de Yaeger.
  - Lamento, Dirk, mas estou tão confusa quanto você. Tenho algumas idéias que gostaria de continuar investigando, se Hiram não me desligar quando sair de volta para casa.
  - Só se você prometer não entrar em sites confidenciais ou privados.
  - Vou tentar ser uma boa garota - foi o que Max disse, mas a maneira como disse tinha uma ponta de malícia.
- Yaeger não achou nada engraçado. Max já o tinha deixado em dificuldades antes, penetrando em lugares onde estava proibida de ir. Mas Pitt não conseguiu evitar o riso.
- Você nunca se arrependeu de não ter feito Max um homem?
- Yaeger parecia alguém que tivesse caído numa poça d'água usando um smoking.
- Considere-se um homem de sorte - ele disse, mostrando aborrecimento. - Você é solteiro. Além de brigar com Max, ainda tenho mulher e duas filhas em casa.
  - Você não sabe, Hiram, mas é um homem que deve ser invejado.
  - É fácil para você dizer isso. Você nunca permitiu que uma mulher entrasse na sua vida.
  - Não - disse Pitt, pensativo. - Isso eu nunca deixei.

SEM QUE PITT SOUBESSE, seus dias de solteirice e solidão seriam temporariamente interrompidos. Ele retornou ao hangar e verificou que o astuto velho Sandecker tinha mandado uma equipe de segurança patrulhar a área em redor e a ponta deserta do aeroporto. Ele não questionou a preocupação do almirante por sua segurança. Não achava que fosse necessária, a despeito das ameaças de Zale, mas este carinho o tocou. A verdadeira razão só ficou clara quando ele entrou no hangar e subiu até o seu apartamento, sobre o salão principal.

A música que vinha de seu equipamento de som era o de uma emissora muito popular, em vez do jazz de uma de suas emissoras preferidas. Depois, sentiu o aroma do café. Também detectou uma suave fragrância feminina. Pitt olhou na cozinha e viu Sally Morse mexendo no conteúdo de várias panelas sobre o fogão. Ela estava descalça, com um vestidinho de algodão fino, e pouca coisa mais.

Quem convidou você? Quem disse que você poderia invadir minha casa como se fosse a proprietária? Quem a deixou passar pelos sistemas de segurança? Todas estas perguntas passaram por sua mente, mas sendo um velho engenheiro marítimo bem-educado, Pitt apenas disse:

- Alô, o que temos para o jantar?

- Estrogonofe - respondeu Sally, virando-se e sorrindo gentilmente. - Você gosta?

- Um dos meus pratos favoritos.

Ela podia dizer, pela expressão confusa de seu rosto, que ele não esperava que ela estivesse lá.

- A deputada Smith achou que eu ficaria mais segura aqui. Especialmente depois que o almirante Sandecker colocou um anel de segurança em redor do seu hangar.

Questões respondidas, Pitt abriu o armário acima do bar para escolher uma bebida.

- Loren me contou que você bebe tequila, então tomei a liberdade de preparar margaritas. Espero que você não se importe.

Embora Pitt preferisse tomar sua caríssima tequila com gelo, uma gota de limão e uma fina argola de sal na borda da taça, ele apreciou a margarita. Mas continuava achando que elas são melhores se preparadas com tequila mais barata. Na sua maneira de ver, era um crime diluir bebidas topo de linha com

misturas adocicadas. Ele olhou resignado para a meia garrafa de Juan Júlio Silver, de agave azul. Apenas para ser educado, cumprimentou Sally pelo drink e dirigiu-se para o quarto a fim de tomar um bom banho e colocar uma bermuda e uma camiseta.

Seu quarto de dormir tinha a aparência de ter sido atingido por uma explosão. Sapatos e vários itens de roupa feminina estavam jogados no chão de madeira polida. Vidros de esmaltes e outros cosméticos apinhavam o armário do banheiro e as mesinhas laterais da cama. Por que será que as mulheres sempre jogam suas roupas no chão?, ele se perguntou. Os homens pelo menos as jogam sobre uma cadeira. Não podia imaginar que uma única mulher tivesse provocado um tamanho caos, até que ouviu uma voz cantarolando no banheiro.

A porta estava destrancada, e ele cuidadosamente a abriu um pouco com o pé. Kelly estava de pé em frente a um espelho embaçado, usando uma toalha enrolada no corpo, e outra, menor, na cabeça. Estava colocando maquiagem nos olhos. Ela viu o rosto sem expressão de Pitt refletido no espelho e sorriu com simpatia.

- Seja bem-vindo. Espero que Sally e eu não tenhamos atrapalhado sua rotina.

- Foi sugerido que você ficasse aqui também? - ele perguntou.

- Loren achou que aqui é mais seguro do que a casa dela. E qualquer lugar do governo não seria confiável, por causa das ligações de Zale no Ministério da Justiça.

- Lamento ter só um quarto no apartamento. Espero que você e a sra. Morse não se importem de dividir a cama.

- É KING-SIZE - Kelly disse, retornando depois para a maquiagem, como se ela e Pitt vivessem juntos há anos. - Não nos importamos. - Depois, como se tivesse refletido: - Desculpe, você quer usar o banheiro?

- Não se importe comigo - Pitt disse, sem graça. - Vou pegar umas roupas e tomar um banho lá embaixo, no aposento dos hóspedes.

Sally tinha vindo da cozinha.

- Acho que estamos atrapalhando você.

- Eu sobreviverei - Pitt disse enquanto ia colocando algumas coisas numa maleta.

- Fiquem à vontade.

Pelo seu tom seco Sally e Kelly perceberam que Pitt não estava exatamente feliz com a intrusão.

- Vamos procurar não incomodar - prometeu Kelly.

- Não me entendam mal - Pitt se apressou a dizer, sentindo o desconforto delas. - Vocês não são as primeiras que passaram por aqui e dormiram na minha cama. Eu adoro as mulheres, e na verdade gosto muito de suas curiosas maneiras de agir. Sou da velha escola que põe as mulheres num pedestal, portanto não pensem que sou um velho ranzinza. - Ele fez uma pausa e sorriu. - Pensando bem, acho que vai ser agradável ter um par de criaturas maravilhosas como vocês cozinhando e limpando a casa para mim.

Em seguida ele saiu do quarto e desceu a escada circular até o salão.

Sally e Kelly olharam em silêncio enquanto ele desaparecia de vista. Então se viraram, olharam uma para a outra e deram uma risada.

- Deus meu - disse Sally com entusiasmo. - Ele é de carne e osso?

- Acredite - Kelly retrucou. - Ele não tem igual.

Pitt instalou-se no vagão PULLMAN da ferrovia Manhattan Limited, que estava sobre trilhos junto a uma das paredes do hangar. Uma relíquia, fruto de uma longa procura havia alguns anos, o vagão era usado como aposento para visitas e amigos que passavam alguns dias com Pitt. Giordino costumava tomá-lo

emprestado por uma noite, quando queria impressionar uma das suas muitas amigas. As mulheres achavam o luxuoso vagão um ambiente exótico para uma noite romântica.

Pitt tinha acabado de tomar banho e estava se barbeando quando a extensão do telefone instalada na casa onde Júlio Verne viveu e escreveu até a sua morte, em

- Alô.

- Dirk - A voz de St. Julien Perlmutter ressoou. - Como vai, garoto?

- Bem, St. Julien. Onde você está?

- Amiens, França. Passei o dia falando com estudiosos de Júlio Verne. Amanha tenho um encontro com o dr. Paul Hereoux, presidente da Sociedade Júlio Verne. Ele gentilmente me deu permissão para pesquisar nos arquivos da sociedade, por sinal instalada na casa onde Júlio Verne viveu e escreveu até a sua morte, em 1905. Verne era um homem extraordinário, como você sabe. Eu não tinha a menor idéia, mas agora percebo que ele estava muito à frente de seu tempo. Foi ele quem criou a ficção científica, claro, mas ele também antecipou as viagens à lua, submarinos que podiam dar a volta ao mundo sob a água, escadas rolantes, passagens ligando prédios, imagens holográficas tridimensionais. Pense em alguma coisa e ele foi o primeiro. Também previu que asteróides e cometas se chocariam com a Terra, provocando grande devastação.

- Você descobriu alguma nova revelação sobre o capitão Nemo e o Nautilus!

- Nada além do que **Júlio Verne** escreveu em *Vinte Mil Léguas Submarinas* e *A Ilha Misteriosa*.

- Esta foi a continuação, não é verdade? O livro que conta o que aconteceu com Nemo depois que o Nautilus se perdeu nas traiçoeiras correntes de Maelstrom, na costa da Noruega.

- Isso mesmo, *Vinte Mil Léguas Submarinas* foi publicado em 1869, sob a forma de folhetim. *A Ilha Misteriosa* saiu em 1875 e contava a história e a biografia de *Nemo*.

- Pelo que eu pude ver das obras sobre Júlio Verne do dr. Egan, ele era fascinado pela maneira como o autor criou Nemo e seu submarino. Egan deve ter acreditado que Júlio Verne tinha mais do que uma brilhante imaginação. Acho que Egan pensava que Júlio Verne construiu a história baseado numa pessoa real.

- Saberei mais em dois ou três dias - disse Perlmutter. - Mas não fique muito excitado. As histórias de Júlio Verne, embora extremamente engenhosas, são ficção. O capitão Nemo pode ter sido um dos maiores heróis da literatura, mas, convenhamos, ele não era nada mais do que o precursor de um tipo de cientista maluco que paga seus pecados. O nobre gênio deu errado.

- De qualquer forma - Pitt insistiu -, para Júlio Verne ter criado uma maravilha técnica e científica como o *Nautilus* usando apenas a imaginação parece incrível. A menos que Júlio Verne fosse o Leonardo da Vinci de seu tempo, ele deve ter tido algum tipo de apoio técnico que estava acima e além do que era geralmente conhecido e aceito em 1869.

- Do verdadeiro capitão Nemo? - Perlmutter perguntou cnicamente.

- Ou de algum outro gênio da engenharia - Pitt respondeu sério.

- Você não aprecia os verdadeiros gênios. Talvez consiga novos detalhes nos arquivos, mas não vou apostar as minhas economias nisso.

- Faz muito tempo que li os livros - comentou Pitt -, mas Nemo era um homem de mistérios em *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Se me lembro bem, foi só perto do fim de *A Ilha Misteriosa* que Júlio Verne fez algumas revelações sobre Nemo.

- Capítulo 16 - Perlmutter confirmou. - Nemo era filho de um rajá da Índia. Prince Dakkar, seu nome de batismo, era uma criança excepcionalmente dotada

e inteligente. Júlio Verne descreve que ele cresceu bem apessoado, extremamente rico e cheio de ódio contra os britânicos que tinham conquistado seu país. Seu desejo de vingança afetou seu discernimento quando ficou mais velho, especialmente depois que ele liderou e lutou na Rebelião dos Cipaios, em 1857. Em represália, os britânicos prenderam e assassinaram seu pai, mãe, esposa e dois filhos.

- Durante os anos em que ficou remoendo a perda da sua família e de seu país, ele atirou-se à ciência e à engenharia marítima. Numa ilha remota e desabitada do Pacífico usou sua fortuna para construir um estaleiro, onde ele desenvolveu o Nautilus. Os escritos de Júlio Verne indicam que Nemo dominou a eletricidade muito antes de Tesla e Edison terem construído seus geradores. Os motores do submarino funcionavam indefinidamente, sem necessidade de reabastecimento ou de manutenção.

- Fico imaginando se Júlio Verne não deu a pista para os motores magnético-hidrodinâmicos do dr. Egan - Pitt comentou.

- Depois de terminar a construção do submarino - continuou Perlmutter - ele escolheu uma tripulação leal e desapareceu sob o mar. Então em 1867 resgatou três naufragos que tinham caído de uma fragata americana que ele atacara. Eles registraram sua existência secreta e viajaram em redor do mundo com ele, no submarino. Os naufragos - um professor, seu servo e um pescador canadense - escaparam quando o Nautilus entrou na corrente de Maelstrom e Nemo desapareceu. Quando chegou aos 60 anos, sua tripulação tinha morrido e ele foi enterrado num cemitério de coral sob o mar. Sozinho com o submarino, Nemo passou seus últimos anos numa caverna debaixo de um vulcão na Ilha Lincoln. Depois de recolher naufragos que aportavam à ilha, livrando-os dos piratas, e ajudá-los a voltar a seus portos, morreu de causas naturais. O vulcão então entrou em erupção, e a ilha afundou no mar, sepultando o capitão Nemo e seu extraordinário Nautilus nas profundezas, onde permanecem até hoje, entronizados pela ficção.

- Mas será que foi ficção? - Pitt murmurou. - Ou baseado em não-ficção?

- Você nunca vai me convencer de que Nemo era alguma coisa mais do que produto da imaginação de Júlio Verne - retrucou Perlmutter, com voz calma mas convicta.

Pitt não disse nada por uns momentos. Ele não se iludia, estava caçando sombras.

- Como gostaria de saber o que o dr. Egan descobriu sobre os **-vikings** e sobre o capitão Nemo - disse finalmente de forma triste.

Perlmutter suspirou.

- Não consigo ver a conexão entre dois assuntos tão diferentes.

- Egan era interessadíssimo nas duas coisas. Não posso deixar de pensar que os dois estão ligados, de alguma forma.

- Duvido que ele tenha descoberto qualquer fato novo. Certamente nada que já não tivesse sido registrado.

- St. Julien, você é um velho cínico.

- Sou um historiador, e não comento ou publico nada que não possa documentar.

- Faça bom proveito destes velhos arquivos empoeirados - Pitt disse, rindo.

- Nada mexe mais com meu sangue do que descobrir um novo ângulo da história num pedaço de madeira ou numa carta esquecida. A não ser, claro, um gole de um bom vinho. Ou uma refeição soberba preparada por um grande chefe.

- Claro, claro - Pitt disse, rindo para si mesmo, ao se lembrar da barriga de Perlmutter, que era o resultado de uma excessiva indulgência com a comida e a bebida.

- Liguei se descobrir alguma coisa interessante.

- Obrigado - Pitt desligou o telefone, no mesmo instante em que Sally Morse chamava do balcão, dizendo que o jantar estava servido. Ele gritou de volta que já ia, mas não deixou logo o carro Pullman.

Agora que estava fora de qualquer participação na operação para deter Curtis Merlin Zale, os Vipers assassinos e o cartel da Cerberus, Pitt se sentiu perdido, sem rumo. Não era da sua natureza sentar-se impotente e ficar assistindo. Tinha se desviado da estrada - e pedia aos céus que não tivesse se desviado muito cedo, e ignorado uma outra estrada.

Os escritórios da Cerberus em Washington ficavam localizados numa ampla mansão que tinha sido construída em 1910 por um rico senador pelo estado da Califórnia. Ocupando um terreno de 10 acres nos limites de Bethesda e cercada por um alto muro coberto por uma trepadeira, a mansão-escritório não tinha salas espartanas para os engenheiros, cientistas e geólogos do conglomerado. Ao contrário, os quatro andares de conjuntos suntuosos estavam cheios de advogados, analistas políticos, lobistas de alto nível e influentes ex-senadores ou ex-deputados, todos trabalhando para ampliar a influência de Zale sobre o governo dos Estados Unidos.

A uma hora da tarde, uma van, com o logotipo de um empreiteiro da área de eletricidade, parou no portão e foi liberada para passar. A segurança era estrita. Dois guardas vigiavam a casa no portão da frente enquanto outros dois patrulhavam o terreno com o auxílio de cães ferozes. A van foi até um estacionamento junto à porta da frente. Um homem negro forte saiu e dirigiu-se para a porta com uma caixa comprida contendo lâmpadas fluorescentes. Ele identificou-se numa mesa de recepção e pegou um elevador até o quarto andar. Chegando lá saiu do elevador e caminhou por um chão de tábuas de teca cobertas por um tapete persa. Não havia secretária na ante-sala de um grande escritório ao final do corredor. Ela tinha deixado o serviço havia uma hora. O homem passou pela mesa vazia e entrou no espaçoso escritório, cuja porta estava aberta.

Curtis Merlin Zale estava sentado numa grande cadeira executiva de couro, estudando um relatório preparado por um geólogo sobre um terremoto que tinha atingido uma região do estado de Idaho, com depósitos de petróleo e gás. Ele não ergueu os olhos quando o eletricitista entrou. Em vez de instalar as lâmpadas fluorescentes, o eletricitista assentou-se pesadamente numa cadeira em frente da mesa. Só neste momento foi que Zale fitou os sinistros olhos escuros de Omo Kanai.

- Sua desconfiança se confirmou? - perguntou Kanai.

Zale sorriu plenamente satisfeito consigo mesmo.

- O inocente peixinho mordeu a isca.

- E quem é o peixinho?

- Sally Morse, da Yukon Oil. Comecei a duvidar de sua dedicação à causa

quando ela começou a fazer perguntas sobre o nosso plano de lançar o superpetroleiro no coração de São Francisco.

- Você acha que ela falou com as autoridades?

- Tenho certeza. O avião dela não voltou para o Alasca. Foi direto para Washington.

- Se o papagaio abrir o bico na capital isso pode ser perigoso.

Zale balançou a cabeça.

- Ela não tem nenhum documento. Só a sua palavra. Nada pode ser provado. Ela acabou nos fazendo um grande favor mudando de lado.

- Se ela depuser perante o Congresso... - disse Kanai, sem terminar seu pensamento.

- Se você cuidar da sua parte ela vai sofrer um acidente antes de ser interrogada.

- Ela está sob a proteção do governo em algum lugar?

- Nossas fontes no Ministério da Justiça afirmam não saberem onde ela está.

- Alguma idéia de onde ela pode estar?

Zale encolheu os ombros.

- Nenhuma até o momento. Ela deve estar escondida na casa de alguém.

- Então não vai ser fácil encontrá-la - disse Kanai.

- Eu vou localizá-la para você - Zale disse com confiança. - Tenho mais de cem dos nossos procurando. E uma questão de horas localizar onde ela está.

- Quando vai ser o depoimento dela?

- Não nos próximos três dias.

Kanai pareceu satisfeito.

- Estou supondo que tudo está pronto - Zale disse. - Não vou admitir erros ou problemas inesperados.

- Não haverá. Seu plano é brilhante. A operação foi checada até o último detalhe. Não há a menor possibilidade de falha.

- O seu pessoal na Viper está a bordo?

- Todos, com exceção de mim. Um helicóptero está aguardando para me levar até o superpetroleiro quando ele estiver a 150 quilômetros do porto. - Kanai olhou para o relógio de pulso. - Se vou dirigir os preparativos finais é hora de ir andando.

- Os militares não podem deter o petroleiro? - Zale perguntou, com ansiedade na voz.

- Os que tentarem vão ter uma surpresa muito desagradável.

Os dois se levantaram e se apertaram as mãos.

- Boa sorte, Omo. Da próxima vez que nos encontrarmos, nós é que vamos mexer os pauzinhos no governo.

- E onde você estará durante a tragédia amanhã?

Um sorriso malicioso passou pelos lábios de Zale.

- Estarei depondo perante a comissão da deputada Smith.

- Você acha que ela sabe de seus objetivos referentes ao petróleo doméstico?

- Sally Morse sem dúvida revelou nossos planos para ela. - Zale virou-se e olhou pela janela para as luzes dos postes reluzindo e para os monumentos completamente iluminados. - Mas isso não vai fazer a menor diferença, amanhã, nesta hora. Os protestos do público contra o petróleo estrangeiro já terão se transformado numa onda que vai varrer o país inteiro, e toda a resistência contra a Cerberus terá desaparecido.

Quando Loren caminhou de seu escritório até a sala das comissões de investigação na Câmara e entrou no recinto, surpreendeu-se ao ver as cadeiras reservadas aos depoentes. Nelas não estava o esperado exército de advogados



nem o pelotão de diretores da Cerberus.

Curtis Merlin Zale sentava-se, sozinho, numa das cadeiras diante de uma mesa. Não havia papéis, nem anotações, à sua frente. Nem uma pasta colocada ao seu lado, no chão. Ele estava sentado, relaxado e confiante, imaculadamente vestido, e sorria para os membros da comissão que chegavam e se assentavam em suas cadeiras, diante de uma mesa comprida colocada num plano um pouco mais alto. Seus olhos acompanharam Loren quando ela se sentou e colocou um maço de papéis à sua frente, sobre a mesa. Ela viu o olhar dele, e sentiu-se incomodada. Seu ar de elegância não impedia que ela visse nele um ser repulsivo, como uma cobra ao sol sobre uma rocha.

Loren confirmou que todos os membros da comissão estavam presentes e começou a audiência. Leonard Sturgis respondeu ao aceno de cabeça de Loren, com o rosto tenso, como se se sentisse desconfortável de ter que fazer perguntas que poderiam ser embaraçosas a Zale.

Loren disse umas palavras preliminares abrindo a sessão e agradeceu a Zale pelo comparecimento.

- O senhor deve saber que tem o direito de comparecer com a presença de um advogado.

- Sim - Zale respondeu com calma -, mas numa demonstração da minha disposição de cooperar com a comissão, estou aqui pronto para responder a toda e qualquer pergunta.

Loren deu uma olhada no grande relógio colocado na parede dos fundos da sala. Ele indicava 9:15 da manhã.

- Os trabalhos podem se estender por todo o dia - ela informou a Zale.

- Estou à sua disposição pelo tempo que for necessário - Zale respondeu numa voz baixa e segura.

Loren dirigiu-se à deputada Lorraine Hope, do Texas.

- Deputada Hope, a senhora nos faria a honra de iniciar a investigação.

Lorraine Hope, uma negra forte de Galveston, Texas, concordou com a cabeça e deu início aos trabalhos. Loren sabia que o nome de Hope não estava na lista dos deputados comprados pela Cerberus, mas ela não tinha certeza do que Hope pensava sobre a companhia. Até então suas intervenções tinham sido moderadas, e aparentemente independentes. Mas assim que ela fez a primeira pergunta, Loren percebeu que sua desconfiança era justificada.

- Sr. Zale, o senhor entende que os Estados Unidos estariam muito melhores se nós nos tornássemos auto-suficientes em petróleo, e não necessitássemos importar óleo cru do Oriente Médio e da América Latina?

Loren entendeu tudo. Hope jogava no time de Zale.

- Nossa dependência do petróleo externo - Zale começou a responder - está drenando a economia. Nos últimos 50 anos estivemos à mercê da OPEP que manipula os preços para cima e para baixo como quer. Sua tática insidiosa é aumentar o preço do barril em US\$ 2 e depois baixar US\$ 1. Aumentar US\$ 2 e baixar US\$ 1, fazendo com que o preço vá sutilmente subindo, a ponto de já estarmos pagando US\$ 60 por barril importado. O preço dos combustíveis na bomba dos postos já atingiu limites insuportáveis. Companhias de transporte e motoristas que têm caminhões de transporte estão falindo. A única maneira de deter esta loucura, que certamente vai quebrar o país, é aumentar nossa produção e não ter que depender do óleo importado.

- Há reservas suficientes, ainda não exploradas, capazes de abastecer as nossas necessidades, e se for o caso, por quanto tempo?

- Há, sim. As reservas na área continental dos Estados Unidos e do Canadá, mais

as reservas em alto-mar, são perfeitamente suficientes para abastecer a América do Norte por mais 50 anos. Também posso anunciar que os enormes depósitos de xisto argiloso no Colorado, Wyoming e Montana deverão começar a produzir óleo cru já no próximo ano. Tudo isso é suficiente para nunca mais dependermos do petróleo importado. E muito provavelmente até a metade do século os avanços tecnológicos vão desenvolver novas fontes de energia.

- O senhor está dizendo que não deveria haver nenhuma preocupação ecológica na exploração das novas reservas? - perguntou Loren.

- Os protestos dos ambientalistas são muito superestimados - retrucou Zale. - Praticamente nenhum animal morreu por causa da instalação de plataformas submarinas de exploração de petróleo, ou por causa dos oleodutos. As trilhas de migração podem ser alteradas pelos especialistas em manejo da vida silvestre. Não há nenhuma contaminação, no solo ou no ar, provocada pelos poços de petróleo. E, mais importante, mantendo o petróleo importado fora de nossas praias, podemos eliminar tragédias como a do Exxon Valdez e outros vazamentos que sofremos nos últimos anos. Sem a necessidade de petroleiros trazerem o petróleo para os Estados Unidos, esta ameaça está eliminada.

- Seus argumentos são muito ponderáveis - disse o deputado Sturgis. - Da minha parte, concordo com o cenário apresentado. Sempre fui contra a chantagem dos cartéis estrangeiros de petróleo. Se as empresas americanas podem atender às necessidades do país sem precisar buscar petróleo lá fora, eu sou a favor.

- E as empresas que trazem óleo de todo o mundo para os nossos portos e as nossas refinarias? - perguntou Loren. - Se este fluxo para os Estados Unidos é interrompido elas provavelmente vão quebrar.

Zale não pareceu nem um pouco embaraçado.

- Elas simplesmente vão ter que vender o petróleo em outros lugares.

As questões foram levantadas, as explicações foram dadas. Zale, Loren podia perceber, não ia ser intimidado. Ele sabia muito bem que controlava três dos cinco membros da Comissão de Práticas Ilegais, e sentia que tinha todo o controle da situação. A não ser por um olhar eventual e discreto ao relógio de pulso, Zale estava completamente seguro.

Loren também levantava os olhos para o relógio na parede dos fundos. Era quase impossível para ela não pensar na iminente tragédia no porto de São Francisco, e imaginava se a Guarda Costeira e as Forças Especiais da Marinha iriam impedi-la a tempo. Loren sentia-se quase impotente por saber que não podia confrontar Zale com o que ela sabia e acusá-lo com antecedência por sua tentativa de assassinato em massa.

A SUPERFÍCIE DO MAR MARULHAVA numa movimentação sem fim. Não havia ondas de crista espumosa, e as depressões entre duas ondas pareciam sulcos feitos por arados num campo preparado para a sementeira. O mar tinha um silêncio estranho. Uma névoa fina flutuava sobre as ondas, amortecendo o barulho da água em movimentação, mas mal encobrendo as estrelas ainda visíveis no ocidente. As luzes de São Francisco brilhavam, avermelhadas, contra uma camada de nuvens leitosas contrastando contra o céu escuro no oriente.

Uma hora antes que os primeiros raios do sol aparecessem, o cúter Huron, da Guarda Costeira, navegando à velocidade máxima, interceptou o super-petroleiro Pacific Trojan a pouco menos de 40 quilômetros da Golden Gate. Dois helicópteros da Guarda Costeira sobrevoavam o grande navio, acompanhados da mais recente arma da força aérea da Marinha, o helicóptero Goshawk, que levava o capitão Garnet e sua equipe de 30 homens da Divisão de Reconhecimento. Um barco de patrulha armado, e rápido, seguia o super-petroleiro. A bordo estavam o comandante Miles Jacobs e sua divisão de Operações Especiais, preparados para lançar ganchos, nos quais pendiam escadas, e prendê-los na amurada do navio.

O almirante Amos Dover, que era o chefe da operação de abordagem, estava de pé acompanhando tudo através de binóculos. - É mesmo um dos grandes. Uns cinco campos de futebol, de proa a popa, e ainda mais um pouco.

- É um petroleiro gigantesco - observou o comandante do cúter, o capitão Buck Compton. Com 23 anos de Guarda Costeira, Compton tinha servido ao redor do mundo, comandando arriscadas operações de resgate em mares revoltos, ou aprisionando navios com cargas ilegais de imigrantes ou drogas. - Não parece, mas 80% da massa do navio está debaixo da linha da água. Ele pode transportar mais de 600 mil toneladas de óleo cru.

- Eu não gostaria de estar num raio de 15 quilômetros se a sua carga explodir.

- Mas é melhor aqui do que na baía de São Francisco.

- O comandante não está fazendo nada para entrar na baía despercebido - Dover comentou com calma. - Todas as luzes da proa à popa estão acesas. Parece até que ele está querendo anunciar sua presença. - Dover baixou os binóculos. - É estranho que o navio esteja tão visível.

Ainda examinando o superpetroleiro, Compton pôde ver claramente o cozinheiro

atirar um balde de lixo no mar, e gaivotas mergulhando atrás do lixo na esteira do navio.

- Não estou gostando nada - ele comentou, nervoso.

Dover voltou-se para o radioperador, que estava de pé próximo, com um radiotransmissor ligado na ponte de comando.

- Contate nossos helicópteros e verifique se eles vêem algum sinal de atividade hostil.

O radioperador fez como solicitado e esperou até que uma voz respondeu:

- Almirante Dover, aqui é o tenente Hooker no Chase One. Exceto por um tripulante fazendo uma checagem no convés superior, e pelo cozinheiro que está trabalhando, o navio parece vazio.

- E a ponte de comando? - quis saber Dover.

A mensagem foi transmitida, e a resposta veio imediatamente.

- A ponte de comando está vazia. Tudo o que eu vejo através dos vidros são dois oficiais em vigília.

Transmita suas observações para o capitão Garnet e o comandante Jacobs, e diga-lhes para ficar de sobreaviso, enquanto eu chamo o superpetroleiro.

- A tripulação tem 15 oficiais e 30 tripulantes - disse Compton, examinando no computador os dados sobre o navio. - O registro é britânico. Isso significa que vai acontecer o diabo se abormos um navio estrangeiro sem a devida permissão.

- Este problema é de Washington. Nossas ordens são para abordagem.

- Espero que nem você nem eu nos enrasquemos.

- A honra é sua, Buck

Compton pegou o radiotransmissor das mãos do radioperador.

- Atenção capitão do Pacific Trojan. Aqui é o capitão do cutter Huron da Guarda Costeira. Qual é o seu destino?

O capitão do superpetroleiro, que estava na casa do leme, respondeu quase imediatamente.

- Aqui é o capitão Don Walsh. Nosso destino é o cais de bombeamento da Ponta de São Pedro.

- A resposta que eu estava esperando. Diga-lhe para parar.

Compton acenou com a cabeça.

- Capitão Walsh, aqui o capitão Compton. Por favor, pare as máquinas para fazermos uma inspeção de rotina.

- Isso é necessário? - perguntou Walsh. - Parar vai custar tempo e dinheiro para a companhia, além de atrapalhar nosso cronograma.

- Por favor, faça o que é pedido - retrucou Compton num tom de voz firme.

- O navio está bem afundado na água - comentou Dover. - Os tanques devem estar cheios até a beirada.

Não houve resposta por parte do capitão Walsh, mas depois de um minuto Dover e Compton perceberam que a movimentação da água na popa do navio, provocada pela rotação das hélices, começava a diminuir. Ainda havia a trilha de espuma nos lados da proa, mas os dois homens sabiam que o super-petroleiro ia precisar de quase 2 quilômetros antes de parar completamente.

- Diga ao comandante Jacobs e ao capitão Garnet que subam a bordo com as equipes de abordagem.

Compton olhou para Dover.

- O senhor não vai mandar ninguém do Huron?

- O pessoal deles está mais bem-equipado para enfrentar qualquer resistência que os nossos - respondeu Dover.

Compton transmitiu a ordem, e eles viram quando o piloto baixou o helicóptero

da Força Aérea da Marinha ao lado e ao redor da popa do super-petroleiro, as hélices girando acima da estrutura, até que ele ficasse fora do alcance do radar. Então o helicóptero plainou por uns instantes, enquanto Garnet examinava o convés à procura de qualquer sinal de hostilidade. Satisfeito de ver que o imenso convés superior estava tranqüilo, ele fez um gesto para o piloto descer numa área ampla e livre na parte dianteira do navio.

Abaixo, na água, o barco-patrolha de Jacobs se alinhou com o casco, na popa. Ganchos foram disparados de um rifle pneumático e se engancharam na amurada. As equipes de operações especiais rapidamente subiram as escadas de corda e se espalharam pelo convés, com as armas engatilhadas. Exceto por um tripulante espantado, não havia nenhum outro sinal de vida no convés.

Vários homens da equipe de Jacobs subiram em bicicletas, usadas pela tripulação, e começaram a patrulhar o enorme convés na procura de explosivos. Garnet dividiu seus homens, mandando uma parte para a casa de máquinas e outra para a popa, rendendo a tripulação e mandando-a se concentrar na casa do leme. Quando ele entrou na ponte de comando, o capitão Walsh se ergueu, com o rosto demonstrando grande indignação.

- O que significa isto? Vocês não são da Guarda Costeira.

Garnet ignorou Walsh e falou pelo rádio portátil.

- Almirante Dover, aqui é a Equipe Um. Os tripulantes e a casa do leme estão sob controle.

- Comandante Jacobs? O relatório da Equipe Dois - pediu Dover.

- Ainda temos muita área para verificar - retrucou Jacobs. - Mas nenhum sinal de explosivos nas áreas que já inspecionamos.

Dover disse para Compton:

- Vou subir.

Um bote foi descido e levou o almirante Dover até o lado do casco, onde os homens de Garnet jogaram uma escada de corda e degraus de madeira. Dover subiu até o convés, e depois tomou as escadas que levavam à ponte de comando, onde encontrou um Walsh transtornado.

O capitão do Pacific Trojan pareceu surpreso de ver um almirante da Guarda Costeira a bordo de seu navio.

- Exijo explicações sobre o que está acontecendo - Walsh disse, rispidoamente.

- Fomos informados de que este navio está carregando explosivos - retrucou Dover. - Estamos fazendo uma inspeção de rotina para verificar.

- Explosivos! Vocês estão loucos? Este é um petroleiro. Ninguém seria maluco de levar explosivos a bordo.

- Isto é o que desejamos descobrir - respondeu Dover agora com calma.

- Sua informação é ridícula. De onde ela veio?

- De um alto executivo da Cerberus Oil.

- O que é que a Cerberus Oil tem a ver com isso? O Pacific Trojan pertence à Berwick Shipping Company, da Grã-Bretanha. Transportamos petróleo e produtos químicos pelo mundo inteiro para um grande número de clientes estrangeiros.

- De quem é o petróleo que vocês estão carregando? - perguntou Dover.

- O desta viagem pertence à Zandak Oil, da Indonésia.

- Há quanto tempo a Berwick transporta petróleo para a Zandack?

- Há mais de 20 anos.

- Equipe Um informando - a voz de Garnet ouviu-se no rádio de Dover.

- Aqui o almirante Dover. Estou ouvindo.

- Não encontramos nenhum sinal de explosivos na casa de máquinas ou na popa.

- Ok - disse Dover. - Vá ajudar o comandante Jacobs. Ele ainda tem muita área

para inspecionar.

Uma hora se passou, durante a qual o capitão Walsh fumou e ficou num vai-e-vem pela ponte de comando, frustrado, sabendo que cada minuto que o navio fosse retardado custava à sua companhia milhares de dólares.

O capitão Compton deixou o Huron, subiu a bordo e também foi até a ponte de comando.

- Estou aflito e impaciente - ele disse sorrindo. - Espero que você não se importe com a minha vinda para ver o que está acontecendo.

- Não está nada bem - respondeu Dover, mostrando raiva. - Até agora não há nenhum sinal de explosivos ou detonadores. O capitão e a tripulação não agem como homens numa missão suicida. Estou começando a temer que tenhamos sido enganados.

Vinte minutos mais tarde Jacobs fez o relatório final.

Tudo limpo, almirante. Não encontramos nenhum traço de explosivos.

- Viu?! - gritou Walsh. - Eu não disse? Vocês são todos malucos.

Dover não fez nenhuma tentativa de aplacar a ira do capitão do navio.

Ele estava começando a ter muitas dúvidas sobre as informações de Sally Morse. Mas, por outro lado, ficou aliviado de saber que o super-petroleiro não tinha nenhuma intenção de mandar metade de São Francisco pelos ares.

- Desculpe pela abordagem e o atraso. Já estamos saindo - Dover disse a Walsh.

- Podem apostar que haverá um protesto de meu governo - Walsh disse ainda com raiva. - Vocês não tinham nenhuma razão legal para invadir meu navio.

- Minhas desculpas por qualquer inconveniente - Dover disse, num tom de verdadeiro arrependimento. Ele voltou-se para Compton, ao saírem da ponte de comando, e disse, baixo: - Não quero estar na pele do pessoal de Washington quando eu notificar que todos eles foram enganados.

Pitt estava sentado diante de sua mesa de trabalho, despachando seu expediente na NUMA, antes de voar para a fazenda de Elmore Egan, em Nova York, quando o almirante Sandecker de repente passou por sua secretária, Zerri Pochinsky, e entrou na sala. Pitt levantou os olhos surpreso. Quando o almirante queria discutir assuntos da NUMA, ele quase sempre insistia que Pitt fosse ao seu escritório. Era óbvio que Sandecker estava perturbado. Seus lábios estavam cerrados debaixo da barba vermelha pontiaguda, e os olhos azuis, sempre seguros, demonstravam preocupação.

Antes que Pitt dissesse uma palavra, Sandecker falou com rispidez.

- Zale nos enganou.

- O que foi? - respondeu Pitt, confuso.

- O Pacific Trojan estava limpo. O almirante Dover acabou de fazer o relatório. Não havia explosivos a bordo. O capitão e a tripulação são absolutamente inocentes de qualquer plano para destruir o cais do porto de São Francisco. Ou nós fomos enganados, ou Sally Morse teve uma alucinação.

- Confio em Sally. Prefiro pensar que fomos enganados.

- Com qual objetivo?

Pitt pensou um pouco antes de responder.

- Zale tem a astúcia de um chacal. Aposto que ele passou para Sally uma história falsa, sabendo que ela estava disposta a deixar o cartel e avisar o governo. Ele usou o velho truque do mágico, movimentando uma mão para distrair o público e a outra para fazer o truque. - Pitt olhou diretamente para Sandecker. - Acho que Zale tem outra tragédia na manga.

- Tudo bem - disse Sandecker. - Concordo com seu pensamento, mas aonde ele nos leva?

- Estou contando com Hiram Yaeger e Max para acharem a resposta - disse Pitt enquanto se levantava. Depois rodeou a mesa e foi para a porta.

Yaeger estava examinando páginas de contas bancárias no exterior que Max tinha conseguido, invadindo arquivos armazenados em computadores, na sua busca de pagamentos ilegais e de suborno feitos pela Cerberus a quase mil membros do governo dos Estados Unidos. A soma total era simplesmente astronômica.

- Você tem certeza de que estes são os totais, Max? - perguntou Yaeger, chocado

com a quantia. - Não é pouca grana.

A figura holográfica de Max encolheu os ombros.

- Fiz o melhor que pude. Deve haver umas 50 ou mais contas que ainda não verifiquei. Por que você pergunta? A quantia surpreende?

- Pode ser que US\$ 21,2 bilhões não pareça muita coisa para você, mas para um técnico em computadores pobre é muita grana.

- E difícil concordar que você seja um pobretão.

Pitt, com Sandecker dois passos atrás, irrompeu pelo escritório de Yaeger como se estivesse fugindo de um cachorro bravo.

- Hiram, o almirante e eu precisamos que você e Max façam uma nova pesquisa o quanto antes.

Yaeger ergueu o olhar e viu a ansiedade estampada no rosto de Pitt e de Sandecker.

- Max e eu estamos à disposição. O que é que vocês querem que pesquisemos?

- Chequem todas as chegadas de navios aos maiores portos dos Estados Unidos, começando agora e nas próximas dez horas, com ênfase para super-petroleiros.

Yaeger assentiu com a cabeça e virou-se para Max.

- Você ouviu?

Max deu um sorriso malicioso.

- Estarei de volta em 60 segundos.

- Tão rápido? - disse Sandecker, sempre admirado com o potencial de Max.

- Ela ainda não falhou - retrucou Yaeger com um leve sorriso de cumplicidade.

Enquanto Max se desfocava e desaparecia, Yaeger passou para Sandecker os resultados da última pesquisa.

- Aqui está. Não está completa, ainda. Mas com mais de 95% dos dados, aqui estão nomes, contas bancárias no exterior e os depósitos feitos pelos que foram subornados por Curtis Merlin Zale e pela Cerberus.

Sandecker estudou os números e olhou de volta para Yaeger, atônito.

- Agora está explicado por que Zale tem tantos altos funcionários sob controle. O dinheiro que ele pagou daria para cobrir todo o orçamento da NUMA por cem anos.

- A Guarda Costeira e a Divisão de Ações Especiais pararam o superpetroleiro antes que ele entrasse na baía de São Francisco? - perguntou Yaeger, que não tinha sido informado do acontecido.

- Zale nos fez de idiotas - disse Sandecker. - O navio estava transportando uma carga de petróleo, sim, mas não tinha nenhum explosivo. Nenhum traço foi encontrado a bordo, e o navio continuou sua viagem até o terminal sul da Bay Area, como estava previsto.

Yaeger olhou para Pitt.

- Você acha que foi um despiste?

- Acredito que esta foi a intenção de Zale. O que me causou estranheza desde o início foi a utilização de um petroleiro do tamanho do Pacific Trojan, e completamente lotado de óleo cru. O fundo da baía em redor da cidade de São Francisco é muito raso para um navio daquele tamanho. Ele teria encalhado muito antes de entrar na baía.

- Então você está considerando a hipótese de que Zale está mandando um outro grande cargueiro para um outro porto - Yaeger sugeriu.

Todos ficaram em silêncio enquanto a forma feminina de Max se materializava no monitor.

- Acho que tenho o que os senhores buscam.

- Você checkou todos os superpetroleiros com previsão de entrar em nossos



portos? - perguntou Sandecker com ansiedade.

- Há vários petroleiros chegando a diversos portos, mas quanto aos super, há um destinado a Louisiana, vindo da Arábia Saudita, mas o terminal em que ele vai descarregar fica a 150 quilômetros de qualquer cidade grande. Outro deve aportar numa estação de bombeamento ao largo de Nova Jersey, mas não é esperado antes de amanhã. Finalmente há um outro super indo para Long Beach, Califórnia, mas ainda está a dois dias do porto. São todos. Parece que seu amigo Zale perdeu a oportunidade de usar um outro super-petroleiro.

- Quer dizer que toda a operação foi uma perda de tempo - murmurou Sandecker. - Zale nunca teve a intenção de devastar São Francisco, ou qualquer outra cidade portuária densamente povoada.

- E o que parece - afirmou Pitt desanimado. - Mas se era assim, por que o subterfúgio? O que ele tinha a ganhar?

- Talvez estivesse nos testando.

- Este não é o seu -modus operandi.

- Não há enganos? - Yaeger perguntou a Max.

- Entrei nos registros de todas as companhias portuárias em todos os 48 estados continentais.

Sandecker fez um movimento para sair da sala, enquanto dizia:

- Acho que isto termina o assunto.

- Os senhores já consideraram a possibilidade de um outro navio? - perguntou Max.

Pitt olhou para o monitor, com grande interesse.

- O que você tem em mente?

- Estive pensando. Um CGNL poderia causar um dano muito maior do que um superpetroleiro.

A revelação atingiu Pitt como uma martelada.

- Um cargueiro de gás natural liquefeito!

- Um explodiu no Japão nos anos 40 com quase a força explosiva da bomba atômica de Hiroshima - Max acrescentou. - O número de mortos foi mais de mil.

- Você verificou para saber se há algum desses cargueiros rumando para algum porto? - perguntou Yaeger.

Max fez um beicinho.

- Vocês não demonstram nenhuma consideração pelos meus talentos intuitivos. É claro que chequei todos os cargueiros de gás natural que estão para chegar.

- E então? - Yaeger quis saber, ansioso.

- O Mongol Invader, vindo do Kuwait, deve aportar em Nova York às 10h30.

- Da manhã ou da noite? - Sandecker perguntou.

- Da manhã.

O almirante olhou o relógio.

- Podemos eliminá-lo. Deve ter fundeado há 20 minutos.

- Vamos com calma - retrucou Max. - O cargueiro atrasou-se por causa de problemas com os geradores e teve que fazer uma parada até que o conserto fosse feito. Está atrasado cinco horas.

Pitt e Sandecker trocaram olhares preocupados.

- Tem que ser o plano de Zale - disse Pitt. - Blefe com o PACIFIC TROJAN na Costa Oeste para atingir Nova York a partir do leste, com o MONGOL INVADER.

Sandecker bateu na mesa com o punho.

- Ele nos pegou dormindo como bebês de fralda.

- Não há muito tempo para abordar o cargueiro antes que ele atinja a parte sul da

baía e entre pelos Narrows - Max ponderou.

- Como - É O MONGOL INVADER? - Yaeger perguntou a Max.

Imediatamente surgiu num amplo monitor a imagem de um navio. O barco parecia ter saído de uma revista de histórias em quadrinho de ficção científica. O casco tinha as mesmas linhas de um petroleiro, com os motores e a estrutura que acomoda a tripulação e os controles montados na popa, mas a semelhança terminava aí. Em vez de um amplo convés plano, havia oito tanques esféricos, idênticos, mas sem estarem ligados, e gigantescos, apontados para o céu.

Max começou então a expor as especificações do navio:

- O maior CGNL jamais construído. O comprimento é de 560 metros, e a boca, de 110 metros. Leva uma tripulação de apenas oito oficiais e 15 tripulantes. Este número pequeno se deve ao fato de que o navio é quase inteiramente automatizado. As turbinas com dupla redução geram um empuxo de 60 mil cavalos para cada um dos seus dois eixos propulsores. O país de registro é a Argentina.

Yaeger perguntou:

- Quem é o dono?

- Os dados e registros, através de uma série de companhias de fachada, levam até a porta da Cerberus.

Yaeger deu um largo sorriso.

- Então, estão satisfeitos?

- Os cargueiros de gás natural liqüefeito têm um calado muito mais raso, em virtude da diferença de peso entre o petróleo e o gás - afirmou Sandecker. - Ele pode facilmente subir o rio Hudson, antes de virar e dirigir-se para a parte sul de Manhattan, e penetrar entre as docas sem fundear até atingir a margem.

- Sally Morse disse que o PACIFIC TROJAN iria explodir ao atingir o World Trade Terminal - disse Yaeger. - Será que Zale não cometeu um lapso?

- Eu explodiria o cargueiro na área de Wall Street, se eu quisesse provocar o maior dano possível - Sandecker disse, concordando.

- Quanto de gás o navio está levando? - Pitt perguntou a Max.

- Duzentos e quinze mil metros cúbicos.

- Muita coisa - Yaeger suspirou.

- Que tipo de gás?

- Propano.

- Pior ainda - Yaeger suspirou outra vez.

- A bola de fogo pode ser pavorosa - explicou Max. - Um vagão-tanque explodiu em Kingman, no Arizona, nos anos 70. Ele carregava 8 mil galões de propano, e a bola de fogo estendeu-se por mais de 400 metros. Um galão de propano vai produzir 270 de gás. Ou, estimando-se 162 pés cúbicos de vapor de propano por pé cúbico de líquido, e multiplicando por 7,5 milhões, pode-se admitir sem muita margem de erro que a bola de fogo vai ter mais de 3,5 quilômetros de extensão.

- E quanto aos danos estruturais? - Sandecker indagou a Max.

- Muito grandes - respondeu Max. - Edifícios situados em Wall Street ficarão de pé, mas por dentro vão virar lixo. A maior parte dos outros edifícios perto do centro da explosão serão destruídos. E não quero nem especular sobre o número de mortos.

- Tudo isso porque aquele insano do Zale e o cartel da Cerberus querem insuflar o povo americano contra o petróleo estrangeiro - Pitt murmurou com raiva.

- Temos que parar aquele navio - Sandecker disse num tom frio. - E não pode haver enganos desta vez.

- A tripulação desse navio não vai permitir a abordagem como aconteceu com o

Pacific Trojan. Aposto um mês de salário que Omo Kanai e sua Viper estão operando o navio. Zale nunca deixaria uma ação desta magnitude para amadores

- Pitt disse pausadamente.

Sandecker olhou o relógio novamente.

- Temos quatro horas e meia antes de ele entrar no rio East, chegando a Manhattan. Vou relatar o que descobrimos ao almirante Dover e pedir-lhe que alerte as unidades da Guarda Costeira na área de Nova York para uma interceptação.

- É bom chamar também a Divisão Estadual Anti-terrorismo de Nova York - sugeriu Max. - Eles treinam para enfrentar este tipo de possibilidade.

- Obrigado, Max - disse Sandecker, começando a gostar da criação computadorizada de Yaeger. Antes, ele sempre pensou que Max era um fardo no orçamento da NUMA, mas aos poucos ia percebendo que ela valia cada centavo, e muito mais. - Vou fazer isto.

- Eu vou chamar Al. Usando o novo jato de asa móvel da NUMA, Aquarius, podemos descer em Nova York em uma hora.

- O que você planeja fazer ao chegar lá? - quis saber uma curiosa Max. Pitt olhou-a como se ela estivesse querendo saber de Dan Marino se ele sabia arremessar uma bola de futebol americano.

- Evitar que o Mongol Invader destrua metade de Manhattan. O que mais?

Qualquer um que estivesse observando um cargueiro de gás natural liquefeito sentiria um enorme ceticismo, porque era difícil de acreditar que um barco tão grotesco pudesse cruzar os mares. O Mongol Invader, com seus oito tanques redondos saindo da metade dianteira de seu casco, era o maior de todos os cargueiros de GNL jamais construídos, e parecia não estar à vontade na água, ao abrir caminho num mar encrespado, num curso que ia diretamente à entrada do porto de Nova York. Basicamente um cargueiro, e pintado num marrom cor de tijolo, ele deveria ser um dos mais feios navios em atividade.

Seus projetistas o tinham construído para alojar, carregar e proteger os oito imensos tanques esféricos de alumínio tratados para isolar o calor. Os tanques estavam cheios de propano líquido, que tinham sido congelados a uma temperatura de menos 135°C. Mas durante a viagem a partir do Kwait a temperatura tinha gradualmente subido até estar no momento a 10°C abaixo do ponto crítico.

Uma bomba flutuante com potencial para devastar a parte sul da ilha de Manhattan, o Mongol Invader penetrava as ondas a uma velocidade de 25 nós, empurrado pelos eixos propulsores de bronze, a proa afastando a água com uma facilidade enganosa. Grupos de gaivotas circularam o navio, mas presentindo alguma coisa ruim ficaram estranhamente em silêncio e logo se afastaram.

Diferentemente do Pacific Trojan, não se via nenhum tripulante examinando os tanques do Mongol Invader, ou indo de um a outro através dos passadiços instalados na altura das abóbadas. Eles permaneciam escondidos nas estações de trabalho. Eram apenas 15, espalhados por todo o navio.

Quatro operavam os controles na casa do leme. Cinco ficavam na casa de máquinas, enquanto os outros seis estavam armados com mísseis portáteis que podiam afundar o maior barco da Guarda Costeira, ou abater qualquer avião que viesse atacá-los. Os membros da Viper estavam perfeitamente cientes do custo de uma vigilância ineficiente. Todos estavam perfeitamente seguros de que poderiam repelir com facilidade qualquer tentativa de abordagem por parte das Forças Especiais, às quais muitos deles tinham pertencido. Tinham absoluta certeza de que poderiam repelir qualquer tentativa de parar o cargueiro antes que ele atingisse os limites da cidade. E, uma vez que passassem por baixo da Ponte Verrazano, sabiam que o comandante de qualquer ação de interceptação

pensaria mil vezes antes de arriscar-se a provocar uma explosão e uma imensa bola de fogo.

Apoiado na amurada da projeção de estibordo da ponte de comando, Omo Kanai fitava as ameaçadoras nuvens negras que pontuavam um céu escuro. Ele tinha como certo, que, no caso de qualquer ataque a ele, seus 15 homens, que não eram terroristas fanáticos, mas apenas mercenários muito bem pagos, não se dispormiam a morrer por seu empregador. Isso não era um filme de James Bond. Kanai sorriu para si mesmo. Somente os que estavam a bordo sabiam da existência de um submarino amarrado ao casco, 30 metros antes do leme e dos propulsores gêmeos. Assim que o cargueiro se aproximasse da margem de Manhattan, Kanai e os membros da Viper iriam para o submarino e escapariam pelas águas profundas do mar, evitando a bola de fogo.

Ele voltou para a ponte de comando, cruzou os braços e passou o olhar pelo curso que tinha estabelecido na carta marítima, seguindo a linha vermelha que passava por Rockway Point, depois por Norton Point, em Seagate, antes de passar pela Ponte Verrazano, que ligava o Brooklyn e Staten Island. A partir daí a linha se desviava para o centro da parte norte da baía, e até a estátua da Liberdade, na Ellis Island. Depois, a linha fazia uma abrupta curva para a direita até a margem da baía e terminava na área próxima a Wall Street.

Ele flexionou os ombros musculosos, o corpo sintonizado com a massa movente do navio sob seus pés. O Mongol Invader não seria interceptado, não podia ser interceptado, antes de chegar ao seu destino. O cargueiro seria lembrado, pelos próximos cem anos, por ter provocado a maior tragédia jamais dirigida aos Estados Unidos.

Kanai olhou pelo pára-brisa da ponte de comando e observou os carros se movendo pela ponte, sobre um mar agora de cor verde-acinzentada, por causa das nuvens negras. As cores dos carros em movimento pareciam o pulsar de insetos coloridos. Ele viu no console de instrumentos que um vento de 20 nós soprava de sudeste. Ótimo, ele pensou, para ampliar o alcance destruidor da bola de fogo.

As milhares de vítimas incineradas nunca foram motivo de preocupação. Kanai era incapaz de sentir emoção. Ele era imune à morte e não hesitava em enfrentá-la quando a hora chegava.

Seu segundo homem, Harmon Kerry, um tipo rude e mal-encarado, com tatuagens cobrindo completamente os braços, entrou na ponte de comando, vindo pela escada. Pegou um binóculo e inspecionou um cargueiro passando a bombordo, em direção ao mar.

- Não vai demorar muito - ele disse, com um prazer antecipado. - Os americanos vão ter uma terrível surpresa.

- Sem surpresa - Kanai disse baixo -, se eles agora já sabem que o Pacific Trojan foi um despiste.

- Você acha que eles sabem da operação?

- Zale nunca conseguiu fazer um plano que não tivesse falhas - Kanai afirmou sem rodeios. - Circunstâncias inesperadas e não previstas impediram que todos tivessem sucesso. O que fizemos até agora nós fizemos bem-feito. Mas alguém, talvez muitos, nos Estados Unidos somaram dois e dois. As cinco horas que tivemos de retardo pelos problemas com o gerador nos custou muito. Em vez de chegarmos inesperadamente, ao mesmo tempo em que o Pacific Trojan era abordado, e na escuridão antes do amanhecer, pode ser que tenhamos que enfrentar um forte ataque. E você pode apostar que estarão mais bem preparados desta vez.

- Eu não agüento esperar para ver a Estátua da Liberdade derretida - disse Kerry com um sorriso diabólico.

O timoneiro, que estava de pé diante do console de controle anunciou:

- Quarenta minutos para atingirmos a ponte.

Kanai levantou-se e fitou o arco da ponte que se aproximava lentamente.

- Se eles não atacarem e nos destruírem logo, não terá uma nova chance.

O almirante Dover voou a bordo de um caça a jato saído da base aérea da Marinha em Alameda, na costa oeste, 15 minutos depois do alerta de Sandecker. O piloto do caça tinha requisitado um pouso de emergência no Aeroporto Internacional JFK. De lá um helicóptero do departamento de polícia de Nova York o levou para a base Sandy Hook, da Guarda Costeira, onde dois rápidos barcos de patrulha de 40 metros estavam esperando sua chegada para saírem e interceptar o Mongol Invader.

Dover entrou na sala de conferências da base, as mãos abrindo e fechando num sinal de ansiedade e desespero, mas tentando agir com calma. Ele não podia se deixar vencer pela estratagemas de Zale, ou permitir que seus poderes de dedução se esquecessem de alguma coisa que parecesse óbvia. Sandecker talvez estivesse enganado. Não havia nada de sólido para uma nova operação de interceptação, apenas conjecturas, mas de qualquer forma ele estava determinado a ir até o fim. Se o Mongol Invader fosse outro despiste, tudo bem. Eles continuariam procurando até encontrar o navio certo.

Dover acenou silenciosamente para os dez homens e as duas mulheres aglomerados na sala enquanto se dirigiu para a cabeceira da mesa de conferência. Ele não gastou um instante com formalidades.

- As patrulhas aéreas da polícia voaram sobre o navio?

Um capitão da polícia que estava encostado numa parede confirmou com a cabeça.

- Temos um helicóptero em posição no momento em que falamos. Ele informa que o cargueiro está rumando para o porto em velocidade máxima.

Dover suspirou de alívio, rapidamente. Se este era mesmo o navio que ia devastar a parte sul de Manhattan, ele precisava ser interceptado.

- Senhores, vocês todos foram brifados por telefone e fax pelo almirante Sandecker em Washington e sabem o que esperar. Se não pudermos parar o navio, ele deve ser afundado.

Um comandante da Guarda Costeira disse, ao lado de Dover:

- Senhor, se atirmos nos tanques vamos provocar uma enorme explosão. Provavelmente toda a flotilha de barcos de interceptação e os pilotos nos helicópteros de patrulha poderão ser apanhados pela bola de fogo.

- É melhor que morram mil do que um milhão - Dover respondeu secamente. - Mas em nenhuma circunstância vocês devem atirar na frente da estrutura de serviço sobre a popa. Se a tripulação ignorar as ordens de parar eu não terei alternativa a não ser chamar os caças da Marinha e destruir o navio com mísseis ar-terra. Nesta eventualidade todo o mundo será alertado com bastante antecedência para se afastar do Mongol Invader antes que a explosão ocorra.

- Quais são nossas chances de fazer uma abordagem, subjugar a tripulação e desativar todos os detonadores? - perguntou um dos policiais.

- Não são boas se o navio não parar e continuar a toda velocidade para dentro do porto. Infelizmente, a força militar que tínhamos em São Francisco recebeu ordens para sair da prontidão e retornar a seus quartéis, depois que se soube que o Pacific Trojan era o navio errado. Não tivemos tempo de mobilizá-las de novo ou de organizar uma nova equipe. Suponho que as Forças Especiais

Antiterroristas de Nova York são treinadas para enfrentar estas emergências, mas não quero usá-las até que tenhamos certeza de que a tripulação não vai opor resistência. - Ele fez uma pausa para olhar os rostos dos homens e das mulheres na sala. - Se vocês ainda não sabem, a temperatura máxima do gás propano incendiado é de 357°C.

Um dos dois bombeiros presentes do Corpo de Bombeiros de Nova York levantou a mão.

- Almirante, devo acrescentar que se a carga do navio for exposta ao fogo, o resultante vapor da explosão de 215 mil metros cúbicos de propano vai formar uma bola de fogo de quase quatro quilômetros de diâmetro.

- Esta é mais uma razão para interceptar o cargueiro antes que ele chegue perto da cidade - Dover afirmou sucintamente. - Mais alguma pergunta? - Ninguém respondeu. - Então sugiro que desencadeemos a operação. O tempo está se esgotando.

Dover deixou a sala, foi diretamente para as docas e subiu pela prancha a bordo do William Shea, um cutter da Guarda Costeira. Uma forte sensação de premonição tomou conta dele. Se o Mongol Invader se recusasse a ser abordado e se os caças da Marinha só conseguissem afundá-lo quando ele estivesse perto do objetivo, o tempo era muito curto para evacuar Manhattan. Infelizmente, nesta hora do dia as ruas e os edifícios estavam cheios de gente. Os danos e as perdas de vidas seriam horrendas se os tanques do cargueiro pegassem fogo.

O único outro pensamento que passou rapidamente por sua mente foi a breve menção que Sandecker fez de que Dirk Pitt e Al Giordino estariam envolvidos na interceptação, de alguma maneira. Mas Dover não tinha visto nenhum sinal deles. Imaginava o que poderia ter impedido que comparecessem à reunião, embora não fossem imprescindíveis. Dover duvidava que fossem tão importantes para a operação.

O sol estava tentando atravessar as nuvens quando o William Shea e o Timothy Firme, um cutter idêntico, puxaram as amarras e navegaram para o confronto com o Mongol Invader e sua carga mortífera de gás propano.

- Não se parece com nenhum submarino que já tenha visto - Giordino comentou, olhando para um barco de linhas atraentes que mais parecia um iate de luxo do que um submarino.

Pitt estava de pé no embarcadouro, em Sheepshead Bay, ao sul do Brooklyn, admirando o vistoso barco de 85 pés, com o exterior mais parecendo o de um bonito barco de corrida. Giordino tinha razão. Acima da linha da água o barco se parecia com qualquer dos mais caros iates. A única diferença só podia ser vista debaixo da água. As amplas vigias arredondadas, dos dois lados da parte dianteira, eram similares, mas menores do que as vigias do casco do Golden Marlin.

Com capacidade para alojar 17 passageiros e tripulantes em grande estilo e conforto, o Coral Wanderer era o maior modelo construído pelos Estaleiros Meridian, de Massachusetts, na série Ocean Divers. Deslocando 400 toneladas, o submarino foi construído para operar numa profundidade de 450 metros, com uma autonomia de 370 quilômetros.

O capitão Jimmy Flett desceu as escadas do convés do submarino até o embarcadouro, e aproximou-se de Pitt, a mão estendida. Ele era baixo e corpulento, e tinha o rosto avermelhado denunciando muitos anos de intimidade com uísques, mas os olhos azuis tinham de alguma forma se mantido claros e brilhantes. A pele dos braços e das mãos era bronzeada, como se esperaria em um homem que tinha viajado tanto por mares banhados pelo sol. Flett tinha passado a maior parte da vida em barcos singrando o Mar do Norte, e seu olhar firme era de um pescador que sempre volta ao lar com peixes, por mais violentos que os mares estivessem. Ele já tinha visto e enfrentado mais vicissitudes do que era razoável, e tinha vencido todas.

Ele apertou a mão de Pitt, com força.

- Dirk, quando foi a última vez que sentamos num convés e tomamos uísque juntos?

- Foi no Arvor III, em 88.

- Em busca do Bonhomme Richard - disse Flett, numa voz surpreendentemente baixa. - Se me lembro bem, nós não o encontramos.

- Não, mas acabamos trombando com um barco espião russo que tinha naufragado durante uma tempestade.



- Lembro bem. A Marinha britânica nos ordenou que esquecêssemos o que tínhamos encontrado. E sempre achei que eles mergulharam atrás do navio pouco tempo depois que demos a posição.

Pitt virou-se para Giordino.

- Al, apresento-lhe Jimmy Flett. Um bom e velho amigo.

- Muito prazer em conhecê-lo - disse Giordino. - Dirk fala muito de você.

- Nada de bom, espero - Jimmy disse sorrindo, ao mesmo tempo em que apertava fortemente a mão de Giordino, que retribuiu o aperto.

- Quer dizer que você agora é um boa-vida e tornou-se capitão de barcos de luxo - disse Pitt amistosamente, apontando para o iate.

- Sou um marujo que prefere a superfície. Nada que exista debaixo da água tem interesse para mim.

- Então por que faz isso?

- O pagamento é bom e o trabalho é fácil. Estou ficando velho e já não posso mais ficar enfrentando os fenômenos atmosféricos, como eu fazia.

- Você falou com os patrões e conseguiu autorização para usarmos o barco? - perguntou Pitt.

- Eles não gostaram muito da idéia. O barco ainda está em teste e não foi certificado. Assim que ele esteja testado e cumpra todos os regulamentos eu deverei levá-lo até Monte Cario, onde seus novos proprietários vão usá-lo em viagens submarinas com europeus milionários.

- Esta é uma situação extremamente crítica.

Flett olhou fixamente nos olhos verdes de Pitt.

- O que você pretende com o barco? Tudo o que você disse ao telefone é que era uma viagem fretada pela NUMA.

- Nós pretendemos usá-lo como um barco torpedeiro.

Flett fitou Pitt como se a massa cinzenta dele estivesse saindo por um ouvido.

- Entendo - ele murmurou devagar. - Um torpedeiro. E qual navio você tenciona mandar para o fundo?

- Um cargueiro de gás natural liqüefeito.

Agora Flett estava vendo a massa cinzenta sair também pelo outro ouvido de Pitt.

- É se eu recusar o seu pedido?

- Então você vai viver o resto de sua vida sendo culpado pela morte de mais de 5 mil pessoas.

Flett imediatamente entendeu a situação.

- Este cargueiro... terroristas planejam explodi-lo?

- Não terroristas no sentido estrito da palavra, mas um bando de criminosos que planejam levar o cargueiro até perto da área de Wall Street antes de acionar os detonadores.

Não houve mais hesitação, perguntas ou protestos. Flett simplesmente disse:

- Já que o CORAL WANDERER não leva tubos de lançamento de torpedos, o que você tem em mente?

- Você já ouviu falar no submarino confederado HUNLEY?

- Já.

- Estamos tomando emprestado um pouco da sua história - Pitt afirmou com um leve sorriso de confiança, enquanto Giordino começava a descarregar uma van estacionada no embarcadouro.

Vinte minutos depois, os três homens tinham montado um tubo comprido, parecendo um mastro com 10 metros, na frente do barco. Dois outros tubos foram montados sobre o convés, abaixo das cabines elevadas. Sem perda de mais um minuto, os três se alojaram no barco, com Flett ligando os motores

turbinados a diesel. Ocupado na proa, Giordino prendia latas com explosivos magnéticos nas pontas dos dois tubos extras. O outro que já estava montado tinha uma carga plástica submarina de 50 quilos na ponta de um detonador.

Flett pegou o leme, e Pitt e Giordino desamarraram as cordas da proa e da popa. O velho capitão estava diante de um console. Diversas alavancas, proeminentes, controlavam as aletas que faziam o barco viajar na superfície ou imergir, assim como propulsores direcionais, e também o controle deslizante de velocidade.

Com três quartos da velocidade, rapidamente o CORAL WANDERER deixou para trás a Sheepshead Bay e dirigiu-se para alto-mar, atrás da Ponte Verrazano. Diversos cúteres da Guarda Costeira, e uma flotilha de barcos menores, já tinham se adiantado e estavam à frente do Coral Wanderer. Em cima eles observavam dois helicópteros da Guarda Costeira e dois da Polícia de Nova York voando em círculos, como urubus, sobre um horroroso navio pintado da cor de couro.

Flett escurregou os dois controles de velocidade até o fim, fazendo com que a proa do barco subisse e aparecesse sobre a água. Ele contornou a linha da costa, dobrando Norton Point em Seagate, e colocou a proa num curso diretamente sobre o meio do casco do cargueiro.

- Qual é a velocidade máxima? - perguntou Pitt.

- Quarenta e cinco nós na superfície, e 25 na água.

- Vamos precisar de cada nó que você possa tirar dele quando estivermos submergidos. A velocidade máxima do Mongol Invader é de 45 nós também.

- É este o nome? - perguntou Flett olhando para os gigantescos tanques no convés.

-- Mongol Invader!

- O nome é bem apropriado, não? - Pitt respondeu.

- Vamos chegar perto antes que ele passe pela ponte.

- Se ele chegar aos Narrows vai ser muito difícil atingi-lo do ar sem que a explosão arrase metade do Brooklyn e de Staten Island.

- Seu plano com o Hunley vai funcionar melhor se os helicópteros da Guarda Costeira e da polícia de Nova York falharem.

Pitt apontou para a armada, através do pára-brisas.

- A turma da captura está apertando o cerco.

A bordo do William Shea o almirante Dover fez contato com o cargueiro Mongol Invader.

- Aqui é a Guarda Costeira dos Estados Unidos. Por favor, parem as máquinas e se preparem para uma abordagem.

A tensão na ponte de comando do cúter ficou maior com a ausência de resposta.

Dover ordenou novamente, e uma terceira vez, mas mesmo assim não houve resposta. O Invader continuava com a proa no rumo do porto de Nova York sem nenhuma indicação de que estivesse diminuindo a velocidade. A tripulação e o capitão olhavam para o almirante, aguardando que ele desse a ordem de atacar.

Então, de repente, uma voz pausada e firme ecoou sobre a ponte de comando.

- Guarda Costeira, aqui é o comandante do Mongol Invader. Não tenho nenhuma intenção de fazer este navio parar. Fiquem alertados de que qualquer tentativa de atacar meu navio vai ter consequências horrendas.

A incerteza e o suspense foram desfeitos. Não havia nenhuma dúvida agora. O horror era real. Dover poderia tentar esticar a conversa com o comandante do Mongol Invader, mas o tempo não estava do seu lado. Não era hora de táticas evasivas. Ele deu a ordem para os helicópteros baixarem e desembarcar as equipes antiterroristas na parte livre do convés à frente dos tanques. Ao mesmo tempo, ordenou aos cúteres que se posicionassem ao lado do Mongol Invader,

com os canhões prontos.

Dover observou pelo binóculo a ponte de comando do cargueiro que avançava para a ponte sobre os Narrows, tentando imaginar o que o seu comandante louco estaria pensando. Pois ele tinha que ser um louco. Nenhum homem não tentaria destruir a cidade e matar um milhão de pessoas apenas pelo dinheiro. Estes não eram terroristas fanáticos por uma causa ou uma religião.

Dover era incapaz de imaginar que qualquer ser humano pudesse ser tão perverso e tivesse tanto sangue-frio. O mar estava calmo, e os helicópteros plainaram sobre o cargueiro, preparando-se para a descida, e os cúteres iniciaram uma manobra para aproximarem-se do navio.

Os dois helicópteros Dolphin, da Guarda Costeira, pintados de vermelho e laranja, tomaram posição atrás da popa do cargueiro, enquanto o primeiro helicóptero Jayhawk da polícia, azul e preto, se aproximou da proa. O piloto aumentou a potência dos motores, igualando-se à velocidade do navio, e manteve o helicóptero ao lado da amurada da proa, por uns momentos, examinando o convés para ver se havia escotilhas, ventiladores ou correntes de âncora que pudessem colocar em perigo uma descida. Havia um poste com o radar entre a parte mais alta da proa e o primeiro tanque de gás. O piloto, satisfeito de ver que havia espaço suficiente para um pouso sem problemas, começou a manobra para o pouso quando estava a pouco mais de 6 metros sobre a proa.

Foi a última coisa que fez.

Dover ficou em estado de choque, olhando pelo binóculo, quando viu um pequeno míssil lançado de cima do primeiro tanque atravessar o helicóptero, partindo-o ao meio. Labaredas vindas dos tanques de combustível envolveram o helicóptero, que ficou no ar por uns instantes, antes de cair na água, levando a equipe anti-terrorista para o fundo do mar. Em segundos, depois que ele tinha afundado, só havia alguns pedaços flutuando na água, junto a uma espiral de fumaça que se erguia contra o céu brilhante.

Kanai observou com desinteressada indiferença o Mongol Invader continuar seu curso por entre os destroços do helicóptero da polícia. Ele não sentiu nenhuma culpa por ter destruído a vida de 12 homens em menos de dez segundos. Em sua mente, o ataque do helicóptero tinha sido apenas uma amolação.

Nem a flotilha dos cúteres da Guarda Costeira, nem os barcos de combate a incêndio que rodeavam seu navio causavam a Kanai algum temor. Ele se sentia seguro, sabendo que nenhum deles ousaria atacá-lo com armas de fogo, a menos que o comandante da flotilha fosse louco ou estúpido. Se uma bala perdida penetrasse um dos tanques e provocasse um incêndio, todos os navios e helicópteros em um raio de quilômetro e meio seriam desintegrados, incluindo os carros e seus passageiros que estivessem cruzando a ponte.

Ele fitou as pistas de rolamento da ponte, uma das mais compridas do mundo. O navio estava tão próximo que ele quase ouvia o barulho do tráfego. Com crescente satisfação, Kanai viu os outros helicópteros se afastando, pois seus pilotos perceberam que estavam expostos e sem defesa contra mísseis. Kanai voltou sua atenção para os dois cúteres da Guarda Costeira, com a torre de alojamentos e controles se sobressaindo, brancas, e os cascos pintados com listras largas em cor laranja e as iniciais GC em listras mais estreitas, azuis. Os dois cúteres se aproximavam do cargueiro, um de cada lado. Sua intenção era clara, mas as metralhadoras pareciam extremamente inadequadas para provocar grande dano ao Mongol Invader.

Agora era a sua vez, ele pensou, com satisfação. Mas antes que pudesse ordenar à sua equipe que lançassem mísseis contra os cúteres, ambos abriram fogo, com suas metralhadoras Bushmaster de 25mm, montadas nas proas. As rajadas duplas pareciam insuficientes para o objetivo, pois os projéteis eram pequenos demais para provocar algum dano.

O cúter que estava a estibordo concentrou seus disparos na parede de aço de 1 centímetro de espessura da ponte de comando e da casa do leme, enquanto o cúter que estava a bombordo despejava seus projéteis na parte baixa do casco, numa tentativa de penetrar nas placas de aço mais espessas que envolviam a casa de máquinas. Os atiradores que manejavam as metralhadoras tomavam todo o cuidado para não atirar perto dos tanques gigantescos onde estava o propano.

Kanai mergulhou para o chão do convés no momento em que os projéteis de 25mm acertaram a ponte de comando e quebraram as janelas, atingindo também o console dos controles. O Viper que estava no leme foi morto instantaneamente. Um outro caiu mortalmente ferido, apanhado de surpresa pelo ataque. Ignorando a barragem de projéteis, Kanai se levantou, pegou o rádio que estava numa bancada na ponte de comando e gritou:

— Lancem os mísseis terra-terra agora!

Kanai deitou-se no convés e olhou para as janelas destruídas. O Mongol Invader estava a menos de 2 quilômetros da ponte. Ele também percebeu que a proa estava se movimentando discretamente para estibordo. Em pedaços, o console de navegação era como uma peneira cheia de furos. Os controles informatizados não tinham mais como enviar um comando para o leme.

Kanai chamou a casa de máquinas.

— Informar danos.

O membro da Viper, um antigo engenheiro-chefe de um navio usado para operações secretas, respondeu com uma voz pausada e cuidadosa.

— Os tiros colocaram fora de ação o gerador, mas os motores não foram atingidos. Um homem morreu e outro está muito ferido. Os projéteis estão penetrando nas estruturas divisórias, mas perdem força, e quando atingem as máquinas o dano é mínimo.

Kanai percebeu que o cargueiro estava começando a alterar seu curso, aproximando-se de uma bóia.

— Os controles da torre de comando não funcionam. Controle o leme daí de baixo. Volte ao curso três-cinco-cinco para bombordo ou vamos colidir com um arco da ponte. Mantenha firmemente este curso, até que eu peça outro.

Ele se arrastou até a asa da ponte de comando, olhou para baixo e viu um membro da Viper se inclinar por sobre a amurada e disparar mísseis, à queimadura, contra a proa do Timothy Firme. O primeiro atravessou o estreito convés e o casco, explodindo na água. O outro explodiu contra uma parede, espalhando pedaços de aço pelo convés e atingindo os homens que manobravam a metralhadora. Destroços da arma se ergueram no ar, como folhas incandescentes.

Então, o ar do lado oposto do Mongol Invader pareceu incendiar-se, quando um outro míssil atingiu a chaminé do William Shea. A violência da explosão fez o navio inclinar-se 10 graus, elevando no ar uma cortina de destroços e uma densa nuvem de fumaça negra. Mas a única metralhadora Bushmaster da proa continuava a martelar o casco em volta da casa de máquinas do Mongol Invader. Um segundo míssil penetrou no Timothy Firme, fazendo o casco balançar, e chamas irromperem na popa. Segundos depois, um segundo míssil explodiu logo abaixo da ponte de comando. A explosão espalhou pedaços de aço por toda a parte dianteira do navio. Os navios da Guarda Costeira não eram tão blindados quanto os navios de guerra, e os danos foram graves. O cúter ficou à deriva e começou a afastar-se do cargueiro, com fogo em dois lugares e muita fumaça, mortalmente ferido. Novas explosões ocorreram no William Shea, e o ar ficou denso de fumaça negra e chamas, saindo dos dois navios.

Kanai tinha conseguido uma vantagem tática.

Ele ficou satisfeito de saber que a batalha estava a seu favor. Olhou para trás e viu os dois navios da Guarda Costeira danificados e praticamente reduzidos a destroços em chamas. Os navios de superfície não representavam mais nenhum perigo.

Os helicópteros da polícia eram mantidos a distância, mas ele sabia que seu

caminho ainda não estava totalmente seguro. O Mongol Invader se aproximava da Ponte Verrazano, mas Kanai tinha certeza de que quem estava no comando da operação de interceptação chamaria os caças a jato antes que o seu navio estivesse relativamente seguro debaixo e além da ponte.

Dover examinou seu corpo. Ele sangrava por causa dos ferimentos provocados por estilhaços no ombro esquerdo e ao lado da cabeça. Apalpou uma orelha e percebeu que ela estava caída, pendendo num pedaço de tecido. Mais por frustração do que por dor, ele a arrancou e guardou no bolso, certo de que um cirurgião poderia costurá-la no lugar mais tarde. Depois entrou na casa do leme. Homens mortos e feridos se espalhavam pelo convés. Eram jovens que não mereciam ser tratados dessa forma, pensou vagamente. Esta não era uma guerra contra um estrangeiro inimigo dos Estados Unidos. Era uma guerra de economia interna, e a matança lhe pareceu ainda mais sem sentido.

Os cúteres eram alvos fáceis para os mísseis lançados pelos Vipers. Dover podia sentir a velocidade diminuindo e os navios quase parando. Os danos abaixo da linha d'água eram sérios, e o William Shea estava começando a afundar.

Sem poder ter idéia das dificuldades do Timothy Firme, do outro lado do Mongol Invader, mas esperando o pior, o almirante Dover ordenou ao único oficial do navio ainda de pé a virar e dirigir o navio para a praia mais próxima e fundear. A luta da Guarda Costeira contra o cargueiro da morte estava terminada.

Mas ainda havia uma última tentativa, Dover pensou, com ansiedade. Agarrando o radiotransmissor, ele chamou os três jatos F-16C da Força Aérea, que estavam ao largo do cargueiro, voando em círculos. Neste instante, um míssil disparado do cargueiro passou uma língua de fogo sobre a ponte de comando, mas caiu na água, a mais de 100 metros. Então ele engatinhou até a amurada e olhou por sobre ela, na direção do céu.

Dover mudou a frequência do rádio e falou, devagar e claramente:

— Blue Flight, Blue Flight, aqui Red Flight. Se você me ouve e entende, ataque o cargueiro. Repito, ataque o cargueiro. Mas pelo amor de Deus não acerte os tanques de propano.

— Entendido, Red Flight - respondeu o líder do ataque. - Vamos concentrar nosso fogo na popa.

— Procure acertar a casa de máquinas, debaixo da chaminé - ordenou Dover. - Faça o que puder para parar o navio, e parar já, sem atingir os tanques.

— Entendido, Red Flight. Começando o ataque - agora.

O Blue Flight lider ordenou aos outros dois caças que atacassem, com intervalo de 500 metros entre um e outro, enquanto ficava voando em círculos para observar o resultado dos ataques, e atacar também, caso os outros caças errassem o alvo. Ele achava que, com medo de atingir os tanques, os pilotos disparariam muito antes de se aproximar da popa, e o mais longe possível dos tanques, errando completamente o navio. Mas seus temores não se confirmaram. O primeiro piloto fez uma curva e lançou-se num mergulho quase vertical. Apontando o nariz do jato para a casa de máquinas, bem abaixo da chaminé, ele colocou o sistema de lançamento automático de míssil dirigido para o alvo, que já estava ficando escondido pela nuvem de fumaça que saía dos navios da Guarda Costeira. Mas uma fração de segundo antes que ele pudesse apertar o botão de disparar, um míssil terra-ar disparado pelo cargueiro atingiu em cheio o F-16, transformando-o numa pira incandescente. Ele manteve-se no ar por um instante, não mais um elegante jato, mas uma pilha de destroços flamejantes caindo desordenadamente em milhares de pedaços e afundando no mar.

— Cancelar ataque - gritou o líder para o segundo jato.

— Tarde demais. Já estou mergulhando.

Ele não falou mais. Não havia mais tempo para mudar de curso e abortar o mergulho. Nem tempo para reação. Um segundo míssil foi disparado, e seu avião explodiu numa segunda bola de fogo, parecendo também planar por uns segundos, e depois caindo no mar, a poucos metros do lugar onde tinha caído o primeiro F-16.

O líder do ataque ficou petrificado, sem acreditar no que tinha acabado de ver. Dois de seus mais chegados amigos, pilotos da Guarda Nacional que tinham atendido ao chamado de emergência, ambos executivos com famílias, de repente incinerados com uma diferença de segundos, e agora presos nos destroços de seus aviões no fundo da parte sul do porto de Nova York. Entorpecido pelo choque, não tinha condições de lançar um outro ataque. Ao contrário, virou o jato e afastou-se da cena de morte e destruição, levando o avião de volta para a base em Long Island.

Dover observou a destruição dos dois caças, paralisado de horror. Ele percebeu imediatamente o que aquilo significava. Todos a bordo dos cúteres, dos botes de resgate e dos helicópteros também. A morte dos pilotos foi um choque, mas o fato de eles não terem podido destruir o cargueiro antes que ele passasse pela ponte e subisse a baía significava que a tragédia ia acontecer.

Dover de repente empertigou-se, ao ver que um pequeno bote de resgate de 25 pés da Guarda Costeira partiu a toda velocidade na direção da popa do MONGOL INVADER. A tripulação, agarrando os coletes salva-vidas, espremiase nos lados do bote, enquanto o capitão segurava firmemente o leme, mantendo a proa apontada diretamente para o enorme cargueiro.

— Suicídio - pensou Dover, demonstrando surpresa e admiração. - Puro suicídio, mas Deus os abençoe.

Disparos partiram do Mongol Invader. Projéteis caíam em volta do bote como um enxame de abelhas, e zunindo em volta do homem jovem que mantinha o leme firme. Esguichos de água apareciam em toda a volta do pequeno casco de fibra de vidro. Dover via o homem no leme passar uma mão sobre os olhos, para afastar o spray de água, enquanto a outra segurava o leme. A pequena bandeira vermelha, branca e azul tremulava no bote.

Depois de verem os jatos serem destruídos e caírem na água, as pessoas tinham parado seus carros sobre a ponte, e se aglomeravam na amurada, de olhos fitos no drama que se desenrolava lá embaixo. Os olhos dos homens nos helicópteros que continuavam voando em círculos na área também fitavam o bote salva-vidas, e todos rezavam para que o comandante e a tripulação se atrasassem do barco antes da colisão.

— Um glorioso ato de coragem - Dover murmurou para si mesmo. - Perto demais - ele gritou, sabendo que não podia ser ouvido. - Abandonar o bote!

Mas era tarde. No momento em que lhe pareceu que o capitão já ia saltar a beirada do bote, uma rajada de balas o atingiu no peito, atirando-o para trás. Milhares de pessoas olhavam, chocadas, quando o bote, os motores rugindo num crescendo, as hélices cortando a água, colidiu com o grande leme de estibordo do cargueiro.

Não houve uma grande explosão, nem chamas ou fumaça. O pequeno bote simplesmente se desintegrou quando atingiu o pesado leme de aço. A única evidência visível da colisão foi uma pequena nuvem de detritos que caíram sobre a água. O grande e ameaçador cargueiro continuou seu curso, como um elefante atacado por uma mosca, sem sentir a picada.

Dover pôs-se ereto, sem perceber o sangue que escorria através do sapato, de

um ferimento provocado por um estilhaço que atingira seu tornozelo direito. Observou o cargueiro se movendo à frente, desafiador, com a proa já quase sob a ponte.

— Deus do céu, não permita que ele continue - ele murmurou, com medo e ódio. - Deus abençoe a todos, se ele passar pela ponte.

As palavras mal tinham sido ditas quando ocorreu uma explosão, na água, sob a popa do Mongol Invader. Dover fixou os olhos, sem entender direito o que estava acontecendo, quando viu a proa do gigantesco cargueiro, vagarosa mas inexoravelmente, começar a fazer uma curva para bombordo, na direção contrária da ponte. Muito devagar, no início, mas depois mais rápido, e mais rápido.



-- Aquele enorme cargueiro de gás natural liqüefeito parece uma fila de oito mulheres grávidas deitadas de costas num -spa -, disse Jimmy Flett, de pé junto ao console de controle do leme, e se aproximando do Mongol Invader.

— Um helicóptero, dois cúteres e dois F-16 reduzidos a pedaços em 20 minutos - Giordino resmungou, observando os destroços flutuando por toda parte e espalhados sobre as ondas pelos pequenos barcos navegando por entre eles. - O cargueiro é mais mortal do que feio.

— Eles nunca vão conseguir pará-lo agora - disse Pitt, olhando por um binóculo para o grande cargueiro que se dirigia, obstinado, para Manhattan e para seu encontro com a destruição e a devastação.

— Ele está a uns mil metros da ponte - calculou Flett. - É o tempo de que precisamos para nos aproximar, submergir e ir atrás dos lemes e dos eixos propulsores.

Do ponto de vista de Giordino, só havia uma chance.

— Só temos uma tentativa. Se errarmos não teremos chance de circular e atacar de novo. Sua velocidade é muito grande. Não teríamos como emergir, nos aproximar e submergir de novo para novo ataque antes que ele passasse sob a ponte.

Pitt olhou para ele e sorriu.

— Então vamos ter que acertar da primeira vez, não é mesmo?

O Coral Wanderer deslizava sobre as ondas como uma pedra chata e lisa atirada por um arremessador treinado. Pitt assestou o binóculo para os cúteres da Guarda Costeira, que ainda queimavam. O William Shea se arrastava para a praia do Brooklyn, enquanto o Timothy Firme se inclinava e adernava pela popa. Os botes salva-vidas da Guarda Costeira tinham se aproximado e rodeavam o navio, e seus tripulantes subiam a bordo na tentativa de evitar o naufrágio. Barcos dos bombeiros de Nova York também estavam perto, jogando água com suas mangueiras nas áreas do navio que estavam pegando fogo. As chances não eram boas, ele pensou, lamentando profundamente não terem chegado mais cedo para evitar a tragédia.

Pitt tinha falado com segurança e otimismo para Giordino, mas no íntimo ele sentia o medo do fracasso. Ele estava determinado a parar o Mongol Invader e evitar que ele entrasse na parte norte do porto, mesmo que isso significasse pôr

sua vida, a de Giordino e de Flett em perigo.

Era muito tarde para voltar atrás; o ponto de desistência já tinha passado. O medo e a incerteza tinham sido deixados para trás. Ele sabia que Omo Kanai estava a bordo. E havia uma dívida a ser cobrada, e isso fez crescer sua raiva.

Pitt examinou a casa do leme do Mongol Invader, bastante danificada, mas não viu ninguém se movendo lá dentro. O casco abaixo da chaminé tinha mais furos que uma peneira, mas eram pequenos, e os danos pareciam insignificantes.

O Coral Wanderer pareceu levar quase uma eternidade para se aproximar. A 200 metros da proa do cargueiro, a estibordo, Flett recuou as alavancas de potência e ligou as bombas dos tanques de lastro. Mais depressa do que Pitt supunha, o luxuoso submarino escorregou para debaixo da água, como se fosse guiado por uma mão gigantesca. Submerso, Flett acionou os motores e ganhou velocidade novamente, fazendo o Coral Wanderer navegar mais rápido do que o especificado pelos seus construtores. A partir de então não poderia mais haver lugar para erros.

Giordino permaneceu na ponte de comando ao lado de Flett, enquanto Pitt desceu para a cabine principal e depois para a proa e sua grande vigia. Sentado confortavelmente num sofá camurça, ele pegou um telefone preso a um dos braços do sofá.

— Estamos conectados?

- Sim, você está ligado ao alto-falante - Giordino respondeu.

Flett olhou os números.

- Cento e cinquenta metros, e nos aproximando.

— A visibilidade é de menos de 12 metros - Pitt informou. - Fique de olho no radar.

— Temos uma imagem do cargueiro - respondeu Giordino. - Informarei a secção do casco quando estivermos para fazer contato.

Três minutos agonizantes se arrastaram, e Flett informou a nova distância:

— Cem metros. A sombra do cargueiro já está começando a aparecer na superfície.

Pitt podia ouvir a vibração dos motores do Mongol Invader e o ruído da água sob a quilha. Ele fixou os olhos na escuridão esverdeada e mal podia discernir a espuma branca deslizando sob o casco. E de repente sua massa se materializou dentro das trevas, 10 metros à frente e 3 metros acima.

— Chegamos nele! - Pitt disse alto.

Flett instantaneamente acionou o reverso dos motores, parando o Coral Wanderer antes que ele colidisse com o Mongol Invader.

— Desça mais uns 3 metros, Jimmy.

— Mais 3 metros - retrucou Flett, dirigindo o Coral Wanderer diretamente para baixo do lado de estibordo do casco do Mongol Invader.

Para Pitt, sentado na cabine de observação da proa, a visão do imenso casco passando sobre o submarino dava medo. O ruído das hélices de início era distante, mas logo aumentou, parecendo o barulho de um debulhador. Alguma coisa chamou a sua atenção, um grande objeto que sobressaía do fundo do casco, perto da quilha. Mas logo ele desapareceu da vista.

Pitt agia como uma extensão dos olhos de Flett. Somente ele poderia dar a ordem, em fração de segundo, quando os grandes eixos propulsores de bronze aparecessem. O movimento do enorme navio na água atrapalhava a visibilidade.

Pitt foi mais para a frente e deitou-se no chão, com o rosto colado na vigia, os olhos se esforçando para penetrar as borbulhas e ver as cargas explosivas na ponta das hastas que se projetavam na proa do Coral Wanderer, difíceis de ver

nas águas revoltas.

— Preparado, Jimmy?

— É só falar - Flett respondeu, com voz segura.

— Você vai ver as hélices de estibordo apenas três segundos depois de mim.

Nada mais foi dito, e o suspense aumentava. Com o corpo retesado de ansiedade, as juntas dos dedos de Pitt estavam brancas de tanto que ele apertava o telefone, colocado nos lábios. De repente, a cortina esverdeada da água abriu-se numa explosão de borbulhas.

— Agora! - Pitt gritou.

Flett reagiu com a velocidade de um raio, empurrando a alavanca de aceleração para a frente, até ouvir um clangor na frente do barco, e imediatamente a empurrou para trás, acionando o reverso, rezando para que as ações tivessem sido feitas no instante certo.

Pitt só podia observar, desamparado e desprotegido, quando a carga explosiva magnética colidiu contra as chapas de aço do casco do cargueiro, uma fração de segundo antes de Flett acionar o reverso, a toda velocidade. Pitt viu as enormes hélices girando como um moinho fora de controle, revolvendo as águas da baía e provocando uma cortina de borbulhas brilhantes.

Na ponte de controle, Giordino e Flett olhavam, extasiados e cansados, as lâminas virem em sua direção. Por um breve instante pensaram que não poderiam afastar-se a tempo, que as lâminas iriam despedaçar o submarino e seus corpos. Mas no segundo final os motores a diesel do Coral Wanderer rugiram e fizeram suas hélices puxar as águas num violento frenesi. O submarino como que pulou para trás, no momento em que as hélices de 20 metros de diâmetro do cargueiro passaram girando a não menos de meio metro da vigia da proa, balançando o submarino como uma árvore no meio de um tornado.

Deitado no convés, o braço estendido e as mãos agarrando o corrimão de uma escada circular para apoio, tudo o que Pitt podia ver através da vigia era o redemoinho de um mar agitado, e o martelar ritmado das lâminas das hélices. Uns 30 segundos depois o submarino afastou-se, a água na esteira do Mongol Invader acalmou-se, e o turbilhão provocado pelas hélices começou a diminuir.

— Agora é a hora, Al - Pitt disse, levantando-se.

— Você acha que já nos afastamos o suficiente?

— Se este barco foi construído para suportar a pressão da água a mais de 300 metros de profundidade, ele agüenta o tranco de uma explosão a 100 metros de distância.

Giordino segurava um pequeno controle remoto preto com as duas mãos e empurrou a minúscula alavanca. Ouviu-se um estrondo surdo, amplificado pela acústica da água. O estrondo foi seguido por uma onda de pressão que atingiu o Coral Wanderer com a força de uma onda de 6 metros, antes de espalhar-se para cima e para os lados. Logo a calma voltou à água.

Pitt levantou um pouco a cabeça do chão do convés.

- Para cima, Jimmy, para ver se deu tudo certo. - Olhou para Giordino. - Assim que chegarmos à superfície vamos montar outra carga.

Sem poder entender a origem da abafada explosão submarina, o almirante Dover foi invadido por um rápido alívio ao ver que o Mongol Invader se afastava do canal e fazia uma ampla volta, para a direção de onde tinha vindo. Ele não podia saber que Pitt e Giordino, a bordo de um pequeno submarino, eram os responsáveis por tudo. Todos os que não estavam feridos a bordo do William Shea estavam muito ocupados para perceber o estranho barco antes de ele submergir e colocar uma carga explosiva magnética bem na frente das hélices

de propulsão a estibordo do Mongol Invader. A explosão tinha feito um buraco de 3 metros no casco logo abaixo do eixo das hélices, despedaçando-o. A base do leme, já danificada pela arremetida heróica e suicida do bote da Guarda Costeira, inclinou-se num ângulo de 45 graus, para bombordo.

As hélices penderam para baixo, num ângulo inclinado, presas precariamente por um toco do eixo, enquanto as grandes turbinas dentro da casa de máquinas repentinamente triplicaram suas rotações e ficaram fora de controle antes que o engenheiro-chefe pudesse desligá-las.

Com as hélices propulsoras de bombordo ainda girando a toda a velocidade, e as de estibordo criticamente danificadas, a proa do navio virou-se vagarosa mas inexoravelmente para Staten Island, num curso que eventualmente levaria o cargueiro para alto-mar ou o poria navegando em círculos.

O pior da tragédia tinha sido evitado, pensou Dover. Mas ele imaginou também se o lunático no comando do Mongol Invader não continuaria com seus planos e explodiria o cargueiro, sabendo que ele ainda poderia provocar muitas mortes e bilhões de dólares de prejuízo.

Dover já tinha se preparado para a catástrofe depois que tinha perdido sua batalha, mas agora que um milagre tinha ocorrido, ele rezava para o holocausto ser evitado.

Se o almirante Dover ficou surpreso ao ver o enorme cargueiro de repente mudar seu curso, Omo Kanai estava perplexo e absolutamente confuso. Embora ele tivesse ouvido e sentido uma explosão abaixo da popa do Mongol Invader, não ficara preocupado, pois sabia que nenhum navio ou avião num raio de 30 quilômetros ousaria atacar. Mas quando o cargueiro começou a fazer a volta inesperada, ele gritou para a casa de máquinas:

— Voltar ao curso determinado. Você não vê que estamos dando uma volta!?

— Perdemos o eixo de estibordo devido a algum tipo de explosão - retrucou o engenheiro-chefe, com uma óbvia ansiedade no tom de voz. - Antes que eu pudesse desligar o motor de estibordo o eixo puxou o navio.

— Compense com os lemes! - Kanai ordenou.

— Impossível. Alguma coisa atingiu o leme de bombordo, destroços talvez, danificando-o, e isso aumentou ainda mais a perda de direção.

— O que você quer dizer? - perguntou asperamente Kanai, começando a perder a calma.

As palavras vieram pausadas e sem emoção:

— Ou vamos continuar dando voltas ou vamos parar completamente e ficar à deriva. A verdade é que não estamos indo para lugar nenhum.

Era o fim da linha, embora Kanai se recusasse a aceitar uma derrota.

— Estamos muito perto para desistir. Uma vez debaixo da ponte, ninguém vai poder nos parar.

— E eu estou dizendo que, com o leme de estibordo inclinado a 45 graus para bombordo e com o eixo de estibordo inutilizado, o quanto antes sairmos deste tanque de gás, melhor.

Kanai percebeu que era inútil discutir com seu engenheiro-chefe. Olhou então para a grande ponte. Ele quase podia olhar verticalmente para as pistas de rolamento quando elas começaram a se distanciar. Menos de poucas centenas de metros separaram o sucesso do retumbante fracasso, antes que o Mongol Invader fosse tirado da rota por uma misteriosa explosão. Ele tinha chegado tão perto, e desafiado as probabilidades - não entendia como o triunfo tinha sido arrancado dele justamente no começo do fim.

Seus olhos varreram a água. Foi neste momento que ele viu o que parecia ser um

iate particular navegando na esteira do Mongol Invader. Tinha uma aparência estranha, ele pensou. Kanai já estava quase desviando o olhar quando, repentinamente, percebeu tudo. Com ódio, viu o barco deslizar para debaixo das ondas.

- Ok, Jimmy - Pitt disse para o capitão do submarino. - Demos a volta. Agora vamos colocar estas bolas grandonas de gás no fundo do mar.

— Só espero que esses bandidos não ponham fogo antes - Flett disse enquanto acionava os controles e nivelava o CORAL WANDERER a 9 metros de profundidade e na direção do cargueiro. Se ele tinha alguma hesitação, isso não era visto no rosto avermelhado do velho homem do mar. Parecia mais que ele estava tendo um grande prazer.

O CORAL WANDERER estava navegando debaixo da água como se fosse um peixe. Flett estava mais relaxado agora, sabendo que seu precioso barco não podia ser atacado. Olhou para a tela do radar e para o GPS, para manter o curso em direção ao MONGOL INVADER-.

— Onde você quer atingir? - ele perguntou para Pitt.

— Abaixo da casa de máquinas, a bombordo da popa, com cuidado para não provocar uma explosão no casco debaixo de um dos tanques. Se colocarmos uma carga muito na frente todo o cargueiro vai pelos ares, com tudo que estiver a 3 quilômetros dele.

— E nossa terceira e última carga?

— Em qualquer lugar, mas a estibordo. Se conseguirmos fazer um par de grandes buracos no casco, na popa, o cargueiro vai afundar rapidamente, já que ele não tem um grande calado.

Giordino disse, com um olhar de satisfação:

— Sem os eixos para atrapalhar, desta vez vai ser uma sopa no mel comparada com a primeira.

— Não conte com o ovo antes da galinha - Pitt retrucou, como já tinha feito muitas vezes antes. - Ainda não é hora de ir descansar.

— John Milton Haye escreveu: "Feliz é o homem que sabe quando se levantar e ir para casa" - citou Jimmy Flett, no momento em que um míssil lançado pelo Mongol Invader passou sibilando quase atingindo a cabine de controle do submarino, explodindo ao bater contra a água a menos de 100 metros da popa. - Talvez nós devêssemos seguir o seu conselho.

— Eles estão atrás de nós, sem dúvida - disse Pitt.

— Devem estar muito loucos agora que descobriram que fomos nós que escangalhámos o barco deles - Giordino disse em tom de brincadeira.

— O cargueiro parece que está morto.

— Se os ratos da tripulação estão abandonando o navio - completou Giordino -, não vejo ninguém baixando os botes salva-vidas.

No instante em que a água se fechou sobre o teto da cabine, e o Coral Wanderer ficou fora da vista dos que estavam a bordo do cargueiro, Flett mergulhou a toda velocidade e fez uma curva fechada para estibordo. E foi na hora certa. O barulho surdo balançou o submarino quando outro míssil atingiu a água e explodiu quase no lugar onde eles estariam, não fosse pela rápida manobra de Flett.

Ele alinhou o submarino novamente e o apontou diretamente para bombordo do cargueiro, a esta altura já bastante danificado. Um outro míssil explodiu, desta vez mais distante. Os Vípers tinham perdido a chance de se vingar. O Coral Wanderer agora estava protegido pela água e invisível para os que estavam a bordo do cargueiro. A pouca agitação que suas hélices produziam na água se dissipava até chegar à superfície.

Pitt retornou à vigia de observação na proa e retomou sua vigília. Com o grande cargueiro imobilizado, o ataque desta vez não seria tão complicado e perigoso quanto o primeiro. A tripulação deve estar se preparando para escapar, Pitt pensou. Mas por onde? Não estavam baixando os botes salva-vidas. E não podiam simplesmente sair nadando. Então alguma coisa que ele tinha visto antes passou como um flash em sua mente.

Agora não era a hora de ponderar variáveis. Ele tinha que concentrar cada célula de seu cérebro, focar seus olhos e preparar-se para avisar Flett... e de repente o gigantesco casco irrompeu na linha de visão da vigia. Era mais fácil desta vez. Flett não usou um intervalo de fração de segundo para acionar a velocidade máxima para a frente e para trás; eles estavam se aproximando de um navio

parado, sem necessidade de evitar as hélices de propulsão. Um minuto, dois minutos, e então Pitt viu o casco preencher toda a visão.

— Chegamos nele, Jimmy.

Flett rapidamente reverteu os motores para baixa velocidade e virou o submarino paralelamente ao casco. Numa demonstração de grande habilidade e perícia, ele levou o submarino a ficar paralelo ao casco do cargueiro, a não mais que 2 metros de distância. Então ele aumentou a velocidade para chegar à secção do casco junto a popa que abrigava a casa de máquinas.

Na cabine de controle Giordino examinava a tela do sistema computadorizado de radar com toda a atenção. Vagarosamente ele levantou uma das mãos, depois balançou-a.

— Estamos chegando, mais 10 metros.

Flett fez então uma pequena curva, até que a proa e a carga explosiva na ponta da haste ficaram apontando diretamente para as placas de aço do Mongol Invader que protegiam a casa de máquinas.

A carga magnética fez um ruído surdo ao bater contra o casco, e o submarino imediatamente recuou. Quando atingiram uma zona segura, Giordino sorriu.

— Mais uma vez, com carinho. - Então pressionou o detonador. Um outro barulho surdo se espalhou pela água, e o Coral Wanderer foi balançado pelo deslocamento da onda de pressão.

— Foi um golpe mortal - disse Flett. - Com o material explosivo avançado que você trouxe, o cargueiro deve ter agora um buraco muito maior do que o que qualquer torpedo poderia abrir.

Pitt entrou na cabine de controle vindo de baixo.

— Jimmy, será que você tem uma câmara de saída de segurança?

Flett concordou com a cabeça.

— Claro. Todos os submarinos comerciais estão obrigados, pela legislação internacional, a ter esta câmara.

— Você tem roupas de mergulho a bordo?

— Tenho. Há quatro jogos de roupas para os passageiros que queiram fazer mergulho submarino depois que o barco entrar em operação comercial.

Pitt olhou para Giordino.

— Al, que tal darmos uma nadada?

— Eu ia sugerir a mesma coisa. É melhor recarregar a haste dentro da água do que arriscar ter que engolir um míssil goela abaixo.

Eles não perderam tempo colocando as roupas de mergulho. Decidiram que cada minuto contava e poderiam enfrentar a água fria, no tempo necessário para colocar a terceira carga na ponta da haste, usando apenas as bermudas. Passaram pela câmara de compressão, que era larga o suficiente para os dois, colocaram a carga explosiva e voltaram em menos de sete minutos, mas com o corpo entorpecido pela temperatura de 12 graus.

Tão logo voltaram à câmara de descompressão, Flett dirigiu o Coral Wanderer para o ataque final. Antes que Pitt e Giordino tivessem subido à cabine de controle, ele já tinha prensado a carga contra o casco e estava recuando.

Pitt colocou a mão no ombro de Flett.

— Bom trabalho, Jimmy.

Flett sorriu.

— Não gosto de perder tempo.

Giordino esfregou uma toalha pelo corpo molhado e sentou-se numa cadeira. Pegou o controle remoto, antes de colocar as roupas. A um comando de Flett ele acionou a pequena alavanca, detonando a carga e provocando outro enorme

buraco no casco na popa do Mongol Invader.

— Vamos subir para ver o resultado do nosso trabalho?

— Ainda não. Há uma coisa que eu quero verificar primeiro.

O convés na sala do leme deu uma estremeçada quando a segunda carga explodiu fazendo outro buraco no casco do cargueiro. A explosão pareceu ter sido debaixo dos pés de Kanai. A estrutura que abriga os alojamentos e os controles estremeceu. Aqueles que observavam o cargueiro, das praias, dos barcos e da ponte, viram que sua proa começava a se levantar da água.

Kanai supôs que poderia sobreviver à primeira explosão e de alguma forma manter o navio em seu curso e passar os Narrows, mas isso era apenas desejo. A segunda explosão selou o desumo do navio. O Mongol Invader estava indo para o fundo do mar, a 60 metros, na parte sul da baía. Ele levantou-se na cadeira do capitão, limpou o sangue que escorria da testa sobre os olhos, de um ferimento que ia até o osso, provocado por um caco de vidro da janela da ponte de comando.

O ruído dos motores tinha cessado havia alguns minutos. Ele se perguntava se o engenheiro-chefe e seus homens tinham escapado da casa de máquinas antes que as duas explosões abrissem buracos por onde toneladas de água estavam penetrando. Ele olhou em redor da ponte de comando, que parecia ter sido saqueada por uma multidão enfurecida. Segurando uma toalha contra a testa, andou até um armário, abriu a porta e olhou fixo para um painel cheio de chaves. Ele ajustou o tempo para 20 minutos, lutando para ficar alerta, e sem considerar a possibilidade de o cargueiro afundar antes que as cargas explosivas colocadas debaixo dos imensos tanques de gás propano explodissem. Depois colocou o mecanismo de detonação na posição -on.

Harmon Kerry entrou na ponte de comando vindo de uma escada externa. O sangue escorria de uma dúzia de ferimentos, mas ele parecia não se importar. Seus olhos estavam parados e sem brilho, e ele sorvia o ar com grande dificuldade. Encostou-se na ponta de um console, para respirar melhor.

— Você não pegou o elevador? - perguntou Kanai, curioso e como se tudo em seu redor estivesse em ordem.

— Ele foi danificado e não funcionou. Tive que subir dez lances de escada. Um cabo saiu de uma polia com um tiro, mas eu consertei. Acho que ele vai nos levar até o convés lá de baixo, se formos devagar.

— Você deveria ter ido diretamente para o submarino de fuga.

— Não vou desertar o navio sem o senhor.

— Obrigado por sua lealdade.

— O senhor ligou as cargas?

— Elas estão programadas para explodir em 20 minutos.

— Teremos sorte de estar a uma distância segura - disse Kerry, vendo a angústia da derrota no rosto de Kanai, que parecia um homem que tivesse sido enganado num jogo de pôquer. - É melhor irmos.

O cargueiro estremeceu de novo e o convés inclinou-se para trás.

— Seus homens estão bem? - perguntou Kanai.

Até onde eu sei, todos deixaram seus postos e foram para o submarino.

— Não há mais nada a fazer aqui.

Kanai olhou uma última vez os corpos estendidos. Um homem ainda respirava, mas Kanai entendeu que ele era um estorvo, e pulou seu corpo quando se dirigiu para o elevador. Enquanto entrava ainda olhou para o painel onde estava o mecanismo de detonação. Os números vermelhos no relógio digital iam descendo segundo a segundo. Pelo menos a missão não seria um fracasso total.



Alguns mortos e alguma devastação era melhor do que nada, ele pensou, malignamente.

Kerry apertou o botão que levaria o elevador até o convés do fundo depois que as portas se fecharam e esperou pelo melhor. O elevador estremeceu e deu um solavanco, mas desceu lentamente até que chegou ao fundo, no último convés, logo acima da quilha.

Quando chegaram à escotilha aberta que levava ao submarino de fuga, que se ligava ao casco do cargueiro por uma abertura selada, tiveram que passar com água até os joelhos e se inclinar para a frente, para compensar a grande inclinação da popa que afundava.

O engenheiro-chefe estava esperando por eles, coberto de suor e óleo.

- Corram ou o submarino vai ser inundado. O navio está afundando, e afundando depressa.

Kanai foi o último homem a passar pela escotilha até a cabine de passageiro. Seis homens, três deles feridos, sentaram-se nas cadeiras um em frente ao outro - era tudo o que restava da equipe da Viper.

Depois de fechar a escotilha, Kanai foi até o -cockpit de controle, junto do engenheiro-chefe, que se sentou ao seu lado e ligou as baterias.

Acima deles podiam ouvir o Mongol Invader gemer e estalar, em protesto contra as tensões provocadas pela proa elevada no ar. Era questão de minutos o cargueiro afundar completamente, a partir da popa.

Kanai já ia colocar os motores de propulsão em movimento quando olhou pelo pára-brisa em forma de bolha e viu uma estranha forma se aproximando através das águas escuras. De início ele pensou que poderia ser um iate particular que tinha sido apanhado no meio da batalha e estava afundando, mas depois percebeu que era o barco que ele tinha visto anteriormente submergindo. Quando chegou mais perto, ele pôde ver uma longa haste de metal inclinada para cima na direção do casco do cargueiro. Tarde demais ele entendeu qual era o misterioso objetivo do submarino.

Ele lançou-se para a frente até que a haste de metal bateu contra o mecanismo que prendia o submarino de fuga ao fundo do cargueiro, danificando as alavancas de liberação. O rosto de Kanai ficou rígido como uma máscara plástica da morte. Freneticamente ele acionou os controles manuais de liberação. Eles não funcionaram. As alavancas se recusaram a se soltar de suas fendas e a deixar o submarino de fuga se liberar de sua armação fixada no fundo do casco.

— Por que não estamos nos soltando? - gritou o engenheiro-chefe, à beira do terror. - Deus do céu, ande logo homem, antes que o cargueiro afunde em cima de nós.

Enquanto forçava febrilmente o mecanismo manual com toda a sua força, Kanai olhou longamente para o submarino, que estava pouco acima do final em curva do casco do cargueiro. Para seu espanto e horror, ele reconheceu o homem sentado do outro lado da ampla janela da proa do barco. Com a imagem ampliada pela água e o vidro da janela, ele pôde discernir os olhos verdes e o cabelo negro, e um sorriso de vingança.

— Pitt! - ele disse, ofegante.

Pitt olhou de volta para Kanai com uma curiosidade mórbida. Houve um grande barulho quando o cargueiro que afundava bateu com a popa no fundo do mar, quase verticalmente, suspendendo uma grande nuvem de lodo. Vagarosamente, o resto do casco começou a descer, até que o submarino de fuga ficou a metros de ser enterrado no lodo pelo colossal peso do cargueiro.

A expressão de terror no rosto de Kanai deu lugar a outra, de uma fúria

incontida. Ele mostrou o punho para Pitt no momento em que o enorme casco começou a pressionar o submarino de fuga contra o lodo. Pitt não perdeu a oportunidade. Abriu os lábios num amplo sorriso que mostrou todos os dentes e fez um aceno de despedida. Neste momento, Jimmy Flett recuou o CORAL WANDERER, para que eles não fossem enterrados juntos.

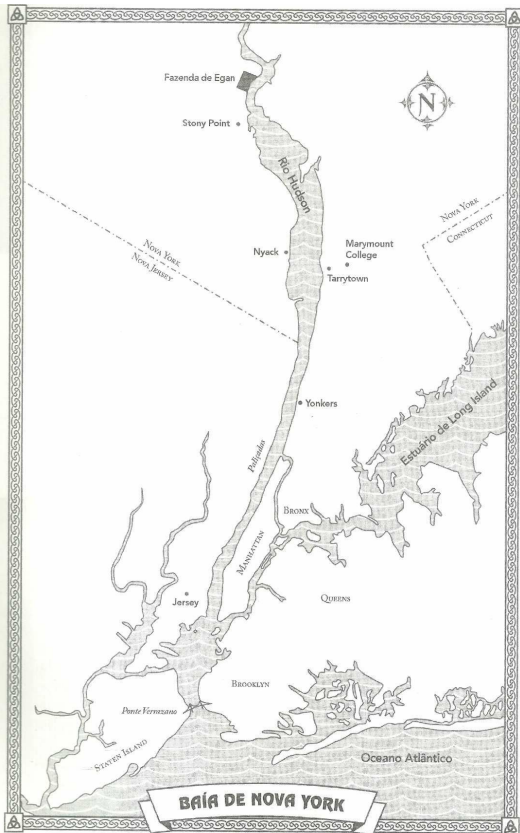
Eles viram quando o submarino de fuga e toda a equipe da Viper desapareceram num redemoinho de água lodosa, enterrados pela eternidade sob os destroços do MONGOL INVADER.

Kanai morreu, esmagado em meio à total escuridão, sem saber que as cargas explosivas não explodiram debaixo dos tanques de gás propano. Ele morreu sem saber que um projétil disparado pelas metralhadoras do cúter TIMOTHY FIRME, da Guarda Costeira, que atingira a casa do leme, tinha partido a fiação que ia até os detonadores.

A heróica luta dos homens da Guarda Costeira não tinha sido em vão.

*CÍRCULO COMPLETO*

PARTE CINCO



12 DE AGOSTO DE 2003

## AMIENS, FRANÇA

O RollsRoyce prateado e verde se deslocava silenciosamente, digno de um rei, pela cidade francesa de Amiens. Situada no vale do rio Somme, ao norte de Paris, a cidade original existia desde muito antes de os romanos se instalarem na região. Batalhas foram travadas, dentro e fora da cidade, durante séculos, entre as legiões celtas e romanas, durante as guerras napoleônicas e durante a Primeira e a Segunda Guerra, quando ela foi ocupada pelos alemães.

O RollsRoyce passou pela espetacular catedral de Amiens, iniciada em 1220 e terminada em 1270. Em estilo românico e gótico, suas paredes cor-de-rosa eram cheias de janelas, numa fachada que circundava galerias trabalhadas, ampliada por três portais e duas torres. O carro seguiu em frente, até o canal, onde fazendeiros vendiam frutas ou vegetais, diretamente de botes ancorados às margens do rio Somme.

St. Julien Perlmutter não viajava com a plebe malcheirosa, como ele chamava o público comum. Ele detestava aviões e aeroporto, preferindo viajar de navio e levar consigo seu esplêndido RollsRoyce Silver Dawn, além do chofer, Hugo Mulholland.

Saindo da parte mais velha de Amiens, Mulholland virou o carro e tomou uma pequena e estreita estrada e continuou por mais 8 quilômetros antes de parar junto a um portão de ferro num muro alto, de pedras, coberto por hera. Ele apertou o botão do porteiro eletrônico e falou ao microfone. Não houve resposta, mas o portão vagarosamente começou a abrir. Hugo seguiu por um caminho cascalhado que rodeava a parte dianteira de uma típica casa rural francesa.

Ele saiu do carro e segurou a porta aberta enquanto Perlmutter endireitou seu corpanzil no banco traseiro e saiu do carro, com o auxílio de

uma pesada bengala, e subiu os degraus até a porta da casa. Instantes depois de ele ter tocado a campainha um homem alto, magro, com um rosto estreito mas de traços bonitos, e os cabelos brancos puxados para trás num rabo-de-cavalo, abriu a porta, que tinha painéis de vidro decorados com imagens de navios a vela. Fitou Perlmutter com os olhos azuis amistosos e fez uma breve curvatura ao mesmo tempo em que estendia a mão.

- Monsieur Perlmutter, sou Paul Hereoux.

- Dr. Hereoux - exclamou Perlmutter, segurando a mão pequena de Hereoux com suas duas enormes mãos. - É uma imensa honra finalmente conhecer o presidente da Sociedade Júlio Verne.

- A honra é minha, por ter um historiador tão renomado na casa de Verne.

- E que casa encantadora.

Hereoux levou Perlmutter através de um longo corredor até a biblioteca, que continha mais de 10 mil livros.

- Aqui está tudo o que Júlio Verne escreveu e tudo o que foi escrito sobre ele até a sua morte. Todos os outros livros e trabalhos posteriores sobre ele estão em outra sala.

Perlmutter fingiu estar impressionado. Embora o tamanho da biblioteca fosse extraordinário, era menos de um terço da coleção de livros de Perlmutter sobre a história marítima. Ele se dirigiu até uma seção onde pastas continham os manuscritos, mas não estendeu a mão nem tocou em nenhum.

- Este é o material que não foi publicado?

- O senhor é muito observador. Sim, estes são os manuscritos que ele ou não terminou ou não considerou dignos de publicação. - Hereoux foi até um grande sofá, em frente a uma ampla janela de vidro, por onde se via um jardim luxuriante. - O senhor não quer sentar-se? Posso servir-lhe café ou chá?

- Café está ótimo.

Hereoux deu instruções por um comunicador e então se sentou em frente a Perlmutter.

- E então, St. Julien. Posso chamá-lo pelo primeiro nome, não?

- Por favor. Embora só tenhamos nos visto há instantes, nós já nos conhecemos há muito tempo.

- Diga-me, como posso ajudá-lo em sua pesquisa?

Perlmutter ajustou a bengala sobre o joelho de suas pernas abertas.

- Gostaria de ver os rascunhos de Verne sobre o capitão Nemo e o *Nautilus*.

- O senhor quer dizer Vinte Mil Léguas Submarinas.

- Não, sobre o capitão Nemo e seu submarino.

- Nemo e o submarino foram as maiores criações de Verne.

- E se eles não tiverem sido meras criações?

Hereoux olhou-o.

- Acho que não entendi.

- Tenho um amigo que acha que Verne não criou Nemo com a sua imaginação. Ele suspeita que Verne utilizou um modelo de carne e osso.

A expressão de Hereoux permaneceu inalterada, mas Perlmutter percebeu um rápido movimento em seus olhos azuis. - Temo que não posso ajudá-lo quanto a esta teoria.

- Não pode ou não quer? - Perlmutter perguntou. Era quase um insulto, mas ele acompanhou a pergunta com um sorriso.

Uma nuvem de desconforto passou pelo rosto de Hereoux.

- O senhor não é o único que veio até aqui com uma proposta tão bizarra.

- Bizarra? Pode ser, mas intrigante, não é mesmo?

- Como posso ajudá-lo, meu velho amigo?

- Permita-me examinar todas estas pastas.

Hereoux relaxou, como se tivesse recebido no pôquer um -straight flush.

- Por favor, a biblioteca é toda sua.

- Mais um pedido. Posso ter a ajuda de meu chofer? Já não posso subir em escadas para alcançar os livros nas prateleiras mais altas.

- Naturalmente. Tenho certeza de que é uma pessoa confiável. Mas o senhor deve se responsabilizar por quaisquer problemas.

Era uma maneira gentil de dizer danos, ou furto de livros ou manuscritos, Perlmutter pensou.

- Nem é preciso falar, Paul. Prometo que terei o máximo cuidado.

- Então vou deixá-los. Se o senhor tiver qualquer dúvida estarei no escritório do primeiro andar.

- Tenho uma pergunta.

- Qual?

- Quem distribuiu os livros pelas prateleiras?

Hereoux sorriu.

- Ora, Júlio Verne. Cada livro, cada manuscrito, cada pasta está exatamente no mesmo lugar em que estava quando ele morreu. Muitos vieram aqui pesquisar, como o senhor, mas todos foram instruídos a devolver tudo exatamente para o mesmo lugar.

- Muito interessante - disse Perlmutter. - Tudo exatamente no mesmo lugar há 99 anos. Dá o que pensar.

Tão logo Hereoux saiu da biblioteca e fechou a porta, Mulholland olhou para Perlmutter e disse, sério e pensando as palavras:

- O senhor percebeu a reação quando insinuou que Nemo e o span class="t8">"Nautilus realmente existiram?

- Sim, o dr. Hereoux ficou perturbado. Só gostaria de saber se, e o que ele está escondendo.

O chofer de Perlmutter, Hugo Mulholland, era sério e circunspecto, com olhos tristes e uma cabeça calva.

- O senhor já tem idéia de por onde começar? O senhor está sentado e olhando para os livros há uma hora, sem pegar nenhum.

- Paciência, Hugo - Perlmutter respondeu gentilmente. - O que estamos procurando não está num lugar óbvio, ou outros pesquisadores já teriam encontrado há muito tempo.

- Pelo que eu já li, Verne era um homem muito complicado.

- Não complicado, ou necessariamente brilhante. Mas ele tinha uma mente muito imaginativa. Foi o fundador da ficção científica, você sabe. Foi ele quem a inventou.

- E H. G. Wells?

- Ele só escreveu A Máquina do Tempo 30 anos depois que Júlio Verne escreveu Cinco Semanas num Balão. - Perlmutter mudou de posição no sofá e continuou examinando as prateleiras. Para um homem de sua idade, ele tinha uma visão extraordinária. Os oftalmologistas se maravilhavam com a sua visão. Do centro da sala ele podia ler quase todas as lombadas dos livros, a menos que estivessem muito apagadas ou fossem escritas em tipos muito pequenos. Seu olhar não se demorava nos livros ou nos manuscritos não publicados. Seu interesse maior eram os vários cadernos de anotações.

- Então o senhor acha que Verne tinha alguma coisa sobre o que basear a história de Vinte Mil Léguas Submarinas — disse Mulholland, servindo-se de uma xícara

do café que Hereoux tinha pessoalmente trazido para a biblioteca.

- Verne amava o mar. Ele foi criado na cidade portuária de Nantes e fugiu de casa para ser ajudante num pequeno barco a vela, mas seu pai o trouxe de volta. Seu irmão Paul estava na Marinha francesa, e Verne era fascinado pelo mar. Depois que ele se tornou um escritor de sucesso teve vários iates e velejou por toda a Europa. Quando jovem, ele escreveu sobre uma viagem que fez no maior veleiro de seu tempo, o Great Western. Tenho um pressentimento de que alguma coisa aconteceu na viagem, que acabou inspirando Verne a escrever Vinte Mil Léguas Submarinas.

- Se realmente existiu um capitão Nemo por volta de 1860, onde ele adquiriu conhecimento científico para construir um submarino dezenas de anos antes que eles existissem?

- Isto é o que eu quero descobrir. De alguma forma o dr. Egan soube da história. Onde ele ficou sabendo é um mistério.

- Sabe-se o que aconteceu com o capitão Nemo? - perguntou Mulholland.

- Verne escreveu um livro chamado A Ilha Misteriosa seis anos depois que Vinte Mil Léguas Submarinas foi publicado. Em A Ilha Misteriosa um grupo de naufragos dá numa ilha deserta e é constantemente atacado por piratas. Um benfeitor misterioso, e que nunca se deixava ver, deixa comida e suprimentos para os naufragos. Ele também mata o bando de piratas que ataca os naufragos. Perto do final, os naufragos são conduzidos a um túnel que leva a uma caverna inundada no coração do vulcão existente na ilha. Lá eles encontram o span class="t8">Nautilus e o capitão Nemo, que está morrendo. Ele alerta os naufragos sobre a iminente erupção do vulcão. Eles escapam a tempo, pouco antes da erupção que destrói a ilha, sepultando o capitão Nemo e sua fabulosa criação para sempre.

- É estranho que Verne tenha demorado tanto para escrever um epílogo para a história.

Perlmutter deu de ombros.

- Quem pode saber o que se passou na mente dele, e talvez ele só tenha tido notícia da morte do verdadeiro Nemo anos depois.

Hugo deu uma volta completa, olhando os milhares de livros.

- Então onde vamos encontrar o fio da meada?

- Podemos eliminar os livros. Tudo o que já foi publicado foi examinado e lido. E podemos também deixar de lado os manuscritos. Eles também já foram esmiuçados por todos os que se dedicam à memória de Verne. O que nos leva aos cadernos de anotações, mas eles também já foram examinados e investigados pelos pesquisadores.

- O que resta então? - perguntou Mulholland.

- Onde ninguém procurou - Perlmutter disse.

- E onde...?

- Júlio Verne não era o tipo de homem que esconderia um segredo num lugar óbvio. Como muitos bons escritores de ficção científica, ele tinha uma mente caprichosa e cheia de truques. Onde você esconderia alguma coisa que não quer que outros descubram nos próximos cem anos, numa biblioteca, meu bom amigo?

- Para mim parece que o senhor eliminou todos os papéis que contenham palavras impressas ou escritas.

- Exatamente! - Perlmutter exultou. - Um esconderijo que não é parte dos livros ou das prateleiras.

- Como um compartimento secreto na lareira - falou Mulholland examinando as



pedras em volta da cornija da lareira. - Seria um lugar mais permanente.

- Você subestima Verne. Ele tinha uma mente superior e muito imaginativa.

Vãos secretos em lareiras abundam nas histórias de mistério.

- Um fundo de gaveta secreto ou um quadro na parede?

- Móveis e quadros não são permanentes. Podem ser deslocados ou substituídos.

Pense em alguma coisa que permaneça constante.

Mulholland pensou por um momento. Então seu rosto sério se iluminou um pouco e ele olhou para o chão.

- O assoalho!

- Puxe os tapetes e os coloque em cima do sofá - instruiu Perlmutter. - Examine cuidadosamente as frestas entre as tábuas. Procure pequenas marcas por onde elas foram retiradas.

Mulholland ficou de joelhos e mãos no chão por quase meia hora, examinando cada tábua do assoalho. Então de repente ele olhou para cima, sorriu e tirou uma moeda do bolso. Enfiou-a na fresta entre duas tábuas e ergueu uma delas.

- Eureka! - ele exclamou excitado.

Entusiasmado o suficiente para escorregar seu corpanzil até o chão, Perlmutter ficou ao lado de Mulholland, olhando para o nicho debaixo da tábua. Havia um saco de couro lá dentro. Com todo o cuidado ele o pegou com o polegar e o indicador, e com jeito o retirou do nicho. Depois, com grande ajuda de Mulholland, ficou de pé e deixou-se cair novamente no sofá.

Quase em reverência, ele desatou o nó de um pequeno cordão de veludo e abriu o saco, de onde retirou uma caderneta de anotações, não maior que um cartão-postal, mas com uns 10 centímetros de espessura. Perlmutter assoprou a poeira e leu alto, traduzindo o francês inscrito na capa de couro.

### ***Investigação a respeito do inventivo capitão Amherst.***

Vagarosamente Perlmutter começou a ler as palavras escritas numa caligrafia precisa e miúda. Dominando seis línguas, ele não tinha nenhuma dificuldade em entender a narrativa de Verne sobre as aventuras de um gênio científico britânico com o nome de capitão Cameron Amherst.

Enquanto seus olhos liam as palavras, sua mente ia formando as imagens deste extraordinário homem que Verne tinha conhecido, e cuja vida ele relatava. Duas horas depois ele fechou a caderneta e recostou-se pesadamente no sofá, com uma expressão de total satisfação.

- O senhor encontrou alguma coisa interessante? - perguntou Mulholland, curioso.

- Alguma coisa que ninguém sabe?

- Você viu a fita em volta do saco?

Mulholland fez que sim com a cabeça.

Teria uns 10 ou 12 anos? Se Verne foi o último a manusear o saco, a fita estaria púida e destruída há muito tempo.

- O que leva à conclusão de que o dr. Hereoux sabia do segredo de Verne há muito tempo.

- Que segredo é este?

Perlmutter contemplou o espaço por vários segundos. Quando falou, sua voz estava calma e baixa, como se as palavras viessem de muito longe.

- Pitt estava certo.

Então fechou os olhos, deu um longo suspiro e prontamente adormeceu.

Depois de oito horas na audiência da comissão de investigação, Curtis Merlin Zale olhava freqüentemente o relógio, balançando nervosamente os pés e as mãos. Já não parecia o homem superconfiante que tinha enfrentado a deputada Smith e os membros da comissão. O sorriso seguro tinha cedido lugar a lábios apertados e tensos.

Omo Kanai já deveria ter telefonado, e notícias urgentes sobre uma tragédia em Nova York já deveriam ter chegado à sala de audiência.

O deputado William August, de Oklahoma, estava no meio de suas perguntas a Zale sobre o aumento nos preços impostos pelas refinarias de petróleo quando Sandra Delage, usando um terno executivo, aproximou-se de Zale pelas costas e depositou um papel na mesa, à sua frente. Zale pediu desculpas, antes de responder a August, e leu rapidamente o que estava escrito no papel. Seus olhos imediatamente demonstraram confusão, e ele olhou para Delage. O rosto dela estava tão sombrio quanto o de um agente funerário. Zale colocou a mão sobre o microfone e disparou várias perguntas, que ela respondeu numa voz baixa, para que ninguém que estava por perto pudesse ouvir. Então ela virou-se e saiu da sala.

Zale não era o tipo de homem facilmente perturbado pela derrota, mas neste momento ele parecia Napoleão depois de Waterloo.

- Desculpe. O senhor pode repetir a pergunta?

Loren estava cansada. A noite tinha se transformado em madrugada, e a madrugada em manhã, mas ela não estava disposta, ainda, a interromper a sessão. Seus assessores a tinham mantido informada da operação para impedir a ação do Pacific Trojan e de que nenhum explosivo tinha sido encontrado. Só duas horas depois é que ela foi informada da operação para deter o Mongol Invader. Ela não tinha tido nenhuma notícia de Pitt ou de Sandecker desde as duas horas da madrugada, e nas últimas quatro horas ela tinha lutado contra presentimentos.

Sua ansiedade piorara com a frieza de Zale em responder calculadamente a todas as suas perguntas, sem hesitar ou alegar falta de memória. Para os jornalistas que cobriam a audiência, parecia que Zale estava no controle da situação, conduzindo a sessão dentro do seu interesse.

Loren percebia que Zale também estava se cansando, e procurava manter-se

paciente. Ela estava esperando, como uma leoa na espreita, pelo momento certo para atacar com as informações fornecidas por Sally Morse. Loren retirou as anotações com as perguntas e as acusações da maleta de couro e aguardou pacientemente até que o deputado August terminou seu questionamento.

Naquele momento ela percebeu os rostos de todos na sala olharem para um ponto atrás dela. Cochichos começaram a ser ouvidos. Então uma mão tocou seu ombro. Loren virou-se e viu, incrédula, Dirk Pitt. Ele usava uma calça jeans suja e uma camiseta amarrutada. Os cabelos estavam desgrenhados, e o rosto mostrava uma barba de três dias. Um guarda de segurança segurava seu braço e tentava empurrá-lo para fora da sala, mas ele arrastava o guarda.

- Dirk! - ela murmurou. - O que você está fazendo aqui?

Ele não olhou para ela ao responder, mas olhou Zale com um sorriso confiante, e disse através do microfone de Loren:

- Nós derivemos o cargueiro de gás natural liqüefeito, e impedimos que ele explodisse metade de Manhattan. O navio está agora no fundo do mar. Por favor informe ao senhor Zale que toda a equipe da Viper afundou junto do cargueiro, e agora Sally Morse, CEO da Yukon Oil, pode testemunhar perante a comissão sem temor de sofrer represálias.

Em seguida Pitt, num movimento que poderia parecer acidental, tocou de leve no cabelo castanho-avermelhado de Loren e deixou a sala.

Loren sentiu como se uma pesada carga tivesse saído de seus ombros. Ela disse, então:

- Senhoras e senhores, está ficando tarde e se não houver objeção, gostaria de suspender esta sessão até as nove horas de amanhã, quando poderei convocar uma importante testemunha para prestar declarações que vão revelar a verdade por trás das atividades criminosas do sr. Zale.

— Palavras muito fortes, você não acha? - interrompeu o deputado Sturgis. - Não vimos nem ouvimos nada aqui que mostre indícios de atividades criminosas.

— Você vai ver e ouvir amanhã - Loren retrucou, com um olhar de puro triunfo - quando a sra. Morse fornecer os nomes de todos em Washington e no resto do país que aceitaram suborno do sr. Curtis Merlin Zale. Prometo, deputado, que a revelação das fraudes e corrupção, a extensão dos depósitos em contas bancárias em paraísos fiscais, vão atingir o coração do governo e chocar o público com nenhuma outra revelação fez no passado.

— O que a sra. Morse tem a ver com o sr. Zale? - perguntou Sturgis, percebendo tarde demais que estava andando no fio de uma navalha.

— Ela era até há pouco membro da mais alta direção da Cerberus. Ela fez anotações de todas as reuniões, pagamentos e atividades criminosas. Há muitos nomes na lista que lhe são familiares.

Sturgis pareceu desmontar. Levantou-se abruptamente e saiu da sala, sem uma palavra, enquanto Loren batia o martelo adiando os trabalhos até o dia seguinte.

As galerias ficaram em polvorosa. Jornalistas dos principais jornais cercaram Zale e correram atrás de Loren, mas Pitt estava aguardando na porta de saída e a empurrou através da barulhenta multidão de repórteres fazendo perguntas e tentando evitar que ela saísse. Com o braço em volta de sua cintura, Pitt conseguiu tirá-la da confusão e levá-la escada abaixo até um carro da NUMA que estava esperando junto à calçada. Giordino estava dentro do carro, e mantinha as portas abertas.

Curtis Merlin Zale estava sentado, cercado por um mar de jornalistas e fotógrafos, como um homem perdido no abismo de um pesadelo.

Finalmente, ele pôs-se de pé, meio desajeitado, e forçou sua passagem pela

confusão. Com a ajuda dos guardas do Capitólio, conseguiu chegar até a segurança de sua limusine. O motorista o levou até a mansão que abrigava os escritórios da Cerberus em Washington e viu quando Zale, inseguro e trôpego como um velho, passou pelo lobby e entrou no elevador.

Nenhum homem era mais isolado da realidade. Ele não tinha nenhum amigo íntimo, nem familiares vivos. Om o Kanai, talvez o único homem com quem Zale poderia relacionar-se, estava morto. Zale estava sozinho num mundo em que seu nome era familiar.

Ele sentou-se em sua mesa, olhou pela janela para o pátio lá embaixo, e refletiu sobre seu futuro. As perspectivas eram sombrias. Era inevitável que ele acabaria numa prisão federal, mesmo que lutasse com todas as forças para se safar. Quando os outros membros do cartel da Cerberus se virassem contra ele, para se salvarem, os mais competentes e os mais caros advogados criminalistas do país começariam uma batalha perdida antes mesmo de iniciar-se. Estes depoimentos já seriam suficientes para condená-lo.

Sua fortuna certamente seria consumida por uma avalanche de processos, tanto na esfera federal quanto na civil. A leal equipe da Viper já não existia mais. Estavam soterrados no lodo da baía de Nova York. Não estavam à mão para eliminar os que iriam testemunhar contra ele.

Ele não tinha como escapar, ou esconder-se. Um homem da sua importância era facilmente descoberto, mesmo que se escondesse no deserto do Saara ou numa ilha deserta no meio do oceano.

As pessoas que ele tinha matado, na sua ganância de poder e fortuna, vinham assombrá-lo agora, não como aparições ou fantasmas, mas como uma procissão de pessoas comuns projetadas numa tela. No final, ele tinha perdido a sua grande tacada. Não via nenhuma saída conduzindo a um refúgio. A decisão não era difícil.

Ele levantou-se de trás da mesa, foi até um bar, serviu-se uma dose de um caríssimo uísque de 50 anos, bebeu um gole, retornou à mesa e abriu uma gaveta. Pegou o que parecia uma antiga caixinha de rapé. Havia dois comprimidos lá dentro, guardados para o caso de ele ficar incapacitado em virtude de um acidente, ou sofrer de uma doença incurável. Tomou o último gole do uísque, colocou os comprimidos debaixo da língua e relaxou na ampla poltrona de couro.

Curtis Merlin Zale foi encontrado morto, na manhã seguinte, atrás de uma mesa sem nenhum papel. Não havia nenhum bilhete expressando vergonha ou remorso.

Giordino parou o carro defronte ao edifício da NUMA. Pitt desceu para a calçada, então virou-se, inclinou-se até a janela e disse para Loren:

— Não vai demorar muito e um exército de repórteres e câmeras de televisão vai cercar a sua casa em Alexandria. Acho que é melhor Al levar você para o hangar, pelo menos por esta noite. Você pode se ajeitar com as outras senhoras até que os trabalhos da comissão recomecem amanhã. Até lá seus assessores poderão arranjar uma equipe de segurança para você.

Ela se inclinou para fora da janela e deu-lhe um leve beijo nos lábios.

— Obrigada - disse com carinho.

Pitt sorriu, e Giordino partiu.

Pitt foi diretamente para o escritório de Sandecker, onde encontrou o almirante e Rudi Gunn esperando por ele. Sandecker estava alegre e bem-humorado, tirando baforadas de um de seus enormes charutos personalizados. Ele se levantou e apertou vigorosamente a mão de Pitt.

— Excelente, excelente trabalho - repetiu. - Grande idéia usar um mastro com explosivos submarinos dentro de uma granada magnética. Você explodiu metade da popa do navio sem colocar em risco os tanques de propano.

— Foi muita sorte isso ter funcionado - disse Pitt com modéstia.

Gunn também apertou a mão de Pitt.

— Você nos deixou com uma grande sujeira para limpar.

— Podia ter sido pior.

— Já estamos trabalhando com companhias de recuperação de naufrágios para resgatar o navio. Não queremos que ele seja uma ameaça para a navegação - afirmou Gunn.

— Os tampos dos tanques estão a apenas 9 metros da superfície - explicou Sandecker. - Os mergulhadores não deverão ter problemas para instalar bombas e mangueiras para transferir o gás para outros navios-tanque.

— A Guarda Costeira já colocou bóias ao redor dos destroços e um farol de advertência para os navios que chegam ou saem - Gunn acrescentou.

Sandecker voltou para trás de sua mesa e expirou uma grande nuvem de fumaça azulada em direção ao teto.

— Como está indo a investigação de Loren?

— Nada bem para Curtis Merlin Zale.

O rosto do almirante assumiu um ar de contentamento.

— Estou ouvindo o ruído de grades se fechando?

Pitt deu um leve sorriso.

— Acredito que depois que Zale for julgado e condenado ele vai passar o resto de seus dias no corredor da morte.

Gunn concordou com a cabeça.

— Um final adequado para um homem que matou centenas de pessoas inocentes, por ganância de dinheiro e poder.

— Mas não vai ser a última vez que enfrentaremos homens como Zale - disse Pitt com pesar. - Em pouco tempo outro sociopata vai surgir.

— É melhor você ir para casa e descansar um pouco - disse Sandecker, generoso. - Depois tire uns dias de férias para continuar seu projeto a respeito de Elmore Egan.

— O que me lembra que Hiram Yaeger quer falar com você - disse Gunn.

Pitt desceu até o andar onde ficavam os computadores da NUMA e encontrou Yaeger sentado num pequeno depósito, olhando atentamente para a maleta de couro de Egan. Ele olhou para cima quando Pitt entrou, levantou a mão e apontou para o interior da maleta aberta.

— Bem na hora. Ela vai se encher de petróleo daqui a 30 segundos.

— Você tem uma tabela de horários? - perguntou Pitt.

— O óleo surge numa seqüência. Cada nova remessa aparece exatamente 14 horas depois da última.

— Alguma idéia de por que é sempre 14 horas?

— Max está trabalhando nisto - respondeu Yaeger, fechando a pesada porta de aço que parecia a porta do cofre de um banco. - Foi para isso que eu quis você aqui no depósito. É uma área de segurança, com paredes de aço para proteger dados importantes no caso de um incêndio. Ondas de rádio, microondas, som e luz, nada pode penetrar estas paredes.

— E mesmo assim a maleta se enche de petróleo?

— Observe e veja. - Yaeger olhou o relógio e começou uma contagem regressiva. - Agora! - exclamou.

Diante dos olhos de Pitt a maleta de couro de Egan começou a encher-se de petróleo, como se uma mão invisível o estivesse derramando.

— Deve ser algum truque.

— Nada de truque - afirmou Yaeger, fechando a tampa.

— O quê, então?

— Max e eu encontramos a resposta. A maleta de Egan é um receptor.

— Não estou entendendo nada - Pitt disse, confuso.

Yaeger abriu a pesada porta de aço e voltou ao seu sofisticado sistema de computadores. Max estava no seu vídeo e sorriu quando eles chegaram.

— Alô, Dirk Senti sua falta.

Pitt riu.

— Eu pensei em trazer flores, mas você não pode segurá-las.

— Não é nada engraçado não ter substância, acredite.

— Max, conte para Dirk o que descobrimos a respeito da maleta de couro do dr. Egan.

— A solução custou-me menos de uma hora, depois que coloquei meus circuitos trabalhando. - Max olhou para Pitt como se fossem muito amigos. - Hiram contou que a maleta é um receptor?

— Sim, mas que tipo de receptor?

— Teletransporte quântico.

Pitt olhou fixamente para Max.

— Não é possível. O teletransporte está além da física atual.

— Foi isso o que Hiram e eu pensávamos quando começamos nossa busca. Mas é isso aí. O petróleo que aparece na maleta foi originariamente colocado numa câmara, em algum lugar, que analisa cada átomo e cada molécula. O petróleo é então passado para um estado quântico, que é enviado e reconstruído na unidade receptora, exatamente com o mesmo número de átomos e moléculas originais apurados na câmara de envio. Claro que estou simplificando o processo. O que ainda me intriga é como o petróleo pode ser enviado através de objetos sólidos, e na velocidade da luz. Espero que com um pouco mais de tempo eu consiga achar a resposta.

— Você sabe do que está falando? - disse Pitt, totalmente incrédulo.

— Claro que sabemos - Max respondeu com confiança. - Embora isso seja um incrível avanço tecnológico, não fique muito esperançoso. Não há como um humano possa ser teletransportado no futuro. Mesmo se fosse possível enviar e receber uma pessoa a milhares de quilômetros de distância e recriar seu corpo, não seria possível transportar sua mente e as informações e memória que esta pessoa acumulou na sua vida. Ela sairia da câmara receptora com a mente de uma criança recém-nascida. O petróleo, por outro lado, é composto de hidrocarbonos líquidos e outros minerais. Comparado com um humano, sua estrutura molecular é muito menos complicada.

Pitt sentou-se, tentando avidamente absorver tudo o que ouvia.

— Parece fantástico que o dr. Egan tenha criado um motor revolucionário ao mesmo tempo que desenvolvia um teletransportador.

— O homem era um gênio - disse Max. - Não há nenhuma dúvida sobre isso. E o que ainda o torna mais extraordinário é que desenvolveu tudo sem um bando de assistentes e sem um avançadíssimo laboratório patrocinado pelo governo.

— É verdade - Pitt concordou. - Ele fez tudo isso num laboratório escondido... cuja localização ainda não descobrimos.

— Espero que você ainda o encontre - disse Yaeger. - A importância da descoberta do dr. Egan abre possibilidades que ainda nem sabemos quais são. Substâncias com estruturas moleculares básicas, como petróleo, carvão, ferro ou cobre, e um grande número de minerais, poderiam ser transportadas sem o emprego de navios, trens ou caminhões. O teletransporte vai revolucionar toda a logística do transporte de materiais.

Pitt pensou neste imenso potencial, por uns instantes, antes de olhar para Max.

— Diga-me, Max, você tem dados suficientes na maleta do dr. Egan para criar um equipamento teletransportador?

Max balançou sua cabeça meio fantasmagórica com um ar triste.

— Não, sinto dizer. Não tenho informação suficiente para um ponto de partida. Eu tenho o sistema receptor como modelo, a parte mais importante do sistema é a unidade teletransportadora. Eu poderia trabalhar nisto durante anos, e não encontrar a solução.

Yaeger colocou a mão nos ombros de Pitt.

— Gostaria que Max e eu tivéssemos podido dar um quadro mais detalhado.

— Vocês dois fizeram um trabalho extraordinário, e estou muito agradecido. Agora é a minha vez de encontrar as respostas.

Pitt parou em seu escritório antes de ir para o hangar, para dar uma olhada na papelada, ler a correspondência e responder às mensagens na secretária eletrônica. Uma hora depois ele lutava para continuar acordado, e então decidiu que já era hora de parar. Neste preciso instante o telefone tocou.

- Alô.

— Dirk! - trouxe a voz de St. Julien Perlmutter. - Anda bem que o encontrei no escritório.

— St. Julien! Onde você está?

— Em Amiens, França. O dr. Hereoux permitiu gentilmente que eu passasse a noite na casa de Júlio Verne examinando uma caderneta de anotações que Hugo e eu encontramos escondida por Verne mais de cem anos atrás.

— Ela forneceu as respostas? - perguntou Pitt, excitado de curiosidade.

— Você estava na pista certa. O capitão Nemo realmente existiu, só que seu nome verdadeiro era Cameron Amherst. Ele era capitão da Marinha Real Britânica.

— Não era Dakar, o príncipe hindu?

— Não - respondeu Perlmutter. - Aparentemente Verne tinha ódio dos ingleses e mudou o nome de Cameron e de seu país de nascimento da Inglaterra para a Índia.

— E qual é a história de Amherst?

— Ele vinha de uma família de construtores de navios e de armadores muito rica. Entrou para a Marinha Real e rapidamente subiu na hierarquia, atingindo o posto de capitão aos 29 anos. Nascido em 1830, e abençoado com uma inteligência brilhante, foi criança prodígio e tornou-se um gênio em engenharia. Constantemente desenvolvia todo tipo de equipamentos para os navios e seus sistemas de propulsão. Mas infelizmente era um tipo meio incendiário. Quando os velhos conservadores do almirantado se recusaram a considerar suas sugestões, ele foi para os jornais e os criticou, chamando-os de ignorantes e temerosos do futuro. Como consequência ele foi naturalmente expulso da Marinha, sob a acusação de insubordinação.

— Muito parecido com Billy Mitchel 80 anos depois.

— Uma boa comparação. Verne encontrou Amherst numa viagem pelo Atlântico no navio de passageiros Great Eastern. Foi Amherst quem encantou Verne com histórias sobre seu desejo de construir um barco submarino que fosse capaz de ir a qualquer lugar debaixo da água. Ele fez esboços nos cadernos de anotações de Verne e descreveu em detalhes o revolucionário sistema de propulsão que ele tinha criado para movimentar seu barco submarino. Não é preciso dizer que Verne ficou embasbacado. Trocaram vasta correspondência durante anos. Então, de repente, as cartas cessaram de chegar. Verne continuou escrevendo suas engenhosas aventuras e ficou famoso, e Amherst foi deixado de lado. Verne amava o mar, como você sabe - Perlmutter continuou. - Ele era proprietário de vários iates e velejava por toda a Europa. Foi numa dessas viagens, na costa da Dinamarca, que um barco grande, parecido uma baleeira, ergueu-se do mar e emparelhou com o veleiro de Verne. Estupefato, ao lado de seu filho Michel, ele viu quando o capitão Amherst apareceu numa escotilha dianteira, acenou para ele e o convidou para ir a bordo do barco. Verne deixou o filho Michel no comando e foi até Amherst e seu extraordinário barco submarino.

— Então o NAUTILUS realmente existiu.

Perlmutter balançou a cabeça, quase em reverência, do seu lado da linha telefônica.

— Verne ficou sabendo que Amherst tinha construído secretamente seu barco submarino numa grande caverna debaixo d'água sob um penhasco na fazenda de sua família, na Escócia. Quando o barco ficou pronto e passou com sucesso em todos os testes, Amherst contratou uma tripulação de marinheiros profissionais,



solteiros e sem vínculos familiares, e com eles navegou pelos mares durante 30 anos.

— Quanto tempo Verne ficou a bordo?

— Verne ordenou a seu filho que voltasse para o porto e esperasse lá no hotel. Ele estava lisonjeado pelo fato de o amigo o ter escolhido. Ele ficou a bordo do NAUTILUS - era o nome dado ao barco submarino por Amherst - por quase duas semanas.

— Não dois anos, como os personagens do livro?

— Foi tempo mais que suficiente para Verne estudar cada centímetro do barco, como ele registrou com exatidão em suas anotações, com umas poucas liberdades aqui e ali. Alguns anos mais tarde ele escreveu VINTE MIL LINGUAS SUBMARINAS.

— O que acabou acontecendo com Amherst?

— De acordo com uma anotação de Verne, um mensageiro misterioso veio até sua casa, em 1895, e lhe entregou uma carta de Amherst. A maior parte da tripulação tinha morrido, e ele tencionava voltar à casa dos pais, na Escócia, mas ela tinha sido destruída por um incêndio que matara seus últimos parentes. Além disso, a caverna nos penhascos onde ele tinha construído o span class="t8">"Nautilus tinha sofrido um desmoronamento. Assim, nem a caverna ele tinha mais.

— Aí ele foi para A Ilha Misteriosa?

— Não - Perlmutter retrucou. - Verne formulou aquele final de modo que o último refugio de Amherst e seu span class="t8">"Nautilus não fosse localizado. Pelo menos, por muito, muito tempo. A carta continuava dizendo que Amherst tinha encontrado uma caverna submarina similar no rio Hudson, em Nova York, que serviria de túmulo para ele e seu span class="t8">"Nautilus.

Pitt empertigou-se, incapaz de deixar escapar um grito de euforia.

— O rio Hudson?

— Era o que estava escrito na caderneta.

— St. Julien.

- Sim?

— Quando o encontrar vou dar um beijo em você.

— Meu caro, com este meu corpo colossal, você nem vai ser capaz de chegar perto.

A NÉVOA DO INÍCIO DA MANHÃ pairava sobre a água azulada do rio, da mesma forma que há quase mil anos quando os escandinavos chegaram, A visibilidade era de menos de 100 metros, e a flotilha de pequenos barcos a vela e barcos a motor que normalmente se aglomeram no rio na maioria dos domingos de soi ainda não tinha deixado os ancoradouros. A névoa era como o toque de uma jovem mulher, macio e carinhoso, ao envolver o pequeno barco que navegava junto à margem, debaixo do paredão de penhascos rochosos. Não era um barco gracioso, nem sua proa ou popa tinham esculturas de dragões como os barcos que tinham vindo tantos séculos antes. Era um barco de serviço da NUMA, com 26 pés de comprimento, eficiente, funcional e projetado para uma exploração bem junto às margens.

A velocidade era mantida meticulosamente em quatro nós enquanto ele arrastava o sensor, amarelo e estreito, dentro da água em sua esteira. Sinais enviados pelo sensor eram recebidos por um gravador e mostrados na tela do sonar, que Giordino fitava atentamente. Os sinais formavam figuras tridimensionais mostrando o fundo do rio e as rochas submersas na base da parede de penhascos. Não havia praia, apenas uma nesga de areia e rocha que caía abruptamente ao atingir a água.

Kelly estava no leme, navegando com atenção e cuidado, com os olhos azuis indo e vindo da linha da margem para as águas à frente, preocupada com qualquer rocha submersa que pudesse rasgar o fundo do barco, que se arrastava paciente e devagar pela água, com a alavanca do acelerador fixada um ponto apenas acima da posição de repouso.

Ela usava um mínimo de maquiagem, trazia os cabelos cor de mel em trança sobre as costas, cheios de pequenas gotículas formadas pela névoa.

Sua pequena bermuda era branca, contrastando com uma camiseta verde sem mangas usada debaixo de uma jaqueta de algodão. As pernas, longas e bem torneadas, estavam afastadas, e os pés, firmemente apoiados no convés, para compensar qualquer balanço provocado pela marola de algum barco que passasse no meio da névoa.

Embora olhando fixamente para o sonar, Giordino não conseguia resistir à tentação de uma olhada ocasional para o traseiro de Kelly. Pitt não tinha esta oportunidade. Ele estava confortavelmente deitado numa espreguiçadeira

estendida na proa do barco. Não gostava de impressionar ninguém, mas sempre levava consigo sua espreguiçadeira favorita e uma grossa almofada para expedições como esta, quando não via razão para ficar horas de pé. Pitt estendeu o braço, pegou uma caneca com uma base chata ampla para dar estabilidade e tomou um gole de café. Depois voltou a inspecionar o paredão de penhascos com um binóculo de lentes panorâmicas e de grande aproximação, que permitiam uma vista bem detalhada.

Exceto por trechos onde os espigões de rocha vulcânica caíam em formações verticais, os precipícios íngremes eram cobertos por folhagens e pequenas árvores. Parte do sistema geológico do vale da bacia de Newark que ficou inativo durante o Período Jurássico, o paredão de penhascos continha as características formações de arenito e rocha sedimentar, de cor marrom-avermelhada, que eram usadas nas paredes e muros dos prédios e casas de Nova York. As escarpas mais íngremes eram formadas por rochas ígneas altamente resistentes à erosão, mantendo uma grande beleza natural.

— Mais 200 metros e vamos passar debaixo da fazenda de papai - anunciou Kelly.

— E as imagens, Al? - Pitt perguntou através do pára-brisa, que estava aberto.

— Rochas e lodo - ele respondeu secamente. - Lodo e rochas.

— Fique atento para qualquer indicação de um deslizamento de rocha.

— Você acha que a entrada da caverna pode ter sido bloqueada por um desmoronamento?

— Acho mais que foi pela mão humana.

— Se Cameron levou o submarino para dentro dos rochedos, deve ter havido uma entrada debaixo d'água.

Pitt comentou, sem abaixar o binóculo:

— A pergunta é se ela ainda existe.

— Você não acha que mergulhadores já teriam dado com ela a esta altura? - disse Kelly.

— Só se fosse por acidente. Não há destroços nesta área, para mergulhos, e para arpoar peixes há lugares no rio bem melhores.

— 100 metros - alertou Kelly.

Pitt apontou as lentes do binóculo para o topo do penhasco, a mais de 100 metros de altura, e viu parte dos telhados da casa e do estádio de Egan. Ele inclinou-se para a frente e cuidadosamente examinou os penhascos, como se fossem uma parede granítica.

— Vejo sinais de um desmoronamento - disse, apontando para pedaços de rocha que tinham deslizado de um lado de um rochedo íngreme.

Giordino olhou rapidamente, pela janela, para ver o que Pitt estava apontando, e imediatamente voltou o olhar para as imagens registradas no papel.

— Nada ainda - comentou.

— Afaste-se mais 6 metros da margem - Pitt pediu a Kelly. - Isto vai dar ao sonar um ângulo melhor para indicar a inclinação debaixo da água.

Kelly olhou para as linhas mostradas no instrumento que media a profundidade da água em braças.

— O fundo cai rapidamente, mas depois modera a inclinação mais perto do meio do rio.

— Nada ainda - Giordino disse baixo. - As rochas parecem estar todas ligadas.

— Encontrei algo - Pitt disse, como se estivesse comentando o tempo.

Giordino olhou para cima.

— Você viu o quê?

— Algo que se parece com marcas feitas pelo homem na rocha.

Kelly olhou para cima, para o penhasco. - Como inscrições?

— Não - respondeu Pitt. - Mais como marcas feitas por uma talhadeira.

— O sonar não mostra nem túnel nem caverna - Giordino comentou, com enfado.

Pitt veio para o lado da cabine e saltou para o convés de serviço.

— Vamos puxar o sensor e ancorar o barco perto da margem.

— Você acha que devemos mergulhar mesmo antes de descobrirmos alguma coisa? - perguntou Giordino.

Pitt recostou-se e olhou para o alto do íngreme paredão de rocha.

— Estamos diretamente abaixo do estúdio do dr. Egan. Se há uma caverna escondida deve ser por aqui. Acho que vai ser mais fácil procurar olhando por baixo da água.

Kelly habilmente virou o barco num círculo fechado e reduziu a velocidade enquanto Pitt puxava o sensor e jogava a âncora. Depois Kelly moveu o barco vagarosamente para trás, contra a correnteza do rio, até que as garras da âncora se prenderam no fundo. Então desligou os motores e sacudiu as gotículas de água de sua trança.

— É aqui que você quer estacionar? - perguntou com um gracioso sorriso.

— Está perfeito - Pitt a cumprimentou.

— Posso ir também? Tirei meu diploma de mergulhadora nas Bahamas.

— Deixe a gente ir na frente. Se encontrarmos alguma coisa interessante virei à superfície e a chamarei.

Era verão, e a água do rio Hudson estava amena, a 22°C. Pitt optou por uma roupa de mergulho de neoprene acolchoada nos joelhos e cotovelos. Um cinto com pesos leves, para contrabalançar a tendência a boiar da roupa de mergulho, estava preso à sua cintura. Enfiou as luvas, os pés-de-pato e a proteção para a cabeça, antes de enfiar as lentes internas da máscara e puxar as tiras em volta da cabeça, colocando a máscara no alto da cabeça, com o -snorkel balançando. Como não ia mergulhar mais de 3 metros não levava um compensador de flutuação, preferindo mais liberdade para manobras e mais mobilidade para nadar entre as rochas.

— Vamos fazer primeiro um mergulho de inspeção, sem usar os tanques.

Giordino concordou com a cabeça, em silêncio, e abaixou a escada de degraus de madeira por sobre a popa. Em vez de deixar-se cair de costas sobre a amurada, desceu três degraus e daí atirou-se na água. Pitt passou as pernas sobre a amurada e deixou o corpo cair, sem provocar quase nenhum espirro.

A água era transparente até uns 10 metros de profundidade, mas depois se transformava numa escuridão esverdeada pela presença de nuvens de minúsculas algas. Estava também mais fria. Pitt preferia a temperatura da água em torno dos 28°C. Se Deus quisesse que os humanos fossem como peixes, ele pensava, teria nos dado uma temperatura corporal de 22°C, em vez de 37°C.

Pitt encheu os pulmões e se adiantou, erguendo as pernas e as usando para mergulhar, sem esforço. Os grandes pedaços de rocha estavam interligados, como as peças de um enorme quebra-cabeça mal encaixado. Muitas pesavam várias toneladas, enquanto outras não eram maiores que uma caixa de sapatos. Pitt deu uma olhada para ver se as garras da âncora estavam firmemente enterradas na areia antes de ir à superfície inalar mais ar.

A correnteza puxava Pitt e Giordino, fazendo-os usar as mãos como âncoras, agarrando as rochas para erguer os corpos por cima das superfícies cheias de lodo, agradecidos por terem tido a idéia de usar luvas, que agora serviam de

proteção contra as pontas e arestas. Eles logo perceberam que não estavam na área certa, pois esta parte do declive desaparecia na direção do centro do rio, mas de maneira muito gradual.

Os dois subiram à superfície para inalarem mais ar e decidiram dividir-se na busca. Pitt iria rio acima, e Giordino desceria a margem rochosa. Pitt olhou para cima para ver onde estavam os edifícios localizados bem na beira dos penhascos. Quase dava para ver a chaminé. Nadou contra a correnteza, paralelamente à casa e o estúdio de Egan, 120 metros acima.

A névoa estava clareando, e o sol começava a incidir sobre a água, lançando uma luz tremeluzente sobre as rochas cobertas de lodo e musgo. Pitt viu poucos peixes maiores que seu dedo mindinho. Eles se lançavam até perto de seu corpo, sem o menor temor, sabendo que aquela estranha criatura era muito morosa para pegá-los. Pitt estendia e mexia um dedo, e os peixes acompanhavam os movimentos em torno do dedo. Ele continuou para a frente, movimentando os pés-de-pato, e próximo à superfície, respirando compassadamente através do -snorkel, e olhando o fundo escarpado.

Então, de repente, ele nadou para uma área livre das rochas. O fundo agora era liso e chato, com um canal entre os detritos. Pitt estimou que o canal descia uns 10 metros, e ele nadou até o outro lado, onde as rochas apareciam novamente. Voltando pela fenda, Pitt estimou que a largura era de pouco menos de 12 metros. O canal ia em direção à praia onde o desmoronamento de rocha tinha descido até a água. Pitt inalou uma grande quantidade de ar antes de prender a respiração e mergulhar para examinar a entrada entre as rochas amontoadas. Grandes pedaços arredondados pareciam sombrios e frios, como se houvesse alguma coisa diabólica neles, um segredo que eles relutavam em revelar.

Plantas marinhas vinham pela correnteza, como os dedos longos de uma dançarina de balé. Pitt encontrou uma grande saliência, livre de lodo ou musgo, com estranhas marcas feitas à mão na superfície. Seu coração deu saltos quando ele percebeu que uma das marcas representava um cão. Seus pulmões arderam, pedindo ar, e ele voltou à superfície. Depois mergulhou de novo, nadando, às vezes usando as mãos para contornar as rochas.

Pitt observou quando uma perca de 25 centímetros saiu debaixo de uma grande laje de pedra. Ela viu sua sombra e imediatamente desapareceu de volta. Pitt inclinou-se para baixo e foi atrás dela debaixo da laje. Um túnel escuro apareceu sob as rochas, provocando arrepios em sua nuca. Uma nova ida à superfície para inalar mais ar e ele penetrou na entrada, cuidadosamente. Uma vez lá dentro, e livre do clarão de fora, Pitt viu que a passagem se estendia por uns 3 metros, mas ele decidiu não prosseguir. Expelindo o último ar, retornou à superfície.

Al tinha subido de volta no barco, já que não vira nada de interessante. Kelly estava sentada sobre a cabine, os pés apoiados no convés da proa, olhando na direção de Pitt, que agitou os dois braços e gritou.

- Encontrei uma entrada!

Kelly e Giordino não necessitaram ser chamados. Em menos de três minutos eles estavam nadando contra a corrente, atrás de Pitt, que não tinha tirado o bocal do SNORKEL. Excitado, ele gesticulava para que o seguissem. Eles fizeram uma pausa para encherem os pulmões e seguiram atrás das nadadeiras de Pitt por entre as massas de detritos de pedras.

Eles nadaram através da estreita passagem do túnel, os pés-de-pato raspando nos lados e provocando uma nuvem esverdeada de lodo desprendido. Finalmente, quando Kelly estava começando a temer que só tinha alguns segundos antes de abrir a boca e engolir água, a cavidade se abriu como um leque e ela agarrou o

tornozelo esquerdo de Pitt, usando-o para subir à superfície.

A cabeça de cada um ficou livre da água ao mesmo tempo. Eles retiraram os bocais dos SNORKELS, ergueram as máscaras sobre a cabeça e viram-se numa imensa caverna, cujo teto ficava a mais de 60 metros acima. Ficaram olhando, completamente surpresos, sem compreender totalmente o que tinham descoberto.

Pitt fitou, maravilhado e intrigado, uma cabeça de serpente, com as presas salientes, que o fitava de volta.

A CABEÇA DA SERPENTE, NUM GRACIOSO movimento curvo, esculpida com grande precisão com a boca aberta, denotando surpresa, olhava imóvel a água que penetrava na caverna, como se estivesse procurando uma praia distante. Numa grande saliência, mais de 1 metro acima da beirada da água, cinco botes de madeira, abertos, mantidos na posição pelas quilhas e por cunhas de madeira, estavam lado a lado. A serpente estava no poste da proa do bote maior, o mais próximo da beira da saliência.

Os botes tinham sido construídos de carvalho, o maior com mais de 20 metros de comprimento. O reflexo do sol, vindo através da água no túnel, projetava fios de luz nos elegantes cascos. De sua posição na água, os mergulhadores podiam olhar para cima e ver as quilhas, e os cascos simetricamente arredondados, de pranchas sobrepostas, unidos por tábuas que ainda estavam fixadas por rebites de ferro. Abaixo das prateleiras onde os escudos tinham outrora sido guardados, remos ainda se viam fora das vigias de encaixe. Como se seguros por mãos fantasmagóricas, eles pareciam preparados, à espera de um comando para começarem a remar. Parecia inconcebível que cascos de linhas tão esteticamente elegantes tivessem sido projetados e construídos havia mais de mil anos.

— São -vikings - murmurou Kelly, com admiração e perplexidade. - Estiveram aqui o tempo todo, e ninguém sabia.

— Seu pai sabia - disse Pitt. - Ele soube pelas inscrições -vikings que eles tinham se estabelecido nos paredões acima do rio Hudson. A partir daí ele procurou e descobriu o túnel que vai dar na caverna.

— Estão todos muito bem preservados - observou Giordino, olhando com admiração os navios -vikings. - Mesmo com a umidade há muito poucos sinais de deterioração.

Pitt apontou para cima, para os mastros que ainda tinham as velas enroladas, feitas de tecido rústico e em vermelho e branco, e depois para o alto teto da caverna acima de suas cabeças.

— Eles deixaram os mastros erguidos porque havia espaço.

— Do jeito que estão, é como se bastasse apenas descê-los para a água, abrir as velas e velejar - Kelly sussurrou ainda perplexa.

— Vamos olhar mais de perto - propôs Pitt.

Depois de remover os pés-de-pato, as máscaras e o cinto de pesos, subiram uma escada construída na rocha até o topo da saliência, e depois as rampas de acesso aos navios, rampas que iam da rocha até as pranchas superiores do navio maior. As rampas eram sólidas, e obviamente tinham sido colocadas lá pelo dr. Egan.

A luz dentro da caverna era fraca, mas suficiente para eles reconhecerem os objetos espalhados pelo chão de rochas. O que parecia ser um corpo estava envolto numa mortalha funerária. Em cada lado havia montes menores, também envoltos numa mortalha. Em volta dos corpos, um tesouro de objetos e artefatos tinha sido amontoado, em desordem. Havia figuras de santos, recobertas de bronze, iluminuras e manuscritos em latim canônico, e relicários cheios de moedas e cálices de prata, muito provavelmente tudo roubado de mosteiros durante ataques à Inglaterra e à Irlanda. Colares de âmbar, broches de ouro e de prata, colares de prata e bronze com desenhos e formas elaboradas, e pulseiras, estavam empilhados em caixas de madeira feitas com requinte. Pratos de bronze e queimadores de incenso do Oriente, ao lado de móveis, tecidos de lã e de linho, e um elegante trenó para o chefe ser rebocado durante uma tempestade de neve, jaziam ao lado.

— Meu palpite é que este é Bjarn Sigvatson - disse Pitt.

Kelly olhou com tristeza para os dois montes menores.

— Estes devem ser seus filhos.

— Ele foi um guerreiro e tanto, para acumular tanta riqueza - Giordino comentou, olhando extasiado para os tesouros.

— Lendo os cadernos de anotações de papai - disse Kelly - tive a impressão de que importantes líderes eram mandados para Valhalla depois de uma morte gloriosa, junto de todos os seus bens, o que incluía os cavalos, outros animais e servos. Acho que também as machadinhas, espada e escudo, pois não vejo nada disso.

— O funeral deve ter sido feito às pressas - concordou Giordino.

Pitt apontou para a rampa.

— Vamos dar uma olhada nos outros barcos.

Para horror de Kelly, os outros barcos estavam cheios de ossos misturados a utensílios quebrados. Poucos esqueletos estavam intactos. Muitos pareciam ter sido despedaçados.

Pitt ajoelhou-se e examinou um crânio com um talho irregular no alto.

— Deve ter ocorrido um terrível massacre.

— Será que não lutaram entre eles mesmos?

— Acho que não - comentou Giordino, removendo, de uma pilha de ossos, uma flecha que tinha se enfiado entre as costelas. - Isto quer dizer índios.

— As sagas sugerem que Sigvatson e seu povo partiram da Groenlândia e nunca mais foram vistos - disse Pitt, tentando dar um rosto ao crânio. - Também dá credibilidade à lenda contatada pelo dr. Wednesday, segundo a qual índios massacraram todos os -vikings da colônia.

— Isto prova que não era uma lenda - Giordino disse devagar.

Kelly olhou para Pitt.

— Então a colônia -viking...

— Estava localizada no terreno da fazenda de seu pai - Pitt terminou o pensamento. - Ele encontrou objetos e isso o influenciou na decisão de lançar um projeto de pesquisa.

Kelly moveu as mãos demonstrando tristeza.

— Mas por que ele manteve tudo sob segredo? Por que não chamou arqueólogos para conduzir as escavações? Por que não mostrar ao mundo que os -vikings



chegaram até onde hoje é Nova York e estabeleceram uma colônia?

— Seu pai era um homem brilhante - disse Giordino. - Ele deve ter tido uma razão muito boa para manter segredo. Ele certamente não queria uma multidão de arqueólogos e jornalistas invadindo sua privacidade durante suas experiências. Trinta minutos depois, enquanto Kelly e Giordino examinavam os restos dos navios -vikings - o que não era uma tarefa fácil sob a pouca luz na caverna - Pitt começou a andar pela borda da saliência. Na penumbra ele notou uma escada construída na rocha, que levava a um túnel mais acima. Subiu os quatro primeiros degraus com a mão se apoiando na parede. De repente, seus dedos encontraram algo que parecia uma chave elétrica. Tocou-a suavemente e percebeu que o botão girava no sentido horário. Com curiosidade, moveu o botão até que ele fez um clique.

Inesperadamente a caverna inteira foi iluminada por lâmpadas fluorescentes fixadas nas paredes de rocha.

— Genial - disse Kelly surpresa. - Agora podemos ver o que estamos fazendo.

Pitt foi até onde ela e Giordino examinavam um dos barcos.

— Sei de uma outra razão para seu pai manter este lugar em segredo - ele disse devagar e misterioso.

Kelly não ficou muito interessada, mas Giordino fixou o olhar em Pitt. Ele o conhecia há muito tempo para saber quando Pitt estava prestes a fazer uma revelação. Ele percebeu onde os olhos de Pitt estavam olhando, e virou-se e fez o mesmo.

Um barco de aço, cilíndrico e comprido, estava preso a uma doca no fundo da caverna. O casco estava coberto por uma fina camada de ferrugem. A única protuberância que se via era uma pequena torre com uma escotilha colocada alguns metros depois da proa. O barco não podia ser visto na caverna escura, até que Pitt ligou as luzes.

— Deus do céu, o que é isto? - Kelly perguntou, atônita.

— Isto - disse Pitt, com um traço de triunfo na voz - é o Nautilus.

A perplexidade de todos, de pé na doca que tinha sido construída pelo dr. Elmore Egan, e olhando para o lendário submarino, era igual à que tinham sentido quando descobrirem os navios -vikings. Encontrar uma maravilha da engenharia do século XIX, que todo o mundo pensava ser uma ficção, era como ver um sonho tornar-se realidade.

Ao pé da doca, erguendo-se ao longo da beira da saliência, havia uma quantidade de pedras empilhadas com a forma de um sarcófago. Uma placa de madeira, com letras esculpidas, revelava que era a morada final do criador do submarino:

*Aqui jazem os restos mortais do capitão Cameron Amherst.*

*Tornado famoso pelos escritos de Júlio Verne como o imortal capitão Nemo.*

*Que aqueles que um dia descubram seu túmulo o honrem com o respeito que ele merece.*

— Minha admiração por seu pai continua a crescer - Pitt disse a Kelly. - Ele foi um homem invejável.

— Saber que papai construiu este monumento com suas próprias mãos é um motivo de orgulho.

Giordino, que tinha ficado um pouco de lado explorando uma caverna lateral, aproximou-se da doca.

— Encontrei outra resposta para o mistério que estava me incomodando.

Pitt olhou para ele.

— Qual mistério?

— Se o dr. Egan tinha um laboratório secreto, de onde vinha a energia elétrica?

Descobri numa caverna lateral. São três geradores portáteis, conectados a uma grande quantidade de baterias, gerando energia suficiente para uma pequena cidade. - Giordino apontou para uma série de cabos elétricos ao longo da saliência e através da escotilha do submarino. - Aposto dez contra um que ele usava o submarino como laboratório.

— Agora que estou vendo o Nautilus de perto, ele é muito maior do que imaginava - disse Kelly.

— Não se parece nada com a versão de Disney - Giordino comentou. - O casco externo é simples e funcional.

Pitt concordou com a cabeça. O topo do casco se erguia apenas uns 90 centímetros da água, dando uma idéia da massa sob a água.

— Calculo o comprimento nuns 80 metros, e uma boca de 8 metros, maior do que a descrição de Júlio Verne. O tamanho é muito próximo do primeiro submarino da Marinha com avanços hidrodinâmicos lançado em 1953.

— O Albacore - adiantou-se Giordino. - Eu o vi descendo o rio York há uns dez anos. Você está certo. Há uma semelhança.

Giordino foi até um painel elétrico, montado acima da doca e ao lado do passadiço que ia até o convés submarino, perto da escotilha da torre. Ele acionou umas chaves. O interior do barco foi imediatamente banhado em luz, que se via através de uma série de vigias, na parte de cima, e outras vigias maiores, sob a água.

Pitt virou-se para Kelly e apontou para a escotilha aberta.

— Primeiro as mulheres.

Kelly colocou as mãos contra o peito, como se quisesse diminuir os batimentos do coração. Ela queria muito ver onde seu pai tinha trabalhado todos estes anos, ver o interior do famoso submarino, mas tinha dificuldade de dar o primeiro passo. Parecia a ela que estava entrando num castelo de fantasmas. Finalmente, com grande força de vontade, ela entrou pela escotilha e desceu a escada.

O compartimento de entrada era pequeno. Kelly esperou até que Pitt e Giordino se juntassem a ela. A frente havia uma porta que parecia ficar melhor numa casa do que num submarino. Pitt acionou a tranca, abriu a porta e entrou no santuário.

Em silêncio, os três penetraram numa sala de jantar decorada com esmero, de uns 5 metros de comprimento e com uma mesa de carvalho com capacidade para dez pessoas, com pernas imitando golfinhos. Na extremidade havia uma outra porta que dava para uma biblioteca, cujas prateleiras deveriam conter uns 5 mil volumes, segundo calculou Pitt. Ele examinou os títulos nas lombadas. Um lado continha livros sobre engenharia e ciência. O outro, edições originais dos clássicos. Pitt pegou um volume escrito por Júlio Verne e o abriu. A primeira página continha uma dedicatória de Júlio Verne "à mente mais brilhante do mundo". Pitt o colocou de volta, cuidadosamente, e continuou a exploração.

O compartimento seguinte era bem amplo, com mais de 10 metros de comprimento. Esta área, Pitt tinha certeza, era o grande salão que Júlio Verne tinha descrito como cheio de tesouros artísticos e objetos antigos que Cameron tinha recolhido do fundo do mar. Mas o salão não era agora um museu e uma galeria de arte. Elmore Egan o tinha transformado num local de trabalho e num laboratório de química. A sala, com 4 metros de largura, estava cheia de bancadas contendo uma profusão de equipamentos de um laboratório químico e uma área espaçosa de trabalho com uma bancada compacta que incluía torno mecânico, uma furadeira e três estações de trabalho com computadores, impressoras e vídeos. Apenas o órgão continuava lá, pois era muito pesado. O

instrumento no qual Amherst tinha tocado obras dos grandes compositores era uma obra-prima de construção, em madeira trabalhada e tubos de cobre.

Kelly foi até a bancada lotada de equipamentos químicos, e com emoção tocou as provetas e os tubos de ensaio, dispostos em desordem, e os juntou e organizou carinhosamente nas prateleiras e nas gavetas. Deixou-se ficar no laboratório, sentindo a presença de seu pai, enquanto Pitt e Giordino continuaram, passando por um longo corredor e uma câmara estanque, antes de entrar no próximo compartimento. Esta seção do Nautilus tinha outrora servido como a cabine particular do capitão Amherst. Egan a tinha convertido na sua sala de reflexão e criação. Planos, plantas e desenhos, e dezenas de livros de anotações, estavam empilhados em cada centímetro quadrado ao lado de uma ampla prancheta onde Egan tinha desenvolvido seus projetos.

— Então foi aqui que um grande homem viveu, e outro grande homem criou - comentou Giordino filosoficamente.

— Vamos andando - disse Pitt. - Quero ver onde ele construiu a câmara de teletransporte.

Passaram por outra câmara estanque e chegaram a um compartimento que outrora tinha abrigado os tanques de ar do submarino, que tinham sido removidos por Egan para ampliar o espaço para os instrumentos e equipamentos de teletransporte. Havia dois painéis com diais e chaves, um computador e uma câmara que continha a máquina de envio.

Pitt sorriu quando viu um tambor de 200 litros, com a inscrição SUPER SLICK dentro da câmara. Ele estava conectado a um dispositivo de tempo e a uma série de tubos, os quais por sua vez estavam conectados a um receptáculo redondo no chão.

— Agora sabemos de onde vem o óleo que enche a pasta de Egan de tempos em tempos.

— Gostaria de saber como isto funciona - disse Giordino, examinando a máquina de envio.

— Vai ser preciso alguém mais inteligente do que eu para entender.

— É fantástico, mas funciona.

— Por mais cru e elementar que possa parecer, você está olhando para uma descoberta científica que vai alterar definitivamente o transporte no futuro.

Pitt adiantou-se até o painel de instrumentos onde o dispositivo de tempo estava montado. Percebeu que a seqüência estava disposta para intervalos de 14 horas. Então ele alterou para dez horas.

— O que você está fazendo? - perguntou Giordino, curioso.

Os cantos dos lábios de Pitt ergueram-se num sorriso malicioso.

— Estou enviando uma mensagem para Hiram Yaeger e Max.

Depois de avançarem o mais que puderam pela proa, Pitt e Giordino voltaram até o salão principal. Kelly estava sentada numa cadeira, olhando para tudo como se estivesse no meio de uma experiência fora do corpo.

Pitt apertou seu ombro, com ternura.

— Estamos indo até a casa de máquinas. Você quer ir com a gente?

Kelly esfregou seu rosto contra a mão de Pitt.

— Você encontrou alguma coisa interessante?

— O compartimento de teletransporte de seu pai.

— Então ele realmente criou e construiu uma máquina que pode enviar objetos através do espaço.

— É isso aí.

Agora eufórica, Kelly levantou-se da cadeira e silenciosamente seguiu os dois

homens.

Uma vez do outro lado do salão de jantar e do compartimento de entrada, eles passaram por uma cozinha que fez Kelly ficar envergonhada. Latas com mantimentos estavam amontoadas ao lado das mesas, pratos sujos e utensílios estavam verdes de sujeira antiga dentro de uma pia, e grandes cestas, com sacos plásticos cheios de lixo e de restos de comida, estavam empilhadas num canto da cozinha.

— Seu pai tinha muitas qualidades, mas a ordem não era uma delas - comentou Pitt.

— Ele tinha outras prioridades - Kelly respondeu com meiguice. - Foi uma pena que ele não tivesse confiado em mim. Eu poderia ter ajudado como secretária ou como governanta.

Depois foram para o setor dos alojamentos da tripulação. O que viram lá era difícil de imaginar.

Lá foi onde Elmore armazenou os tesouros que outrora tinham decorado o salão principal e a biblioteca. O número de telas era suficiente para encher duas salas do Metropolitan Museum of Art, em Nova York. Quadros de Leonardo Da Vinci, Ticiano, Rafael, Rembrandt, Yermeeer, Rubens e 30 outros grandes pintores estavam lá. Esculturas antigas, em bronze ou em mármore, estavam em banheiros ou em cabines individuais. E havia os tesouros que Amherst tinha recuperado de antigos naufrágios: pilhas de barras de ouro e prata, caixas cheias de moedas e pedras preciosas. O valor da coleção estava além da sua compreensão, ou da sua mais ousada avaliação.

— Sinto-me como Ali Babá depois que ele descobriu a caverna cheia dos tesouros dos 40 ladrões - Pitt disse em voz baixa.

Kelly estava igualmente perplexa.

— Nunca imaginei que algo como isto existisse.

Giordino pegou um punhado de moedas de ouro e as deixou escorregar por entre os dedos.

— Se havia alguma curiosidade sobre como o dr. Elmore financiava suas experiências, aqui está a resposta.

Os três gastaram quase uma hora vasculhando o tesouro escondido antes de continuarem. Depois de passarem por outra estrutura à prova de inundação eles se viram na casa de máquinas do NAUTILUS-. Era a instalação mais espaçosa do navio, medindo uns 20 metros de comprimento por uns sete de largura.

A profusão de canos, tanques e mecanismos com aparência estranha, que Pitt e Giordino reconheceram como os geradores elétricos, deveria ter sido o pesadelo dos maquinistas. Um enorme sistema de geração, com engrenagens de aço, dominava toda a parte traseira da sala. Enquanto Kelly perambulava, menos fascinada do que os homens pelo maquinário, ela aproximou-se de uma mesa alta, como um pódio, sem cadeiras, com um livro encadernado em couro. Ela o abriu e examinou a caligrafia em estilo antigo, feita em tinta marrom. Era o livro de registro do engenheiro-chefe. O último registro era datado de 10 de junho de 1901 e dizia...

***Desliguei os motores pela última vez. Mantereí os geradores funcionando até o meu fim. O NAUTILUS, que me serviu tão fielmente durante 40 anos, vai servir como meu túmulo. Este é o meu último registro.***

Estava assinado Cameron Amherst.

Enquanto isso, Pitt e Giordino estavam examinando o enorme mecanismo, todo ele construído de acordo com o conhecimento do século XIX, com tubos, arruelas, conexões e válvulas desconhecidas para os dois, a maioria construída

em bronze.

Pitt agachou-se e inspecionou por baixo e em volta do grande motor, examinando-o de todos os ângulos. Finalmente pôs-se de pé e esfregou os fios da barba do queixo.

— Examinei centenas de motores marítimos em centenas de navios diferentes, mas nunca vi nada parecido com isto aqui.

Giordino, que estava examinando as placas com os nomes dos fabricantes fixadas em várias partes do mecanismo, disse:

— Os geradores não foram construídos por um único fabricante. Amherst deve ter feito encomendas a uns 30 fabricantes, na Europa e na América, antes de receber tudo e montar, com sua equipe.

— Foi assim que ele conseguiu construir o NAUTILUS em segredo.

— O que você acha do DESIGN-?

— Meu palpite é que é uma combinação de um enorme gerador elétrico com uma forma rudimentar de magneto-eletrodinâmica.

— Quer dizer que Amherst criou o conceito 140 anos antes de ele ser redescoberto.

— Ele não dominava a tecnologia capaz de fazer a água do mar passar através de um núcleo magnético mantido em zero absoluto por meio do hélio líquido que só seria produzido comercialmente uns 60 anos depois e então utilizou um tipo de conversor de sódio. Não era tão eficiente, mas bom o suficiente para os seus objetivos. Amherst tinha de compensar esta deficiência concentrando-se numa grande corrente elétrica para produzir força capaz de fazer as hélices do motor girarem a uma velocidade mínima.

— Quer dizer que Egan usou o mecanismo de Amherst como base para a sua própria criação.

— Sem dúvida serviu de inspiração para ele.

— É um mecanismo absolutamente genial - comentou Giordino, olhando com devoção para a simplicidade e criatividade do mecanismo. - Especialmente quando se sabe que ele levou o Nautilus para todo canto do mundo submarino durante 40 anos.

Kelly se aproximou, trazendo o livro de registro. Ela parecia estar olhando para um fantasma.

— Se já tivermos terminado aqui gostaria de encontrar a passagem que papai deve ter descoberto para ir e vir da casa aí logo em cima.

Pitt balançou a cabeça e olhou para Giordino.

— Devemos contatar o almirante e relatar o que encontramos.

— Tenho certeza de que ele vai gostar de saber - Giordino concordou.

Cinco minutos, não mais que isso, foi o que levou para eles subirem pela passagem que levava até a parede de penhascos. Pitt sentiu uma estranha sensação ao lembrar que os -vikings fizeram este mesmo trajeto séculos antes. Ele quase podia sentir sua presença e ouvir suas vozes.

Josh Thomas estava sentado no estúdio de Egan, lendo uma publicação sobre química, quando um movimento o fez ficar paralisado. O tapete no centro da sala de repente ergueu-se do solo, como que movido por um fantasma, e foi atirado para um lado. Um alçapão abriu-se e a cabeça de Pitt apareceu, como se estivesse saindo de uma caixinha de surpresa.

— Desculpe a intromissão - disse Pitt com um sorriso matreiro. - É que estava mesmo passando.

*FANTASMA DO PASSADO*

PARTE SEIS

16 DE AGOSTO DE 2003

WASHINGTON, D.C.

Pitt levantou-se da cama, vestiu um robe e serviu-se uma xícara do café preparado por Sally Morse. Ele queria continuar na cama por toda a manhã, mas Sally e Kelly estavam de saída. Depois de testemunhar perante a comissão de inquérito presidida por Loren e de ter prestado depoimento junto ao Ministério da Justiça, Sally recebeu calorosos agradecimentos de Loren e foi liberada para voltar para casa e reassumir suas funções de presidente da Yukon Oil, até que sua presença fosse novamente solicitada para declarações adicionais.

Quando Pitt entrou na cozinha, com olhos de sono, Sally cantarolava feliz enquanto retirava a louça que tinha sido lavada no lava-louças.

— Nunca pensei que me ouviria dizendo isto, mas vou sentir falta de você e de Kelly como minhas subordinadas.

Sally riu.

— Isto é porque você vai ter que voltar a preparar suas refeições, lavar os pratos e panelas, arrumar a cama e lavar a roupa.

— Mas não posso negar que gostei de conhecer vocês.

Ela parecia muito alinhada num suéter marrom-acinzentado cheio de voltas no pescoço e um short jeans mínimo na cor marrom. Seu cabelo louro-acinzentado pendia solto e esvoaçante.

— Você deveria encontrar uma boa mulher para tomar conta de você.

— Loren é a única que pode me querer, mas é muito ocupada com a política - Pitt assentou-se à mesa do café, que ele tinha recuperado do naufrágio de um antigo vapor ocorrido nos Grandes Lagos, e bebeu o café. - E você? Ocupada demais dirigindo uma companhia de petróleo para encontrar o homem certo?

— Não - ela disse vagarosamente. - Sou viúva. Meu marido e eu construímos

juntos a Yukon Oil. Quando ele morreu num desastre de avião eu assumi. A partir daí a maioria dos homens parece intimidada quando se aproxima de mim.

— Este é o preço que as mulheres que dirigem empresas têm que pagar. Mas não se preocupe. Você vai achar o homem certo antes de o ano terminar.

— Não sabia que você podia ler o futuro - ela disse rindo.

— O grande Dirk Pitt tudo vê, tudo sabe, e vejo um homem alto, moreno, bonito, e tão rico quanto você, levando-a para o Taiti.

— Mal posso esperar.

Kelly surgiu de repente na cozinha, usando um casaco amarelo-claro, de lã, de mangas curtas, e um short azul de algodão.

— Não sei se deveria deixar este museu aos cuidados de homens desleixados - ela disse, zombeteira.

— Você receberá um recibo pelo correio - Pitt retrucou, de cara feia. - O que me lembra que é melhor eu ir contar as toalhas, antes que vocês duas sumam.

— Agradeço a Sally - disse Kelly, fechando o zíper de sua sacola. - Ela foi muito gentil em me oferecer uma carona em seu jato até o aeroporto mais perto da fazenda de papai.

— Você está pronta? - perguntou Sally.

— Quais são seus planos? - quis saber Pitt, levantando-se.

— Estou montando uma fundação filantrópica com o nome de papai. Depois tenho a intenção de doar os quadros e outros tesouros para alguns museus selecionados.

— Ótimo - cumprimentou Sally.

— E o monte de ouro e prata?

— Uma parte vai para a construção e o financiamento do Laboratório de Ciência Elmore Egan, que vai ser dirigido por Josh Thomas, que tenciona recrutar as inteligências jovens mais promissoras do país para se juntarem a ele. Do resto, a maior parte vai para instituições de caridade. Naturalmente, há uma parte esperando por você e Al.

Pitt balançou a cabeça e as mãos.

— Por favor, para mim não. Já tenho o suficiente. Al talvez aceite uma Ferrari nova, mas eu prefiro que você use o que reservar para mim em outras causas.

— Estou começando a entender o que Loren disse de você - disse Kelly, demonstrando admiração.

— E o que foi?

— Que você é um homem honesto.

— Há momentos, como este, em que me odeio.

Pitt carregou a bagagem das duas até a limusine que estava esperando para levá-las até o jato de Sally, num aeroporto executivo próximo.

Sally adiantou-se até Pitt, abraçou-o e o beijou no rosto.

— Adeus, Dirk Pitt. Foi um privilégio tê-lo conhecido.

— Adeus, Sally. Espero que você encontre aquele homem esperando você.

Kelly beijou-o nos lábios.

— Quando vou vê-lo novamente?

— Vai demorar um pouco. O almirante Sandecker quer me ver ocupado e longe de confusões por uns tempos.

Pitt ficou lá, por uns momentos, acenando, até que a limusine virou rumo ao portão do aeroporto. Então ele fechou a porta do hangar, vagarosamente, subiu até seu apartamento e enfiou-se na cama.

Quando Loren apareceu para passar o fim de semana com Pitt, ela o encontrou inclinado sobre o motor do Packard verde modelo 1938. Parecia cansada depois



de um longo dia de investigações e discussões sobre o caso Zale, que tinha feito com que todos os outros trabalhos do Congresso ficassem suspensos. Vestida num traje preto formal que realçava suas formas, Loren, mesmo cansada, parecia muito atraente.

— Olá, tigrão. O que você está fazendo?

— Este velho carburador foi construído para usar gasolina com chumbo. As novas gasolinas sem chumbo têm um monte de solventes químicos que atacam o carburador. Toda vez que saio com os carros antigos tenho que fazer uma revisão, senão todo o sistema fica colado.

— O que você quer para o jantar?

— Tem certeza de que não quer jantar fora?

— A mídia está toda em cima do caso. Eu ainda sou o foco de todas as atenções. A mulher que penteia meu cabelo me trouxe até aqui na picape do marido. Eu vim sentada no chão.

— É nisso que dá ser tão popular.

Loren fez uma cara de desânimo.

— Que tal uma massa com espinafre e presunto?

— Está feito.

Ela o chamou uma hora mais tarde, avisando que o jantar estava pronto. Depois do banho, Pitt entrou na cozinha e encontrou Loren usando nada além de um casaco que ela lhe tinha dado no Natal, que ele nunca tinha usado, sob a alegação de que casaco lhe dava um ar de falso gigolô. Pitt levantou a tampa da panela onde a massa borbulhava.

— Está cheirando muito bem, para uma simples massa.

— É o que pretendi. Despejei meia garrafa de Chardonnay.

— Então não vamos precisar de drinques antes do jantar.

Os dois saborearam o jantar, fazendo brincadeiras mútuas. Era uma rotina comum entre duas pessoas inteligentes e espirituosas. Pitt e Loren contradiziam o velho ditado segundo o qual os opostos se atraem. Eram tão semelhantes e dessemelhantes entre si como duas pessoas podem ser.

— As sessões já estão no fim?

— Terça-feira vai ser o último dia. Daí em diante o Ministério da Justiça assume as investigações. Meu trabalho termina aí.

— Você teve sorte de Sally aparecer.

Loren concordou com a cabeça, enquanto segurava uma taça de Chardonnay.

— Se não fosse ela, Zale ainda estaria dando as cartas, provocando destruição e matando pessoas. Seu suicídio resolveu um montão de problemas.

— O que a justiça vai fazer com seus comparsas de crimes?

— Os membros da Cerberus vão ser indiciados. Cada pessoa do Ministério da Justiça está trabalhando dia e noite para levantar e acusar os milhares de burocratas e os políticos eleitos que foram subornados. As consequências deste escândalo ainda vão ser sentidas durante muito tempo.

— Esperemos que sirva de exemplo e desencoraje outras pessoas.

— Uma grande força-tarefa está em vários países, levantando os investimentos e as contas bancárias dos envolvidos, com as informações fornecidas por Hiram Yaeger.

Pitt fitou o vinho e girou a taça.

— E nós?

Ela tocou de leve sua mão com os dedos.

— Vamos continuar como antes.

— Você no Congresso e eu debaixo do mar - ele disse devagar.

Ela o olhou com carinho.

— Acho que está escrito que deve ser assim.

— É demais para minha pretensão de me tornar avô.

Loren afastou a mão.

— Não tem sido fácil competir com um fantasma.

— Summer? - Ele disse o nome como se estivesse vendo alguém ao longe.

— Você nunca foi capaz de esquecer.

— Pensei que tivesse esquecido, uma vez.

— Maeve.

— Quando Summer perdeu-se no mar e Maeve morreu em meus braços, ficou um vazio dentro de mim - Pitt parecia querer afastar as lembranças da mesma forma que um cachorro se balança para livrar-se da água. - Sou sentimental demais para o meu gosto - Pitt deu volta à mesa e beijou-a levemente na boca. - Tenho uma mulher maravilhosa e não sei tratá-la como deveria.

Naquele preciso momento a campainha da porta soou. Pitt franziu a testa e olhou o monitor de vídeo da câmera de segurança instalada secretamente lá fora. A imagem de um rapaz e de uma garota jovens encheu a tela. Estavam de pé, diante da porta, ao lado de uma pilha de malas.

— Parece que vieram para ficar - Loren disse, demonstrando insatisfação.

— Gostaria de saber quem são eles.

Loren segurou a mão de Pitt quando ele já ia acionar o interfone.

— Deixei minha bolsa sobre o pára-choque do Packard. Vou descer, pegá-la e despachá-los.

— O que eles vão pensar vendo você vestida deste jeito, hein?

— Só vou abrir a porta o mínimo.

Pitt relaxou e terminou de comer a massa. Estava tomando o último gole de vinho quando a voz de Loren ouviu-se no interfone.

— Dirk acho que você deve dar uma descida.

Havia alguma coisa no tom de voz dela que pareceu estranho, como se ela estivesse hesitando em falar. Pitt desceu a escada espiral, atravessou a área com os carros de coleção e foi até a porta de entrada do hangar. Loren estava de pé, parcialmente escondida atrás da porta entreaberta, conversando com o jovem casal.

Os dois pareciam ter pouco mais de 20 anos. Havia, no jovem, uma presença marcante. O cabelo era preto e ondulado, e ele era alguns centímetros mais alto que Pitt. A conformação do corpo e o peso eram quase idênticos. Os olhos eram do mesmo verde intenso, e hipnóticos. Pitt fitou Loren, que olhava magnetizada para o casal. Pitt olhou mais intensamente o rosto do jovem e empertigou-se. Era como se estivesse olhando para um espelho mágico vendo uma imagem de si mesmo 25 anos mais jovem.

Pitt olhava de um para o outro, e uma estranha sensação de arrepio moveu-se por seu corpo, o coração batendo mais rápido. A jovem era muito bonita, alta e com cabelos ruivos longos. Ela olhou Pitt de volta, com olhos cinzentos. Lembranças começaram a surgir, aos borbotões, e ele teve que agarrar o batente da porta para evitar que seus joelhos cedessem.

— Sr. Pitt - disse o jovem, com uma voz baixa, como uma declaração, e não uma pergunta.

— Eu sou Pitt.

Loren estremeceu um pouco quando o jovem sorriu, o mesmo sorriso que ela tantas vezes tinha visto nos lábios de Pitt.

— Minha irmã e eu esperamos muito tempo para encontrá-lo. Vinte e três anos,

para ser exato.

— Agora que você me encontrou, de que maneira posso ajudá-lo? - Pitt perguntou, de uma forma que demonstrava temor pela resposta.

— Mamãe tinha razão. Nós nos parecemos muito.

— Sua mãe?

— O nome dela era Summer Moran. Nosso avô era Frederick Moran.

Pitt sentiu-se como se um torno estivesse apertando seu coração. Mal conseguiu falar.

— Sua mãe e o pai dela morreram num terremoto submarino na costa do Havaí, há muitos anos.

A moça balançou a cabeça.

— Mamãe sobreviveu, mas ficou terrivelmente ferida. Suas pernas e a coluna foram quebradas, e o rosto ficou desfigurado. Ela nunca mais andou de novo, e ficou presa a uma cama pelo resto da vida.

— Não posso, não consigo acreditar. - As palavras saíram como se escondidas por um véu. - Eu a perdi no mar quando ela nadou de volta tentando salvar o pai.

— acredite, senhor - disse a moça -, é a verdade. Depois que ela ficou muito ferida num deslizamento de rocha submarina, foi salva pelos empregados de meu avô, que a trouxeram de volta à superfície onde, logo depois, foram resgatados por um barco de pesca e levados a terra. Ela foi imediatamente transportada para um hospital em Honolulu, onde ficou entre a vida e a morte por quase um mês. Inconsciente na maior parte do tempo, não podia explicar aos médicos e às enfermeiras quem era ela. Finalmente, um ano depois, quando tinha se recuperado o suficiente para receber alta, voltou para a casa da família na ilha de Kauai, onde residiu até sua morte. Por sorte, vovô deixou para ela uma grande herança, e ela pôde receber tratamento e carinho de enfermeiras e ajudantes.

— Você e seu irmão nasceram antes dos ferimentos? - perguntou Loren, apertando o casaco contra o corpo.

A moça balançou a cabeça.

— Ela deu à luz a mim e a meu irmão, no hospital, uma semana antes de completar nove meses que estava lá.

— Vocês são gêmeos? - Loren interrompeu, intrigada pela grande diferença entre eles.

A moça sorriu.

— Somos gêmeos, mas não univitelinos. Não é incomum gêmeos não-identicos serem muito diferentes. Meu irmão puxou ao pai. Eu puxei à minha mãe.

— Ela nunca tentou me contatar? - perguntou Pitt, com tristeza na voz.

— Mamãe tinha certeza de que, se você tivesse sabido, teria corrido imediatamente para o lado dela. Mas ela não queria que você a visse semi-aleijada e com o rosto desfigurado. Ela queria que você se lembrasse dela como ela era.

Um sentimento de culpa e uma grande confusão tomaram conta de Pitt.

— Meu Deus, se eu tivesse sabido... - As lembranças do Havaí voltaram aos borbotões. Summer tinha sido uma mulher encantadora e cativante, e ela certamente freqüentaria seus sonhos.

— A culpa não é sua - disse Loren, apertando seu braço. - Ela achava que tinha uma razão muito boa para não informá-lo.

— Se ela está viva, onde ela está? Eu quero saber.

— Mamãe morreu no mês passado - respondeu a moça. - Ela estava com a saúde muito abalada perto do fim. Foi enterrada numa colina, de frente para o

oceano. Ela se permitiu viver até que meu irmão e eu nos formássemos. Só depois disso é que ela nos contou sobre você. Seu último desejo foi que nos encontrássemos.

— E por quê? - Pitt perguntou, embora tivesse certeza da resposta.

— Recebi o mesmo nome de minha mãe. Meu nome também é Summer.

O jovem sorriu.

— Ela me deu o nome de meu pai. Meu nome é Dirk Pitt.

Saber que Summer, semi-aleijada, tinha lhe dado um filho e uma filha, e depois os criado sem seu conhecimento durante todos estes anos, partiu seu coração. Pitt estava arrasado e ao mesmo tempo em júbilo.

Com esforço, Pitt recompôs-se e deu um passo à frente. Colocou seus braços sobre os ombros do jovem e da moça e os abraçou.

— Por favor, me perdoem. Descobrir de repente que tenho dois filhos crescidos tão bonitos me deixa atordoado.

— Você não imagina o quanto estamos felizes de finalmente o termos encontrado, meu pai - disse Summer, já quase soluçando.

As lágrimas jorraram de todos os olhos. Os dois jovens choravam abertamente. Loren escondeu o rosto entre as mãos. As lágrimas escorriam dos olhos de Pitt.

Depois ele os pegou pelas mãos e os puxou para dentro do hangar. Então se voltou e deu um riso amplo.

— Prefiro que vocês me chamem de papai. Não gostamos de formalidades dentro de casa, especialmente agora que já nos conhecemos.

— Você não se importa de nós ficarmos aqui? - perguntou Summer inocentemente.

Pitt só olhou de volta, ajudando-os com a bagagem, e os guiou dentro do hangar. Ele apontou para o grande carro Pullman, com as letras Manhattan Limited pintadas em dourado na lateral. - Vocês podem escolher entre quatro suntuosas cabines. Depois de se instalarem subam. Temos muita coisa que conversar.

— Em quais escolas vocês estudaram? - perguntou Loren.

— Summer graduou-se no Instituto Scripps de Oceanografia. Eu me graduei em engenharia marítima no New York Maritime College.

— Suspeito que a mãe de vocês teve alguma coisa a ver com essas escolhas - disse Pitt.

— Claro - respondeu Summer. - Ela nos inspirou.

— Uma mulher sábia, sua mãe. - Pitt sabia muito bem que Summer tinha preparado os filhos para um dia trabalharem com o pai.

Os jovens pararam e olharam, com admiração, para a coleção de carros e aviões no hangar.

— São todos seus? - perguntou Summer.

— Por enquanto. - Pitt deu uma gargalhada. - Mas acho que posso dizer que um dia pertencerão a vocês dois.

Dirk fitou longamente um grande carro, de pintura laranja e marrom.

— É um Duesenberg?

— Você conhece carros antigos?

— Adoro carros antigos desde que era criança. Meu primeiro carro foi um Ford conversível 1940.

— Vocês são tudo farinha do mesmo saco - comentou Loren, limpando as lágrimas.

Agora Pitt estava realmente emocionado com o filho, que acabara de conhecer.

— Já dirigiu um Duesenberg?

— Não, nunca.

Pitt colocou o braço em volta do filho e disse, com orgulho:  
— Você vai, garoto, você vai.



CLIVE  
CUSSLER